CPAD

6 Mateus a Lucas

Comentário Bíblico Beacon

Ralph Earle
A. Elwood Sanner
Charles L. Childers

Comentário Bíblico
BEACON

REIS BOOK DIGITAL

Comentário Bíblico Beacon

Mateus a Lucas

6

BEACON HILL PRESS

EDIÇÃO BRASILEIRA

Prefácio

"Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17).

Cremos na inspiração plenária da Bíblia. Deus fala com os homens pela Palavra. Ele fala conosco pelo Filho. Mas sem a palavra escrita como saberíamos que o Verbo (ou Palavra) se fez carne? Ele fala conosco pelo Espírito, mas o Espírito usa a Palavra escrita como veículo de revelação, pois Ele é o verdadeiro Autor das Santas Escrituras. O que o Espírito revela está de acordo com a Palavra.

A fé cristã deriva da Bíblia. Esta é o fundamento da fé, da salvação e da santificação. É o guia do caráter e conduta cristãos. "Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho" (Sl 119.105).

A revelação de Deus e sua vontade para os homens são adequadas e completas na Bíblia. A grande tarefa da igreja é comunicar o conhecimento da Palavra, iluminar os olhos do entendimento e despertar e aclarar a consciência para que os homens aprendam a viver "neste presente século sóbria, justa e piamente". Este processo conduz à posse da "herança [que é] incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus" (Tt 2.12; 1 Pe 1.4).

Quando consideramos a tradução e a interpretação da Bíblia, admitimos que somos guiados por homens que não são inspirados. A limitação humana, como também o fato inconteste de que nenhuma escritura é de particular interpretação, ou seja, não tem uma única interpretação, permite variação na exegese e exposição da Bíblia.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) é oferecido em dez volumes com a apropriada modéstia. Não suplanta outros. Nem pretende ser exaustivo ou conclusivo. O empreendimento é colossal. Quarenta dos escritores mais capazes foram incumbidos dessa tarefa. São pessoas treinadas com propósito sério, dedicação sincera e devoção suprema. Os patrocinadores e editores, bem como todos os colaboradores, oram com fervor para que esta nova contribuição entre os comentários da Bíblia seja útil a pregadores, professores e leigos na descoberta do significado mais profundo da Palavra de Deus e na revelação de sua mensagem a todos que a ouvirem.

- G. B. Williamson

Agradecimentos

Os autores e editores reconhecem com gratidão a permissão para consultar e citar material protegido por direitos autorais, cuja relação apresentamos a seguir:

- Abingdon Press: *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick, *et al.*, Volumes 1 e 2; e *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, editado por George A. Buttrick, *et al.*
- "Christianity Today": a poem, "As in Thy Sight".
- Concordia Publishing House: *Follow Me: Discipleship According to St. Matthew.*
- William B. Eerdmans Publishing Company: *The Gospel According to St. Matthew.* "Tyndale New Testament Commentaries".
- Harper and Row: *A Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* "Harper's New Testament Commentaries".
- Herder and Herder: *New Testament Introduction.*
- John Knox Press: *The Gospel According to St. Matthew.* "The Layman's Bible Commentary".
- Macmillan and Company: *The Names of Jesus.*
- University of Chicago Press: *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.*

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) cita as seguintes versões bíblicas protegidas por direitos autorais:

- *The Amplified New Testament.* Copyright 1958, The Lockman Foundation, La Habra, California.
- *The Berkeley Version in Modern English.* Copyright 1958, 1959, Zondervan Publishing House.
- *The Bible: A New Translation,* James Moffatt. Copyright 1950, 1952, 1953, 1954 de James A. R. Moffatt. Usado com a permissão de Harper & Row.
- *The Bible: An American Translation,* J. M. Powis Smith, Edgar J. Goodspeed. Copyright 1923, 1927, 1948 de The University of Chicago Press.
- *New American Standard Version.* Copyright 1960, 1962, 1963, The Lockman Foundation, La Habra, California.
- *The New English Bible.* © The Delegates of the Oxford University Press and the Syndics of the Cambridge University Press, 1961.
- *The New Testament in Modern English.* © J. B. Phillips, 1958. Used by permission of The Macmillan Company.
- *Revised Standard Version of the Holy Bible,* copyrighted 1946 and 1952 by the Division of Christian Education of the National Council of Churches.
- The Weymouth New Testament in Modern Speech. Copyright, Harper and Row Publishers.
- Charles B. Williams, The New Testament in the Language of the People. Copyrighted 1937 by Bruce Humphries, Inc., assigned 1949 to The Moody Bible Institute of Chicago.

Agradecemos também a todos que colaboraram com tempo e conselhos para essa obra, especialmente o Dr. Richard S. Taylor.

Citações e Referências

O tipo negrito na exposição de todo este comentário indica a citação bíblica extraída da versão feita por João Ferreira de Almeida, edição de 1995, Revista e Corrigida (RC). Referências a outras versões bíblicas são colocadas entre aspas seguidas pela indicação da versão.

Nas referências bíblicas, uma letra (a, b, c, etc.) designa parte de frase dentro do versículo. Quando nenhum livro é citado, compreende-se que se refere ao livro sob análise.

Dados bibliográficos sobre uma obra citada por um escritor podem ser encontrados consultando-se a primeira referência que o autor fez à obra ou reportando-se à bibliografia.

As bibliografias não têm a pretensão de ser exaustivas, mas são incluídas para fornecer dados de publicação completos para os volumes citados no texto.

Referências a autores no texto, ou a inclusão de seus livros na bibliografia, não constituem endosso de suas opiniões. Toda leitura no campo da interpretação bíblica deve ser crítica e cuidadosa.

Como Usar o Comentário Bíblico Beacon

A Bíblia é um livro para ser lido, entendido, obedecido e compartilhado com as pessoas. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi planejado para auxiliar dois destes quatro itens: o entendimento e o compartilhamento.

Na maioria dos casos, a Bíblia é sua melhor intérprete. Quem a lê com a mente aberta e espírito receptivo se conscientiza de que, por suas páginas, Deus está falando com *o indivíduo* que a lê. Um comentário serve como valioso recurso quando o significado de uma passagem não está claro sequer para o leitor atento. Mesmo depois de a pessoa ter visto seu particular significado em determinada passagem da Bíblia, é recompensador descobrir que outros estudiosos chegaram a interpretações diferentes no mesmo texto. Por vezes, esta prática corrige possíveis concepções errôneas que o leitor tenha formado.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito para ser usado com a Bíblia em mãos. Muitos comentários importantes imprimem o texto bíblico ao longo das suas páginas. Os editores se posicionaram contra esta prática, acreditando que o usuário comum tem sua compreensão pessoal da Bíblia e, por conseguinte, traz em mente a passagem na qual está interessado. Outrossim, ele tem a Bíblia ao alcance para checar qualquer referência citada nos comentários. Imprimir o texto integral da Bíblia em uma obra deste porte teria ocupado aproximadamente um terço do espaço. Os editores resolveram dedicar este espaço a recursos adicionais para o leitor. Ao mesmo tempo, os escritores enriqueceram seus comentários com tantas citações das passagens em debate que o leitor mantém contato mental fácil e constante com as palavras da Bíblia. Estas palavras citadas estão impressas em tipo negrito para pronta identificação.

Esclarecimento de Passagens Relacionadas

A Bíblia é sua melhor intérprete quando determinado capítulo ou trecho mais longo é lido para descobrir-se o seu significado. Este livro também é seu melhor intérprete quando o leitor souber o que a Bíblia diz em outros lugares sobre o assunto em consideração. Os escritores e editores do *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) se esforçaram continuamente para proporcionar o máximo de ajuda neste campo. Referências cruzadas, relacionadas e cuidadosamente selecionadas, foram incluídas para que o leitor encontre a Bíblia interpretada e ilustrada pela própria Bíblia.

Tratamento dos Parágrafos

A verdade da Bíblia é melhor compreendida quando seguimos o pensamento do escritor em sua seqüência e conexões. As divisões em versículos com que estamos familiarizados foram introduzidas tardiamente na Bíblia (no século XVI, para o Novo Testamento, e no século XVII, para o Antigo Testamento). As divisões foram feitas às pressas e, por vezes, não acompanham o padrão de pensamento dos escritores inspirados. O

mesmo é verdadeiro acerca das divisões em capítulos. A maioria das traduções de hoje organiza as palavras dos escritores bíblicos de acordo com a estrutura de parágrafo conhecida pelos usuários da língua portuguesa.

Os escritores deste comentário consideraram a tarefa de comentar de acordo com este arranjo de parágrafo. Sempre tentaram responder a pergunta: O que o escritor inspirado estava dizendo nesta passagem? Os números dos versículos foram mantidos para facilitar a identificação, mas os significados básicos foram esboçados e interpretados nas formas mais amplas e mais completas de pensamento.

Introdução dos Livros da Bíblia

A Bíblia é um livro aberto para quem a lê refletidamente. Mas é entendida com mais facilidade quando obtemos um maior entendimento de suas origens humanas. Quem escreveu este livro? Onde foi escrito? Quando viveu o escritor? Quais foram as circunstâncias que o levaram a escrever? Respostas a estas perguntas sempre acrescentam mais compreensão às palavras das Escrituras.

Estas respostas são encontradas nas introduções. Nesta parte há um esboço de cada livro. A Introdução foi escrita para dar-lhe uma visão geral do livro em estudo, fornecer-lhe um roteiro seguro antes de você enfronhar-se no texto comentado e proporcionar-lhe um ponto de referência quando você estiver indeciso quanto a que caminho tomar. Não ignore o sinal de advertência: "Ver Introdução". Ao final do comentário de cada livro há uma bibliografia para aprofundamento do estudo.

Mapas, Diagramas e Ilustrações

A Bíblia trata de pessoas que viveram em terras distantes e estranhas para a maioria dos leitores dos dias atuais. Entender melhor a Bíblia depende, muitas vezes, de conhecer melhor a geografia bíblica. Quando aparecer o sinal: "Ver Mapa", você deve consultar o mapa indicado para entender melhor os locais, as distâncias e a coordenação de tempo relacionados com a época das experiências das pessoas com quem Deus estava lidando.

Este conhecimento da geografia bíblica o ajudará a ser um melhor pregador e professor da Bíblia. Até na apresentação mais formal de um sermão é importante a congregação saber que a fuga para o Egito era "uma viagem a pé, de uns 320 quilômetros, em direção sudoeste". Nos grupos informais e menores, como classes de escola dominical e estudos bíblicos em reuniões de oração, um grande mapa em sala de aula permite o grupo ver os lugares tanto quanto ouvi-los ser mencionados. Quando vir estes lugares nos mapas deste comentário, você estará mais bem preparado para compartilhar a informação com os integrantes da sua classe de estudo bíblico.

Diagramas que listam fatos bíblicos em forma de tabela e ilustrações lançam luz sobre as relações históricas da mesma forma que os mapas ajudam com o entendimento geográfico. Ver uma lista ordenada dos reis de Judá ou das aparições pós-ressurreição de Jesus proporciona maior entendimento de um item em particular dentro de uma série. Estes diagramas fazem parte dos recursos oferecidos nesta coleção de comentários.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito tanto para o recém-chegado ao estudo da Bíblia como para quem há muito está familiarizado com a Palavra escrita. Os escritores e editores examinaram cada um dos capítulos, versículos, frases, parágrafos e palavras da Bíblia. O exame foi feito com a pergunta em mente: O que significam estas palavras? Se a resposta não é evidente por si mesma, incumbimo-nos de dar a melhor explicação conhecida por nós. Como nos saímos o leitor julgará, mas o convidamos a ler a explanação dessas palavras ou passagens que podem confundi-lo em sua leitura da Palavra escrita de Deus.

Exegese e Exposição

Os comentaristas bíblicos usam estas palavras para descrever dois modos de elucidar o significado de uma passagem da Bíblia. *Exegese* é o estudo do original hebraico ou grego para entender que significados tinham as palavras quando foram usadas pelos homens e mulheres dos tempos bíblicos. Saber o significado das palavras isoladas, como também a relação gramatical que mantinham umas com as outras, serve para compreender melhor o que o escritor inspirado quis dizer. Você encontrará neste comentário esse tipo de ajuda enriquecedora. Mas só o estudo da palavra nem sempre revela o verdadeiro significado do texto bíblico.

Exposição é o esforço do comentarista em mostrar o significado de uma passagem na medida em que é afetado por qualquer um dos diversos fatos familiares ao escritor, mas, talvez, pouco conhecidos pelo leitor. Estes fatos podem ser: 1) O contexto (os versículos ou capítulos adjacentes), 2) o pano de fundo histórico, 3) o ensino relacionado com outras partes da Bíblia, 4) a significação destas mensagens de Deus conforme se relacionam com os fatos universais da vida humana, 5) a relevância destas verdades para as situações humanas exclusivas à nossa contemporaneidade. O comentarista busca explicar o significado pleno da passagem bíblica sob a luz do que melhor compreende a respeito de Deus, do homem e do mundo atual.

Certos comentários separam a exegese desta base mais ampla de explicação. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) os escritores combinaram a exegese e a exposição. Estudos cuidadosos das palavras são indispensáveis para uma compreensão correta da Bíblia. Mas hoje, tais estudos minuciosos estão tão completamente refletidos em várias traduções atuais que, muitas vezes, não são necessários, exceto para aumentar o entendimento do significado teológico de certa passagem. Os escritores e editores desta obra procuraram espelhar uma exegese verdadeira e precisa em cada ponto, mas discussões exegéticas específicas são introduzidas primariamente para proporcionar maior esclarecimento no significado de determinada passagem, em vez de servir para engajar-se em discussão erudita.

A Bíblia é um livro prático. Cremos que Deus inspirou os homens santos de antigamente a declarar estas verdades, para que os leitores melhor entendessem e fizessem a vontade de Deus. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) tem a incumbência primordial de ajudar as pessoas a serem mais bem-sucedidas em encontrar a vontade de Deus conforme revelada nas Escrituras — descobrir esta vontade e agir de acordo com este conhecimento.

Ajudas para a Pregação e o Ensino da Bíblia

Já dissemos que a Bíblia é um livro para ser compartilhado. Desde o século I, os pregadores e professores cristãos buscam transmitir a mensagem do evangelho lendo e explicando passagens seletas da Bíblia. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) procura incentivar este tipo de pregação e ensino expositivos. Esta coleção de comentários contém mais de mil sumários de esboços expositivos que foram usados por excelentes pregadores e mestres da Bíblia. Escritores e editores contribuíram ou selecionaram estas sugestões homiléticas. Esperamos que os esboços indiquem modos nos quais o leitor deseje expor a Palavra de Deus à classe bíblica ou à congregação. Algumas destas análises de passagens para pregação são contribuições de nossos contemporâneos. Quando há esboços em forma impressa, dão-se os autores e referências para que o leitor vá à fonte original em busca de mais ajuda.

Na Bíblia encontramos a verdade absoluta. Ela nos apresenta, por inspiração divina, a vontade de Deus para nossa vida. Oferece-nos orientação segura em todas as coisas necessárias para nossa relação com Deus e, segundo sua orientação, para com nosso semelhante. Pelo fato de estas verdades eternas nos terem chegado em língua humana e por mentes humanas, elas precisam ser colocadas em palavras atuais de acordo com a mudança da língua e segundo a modificação dos padrões de pensamento. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) nos empenhamos em tornar a Bíblia uma lâmpada mais eficiente para os caminhos das pessoas que vivem no presente século.

A. F. Harper

Abreviaturas Usadas Neste Comentário

ARA — Almeida, Revista e Atualizada
ASV — American Standard Revised Version*
NTA — Novo Testamento Amplificado*
BA — Bíblia Amplificada*
CBB — Comentário Bíblico Beacon
ERV — English Revised Version*
LXX — Septuaginta*
NTLH — Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI — Nova Versão Internacional
RSV — Revised Standard Version*
Vulg. — The Vulgate*
NASB — New American Standard Bible*
NEB — New English Bible*

* Neste caso, a tradução do conteúdo destas obras foi feita pelo tradutor desde comentário. (N. do T.)

a.C. — antes de Cristo
cap. — capítulo
caps. — capítulos
cf. — confira, compare
d.C. — depois de Cristo
e.g. — por exemplo
ed. cit. — edição citada
esp. — especialmente, sobretudo
et al. — e outros
gr. — grego
hb. — hebraico
i.e. — isto é
ib. — na mesma obra, capítulo ou página
lit. — literalmente
N. do E. — Nota do Editor
N. do T. — Nota do Tradutor
op. cit. — obra citada
p. — página
pp. — páginas
s. — e o seguinte (versículo ou página)
ss. — e os seguintes (versículos ou páginas)
tb. — também
v. — versículo
ver — veja
vv. — versículos

Sumário

VOLUME 6

O Evangelho Segundo
MATEUS

Ralph Earle

Introdução

A. Importância

O grande crítico francês Renan tem sido citado com freqüência por sua famosa declaração de que o Evangelho de Mateus é "o livro mais importante que já foi escrito". Há dúvida se esta afirmação será algum dia seriamente desafiada. Mateus era o principal Evangelho na igreja primitiva e tem um lugar de destaque hoje. Zahn diz: "Em grandeza de concepção, e no rigor com que uma massa de material subordina-se a grandes idéias, nenhum livro em qualquer um dos Testamentos, tratando de um tema histórico, deve ser comparado com Mateus".[1] Ele se encontra no limiar do Novo Testamento, ligando-o ao Antigo Testamento.

B. Autoria

Todos os quatro Evangelhos são anônimos; eles não levam o nome dos autores. No entanto, a tradição da igreja primitiva os atribui respectivamente a Mateus, Marcos, Lucas e João.

Papias, que escreveu por volta de 140 d.C., é a mais antiga testemunha sobre a questão da autoria. Ele disse que Mateus compôs os discursos ou as palavras (*logia*) "no dialeto hebraico" (aramaico), e "cada um o traduziu como foi capaz".[2]

O prólogo antimarcionita ao Evangelho de Mateus desapareceu. Mas o de Lucas diz que Mateus escreveu o seu Evangelho na Judéia.[3] Irineu (*ca.* 185 d.C.) disse: "Mateus, realmente, produziu o seu Evangelho entre os hebreus em seu próprio dialeto, enquanto Pedro e Paulo proclamaram o evangelho e fundaram a igreja em Roma".[4] Orígenes (*ca.* 220 d.C.) disse acerca dos Evangelhos: "O primeiro Evangelho é segundo Mateus, o mesmo que foi uma vez publicano, mas depois disso um apóstolo de Jesus Cristo, que tendo-o publicado para os judeus convertidos, o escreveu em hebraico".[5] O fato de que este Evangelho foi escrito para os judeus é bem apoiado pela natureza de seu conteúdo. O próprio comentário de Eusébio diz: "Mateus, tendo também proclamado o Evangelho em hebraico, quando a ponto de ir também para outras nações, se propôs a escrever em sua própria língua, e assim supriu a necessidade de sua presença com eles, por meio de seus escritos".[6]

O testemunho mais antigo, então, cita uma coletânea de "palavras" em aramaico. Seria o nosso atual Evangelho de Mateus uma tradução dessa coletânea? Wikenhauser escreve: "Pode ser tomado como certo que um original em aramaico do Evangelho de Mateus só pode ser defendido se considerarmos Mateus em grego não uma tradução literal do aramaico, mas uma revisão completa feita com o uso freqüente do Evangelho de Marcos".[7]

Tasker, professor emérito de Exegese do Novo Testamento na Universidade de Londres, interpreta assim a antiga tradição: "É concebível que Mateus, que era com toda probabilidade bilíngüe, tenha ele mesmo traduzido a sua obra original ou a republicado em uma edição em grego, ampliada".[8] Ele também diz: "De todos os apóstolos cujas ocupações anteriores nos são conhecidas, Mateus parecia ser o mais qua-

lificado para se encarregar da composição do tipo de narrativas que encontramos inseridas no 'primeiro' Evangelho".[9]

Mateus é citado nominalmente nas quatro listas dos doze apóstolos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13), mas somente na lista de Mateus ele é identificado como "o publicano" (isto é, "cobrador de impostos"). A outra única passagem no Novo Testamento onde o nome de Mateus ocorre está ligada ao seu chamado para seguir Jesus, conforme registrado em Mateus 9.9. Nos outros dois relatos deste chamado, ele é designado como "Levi" (Mc 2.14; Lc 5.27, 29). Parece que este apóstolo, da mesma forma que outros homens no Novo Testamento, era conhecido por dois nomes diferentes (cf. João Marcos; Saulo, Paulo). A recusa de muitos estudiosos hoje de identificar Mateus com Levi não é plausível.

Os argumentos atuais contra a autoria do primeiro Evangelho por Mateus não são convincentes. Recentemente, um dos principais estudiosos do Novo Testamento nos Estados Unidos da América escreveu uma vigorosa exposição e defesa da opinião tradicional de que Mateus, o apóstolo, foi o escritor deste Evangelho.[10] No entanto, deve ficar claro que, sendo os quatro Evangelhos anônimos, não somos obrigados a aceitar qualquer teoria sobre a autoria deles. Mas a tradição da igreja primitiva não deve ser ignorada facilmente. Deve ter havido alguma base histórica para a atribuição universal dos nomes de Mateus, Marcos, Lucas e João para estes quatro livros. Então assumimos a posição de que Mateus, o apóstolo, escreveu o Evangelho que leva o seu nome.

C. Data

Como no caso da maioria dos livros do Novo Testamento, a data é incerta. Escritores mais antigos consideraram Mateus como tendo sido escrito por volta de 60 d.C. A maioria dos estudiosos hoje prefere 80 ou 85 d.C. Streeter prefere a segunda data.[11] A questão não é de importância vital, embora prefira a data mais antiga.

D. Local da Escrita

Novamente há duas opiniões principais. A opinião tradicional é a de que o livro de Mateus foi escrito na Palestina (cf. "Judéia", acima). Streeter diz que o local foi Antioquia da Síria,[12] e ele é seguido pela maioria dos estudiosos hoje. Talvez a coletânea aramaica de palavras tenha sido escrita na Palestina, e o Evangelho em grego em Antioquia.

E. Propósito

Fica evidente que Mateus escreveu o seu Evangelho para os judeus, com o objetivo de apresentar Jesus como o Messias. Quando o Evangelho foi escrito, a nação já o havia rejeitado, e logo – se Mateus foi escrito entre 60 e 70 d.C. – iria sofrer por isto um severo juízo através da destruição de Jerusalém (70 d.C.). Hayes diz: "O primeiro Evangelho tinha algo do caráter de um ultimato oficial. Foi um último aviso do Senhor para o seu povo".[13]

F. Fontes

É consenso geral entre os estudiosos modernos que Mateus (como também Lucas) usou Marcos como a fonte principal para a sua estrutura histórica, e uma coletânea de "Palavras" (Q, ou a Logia) para os ensinos de Jesus. Mateus freqüentemente resume as narrativas de Marcos, e é geralmente menos vívido em suas descrições. Mais de 90% do material em Marcos também é encontrado em Mateus. Porém Marcos não parece ser uma condensação de Mateus, como Agostinho defendia, porque o seu estilo e apresentação são mais vivazes e vigorosos.

Streeter postulou uma outra fonte, chamada de M, como responsável pelo material encontrado somente em Mateus.[14] Mas Tasker tem uma boa resposta para isso. Ele diz: "A diferença entre Mateus e Marcos pode ser igualmente bem explicada na suposição de que o Evangelho de Mateus retém detalhes originalmente transmitidos pelo apóstolo com este nome, e que o Evangelho de Marcos freqüentemente recorre às memórias de Pedro".[15] Nós avançaríamos um passo além de Tasker e diríamos que os detalhes foram *escritos* por Mateus na composição de seu Evangelho.

G. Caráter

O Evangelho de Mateus é o mais *judaico* dos Evangelhos. A genealogia judaica de Jesus que ele apresenta retrocede até Abraão, e é colocada no início do Evangelho. Isto porque a primeira pergunta dos judeus a respeito de um homem estaria relacionada à sua descendência. Lucas não apresenta a sua genealogia de Jesus até o terceiro capítulo, e ela retrocede até Adão. Jesus é descrito logo no primeiro versículo de Mateus como "filho de Davi, filho de Abraão". Mateus não explica os costumes ou termos judaicos, como fazem Marcos e Lucas, pois os seus leitores os entenderiam. Ele faz mais referências à Lei de Moisés do que os outros (cf. v. 5). Ele relaciona mais cumprimentos da profecia do Antigo Testamento do que os outros. Frases como "para que se cumprisse o que fora dito" ocorrem treze vezes em Mateus e nunca em Marcos ou Lucas (seis vezes em João). Mateus enfatiza mais a "justiça" do que todos os outros Evangelhos juntos. Esta era a idéia central da religião judaica. A palavra "reino" ocorre com mais freqüência aqui (cinqüenta e seis vezes) do que em qualquer outro Evangelho; e a frase "o reino dos céus" só é encontrada em Mateus (trinta e três vezes) ao longo de todo o Novo Testamento.

Jesus é apresentado aos judeus não só como o seu Messias, mas como o seu Rei. Bem no início, a genealogia apresenta a linhagem real, provando o direito de Jesus ao trono de Davi. Os sábios perguntaram pelo "Rei dos judeus" (apenas em Mateus). Há mais ênfase em Jesus como Rei do que nos outros Evangelhos.

A outra característica extraordinária deste Evangelho (além de seu judaísmo) é o seu *arranjo sistemático*. Mateus havia, provavelmente, recebido algum treinamento em negócios, e tinha que registrar livros como um cobrador de impostos. Ele apresenta o seu material em uma ordem sistemática. Ele tem sete (o número da perfeição) parábolas do Reino no capítulo treze. Nos capítulos oito e nove, ele reúne dez milagres de Jesus. Três e sete são números proeminentes em seu Evangelho, e aqui ele os acrescenta juntos.

O exemplo mais óbvio dessa característica é o arranjo de Mateus dos ensinos de Jesus em cinco grandes discursos. São eles: 1) o Sermão do Monte, caps. 5-7; 2) Instruções aos Doze, cap. 10; 3) Sete Parábolas do Reino, cap. 13; 4) A Comunidade Cristã, cap. 18; 5) os Discursos no Monte das Oliveiras, caps. 24-25. Cada um deles finaliza com a fórmula: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso...".

A principal impressão que se tem ao ler este Evangelho é que um escritor judeu está apresentando Jesus aos judeus como o seu Messias. D. A. Hayes diz que o Evangelho de Mateus é "quase um manual de profecias messiânicas".[16]

Esboço

I. A Preparação do Messias, 1.1—4.25

A. A Genealogia de Jesus, 1.1-17
B. O Nascimento de Jesus, 1.18-25
C. A Infância de Jesus, 2.1-23
D. O Ministério de João Batista, 3.1-12
E. O Batismo de Jesus, 3.13-17
F. A Tentação de Jesus, 4.1-11
G. Os Primeiros Tempos na Galiléia, 4.12-25

II. Primeiro Discurso: O Sermão do Monte, 5.1—7.29

A. O Cenário do Sermão, 5.1-2
B. A Natureza dos Discípulos, 5.3-16
C. A Justiça dos Discípulos, 5.17-48
D. A Religião dos Discípulos, 6.1-34
E. A Vida dos Discípulos, 7.1-29

III. Narrativa Retomada: Um Ministério de Milagres, 8.1—9.34

A. Três Milagres de Cura, 8.1-17
B. O Custo do Discipulado, 8.18-22
C. Mais Três Milagres, 8.23—9.8
D. Misericórdia, Não Sacrifício, 9.9-17
E. O Terceiro Conjunto de Milagres, 9.18-34

IV. Segundo Discurso: As Instruções Para os Doze, 9.35—10.42

A. A Necessidade de Obreiros, 9.35-38
B. A Missão dos Doze, 10.1-42

V. Narrativa Retomada: A Rejeição do Messias, 11.1—12.50

A. Jesus e João Batista, 11.1-19
B. Jesus e As Cidades, 11.20-24
C. Jesus e Os Simples, 11.25-30
D. Jesus e Os Fariseus, 12.1-45
E. Jesus e a Sua Família, 12.46-50

VI. Terceiro Discurso: Parábolas do Reino, 13.1-52

A. O Cenário, 13.1-2
B. As Sete Parábolas, 13.3-50
C. A Seqüência, 13.51-52

VII. Narrativa Retomada: Viagens de Jesus, 13.53—17.27

A. Rejeição de Jesus e de João, 13.53—14.12
B. Milagres Posteriores, 14.13-36
C. Contaminação Cerimonial *versus* Contaminação Moral, 15.1-20
D. Mais Milagres, 15.21-39
E. Os Fariseus Cegos e Os Discípulos Que Enxergavam, 16.1—17.27

VIII. Quarto Discurso: A Comunidade Cristã, 18.1-35

A. O Cristão e As Crianças, 18.1-14
B. O Cristão e Seu Irmão, 18.15-35

IX. Narrativa Retomada: Discipulado e Controvérsia, 19.1—23.39

A. Disciplina, 19.1—20.34
B. A Controvérsia, 21.1—23.39

X. Quinto Discurso: O Sermão Profético do Monte das Oliveiras, 24.1—25.46

A. O Final dos Tempos, 24.1-51
B. Três Parábolas Sobre a Prontidão, 25.1-46

XI. A Paixão, 26.1—27.66

A. A Preparação Para a Morte, 26.1—27.31
A. A Morte e o Sepultamento, 27.32-66

XII. A Ressurreição, 28.1-20

A. O Dia da Ressurreição, 28.1-15
B. A Grande Comissão, 28.16-20

SEÇÃO I

A PREPARAÇÃO DO MESSIAS

Mateus 1.1— 4.25

A. A GENEALOGIA DE JESUS, 1.1-17

1. *Quem foi Jesus* (1.1)

Como pode ser observado na introdução, Mateus escreveu o seu Evangelho especificamente para os judeus. Portanto, é muito natural que ele devesse começar pela genealogia. Particularmente após o cativeiro na Babilônia, os judeus passaram a dar muita ênfase sobre os devidos registros genealógicos. Isso é realçado na longa lista de gerações nos primeiros nove capítulos do primeiro livro de Crônicas. O livro de Neemias conta como alguns levitas foram retirados do sacerdócio porque não puderam indicar as suas genealogias (Ne 7.63-65). Obviamente, Jesus não poderia ser aceito como o Messias, a não ser que pudesse haver uma comprovação por meio de registros genealógicos de que Ele era o filho de Davi, pois os judeus acreditavam que o seu Messias viria da linhagem real do maior dos reis de Israel, e que nasceria em Belém, a cidade natal de Davi (veja 2.4-6).

Jesus foi primeiramente identificado como **Cristo**. Esse termo vem da palavra grega *christos*, que é o equivalente do hebraico *mashiah* (Messias). As duas palavras significam "o consagrado" ou "o ungido". **Jesus** é o equivalente do hebraico *yehoshua* (Josué) na sua forma posterior *yeshua*. A palavra significa "Jeová irá salvar". Dessa forma, a Pessoa Suprema deste Evangelho de Mateus é identificada como o Salvador-Messias. Mas na época em que foi escrito o Evangelho de Mateus, **Jesus Cristo** passou a ser usado como um nome próprio.

O Personagem deste livro é identificado em segundo lugar como o **Filho de Davi**. Isso quer dizer que Ele era o Herdeiro legítimo do trono de Davi. E esse também era um título messiânico. Como escreveu Vincent Taylor: "Tal como o nome 'Cristo', 'Filho de Davi' é um título messiânico, que descreve o Messias como uma figura humana, a do Salvador nacional, sob cuja liderança esperava-se que as antigas promessas de Deus a Israel fossem cumpridas".[1]

Em terceiro lugar, Jesus é identificado como **Filho de Abraão**. Isso confirma que Ele era um verdadeiro judeu. Esse fato é de suma importância porque nenhum gentio seria aceitável para os judeus como um líder religioso.

A palavra grega para **geração** é *genesis*. Ela significa "origem, linhagem".[2] Arndt e Gingrich afirmam que: "A expressão *biblos geneseos* em Mateus 1.1 vem do Antigo Testamento: Gênesis 2.4; 5.1; na primeira dessas duas passagens a expressão equivale a *história da origem*, o que seria um título apropriado para Mateus 1, enquanto na segunda significa *genealogia*, o que descreve o conteúdo de Mateus 1.1-17".[3] Zahn opina que o primeiro versículo teria a função de ser o título do livro inteiro. Ele fala sobre o autor do Evangelho de Mateus: "Ele deu à sua obra o título de 'A história de Jesus' ".[4] Outros estudiosos consideram que o primeiro versículo representa exclusivamente o título da genealogia (1.2-17).

2. *De Abraão até Davi* (1.2-6*a*)

A maioria das versões mais recentes (RSV, NEB, NTLH) e traduções particulares (como, por exemplo, Weymouth, Moffatt, Goodspeed, Verkuyl, Williams) dizem que "Abraão foi pai de Isaque" (que é uma tradução mais atualizada) e assim prossegue mostrando todo o quadro genealógico. Mas a versão grega diz clara e simplesmente: **Abraão gerou a Isaque** (2).

No primeiro parágrafo da genealogia encontramos os nomes de três mulheres, e uma quarta é mencionada no versículo 6*b*. É um fenômeno no mínimo estranho, por assim dizer. E duplamente surpreendente é o caráter dessas quatro mulheres. Duas delas eram gentias – **Raabe** e **Rute** (5). Embora as outras duas fossem israelitas, os seus nomes estavam manchados. **Tamar** era culpada de incesto (Gn 38.13-18) e a **mulher de Urias** (6) participou do pecado de adultério com Davi (2 Sm 11.2-5).

A presença de tais pessoas na genealogia de Jesus ressalta a Sua missão de Salvador, e fornece uma maravilhosa amostra da graça de Deus. Não somente para os judeus aparentemente justos, mas também para os estrangeiros e os pecadores seria oferecida a entrada ao reino dos Céus. É isso que transforma o evangelho em Boas Novas para toda a humanidade.

Então Jesus deve também ser verdadeiramente humano, assim como divino, para ser o Salvador da humanidade. A encarnação significava que Ele tinha que fazer parte da raça humana, o que inevitavelmente envolvia que Ele tivesse tido antepassados pecadores.

3. *De Davi até o Cativeiro* (1.6*b*-11)

Esse é o período do reino. Seguindo Salomão, são dados os nomes dos reis de Judá, pelo fato de a dinastia de Davi ter governado o reino do sul. Estranhamente, quatro reis foram omitidos da lista, como mostrará a comparação com os livros de Reis do Antigo

Testamento. Acazias, Joás e Amazias foram omitidos depois de **Jorão** (8), e Jeoaquim foi omitido depois de **Josias** (11). Aparentemente, o único motivo para isso é que Mateus desejava preservar esse arranjo sistemático da genealogia em três grupos de catorze nomes cada.

4. *Do Cativeiro até Cristo* (1.12-16)

Esse é basicamente o período entre o Antigo e o Novo Testamento. Por isso, os nomes não são familiares.

O teor exato do décimo sexto versículo é muito significativo. O autor altera o ativo **gerou** para o passivo **nasceu** (16). Desta maneira ele protege o fato do nascimento virginal, que em breve será descrito. José era o pai adotivo de Jesus, mas não o seu pai físico. Mas Maria era realmente a sua mãe.

Quanto ao significado da palavra *gerou* usada neste capítulo, M'Neile diz o seguinte: "A natureza da genealogia mostra que *egennesen* por toda parte indica a origem legal, mas não necessariamente física", mas que o passivo *egennethe*, **nasceu**, "denota o nascimento físico".[5]

5. *Resumo da Genealogia* (1.17)

Por que Mateus usa três enumerações de **catorze**? (17) Tasker diz: "Chegou a ser sugerido, com considerável probabilidade, que a importância do número *catorze* se deve ao fato do valor numérico das consoantes hebraicas na palavra *Davi* resultar naquele número".[6]

Deve ser notado que os três períodos ali assinalados possuem um relevante destaque. O primeiro foi o dos patriarcas e juízes, o segundo o dos reis, e o terceiro o da dominação de gentios (exceto pelo breve período da independência dos Macabeus).

Até Cristo é, literalmente, "até o Cristo". Morison faz a seguinte observação, que é bastante apropriada: "E assim o evangelista passa do emprego da palavra *Cristo* como um mero nome próprio ao seu emprego como um apelativo, *Até o Messias*, significando o preeminentemente Ungido, o mais alto de todos os reis, e o mais sacerdotal de todos os sacerdotes, assim como o mais inspirado e inspirador entre todos que alguma vez foram profetas ou porta-vozes de Deus".[7]

B. O NASCIMENTO DE JESUS, 1.18-25

As assim chamadas Narrativas da Infância são encontradas em Mateus 1.18—2.23 e em Lucas 1.5—2.52. Os dois relatos são quase totalmente diferentes. No entanto, um não contradiz o outro. Plummer comenta: "Os dois relatos estão em conformidade um com o outro, não apenas quanto ao fato principal do nascimento de uma virgem, mas também quanto ao modo como ele ocorreu – por ter sido realizado pela ação do Espírito Santo". Ele prossegue enumerando outros quatro pontos de concordância que representam "sinais adicionais de realidade histórica": 1) Quando a vontade divina foi revelada a José e Maria eles estavam desposados um com o outro; 2) Cristo deveria ser chamado de "Jesus"; 3) Ele nasceu em Belém; 4) Ele foi criado em Nazaré.[8]

A história do nascimento de Jesus é contada com grande beleza e delicadeza. Maria estava **desposada** com José (18). Possivelmente "prometida em casamento" ou "noiva" poderiam parecer termos e expressões mais atuais. O verbo grego é empregado apenas aqui e em Lucas 1.27; 2.5 e significa "prometer em casamento, desposar".[9] Arndt e Gingrich dizem que em voz passiva a expressão denota "estar prometida em casamento ou ficar noiva".[10] Mas deve ser lembrado que entre os judeus a quebra de um noivado exigia um divórcio formal. Edersheim diz que o relacionamento de jovens noivos era tão sagrado que "qualquer violação seria considerada um adultério; o compromisso não poderia ser dissolvido exceto, como depois do casamento, pelo divórcio normal".[11]

Antes que eles estivessem casados ou tivessem alguma relação conjugal, Maria **achou-se ter concebido do Espírito Santo.** Assim Mateus confirma o relato mais completo de Lucas (Lc 1.35). Isso representou um problema sério para José. Por ser um homem justo ou "honrado", ele não achava que conseguiria prosseguir com os seus planos de casamento. Mas por ser um homem misericordioso, que amava profundamente a Maria, ele **a não queria infamar** (19), isto é, expô-la à vergonha. Então ele decidiu divorciar-se dela **secretamente**, ou seja, em particular. Tudo o que precisava era a presença de duas testemunhas. Não se tratava necessariamente de um caso de justiça.

Pode parecer estranho que José fosse chamado **seu marido**. Mas M'Neile explica o fato assim: "Depois do noivado, mas antes do casamento, o homem era legalmente o 'marido' (cf. Gn 29.21; Dt 22.23ss.); conseqüentemente, um cancelamento informal do noivado era impossível: o homem devia dar à mulher um documento por escrito, e pagar uma multa".[12]

Enquanto José estava considerando o seu problema, **um anjo** (e não **o anjo**) lhe apareceu **em sonhos**. O mensageiro celestial o chamou de **José, filho de Davi** (20). Foi isso o que deu a Jesus o direito legal ao trono de Davi. José recebeu a garantia de que não precisava temer receber Maria como sua mulher, porque a sua concepção era **do Espírito Santo**. Assim, a anunciação foi feita a José, e também a Maria. Ela precisava disso para ser poupada da terrível perplexidade sobre a sua condição de grávida. Ele precisava disso para ser poupado do sentimento de que Maria pudesse ter sido infiel.

José foi informado de que o Filho que ia nascer deveria ser chamado **JESUS** ("Jeová é a salvação"), pois Ele iria **salvar o seu povo dos seus pecados** (21). A salvação era, em primeiro lugar, para os judeus (**seu povo**) e a seguir para todo o mundo (cf. Lc 2.32). A missão do nosso Senhor não era predominantemente social, política nem física, mas sim moral e espiritual. Ele veio para "aniquilar o pecado" (Hb 9.26). Ele veio para salvar *do* pecado, e não *no* pecado.

Para os que foram salvos por meio da Sua graça, o seu Nome conserva um encanto e uma doçura especiais. Vincent Taylor adequadamente comenta: "De todos os nomes, nenhum é mais precioso aos ouvidos cristãos do que o nome de 'Jesus' ".[13]

Uma das notáveis características do Evangelho de Mateus, escrito para os judeus, é a sua freqüente citação do Antigo Testamento. A inspiração divina e a autoridade das Escrituras estão enfatizadas na introdução: **Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta** (22). Então se segue uma citação de Isaías 7.14. O nome hebraico **Emanuel** é interpretado como significando **Deus conosco** (23).

José obedeceu à ordem do anjo. Ele recebeu Maria em sua casa, como sua esposa. Mas ele não teve relações conjugais com ela até depois do nascimento da Criança prometida. O significado e a importância da linguagem são bem destacados por Plummer. Ele afirma que o uso do verbo no imperfeito é "contrário à tradição da virgindade perpétua de Maria"; e o uso do aoristo "implica que ela teve filhos com ele posteriormente"; ainda assim "o imperfeito traz esta implicação de maneira ainda mais forte"[14]. Esta é uma visão bastante razoável sobre o tema.

G. Campbell Morgan encontra nesse parágrafo duas palavras proféticas: 1) a esperança – **ele será chamado pelo nome de Emanuel** (que traduzido é: Deus conosco); e 2) a realização – **lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.**

C. A Infância de Jesus, 2.1-23

1. *A Visita dos Sábios* (ou Magos, 2.1-12)

Jesus nasceu em **Belém da Judéia** (1). Esta era a cidade natal de Davi, situada a cerca de oito ou dez quilômetros ao sul de Jerusalém, a caminho de Hebrom. O nome significa "casa de pão" – uma designação muito apropriada para o povoado onde o Pão da Vida (Jo 6.35) iria nascer entre os homens. É identificada como sendo **da Judéia** para diferenciação de uma cidade de mesmo nome no território de Zebulom (Jo 19.15), próxima a Nazaré. A designação **da Judéia** também enfatiza o fato de que Jesus pertencia à linhagem real de Davi; Ele precisaria ser da tribo de Judá.

Cristo nasceu **no tempo do rei Herodes**. Herodes, o Grande, como é conhecido na história, era um idumeu (edomita), filho de Antípater – que foi nomeado por Júlio César em 47 a.C. como procurador da Judéia. Os idumeus, que durante o cativeiro na Babilônia tinham dominado a parte sul do território de Judá, tiveram que ser circuncidados em 125 a.C., por ordem de João Hircano. Assim, eles eram nominalmente judeus. Mas a religião de Herodes era, na melhor hipótese, superficial. Ele era um homem cruel, quase sem consciência.

Às vezes o reinado de Herodes, o Grande, é mencionado como tendo se iniciado em 40 a.C., e outras vezes em 37 a.C. Isto se deve ao fato de que, embora o senado em Roma tivesse dado a Herodes o título de "rei dos judeus" em 40 a.C., ele só conseguiu o trono em 37 a.C., depois de dois anos de lutas intensivas.

A afirmação feita aqui de que Jesus nasceu no tempo de Herodes, combinada ao fato de que Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C., indica que o nosso calendário tem um erro de pelo menos quatro anos. Na verdade, Jesus provavelmente nasceu em 5 a.C.,[15] e morreu em 30 d.C. (alguns dizem 29).

Uns magos vieram **do Oriente** a Jerusalém. A palavra grega *magoi* (magos) "originalmente denotava a casta sacerdotal entre os persas e os babilônios (cf. Dn 2.2, 48; 4.6-7; 5.7)".[16] Essa palavra é usada em Atos 13.6 significando "mágico". Mas aqui "Mateus usa a palavra em sentido melhor, para designar homens nobres de uma religião oriental".[17] Não se sabe ao certo de que país eles vieram. Atkinson diz: "Eles provavelmente vieram da Mesopotâmia".[18] Esta é uma hipótese tão válida quanto qualquer outra. Beare afirma categoricamente que eles eram "astrólogos caldeus".[19]

As perguntas dos magos (2) mostram que eles obtiveram alguma notificação definida de que um grande **Rei dos Judeus** (2) tinha nascido. Naturalmente, eles esperavam encontrá-lo na capital da nação. Se a estrela era um fenômeno natural ou sobrenatural é um problema que ninguém pode resolver, mas ela deu a orientação divina a esses estrangeiros. Talvez seja bom mencionar que **do Oriente** provavelmente significa "no lugar do nascer do sol". De qualquer forma, a estrela era um tipo de Cristo (Nm 24.17). Os magos ficaram tão impressionados com ela, que fizeram uma viagem cansativa, de muitos meses, para vir e **adorá-lo.**

Herodes ficou muito **perturbado** (3) com o rumo dos acontecimentos. Se havia uma coisa que ele temia, acima de tudo, era uma ameaça ao seu trono. Ele tinha mandado matar três dos seus filhos por julgar que estivessem ficando muito ansiosos por sucedê-lo no trono. Diz-se que César Augusto pronunciou este trocadilho: "É melhor ser um porco de Herodes do que seu filho".[20] A palavra grega para "porco" é *hus* e para "filho" é *huios*, o que produz um jogo de palavras.

Não apenas Herodes estava **perturbado,** mas **toda a Jerusalém com ele.** O governo romano permitia uma considerável liberdade religiosa para os povos das diversas nações sob seu domínio. Especificamente, os romanos idólatras permitiam que os judeus continuassem em sua adoração de um único Deus verdadeiro. Mas um "rei dos judeus"? Isso parecia uma revolução. Aos olhos do imperador esse era o pecado *por excelência*. Roma estava sempre atenta a qualquer rumor de uma revolução. Os líderes judeus temiam severas represálias caso fosse descoberto que havia surgido um outro governante de sua nação.

O rei preocupado convocou os **príncipes dos sacerdotes e os escribas** (4). Esses eram os dois grupos principais no Grande Sinédrio de Jerusalém, o tribunal de líderes religiosos dos judeus. Os príncipes dos sacerdotes eram os saduceus, e os escribas eram na sua maioria fariseus. **Escribas** significa *grammateis* – literalmente, "escritores". Esses homens tinham a responsabilidade de copiar as Sagradas Escrituras e ensiná-las ao povo.

Herodes perguntou a esses homens **onde havia de nascer o Cristo.** O texto grego diz "o Cristo", isto é, o Messias. Isso mostra que o rei estava familiarizado com as expectativas messiânicas dos judeus. Sem dúvida, ele tinha ouvido falar das profecias do Antigo Testamento, e sentia um medo supersticioso do que o seu cumprimento poderia significar para o seu trono e para a sua vida pecadora.

Os líderes judeus tinham uma resposta pronta. Eles responderam, **em Belém da Judéia** (5). Como base para a sua resposta, eles fizeram uma citação das Escrituras. A citação de Miquéias 5.2 difere um pouco, tanto do texto hebraico quanto da Septuaginta (grego) desta passagem, e talvez se baseie em 2 Samuel 5.2. Filson diz: "Ela mistura livremente materiais do Antigo Testamento de uma maneira que os comentários essênios dos Pergaminhos do Mar Morto mostram que era corrente no judaísmo do primeiro século, e dá ao material uma interpretação messiânica".[21] Também existe a possibilidade de que Mateus tenha usado uma versão grega do Antigo Testamento, que é diferente da Septuaginta, ou talvez tenha adotado "uma tradução livre da versão hebraica".[22]

As implicações dessa narrativa estão bem definidas por Plummer. Ele diz:

> Apesar de os pagãos não terem nada para lhes guiar, exceto conhecimentos superficiais de ciência misturados com muita superstição, eles estão tão entusiasmados pelos sinais que Deus, por meio desses instrumentos imperfeitos, lhes dá,

> que fazem uma longa viagem e realizam cuidadosas investigações para poderem reverenciar o novo Governante que foi enviado ao mundo. Mas os sacerdotes dos judeus, com o Pentateuco e os profetas nas suas mãos, estão tão longe de se alegrar com esse relato de profecias e sinais cumpridos, que nem se preocupam muito em verificar a sua veracidade.[23]

Herodes chamou os magos **secretamente** (7) ou de forma "privada" (cf. 1.19). O significado da palavra em grego é "secretamente". Uma das principais características de Herodes era a astúcia. Ele próprio era muito ardiloso e não confiava em ninguém mais. Ele perguntou aos homens exatamente quando havia aparecido a estrela. Então ele os enviou a Belém com ordens de procurar **diligentemente** (8) – "com cuidado, meticulosamente" – pelo recém-nascido. Eles deveriam lhe transmitir a informação, para que, disse ele, **também eu vá e o adore**. Os eventos posteriores provaram que o seu verdadeiro objetivo ao procurar obter essa informação era completamente diferente. Ele pretendia assassinar a Criança, eliminando, desta forma, a possibilidade de um rival político.

Quando os magos iniciaram a última parte da sua longa jornada, eles novamente encontraram a orientação divina na estrela que brilhava acima das suas cabeças. Ela os levou até o lugar onde estava a Criança (9). A visão da estrela fez com que eles **se alegrassem muito com grande júbilo** (10). Eles sabiam agora que a sua busca havia terminado.

Existe aqui uma implicação de que os magos tinham perdido a visão da estrela enquanto estavam com Herodes e com os líderes judeus em Jerusalém? Se tivessem prestado atenção somente à estrela, ao invés de procurar a orientação humana, será que eles teriam sido levados a Belém? Se isso tivesse acontecido, será que o terrível massacre dos bebês teria sido evitado? Será que às vezes não trazemos problemas a nós mesmos e a outras pessoas porque procuramos os conselhos humanos das pessoas erradas, quando deveríamos estar confiando na orientação divina?

Quando chegaram à **casa** viram **o menino** (11). Isto é um pouco diferente dos pastores encontrando o menino Jesus em uma manjedoura na noite em que Ele nasceu (Lc 2.16). O **menino** tinha provavelmente um ano de idade e a família havia fixado residência em Belém. As imagens que mostram os magos ajoelhados diante de uma manjedoura, portanto, não são exatas, de acordo com as Escrituras.

Os magos, **prostrando-se** (ajoelhando-se), **o adoraram**. Está claro que eles acreditavam que Jesus era digno de adoração. Então eles lhe presentearam com presentes reais: **ouro, incenso** e **mirra**. Esses eram produtos do sul da Arábia, mas eram largamente vendidos e poderiam ser obtidos no país caldeu.

Barclay ressalta maravilhosamente o significado simbólico dos três presentes.[24] Ele registra a afirmação de Sêneca de que na Pártia uma pessoa só podia se aproximar do rei se lhe trouxesse um presente. O **ouro** era o presente mais apropriado para um *rei* – e assim o foi, para Aquele que nasceu para ser o Rei dos reis. O **incenso** era o presente para um *sacerdote*, uma vez que os sacerdotes o ofereciam a Deus no Templo. Assim, este era um presente adequado para ser oferecido Àquele que seria o maior Sumo Sacerdote. E a **mirra** era o presente para alguém que iria morrer. Ela era usada para embalsamar. E assim, era particularmente apropriada para o Filho de Deus, que veio para morrer na Cruz. Esses três presentes "profetizam que Ele seria o Rei verdadeiro, o Sumo Sacerdote perfeito e, no final, o supremo Salvador dos homens".[25]

O relato bíblico não indica quantos magos vieram ver Jesus. Provavelmente como são mencionados três tipos de presentes, espalhou-se a lenda de que foram três visitantes. Depois, foram chamados de "reis" – talvez por causa dos presentes reais que trouxeram – e receberam nomes: Gaspar, Melquior e Baltasar. Mas tudo isso é pura lenda.

Quando os magos foram **por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes**, voltaram para suas casas por outro caminho (12). A atitude devota desses sábios astrólogos do Oriente é assim descrita por um comentarista: "Ali, no limiar do Evangelho, podemos ver a verdadeira relação entre a ciência e a religião...

> *'Que o conhecimento cresça mais e mais,*
> *mas que em nós resida mais reverência;*
> *que mente e alma, em harmonia,*
> *possam fazer uma única música, como antes' ".*[26]

A visita dos magos sugere uma espécie de primícias dos gentios que viriam a Cristo em busca da salvação. O Evangelho de Mateus termina com a Grande Comissão de se evangelizar o mundo.

Alexander Maclaren tem um bom resumo dos "Primeiros Frutos dos Gentios". Ele observa 1) a sabedoria pagã, levada por Deus até o berço de Cristo, vv. 1-2; 2) o alarme do Seu próprio povo diante da menção do Seu Nome, v. 3; 3) o concílio dos teólogos, vv. 4-6; 4) o ardiloso conselho de Herodes, vv. 7-8; 5) o encontro do Rei, vv. 9-11; 6) a adoração e a oferta dos presentes, depois do encontro, v. 11.

2. *A Fuga para o Egito* (2.13-15)

Depois da partida dos magos, **o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos**, e lhe disse: **toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito** porque Herodes tentaria destruir Jesus (13). Partindo **de noite** (14), para evitar ser pego, José levou a família em segurança para o Egito. Esta foi uma viagem de cerca de 320 quilômetros. A imagem tradicional de José caminhando ao lado do asno em que Maria cavalga com Jesus nos braços é muito provavelmente verdadeira.

A família permaneceu no Egito **até a morte de Herodes** (15). Isso ocorreu em 4 a.C. De acordo com o seu costume, Mateus cita novamente o Antigo Testamento – desta vez, Oséias 11.1. Originalmente, as palavras se referiam a Israel, o **filho** de Deus. Aqui elas se aplicam a Cristo, o único Filho de Deus, que também representava Israel. Como no versículo 6, Mateus não cita a Versão dos Setenta (a Septuaginta). Plummer diz: "Ele faz uma tradução independente do hebraico, sozinho ou não"; e acrescenta uma nota de rodapé: "Somente em poucos casos as citações de Mateus são extraídas da Septuaginta".[27]

3. *A Matança dos Inocentes* (2.16-18)

O fato de Herodes ter matado todos os meninos de Belém e **seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos** (16) indica que "agora fazia quase dois anos que a estrela tinha aparecido".[28] Tudo indica que Cristo estava com aproximadamente um ano de idade quando foi visitado pelos magos.

Uma vez mais, Mateus cita uma profecia do Antigo Testamento como tendo sido cumprida. Ela está em Jeremias 31.15. **Ramá** (18) ficava a oito quilômetros ao norte de Jerusalém. Mas o túmulo de **Raquel** ficava na estrada para Belém (Gn 35.19). O lugar tradicional, hoje conhecido, fica a cerca de um quilômetro e meio ao norte de Belém. A passagem de Jeremias também está relacionada com os cativos de Jerusalém quando foram levados através de Ramá a caminho da Babilônia em 586 a.C.

Embora na história secular não exista um registro deste perverso massacre dos bebês inocentes em Belém, ele se encaixa perfeitamente com o caráter de Herodes. Como já foi observado anteriormente (cf. comentários sobre 2.3), esse rei cruel e maldoso enviou três dos seus filhos à morte. Ele também matou a sua esposa favorita, Mariamne, e a mãe dela. Josefo conta como Herodes, ao saber que estava à morte, convocou "todos os principais de toda a nação dos judeus" perante ele, em Jericó, sob pena de morte no caso de desobediência. Ali ele ordenou que fossem trancados no hipódromo. Temendo morrer sem que fosse pranteado, ele instruiu a sua irmã Salomé para que, quando ele morresse, e antes que isso fosse anunciado publicamente, todos os líderes judeus no hipódromo fossem assassinados. Assim, ele teria "a honra de uma lamentação memorável no seu funeral".[29]

4. *O Retorno para Nazaré* (2.19-23)

Depois da morte de Herodes, o Grande, **o anjo do Senhor apareceu, num sonho, a José** (19) e deu-lhe instruções para voltar **para a terra de Israel** (20). Esta é a terceira vez que se menciona um anjo aparecendo a José em sonhos (cf. 1.20; 2.13). A frase **num sonho** aparece em um total de cinco vezes nestes dois primeiros capítulos (cf. 2.12, 22).

Quando José chegou à fronteira da Palestina, ele soube que Arquelau estava reinando na Judéia, como sucessor de seu pai. Isto lhe deu medo de fixar residência ali, pois Arquelau era o pior dos filhos de Herodes, o Grande, conhecido por sua maldade e crueldade. Josefo diz que logo depois de subir ao trono esse monstro selvagem massacrou três mil pessoas.[30]

Parece que José tinha pensado em voltar a Belém e estabelecer-se ali. Isso seria algo natural para ele, à luz do anúncio do anjo (1.20-21). Uma vez que Jesus era, de forma singular, "o filho de Davi" (cf. 1.1), teria parecido mais adequado que Ele fosse criado em Belém.

Mas esse não era o caso. Avisado novamente **em sonhos** (22), José **foi para as regiões da Galiléia**. Ele provavelmente desceu a Estrada de Jericó, cruzou o rio Jordão e subiu o lado leste do vale, voltando a cruzar o rio ao sul do lago da Galiléia. O território que ele atravessou era governado por Herodes Antipas – o "Herodes" dos Evangelhos. Embora fosse filho de Herodes, o Grande, ele não era tão cruel quanto o seu irmão da Judéia. Assim, os refugiados estariam mais seguros ali. Eles se estabeleceram na sua antiga cidade de Nazaré (cf. Lc 1.26; 2.4). Este povoado estava situado cerca de 130 quilômetros ao norte de Jerusalém, e aproximadamente na metade do caminho entre o Mediterrâneo e o mar da Galiléia. Obviamente se tratava de uma cidade pequena e obscura, pois não é mencionada no Antigo Testamento, nem por Josefo, nem no Talmude. A visão que os judeus tinham dela na época de Jesus está claramente evidenciada em João 1.46 – "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?"

Uma das passagens mais problemáticas neste Evangelho está na citação, **ele será chamado Nazareno** (23). Muitos estudiosos pensam que não há tal afirmação no Antigo Testamento. Por exemplo, Green declara que "Não há nenhuma profecia no Antigo Testamento que se pareça sequer remotamente com esta".[31]

O que deve ser observado é que Mateus não atribui esta citação a nenhum profeta específico; ele apenas disse que isto **fora dito pelos profetas**. Assim, esta profecia poderia ser interpretada como uma apresentação geral de uma verdade importante. Morison define bem o caso ao dizer que: "Isso indica que o evangelista não está se referindo a nenhuma predição em particular; ao invés disso, ele está reunindo diversas afirmações proféticas e traduzindo o seu significado à fraseologia peculiarmente significativa da sua própria época e localização".[32] Ele acrescenta, como explicação: "Ser chamado Nazareno era ser chamado de desprezível".[33]

Alguns tentaram encontrar uma conexão de Nazareno com "Nazireu". Isso foi proposto por Tertuliano e Jerônimo, no princípio da igreja, e apoiado por Erasmo, Calvino, Beza e Grotius no período da Reforma.[34] Mas a teoria sofre de dois defeitos fatais: 1) as raízes hebraicas das duas palavras são muito diferentes; 2) Jesus não afirmava ser um nazireu, nem viveu esse tipo de vida. Como conseqüência, esta idéia deve ser rejeitada.

Uma conexão mais plausível é a feita com a palavra hebraica para "galho" ou "ramo", que é encontrada em diversas passagens nos livros proféticos do Antigo Testamento. Lange escreve: "A conclusão a que chegamos é que o título Nazareno faz referência à humildade exterior do Messias; de acordo com isso, *netzer*, em Isaías 11.1, é análoga às expressões usadas em Isaías 53.2 e a outras descrições da aparência humilde do Messias".[35] Plumptre expressa a idéia de maneira ainda mais apropriada. Ele fala do autor deste Evangelho: "Ele tinha ouvido os homens falarem com escárnio do 'Nazareno' e as mesmas sílabas daquela palavra tinham chegado aos seus ouvidos em uma das mais gloriosas profecias admitidas como sendo messiânicas – 'Brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo —*netzer* (galho)— frutificará' (Is 11.1)".[36] É interessante observar que "Nazareno" é o título normalmente atribuído a Jesus e aos Seus discípulos no Talmude judaico, onde é claramente um termo depreciativo. Box pensa que *Nazoraios*, a palavra grega em Mateus 2.23 – que ele conecta com a hebraica *netzer* através do aramaico – pode ter sido escolhida pelos primeiros cristãos como um "título honorário" em oposição à desdenhosa palavra *Nazarenos*.[37]

É interessante perceber que todas as Narrativas da Infância de Jesus em Mateus são contadas a partir do ponto de vista de José. Destaca-se o anúncio do nascimento de Jesus que foi feito a ele, e não aquele que foi feito a Maria (como em Lucas). Foi José quem recebeu a ordem de levar o menino Jesus e a Sua mãe ao Egito, e depois de trazê-los de volta à Terra Prometida. Isto está em notável contraste com as histórias dos dois primeiros capítulos de Lucas, que estão escritas a partir do ponto de vista de Maria.

D. O Ministério de João Batista, 3.1-12

1. *Sua Primeira Aparição* (3.1-6)

A versão grega sugere que **naqueles dias** (1) João Batista "chegou" ou "apareceu". Lucas conta sobre o anúncio do nascimento de João e as circunstâncias do seu nascimen-

to, assim como um pouco da sua infância. Mas no Evangelho de Mateus o precursor de Jesus aparece repentinamente neste ponto. Todos os quatro Evangelhos apresentam o ministério de João Batista como a preparação da nação para o ministério de Jesus.

João apareceu **pregando**. A palavra grega *kerysso* significa literalmente "ser um arauto, proclamar".[38] Ela deriva de *kerux*, um "arauto" que se colocava diante de um exército para transmitir as ordens de um general, ou perante uma multidão para transmitir um decreto do governante. Ele não falava por si, mas sim pelo seu superior. Ele não transmitia a sua mensagem, mas sim aquela que o seu comandante lhe tinha ordenado que proclamasse. João era o arauto de Deus, anunciando a importante notícia de que o Messias estava chegando. Exatamente assim são todos os pregadores do Evangelho instruídos para proclamar a mensagem de salvação de Deus. Isto, basicamente, é pregar. É por isso que *kerysso* é o verbo mais freqüente usado no Novo Testamento como sinônimo de "pregar", e *evangelizo* – "evangelizar", "anunciar boas-novas" – vem logo atrás, em segundo lugar.

O lugar onde João pregava era **o deserto da Judéia**. Esta era uma região rochosa e acidentada entre o planalto (algo entre 750 e 990 metros acima do nível do mar), e o mar Morto (400 metros abaixo do nível do mar). Era uma região proibitiva, com despenhadeiros e precipícios, habitada principalmente por animais selvagens. W. L. Reed observa que a expressão **deserto** é um termo bastante indefinido. Ele diz que "é difícil obter uma tradução precisa, porque as regiões chamadas de desérticas incluem território árido e semi-árido e também desertos de areia, planaltos rochosos, terras de pastoreio e terreno montanhoso infértil".[39] W. F. Boyd e W. L. Reed expressam a opinião de que "deserto" pode ser uma tradução melhor, pois outros termos parecem sugerir uma floresta fechada. Eles prosseguem: "Embora as traduções modernas continuem a usar ambas expressões, sem dúvida devido ao fato de que até mesmo 'deserto' não é uma descrição perfeita, as regiões assim descritas são algumas vezes naturalmente montanhosas, planícies onde o pasto existe depois das chuvas, e regiões onde havia população, como aquela parte do Deserto de Judá, perto do mar Morto, onde foram encontrados o mosteiro de Qumrã e os Rolos do Mar Morto".[40]

Deve ser observado que muitos estudiosos pensam que João Batista era provavelmente um essênio, e pode até mesmo ter tido alguma associação com a comunidade de Qumrã. F. F. Bruce fala de modo favorável a essa idéia. Ele observa a residência de João no deserto da Judéia, seu ascetismo, seu ensino e sua prática do batismo – "Parece que a doutrina de Qumrã – mais do que o relato do Novo Testamento – concorda intimamente com o relato de Josefo sobre os ensinos do batismo de João".[41] Ele conclui: "João pode ter tido algum contato com a comunidade de Qumrã; ele pode até mesmo ter pertencido a ela durante algum tempo".[42]

A palavra-chave da pregação de João Batista era **Arrependei-vos** (2). Existe um pensamento muito superficial sobre o assunto do arrependimento. Normalmente, ele é definido como "sentir muito". Mas o verbo grego significa "mudar de idéia". O arrependimento é basicamente mental e moral, e não basicamente emocional. Ele envolve uma "mudança de idéia" com respeito ao pecado e à salvação. Ele significa renunciar ao pecado e comprometer-se com Cristo. Chamberlain afirma que "O arrependimento é a reorientação de uma personalidade, com referência a Deus e aos seus propósitos".[43] Com respeito ao significado exato aqui, Robinson escreve: "A palavra aramaica que João usava para 'ar-

repender' poderia ser literalmente traduzida como 'converter-se', 'dar meia volta e retornar'; não existe segurança no caminho que os homens estão percorrendo agora".[44]

Ao pregar o arrependimento, João estava fazendo eco às palavras dos profetas do Antigo Testamento. Em um sentido muito verdadeiro, ele foi o último dessa seqüência. Ele pertencia ao antigo regime, mas ficou no limiar do novo. Sem dúvida ele estava impregnado das antigas Escrituras. Quando dizia **arrependei-vos,** ele poderia muito bem estar pensando nas palavras de Isaías 1.16-17 – "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos e cessai de fazer mal. Aprendei a fazer o bem". Ou Isaías 55.7 – "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele". Ou, ainda, Jeremias 7.3-7 – "Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras... se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras... eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século".

Thayer diz que o substantivo *metanoia* quer dizer "especialmente a mudança de idéia daqueles que começaram a detestar os seus erros e más ações, e que estão determinados a empreender um caminho melhor na vida, para que ela compreenda tanto uma admissão do pecado e a tristeza que vem através dele, como uma correção sincera, cujos sinais e efeitos são as boas obras".[45]

Por que os ouvintes de João deveriam se arrepender? Porque **é chegado o Reino dos Céus.** A sua pregação não era apenas ética, mas escatológica. Barnes sugere que a frase seria melhor traduzida assim: "O reino de Deus se aproxima".[46] Havia uma forte nota de urgência na conclamação de João ao arrependimento. Era quase como se ele estivesse dizendo: "É agora ou nunca!" Os acontecimentos dos anos seguintes – que culminariam na destruição de Jerusalém em 70 d.C. – justificariam o seu olhar e o seu tom de voz. **Aqueles dias** provaram ser os "últimos dias", ou "os dias do Messias", abrangendo o período entre a Sua primeira vinda e a segunda (cf. At 2.17). Mas a maioria dos judeus não se deu conta disso e sofreu as conseqüências.

Somente Mateus usa a frase **o Reino dos céus** – literalmente "o reino celestial". Essa frase aparece 32 vezes neste Evangelho. Marcos e Lucas preferem "o reino de Deus". A razão para a mudança de terminologia de Mateus é a seguinte: "No período judaístico anterior à era cristã, quando um conceito transcendente de Deus começava a vigorar, passou a ocorrer o uso do termo céu como um sinônimo para Deus".[47] Mateus, não querendo ofender os seus leitores judeus, escreveu de acordo com este costume.

Quase todos os estudiosos concordam que no Novo Testamento o termo **reino** se refere aos limites do governo de alguém, e não apenas "campo". Arndt e Gingrich definem a palavra grega *basileia* como significando "reinado, poder real, governo, reino".[48] Eles a particularizam ainda mais da seguinte maneira: "Especialmente *o reino real* ou *reino de* Deus, é um conceito principalmente escatológico, que começou a aparecer com os profetas, foi aperfeiçoado nas passagens apocalípticas... e ensinado por Jesus".[49] Eles insistem (com toda a propriedade) que "o reino de Deus" e o "reino dos céus" significam basicamente a mesma coisa – e assim deve ser, pois eles são usados nas passagens paralelas de Lucas e Mateus – mas acrescentam: "O segundo termo pode também enfatizar a origem e a natureza celestial do reino".[50]

Morison se aprofunda um pouco mais neste último pensamento, escrevendo: "A sua origem está no céu; o seu fim está no céu; o seu Rei é celestial, os seus súditos, por toda

parte, são celestiais em caráter e em destino; as suas leis são celestiais; as suas instituições são celestiais; o seu próprio auge está no céu e é, na verdade, o céu; as suas instituições terrenas anseiam pela glória do céu".[51]

Em anos recentes tem havido muito material escrito sobre o assunto do reino de Deus. Alguns o identificam com a igreja, como Agostinho fez há mil e quinhentos anos. Outros, como Harnack, o tornam algo puramente subjetivo. Albert Schweitzer o imaginou em termos completamente escatológicos; isto é, como futuro. Por outro lado, C. H. Dodd o torna completamente presente, como uma "escatologia realizada".

George Ladd escreveu muitos livros úteis sobre o assunto. Em um deles, ele afirma que "O significado *primário* tanto da palavra hebraica *malkuth* no Antigo Testamento quanto da palavra grega *basileia* no Novo Testamento é a posição, a autoridade e a soberania exercidas por um rei".[52]

O Novo Testamento ensina que o reino é tanto presente quanto futuro, não apenas uma coisa ou a outra. Na sua extremamente valiosa investigação da história da interpretação do reino de Deus durante os últimos cem anos, o bispo Lundstrom diz: "Para Jesus, tanto o presente quanto o futuro Reino de Deus estão lado a lado".[53]

Para enfatizar o seu chamado ao arrependimento, João cita Isaías 40.3. Ele se identifica como sendo a **Voz do que clama no deserto** – o deserto do pecado e das necessidades espirituais do homem. Halford Luccock dá uma boa explicação quando fala da palavra **deserto,** utilizada por Isaías: "É uma descrição atualizada de grande parte de nosso mundo".[54] Quando João se descreve como sendo uma **voz**, isto está de acordo com o seu papel de arauto (cf. "pregando", v. 1). Ele não estava falando em seu próprio nome, mas em nome de Outro.

Como o precursor do Messias, a tarefa de João Batista era advertir os homens: **Preparai o caminho do Senhor**. Eles deveriam construir uma estrada real por onde o seu Rei pudesse vir. Alguns poucos ouviram e prestaram atenção. Mas os líderes da nação rejeitaram a convocação divina e condenaram o seu Messias à morte. **Endireitai as suas veredas** indica o significado do verdadeiro arrependimento. É quando uma pessoa endireita a sua vida.

O resultado foi a antecipação da era do Evangelho, na qual as pessoas são chamadas ao arrependimento individual, e a receberem a Cristo como o Salvador. O chamado de João era ao mesmo tempo nacional e individual. Hoje em dia, ele é basicamente individual.

O aparecimento de João Batista condiz com a sua missão e mensagem. Ele era um pregador pioneiro e rude. Assim, as suas roupas e os seus alimentos eram naturais e simples. A sua única roupa era de **pêlos de camelo** (4), uma roupa áspera usada pelos ascéticos e pelas carpideiras. O **cinto de couro** mantinha a roupa no lugar. Este item é mencionado na descrição de Elias, no Antigo Testamento (2 Rs 1.8). Jesus identificou João Batista como o Elias do Novo Testamento (Mt 17.10-13). Os dois homens eram muito parecidos em sua aparência, no seu temperamento e na sua missão.

O **alimento** de João – e esta palavra significa "comida" – consistia de **gafanhotos e mel silvestre**. Alguns tentaram identificar os primeiros com vagens de uma árvore e o último com a seiva doce que brota de algumas árvores. Mas provavelmente os dois termos devam ser interpretados literalmente. Os gafanhotos eram considerados como animais "limpos" na lei dos judeus (Lv 11.22), e hoje em dia são comidos pelos árabes. Na verdade, gafanhotos desidratados podem ser comprados nos supermercados dos

Estados Unidos. O termo **mel** provavelmente significa o "mel silvestre" (Mc 1.6) de abelhas, que era encontrado em abundância no deserto.

João Batista foi um mensageiro especial durante uma época especial. J. C. Jones o descreve como sendo "um homem rude nivelando montanhas e aterrando vales, com severidade nos olhos e veemência na voz".[55] Josefo, o historiador judeu do século I, diz que "João era um homem bom, que ordenava que os judeus exercessem a virtude e a justiça uns em relação aos outros, e a devoção em relação a Deus".[56]

João criou uma tremenda agitação. Lemos que "ia ter com ele" (o verbo no tempo imperfeito) **Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão** (5). O povo de Jerusalém (a uma altitude de cerca de 750 metros) tinha que descer mais de 1.100 metros até o rio Jordão, que está a quase 400 metros abaixo do nível do mar, onde deságua no Mar Morto. João pode ter batizado a cerca de oito quilômetros antes da sua foz. A ansiedade do povo em ouvir o profeta está evidenciada por sua disposição de enfrentar a longa e acidentada subida de volta pela estrada de Jericó.

João batizava somente aqueles que **confessavam os seus pecados** (6). O texto grego diz "expor". Este pregador exigia que os candidatos admitissem que eram pecadores e se expusessem como tais, antes de serem batizados.

2. *Sua Pregação* (3.7-10)

No judaísmo havia dois grupos principais, ou seitas, na época de Jesus. A primeira era a dos **fariseus** (7). O nome parece derivar da palavra hebraica *parash*, "aquele que está separado". O famoso estudioso britânico Matthew Black é favorável ao "significado de *perushim* como aqueles que, no seu meticuloso cumprimento da lei e em particular nas suas leis levíticas, 'se separavam' das impurezas e em especial dos impuros, do 'povo da região' (*'am ha'ares*)".[57]

A origem dos fariseus remonta ao cativeiro na Babilônia, quando os judeus já não tinham um templo onde adorar. Então eles foram se tornando "o povo do Livro". A lei de Moisés se tornou o centro da vida religiosa. O estudo e o ensino da Lei se tornaram a principal tarefa dos líderes religiosos (cf. Ne 8.1-8). Durante o período Macabeu, os Hasidim, ou "devotos", procuraram manter a pureza da religião judaica contra as invasões do helenismo pagão. Desse movimento de leigos "puritanos" surgiram os fariseus. Josefo diz que na época de Herodes, o Grande, eles chegaram a totalizar mais de seis mil pessoas.[58]

Os **saduceus** eram a segunda seita principal de judeus. Eles eram o grupo sacerdotal e aristocrático. Enquanto os fariseus ensinavam nas sinagogas por todas as partes, os saduceus mantinham o controle do templo de Jerusalém (cf. At 4.1; 5.17).

É comum pensar que a palavra deriva de Zadoque. Ele foi indicado sumo sacerdote por Salomão (1 Rs 2.35), em substituição a Abiatar, que tinha se unido à rebelião de Adonias (1 Rs 1.7). Assim, Zadoque se tornou o ancestral de uma sucessão de sacerdotes em Jerusalém. Na visão que Ezequiel teve do novo templo são "os filhos de Zadoque" que podem "se chegar" ao Senhor para o servir (Ez 40.46).

Rejeitando teorias de uma origem anterior, Sundberg diz que "é mais provável que os saduceus tenham surgido como um grupo resultante da rebelião dos macabeus".[59] A primeira menção a eles aparece na época de João Hircano (135-104 a.C.). Josefo escreve: "Havia um Jônatas, um grande amigo de Hircano, mas da seita dos saduceus, cujas noções eram bastante contrárias àquelas dos fariseus".[60] O contraste que Josefo traça

entre as crenças dessas duas seitas[61] está em perfeito acordo com o que se afirma no Novo Testamento.[62]

É importante notar que enquanto os **fariseus** são mencionados 100 vezes no Novo Testamento,[63] a palavra **saduceus** aparece apenas 14 vezes.[64] Josefo afirma que os fariseus eram muito mais populares entre o povo.[65] Após a destruição final do Templo de Jerusalém em 70 d.C., os saduceus desapareceram da história. O judaísmo que sobreviveu foi o dos fariseus.

João Batista tinha severas palavras de advertência para os fariseus e os saduceus que vinham ao seu batismo. Ele os chamava de **raça de víboras**. Isso parece uma linguagem áspera. Mas na verdade era uma análise de caráter. Morison expressa muito bem as implicações através das seguintes palavras:

> Ele enxergava o interior deles de uma maneira impossível para os homens comuns, e lia o que estava no âmago dos seus corações. Ele via o elemento rastejante que perfura até o pó. Ele via o elemento moralmente insidioso. Havia veneno que eles não tinham escrúpulos de ejetar e injetar de vez em quando... ele via que existia neles um elemento de verdadeira antipatia para com o genuíno senso de humanidade.[66]

A imagem de víboras fugindo da **ira futura** (cf. 1 Ts 1.10) encontra um exemplo vívido nesta descrição: "como um fogo do deserto onde a grama dourada e os espinhos nas regiões mais férteis irão arder por quilômetros, e os répteis impuros irão rastejar para fora das suas tocas ante o seu calor".[67]

Esses orgulhosos sectários recebem a ordem: **Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento** (8) – "Façam coisas que mostrem que vocês se arrependeram dos seus pecados" (NTLH). O verdadeiro arrependimento sempre se manifesta na mudança do modo de vida.

João podia sentir a reação dos seus ouvintes: **Temos por pai a Abraão** (9). Não precisamos nos arrepender. Somos os filhos de Abraão e desta forma somos o povo eleito de Deus. São os gentios e os pecadores que precisam de arrependimento. A resposta de João deu vida curta a este falso álibi. Ele declarou que Deus podia fazer filhos de Abraão das pedras que estavam na margem do rio.[68] Ou seja, a descendência física, de que eles se orgulhavam, não significava nada perante os olhos de Deus. Tudo estava no nível material, como as pedras. O que Deus exige é o caráter moral. Jesus repudiava o raciocínio materialista dos líderes judeus nesse assunto (Jo 8.33-39). Paulo declara que aqueles que têm fé são "filhos de Abraão" e serão abençoados com o "crente Abraão" (Gl 3.7,9; veja também v. 29; Rm 4.11).

A afirmação de que **está posto o machado à raiz das árvores** (10) pode ser facilmente interpretada como significando que o machado já está atingindo as árvores junto às suas raízes. Mas a versão grega diz: "O machado repousa [*keitai*] junto à raiz das árvores".[69] A idéia é a do julgamento que está prestes a ocorrer. A qualquer momento o lenhador pode apanhar o machado e brandi-lo. Cada árvore que não estiver produzindo fruto é cortada e lançada ao fogo. Jesus proferiu as mesmas palavras mais tarde (7.19). O fogo, afirma Johnson, é aquele "do Geena: 'O fogo' no apocalipse judaico freqüentemente descreve o julgamento final".[70]

3. *Dois Batismos* (3.11-12)

Agora João se refere mais especificamente ao seu papel como o precursor do Messias: **Aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias** (11). Lucas (3.16) diz: "A quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias". Caracteristicamente, a imagem de Marcos é ainda mais vívida: "do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias" (1.7). Atar e desatar as "correias" das "sandálias" do Mestre e carregá-las para ele – estas eram as tarefas humildes do escravo mais humilde. Porém João não se sentia digno de fazer sequer essas coisas para o Messias. "Ligthfoot (em *Maimônidas*) mostra que esse era o sinal de um escravo tornando-se a propriedade do seu amo, *desatar* seu calçado, *atar* o mesmo, ou *levar* os artigos necessários para ele no banho".[71] Assim, as palavras que aparecem nos três relatos são todas apropriadas.

Então vem a afirmação mais significativa da pregação de João Batista. Enquanto ele batizava **com água** (ou "na" água), Aquele que viria batizaria **com o Espírito Santo e com fogo**. Outras religiões batizam com água. Porém o batismo que distingue o cristianismo é o batismo com o Espírito Santo. À luz dessa afirmação de João, é difícil justificar o silêncio de grande parte das igrejas com respeito ao batismo com o Espírito Santo.

Mateus e Lucas, neste pondo, acrescentam ao relato de Marcos: **e com fogo**. Muitos estudiosos interpretaram isso, com forte base nos versículos 10 e 12, como uma referência ao fogo do julgamento final dos pecadores. Mas isso também significa o fogo do Espírito Santo, consumindo a natureza carnal. Alford fala da predição aqui: "Isso foi literalmente cumprido no dia de Pentecostes".[72] De maneira similar, Micklem afirma: "Ao acrescentar 'e com fogo' se indica a purificação como a essência do batismo do Messias".[73] Ele chama a atenção para a descrição da vinda de Cristo em Malaquias 3.2 – "Ele será como o fogo do ourives".

Brown também discorda da referência ao julgamento, afirmando: "Considerar isso como um batismo diferente daquele do Espírito – um batismo dos impenitentes com o fogo do inferno – é excessivamente não natural".[74] Ele prossegue dizendo que "está claro que... não é nada além do caráter de *fogo* da operação do espírito sobre a alma – procurar, consumir, refinar, sublimar – como quase todos os bons intérpretes entendem essas palavras".[75]

G. Campbell Morgan faz eco a essas palavras. Ele parafraseia as palavras do Batismo da seguinte maneira: "Ele irá dominar você com o fogo dominador do Espírito Santo, que queima e expulsa o pecado da vida da pessoa, e a recria".[76]

Particularmente intrigantes são os comentários do falecido Bispo Ryle, da igreja da Inglaterra. Ele escreve:

> Nós precisamos ouvir que o perdão dos pecados não é a única coisa necessária para a salvação. Ainda falta uma coisa; e essa é o batismo dos nossos corações pelo Espírito Santo... que nunca descansemos até que aprendamos algumas coisas pela experiência do batismo no Espírito. O batismo com água é um grande privilégio. Mas que possamos ver que também temos o batismo do Espírito Santo.[77]

Há pelo menos três coisas que o fogo pode fazer: 1) ele aquece; 2) ele ilumina; 3) ele purifica. Assim, o Espírito Santo traz ao coração humano que o recebe calor, luz e purificação de todos os pecados.

Airhart observa que essa grande mensagem de João a respeito de Jesus está relacionada com a doutrina cristã do batismo com o Espírito Santo: 1) por Jesus no Seu mandamento aos discípulos (At 1.4-5); 2) por Pedro, quando interpreta o significado do Pentecostes concedido aos gentios (At 11.15-16). Ele também observa que a promessa de **recolher no celeiro o seu trigo** (12) sugere os valores positivos do batismo com o Espírito Santo. Ele escreve: "somente os resíduos são queimados, e isso somente para que o trigo – os valores genuínos da personalidade – possa ser armazenado e colocado em uso. Existe um potencial nas nossas personalidades que somente Deus pode distinguir. Existem possibilidades de graça, talentos adormecidos, tesouros enterrados dentro da vida dos crentes, mas amplamente inúteis porque ainda estão encerrados nos resíduos de uma natureza não santificada. O batismo com o Espírito Santo irá fornecer as bases para o desempenho e a concretização dos potenciais da personalidade conhecidos pelo Espírito, e que de outro modo estariam perdidos para sempre".[78]

O Messias tem na sua mão uma **pá** (12) – ou melhor, "uma espécie de garfo separador" ou "crivo" (somente aqui e em Lucas 3.17). O autor viu um homem no topo de uma colina de Samaria atirar o trigo para o alto com um garfo desse tipo. O vento levou o resíduo para longe e os grãos bons ficaram depositados no solo.

João declarou que Cristo **queimará a palha com fogo que nunca se apagará.** O verbo composto em grego, que significa "purificar completamente", só é encontrado aqui no Novo Testamento. A **palha** representa o local de separação do trigo dos resíduos, como o que se encontrava perto de cada vilarejo. Normalmente ficava situado em um lugar mais elevado, para aproveitar a brisa que sopra do Mediterrâneo. "Era curvado para cima nas extremidades e pavimentado com pedras ou com a lama batida que endureceu com o passar dos séculos."[79] O trigo ou a cevada recém-colhida são empilhados ali em uma profundidade de aproximadamente cinqüenta centímetros. Então um par de bois, conduzidos por uma mulher ou por uma criança, passam um debulhador sobre estes cereais. O debulhador, com cerca de 1,20 metros de comprimento e 80 centímetros de largura tem peças dentadas de pedra ou de metal atadas ao seu fundo. Essas peças dentadas separam os grãos, ao mesmo tempo em que as patas dos bois ajudam a esmagá-los. Ainda se pode ver esses debulhadores na Palestina, às vezes com dois pares de bois trabalhando em um terreno.

Depois que os grãos são separados, o trigo é armazenado no **celeiro** – "armazém" ou "silo" – e o resíduo é queimado com **fogo que nunca se apaga.** A palavra grega para algo que "nunca se apaga" é *asbestos*.

E. O Batismo de Jesus, 3.13-17

Jesus veio da **Galiléia** (13) – especificamente da sua cidade de Nazaré – ao rio Jordão, onde João estava batizando. Quando Ele se apresentou como um candidato, **João se opôs** (14). A palavra grega, que só aparece aqui, significa "impedir, tentar evitar" (Moffatt). João sentia que era ele quem necessitava ser batizado por Jesus, e não o contrário.

Jesus respondeu: **Deixa por agora** (15) – "Permita-me agora" (Berkeley). A razão que Ele deu foi: **Porque assim nos convém cumprir toda a justiça** – "para que

possamos cumprir todos os deveres religiosos" (Weymouth). O protesto de João e a resposta de Jesus só são encontrados no texto de Mateus.

Por que Jesus foi batizado? Esta pergunta tem atormentado muitas mentes. Por que Aquele que "não cometeu pecado" (1 Pe 2.22) se oferece ao batismo? João fazia todos os candidatos confessarem os seus pecados. Mas Jesus não tinha pecados para confessar. Por que, então, Ele se submeteu ao batismo?

G. Campbell Morgan dá a seguinte resposta: "Quando Jesus deixou o que na sua vida era preparatório e começou o verdadeiro trabalho do ministério, Ele se dedicou ao tema definitivo de Sua obra, ou seja, uma identificação com os homens até mesmo na morte". Mais especificamente, ele acrescenta: "O Seu batismo foi um ato pelo qual Ele concordou em assumir o seu lugar entre os pecadores".[80]

A identificação com a humanidade – esta é a chave que abre a porta desse mistério. Este é o verdadeiro significado da Encarnação. Mais do que vir em um corpo físico, era entrar na raça humana. Freqüentemente, no Antigo Testamento, Deus entrou na história humana de uma maneira milagrosa. Mas agora Ele entra na própria humanidade. A Encarnação é o maior de todos os milagres. O batismo de Cristo foi um prelúdio da cruz. Ele cumpriu "toda a justiça" para que pudesse ser um sacrifício perfeito. Como Aquele que não tinha pecado pôde se identificar com a humanidade pecadora? Esse é um paradoxo que sempre representará um mistério, mas que está completamente relacionado com a sua morte redentora no Calvário. Dietrich explica da seguinte maneira: "Somente mais tarde o profundo significado desse ato pôde ser compreendido – por esse ato Jesus se identificou com aqueles que formavam o seu povo, assumiu a culpa *deles* e recebeu *com eles* e *por eles* o batismo do arrependimento".[81]

Sadler diz que o Batismo foi, depois da morte de Jesus, "o maior exemplo da Sua submissão à vontade do Seu Pai". Como? "Porque através do batismo Ele se submeteu, conscientemente, a estar computado entre os pecadores, como se Ele mesmo fosse um pecador, e a receber o sinal exterior da purificação daquela coisa má e aviltante na qual Ele não tinha qualquer parte."[82]

Depois de ser batizado (particípio passivo aoristo), Jesus **saiu logo da água** (16). O texto grego diz *apo* – "da" água. No entanto, Marcos (1.10) diz *ek*, "para fora". Nenhum deles é uma prova conclusiva a favor ou contra a imersão. O modo não está indicado e não podemos ir além do que está escrito.

Os fatores centrais na cena do batismo foram uma visão e uma voz. A visão foi a do **Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele** (16). A voz declarou: **Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo** (17). Erdman comenta: "O primeiro foi uma indicação simbólica do poder divino pelo qual o seu ministério deveria ser realizado, e o último foi uma confirmação de que Ele era o Messias, o próprio Cristo de Deus".[83]

A expressão **viu** (v. 16; Mc 1.10) parece sugerir que a visão da pomba só foi contemplada por Jesus. Mas Lucas diz que "o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba" (Lc 3.22). Também o Evangelho de João (1.32-34) indica que o Espírito descendo como uma pomba era o sinal combinado previamente com João, de que este era realmente o Messias. Entretanto, em nenhum lugar se afirma que a pomba foi vista pela multidão que os rodeava. A pomba era um símbolo apropriado da amabilidade do Espírito.

A voz do céu expressou a aprovação do Pai quanto à obediência do Filho. Um significado do termo **amado** é "único". Assim, o Pai, de duas maneiras e com força dobrada, declarou o papel singular de Jesus como o Seu único Filho, e Servo obediente. Cristo já estava trabalhando como o Servo do Senhor descrito em Isaías. A obediência à vontade do Seu Pai, que Ele manifestou publicamente pela primeira vez em Seu batismo, encontrou o seu ponto culminante na cruz. O Calvário foi o clímax do seu ministério como o Servo Sofredor.

Mateus faz da mensagem do céu uma proclamação pública: **este é o meu Filho amado,** ao passo que Marcos (1.11) e Lucas (3.22) apresentam a frase mais direta e mais pessoal: "Tu és meu Filho amado". Mas Lucas e João indicam claramente que a forma da pomba foi vista pelo menos por João Batista (veja acima). Assim, existe um amplo testemunho para o fato de que esta não foi uma experiência meramente subjetiva e desfrutada apenas por Jesus.

Com respeito à última frase, **em quem me comprazo**, Meyer escreve: "O *aoristo* denota: *em quem eu tenho bom prazer*, que se tornou o objeto do meu bom prazer".[84] Lange explica do seguinte modo: "O verbo está na forma aoristo para significar o eterno ato de contemplação amorosa que o Pai tem para com o Filho".[85]

Uma das características significativas do Batismo é a de que nós temos aqui, pela primeira vez na Bíblia, uma indicação clara e completa da Trindade. Quando Jesus saiu da água, o Espírito Santo desceu sobre Ele e, ao mesmo tempo, uma voz do céu declarou: **Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.** Assim, nós entramos no Novo Testamento com uma revelação explícita de que Deus existe como Pai, Filho e Espírito Santo.

F. A Tentação de Jesus, 4.1-11

O Batismo foi um acontecimento público glorioso. Mas imediatamente após ele veio uma dura experiência privada. "Grandes bênçãos normalmente são seguidas por grandes tentações."[86] E ainda é verdade que "é necessária uma grande tentação, assim como uma grande graça, para se produzir um grande pregador".[87]

Por que Jesus foi tentado? A Epístola aos Hebreus é aquela que responde mais profundamente a essa pergunta do que qualquer outra parte das Escrituras. Lemos a respeito de Cristo: "Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (Hb 2.17-18).

A última sentença declara uma verdade muito reveladora: Ele "sendo tentado, padeceu". Isto não foi fingimento. Isto foi um estado de guerra, difícil e severo. As tentações de Jesus eram tão reais para Ele quanto as nossas são para nós – e igualmente angustiantes. Alguns diriam que, como Cristo era o Filho de Deus, Ele sabia que não iria fraquejar, não se entregaria. Mas isso faria das Suas tentações uma farsa vazia e negaria a afirmação clara da epístola aos Hebreus. Se Ele foi "de todas as maneiras tentado como nós somos", deve ter sofrido o mesmo tormento e a mesma tortura *na Sua própria consciência* que nós sofremos quando somos fortemente tentados. É verdade que, como o Filho de

Deus, Ele era onisciente. Mas há muitas indicações nos Evangelhos de que Jesus limitava o seu conhecimento na Sua verdadeira consciência. Isto fazia parte da encarnação, de tornar-se como nós. Foi parte do preço que Ele teve que pagar para ser ao mesmo tempo o nosso Sumo Sacerdote e o nosso Sacrifício pelos pecados.

Jesus foi **conduzido** (1) do vale do rio Jordão (300 metros abaixo do nível do mar) até às alturas do solitário deserto da Judéia. Os três sinóticos afirmam que Ele foi levado **pelo Espírito** ao deserto. Por um mandamento divino Ele foi para lá. Quando as coisas vão mal ou sofremos alguma severa tentação, é fácil pensar que podemos estar fora da vontade do Senhor. Mas quando Jesus estava sendo tentado, Ele estava no centro da vontade de Deus para a sua vida.

Foi **ao deserto** que Ele foi levado. O contraste entre este lugar e o cenário da tentação de Adão e Eva é chocante. Eles estavam em um bonito paraíso, no Jardim do Éden. Ele estava no deserto desolado. Eles tinham tudo o que alguém poderia desejar para comer. Ele estava faminto. Eles tinham um ao outro. Ele estava sozinho. Apesar disso, eles fracassaram, ao passo que Ele triunfou.

Uma das descrições mais explícitas da Tentação está na obra de Milton, *Paradise Regained* (Paraíso Reconquistado). Milton retrata Satanás aproximando-se de Cristo na forma de um homem velho. Parece mais provável que as tentações específicas descritas aqui fossem sugestões mentais, como elas normalmente são para nós hoje em dia. No entanto, Broadus pensa de maneira diferente. Ele diz: "Durante os quarenta dias (Lc 4.2), e em outras ocasiões, o nosso Senhor sem dúvida foi tentado pela sugestão na sua mente, como acontece conosco; mas nas três tentações aqui descritas, parece estar claramente declarado que Satanás apareceu em uma forma corpórea e com palavras verdadeiramente pronunciadas, e isto torna a cena adequada para uma descrição distinta e impressionante".[88] Mas parece provável que Satanás tenha levado Jesus corporeamente até o pináculo do templo? O argumento conclusivo contra esse ponto de vista é o de que não existe na terra uma montanha de onde alguém possa ver todos os reinos do mundo (8).

O propósito divino pelo qual Cristo foi levado até o deserto foi o de que Ele pudesse ser **tentado**. A palavra grega é *peirazo*. Na literatura grega antiga (Homero) ela é usada com o sentido de "pôr à prova". O seu significado principal é "testar, pôr à prova, provar".[89] Arndt e Gingrich dizem que ela significa *"tentar, fazer um teste com, colocar em teste* para descobrir que tipo de pessoa alguém é".[90] O Pai estava permitindo que o Seu Filho fosse posto à prova antes de começar o Seu trabalho público, como um metal que deve ser testado antes de poder ser usado com confiança em uma posição crucial. Mas, a partir do ponto de vista de Satanás, Jesus estava sendo **tentado**, seduzido ao pecado, na esperança de que Ele fracassasse. Isso também está indicado pela palavra "tentador" (*peirazon*) no versículo 3.

Cristo foi tentado **pelo diabo**. Marcos nunca usa essa palavra; ao invés disso, ele usa "Satanás" (Mc 1.13). Essa última palavra, que significa "adversário", vem diretamente do hebraico para o grego e para o português. A palavra grega *diabolos* significa "caluniador" ou "falso acusador" e tornou-se *diable* em francês e **diabo** em português. As duas palavras são usadas como sinônimos no Novo Testamento.

Negar o diabo de forma pessoal, significa tranqüilizar-se com um falso sentimento de segurança. Nos últimos anos temos percebido, cada vez mais, que não é possível expli-

car a influência insidiosa do mal no nosso mundo sem postular a existência de um agente pessoal por trás das várias ocorrências.

Jesus jejuou **quarenta dias e quarenta noites** (2), como fizeram Moisés no Monte Sinai (Êx 34.28) e Elias no deserto (1 Rs 19.8). O número quarenta normalmente indica um período de teste. Foi isso o que ele representou para Jesus. E Jesus não falhou no teste.

No final dos quarenta dias, Ele **teve fome**. Aparentemente Jesus estava tão absorvido nos conflitos espirituais e na contemplação que não sentiu fome até o final desse período. Então surgiu nele um intenso desejo de comer.

Marcos faz apenas uma pequena afirmação resumida da Tentação, sem detalhar os três ataques específicos de Satanás. Mateus e Lucas dão os três, mas em ordens diferentes (veja os comentários sobre Lucas 4.1-13). M'Neile sugere que Lucas adota uma "seqüência geográfica", com a mudança do deserto para a cidade, por último, ao passo que "Mateus organiza um clímax psicológico: a primeira tentação é duvidar da verdade da revelação recém-recebida; a segunda é testá-la; e a terceira é agarrar de forma prematura a posição de Messias que ela envolve".[91]

A dúvida é uma das armas favoritas do diabo. A primeira coisa que ele disse a Jesus foi: **Se tu és o Filho de Deus** (3).[92] Ele se aproximou de Eva de uma maneira similar: "É assim que Deus disse...?" (Gn 3.1). Depois o diabo apelou para a fome de Jesus: **manda que estas pedras se tornem em pães**. Como diz Maclaren: "Satanás usou a mesma isca diante do primeiro Adão. Esta funcionou tão bem naquela ocasião, que ele se considerou esperto por trazê-la à baila uma vez mais".[93] Intrinsecamente, não haveria nada de errado em Jesus realizar um milagre para obter a comida de que necessitava. Mas obedecer Satanás é pecado. Além disso, Cristo tinha vindo para compartilhar a nossa humanidade conosco. Ele se recusava a usar qualquer poder que não estivesse disponível para nós. Ele não faria nada que pudesse representar uma negação da Sua encarnação. G. Campbell Morgan explica isso assim: "O inimigo pediu que Ele fizesse uma coisa certa de uma maneira errada, para satisfazer um apetite legítimo de uma maneira ilegal, para fazer uso dos privilégios do Filho violando as suas responsabilidades".[94]

A primeira coisa que Jesus disse em resposta foi, **está escrito** (4). A expressão está em um tempo perfeito em grego, o que indica a ação terminada e também o estado resultante como ainda continuando. O significado completo é: "Foi escrito e ainda permanece escrito". Isso enfatiza a eternidade e a imutabilidade da Palavra de Deus.

Jesus encontrou e derrotou o diabo com a mesma arma que nós temos à nossa disposição: "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.17). Nas três vezes Ele fez citações do livro de Deuteronômio. A primeira citação foi: **O homem não viverá só de pão, mas que de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem** (Dt 8.3). Jesus vivia pela Palavra de Deus, não pelos caprichos do Seu próprio apetite. Nisto, Ele dá um exemplo para todos os Seus seguidores.

Na segunda tentação, o diabo levou Jesus até **a cidade Santa** (5). No Novo Testamento, esta designação para Jerusalém só é encontrada em Mateus e no livro do Apocalipse. Ela ocorre cinco vezes no Antigo Testamento. O diabo colocou Cristo **sobre o pináculo do templo**, o lugar mais alto da cidade santa. Morgan destaca com propriedade: "A escolha do lugar é a principal prova da astúcia do adversário".[95]

Nesse cenário, consagrado por associações sagradas, provavelmente com uma multidão esperando embaixo, Satanás faz uma abordagem completamente diferente. Desta vez ele apela para a confiança total de Jesus em Deus Pai. Antes, a tentação estava no plano físico. Desta vez está em um plano espiritual: **Se tu és o Filho de Deus** (ou "Já que você é o Filho de Deus"), **lança-te daqui abaixo** (6). Tão sagrado era o cenário, que o próprio diabo se sentiu incentivado a citar as Escrituras. Ele tentou citar Salmos 91.11-12. Mas omitiu uma frase importante: "em todos os teus caminhos". Os caminhos de Cristo são os caminhos de Deus. Se Ele se afastasse da vontade divina não poderia mais reivindicar a proteção divina. Isso é verdadeiro hoje em dia para nós.

Os judeus daquele templo esperavam que o seu Messias aparecesse repentinamente, espetacularmente, no Templo. Aqui estava a oportunidade de Jesus ganhar a aclamação de toda a nação como o seu Messias. Mas Ele resistiu a esta tentação do sensacionalismo. Ao invés disso, Ele iria seguir o caminho simples da humilde obediência ao Seu Pai.

Jesus brandiu a Sua Espada outra vez – a Palavra de Deus. Dessa vez Ele disse: **Não tentarás o Senhor, teu Deus** (7). O comportamento temerário evidencia não a fé, mas a presunção.

O cenário da terceira tentação foi também diferente: **um monte muito alto** (8). Aqui o diabo fez a sua aposta mais alta. Depois de dar a Cristo uma visão de **todos os reinos do mundo e da glória deles,** fez esta surpreendente proposta: **Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares** (9). Que tentação era esta – a de ganhar o mundo inteiro sem ir até a cruz! A essência da tentação foi a de tentar atingir os objetivos aprovados por Deus, usando as estratégias de Satanás. Jesus rejeitou também esta proposta aparentemente plausível.

Ele disse a Satanás que se retirasse. Uma vez mais Jesus citou a Palavra: **Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás** (10). (Veja Dt 6.13.) Aqui está a primeira e mais alta obrigação do homem.

Satanás tentou Jesus em três planos: 1) o físico – alimento; 2) o intelectual – fazer alguma coisa sensacional; 3) o espiritual – **adore-me**. O diabo ainda tenta os homens nesses três planos.

Em obediência à ordem de Cristo, o diabo se retirou. Então **chegaram os anjos e o serviram** (11). Eles provavelmente lhe trouxeram comida (cf. 1 Rs 19.5-7) e também lhe ministraram espiritualmente, regozijando-se com Ele na vitória que havia alcançado.

G. Os Primeiros Tempos na Galiléia, 4.12-25

1. *A Primeira Pregação* (4.12-17)

A prisão de João Batista é o ponto de partida cronológico do grande ministério de Jesus na Galiléia, como indicado nos dois primeiros Evangelhos (cf. Mc 1.14). Quando Jesus soube que **João estava preso, voltou para a Galiléia** (12), isto é, Ele voltou do deserto da Judéia, mais ao sul, para a sua casa. Com João na prisão, era chegada a hora de Jesus começar o seu ministério público. E Ele estava preparado para isso – já havia passado por Seu batismo e por suas tentações.

Mas Ele não ficou em sua cidade, Nazaré. Ao invés disso, Ele **foi habitar em Cafarnaum** (13), cerca de trinta quilômetros na costa norte do lago da Galiléia. A esco-

lha desse lugar como sua base foi sábia. Nazaré era uma cidade pequena e obscura nas montanhas. O seu povo era tacanho e não receberia o seu ministério, como sabemos, com base na maneira como Ele foi tratado quando visitou a sua cidade (Lc 4.16-30). Nesse ambiente provinciano, Ele sofreu uma forte oposição.

Por outro lado, **Cafarnaum** era uma cidade agitada, repleta de atividades comerciais. Aqui as multidões seriam mais abertas e receptivas. Muitos poderiam estar indo e vindo, e desta forma o evangelho seria difundido. Pelo fato de a cidade estar situada na principal estrada para Damasco ao norte até o Egito no sul, esta era uma localização estratégica.

Novamente (14) aparece a fórmula de se apresentar uma citação do Antigo Testamento – **para que se cumprisse o que foi dito** (14; cf. 1.22; 2.15,23). Esta citação é de Isaías 9.1-2. Mateus faz quinze citações deste príncipe dos profetas do Antigo Testamento. Por causa das suas muitas passagens messiânicas, o livro algumas vezes foi chamado de "O Evangelho Segundo Isaías".

Zebulom e **Naftali** (15) eram os dois territórios tribais que abrangiam a Galiléia. Zebulom ficava na parte ocidental, na direção do Mediterrâneo, enquanto Naftali ficava mais para o leste, perto do lago da Galiléia. O **caminho do mar** significa a importante estrada do Egito até Damasco, pela qual as caravanas dos comerciantes passaram durante muitos séculos.

Essa região era chamada **Galiléia das Nações,** ou Galiléia dos gentios, porque ela tinha uma população gentílica maior do que a Judéia. A razão para isso remonta aos dias de Isaías. Quando os assírios começaram a invadir a Palestina, eles naturalmente tomaram os territórios mais afastados em primeiro lugar. Em 2 Reis 15.29 está escrito: "Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser, rei da Assíria, e tomou a Ijom... a Gileade, e à Galiléia, e à toda a terra de Naftali, e os levou para a Assíria". No lugar dos habitantes nativos ele colocou povos dos países do leste (2 Rs 17.24). Assim, a população de Samaria, e em um grau menor a da Galiléia, tornou-se uma mistura de judeus e gentios. Também é verdade que muitos cananeus tinham permanecido na região mais tarde conhecida como Galiléia, que assim teve mais gentios durante o período dos juízes e dos reis (cf. Jz 1.30-33; 4.2).

Mas Isaías tinha predito que nessa região haveria uma **grande luz** (16). Mateus destaca o início do ministério de Jesus na Galiléia como o cumprimento dessa profecia.

Quando Jesus começou a **pregar** (17) – a mesma palavra, "arauto, proclamar", como usada a respeito de João Batista (3.1) – Ele adotou o mesmo texto do seu predecessor: **Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus**. A última frase, **é chegado**, significa literalmente "está próximo". Como alguém disse, "Jesus é Deus, trazido para perto". Nele os judeus eram confrontados com o reino de Deus, um reino que se recusaram a aceitar.

2. *Os Primeiros Discípulos* (4.18-22)

Quando Jesus estava **andando junto ao mar da Galiléia** (18), Ele viu dois irmãos que pescavam. Um deles era **Simão**. Este é um nome muito comum entre os judeus da época de Jesus, talvez em parte por causa do Simão que foi um grande herói na revolta dos Macabeus do século II a.C. Há nove pessoas diferentes chamadas Simão no Novo Testamento. Jesus deu a este o sobrenome **Pedro**, que é a palavra grega para "pedra" (*petros*).

André é principalmente conhecido como o **irmão** de Pedro, e assim é identificado aqui. Mas foi ele que primeiro levou o seu irmão a um contato com Cristo (Jo 1.40-42). André foi quem avisou que um menino tinha um almoço, com o qual cinco mil pessoas foram alimentadas (Jo 6.8-9). Assim como Barnabé é ofuscado por Paulo, André parece escondido à sombra de Pedro. Mas ele teve o seu próprio papel e executou-o de forma fiel e eficiente.

Os dois irmãos estavam **lançando as redes ao mar**. Isto era feito nas águas rasas perto da praia. Para esse propósito se usava um tipo especial de rede. Ela tinha pesos para que pudesse chegar ao fundo e encerrar um cardume de peixes. O mesmo tipo de rede ainda é usado nas fontes de água morna na praia do lago da Galiléia, ao sul de Cafarnaum.

Jesus dirigiu-se a esses dois pescadores com uma ordem e uma promessa: **Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens** (19). Ele tinha uma convocação mais elevada e uma tarefa maior para eles. O negócio mais importante do mundo é ganhar almas. Pedro e André foram privilegiados por serem os dois primeiros que Jesus convidou para acompanhá-lo em seu trabalho.

Este versículo sugere o tema: "A convocação mais elevada", que pode ser resumida assim: 1) o chamado divino – **vinde após mim**; 2) a preocupação divina – **eu vos farei**; 3) a missão divina – **pescadores de homens**.

Não houve hesitação por parte daqueles que ouviram o chamado. Eles, **deixando logo** ("imediatamente") **as suas redes, seguiram-no** (20). Estes pescadores reconheceram que era a voz do Mestre que lhes falava, e obedeceram.

Um pouco mais adiante, Jesus viu um barco de pescadores perto da praia. Nele estavam **Zebedeu** e seus dois filhos, **Tiago** e **João** (21). Eles estavam **consertando as redes**, preparando-se para outra noite de pescaria. Jesus também os **chamou** para segui-lo. Da mesma maneira que aconteceu com os outros dois, **imediatamente** – a palavra grega que também significa "logo" (v. 20) – **Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no** (22). A repetição dessas duas palavras enfatiza o fato de que se alguém vai seguir Jesus em período integral, deve deixar a sua ocupação anterior.

É um fato intrigante que Cristo tenha chamado quatro pescadores como os seus primeiros discípulos. Ele ainda chama homens de todos os setores da sociedade para pregar o Seu Evangelho. Ele precisa de homens firmes e corajosos, que aprenderam a enfrentar as dificuldades com paciência e perseverança.

Estes quatro homens são sempre citados em primeiro lugar nas listas dos doze apóstolos (Mt 10.2-4; Mc 3.16-20; Lc 6.14-16; At 1.13). Três deles (Pedro, Tiago e João) parecem ter sido particularmente íntimos de Jesus. Nós os vemos com Ele quando ressuscitou a filha de Jairo, no Monte da Transfiguração, e no Getsêmani. Dois deles, Pedro e João, estão fortemente associados nos capítulos iniciais de Atos (por exemplo, 3.1; 8.14). Pedro foi o principal porta-voz do círculo apostólico, tanto nos Evangelhos quanto em Atos. Foi ele que proferiu o Sermão do Dia de Pentecostes (At 2). Tiago era evidentemente um líder reconhecido no grupo, porque ele se tornou o primeiro mártir entre os apóstolos (At 12.2).

3. *As Primeiras Multidões* (4.23-25)

Este parágrafo abrange uma afirmação muito breve de um percurso pela **Galiléia** (23) que Jesus fez logo depois de alistar os seus primeiros quatro assistentes. O seu ministério tinha três funções definidas: **ensinar... pregar... curar**.

O ensino ocorria, em primeiro lugar, nas **sinagogas**. Estes eram os lugares de adoração nas cidades e nos povoados. Elas também funcionavam como escolas, onde os meninos judeus podiam memorizar as Escrituras. Os tribunais locais estavam ligados às sinagogas, assim elas formavam o centro da vida na comunidade. George A. Buttrick diz: "A sinagoga era ao mesmo tempo uma escola, um conselho local e uma igreja".[96]

Nem o Antigo Testamento nem os textos apócrifos nos contam qualquer coisa sobre a origem da sinagoga. Mas as razões para o seu surgimento parecem bastante óbvias. Quando o Templo em Jerusalém foi destruído em 586 a.C., os judeus ficaram sem um lugar para adoração. No cativeiro eles se reuniam naturalmente para orar. A palavra grega *synagoge* quer dizer "uma reunião". O mesmo aconteceu com a palavra "igreja", que foi usada primeiramente para a congregação, e posteriormente para o edifício onde ela se reunia.

Jesus pregava **o Evangelho do Reino**. Estas eram as boas-novas de que o reino de Deus estava sendo oferecido aos homens na pessoa de Cristo, o Messias. Além disso, Ele estava curando **todas as enfermidades e moléstias entre o povo**. Não havia limites para o seu poder. Nenhum caso era difícil demais para Ele. Ele era o grande Médico do corpo, assim como da alma.

A sua **fama** correu (24). A expressão **Toda a Síria** incluía a Palestina, assim como o território ao norte dela incluía os atuais países da Síria e do Líbano. Como um resultado dessa publicidade, os doentes eram trazidos até Ele vindos de todas as partes. Eles são descritos como aqueles que **padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos**. A palavra **tormentos,** que pode ser traduzida como *torturas,* enfatiza a dor e o sofrimento causado pelas doenças. Entre aqueles que vinham estavam os **endemoninhados** (aqueles que eram possuídos por demônios – a palavra em grego é *daimonizomenous*, "endemoninhados"). **Os lunáticos**, da mesma maneira, correspondem a uma palavra, *seleniazomenous,* que literalmente significa "afetado pela lua". A palavra era usada com referência a epilépticos que supostamente tinham sido influenciados pela lua. **Os paralíticos** são simplesmente *paralytikous*. Diz-se que ele **os curava** de todos esses casos difíceis. O verbo é *therapeuo*, de onde vieram palavras como "terapia" e "terapeuta".

A popularidade de Jesus é ressaltada pelo fato de que Ele atraía **uma grande multidão** (25) – literalmente "grandes multidões" – de todos os territórios vizinhos. A **Galiléia** era a parte norte da Palestina. **Decápolis** literalmente quer dizer "dez cidades". Este era o nome dado principalmente à região a leste do vale do Jordão, e que compreendia dez cidades que eram helênicas na cultura e nos interesses. Elas se estendiam desde Damasco no norte até Filadélfia (a moderna Amã) ao sul. Esta área era principalmente de influência gentílica. Stendahl diz que "em Decápolis os judeus devem ter sido a minoria".[97] **Jerusalém** era a capital da Judéia, na parte sul da Palestina. O fato de as pessoas viajarem 160 quilômetros a partir do norte, de Jerusalém até a Galiléia, mostra o tremendo poder de atração de Jesus. **Além do Jordão** – uma região atualmente chamada de Transjordânia – era uma região oficialmente conhecida naquela época como Peréia (literalmente "do outro lado"). Esta região do lado leste do rio Jordão era governada por Herodes Antipas, governador da Galiléia.

Tendo dado essa descrição geral do início do ministério de Jesus na Galiléia, Mateus agora estabelece o cenário para o Sermão da Montanha. Este é o primeiro de cinco grandes discursos neste Evangelho (veja Introdução).

Seção II

Primeiro Discurso: O SERMÃO DO MONTE

Mateus 5.1—7.29

Franzmann, em sua obra *Follow Me: Discipleship According to Saint Matthew*, fala a respeito do Sermão do Monte: "Ele se baseia na narrativa inicial (1.1—4.16), a genealogia e os sete cumprimentos".[1] A última frase se refere aos sete cumprimentos de profecia que ocorrem nos primeiros quatro capítulos de Mateus. São eles: 1) Emanuel, 1.23; 2) nascimento em Belém, 2.6; 3) o chamado do Egito, 2.15; 4) o choro de Raquel, 2.18; 5) chamado de nazareno, 2.23; 6) uma voz no deserto, 3.3; 7) uma grande luz, 4.14-16.

Segundo Franzmann cada um dos cinco grandes discursos de Mateus é precedido por uma narrativa que está relacionada ao discurso. Este, o primeiro, é introduzido por 4.17-25. Ele escreve: "O Sermão do Monte nesta estrutura deve ser entendido e estimado como o registro de como o chamado de Jesus, proferido por Ele com autoridade Messiânica, convocando homens para uma realidade escatológica do reino dos céus, é feito para determinar toda a existência do discípulo".[2] Isto é, "Jesus está, no Sermão do Monte, moldando messianicamente a vontade do seu discípulo".[3]

Esta idéia parece fornecer a chave adequada para se entender a natureza e o propósito desse grande discurso. O Mestre havia acabado de chamar os seus primeiros quatro discípulos. Agora Ele está lhes mostrando o que significa o verdadeiro discipulado. Ele está descrevendo o tipo de vida que seus discípulos devem viver.

Têm sido sugeridas muitas maneiras de interpretar e aplicar o Sermão do Monte. McArthur dedica um capítulo inteiro para descrever doze destas interpretações,[4] que ele chama de "Versões e Evasivas do Sermão do Monte".[5] Ele começa comentando que se

"um visitante imaginário de Marte" fosse visitar "uma típica comunidade cristã", tendo lido o Sermão do Monte no caminho, ele ficaria perplexo pelo contraste. "O abismo entre o padrão do Sermão do Monte e o padrão da vida cristã convencional é tão grande que o visitante suspeitaria ter lido o Sermão errado ou visitado a comunidade errada."[6] A análise e avaliação de McArthur sobre estas opiniões é excelente.[7]

A. O Cenário do Sermão, 5.1-2

Alguém poderia deduzir do primeiro versículo do capítulo cinco que Jesus deixou **a multidão** (1) e entregou este "sermão" somente para os discípulos. Mas parece que a multidão se reuniu em torno da parte externa do círculo interno e ouviu o discurso (cf. 7.28).

A referência a um **monte** é provavelmente significativa. Assim como Moisés recebeu a antiga Lei no monte Sinai, assim também Jesus, o novo Líder, pronunciou a lei do Reino na encosta de um monte.

Assentando-se. Enquanto os pregadores de hoje seguem o costume grego e romano de ficar em pé para falar, os mestres judeus sempre se sentavam enquanto ensinavam. **Discípulos** literalmente significa "aprendizes". A palavra só é encontrada nos Evangelhos e Atos (Mateus, 74 vezes; Marcos, 45; Lucas, 38; João, 81; Atos, 30). Esta é a designação mais antiga para os seguidores de Jesus.

B. A Natureza dos Discípulos, 5.3-16

1. *As Bem-aventuranças* (5.3-12)

a) *Os Pobres de Espírito* (5.3). Cada beatitude começa com **bem-aventurados**, o que lembrava aos ouvintes o Salmo 1.1. Lenski comenta: " 'Bem-aventurado!' entoado repetidas vezes, soa como sinos do céu, tocando neste mundo amaldiçoado, do alto da catedral do reino, convidando todos os homens a entrar".[8]

A palavra grega *makarios* significa "feliz". Mas é óbvio que "... as bênçãos contempladas nas Beatitudes não podem de forma alguma ser expressas em nosso idioma pela palavra ou pelo conceito de 'felicidade' ".[9] Elas se referem, antes, à bem-aventurança que só vêm para aqueles que desfrutam da salvação em Jesus Cristo. Hunter sugere: " 'Abençoado' significa 'Ah, a felicidade de', e a beatitude é a felicidade do homem que, em comunhão com Deus, vive a vida que é realmente a vida".[10] Arndt e Gingrich escrevem: "A tradução *Ó, a felicidade de* ou *saudação àqueles*, preferida por alguns, pode ser exatamente correta para o original aramaico, mas ela escassamente exaure o conteúdo que *makarios* tinha nos lábios dos cristãos de fala grega".[11] John Wesley tem sido seguido por vários tradutores atuais ao adotar "Feliz". Mas "Bem-aventurado" talvez seja uma tradução mais adequada.

Os pobres de espírito (3) são aqueles que reconhecem a sua pobreza espiritual. Lucas (6.20) diz: "Bem-aventurados vós, os pobres". Mas, após o cativeiro babilônico, a frase "os pobres" era freqüentemente usada para os piedosos, em contraste com os opres-

sores ricos, ímpios e mundanos dos pobres. Assim, as afirmações em Mateus e Lucas significam a mesma coisa. Talvez a melhor tradução de 5.3*a* seja a de Goodspeed: "Bem-aventurados são aqueles que sentem a sua necessidade espiritual".

Por que estes pobres são bem-aventurados? Porque **deles é o Reino dos céus**. As Beatitudes estão na forma de paralelismo sintético, um tipo de poesia hebraica na qual a segunda linha completa o significado da primeira. Desse modo, aqui a segunda linha define mais especificamente a conotação de "bem-aventurado".

A primeira beatitude atinge diretamente o centro da necessidade do homem. Fitch declara: "A pobreza de espírito é essencialmente o destronamento do orgulho".[12] Depois de declarar que "o orgulho é a própria essência do pecado", ele continua dizendo: "O orgulho é o pecado de um individualismo exagerado, o pecado do usurpador reivindicando um trono que não é seu, o pecado que enche o universo com apenas um ego, o pecado de destronar a Deus de sua soberania de direito".[13]

b) *Os que Choram* (5.4). Quando alguém percebe que está falido de todos os bens espirituais que o tornariam aceitável a Deus, irá **chorar** (4) sobre o fato. Lloyd-Jones escreve: " 'Chorar' é algo que vem logo depois da necessidade de ser 'pobre de espírito' ", e acrescenta: "Quando eu confronto Deus e a sua santidade, e contemplo a vida que devo viver, vejo a mim mesmo, o meu total desamparo e falta de esperança".[14]

Este choro leva ao arrependimento e à conversão. Mas não pára aqui. Continua por toda a vida do cristão consciencioso. Os maiores santos percebem mais intensamente o quanto carecem da perfeita semelhança com Cristo, e choram acerca disso. Só o cristão néscio pode se sentir complacente.

A promessa para aqueles que choram é que **eles serão consolados** (cf. Is 57.18). Isto acontece primeiro na consolação do perdão, e depois na consolação da comunhão. Um Cristo compassivo está especialmente perto daqueles que choram.

c) *O Manso* (5.5). O significado da verdadeira mansidão, infelizmente, tem sido com freqüência mal-entendido. Por diversas vezes ele tem sido imaginado em termos de uma humildade modesta, negativa e quase falsa. Mas, na verdade, é algo muito diferente, mesmo quando se trata de alguém em relação ao seu companheiro. O arcebispo Trench escreve a esse respeito: "A mansidão é uma graça lavrada na alma; e o seu exercício está primeira e principalmente relacionado a Deus".[15] Ele acrescenta: "É aquele estado de espírito em que aceitamos os seus tratos conosco como bons e, portanto, sem discussão ou resistência".[16] De acordo com esta mesma opinião, Fitch diz: "A mansidão é a entrega a Deus, a submissão à sua vontade, o preparo para aceitar o que quer que Ele possa oferecer, e a prontidão para assumir a posição mais baixa".[17] Colocada em termos simples, a mansidão é a submissão à vontade de Deus. E isto não é primariamente negativo, mas positivo. É um cumprir ativo da vontade de Deus na nossa vida diária. Jesus Cristo é o Exemplo supremo de tal mansidão (cf. 11.29). Esta realização da vontade de Deus inclui uma avaliação correta de si mesmo, uma avaliação que leva a pessoa a "não saber mais do que convém saber" (Rm 12.3).

Dos mansos é dito que **eles herdarão a terra** (5). O mundo acredita que o caminho para vencer é fazer valer os seus direitos. Mas Jesus disse que aqueles que aceitam a sua vontade, um dia reinarão com Ele.

d) *Os que têm Fome e Sede de Justiça* (5.6). Um dos primeiros sinais de vida de um bebê normal é a fome. Assim sendo, aquele que verdadeiramente nasceu de novo sentirá **fome e sede de justiça** (6) – o que nas Escrituras freqüentemente significa "salvação" (cf. Is 51.6). Para estes, é dada a promessa: **eles serão fartos**. A palavra grega é *chortazo*, de *chortos*, que é geralmente traduzida como "relva" no Novo Testamento. O quadro é o do gado que se alimenta até estar satisfeito. O verbo também é traduzido como "satisfeito", e isto se encaixa muito bem aqui. Fitch observa: "A plenitude é a resposta de Deus para o vazio do coração do homem".[18]

e) *Os Misericordiosos* (5.7). Aqueles que receberam a misericórdia de Deus devem demonstrar misericórdia aos seus companheiros. A ilustração mais vívida de como é irracional se recusar a perdoar os outros, é apresentada na parábola do credor incompassivo (18.23-35). A parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30-37) dá um excelente exemplo de misericórdia a alguém necessitado. A misericórdia tem sido definida como a "bondade em ação".

Bowman e Tapp sugerem que as Beatitudes aparentemente representam "um poema aramaico original em duas estrofes de quatro versos cada".[19] As quatro primeiras beatitudes descrevem: "primeiro, um despertar do seu estado de inadequação...; segundo, a determinação de 'se converter' a Deus com arrependimento...; terceiro, a adoção de uma atitude constante de confiança somente em Deus...; e finalmente, o profundo desejo de adquirir a 'justiça' completa que constitui a 'salvação' para o homem".[20] Fitch defende que a primeira estrofe descreve o nascimento do cristão, e que a segunda estrofe descreve a sua vida como cristão.[21]

f) *Os Limpos de Coração* (5.8). Sobre esta condição Whedon diz: "Aqui está um traço de caráter que só o Espírito de Deus pode produzir. Isto é a santificação".[22] McLaughlin escreve: "Um coração puro é um coração que não tem, em si, nada que seja contrário ao amor de Deus".[23]

Jesus declarou que somente os limpos de coração **verão a Deus** (8). E isto se refere à vida aqui, bem como à vida futura. O pecado é como poeira nos olhos. Ele obscurece a visão e distorce a vista. Só podemos entrar em plena comunhão com o Senhor quando os nossos corações estão limpos de todo pecado (cf. 1 João 1.7).

A pureza de coração é a finalidade e a soma das beatitudes anteriores. A possibilidade de tal retidão interior está claramente implícita; mas também está aparente tanto nas Escrituras quanto na experiência universal de que ninguém é puro por natureza (Jr 17.9); os corações só podem ser puros se forem purificados. Nem mesmo a cultura humana poderá purgar as profundezas da corrupção; deve necessariamente haver uma obra da graça divina.

O coração deve ser purificado de seu orgulho (Pv 16.5); se não, em vez de ser "pobre de espírito" ele será arrogante e auto-suficiente; em vez de estar arrependido (alguém *que chora* verdadeiramente) ele será autocomplacente; em vez de ser "manso", um homem será obstinado e impetuoso. O coração também deve ser purificado do duplo ânimo (Tg 4.8), do egoísmo e da contenda (Tg 3.14), e da incredulidade (Hb 3.12).

g) *Os Pacificadores* (5.9). Tiago diz em sua epístola que "a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica" (Tg 3.17). Esta é a ordem aqui. Somente os

puros de coração, que foram limpos da natureza carnal (a causa de toda a luta interior), podem ter "a paz de Deus" plenamente em suas almas. Um coração dividido é um coração perturbado. Somente a paz de Cristo, nos controlando, pode nos tornar pacificadores.

Ninguém gosta de um provocador. Mas o desafio para o cristão é: Será que sou um pacificador – na comunidade, na igreja, em casa? Este último local é o teste mais difícil de todos.

Filhos de Deus (9) é, no grego, literalmente, "filhos de Deus". Quando o artigo definido é omitido no grego, ele enfatiza o tipo ou o caráter. Quando as pessoas promovem a paz, elas são chamadas de "filhos de Deus" porque agem como Deus. No pensamento oriental "filho de" significa "ter a natureza de".

h) *Os que sofrem perseguição* (5.10-12). Alguns estudiosos classificam as Beatitudes em número de nove. Outros contam oito, considerando o versículo 11 como uma extensão adicional do versículo 10. Seguiremos este último método.

Não se deve falhar em observar que aqueles que **sofrem perseguição por causa da justiça** (10) são bem-aventurados. Alguns que se fizeram mártires a si mesmos alegam estar sendo perseguidos por causa da justiça, quando na verdade estão sofrendo por causa de sua própria ignorância. Quando criticados por agirem ou falarem de forma insensata, eles citam esta beatitude. Mas isto é "falsificar a palavra de Deus" (2 Co 4.2).

Quando perseguido, o cristão deve **exultar e alegrar-se** (12). Jesus cita o exemplo dos **profetas** que foram perseguidos nos tempos do Antigo Testamento. Mas, na verdade, Ele mesmo é o Exemplo supremo daquilo que é descrito no versículo 11. Alguém já disse que as Beatitudes são uma autobiografia de Cristo.

As virtudes que Jesus exalta no Sermão do Monte são quase que exatamente o oposto daquelas admiradas pelos gregos e romanos em seus dias. Ele disse: Bem-aventurados são os pobres de espírito, os limpos de coração, os pacificadores, os que sofrem perseguição; os que choram, os mansos, os misericordiosos; e aqueles que têm fome e sede de justiça. Estas características também são contrárias ao espírito deste século. Bowman e Tapp se expressam assim: "Parece, então, que o nosso Senhor está esboçando uma personalidade salva que é forçada a viver em um mundo perdido; a justiça cercada pela iniqüidade, com as conseqüentes tensões assim criadas".[24]

Um dos melhores resumos das oito Beatitudes é o apresentado por Fitch. Ele diz:

> Elas se dividem naturalmente em quatro partes separadas. As três primeiras nos mostram um homem se convertendo dos seus pecados a Deus, e a quarta nos mostra Deus se voltando para o pecador e revestindo-o com a justiça de Cristo. As três seguintes... nos mostram o filho recém-nascido de Deus operando as obras de justiça entre os homens; e a Beatitude final mostra como os homens reagem... Há, primeiro, três graças de uma alma contrita, seguidas pela resposta de Deus em misericórdia, em justiça e em paz. Então seguem-se três graças de uma alma comissionada, seguidas pela resposta do mundo em perseguição e reprovação.[25]

2. *A Influência Deles* (5.13-16)

Jesus usou dois símbolos para descrever a influência que os cristãos têm sobre uma sociedade não-cristã. O primeiro foi o sal, e o segundo, a luz.

a) *Como o Sal* (5.13). O **sal** possui dois usos – dar gosto e conservar. 1) Alimentos como mingau de aveia ou molhos são muito desagradáveis ao paladar sem sal. Durante a Idade Média, na Europa, quando as pessoas preparavam a maior parte de seu próprio alimento, elas ainda tinham que viajar para os mercados anuais para comprar sal. O sal era considerado um ingrediente absolutamente essencial. Dessa mesma forma, a vida sem Cristo e sem o cristianismo é insuportavelmente insípida. Assim como Cristo revitalizou e deu gosto à vida do crente, cada discípulo, por sua vez, deve fazer o mesmo pela vida de outros.

2) O sal conserva. Antes do advento das caixas de gelo e dos modernos refrigeradores, o sal era um dos principais meios de conservar os alimentos. Quando peixes eram transportados no lombo de burros por cento e sessenta quilômetros de Cafarnaum até Jerusalém, eles tinham que ser abundantemente salgados. Assim, o seguidor de Cristo deve agir como um conservante no mundo. Não se pode deixar de imaginar o que aconteceria com a sociedade moderna, com toda a sua podridão moral, se não fosse a presença da igreja cristã.

b) *Como Luz* (5.14-16). Jesus declarou certa vez: "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12). Aqui Ele diz aos seus discípulos: **Vós sois a luz do mundo** (14). Assim como a lua reflete a luz do sol no lado escurecido da terra, a igreja deve refletir os raios do "Sol da Justiça" (Ml 4.2) em um mundo escurecido pelo pecado.

Os cristãos são como **uma cidade edificada sobre um monte** – uma imagem comum na Palestina. Gostem ou não, eles estão expostos perante o mundo o tempo todo. Não se pode mais escapar de sua influência, assim como ninguém é capaz de fugir de sua própria sombra.

O termo **candeia** (15) deve ser entendido como "lâmpada"; **alqueire** deve ser entendido como "medida de cereal" ou "cuba de farinha"; **velador** deve ser entendido como "castiçal". Não se usavam velas nos dias de Jesus, mas pequenas lâmpadas de barro do tamanho aproximado da palma da mão de um homem. Muitas lâmpadas do tempo de Cristo foram desenterradas na Palestina. Nas casas sem janelas daqueles dias, a lâmpada deveria ser colocada em um pedestal, ou mais provavelmente em um nicho na parede de barro; ela daria luz **a todos aqueles** que estivessem **na casa**. Isto seria literalmente verdadeiro nas casas de apenas um cômodo das pessoas pobres da Palestina. O azeite era o combustível usado nestas lâmpadas.

A **luz** dos discípulos deveria ser as suas **boas obras** (16). Se eles brilhassem de forma coerente com aquilo que professavam, ela iria **glorificar** a Deus. Louvar ao Senhor com a nossa vida é mais importante do que louvá-lo com os nossos lábios.

C. A JUSTIÇA DOS DISCÍPULOS, 5.17-48

1. *Sua Natureza* (5.17-20)

Sem dúvida, alguns dos ouvintes de Jesus sentiram que Ele era revolucionário em seu ensino. Eles podem ter pensado que Ele pretendia **destruir a lei ou os profetas** (17). Isto Ele negou enfaticamente – **não vim ab-rogar, mas cumprir**. Nesta declaração muito significativa Ele indicou o seu relacionamento com o Antigo Testamento. Ele

iria cumprir seus mandamentos e promessas, seus preceitos e profecias, seus símbolos e tipos. Isto Ele fez em sua vida e ministério, em sua morte e ressurreição. Jesus cumpriu totalmente os aspectos do Antigo Testamento. Quando lido à luz de sua pessoa e obra, ele brilha com um novo significado. Cristo é a Chave, a única Chave que abre as Escrituras.

O que acontecerá à Lei? O Mestre declarou solenemente: **Em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido** (18). O **jota** representa a menor letra do alfabeto hebraico, o *yodh*, que se parece muito com o apóstrofo. Ele também corresponderia à menor letra grega, *iota*. O **til** era o "chifre" (ou "acento") sobre algumas letras hebraicas que as distinguiam de outras. Estas distinções são freqüentemente tão pequenas, que é necessário olhar bem de perto para se ter certeza de qual letra se trata. A contraparte moderna é muito bem expressa na tradução de Goodspeed: "Nem um pingo no *i* ou a linha que corta o *t* serão removidos da Lei até que tudo seja observado".

De forma coerente com esta visão, Jesus advertiu que qualquer que **violar** (19; "remover, separar") um dos menores mandamentos e assim ensinar aos outros **será chamado o menor no Reino dos céus**. Aparentemente, a última parte desta afirmação parece surpreendente. Como alguém que violou a Lei poderia estar no Reino? A solução reside em traduzir a frase assim: "em relação ao reino do céus"; isto é, em relação ao Reino ele seria o menor, deixado de fora. **Grande** é aquele que **cumprir e ensinar** os mandamentos. A ação deve preceder o ensino.

O versículo 20 é geralmente considerado o versículo-chave do Sermão do Monte. A justiça dos discípulos de Cristo deve **exceder a dos escribas e fariseus**. Jesus estava se referindo a uma justiça interior, moral e espiritual, em vez da justiça exterior, cerimonial e legalista dos fariseus. "O problema com os fariseus", diz Martin Lloyd-Jones, "era que eles estavam interessados nos detalhes em vez de nos princípios, que eles estavam interessados nas ações em vez de nos motivos, e que eles estavam interessados em fazer em vez de ser".[26]

É correto para o cristão agradecer a Deus por não estar debaixo da Lei, mas debaixo da graça. Mas se ele pensa que as exigências sobre ele são menores por causa disso, não leu o Sermão do Monte de forma a compreendê-lo. Jesus declarou enfaticamente que Ele exige uma justiça mais elevada do que a dos escribas e fariseus. No restante do capítulo, o Senhor fornece seis exemplos concretos daquilo que Ele quer dizer, exatamente, com isso. Ele basicamente se refere a uma justiça de atitude interior em vez de meramente uma ação exterior. Mas isto levanta a exigência. Deve-se não só guardar as suas ações, mas também as suas atitudes; não só as suas palavras, mas também os seus pensamentos. A lei de Cristo traz, para aqueles que a guardam, mais exigências do que a lei de Moisés.

2. *Sua Aplicação* (5.21-48)

Cada um desses seis exemplos de justiça mais elevada é introduzido pela frase, **Ouvistes que foi dito** (21, 27, 33, 38, 43),[27] exceto no versículo 31, onde há uma modificação: "Também foi dito". **Aos antigos** (21; ou "para os antigos" – que no grego poderia significar qualquer um dos dois) refere-se em retrospecto a algum mandamento na lei de Moisés.

Nos seis exemplos Jesus acrescenta: **eu, porém, vos digo** (22, 28, 32, 34, 39, 44). O grego é ainda mais enfático do que o nosso idioma. Ele diz *ego de lego hymin* – *"Eu,*

porém, vos digo". Em grego, como no latim, o pronome está incluído na forma do verbo. Ele só é expresso separadamente quando o que fala ou o escritor quer dar uma forte ênfase. *Lego* significa "Eu digo". O *ego* (**Eu**) não só é acrescentado aqui, mas também colocado em primeiro lugar na oração – a posição enfática em uma frase grega. Assim, a oração deveria ser lida: "*Eu*, porém, vos digo". Falando dessa forma, ou Jesus era a pessoa que possuía o maior ego do mundo, ou era o que reivindicava ser – o eterno Filho de Deus, que falava com autoridade divina. Vinte séculos de história cristã têm validado a sua reivindicação. Blair corretamente observa: "O retrato de Jesus feito por Mateus se concentra na representação da autoridade de Jesus".[28] E Taylor disse bem: "Jesus sempre permanecerá como um desafio a ser alcançado em vez de um problema a ser resolvido".[29] É Ele que tem o direito de nos desafiar; nós não podemos desafiá-lo.

a) *A Ira* (5.21-26). **Não matarás** é o sexto mandamento do Decálogo (Êx 20.13; Dt 5.17). Jesus não o anulou. Antes, Ele lhe deu uma interpretação mais elevada: Se você está irado com seu irmão, você tem o homicídio em seu coração.

Qualquer que matar alguém será **réu de juízo** (21). A referência é evidentemente ao tribunal local, ligado à sinagoga. Mas Jesus declarou que qualquer que **se encolerizar contra seu irmão**[30] será **réu** – um termo legal, "sujeito a" – **de juízo** (22). Isto é, ele estaria sujeito à ação do tribunal. Qualquer que dissesse a seu irmão, **Raca** – "uma palavra de contenda, considerada ser de uma raiz significando 'cuspir' " – estaria sujeito à ação do **Sinédrio** (*synedrion*),[31] o Grande Sinédrio em Jerusalém. Arndt e Gingrich definem Raca como "um termo de violência, loucura, *leviandade*".[32] Qualquer que dissesse, **louco** (grego, *moron*), estaria sujeito ao **fogo do inferno** (literalmente, "Geena de fogo").

Geena era o vale de Hinom, ao sul de Jerusalém. O refugo e o lixo da cidade eram levados para fora pela Porta do Monturo (Ne 3.14; 12.31) e jogado no que agora seria chamado de lixão da cidade. Já no século I a.C. os judeus usavam Geena em um sentido metafórico para indicar um lugar de tormento atroz. As chamas terríveis lambendo constantemente a margem desse lixão formavam um símbolo adequado que Jesus usou aqui para as chamas do inferno.

A aplicação da advertência acima é feita em duas esferas – a de adoração (23-24) e a de processo legal (25-26). Se um judeu trouxesse uma oferta para o Templo para ser apresentada no altar – o altar das ofertas queimadas diante do santuário – e se lembrasse que seu **irmão** (23) tinha algo contra ele, ele deveria ir e se reconciliar com seu irmão antes de apresentar a sua oferta. A palavra grega para **reconciliar-se** (24; *diallasso*) no Novo Testamento, só é encontrada nesta passagem. Paulo usa *katalasso*, e o composto duplo *apokatallasso*, para a reconciliação unilateral que o homem deve ter com Deus. Isto é, o homem deve cessar a sua inimizade contra Deus, e reconciliar-se através de Cristo. Mas *diallasso* denota "concessão mútua depois de hostilidade mútua".[33]

O significado disso é claro. Quando alguém se reconcilia com Deus, tem que atender as condições divinas, porque o erro está todo de um único lado. Mas quando alguém se reconcilia com seu irmão, ambos têm que fazer concessões, porque em toda discussão humana há dois lados. O que Jesus quer dizer, porém, é que a adoração de uma pessoa na casa de Deus não é aceita enquanto houver qualquer sentimento ruim entre o que seria o adorador e um "irmão". O relacionamento com Deus não poderá estar correto, enquanto o relacionamento com um companheiro estiver errado.

A segunda aplicação (25-26) é um pouco diferente. O seu adversário está arrastando você até **o juiz** (25). Jesus disse que seria mais sábio resolver o assunto fora do tribunal. Do contrário a pessoa não sairá da prisão até que tenha pago o último **ceitil** (26) – "o último centavo" (Goodspeed). O *quadrante* (*kodrantes*) era a menor moeda de cobre romana, valendo cerca de um quarto de um centavo. A questão é que os cristãos deveriam resolver as suas diferenças o mais rapidamente e o mais silenciosamente possível, e resolvê-las entre si mesmos. Os cristãos normalmente não precisam de um juiz ou um tribunal para decidir o que é certo e justo entre si (cf. 1 Co 6.1-8).

b) *Adultério* (5.27-30). Jesus citou o sétimo mandamento (Êx 20.14; Dt 5.18), e então passou a lhe dar uma interpretação mais elevada. Ele indicou que aos olhos de Deus a intenção errada é tão pecaminosa quanto a ação errada. E Deus está igualmente ciente de ambos.

Os versículos 29 e 30 mostram como a luxúria é algo sério. Jesus disse: **Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti** (29). A palavra grega para **escandalizar** é *skandalizo* ("escandalizar"). Ela vem do substantivo *skandalon* ("escândalo"), que era primeiro a isca de uma armadilha ou laço, e depois era usada como o próprio laço ou armadilha. Então o significado aqui é: Se olhar é uma armadilha ou laço para você, evite olhar de todas as maneiras. O verbo é traduzido como "tropeçar" na ARA e como "fizer pecar" na NVI. Lenski insiste no significado literal do verbo, e então traduz como "apanhar em armadilha". Back apresenta "fazer você pecar",[34] o que é uma tradução interpretativa correta. Parece que o significado adequado é "colocar uma armadilha para" em vez de "colocar uma pedra de tropeço no caminho de".[35]

Cristo declarou que seria melhor que alguém perdesse o seu **olho direito** ou a sua **mão direita** do que ser lançado no **inferno** (Geena). Não podemos acreditar que Ele estivesse defendendo a mutilação física do corpo – embora no passado alguns tenham erroneamente tomado as suas palavras de forma literal. Ele estava falando metaforicamente: Se um amigo íntimo ou uma associação favorita de qualquer tipo estiver se tornando um laço para você, corte-o! É melhor ser desprovido de *qualquer coisa* nessa vida do que estar perdido para sempre.

c) *Divórcio* (5.31-32). Uma vez que o assunto do divórcio é discutido mais detalhadamente em um capítulo posterior (19.3-12), uma consideração mais extensa será adiada até então. É suficiente dizer aqui que enquanto a Lei permitia o divórcio (Dt 24.13), Jesus afirmou que isso freqüentemente significava nada menos que o **adultério** legalizado (32).

d) *Juramentos* (5.33-37). A lei mosaica dizia: **Não perjurarás** (33; Lv 19.12; Nm 30.2; Dt 23.21), isto é, "jurar falsamente" – no Novo Testamento, este verbo só é encontrado aqui. Mas Jesus disse: **De maneira nenhuma jureis** (34). Ele proibiu especificamente jurar pelo **céu,** pela **terra,** por **Jerusalém**, ou pela nossa própria **cabeça** (34-36). Os judeus defendiam que jurar pelo nome de Deus vinculava aquele que fazia o juramento, mas jurar pelo céu não trazia nenhum vínculo. Assim, os itens acima eram substituídos como uma forma de subterfúgio, para não se dizer a verdade. Bengel cita o ditado rabínico: "Como o céu e a terra passarão, assim também o juramento passará,

pois os conclamou como testemunhas".[36] Jesus defendeu que Deus está sempre presente quando os homens falam; por esta razão, todos devem falar honestamente.

O mandamento de Cristo foi: **Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não** (37) – ou, como Beck apresenta: "Simplesmente diga: 'Sim, sim; não, não' ". A própria prática de jurar é um triste reflexo do caráter humano. Jesus exige honestidade o tempo todo, esteja um homem sob juramento ou não. Não há um padrão duplo para o cristão.

e) *Retaliação* (5.38-42). O princípio básico de justiça refletido na lei de Moisés era: **Olho por olho e dente por dente** (38). Veja Êx 21.24; Lv 24.20; Dt 19.21. O propósito deste mandamento não era encorajar os homens a retribuir a agressão, mas proibi-los de executar uma penalidade maior que o crime.

Jesus apresentou uma lei mais elevada, a da não-retaliação. Seu mandamento foi: "Não retribua a agressão!" Ele aplicou este princípio de cinco maneiras específicas: ofereça a outra face (39), deixe levar a sua capa (40),[37] acompanhe a pessoa em uma segunda milha (41), dê a quem lhe pedir, e não se desvie daquele que quiser que lhe empreste (42).

Muitas pessoas têm presumido que essas palavras de Jesus devem ser entendidas de forma totalmente literal. Mas pensar um pouco a respeito mostrará como esta posição é equivocada. Por exemplo, se um homem pedir algum dinheiro para comer – suponha que você lhe dê o que ele pede, e ele usar o dinheiro para se embriagar, será que você fez uma boa ação? Você agiu de acordo com um amor inteligente? Ou será que aquilo que você pretendia que fosse uma bênção se tornou uma maldição? O que Jesus estava ordenando era um espírito generoso e compassivo em relação aos necessitados.

O que se deve sempre lembrar é que "a letra mata, e o Espírito vivifica" (2 Co 3.6). A nova lei de Jesus é primeiramente um novo espírito. O Mestre estava principalmente interessado nas atitudes. Deve ser reconhecido que "o Sermão do Monte trata, em toda a sua extensão, de princípios e não de regras".[38]

f) *Amar os Inimigos* (5.43-48). Nesta sexta e última aplicação da justiça mais elevada exigida dos cristãos, Jesus fez uma mudança de procedimento. Nos exemplos anteriores Ele só havia citado uma passagem do Antigo Testamento, e então dado uma interpretação mais grandiosa. Desta vez, para o mandamento bíblico, **Amarás o teu próximo** (43; Lv 19.18), Ele inseriu um acréscimo feito pelos mestres judeus, **e aborrecerás o teu inimigo**. Esta segunda parte não é encontrada em nenhuma passagem nas Escrituras Sagradas. Henry expôs bem a sua opinião: "Deus disse: *Amarás o teu próximo*; e por próximo eles entenderam somente aqueles de seu próprio país, nação e religião...; deste mandamento... eles quiseram inferir o que Deus nunca disse: *Odiarás o teu inimigo*".[39]

Jesus se opôs a este falso ensino através do incisivo mandamento: **Amai a vossos inimigos** (44). É natural amar os amigos; amar os inimigos é sobrenatural. Mas aqueles que assim o fazem demonstram que são **filhos do Pai que está nos céus** (45). Outra vez observe que a ausência do artigo denota o tipo ou a qualidade – mostrais que em caráter sois filhos de Deus. Pois Ele dá o **sol** e a **chuva** tanto para os **maus** como para os **bons** (45). Se mostrardes bondade somente aos amigos, não sereis melhores que os **publicanos** (46-47). Estes eram os cobradores de impostos para o governo romano, e eram desprezados pela maioria de seus compatriotas judeus como estando no patamar mais baixo da escala da iniqüidade.

Então vem o clímax deste capítulo: **Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus** (48). Este parece um conselho desesperador. Mas a interpretação correta é que na esfera *humana* devemos ser perfeitos, assim como Deus é perfeito na esfera divina. Este é o alvo e o objetivo da vida cristã.

O contexto imediato sugere que **perfeito** deva ser interpretado como perfeição em amor. Isto pode ser experimentado na vida, aqui e agora (1 Jo 2.5; 4.12, 17-18). Filson escreve: "*Perfeito* enfatiza a medida de toda a vida pelo amor santo e perfeito do próprio Deus, e faz do versículo 48 uma conclusão e um resumo adequados de tudo o que os versículos 17-47 disseram".[40]

A perfeição transcendente do amor de Deus é vista em: 1) sua *universalidade*, pois todos os homens estão incluídos; 2) sua *compaixão*, pois ele a estende aos ímpios e indignos, incluindo aqueles que não o amam em retribuição; 3) sua *praticidade*, pois busca ativamente o bem-estar deles enviando a chuva e o sol – e acima de tudo enviando o seu Filho. Somente quando o nosso amor é assim perfeito, é que ele pode ser considerado sobrenatural e verdadeiramente cristão. Tal amor não é só o nosso dever atual, mas o nosso privilégio atual, através do poder do Espírito. Sem ele, "o que fazemos mais do que os outros?"

Deus graciosamente concede, a todos aqueles que buscam, um amor perfeito por Ele e por sua vontade. Depois disso, o cristão busca uma manifestação ainda mais perfeita desse amor em sua vida e conduta. Por sermos finitos, essa perfeita manifestação nunca será completamente alcançada neste mundo, mas cada seguidor consagrado de Cristo deve, constantemente, se esforçar para alcançá-la (cf. Fp 3.12-14).

O contexto imediato dos versículos 17-47 é importante, mas isso não é tudo. A perfeição aqui deve ser explicada em termos de um contexto maior – todo o capítulo cinco. O comentário de John Wesley sobre este versículo é: "Referindo-se a toda esta santidade que é descrita nos versículos anteriores, que o nosso Senhor no início do capítulo recomenda como felicidade, e, na conclusão dele, como perfeição".[41]

Estes seis últimos parágrafos do capítulo sugerem seis "Características da Perfeição Cristã". Elas são: 1) pacifismo (21-26); 2) pureza (27-30); 3) harmonia (31-32); 4) honestidade (33-37); 5) bondade (38-42); 6) amor (43-48).

D. A Religião dos Discípulos, 6.1-34

1. *Três Práticas Religiosas* (6.1-18)

(*Introdução*, v. 1). Na versão King James em inglês, este versículo parece fazer parte da discussão sobre dar esmolas, que vem a seguir (2-4). Mas os mais antigos manuscritos gregos apresentam o termo "justiça" em vez de **esmolas**. Isto faria do primeiro versículo uma introdução mais ampla para as três discussões seguintes sobre dar esmolas (2-4), oração (5-15) e jejum (16-18). No entanto, deve ser observado que Kraeling inclui o primeiro versículo com o parágrafo da doação de esmolas, embora aceite a leitura dos manuscritos mais antigos. Ele diz: "A doação caridosa era tão importante neste período que a palavra hebraica para 'justiça' adquiriu o significado de 'dar esmolas' ".[42] Este talvez seja o motivo pelo qual a prática de dar esmolas seja discutida primeiramente aqui. Hoje em dia a oração provavelmente receberia o primeiro lugar, e dar esmolas o último.

John Wesley, que era um cuidadoso estudante do texto grego e surpreendentemente ciente da importância da crítica textual,[43] traduziu a primeira parte deste versículo como se segue: "Atentem para não praticarem a vossa justiça perante os homens, para serem vistos por eles". Traduções mais recentes apresentam: "Tenham cuidado para não fazerem as suas boas obras publicamente para serem notados pelo povo" (Berkeley); "Cuidado ao fazerem as suas boas ações à vista dos homens, para atraírem seus olhares" (Weymouth); "Tenham cuidado para não fazerem uma exibição de sua religião diante dos homens" (NEB); "Tenham o cuidado de não praticarem os seus deveres religiosos em público a fim de serem vistos pelos outros" (NTLH). A tradução mais simples é: "Não ostentem a sua piedade".

Jesus não disse que não deveríamos deixar que alguém visse as nossas boas obras. Ele já havia admoestado os seus discípulos: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus" (5.16). É com o motivo que Ele está lidando aqui. A frase significativa é: **para serdes vistos por eles**. Devemos buscar a glória de Deus, não a nossa própria.

a) *Dar Esmolas* (6.2-4). Jesus advertiu os seus discípulos contra anunciar a sua doação com trombetas, **como fazem os hipócritas** (2) em lugares públicos. **Já receberam o seu galardão** é uma expressão que pode ser traduzida como: "Já receberam a sua recompensa". Os papiros provaram que o verbo *apecho*, que Mateus emprega, era usado regularmente nos recibos daquele período. A força plena da afirmação de Jesus é que aquele que almeja e obtém o louvor dos homens, dá virtualmente um recibo: "Totalmente pago". Não haverá nenhum outro galardão aguardando por ele no céu.[44]

Algumas pessoas têm se recusado a fazer qualquer voto público, por causa da admoestação, **não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita** (3). Mas a Bíblia também diz: "Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado" (Tg 4.17). Se o voto de alguém em público encorajar outra pessoa a dar, e a causa do Reino for assim aumentada, um cristão consagrado deve estar disposto a fazê-lo.

b) *Oração* (6.5-15). Jesus também indicou que uma oração que demonstre ostentação deve ser evitada. Os **hipócritas... se comprazem em orar em pé** em lugares proeminentes, **para serem vistos pelos homens** (5). Eles também "já receberam o seu galardão". O Mestre enfatizou a importância da oração em **oculto** (6). Um dos lugares mais sagrados em Londres é o pequeno cômodo onde John Wesley orava. Ele tem uma janela, e está do lado de fora de seu quarto em sua casa na City Road. Os visitantes têm a impressão de que o ambiente é uma rica ilustração do espírito de oração.

Cristo advertiu contra o uso de **vãs repetições** (7) na oração. Algumas pessoas inconscientemente repetem nomes para a Divindade diversas vezes na oração pública, até que ela se torne incômoda. Isso é uma repetição desnecessária. O nosso Pai Celestial sabe que estamos falando com Ele, e sabe o que precisamos antes **de lho pedirmos** (8). Portanto não precisamos ficar repetindo as nossas petições.

A oração do Pai-Nosso é um modelo perfeito da simplicidade e sinceridade da petição de Jesus. Ela também é um lindo exemplo de paralelismo poético. Impressa na forma a seguir, ela tem apenas dez linhas. Mas como são significativas!

Pai nosso, que estás nos céus,
Santificado seja o teu nome.
Venha o teu Reino.
Seja feita a tua vontade,
Tanto na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.
Perdoa-nos as nossas dívidas,
Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.
E não nos induzas à tentação,
Mas livra-nos do mal.

Aquele a quem nos dirigimos – **Pai Nosso** (9), sugerindo uma íntima comunhão, **que estás nos céus**, requerendo reverência – é seguido por seis petições. As três primeiras são pelos interesses do Reino. As outras três são pelas necessidades pessoais. A ordem é muito significativa. As necessidades do Reino devem sempre ter prioridade sobre todas as outras coisas.

Na verdade a oração começa, como todas as orações deveriam, com adoração: **Santificado seja o teu nome**. O texto grego diz: "Permita que teu nome seja santificado". Esta é uma petição desafiadora: Permita que o teu santo nome seja santificado através da minha vida hoje, à medida que eu, sendo portador do nome de Cristo, vivo a vida de uma maneira semelhante à dele.

A segunda petição é: **Venha o teu reino** (10). Isto deve ter precedência sobre os interesses pessoais. George Ladd diz: "Esta oração é uma petição para Deus reinar, para manifestar a sua soberania e poder majestosos, para colocar em fuga todo inimigo da justiça e de seus preceitos divinos, e que só Deus possa ser o Rei sobre o mundo inteiro".[45] Mas esta petição também está relacionada à evangelização mundial. Pois é particularmente na salvação das almas que vem o reino de Deus.

A terceira petição: **Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu**, foi ecoada por Jesus no jardim do Getsêmani (Lc 22.42). Não há maior oração que se possa oferecer. Devemos torná-la pessoal: Seja feita a tua vontade primeiro em meu coração, assim como ela é feita no céu.

A quarta petição é a primeira a expressar uma necessidade pessoal: **O pão nosso de cada dia dá-nos hoje** (11). O sustento físico não deve vir em primeiro lugar; mas ele tem o seu lugar no devido tempo. Deus está interessado nas nossas necessidades pessoais, e Ele quer que as coloquemos diante dele em oração. Ele prometeu suprir as nossas necessidades materiais, desde que coloquemos o seu reino em primeiro lugar (v. 33). O significado exato das palavras *de cada dia* (encontrado somente na oração do Pai-Nosso) é incerto. A palavra grega *epiousion* tem sido traduzida como "o necessário para a existência", "para o dia de hoje", "para amanhã", "para o futuro". A expressão **de cada dia** é melhor.

Uma necessidade mais urgente é o perdão: **Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores** (12). Aquele que carrega um espírito que não perdoa os outros deve parar antes de oferecer esta oração. Suponha que Deus o tome por sua palavra; que esperança haveria para ele? A versão de Lucas da oração do Pai-Nosso apresenta "pecados" em vez de "dívidas".[46] Todo ser humano está em dívida, pois "todos pecaram" (Rm 3.23). (Veja a exposição sobre Lucas 11.4.)

A última petição é: **E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal** (13) – ou "do maligno". **Tentação** pode ser "provação"; a palavra grega pode ser traduzida de ambos os modos. Morison parafraseia a petição da seguinte forma: "E não nos coloque em provação, provação severa, provação que, em virtude de sua severidade, venha a pressionar duramente o nosso estado moral".[47]

Nos antigos manuscritos gregos, a oração do Pai-Nosso termina com esta petição. A doxologia que segue – **Porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!** – foi acrescentada há muito tempo, provavelmente para lhe dar uma conclusão mais acabada quando recitada em público. O acréscimo foi finalmente incorporado ao texto pelos escribas. Entretanto, é melhor incluí-la quando a oração do Pai-Nosso for recitada em público.

Nos dois versículos que se seguem à oração (14-15), Jesus mostrou a grande seriedade da questão de perdoar aos outros. Aquele que se recusa a perdoar fecha a porta do céu em seu próprio rosto. Nenhum espírito que não perdoa pode entrar ali. Independentemente daquilo que for feito contra nós, devemos perdoar – completamente e para sempre.

c) *Jejum* (6.16-18). Outra vez os **hipócritas** (16) são descritos, desta vez como mostrando-se **contristados**, desfigurando o rosto, **para que aos homens pareça que jejuam**. E outra vez nos é dito que "já receberam o seu galardão".

As instruções de Jesus, colocadas em termos modernos, são as seguintes: Quando jejuar, penteie os cabelos e lave o seu rosto. Não tenha a aparência triste para lembrar as pessoas que você está jejuando. Antes, jejue por causa do bem espiritual dos outros e de si mesmo. Observe que Jesus diz que Deus tem uma recompensa para este tipo de jejum.

Sobre o valor espiritual do jejum, Pink diz o seguinte: "Quando o coração e a mente são profundamente exercitados com relação a um assunto sério, especialmente o de um tipo solene e pesaroso, há uma indisposição para alimentar-se, e a abstinência a partir daí é uma expressão natural da nossa falta de merecimento, do nosso senso de inutilidade comparativa das coisas terrenas, e do nosso desejo de fixar a nossa atenção nas coisas do alto".[48]

2. *Unidade de Propósito* (6.19-24)

a) *Um Único Tesouro* (6.19-21). Jesus advertiu sobre a loucura de juntar tesouros na terra. Tudo pode ser destruído ou perdido. Roupas caras tinham grande importância nos tesouros dos homens e mulheres orientais. A traça seria uma grande ameaça para tal riqueza; **ferrugem** também significa, literalmente, "comer". Assim, isto pode se referir a vermes comendo a roupa. Naquela época também era comum para os ladrões "cavarem" (**minarem**, 19) as paredes de barro das casas palestinas para **roubar**. Mas no céu todos os nossos tesouros estão seguros (20).

Jesus apresenta aqui um princípio muito significativo: **onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração** (21). Ao encorajar uma pessoa a contribuir para a obra do Senhor, você está ajudando a ligá-la ao céu. Até mesmo solicitar que um não-crente contribua para um projeto especial da igreja pode impulsioná-lo à salvação. Portanto, prestamos às pessoas um serviço claro quando lhes damos a chance de apresentar as suas ofertas ao Senhor. O nosso coração se encaminha para onde o nosso dinheiro se encaminha.

b) *Olhos Bons* (6.22-23). Jesus declarou que a candeia do corpo são os olhos. Se os olhos forem **bons**, todo o corpo terá **luz** (22). Mas se os olhos forem **maus** (uma palavra forte, *poneros*), o corpo será **tenebroso** (23). O que o Mestre estava querendo dizer é que somente a unidade de propósitos, ou pureza de intenção, pode manter o ser interior iluminado com a presença de Deus. O contraste entre a **luz** e as **trevas** é um tema favorito na Bíblia, especialmente em João. Isto também desempenha um papel proeminente nos manuscritos do Mar Morto, particularmente no manuscrito intitulado "A Guerra dos Filhos da Luz Contra os Filhos das Trevas".[49]

c) *Um Único Mestre* (6.24). Filson observa: "O versículo 24 (cf. Lc 16.23) afirma claramente a intenção dos dois parágrafos anteriores: Deus reivindica total lealdade; o discípulo não pode dividir a sua lealdade entre Deus e as suas posses".[50] **Mamom** (24) é a palavra aramaica para dinheiro ou riqueza.

As três ênfases principais no capítulo 6 até este ponto são a simplicidade, a sinceridade e a unidade. Estas são virtudes básicas na vida do discipulado, como o próprio Senhor Jesus descreveu. Nenhuma parcela de habilidade ou intelectualismo sofisticados compensarão a falta delas.

3. *Simplicidade de Confiança* (6.25-34)

O pecado que Jesus condena nesta seção é o da preocupação. **Não andeis cuidadosos** (25) pode ser traduzido como: "Não estejais ansiosos". Não devemos nos preocupar com o alimento ou a roupa. **A vida** é **mais do que o mantimento** (comida). Aqui se trata tanto da existência espiritual quanto da vida material.

O Mestre, então, deu o exemplo das **aves do céu** (26). Elas não **semeiam**, nem **segam**, e contudo o Pai Celestial as alimenta. Quanto mais Ele cuidará de seus próprios filhos?

O significado de **estatura** (27) é incerto. Ele pode ser traduzido como "medida de sua vida", "extensão da vida", "curso da sua vida", mas também "altura" (NEB). A palavra grega (*helikia*) ocorre oito vezes no Novo Testamento. Em João 9.21,23 ela significa muito claramente "idade" – "tem idade; perguntai-lho". Mas em Lucas 19.3 ela também significa claramente "estatura". Zaqueu tinha falta de altura, não de idade. A questão é: O que a palavra significa aqui e na passagem paralela (Lc 12.25)? Pareceria mais natural falar de acrescentar um **côvado** (45 centímetros) à altura de alguém do que à sua idade. Abbott-Smith dizem: "Mas o uso predominante na Septuaginta e nos papiros favorecem o antigo significado [idade] nestas passagens duvidosas".[51] O contexto aqui também favorece a "duração da vida". Seja qual for o significado da palavra, a afirmação de Jesus é poderosa. A preocupação não pode acrescentar nada à altura, idade ou extensão da vida de uma pessoa.

Deus não só alimenta as aves, mas Ele também veste **os lírios do campo** (28). Embora eles não **trabalhem**, nem **fiem**, contudo, nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como qualquer deles (29). Se Deus cuida dessa maneira das flores efêmeras – que hoje estão aqui, e que amanhã serão inexistentes (tornando-se combustível para o **forno**) – quanto mais Ele vestirá os seus próprios filhos (30)? Esta é uma lógica que não se pode contestar. Assim, o discípulo não deve ficar ansioso sobre o que comer, beber ou vestir (31); seu Pai Celestial sabe o que ele precisa (32).

Segue-se, então, a grande passagem sobre a mordomia: **Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas** (33). A ordem das petições na oração do Pai-Nosso é lembrada. Primeiro devemos buscar o Reino de Deus e a sua justiça para *nós mesmos*. Na verdade, o Reino de Deus é a justiça. Pink observa: "Agora, por 'justiça de Deus' devemos entender duas coisas: uma justiça imputada e uma justiça concedida, que é colocada em nossa conta ou crédito e que é comunicada às nossas almas".[52]

Em segundo lugar, devemos buscar o Reino de Deus e a sua justiça para os *outros*. Isto é, a nossa principal preocupação como discípulos do Senhor deve ser a salvação das almas e a edificação da sua igreja. Se colocarmos isto em primeiro lugar, Ele promete suprir todas as necessidades materiais.

O capítulo termina com uma admoestação de encerramento, para não nos preocuparmos sobre o futuro (34). Já basta a cada dia o seu **mal**; isto é, problemas e cuidados que já lhe pertencem.

E. A Vida dos Discípulos, 7.1-29

1. *Advertências e Exortações* (7.1-23)

a) *Censura* (7.1-5). Um espírito crítico é uma negação da verdadeira religião. Este era um dos piores defeitos dos fariseus. Assim, Jesus advertiu os seus seguidores: **Não julgueis, para que não sejais julgados** (1). Usando o termo no sentido popular, poderíamos parafrasear assim: "Não seja crítico, ou você será criticado". Uma tradução livre ainda melhor seria: "Não condene os outros, ou você mesmo será condenado". Como Buttrick diz: "A censura crítica é um bumerangue".[53] O problema de julgar os outros é que nos colocamos acima daqueles que julgamos. Bowman e Tapp traduzem assim este versículo: "Não se 'sente no tribunal' a não ser que você tenha vindo para ser julgado!".[54] Oswald Chambers adverte os seus leitores: "Cuidado com qualquer coisa que o coloque no lugar de uma pessoa superior".[55]

Deve ser notado que vários comentaristas interpretam a segunda oração do primeiro versículo como se referindo ao dia do juízo final. Se julgarmos os outros seremos julgados por Deus (ou Cristo).

No versículo 2, Jesus declara, de forma dupla, um dos princípios básicos da vida. Ele pode ser colocado mais brevemente desta forma: "Você recebe o que você dá". Dê um sorriso e você receberá um sorriso; dê um resmungo e você receberá um resmungo.

Então Jesus ilustrou a incoerência de um espírito crítico (3-5). Um homem vê um **argueiro** (3) – "grão" ou "lasca" – no olho de seu irmão e quer tirá-lo. Mas na verdade ele tem uma **trave** ou "tronco" em seu próprio olho. O Mestre sugeriu que seria melhor para o crítico tirar primeiro a trave de seu próprio olho, para que ele pudesse enxergar mais claramente a fim de tirar o argueiro do olho de seu irmão.

Jesus estava, obviamente, falando por meio de uma hipérbole. Mas Ele estava usando o forte princípio pedagógico de que as pessoas se lembram mais facilmente daquilo que lhes parece mais ridículo. Ninguém jamais poderia se esquecer do quadro que ele pintou aqui.

Alguém que mostra um espírito agressivo e crítico ao criticar um defeito insignificante em um companheiro cristão, na verdade tem uma tora de madeira em seu próprio olho. A falta de amor sempre distorce a visão. O que Jesus está dizendo é: Você não pode ajudar outro companheiro até que tenha se livrado dessa atitude crítica que possui.

b) *Consagração* (7.6). A maioria dos comentaristas interpreta este versículo como uma advertência contra compartilhar ricas verdades espirituais com ouvintes indignos. Jones, no entanto, opõe-se a esta opinião, alegando que ela não se encaixa no contexto, nem representa o pensamento de Cristo. Assim, ele oferece a seguinte interpretação alternativa: "Não devemos tomar a parte santa da personalidade que está sendo aperfeiçoada, e dá-la aos cães do desejo, nem tomar as pérolas da nossa vida espiritual e lançá-las aos porcos, aos nossos apetites mais baixos, para que eles não pisem a parte santa no lamaçal, e, voltando-se, despedacem o bem mais precioso que possuímos, ou seja, a nossa vida espiritual".[56]

c) *Pedir* (7.7-12). Pedir, buscar, bater. O primeiro sugere uma oração sincera, o segundo uma oração fervorosa, e o terceiro uma oração desesperada. É talvez sugerido – e a experiência parece apoiar este pensamento – que às vezes é necessário simplesmente **pedir** (7) a fim de obter a resposta. Se ela não vier, deve-se começar uma oração perseverante; deve-se **buscar**. Se a resposta ainda estiver demorando, pode ser necessário bater, em uma oração desesperada, e até mesmo agonizante. Mas a promessa é que todos esses tipos de oração serão recompensados (8).

Alexander Maclaren tem um sermão baseado nesta passagem chamado "A Nossa Batida". Ele analisa a verdade através de perguntas investigativas: 1) A quem estas exortações são corretamente dirigidas? 2) Em que parte da vida estas promessas são verdadeiras? 3) De que condições dependem estas promessas?

Jesus usou a analogia de um pai humano. Nem um dos seus ouvintes daria ao seu filho uma **pedra** por **pão**, ou uma **serpente** por um **peixe** (9-10). A conclusão, então, é que se nós, **sendo maus** – "mau como você e eu somos em comparação com o Pai"[57] – damos boas coisas aos nossos filhos, **quanto mais** o Pai Celestial dará **boas coisas** – e Lucas traz a expressão "o Espírito Santo" (Lc 11.13) – **aos que lhe pedirem** (11). Não se pode fugir à lógica.

A chamada regra de ouro (12) resume **a lei e os profetas**; isto é, o Antigo Testamento. O cristianismo não é nada menos, mas é algo mais.

A regra de ouro havia sido declarada na forma negativa antes da vinda de Cristo. Confúcio disse: "Não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você". Os mestres judeus tinham um ditado similar. Mas é geralmente reconhecido que Jesus foi o primeiro a apresentá-lo de uma forma positiva. Isso é algo muito diferente. Deixar de ferir é uma coisa; estender uma mão para ajudar, é outra. Esta atitude positiva é ilustrada pela parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30-35).

d) *Dois Caminhos* (7.13-14). A idéia de dois caminhos é familiar no Antigo Testamento (cf. Sl 1; Jr 21.8). Mas Jesus chamou a atenção para as portas. **Estreita** (13); a mesma palavra do versículo 14. A tradução literal é "apertada". O termo grego para **larga** significa "espaçosa". O "cristianismo do caminho largo" não levará ninguém

para o céu. Este é um pensamento solene que Jesus declarou; **poucos encontrariam** o caminho que leva à **vida**.

e) *Falsos Profetas* (7.15-20). Jesus teve que advertir os seus discípulos contra aqueles que viriam vestidos como ovelhas. Eles ajuntariam o rebanho de crentes, como se fossem um com eles, mas **interiormente** (15) seriam **lobos devoradores**. A igreja de Jesus Cristo tem sido afligida por esses falsos profetas ao longo de toda a sua história. Eles às vezes têm feito muito para destruir o rebanho. Como podem ser reconhecidos? **Por seus frutos os conhecereis** (16).

Cristo usou a analogia de vinhas e árvores frutíferas. Cada uma produz seus próprios frutos. Se a árvore for má, os frutos serão maus. O inverso também é verdadeiro. A árvore que não produz bons frutos **corta-se e lança-se no fogo.** Esta é uma advertência solene. Aqueles que não estão produzindo bons frutos não pertencem a Cristo (19).

f) *Falsa Profissão de Fé* (7.21-23). Enquanto a advertência anterior estava particularmente voltada aos líderes religiosos, esta trata do grupo de membros dentro da Igreja. O verdadeiro teste do discipulado é a obediência. Nem mesmo a pregação e a operação de milagres em Nome de Jesus Cristo prova que uma pessoa é aceita diante de Deus. O termo **demônio,** *diabolos* ("Diabo") é sempre singular no grego. A palavra aqui é plural, *daimonia*, "demônios". A penalidade para a desobediência é a separação de Deus.

2. *A Conclusão do Sermão* (7.24-29)

a) *Ilustração Final* (7.24-27). Aquele que ouve e pratica é como um homem que construiu a sua casa sobre a rocha. Quando as tempestades batem contra a casa com toda a sua fúria, ela ainda permanece firme. O termo enchente, utilizado por algumas versões, significa, literalmente, rios. O clima da Palestina é como o do sul da Califórnia, sob muitos aspectos. Os leitos dos rios ficam secos durante a maior parte do ano. Mas quando as chuvas do inverno e da primavera chegam, surgem as inundações. Jesus retratou o ouvinte descuidado como um homem que de forma insensata construiu a sua casa sobre a areia, e então a perdeu. As casas na Palestina são em sua maioria construídas com pedras ou com tijolos secos ao sol. Quando as tempestades dissolvem a argamassa, as paredes tendem a cair.

b) *A Reação da Multidão* (7.28-29). Quando Jesus concluiu o seu sermão, o povo **se admirou da sua doutrina** – ou melhor, do seu "ensino". Ele ensinava **com autoridade** (29). As pessoas comuns sentiram a sua autoridade divina, que faltava aos **escribas**, e a reverenciaram. Os escribas tinham o hábito de citar antigos mestres como apoio aos seus ensinos.

Seção III

Narrativa Retomada: UM MINISTÉRIO DE MILAGRES

Mateus 8.1—9.34

Uma das principais características deste Evangelho é o seu arranjo sistemático (veja Introdução). Depois de três capítulos de ensinos, agora encontramos dois capítulos de poderosos milagres. As *palavras* de Jesus são seguidas pelas suas *obras*. Da mesma maneira que Moisés, depois de dar aos israelitas a Lei no monte Sinai começou a realizar milagres para o povo, assim também o novo Moisés, depois de dar no monte os mandamentos básicos do Reino, realizou milagres para dar provas do poder do Reino. A respeito dele, ainda mais verdadeiramente do que a respeito do primeiro Moisés, poderia ser dito que "era poderoso em suas palavras e obras" (At 7.22).

Pode-se definir "milagre", de uma maneira muito resumida e simples, como "uma interferência na Natureza por um poder sobrenatural".[1] O homem moderno questionou a credibilidade dos milagres. Mas C. S. Lewis coloca toda a questão sob o enfoque adequado ao escrever que: "O milagre central afirmado pelos cristãos é a Encarnação... qualquer outro milagre é a preparação para isso, ou é o resultado disso".[2]

Há dez "milagres do Messias" que estão registrados nos capítulos oito e nove. A predileção de Mateus por um arranjo sistemático também aparece no agrupamento dos acontecimentos destes dois capítulos. Primeiramente, ele apresenta três milagres – a cura de um leproso (8.1-4), de um paralítico (8.5-13) e da sogra de Pedro (8.14-17). Esses milagres são seguidos por uma breve seção de ensinos (8.18-22). Em seguida, vêm outros três milagres – a transformação da tempestade em bonança (8.23-27), a libertação de dois endemoninhados (8.28-34) e a cura de outro paralítico (9.1-8). A seguir, estão o cha-

mado de Mateus (9.9), a festa em sua casa (9.10-13), e uma discussão sobre o jejum (9.14-17). O terceiro grupo de milagres inclui a cura da mulher com hemorragia e a ressurreição da filha de Jairo, mencionados juntos (9.18-26), a cura de dois cegos (9.27-31) e a cura do mudo endemoninhado (9.32-34). Estes são seguidos por uma afirmação de que Jesus passou por toda a Galiléia, ensinando, pregando e curando; também há uma observação a respeito da necessidade de obreiros.

Dos dez milagres mencionados nestes dois capítulos, nove são curas, e o outro é um milagre da natureza. Jesus mostrou a sua autoridade divina sobre as enfermidades, a morte, os demônios e as tempestades.

A. Três Milagres de Cura, 8.1-17

1. *A Purificação de um Leproso* (8.1-4)

Este acontecimento também está registrado em Marcos 1.40-45 e em Lucas 5.12-16. Como de costume, o relato de Marcos é o mais vívido dos três. Marcos coloca o episódio no final de uma viagem de pregação pela Galiléia. Lucas o coloca depois do chamado dos quatro primeiros discípulos. Mas Mateus o coloca depois do Sermão do Monte. Isto está de acordo com o seu padrão de arranjo sistemático, agrupando em um lugar os ensinos de Jesus, e em outro os seus milagres.

Um exemplo interessante das diferenças de vocabulário dos três Evangelhos Sinóticos, embora com o mesmo significado, se encontra aqui. Mateus diz que veio um leproso e **o adorou** (2). Marcos diz: "rogando-lhe e pondo-se de joelhos". E Lucas diz: "prostrou-se sobre o rosto e rogou-lhe". Os três autores utilizam uma considerável liberdade de expressão para relatar os mesmos fatos, como seria de se esperar.

Quando Jesus **tocou** o leproso (3), Ele se tornou cerimonialmente impuro, de acordo com a Lei. Mas, na verdade, o seu poder **purificou** a doença. Assim nós, ao invés de ficarmos contaminados pelo contato com os pecadores, deveríamos, pelo poder do Espírito Santo, ter uma influência redentora sobre eles. Como a lepra, na sua maneira de espalhar-se pelo corpo e de devastá-lo, é um tipo impressionante do pecado na alma, é completamente adequado que a sua cura seja mencionada como uma "purificação" (cf. Lv 14.2).

Os versículos 2 e 3 sugerem o tópico "A Disposição do Amor" com três pontos: 1) O medo do homem – **se quiseres**; 2) A fé do homem – **podes tornar-me limpo**; 3) o cumprimento por parte do Mestre – **Quero; sê limpo.**

Cristo mandou que o homem curado se apresentasse ao sacerdote, para que pudesse ser oficialmente declarado purificado (cf. Lv 14.1-52). A expressão **para lhes servir de testemunho** (4) se refere aos sacerdotes, pois Jesus já lhe tinha dado a ordem de não divulgar o ocorrido. Marcos conta que o homem curado desobedeceu esta ordem. O resultado foi que o Mestre passou a enfrentar um obstáculo em seu ministério de ensino; as grandes multidões que vinham em busca de curas (Mc 1.45; cf. Lc 5.15). Como de costume, a narrativa de Mateus é a mais curta das três.

2. *A Cura do Servo do Centurião* (8.5-13)

Este episódio não é registrado por Marcos, mas somente por Lucas (7.1-10). Aconteceu em **Cafarnaum**, a cidade que Jesus tinha adotado como seu quartel-general. Um **centurião**

– que era o oficial encarregado de cem soldados romanos – veio até Cristo com um pedido urgente. Um dos seus servos, "a quem... muito estimava" (Lc 7.2) jazia em casa paralítico e **violentamente atormentado** (6). Lucas diz que ele estava "doente e moribundo".

Jesus imediatamente respondeu: **Eu irei e lhe darei saúde** (7). Mas o centurião objetou, dizendo que ele não era digno de que o Mestre viesse à sua casa (8). Tudo o que Jesus precisava fazer era **dizer somente uma palavra** e o seu servo seria curado. Ele argumentou que, assim como ele dava as ordens e elas eram obedecidas, da mesma maneira as ordens do Mestre teriam completa autoridade para a sua execução (9). Quando Jesus ouviu esta incomum declaração de fé no seu divino poder, **maravilhou-se** (10) e disse aos seus seguidores de pouca fé: **Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé**.

Há somente uma outra ocasião em que se diz que Cristo se maravilhou, ou se admirou, e esta foi diante da incredulidade das pessoas da sua cidade (Mc 6.6). O Mestre deve ter sentido uma mistura de emoções ao ouvir as palavras do centurião – uma vibração de alegria diante da fé de um gentio, e uma pontada de tristeza diante da descrença dos seus companheiros judeus. Não se pode deixar de imaginar quais podem ser as Suas reações diante das atitudes dos membros da Sua igreja na atualidade. Será que estamos alegrando o coração de Jesus com uma convicta fé nele?

Somente Mateus registra, nesta ocasião,[3] a advertência de Cristo de que muitos gentios virão **do Oriente e do Ocidente** (11) para se sentarem à mesa com os patriarcas no Reino dos céus, ao passo que os **filhos do Reino** (12) – os judeus – serão lançados **nas trevas exteriores** (11-12). Este é um dos diversos pontos onde Jesus faz uma forte advertência quanto a estar perdido na noite da eternidade. Vindo no final desta demonstração de fé, o ensino é claro. Aqueles que vêm ao **Reino dos céus** o fazem por meio da fé. Aqueles que não possuírem esta fé serão lançados fora.

O Mestre mandou que o centurião fosse para casa, com fé. **E, naquela mesma hora, o seu criado sarou** (13).

William Barclay desenvolve essa história sob três títulos: 1) Um pedido de um bom homem (5-6); 2) O passaporte da fé (7-12); 3) O poder que aniquila as distâncias (13).

Em um exame superficial, parece que Mateus e Lucas apresentam uma séria contradição em suas narrativas (veja o *comentário* sobre Lc 7.1-10). Lucas diz que o centurião não veio pessoalmente até Jesus, mas enviou alguns "anciãos dos judeus" para fazerem o pedido. Eles rogaram muito, dizendo que o centurião amava a nação judaica e que tinha construído a sinagoga deles (Lc 7.5). Quando Jesus estava a caminho da casa do homem, ele "enviou-lhe... uns amigos" para lhe dizer que não precisava vir, mas apenas pronunciar uma palavra de cura.

Todo o problema fica resolvido quando identificamos o hábito de Mateus de enfocar os acontecimentos através de um "telescópio", resumindo os fatos por meio de uma descrição breve e genérica, sem dar todos os detalhes. Inúmeros exemplos desse fenômeno podem ser encontrados no seu Evangelho. Neste caso, o centurião **veio** até Jesus representado por seus amigos.

É interessante observar que todos os centuriões mencionados no Novo Testamento aparecem sob uma luz favorável. Além deste, os outros Evangelhos Sinóticos falam sobre o centurião junto à cruz, que deu um testemunho favorável por ocasião da morte de Jesus. Os demais centuriões são mencionados no livro de Atos. Um deles é Cornélio, no capítulo

10, e o outro, Júlio, no capítulo 27. Eles foram melhores do que os governadores, que eram os seus superiores hierárquicos, e do que os soldados que lhes eram subordinados.

3. *A Cura da Sogra de Pedro* (8.14-17)

Este milagre está registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 1.29-34; Lc 4.38-41). Marcos e Lucas indicam que ele aconteceu quando Jesus e os seus discípulos retornavam de um culto na sinagoga, no sábado. Mas Mateus o coloca junto com uma série de eventos de cura, sem uma seqüência cronológica.

Talvez Pedro estivesse embaraçado pelo fato de sua sogra não poder servir os convidados em sua casa. Mas Jesus **tocou-lhe na mão, e a febre a deixou** (15). O fato de que ela foi curada imediata e completamente está demonstrado pela afirmação de que ela **levantou-se e serviu-os**. Que emoção: "O toque da mão do Mestre na minha!"

Os três Evangelhos Sinóticos também narram os muitos milagres de cura que ocorriam após o pôr-do-sol, quando o sábado já tinha terminado. Uma característica notória desta ocasião foi a expulsão dos demônios, ou **espíritos** (16). Como é característico, Mateus cita uma passagem do Antigo Testamento como tendo sido cumprida: **Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças** (17).

Na versão ARC da Bíblia, em Isaías 53.4 lemos: "Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si". Morison afirma que essas palavras, como estão apresentadas em Mateus: **Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças** são "uma tradução mais literal do original hebraico do que a que está apresentada na nossa versão do Antigo Testamento".[4] Além disso, "a palavra hebraica traduzida como *tristezas* em algumas versões, na verdade significa *doenças*, e é assim traduzida em quase todas as outras passagens onde aparece".[5] Filson observa que **tomou** e **levou** "têm aqui um significado pouco comum: levou embora, removeu".[6]

B. O Custo do Discipulado, 8.18-22

Jesus era um trabalhador vigoroso. Mas apesar disso percebeu que Ele e os seus discípulos precisavam às vezes afastar-se da **grande multidão** (18) que constantemente se aglomerava em volta dele. Então, Ele ordenou que fizessem a travessia para a **outra margem** – a margem leste do lago da Galiléia, onde poderiam ter um período tranqüilo para descanso e isolamento.

Um **escriba** (19) ansioso – um professor da Lei – aproximou-se de Jesus com uma oferta que soou como uma completa consagração: **Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei**. Mas Cristo pôs à prova este possível discípulo, lembrando-o de que **as raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça** (20). Em outras palavras, Ele disse: "Pense no custo dessa decisão".

Esta é a primeira vez, no texto de Mateus, que aparece o título **Filho do Homem**. Ele é usado oitenta e três vezes nos Evangelhos – sempre saindo dos lábios de Jesus e sempre se aplicando a Ele mesmo. Exceto nos Evangelhos, ele só aparece no Novo Testamento – com o artigo definido "o Filho do Homem" – em Atos 7.56.

Já houve uma considerável discussão sobre o significado desta expressão. Vincent Taylor escreve: "Já se afirmou que *bar nasha* não pode querer dizer nada além de 'um

homem' ou 'homem' em geral; mas agora se reconhece amplamente que o termo pode carregar o sentido de 'o Homem', e desta maneira poderia ser usado como um nome para o Messias".[7] Manson encontra uma correlação íntima entre Filho de Deus, Servo do Senhor (em Isaías) e Filho do Homem. Ele diz: "... funções a princípio atribuídas pelos profetas ao príncipe da linhagem de Davi e que nos Salmos reaparecem em uma forma transfigurada ou infiltrada de sofrimento na pessoa do Servo, e finalmente investida de todas as características de glória e esplendor apocalípticos na figura do sobrenatural Filho do Homem".[8] Este último uso se encontra em Daniel 7.13.

Um outro discípulo de Jesus lhe disse: **Senhor, permite-me que, primeiramente, vá sepultar meu pai** (21). A resposta do Mestre parece áspera: **Segue-me e deixa aos mortos sepultar os seus mortos** (22). Mas não devemos supor que o pai já estivesse morto e que Jesus estivesse tentando evitar a ida do discípulo ao sepultamento. A exigência na Palestina era que o corpo fosse sepultado no mesmo dia da morte. Provavelmente o pai desse discípulo ainda viveria por alguns anos. Mas, sendo o filho mais velho (aqui implícito), era sua responsabilidade cuidar para que quando o seu pai morresse, tivesse um sepultamento adequado. Jesus lhe informou que havia coisas mais importantes para fazer. Aqueles que estavam espiritualmente **mortos** poderiam sepultar aqueles que passassem a estar fisicamente **mortos**.

Esta passagem só tem um paralelo em Lucas 9.57-62. Ali, um terceiro indivíduo é quem se oferece para seguir a Cristo. Mas antes ele quer se despedir dos que estão em casa. Isto poderia significar dias de festas e de visitas a todos os seus parentes. Jesus o advertiu do perigo de "olhar para trás".

Bonhoeffer expressou bem o principal impulso desta seção. Ele diz: "Jesus convoca os homens para segui-lo, não como um professor ou como um padrão de uma vida de caridade, mas como o Cristo, o Filho de Deus... Quando somos convocados para seguir a Cristo, somos convocados para uma ligação exclusiva com a sua pessoa".[9]

C. MAIS TRÊS MILAGRES, 8.23—9.8

1. *Acalmando a Tempestade* (8.23-27)

Depois do atraso causado pela conversa com os dois homens (cf. v. 18), Jesus **entrou em um barco** com os seus discípulos (23). Este era provavelmente o pequeno barco de pesca de Pedro. Quando eles estavam cruzando o lago, se levantou (24) uma **tempestade** (*seismos*, "terremoto"). Enquanto o barco era **coberto pelas ondas**, Jesus estava dormindo (tempo imperfeito). Ele estava tão cansado que a tempestade não o despertou (veja também Mc 4.35-41; Lc 8.22-25).

Muito assustados, os discípulos o despertaram com o grito: **Senhor, salva-nos, que perecemos** (25). Ele primeiro os repreendeu por **temerem** (26; de forma literal, "covardemente") e então **repreendeu** os ventos e o mar. O resultado foi uma **grande bonança**. Não é de surpreender que **aqueles homens tenham se maravilhado** (27). Em seus anos de pescaria no lago eles já tinham passado por muitas tempestades graves, mas nunca por uma que tivesse sido subitamente acalmada pela ordem de uma pessoa. A reação deles ainda hoje é pertinente: **Que homem é este!** Como um mero homem Ele seria completamente inexplicável.

2. *Os Endemoninhados Gadarenos* (8.28-34)

Quando Jesus e os seus discípulos chegaram ao lado leste do lago da Galiléia – cerca de onze quilômetros de travessia – eles se encontraram no país dos *Gergesenos*. Isto pode representar a vila de Khersa, cujas ruínas estão próximas à única colina perto da costa leste. Mas em alguns manuscritos gregos consta "gerasenos" (a leitura em Marcos e Lucas). Gerasa estava a cerca de 48 quilômetros a sudeste do lago. "Gadareno" é o termo que os mais antigos manuscritos gregos apresentam no texto de Mateus. Gadara era a cidade mais próxima, a quase dez quilômetros de distância.

O fato de Mateus mencionar **dois** (28) endemoninhados, ao passo que Marcos e Lucas falam somente de um, pode ser devido à sua mente de contador. Sendo um coletor de impostos, ele tinha que manter estatísticas cuidadosas. Os outros dois evangelistas podem ter mencionado somente o mais proeminente dos dois.

Embora a descrição de Marcos seja mais completa e vívida, Mateus é o único que diz que **tão ferozes eram, que ninguém podia passar por aquele caminho**. Esses dois homens estavam colocando em perigo a vida dos habitantes daquela região.

Os demônios, como em outras ocasiões, reconheceram Cristo como sendo o Filho de Deus e temeram o **tormento** que inevitavelmente sofreriam (29). Atendendo um pedido, Jesus permitiu que os demônios entrassem em uma manada de porcos que estava nas proximidades – Marcos afirma que eram quase dois mil. O resultado foi que toda a manada morreu nas águas do lago (30-32). Aqueles que guardavam os porcos fugiram até à cidade para contar tudo o que havia ocorrido (33). **Toda aquela cidade saiu ao encontro de Jesus** (34). O povo, tomado pelo medo (Lc 8.38) rogou que Ele se retirasse **do seu território** (das suas "fronteiras" ou do seu "distrito"). Eles tiveram medo do poder de Jesus.

Como de costume, a narrativa de Mateus é muito mais curta do que a de Marcos (5.1-20), ou mesmo do que a de Lucas (8.26-39). Ele deixa de lado muitos dos detalhes encontrados nos relatos dos outros dois evangelistas, de acordo com o seu procedimento usual de resumir o material da narrativa.

Algumas vezes, duas questões têm sido formuladas a respeito desse acontecimento. A primeira é: Por que Jesus permitiu que esses porcos fossem destruídos? Houve quem sugerisse que Ele queria confirmar a fé dos dois endemoninhados curados, por esta evidência visível de que os demônios haviam realmente deixado os seus corpos. Alguns pensam que Jesus fez isso para mostrar à multidão o poder tremendo e as tendências destrutivas que os demônios possuem. Trench escreve sobre o relato onde somente é mencionado um endemoninhado: "Se esta concessão ao pedido dos espíritos maus ajudou de alguma maneira a cura deste sofredor, fazendo com que eles relaxassem a sua posse do corpo dele com maior facilidade, aliviando o ataque através de sua saída, este teria sido um motivo suficiente para permitir que aqueles animais morressem. Para a cura definitiva do homem poderia ter sido necessário que ele tivesse esta evidência exterior e o testemunho de que os poderes infernais que o mantinham aprisionado agora o haviam deixado".[10]

Uma segunda pergunta que se faz é a seguinte: Que direito tinha Jesus de destruir a propriedade de outras pessoas? A resposta para esta pergunta é mais difícil. Se tivéssemos certeza de que os donos eram judeus, isto ofereceria uma solução simples. Os judeus deveriam evitar as carnes impuras, o que incluía os porcos. Mas Decápolis era uma região de população predominantemente gentílica. De qualquer forma, o caráter de Cris-

to garante que Ele não faria nada injusto. Os atos de Deus não podem ser sempre julgados segundo os padrões dos homens. Porém devemos sempre nos lembrar de que Deus não fica devendo nada a ninguém. Se tivéssemos mais informações, poderíamos entender melhor esta situação.

3. *A Cura do Paralítico* (9.1-8)

Deixando Decápolis, como lhe havia sido solicitado, Jesus **passou para** a margem oeste (veja o mapa), à **sua cidade** (1). Esta cidade era Cafarnaum, que Ele tinha escolhido como o quartel-general para o seu ministério na Galiléia. Ela estava localizada na costa noroeste do Lago da Galiléia.

Ali trouxeram a Ele **um paralítico** – uma única palavra em grego, *paralyticon*. Quando Jesus viu a **fé deles** – provavelmente tanto a do homem enfermo quanto a dos seus amigos – disse ao paralítico: **Perdoados te são os teus pecados** (2). O texto grego diz: "Os seus pecados estão perdoados". Este já era um fato concreto. Os judeus acreditavam que as enfermidades eram conseqüências do pecado na vida de uma pessoa (Jo 9.2). Existe a possibilidade de que a paralisia deste homem tenha sido causada, em parte, por um severo complexo de culpa, e que ele precisasse, antes de mais nada, cuidar desse aspecto.

Alguns escribas ali sentados pensaram: **Ele blasfema** (3). Jesus, **conhecendo os seus pensamentos**, perguntou: **Por que pensais mal em vosso coração?** (4). A absolvição do homem pecador colocou Cristo em uma posição difícil no conceito desses fariseus. "Ou Ele era o Filho de Deus ou – como os escribas disseram segundo o ponto de vista deles – era um blasfemo."[11] Ele já tinha demonstrado suficientemente a sua divindade, mas eles ainda não criam nele. Agora, a realização do milagre justificava a sua reivindicação de ter o direito divino de perdoar os pecados.

O que é mais fácil? perguntou Jesus: **Dizer ao paralítico: Perdoados te são os teus pecados, ou: Levanta-te e anda?** (5). A resposta dos escribas teria sido a primeira. Pois ninguém poderia confirmar os resultados desta afirmação. Mas Jesus curou o corpo do homem – um fato possível de ser observado – como prova de que Ele tinha perdoado os seus pecados.

A cura deste paralítico de Cafarnaum é "a primeira história que coloca o divino poder de cura de Jesus em uma relação direta com o seu divino poder e autoridade para perdoar pecados".[12]

Como no caso do evento anterior, a narrativa de Mateus é muito mais curta e menos vívida do que a de Marcos (2.1-12) ou do que a de Lucas (5.17-26). Ele não diz nada sobre os quatro homens (Marcos) que traziam o paralítico, descobrindo o telhado e fazendo um buraco nele (Marcos e Lucas). Uma cuidadosa comparação destes três relatos fornece uma amostra legítima das diferenças típicas dos três Evangelhos no tratamento do material da narrativa.

D. Misericórdia, Não Sacrifício, 9.9-17

1. *A convocação de Mateus* (9.9)

Quando Jesus estava saindo de Cafarnaum, Ele viu um homem chamado **Mateus** – "Levi" em Marcos 2.14 e Lucas 5.27 – sentado **na alfândega**. Isso pode sugerir uma

alfândega perto do cais da cidade, onde os peixes eram examinados e os impostos sobre eles eram coletados. Outra possível tradução é o *lugar onde os impostos eram pagos* (ASV), e poderia se tratar de uma praça de pedágio na grande estrada entre Damasco e o Egito, onde as caravanas eram obrigadas a pagar o pedágio sobre os bens que levavam. Provavelmente a melhor tradução será "coletoria". Os romanos exigiam que os judeus pagassem impostos por cada árvore frutífera, cada poço, cada pedaço de terra e cada animal que eles possuíssem. Essa taxação parecia opressiva e o fato de ser imposta por estrangeiros era particularmente ofensivo.

Para esse coletor de impostos Jesus disse apenas: **Segue-me**. Mateus imediatamente, **levantando-se, o seguiu**. Este foi um grande passo para Mateus. Bonhoeffer comenta: "O discípulo é arrastado da sua relativa segurança para uma vida de completa insegurança (ou seja, na verdade, para a completa segurança da companhia de Jesus)".[13]

2. *Comendo com os Publicanos e Pecadores* (9.10-13)

Quando Jesus estava **sentado à mesa** (literalmente, "reclinado à mesa") **em casa** – Lucas 5.29 a identifica como sendo a casa de Levi (Mateus) – **muitos publicanos e pecadores** sentaram-se **juntamente com Jesus e seus discípulos** (10). Uma boa tradução para **publicanos** é "coletores de impostos". Os *publicani* eram os homens ricos, normalmente romanos, que eram responsáveis pelos impostos de regiões inteiras. Os assim chamados **publicanos** dos Evangelhos eram os coletores de impostos locais – judeus que eram odiados pelos seus compatriotas. Eles eram considerados "de dupla face" e "desprezíveis" porque "tinham vendido os seus serviços para o opressor estrangeiro contra o seu próprio povo, e estavam literalmente envolvidos em um roubo".[14]

Os **pecadores** eram aqueles que assim eram considerados pelos fariseus, porque não eram cuidadosos na observância das muitas exigências cerimoniais da lei escrita e oral. Um judeu sério não comeria com os publicanos nem com os pecadores.

Então os fariseus reclamaram aos **discípulos** (11). Aparentemente, temiam atacar a Jesus diretamente. Mas o Mestre tinha uma resposta para eles: **Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes** (12). Isto expressa um fato perfeitamente óbvio e explica por que os fariseus desprezavam Jesus. Eles pensavam que eram **sãos**. O Mestre então cita Oséias 6.6 – **Misericórdia quero e não sacrifício** (13). Uma das idéias dominantes dos Profetas Menores é a exigência da justiça, mais que o ritualismo. Isto é o que esta declaração do Antigo Testamento significa. Ela continua válida hoje em dia. Nenhuma quantidade de sacrifícios de animais – nem ritualismo ou retidão exterior – compensa a falta de amor e de misericórdia na vida de uma pessoa. Jesus não veio para convocar aqueles que se consideravam **justos**, mas aqueles que tinham necessidades – aqueles que eram **pecadores** desprezados.

3. *A Questão do Jejum* (9.14-17)

Marcos (2.18) torna este episódio mais vívido apresentando o contexto da situação: "Os discípulos de João e os fariseus jejuavam" (ASV). Isto é, na verdade, era um dia de jejum, e estes dois grupos de judeus rigorosos estavam respeitando a ocasião. Eles ficaram chocados ao ver que os discípulos de Jesus estavam comendo em um dia de jejum. Então fizeram perguntas a esse respeito. A expressão **muitas vezes** (14) não aparece nos manuscritos gregos mais antigos. Deixando-a de fora, a pergunta em

Mateus é basicamente a mesma em Marcos: "Por que jejuamos nós, e os fariseus... e os teus discípulos não jejuam?"

Jesus respondeu usando a imagem de um casamento. **Os filhos das bodas** (15) significa os amigos do noivo. Eles não podem **andar tristes** – o jejum é, de alguma maneira, um símbolo de tristeza – enquanto o noivo está com eles. Mas Jesus indicou que chegaria uma época em que Ele seria levado, e então os seus discípulos iriam jejuar.

Para ilustrar o contraste entre o Antigo e o Novo, Jesus mencionou duas parábolas curtas. A primeira foi aquela que tratava de fazer um remendo novo em uma roupa velha (16). Quando a roupa fosse lavada, o remendo novo iria encolher e esticar as extremidades da roupa previamente encolhida. Isto faria com que a roupa se rasgasse.

O segundo exemplo foi o de colocar vinho novo em odres velhos (17). Eles não tinham **garrafas** de vidro naquela época. Ao invés disso, usavam bolsas feitas de peles de cabra. A carcaça era removida e a pele era costurada, exceto pelo pescoço. Ainda se pode ver pessoas na Palestina enchendo bolsas de peles de cabra com água em fontes.

Se o vinho novo for colocado em uma pele "nova" ou "fresca", a pele irá esticar devido à fermentação e à expansão do vinho. Mas se o vinho novo for colocado nas peles velhas, quebradiças e já esticadas, será um desastre. As peles secas e esticadas não têm capacidade para esticar mais pela atuação da fermentação do vinho novo. Ao invés disso, elas irão arrebentar em algum ponto, e tanto o vinho quanto a pele se perderão.

A aplicação é clara. As novas verdades do cristianismo não devem ser aplicadas às antigas formas do judaísmo. Os primeiros capítulos do livro de Atos dão uma idéia das dificuldades envolvidas na substituição das peles antigas pelas novas. As instituições entrincheiradas podem rachar e serão incapazes de guardar as novas verdades.

Os três episódios desta seção (9.9-17) são encontrados nos três Evangelhos Sinóticos (veja Marcos 2.13-22; Lucas 5.27-39).

E. O Terceiro Conjunto de Milagres, 9.18-34

1. *Um Milagre Duplo* (9.18-26)

Nos três Evangelhos Sinóticos[15] a cura da mulher que tinha uma hemorragia é colocada no contexto da ressurreição da filha de Jairo. Assim, esses dois episódios serão tratados em conjunto.

Jesus foi abordado por um chefe da sinagoga,[16] Jairo, – o nome é dado em Marcos 5.22 – com o pedido de que Ele viesse e colocasse a mão na cabeça de sua filha. Mateus relata que Jairo disse: **Minha filha faleceu agora mesmo** (18) ao passo que Marcos apresenta: "Minha filha está moribunda" (Mc 5.23) – literalmente, "no seu último suspiro". Marcos e Lucas falam de alguém que conta, quando estavam a caminho da casa, que a filha tinha morrido. Mas ela estava morta quando Jesus começou a caminhar com Jairo? Uma vez mais, para uma explicação nos valemos do costume de Mateus de resumir a narrativa. Marcos e Lucas dão os detalhes corretos que preenchem o magro relato de Mateus.

Enquanto Jesus estava acompanhando Jairo até à sua casa, uma tímida mulher que vinha sofrendo de uma hemorragia durante doze anos veio por trás dele e **tocou a orla da sua veste** (20) – ou "a borda da sua veste" (cf. Nm 15.38). Ela acreditava que se tocasse a sua veste, **ficaria sã** (21). O verbo aqui é *sozo*, que é usado com freqüência nos

Evangelhos e algumas vezes no Livro de Atos, significando a cura física. Mas nas Epístolas ele é usado regularmente significando a salvação espiritual. As palavras gregas para Salvador e salvação têm a mesma raiz de *sozo*. Elas enfatizam o fato de que a salvação significa a saúde espiritual ou a saúde completa.

Não foi o toque na veste de Jesus que curou a mulher; foi a sua fé (22). Mas a sua fé se manifestou através do seu ato.

Quando Cristo chegou à casa do chefe da sinagoga, Ele encontrou **os instrumentistas e o povo em alvoroço** (23), ou "tumulto". Esses **instrumentistas** ou "flautistas" seriam as carpideiras contratadas, profissionais. Quanto mais ruído fizessem no sepultamento, mais dinheiro receberiam. Como o corpo devia ser enterrado no mesmo dia, não havia tempo a perder.

Que contraste com a conduta calma e digna de Cristo! Ele mandou embora as carpideiras contratadas: **Retirai-vos** (24). Ele garantiu a todos que a jovem não estava morta, mas somente adormecida. Irritadas e frustradas, as carpideiras riram dele.

Colocando os incrédulos para fora da sala, Jesus levou consigo somente Pedro, Tiago e João, além dos pais da menina (cf. Marcos e Lucas). O Criador pegou a mão da menina sem vida e ela se levantou (25).

A história da ressurreição de uma garota naturalmente causou grande comoção, e divulgou ainda mais a fama de Jesus por toda a terra da Palestina (26).

2. *A Cura de Dois Cegos* (9.27-31)

Este episódio, assim como o seguinte, só está registrado em Mateus. Novamente encontramos dois homens – desta vez, **dois cegos** (27). Eles clamaram: **Tem compaixão de nós, Filho de Davi.** Filson observa: "Eles o aceitam como o líder messiânico esperado que iria fazer as maravilhosas obras de misericórdia mencionadas em Isaías 35.5".[17]

Quando afirmaram a sua fé nele (28), Jesus respondeu: **Seja-vos feito segundo a vossa fé** (29). Esta é uma afirmação tremendamente desafiadora para todos os cristãos da atualidade. Teremos aquilo que cremos que o Senhor pode fazer por nós.

Quando o Grande Médico tocou os olhos deles, logo puderam ver. Então Jesus os **ameaçou**, dizendo que não contassem a ninguém o que havia acontecido (30). O verbo é muito forte em grego. Aqui ele significa "advertir com firmeza".[18] A razão para Jesus falar tão energicamente era que Ele não queria que o excesso de publicidade atrapalhasse o seu ministério de ensino, causando a vinda de multidões procurando apenas a cura. Mas a ameaça foi em vão. Os dois homens **divulgaram a sua fama por toda aquela terra** (31).

3. *A Cura do Endemoninhado e Mudo* (9.32-34)

Os Evangelhos mostram a possessão demoníaca como causando a demência, e, aqui, a mudez. Quando libertado do demônio, o homem falou. Novamente **a multidão se maravilhou** (33) com o poder de Deus.

Mas os fariseus tinham uma outra explicação para o fato. Eles disseram que Jesus estava expulsando os "demônios" por meio do príncipe dos demônios (34). Esta era uma perversão moral por parte daqueles líderes religiosos, confundindo o demoníaco com o Divino. Em outra passagem vemos Jesus lidando firmemente com essa atitude deles.

Seção IV

Segundo Discurso:
AS INSTRUÇÕES PARA OS DOZE

Mateus 9.35—10.42

A. A Necessidade de Obreiros, 9.35-38

A afirmação resumida sobre o ministério de Jesus na Galiléia no versículo 35 é muito similar à do texto em 4.23. Nos dois versículos se chama a atenção para *o ensino, a pregação* e *a cura*. A palavra grega para **enfermidades** significa "moléstia", e denota "doença".[1] Assim, a tradução correta é "todas as enfermidades e moléstias".

A expressão **Teve grande compaixão** (36) é uma única palavra em grego, *esplangchnisthe*. Este verbo ocorre cinco vezes em Mateus, quatro em Marcos e três em Lucas. Ele vem de *splangchnon*, que significa "as partes interiores". Ele só é usado literalmente uma vez no Novo Testamento (At 1.18), e dez vezes metaforicamente, significando "o coração, os sentimentos".[2] Aqui a idéia é a de que o coração de Jesus estava movido pela compaixão – o que literalmente significa "sofrendo com". Como o verbo está no aoristo passivo, é melhor traduzi-lo como "ele estava *tomado* pela compaixão". Esta era a reação imediata de Cristo às necessidades humanas.

Desta vez o seu coração foi tocado porque Ele viu a multidão desgarrada e errante, **como ovelhas que não têm pastor**. Os líderes religiosos do judaísmo não estavam cumprindo a sua responsabilidade como pastores do povo. As ovelhas estavam "esgotadas" e "prostradas".

Assim, Ele disse aos seus discípulos: **A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros** (37). Os olhos compassivos do Mestre viam a multidão como um grande

campo, pronto para a colheita. Ele disse aos seus discípulos: **Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara** (38). Esta oração ainda hoje é pertinente. Pois embora os ceifeiros estejam em maior número, eles não são suficientes diante do crescimento colossal da seara. Vinte séculos depois, existem incontáveis multidões de pessoas que nunca ouviram as boas-novas do evangelho, de que Cristo morreu para salvá-las do pecado. *Mandar* é um verbo forte em grego. Jesus tinha urgência de que a tarefa da evangelização fosse desempenhada.

Neste exemplo, e nestas palavras de Jesus, podemos ver: 1) O Nosso Senhor nos ensinando como olhar para os homens; 2) Como essa visão nos deve tocar; 3) Como Cristo gostaria que nós agíssemos (Maclaren).

B. A Missão dos Doze, 10.1-42

1. *A Nomeação* (10.1-4)

Jesus escolheu **doze discípulos** (1) para que empreendessem uma viagem missionária pelas doze tribos de Israel. As fronteiras dessas tribos já não estavam intactas, mas havia representantes de todas estas tribos no meio do povo que ficou na terra, assim como no meio daqueles que retornaram do cativeiro. A missão dos doze era estritamente voltada às "ovelhas perdidas da casa de Israel" (6).

Aos seus mensageiros, Jesus deu "autoridade" – a palavra grega é *exousia* – **sobre os espíritos imundos**. Uma importante parte do ministério dos discípulos, como do próprio Senhor, consistia em expulsar demônios, e curar os enfermos.

A expressão **espíritos imundos** aparece duas vezes em Mateus, dez vezes em Marcos, e cinco em Lucas (além de "espírito de um demônio imundo", 4.33), duas vezes no livro de Atos e uma vez no Apocalipse (16.13). Ela parece ser uma designação particularmente apropriada para "demônios". Essa última palavra, *daimonia*, é encontrada onze vezes em Mateus, treze em Marcos, vinte e duas vezes em Lucas e seis vezes em João – de um total de sessenta vezes no Novo Testamento. Lucas também os chama de "espíritos maus" ou "espíritos malignos" (Lc 7.21; 8.2; At 19.12-13, 15-16).

Os doze discípulos são chamados de **apóstolos** (2). A palavra vem do grego *apostolos*, que quer dizer "alguém enviado em uma missão". Walls observa que "A força do termo *apostolos* é provavelmente a de 'alguém comissionado' – e está implícito que se trata de alguém comissionado por Cristo".[3]

Listas dos **doze apóstolos** podem ser encontradas em todos os Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 3.16-19; Lc 6.14-16) e em Atos 1.13. Todas as listas começam com Pedro e terminam com Judas Iscariotes (exceto a última, que foi preparada quando Judas já estava morto). Os quatro pescadores sempre são citados em primeiro lugar, embora em seqüências diferentes. Mateus e Lucas os mencionam como pares de irmãos. Marcos e Atos mencionam Pedro, Tiago e João em primeiro lugar, como constituindo o círculo mais íntimo, um grupo privilegiado que esteve a sós com Jesus na ocasião da ressurreição da filha de Jairo, no Monte da Transfiguração e no Getsêmani. Além disso, o segundo grupo de quatro nomes sempre começa com Filipe, e o terceiro grupo com Tiago, o filho de Alfeu. As pequenas diferenças podem ser vistas na comparação das listas.[4]

Simão "é um nome grego comum substituto do hebraico Symeon" (cf. Atos 15.14).[5] **Pedro** é o grego *petros* ("pedra"). Ele é designado como sendo **o primeiro**. Tasker diz: "Há pouca dúvida de que *o primeiro* (*protos*) signifique 'o primeiro e o principal' ".[6] **André** e **Filipe** são nomes gregos. **Bartolomeu, Tomé** ("gêmeo") e **Mateus** são nomes aramaicos. Aquele que foi apelidado como **Lebeu** talvez deva ser omitido, por não ser encontrado nos dois manuscritos gregos mais antigos (cf. as versões revisadas). Marcos apresenta simplesmente **Tadeu**. Em lugar desse nome, Lucas usa "Judas, filho [ou irmão] de Tiago" (Lc 6.16; At 1.13). Tasker observa: "Pode ser que Judas fosse o seu nome verdadeiro; porém, mais tarde, devido ao estigma ligado ao nome Judas Iscariotes, Tadeu (que talvez signifique "de coração bondoso") tenha sido um nome que substituiu o nome Judas".[7]

Simão, o Zelote (4), esta última palavra deve ser entendida como simplesmente designando-o como um judeu que era zeloso pela lei (como Saulo) ou um homem que foi, anteriormente, um membro do grupo revolucionário que se tornou conhecido como "os zelotes".[8] **Iscariotes** normalmente se explica como um "homem (hebr. *ish*) de Queriote" – um vilarejo de Judá. Se isso estiver correto, Judas era, aparentemente, o único dos doze que não era da Galiléia.

2. *Instruções* (10.5-15)[9]

A primeira instrução que o Mestre deu aos seus doze apóstolos (somente no texto de Mateus) foi a de não evangelizar **as gentes** (ou "os gentios") nem os **samaritanos** (5). Depois do Pentecostes isso seria feito, como está registrado no livro de Atos. Mas antes da sua crucificação, Jesus estava preocupado em oferecer o Reino a Israel. Paulo declarou que o evangelho de Cristo é "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). **As ovelhas perdidas da casa de Israel** (6) devem ser as primeiras a ter a oportunidade de aceitar o seu Messias.

A mensagem que eles deviam *pregar* (proclamar) era: **É chegado o Reino dos céus** (7). Esta era a mensagem de Jesus e de João Batista.

Juntamente com a sua pregação, eles deviam desempenhar um ministério de cura dos enfermos e de expulsão dos demônios (8). A ordem, **ressuscitai os mortos** (encontrada somente no texto de Mateus) apresenta um problema. Adam Clarke a rejeita como improvável.[10] Stier diz: "Nós a consideramos uma importação espúria de uma época futura... à fraca fé deles não se poderia confiar esse poder tão grande".[11] Mas estas palavras são encontradas na maioria dos primeiros manuscritos gregos. A. B. Bruce afirma: "Está... demasiadamente autenticada para ser omitida", e acrescenta: "Ou ela encontrou um lugar no manuscrito, ou deve ter se infiltrado como um comentário em um período muito curto".[12] O problema é que os Evangelhos registram somente três vezes em que Jesus ressuscitou os mortos. Alguns pensam que é difícil imaginar os doze apóstolos fazendo isso. Mas o Mestre delegou sua autoridade aos seus apóstolos, e esse poder estava potencialmente incluído. Nos Evangelhos não há registro de que eles realmente tenham ressuscitado os mortos, embora Pedro posteriormente tenha ressuscitado Dorcas (At 9.36-43).

A seguir vêm as instruções específicas em resposta à pergunta que não foi feita: "O que devemos levar conosco?" A ordem foi: **Não possuais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos** (9). Estas eram as três modalidades de dinheiro. O **ouro** tinha o lugar do nosso atual papel-moeda. **Cintos** literalmente significa os cintos de dinheiro – o lugar mais seguro para se transportar dinheiro.

Os **alforjes** (10) também estavam proibidos. O termo *pera*, em grego, era a palavra usada para a bolsa de couro de um viajante. Mas com base em uma inscrição deste período na Síria, Deissmann afirma: "Este termo claramente significa a bolsa em que os mendigos guardavam as esmolas que recebiam".[13] Assim, a orientação de Cristo significa duas coisas: "Não haverá pagamento, e nem mendicância".[14]

Eles não poderiam ter duas **túnicas**. A palavra grega se refere à roupa íntima. Assim, "camisas" (Moffatt) seria uma boa tradução. **Sandálias** quer dizer literalmente "atado embaixo". Eles deveriam usar sandálias, mas não poderiam levar um par extra (cf. Mc 6.9).

Bordão está no singular nos manuscritos antigos – "nem um bordão". Evidentemente algum copista posterior passou o termo para o plural, porque parecia estar em conflito com o texto de Marcos – "senão um bordão". Mas Mateus diz que eles não deveriam **possuir** ou "conseguir" um bordão; isto é, um bordão extra. Eles deveriam simplesmente levar o que tinham, e sair para a sua missão.

A razão para essas instruções rigorosas é óbvia. Os discípulos fariam uma viagem urgente e de curta duração. O clima era quente e os costumes da época lhes garantiam comida e alojamento grátis onde quer que estivessem. Assim, eles não precisavam se sobrecarregar com bagagens.

Eles deveriam escolher cuidadosamente os seus alojamentos em cada cidade, e permanecer na mesma casa enquanto estivessem ali (11). Ao entrar em uma casa a instrução era **saudai-a** (12). A saudação costumeira era "Shalom", a palavra hebraica que significa "paz!"

Quando rejeitados, deveriam sacudir dos pés a poeira do lugar (14) como um sinal de que Deus, por sua vez, rejeitava aquela casa ou cidade porque ela havia rejeitado a sua mensagem. Jesus declarou que **haverá menos rigor para... Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade** (15). Muita coisa foi dita nos últimos anos sobre "os bondosos ensinos do humilde galileu". Mas em diversas ocasiões Jesus falou com voz severa sobre a realidade de um julgamento futuro. A destruição de Sodoma é mencionada diversas vezes no Novo Testamento como um exemplo de advertência (cf. 11.23-24; Lc 10.12; 17.29; Rm 9.29; 2 Pe 2.6; Jd 7). Na verdade, em determinada ocasião Jerusalém chegou a ser chamada de "Sodoma" (Ap 11.8).

3. *Advertências* (10.16-23)

Jesus advertiu os seus discípulos quanto às perseguições que os surpreenderiam. Esta predição não fala apenas da viagem imediata que eles estavam fazendo, mas também dos muitos anos de ministério que estavam por vir. Eles estavam saindo como **ovelhas** ao meio de **lobos** (16). O Livro de Atos fornece uma documentação vívida desta afirmação. Os missionários deveriam ser **prudentes como as serpentes**, mas **símplices como as pombas**. O primeiro adjetivo significa "cauteloso", o segundo "inofensivo" ou "sincero". Um cristão bem-sucedido precisa ter essas duas características.

O Mestre preveniu os seus discípulos de que eles seriam entregues aos **sinédrios** (conselhos) e açoitados nas **sinagogas** (17). Eles também (18) seriam conduzidos à presença dos **governadores** (como Félix e Festo, Atos 24 e 25) e dos **reis** (como Agripa, Atos 26). Esses eram governadores gentios. Mas foram os judeus que causaram a prisão de Paulo. Assim, a perseguição ainda era judaica, em sua origem.

Quando entregues, eles não deveriam ficar ansiosos por sua defesa (19), pois o Espírito Santo lhes daria as palavras que deveriam dizer (20).

Cristo também declarou que a vinda do seu reino resultaria na divisão das famílias, de modo que os filhos poderiam causar a morte dos pais (21). Isto já aconteceu muitas vezes no passado e ainda hoje acontece, especialmente nos países muçulmanos. Com o aviso de que eles seriam odiados por todos os homens, por causa de Jesus, vem a promessa: **mas aquele que perseverar até ao fim será salvo** (22). Há um significado segundo o qual alguém é salvo quando se converte, outro em que alguém está sendo salvo dia após dia à medida que crê e obedece, e ainda outro segundo o qual a pessoa será salva no céu, finalmente e para sempre. É do segundo e do terceiro significados que Jesus fala neste versículo.

Se fossem perseguidos em uma cidade, os missionários deveriam ir para outra (23). Jesus os informou de que não acabariam **de percorrer as cidades de Israel** sem que viesse **o Filho do Homem**. Muita tinta foi usada na tentativa de explicar o significado dessa afirmação. Talvez a melhor interpretação possível seja a de Tasker: "Este versículo muito difícil, que só é encontrado no texto de Mateus, é melhor compreendido como uma referência à vinda do Filho do Homem *em triunfo, imediatamente após a sua ressurreição*, quando Ele apareceu aos apóstolos e os encarregou de fazer discípulos em todas as nações (28.18-20)".[15]

4. *O Discipulado* (10.24-25)

Os apóstolos não poderiam esperar escapar à perseguição, pois **não é o discípulo mais do que o mestre** (24) – literalmente, "professor". (**Discípulo** significa "aprendiz"). Nem é o **servo** (grego, "escravo") mais do que o seu **senhor** (amo). Se eles chamaram **Belzebu**[16] ao "pai de família" (uma única palavra em grego), quanto mais aos **seus domésticos** (25)?

A origem e o significado de **Belzebu** ainda estão velados na obscuridade. As recentes descobertas em Ugarit sugeriram "príncipe de Baal". Outras sugestões são "Senhor do Esterco" ou "Senhor da Residência" [por exemplo, santuário]".[17] Davies diz: "*Beelzebub*, significava originalmente 'senhor das moscas'. Mas nessa época significava Satanás, como o senhor da casa dos demônios".[18]

5. *A garantia* (10.26-33)

Apesar dessas predições de perseguição, Jesus disse aos seus discípulos que não tivessem medo. Pois **nada há encoberto que não haja de revelar-se** (26) – em grego, "descoberto". Chegará o dia em que tanto os perseguidores quanto os perseguidos serão vistos sob a sua luz verdadeira. O Dia do Juízo fará o registro correto. Portanto, os discípulos deveriam pregar a mensagem de Cristo corajosa e abertamente (27).

Eles não deveriam temer aqueles que podiam matar o corpo, mas somente **aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo** (28) – Geena (inferno). A maioria dos comentaristas concorda que a referência aqui é a Deus e não a Satanás.[19]

Para encorajar a fé dos discípulos, Jesus citou os **passarinhos** (29). Dois deles eram vendidos por um **ceitil**. Aqui há uma palavra grega diferente daquela que é traduzida como "ceitil" em 5.26 (veja o comentário sobre esta passagem). Um ceitil valia aproximadamente um centavo. Embora comercialmente cada pássaro valesse apenas meio centa-

vo, nenhum deles cairia no chão sem o consentimento do Criador. Somente a eternidade pode explicar esse conceito de Deus. As mentes finitas são incapazes. É necessário um "salto de fé" para se crer em um Deus que, na verdade, é infinito em conhecimento e em poder.

Para tornar as coisas um pouco mais pessoais, Jesus disse: **até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados** (30). Além disso, **mais valeis vós do que muitos passarinhos** (31). Assim, o sentimento lógico é a confiança, e não o medo.

Se os discípulos fossem fiéis em **confessar** (32) a Cristo pela pregação destemida da sua verdade (cf. v. 27), e o reconhecessem fielmente como o seu Senhor, a qualquer preço, Ele prometeu que os reconheceria perante o seu Pai. Mas quem quer que o negasse (33) seria negado perante o Pai. O contexto indica que o silêncio – ou seja, deixar de falar a favor de Cristo – pode ser uma maneira de negá-lo.

6. *O Preço do Discipulado* (10.34-39)

A afirmação de Jesus: **não vim trazer paz, mas espada** (34) é assombrosa – poderíamos dizer, literalmente, "chocante". É óbvio que Ele está falando dos inevitáveis resultados das exigências do discipulado. Tasker acertadamente observa: "As conseqüências são freqüentemente expressas na Bíblia como se fossem intenções".[20] Sempre será verdade que alguns membros de uma família aceitarão a Cristo, enquanto outros o rejeitarão. Isto traz um conflito inevitável. Pois Deus exige, em primeiro lugar, o nosso amor e a nossa fidelidade (37). Falando em termos terrenos, isto combate a natureza do egoísmo. Aquele que deseja seguir a Cristo deve tomar a **sua cruz** (38) em completa submissão à vontade de Deus.

Uma das frases mais significativas de Jesus está no versículo 39.[21] Sobre a primeira parte, Filson diz: "Buscar a si mesmo é derrotar a si mesmo".[22] Sobre a segunda parte, Davies escreve: "A auto-negação e o auto-sacrifício são os únicos caminhos para o auto-conhecimento".[23] No contexto da perseguição descrita nos versículos anteriores, a aplicação especial desta verdade seria: "Aquele que, sob a pressão da perseguição, desejar preservar a sua vida, perderá a verdadeira vida da alma; ao passo que aquele que morrer com alegria, viverá".[24]

7. *O Privilégio do Discipulado* (10.40-42)

O relacionamento entre o discípulo e o seu Senhor é, de certo modo, semelhante ao de Cristo com o seu Pai – **aquele que me enviou** (40). Somos lembrados da linguagem de Jesus em sua oração sumo-sacerdotal (Jo 17.21-23).

Lukyn Williams define **profeta** (41) como "alguém sobre quem se pode afirmar que o manto dos antigos profetas, de alguma maneira, caiu"; e **justo** como "alguém que é meticuloso em cumprir a vontade revelada de Deus em todos os seus detalhes".[25] Profeta e justo são termos usados aqui referindo-se aos discípulos. Até mesmo dar um copo de água fria **em nome de discípulo** (42) traz uma recompensa. Os discípulos são, desta maneira, honrados como emissários de Cristo.

Como indicado pelos títulos, as duas últimas seções deste capítulo nos dão um esboço de sermão de dois tópicos: 1) o preço do discipulado; 2) o privilégio do discipulado.

Seção V

Narrativa Retomada: A REJEIÇÃO DO MESSIAS

Mateus 11.1—12.50

A. Jesus e João Batista, 11.1-19

1. *A Resposta de Jesus a João* (11.1-6)

O primeiro versículo deste capítulo é composto por uma afirmação de transição entre o segundo discurso e a retomada da narrativa. Pela segunda vez (cf. 7.28) aparece a expressão conclusiva: **E aconteceu que, acabando Jesus de dar instruções** (1; exatamente a mesma expressão no texto grego, como em 7.28). Então se afirma que Jesus partiu – aparentemente sozinho – em uma missão de ensino e pregação. No próximo capítulo encontraremos os discípulos uma vez mais com Ele (cf. 12.1).

Somente Mateus e Lucas (7.18-35) relatam o episódio em que João enviou dois dos seus discípulos a Jesus. O profeta estava definhando na prisão, evidentemente tentado a desencorajar-se e a decepcionar-se. Ele tinha apresentado Jesus à nação dos judeus como o seu Messias. Ele tinha humildemente declarado: "É necessário que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.30). João tinha imaginado que Jesus assumiria o papel do Messias, destruindo o opressor estrangeiro (Roma) e libertando o Seu povo da escravidão. Mas Jesus não estava fazendo nada disso.

A pergunta que João fez, por meio dos seus discípulos, foi, literalmente: "És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?" Em outras palavras: "Você é realmente o Messias?"

Ao invés de dar uma resposta categórica, Jesus mandou que os discípulos voltassem até João e lhe contassem o que tinham visto e ouvido. A cura dos **cegos** e dos **coxos** (5)

era um cumprimento do papel messiânico, conforme descrito em Isaías 35.5-6. Mas o clímax era a pregação do evangelho aos **pobres** (cf. Is 61.1). A versão em grego diz: "Os pobres estão sendo evangelizados" (*evangelizontai*). Esta foi a sua principal credencial.

Uma ligeira alusão ao problema de João está sugerida no versículo 6 – **E bem-aventurado é aquele que se não escandalizar em mim**. O verbo é *skandalizo*, que já observamos (veja o comentário sobre 5.29). Parece que João tropeçava no fato de Jesus aparentemente não estar fazendo nenhum esforço para estabelecer o seu reino messiânico. João Batista havia proclamado: "É chegado o Reino dos céus" (3.2). Será que ele estava enganado? Ele tinha avisado que o machado estava pronto para cortar a árvore que não produzisse bons frutos (3.10). O Juízo estava pronto para desferir o golpe. Ele havia pregado sobre Aquele que viria para "limpar a sua eira", recolhendo no celeiro o seu trigo, mas queimando a palha com fogo que "nunca se apagará" (3.12). João sabia que a nação de Israel estava pronta para o julgamento, e ele esperava que o Messias julgasse o seu povo. O que ele não pôde perceber foi que a primeira vinda de Cristo era na graça e misericórdia. O Juízo teria que esperar pela sua segunda vinda.

Muitos estudiosos sugerem que a dúvida foi dos discípulos de João, e não dele . Mas Lenski discorda: "Este ponto de vista coloca em dúvida a integridade de João, como se ele estivesse fazendo uma pergunta que, na realidade, estava sendo feita pelos seus discípulos".[1] Além disso, Jesus disse aos discípulos que voltassem e dessem uma resposta a João. Certamente não é de surpreender que o profeta, encerrado na prisão, estivesse se debatendo em meio a sérias questões.

2. *O Elogio de Jesus a João* (11.7-15)

Depois de ter confortado João, talvez ao mesmo tempo reprovando-o gentilmente por sua falta de fé (6), Jesus prosseguiu, fazendo acerca dele os mais altos elogios para a multidão. O Senhor perguntou o que tinham ido ver no deserto, fazendo uma longa viagem para serem batizados por João. **Uma cana agitada pelo vento** (7), uma pessoa covarde e vacilante? Todos eles sabiam que João estava na prisão por sua destemida pregação perante o rei. **Um homem ricamente vestido** (8) – "vestido em seda e cetim" (NEB)? Todos sabiam que João usava uma roupa extremamente rústica – uma veste de pêlos de camelo e um cinto de couro (3.4). Ele era **um profeta?** A resposta agora era: **Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta** (9). Este era o mensageiro de Deus, o precursor do Messias, que tinha sido predito em Malaquias 3.1.

Então Jesus fez a João o mais elevado elogio. O Senhor disse que entre todos os homens que já haviam nascido, não tinha havido ninguém maior que ele (11). Talvez isso signifique que ele foi o maior dos profetas.[2] Mas ainda assim, **aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele**. O famoso pregador do século IV, Crisóstomo, interpretou **aquele que é o menor** como uma referência a Cristo. Muitos patriarcas da igreja o acompanharam nesta interpretação, como Erasmo e Lutero. Eles se basearam na idéia de que Jesus, que foi batizado por João, e que tinha menor idade e menos fama que o profeta, pudesse ser considerado "menor".[3] Em épocas recentes, Cullman apoiou esta opinião, com base nos seus estudos dos Rolos do Mar Morto. Ele apresenta a sua opinião da seguinte forma: "O menor (ou seja, Jesus como o discípulo) é maior do que ele (ou seja, João Batista) no reino do céu".[4] Mas A. B. Bruce oferece uma refutação convincente. A respeito da opinião de Crisóstomo, ele diz: "No plano abstrato é uma interpreta-

ção possível, e expressa uma idéia que poderia até mesmo ser verdadeira; mas somente Jesus poderia tê-la confirmado".[5] Evidentemente, Cristo queria dizer que o "menor" cristão é "maior" do que João em termos de privilégio, pois aquele homem de Deus de fato estava mais ligado à ordem do Antigo Testamento.

O versículo 12 é de difícil explicação. O que quer dizer a afirmação: **se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele**? Thayer, em seu estudo do verbo *biazo* (**se faz violência**), escreve: "*O reino do céu é tomado pela violência, levado pela tempestade*, isto é, uma parte do reino celestial é buscada com o mais ardente zelo e com o esforço mais intenso".[6] Esta parece ser uma interpretação sadia e confiável à luz das palavras da introdução – **desde os dias de João Batista até agora**.[7] Em outras palavras, somente aqueles que se mostram ansiosos e dedicados a buscar o Reino de Deus é que podem entrar nele. Uma vez que o verbo *biazetai* pode ser passivo ou intermediário (usado com sentido ativo), Lenski prefere a seguinte interpretação: "O reino do céu avança vigorosamente, e os mais vigorosos se apoderam dele".[8] A sua conclusão é a seguinte: "A linha de todo o discurso trata não da violência contra o reino, mas sim da indiferença e da insatisfação que impedem que os homens entrem nele com entusiasmo".[9]

O mesmo conteúdo dos versículos 12 e 13 é apresentado em Lucas 16.16, mas na ordem inversa. A idéia parece ser: Todo o Antigo Testamento – **todos os profetas e** [até mesmo] **a lei profetizaram até João** (13). Ou seja, as antigas Escrituras predisseram a vinda de Cristo. Mas João teve um papel especial. Ele foi o cumprimento de Malaquias 4.5 – o Elias do Novo Testamento, o precursor do Messias. A frase **Se quereis dar crédito** (14) provavelmente quer dizer: "Se vocês forem capazes de entender isso". Posteriormente, Jesus definiu João Batista como o cumprimento da profecia de Malaquias (17.10-13).

Quem tem ouvidos para ouvir ouça (15) é uma expressão conhecida, encontrada pela primeira vez nesta passagem, e em duas outras no texto de Mateus (13.9, 43). Ela também ocorre diversas vezes em outras passagens (Mc 4.9, 23; 7.16; Lc 8.8; 14.35; Ap 2.7; 3.6; 13.9). Este é um convite e, ao mesmo tempo, uma advertência a ouvirmos atentamente as palavras de Cristo.

3. *Jesus Contrastado com João* (11.16-19)

A análise que Jesus faz das pessoas naquela **geração** é, ao mesmo tempo, divertida e patética. Ele disse que eram como meninos que se assentam **nas praças** – na Ágora, o principal ponto de encontro em qualquer cidade daquela época – e que se recusam a cooperar com os seus companheiros, tocando seja em um casamento, seja em um funeral. Como João era um ascético, diziam: ele "tem demônio" (18). Eles se recusavam a lamentar com ele. Jesus era uma pessoa sociável, que festejava com os seus amigos. O veredicto sobre Ele: **Eis aí um homem comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores** (19). Os fariseus se recusavam a reconhecer a amizade de Jesus com os necessitados como sendo a sua maior glória, e não se alegravam com Ele pela salvação dos pecadores.

A última parte do versículo 19 causou considerável discussão. Talvez a **sabedoria** devesse ser personalizada (cf. Pv 8) podendo ser escrita com uma inicial maiúscula. No Livro de Provérbios, ela parece estar quase identificada com Deus. Os dois manuscritos gregos mais antigos (do século IV) dizem que a sabedoria é **justificada** ("aprovada")

pelas suas "obras", e não pelos seus "filhos". Mas as duas idéias são muito parecidas. Micklem parece indicar o caminho para uma possível síntese das duas, quando diz: "As obras da sabedoria, que justificam o seu caráter, são os resultados da sua energia criativa... como visto nas 'novas criaturas' (2 Co 5.17) que são os frutos das suas obras".[10] Ou seja, a sabedoria é justificada pelos seus frutos. Assim Jesus se defende contra as críticas dos fariseus.

B. Jesus e As Cidades, 11.20-24

O Mestre começou a **lançar em rosto** – "repreender" ou "censurar" – **as cidades** onde Ele tinha realizado a maioria dos seus **prodígios** ("poder", ou "obras poderosas"), porque elas não tinham se **arrependido** (20). Cox diz: "É digno de nota que o arrependimento é considerado como a reação humana apropriada aos milagres de Jesus".[11]

Especialmente citadas para a condenação foram **Corazim** e **Betsaida** (21). Essas duas cidades já desapareceram há muito tempo, como cumprimento do julgamento aqui proferido. Na realidade, a localização exata de **Corazim** é desconhecida. **Betsaida** estava à margem leste do rio Jordão, perto do lugar onde ele desemboca no Lago da Galiléia. Jesus declarou que **Tiro** e **Sidom** (cidades da Fenícia) há muito tempo teriam se arrependido com pano de saco e com cinza (sinais de profundo pesar) se tivessem presenciado os **prodígios** ("poder", ou "obras poderosas") realizados nas cidades dos judeus. Portanto, haverá **menos rigor para Tiro e Sidom, no Dia do Juízo**, do que para as outras cidades (22). Jesus assim enfatizava a extrema gravidade do pecado da impenitência. Aqueles que têm a maior luz, mas a rejeitam, serão punidos de uma forma mais severa.

A primeira parte do versículo 23 poderia ser traduzida como: "E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos". O último é o lugar da morte. A orgulhosa e arrogante **Cafarnaum** seria derrubada. Hoje está completamente em ruínas. **Sodoma** (24), a cidade pecadora do mundo antigo, estará melhor **no Dia do Juízo** do que Cafarnaum.

Este parágrafo permanece como uma severa advertência a todos os que testemunham a presença e o poder de Cristo, manifestados nos seus dias, ao longo de todas as épocas. Aqueles que se recusam a se arrepender serão duplamente condenados, por rejeitarem a luz que lhes é ofertada.

C. Jesus e Os Simples, 11.25-30

Embora rejeitado pelas cidades orgulhosas, Cristo foi aceito pelos simples, pela "grande multidão", que "o ouvia de boa vontade" (Mc 12.37). **Respondendo..., disse** (25) é uma expressão hebraica típica que significa, simplesmente, "disse". **Graças te dou** é a expressão que é traduzida como "confessar" em 3.6, onde as pessoas estão confessando os seus pecados na ocasião em que João as está batizando. Arndt e Gingrich observam: "Do significado de *confessar* se origina... o sentido mais geral de *louvor*, um louvor dirigido a Deus".[12] Jesus fala de seu Pai como **Senhor do céu e da terra**. Na sua sabedoria sobe-

rana, o Pai ocultou **estas coisas** – as coisas relacionadas ao reino – aos **sábios e instruídos**. Os primeiros (sábios) são referidos como *sophos*, o que sugere os sofisticados, aqueles que têm "inteligência humana e educação acima da média".[13] Os outros (instruídos), são referidos como *synetos*, um termo que significa "inteligente, sagaz, sábio".[14] Estas duas expressões descrevem os fariseus e os escribas, que se orgulhavam da sua educação superior. Eles tinham rejeitado a luz da verdade e como conseqüência estavam sofrendo da cegueira do juízo. Enquanto isso, o Pai tinha revelado o caminho aos **pequeninos**. Carr comenta: "Os segredos do reino não são revelados àqueles que são sábios no seu próprio conceito, mas àqueles que têm a mansidão dos bebês e uma ânsia pelo conhecimento semelhante à das crianças".[15]

Todas as coisas (27) foram dadas pelo Pai ao Filho, de modo que Ele possa cumprir a sua missão de redenção (cf. 28.18; Jo 3.35; 13.3; 17.2; 1 Co 15.25). Este versículo é quase exatamente igual a Lucas 10.22.

Jesus declarou que ninguém conhece o Filho, senão o Pai. Obviamente, Ele não está falando em um sentido relativo – como, por exemplo, conhecer a Cristo para a salvação – mas sim em um sentido absoluto. Nenhum ser humano pode compreender plenamente o Cristo divino-humano. A união de duas naturezas em uma única Pessoa está além da nossa compreensão. Mas nós podemos acreditar nela.

Revelar não é um futuro simples, mas uma expressão dupla em grego – "vai (ou deseja) revelar". Jesus é Deus revelado (Jo 1.18). Não podemos conhecer a Deus separadamente de Cristo.

Os versículos 28-30 estão entre os mais belos da Bíblia. Todo cristão deveria memorizá-los e então usá-los como consolo nas suas horas de tristeza ou de sofrimento.

Jesus não disse à humanidade pecadora: "Afastem-se de Mim", mas sim **Vinde a mim** (28). Quem está sendo convidado? **Todos os que estais cansados e oprimidos**. A primeira referência era aos judeus, sob o jugo da Lei. A Lei – escrita e oral – como era interpretada e aplicada pelos rabinos, tornava-se um fardo excessivo para se carregar (23.4; At 15.10). A segunda referência clara é ao peso esmagador do pecado e da culpa do homem, sobre o seu coração. Mas o convite também cabe aos cristãos que estão cansados e fracos. Para eles, Jesus diz: **Vinde a mim... e eu vos aliviarei** – literalmente, "eu lhes darei descanso", isto é, com a Minha presença.

Tomar o **jugo** de Cristo significa submeter-se completamente à sua autoridade. Com os rabinos, tomar o jugo de alguém significava "ir à escola de". Assim o Mestre disse, na verdade: Vinde à minha escola e **aprendei de mim** (29). Jesus declarou: Eu **sou manso e humilde de coração**. Na verdadeira mansidão está o repouso da alma. Cristo ainda declarou: **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve**. Este é o testemunho daqueles que aceitaram este bondoso convite. Bonhoeffer escreveu: "A graça é custosa porque ela obriga o homem a se submeter ao jugo de Cristo e a segui-lo; porém é graça, porque Jesus diz: 'O meu jugo é suave e o meu fardo é leve' ".[16] O segredo está em sermos cheios do Espírito de Cristo (o Espírito Santo), para que possamos dizer: "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração" (Sl 40.8). Quando os nossos corações estão cheios do amor de Deus, nós nos alegramos por fazer a Sua vontade. Alguém bem disse: "O amor suaviza todos os fardos, tornando-os leves".

Os três imperativos aqui sugerem três temas sob o título "O repouso que Jesus nos dá". São eles: 1) **Vinde**; 2) **Tomai**; 3) **Aprendei**.

D. Jesus e Os Fariseus, 12.1-45

1. *A Controvérsia Sobre a Observância do Sábado* (12.1-14)

a) *A Colheita de Grãos* (12.1-8). Havia três coisas que distinguiam particularmente os judeus dos gentios na época de Jesus. A primeira era a observância do sábado. Os fariseus eram especialmente rígidos a esse respeito. O Talmude, que é o grande depositório do judaísmo farisaico, tem 24 capítulos sobre o assunto. A segunda característica que distinguia a vida dos judeus era a circuncisão. E a terceira era a proibição de comer carne "impura".

Aconteceu que em um sábado Jesus estava passando pelas **searas** (1) – uma palavra que significa "os semeados" (plural), que quando usada como substantivo significa "campos cultivados, campos de grãos". Os seus discípulos **tendo fome**, ou, como diríamos hoje em dia, "estavam com fome", começaram a **colher espigas** – mais corretamente, "apanhar a parte superior do trigo". A imagem dos discípulos apanhando espigas de milho é enganosa para o leitor americano ou brasileiro.

Os **fariseus** (2) seguiram Jesus, não para receber a sua ajuda, mas para espioná-lo com a esperança de colocá-lo em dificuldades. Então, quando viram os apóstolos colhendo as espigas, eles imediatamente os acusaram de colher no sábado. Eles reclamaram com Jesus que os seus discípulos estavam fazendo **o que não é lícito fazer num sábado**. O quarto mandamento os proibia de fazer alguma "obra" no sábado (Êx 20.10). Mas a pergunta é: o que caracteriza uma "obra"? Os rabinos falam disso com cuidado meticuloso em centenas de regulamentos detalhados. Nós nos lembramos do menino – cuja mãe o havia mandado à cama com ordens estritas de fazer silêncio e não pedir nada. Entretanto, ele tinha uma pergunta: "Posso pensar?" Algumas vezes o peso sufocante e repressor da legislação legalista deve ter tentado alguns judeus a perguntar: "Posso respirar?"

A essa reclamação dos fariseus, Jesus tinha uma réplica. Ele citou o caso de **Davi** (3), que, com um grupo de homens famintos, comeu **os pães da proposição** (4),[17] que somente os sacerdotes tinham permissão de comer. Em outras palavras, a necessidade humana é uma lei mais importante do que as leis e regras religiosas. Ou, colocando de maneira mais exata, o amor é a lei mais importante no universo e anula todas as demais leis. E o amor exige que a necessidade humana seja satisfeita, mesmo se alguns aspectos legais tiverem que ser deixados de lado durante o processo. Isto é o que os fariseus não conseguiam enxergar. Sendo típicos legalistas, a eles lhes faltava aquele amor e aquele bom senso que juntos fazem a vida funcionar com alegria e suavidade. Mas o amor é a dádiva da graça de Deus – sim, dele mesmo, pois "Deus é amor". O legalismo é uma negação humana do amor divino.

O Mestre também lembrou os seus críticos de que os sacerdotes trabalham todos os sábados no Templo. Assim, eles **violam o sábado,** mas **ficam sem culpa** (5). O bom senso mostra que, na prática, algumas leis anulam outras. Isto é inevitável, em um mundo imperfeito como o nosso.

Então Jesus destacou o seu ponto principal. Agora está presente **quem é maior**[18] **do que o templo** (6). O verdadeiro templo, o lugar de encontro entre Deus e o homem, era o próprio Cristo. O Templo de Jerusalém era a casa de Deus; Jesus é o Filho de Deus (cf. Hb 3.3-6). Isto é algo infinitamente **maior**.

Mais uma vez (cf. 9.13), Cristo citou Oséias 6.6 – **Misericórdia quero e não sacrifício** (7). É óbvio que este conceito de religião verdadeira como consistindo de uma atitude correta e não de atos rituais era essencial no pensamento de Jesus. Se, no cristianismo, alguém colocar o seu principal enfoque na liturgia em lugar da vida, estará retrocedendo do Novo Testamento ao Antigo. E, mesmo assim, deixará de seguir a interpretação profética da lei Mosaica.

Jesus declarou: **se vós** (os fariseus) **soubésseis** o significado de Oséias 6.6 – e a construção em grego deixa claro que não sabiam – não teriam condenado os **inocentes** (plural no texto grego). O convencimento (com um sentido de condenação) é obra do Espírito Santo (Jo 16.8), e não dos seres humanos. Quando saímos por aí condenando as pessoas, estamos usurpando a autoridade divina (cf. 7.1).

O ponto decisivo é que **o Filho do Homem** (o Messias) **até do sábado é Senhor** (8). A submissão a Cristo como o Senhor Supremo acaba com todas as controvérsias básicas.[19]

b) *A Cura de um Homem que Tinha a Mão Mirrada* (12.9-14). Este milagre (cf. Mc 3.1-6; Lc 6.6-11) representa outro item no conflito entre Jesus e os fariseus quanto ao assunto da observância do sábado. Havia em sua **sinagoga** (9) – provavelmente em Cafarnaum (cf. Mc 2.1; 3.1) – um homem que tinha a mão **mirrada** (literalmente "seca"). Os fariseus perguntaram a Jesus: **É lícito curar nos sábados?** (10) O objetivo deles não era obter informações para si mesmos, mas sim evidências contra **Jesus**, para o **acusarem**.

À primeira vista, parece haver um conflito entre o texto em Marcos 3.4 e Lucas 6.9. Mateus diz que os fariseus fizeram essa pergunta a Jesus. Tanto em Marcos quanto em Lucas, Jesus é quem faz essa pergunta aos fariseus. Mas a pergunta do Mestre pode muito logicamente ter sido feita em uma forma retórica. Na presença do homem aleijado, os fariseus perguntaram a Jesus: "É lícito curar nos sábados?" Em resposta, Jesus perguntou: "É lícito no sábado fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar?" Marcos diz imediatamente que "eles calaram-se". Ao responder a pergunta dos fariseus com outra pergunta, Jesus os coloca no seu devido lugar, e assim silencia os seus adversários.

Para concluir o seu assunto, Cristo perguntou se eles não tirariam uma ovelha de uma cova em um sábado (11). Quanto mais vale um homem do que uma ovelha? **É, por conseqüência, lícito fazer bem nos sábados** (12). Tudo o que for para o bem da humanidade, será sempre agradável a Deus.

Então o Criador ordenou à sua criatura aflita: **Estende a mão** (13). Morison opina que somente a mão era mirrada, e não o braço, e que o objetivo de estender a mão tinha a finalidade de que todos pudessem ver a cura.[20] Mas estender a mão não implica e envolve um movimento do braço? Então, parece que M'Neile tem razão quando diz: "A ordem fez aflorar a fé, que foi o meio pelo qual a cura foi realizada".[21] Em outras palavras, o homem demonstrou a sua fé por meio da sua obediência. Nas situações da vida real as duas nunca podem estar separadas. De qualquer forma, a mão do homem **ficou sã como a outra**. A cura estava completa.

Ao invés de se sentirem obrigados – por este milagre – a crer em Jesus como o seu Messias, os fariseus "formaram conselho"[22] contra Ele, **para o matarem** (14). Esta ação dá uma idéia da dimensão da voluntária e obstinada rejeição deles a Cristo. Não existe nada mais irracional e despropositado do que o fanatismo religioso.

2. *O Conforto das Multidões* (12.15-21)

Em contraste com os líderes religiosos, que procuravam defeitos e faziam críticas, estavam as multidões, que tinham um entusiasmo encorajador. Quando Jesus **retirou-se** da sinagoga para escapar da conspiração para o assassinar, **acompanhou-o uma grande multidão de gente** (15). Cheio de compaixão – e talvez de gratidão, pelo menos pela fé que aquelas pessoas demonstravam em seu poder de curar – **ele curou a todos**.

Ao mesmo tempo, Ele **recomendava-lhes rigorosamente** (ou "avisava") que não o tornassem conhecido (16). A razão para este aviso está indicada em Marcos 1.45. Jesus estava tentando evitar a publicidade do seu ministério de cura, para que este não se tornasse um obstáculo para o seu ministério de ensino, que era mais importante. Ele também queria evitar que a excitação popular ficasse, humanamente falando, fora de controle, com o conseqüente perigo de um levante revolucionário contra Roma.

Mais uma vez Mateus emprega a sua fórmula favorita para apresentar o material do Antigo Testamento: **para que se cumprisse o que fora dito** (17). Desta vez a citação um pouco longa é de Isaías 42.1-4. Ela não foi tomada da Septuaginta, mas é de alguma forma uma tradução livre do hebraico. Esta característica já foi anteriormente observada no texto de Mateus. A respeito disso, Carr comenta aqui: "A divergência entre os pontos da Septuaginta aponta para uma versão independente, e a divergência entre o vocabulário de Mateus aponta para algum tradutor, e não para o próprio evangelista".[23]

A palavra **servo** (18) é *pais*, que pode significar tanto "servo" quanto "filho", embora a palavra hebraica em Isaías signifique apenas "servo". Morison tem um comentário que pode ser útil: "Os dois significados da palavra grega fazem com que ela seja peculiarmente aplicável ao Messias, no qual os dois relacionamentos se combinam".[24] A profecia: **Porei sobre ele o meu Espírito,** foi cumprida no Batismo, quando o Espírito Santo desceu sobre Jesus. **Juízo** é o significado usual para a palavra grega *krisis* (cf. "crise"). Mas aqui ela traz consigo a rara conotação de "justiça".

O Servo do Senhor não **contenderá** (19) – uma palavra grega que só é encontrada aqui no Novo Testamento, e que significa "discutir, brigar". **Clamará** é a palavra *kraugazo*, e sugere um clamor que chama a atenção para si mesmo. Ninguém **ouvirá pelas ruas a sua voz**, pedindo popularidade. Este versículo, que compõe o centro da citação, mostra particularmente a razão pela qual Mateus escolheu estas palavras de Isaías. Ele queria mostrar a modéstia do Messias, ao desejar evitar publicidade (16).

O versículo 20 emprega duas metáforas em relação ao ministério de Cristo. A primeira é a da **cana quebrada** e a segunda é a do **morrão que fumega**. A última indica um pavio que ainda tremula, mas já quase apagado pela falta de óleo. Morison dá um significado claro e simples para esta interessante passagem: "A cana quebrada e o pavio quase apagado podem se referir às vidas que Jesus restaura, e às chamas da fé que Ele faz reviver".[25] Alford diz que essas metáforas representam "uma expressão proverbial conhecida: 'Ele não esmagará o coração contrito, nem extinguirá a menor faísca de arrependimento sentida pelo pecador' ".[26] **Até que faça triunfar o juízo** significa "até que Ele faça a sua justiça triunfar, até que Ele a leve à vitória".

Para os versículos 18-21, Charles Simeon sugere o tópico: "A compaixão de Cristo em relação aos fracos". 1) A sua missão é expressa no versículo 18. 2) A sua maneira de cumpri-la está indicada nos versículos 19-20: *a*) Em silêncio; *b*) Com ternura; *c*) Com sucesso. 3) A nossa obrigação para com Ele é mostrada no versículo 21.

3. *O Desprezo dos Críticos* (12.22-45)

Esta seção mostra os fariseus na sua mais obstinada e cruel oposição a Cristo. Os seus corações carnais são desmascarados e a imagem revelada é um sórdido comentário sobre os frutos da religião legalista.

a) *O Endemoninhado Cego e Mudo* (12.22-30). Lucas, que também registrou este milagre de cura (Lc 11.14), menciona somente a mudez do homem, não a sua cegueira. Mas tanto Lucas quanto Mateus indicam que ele estava "endemoninhado". Pode ser que esta condição tão difícil tivesse sido trazida a Jesus como uma espécie de teste. Mas Ele enfrentou o desafio e teve sucesso total; o homem foi completamente curado.

Compreensivelmente, a reação do povo foi de admiração. Eles diziam: **Não é este o Filho de Davi?** (23). Mas a forma do texto grego indica claramente que se esperava uma resposta negativa: "Este não é o Filho de Davi, é?".[27] A pergunta expressa surpresa, incredulidade, talvez em uma mistura de esperança – "Será que é possível que este seja o Filho de Davi?"

A reação dos fariseus foi bem diferente. Eles disseram que Jesus expulsava os demônios por Belzebu,[28] o príncipe dos demônios (24). Cristo sabia o que eles estavam pensando e começou a lhes fazer perguntas. Depois de observar que **todo reino** dividido contra si mesmo é devastado; e **toda cidade ou casa** dividida contra si mesma não subsistirá (25), Ele declarou que se Satanás estivesse expulsando Satanás, ele estaria dividido contra si mesmo; como subsistiria, pois, o seu reino (26)? A lógica era simples e clara.

Mas Jesus ainda prossegue. Se Ele expulsava demônios por Belzebu, **por quem os expulsam, então,** os filhos daqueles homens (27)? A expulsão de demônios era praticada pelo menos por alguns judeus naquela época (cf. At 19.13).

Então o Mestre dá a forma correta ao registro. Se **pelo Espírito de Deus**, não "por Belzebu" (24), ele expulsava os demônios... **é conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus** (28). Foi exatamente isso o que aconteceu. Na pessoa de Jesus o Reino "chegou repentinamente" (tempo aoristo). Mas eles o estavam rejeitando.

Jesus dá mais um exemplo. Ninguém pode entrar na casa de um homem valente e **furtar** – "roubar, levar embora, arrastar"[29] – **os seus bens** – "a sua propriedade"[30] – a menos que amarre o homem valente. Novamente, contra a lógica não há argumento. Satanás é um adversário vencido, caso contrário Jesus não poderia estar se apossando da sua propriedade.

A primeira parte do versículo 30 – **Quem não é comigo é contra mim** – parece, à primeira vista, estar em conflito com Lucas 9.50 – "Quem não é contra nós é por nós". Mas no texto de Mateus, Jesus está falando sobre a lealdade interior; em Lucas, Ele está falando da oposição exterior. Os objetivos das duas frases são completamente diferentes. Em Lucas, Ele está reprovando um espírito de sectarismo; em Mateus, Ele está advertindo contra o perigo da lealdade dividida. Existe também uma diferença quanto a quem está contra quem (cf. Mt 12.30 e Lc 9.50 em várias versões). Em Mateus, Jesus declara que um homem não pode permanecer neutro em relação a Cristo; aqueles que não são a favor dele, são contra Ele. Em Lucas, Jesus está falando dos seus seguidores. Um homem não precisa sempre concordar com os outros cristãos, ou com grupos de outros cristãos, para estar com Cristo. Nem eu devo exigir que todos os outros cristãos concor-

dem comigo. Um outro cristão pode estar realizando a obra de Cristo à sua própria maneira; se ele estiver fazendo isso sinceramente, estará do mesmo lado que eu estou, porque eu também estou procurando fazer a obra de Deus.

b) *O Pecado Imperdoável* (12.31-32). Jesus afirmou que **todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens** (31), exceto a blasfêmia contra o Espírito. Essa nunca será perdoada. No versículo 32 Ele coloca isso de maneira ainda mais forte: qualquer pessoa que fale **alguma palavra contra o Filho do Homem** será perdoada, mas não aquela que falar **contra o Espírito Santo**. O contexto dá a entender que o "pecado imperdoável" é atribuir obstinadamente a Satanás uma obra que é do Espírito Santo. Esta é a opinião sustentada por John Wesley e Adam Clarke. Wesley diz: "Isso não é nem mais nem menos do que atribuir ao poder do diabo esses milagres que Cristo realizou pelo poder do Espírito Santo".[31] Mas Morison, que é um comentarista seguidor de Wesley nos estudos teológicos, expressa o ponto de vista mais aceito hoje em dia com respeito ao pecado imperdoável, da seguinte maneira: "Qualquer pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, exceto aqueles que sejam imperdoáveis por constituírem uma blasfêmia contra o Espírito".[32] Novamente, ele escreve: "A blasfêmia contra o Espírito é uma rejeição escarnecedora do Espírito, como o único Revelador da santa propiciação realizada por Deus".[33] Isto é impenitência, "continuada até o fim das provações".[34]

c) *Corações Bons e Maus* (12.33-37). Assim como existem dois tipos de árvores, as boas e as más, assim também existem dois tipos de corações. E da mesma maneira como a árvore é conhecida pelos seus frutos, assim também a verdadeira natureza do homem é conhecida pelo que flui dela (35). Isto se demonstra especialmente pelo que dizemos (36-37), pois **do que há em abundância no coração, disso fala a boca** (34). A conexão com os parágrafos precedentes é demonstrada na primeira parte do versículo 34. O coração **mau** dos fariseus foi revelado pelas palavras de blasfêmia que eles tinham acabado de proferir.

Os versículos 36 e 37 proclamam uma verdade solene. As palavras blasfemas não são as únicas pelas quais os homens são responsáveis diante de Deus. Pois de cada **palavra ociosa** que alguém falar, ele deverá prestar contas no dia do juízo. A pergunta importante obviamente é: o que se quer dizer com **ociosa**? A palavra grega significa "indolente, preguiçosa, sem utilidade". Para esta passagem, Arndt e Gingrich sugerem "*uma palavra descuidada* que, devido à sua falta de valor, não deveria ter sido proferida".[35] Jesus está advertindo contra o descuido no falar, pois a conversa de uma pessoa revela a condição do seu coração. Assim, pelas palavras alguém pode ser **justificado** ou **condenado**.

d) *Procurando Um Sinal* (12.38-42). Os escribas e os fariseus tentaram colocar Jesus em dificuldades, pedindo que Ele lhes mostrasse **algum sinal** (38). Esta é a palavra normalmente usada no Evangelho de João para os milagres que Jesus realizava. O Mestre tinha acabado de lhes dar um maravilhoso sinal, ao curar o endemoninhado cego e mudo. Mas eles procuravam alguma coisa ainda mais sensacional e espetacular. O texto de Lucas 11.16 indica que eles estavam pedindo "um sinal do céu" que provasse que Ele era o Messias. Jesus se recusou a atender este pedido.

Cristo afirmou que era **uma geração má e adúltera** que estava pedindo um sinal (39). A palavra **adúltera** é usada aqui com um sentido espiritual, assim como em Isaías e Oséias, significando ser infiel ao Senhor, afastado de Deus.

O único sinal que Jesus lhes poderia dar é aquele que eles poderiam encontrar em suas próprias Escrituras Sagradas. Este é um aviso salutar para aqueles que hoje em dia procuram sinais "sensacionais". A Bíblia é a base da nossa fé. "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17). Este é o único alicerce seguro para a nossa fé.

Da mesma maneira que Jonas esteve três dias e três noites no ventre do "grande peixe" (cf. Jn 1.17) – "não existem baleias no Mediterrâneo"[36] – assim também **estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra** (40). Em virtude da dificuldade de encontrar **três dias e três noites** entre a tarde de sexta-feira e a manhã de domingo, muitas pessoas defendem a idéia de uma crucificação na quarta-feira. Mas isto exigiria a ressurreição na tarde do sábado. Uma quinta-feira se encaixaria mais facilmente, mas por alguma razão esse dia não é sugerido pelos comentaristas. O que é importante observar é que os judeus consideram as partes dos dias como sendo dias inteiros. Por esta razão podemos entender que não há nada de errado em considerar a sexta-feira, o sábado e o domingo como um intervalo de três dias e três noites. Mais tarde, Jesus declarou definitivamente que Ele "ressuscitaria ao terceiro dia" (16.21). Quando comparamos esta afirmação com a forte tradição da igreja primitiva de que a crucificação ocorreu na sexta-feira, parece bastante razoável aceitar esse dia como correto. Os judeus eram muito mais flexíveis nos seus conceitos sobre o tempo do que nós, pois, em nossa era, dividimo-lo até mesmo em segundos. O "relógio" mais preciso que eles possuíam era um relógio de sol.

Então Jesus advertiu os seus ouvintes de que os **ninivitas** (41) – os homens de Nínive – e a Rainha do Sul (42; a rainha de Sabá, cf. 2 Cr 9.1-9) se levantarão **no Dia do Juízo com esta geração** e a condenarão pela sua falta de fé. Com muito menos esclarecimento, eles obedeceram ao chamado de Deus, e seguiram a luz que viram.

e) *Varrida, mas Vazia* (12.43-45). O significado deste parágrafo no seu contexto está bem destacado por Neil, que escreve: "Israel de alguma maneira se libertou das principais manchas da sua história inicial, através da sua confissão verbal de obediência à Lei, mas sete demônios piores entraram e tomaram posse da sua vida religiosa – o fanatismo, a intolerância, o preconceito e os demais pecados do judaísmo".[37]

A expressão **Lugares áridos**, ou "sem água" (43), significa lugares não habitados pelo homem, por não terem água disponível. Meyer diz que os desertos "eram considerados a habitação dos demônios".[38]

Jesus estava advertindo contra o perigo de haver somente uma conversão parcial – uma reforma sem regeneração. Não é suficiente livrar-se dos maus hábitos do pecado. Isto só deixa a vida **desocupada, varrida e adornada** (44). A última palavra é o verbo *kosmeo*, cujo significado básico é "colocar em ordem".

Se um homem passar por uma reforma moral sem uma transformação espiritual, o resultado poderá ser, perfeitamente, que **os últimos atos desse homem** se tornem **piores do que os primeiros** (45). Cristo deve preencher a vida purificada, para que ela se mantenha limpa.

E. Jesus e a Sua Família, 12.46-50

Este interessante e curto episódio está registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 3.31-35; Lc 8.19-21). A **mãe** e os **irmãos** de Jesus (veja os comentários sobre 13.55) queriam **falar** com Ele (46).

Ao ser informado disso (47), Jesus apontou para os seus discípulos e disse: **Eis aqui minha mãe e meus irmãos** (49). A seguir Ele definiu um novo relacionamento espiritual: **porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã, e mãe** (50). Esta é a nova família de Deus. Nós podemos fazer parte dela por meio de um novo nascimento. Enquanto fizermos a vontade de Deus, pertenceremos a ela. A desobediência – se for voluntária e obstinada – nos expulsará dela.

Seção VI

Terceiro Discurso:
PARÁBOLAS DO REINO

Mateus 13.1-52

O capítulo treze consiste, principalmente, de sete parábolas do reino. Como foi observado anteriormente, Mateus é marcado por um arranjo sistemático do material de acordo com o assunto. E o tópico principal neste Evangelho é o Reino dos céus. Seguindo a parábola mais longa e introdutória, a *do semeador*, há três outros pares – o joio e a rede, o grão de mostarda e o fermento, o tesouro escondido e a pérola de grande preço. Cada uma delas, exceto a do semeador, é introduzida pela frase: "O Reino dos céus é semelhante".

A. O Cenário, 13.1-2

Tendo Jesus saído de **casa naquele dia** (veja 12.46) – provavelmente a casa de Pedro em Cafarnaum – foi para fora da cidade, e **estava assentado junto ao mar** (1). Cafarnaum ficava na praia do lago da Galiléia (veja o mapa). Quando **muita gente** (2) ajuntou-se aos seus pés, Ele foi forçado a entrar em um barco – provavelmente o barco de pesca de Pedro – e ali **se assentou**. Esta era a postura normal dos mestres judeus enquanto ensinavam (cf. 5.1). A grande multidão estava em pé no declive da praia, que formava uma espécie de anfiteatro natural.

B. As Sete Parábolas, 13.3-50

1. *O Semeador* (13.3-23)

Sentado no barco, Jesus falou ao povo muitas coisas **por parábolas** (3). Esta palavra vem do grego *parabole*, que significa algo "lançado de lado". O termo é usado somente nos Evangelhos Sinóticos (Mateus, 17 vezes; Marcos, 13 vezes; Lucas, 18 vezes) e duas vezes em Hebreus (9.9; 11.19), onde é traduzida como "alegoria" ou "figura". Arndt e Gingrich afirmam exatamente o que ela significa: "Uma parábola é um curto discurso que faz uma comparação; ela expressa um único pensamento completo".[1] O que vem a seguir é uma definição interessante: "Sendo o mais simples, a parábola é uma metáfora ou símile tirada da natureza ou da vida comum, atraindo o ouvinte por sua vivacidade ou estranheza, e deixando a mente com dúvida suficiente sobre a sua exata aplicação, a ponto de provocá-la a ter um pensamento ativo".[2]

Uma vez que os orientais são naturalmente dados ao uso de linguagem alegórica, não é de se surpreender que várias parábolas devam ser encontradas no Antigo Testamento, bem como nos escritos judaicos posteriores. Mas Jesus fez o uso mais eficaz desse método de ensino. Para ser válida e vigorosa, uma parábola deve ser verdadeira para a vida. Conseqüentemente, "Jesus é Mestre da parábola porque Ele é Mestre da vida".[3] Somente Aquele que conhecia a vida perfeitamente poderia interpretá-la completamente. Uma parábola tem sido definida como "uma história terrena com um significado celestial".

Os primeiros escritores cristãos, como Orígenes, deram interpretações alegóricas extremas às parábolas de Jesus, embora Tertuliano e Crisóstomo tenham sido contra isso. Este último diz em seu comentário grego sobre Mateus: "E, como estou sempre dizendo, as parábolas não devem ser explicadas em toda a sua extensão, palavra por palavra, uma vez que muitos absurdos se seguirão".[4]

A maioria dos estudiosos tem aceitado a opinião de que a parábola tinha a intenção de ensinar somente um ponto, e que interpretar alegoricamente vários detalhes deve ser evitado. M'Neile, porém, sabiamente adverte que devemos nos guardar contra "a recusa de admitir a possibilidade de que mais de um único ponto possa ser ilustrado em uma parábola".[5] Ele diz: "Quando mais de uma verdade é ilustrada, a figura se aproxima de uma alegoria e não é sempre certo quais detalhes são usados para ilustrar algo, e quais são meramente parte da estrutura cênica".[6]

Isso acontece de tal forma que a primeira parábola neste capítulo prova a inadequabilidade da teoria de "um único ponto". Pois Jesus mesmo prosseguiu em dar uma interpretação alegórica de vários itens na parábola do joio, bem como brevemente no caso da parábola da rede. Portanto, três das sete parábolas aqui são tratadas alegoricamente pelo Mestre.

a) *A Afirmação da Parábola* (13.3-9).[7] O quadro que Jesus pintou nesta parábola era muito familiar aos seus ouvintes. Mesmo hoje pode-se ver na Palestina um homem andando pelo campo, tirando a semente da sacola jogada sobre seu ombro, e espalhando-a por toda parte com largos movimentos de sua mão.

Esta história é às vezes chamada de parábola das terras, uma vez que seu ponto principal é a comparação de quatro tipos diferentes de solo – **ao pé do caminho** (4), **pedregais** (5), **entre espinhos** (7) e **em boa terra** (8). A semente que caiu **ao pé do**

caminho foi comida pelas aves. A que caiu em **pedregais** – solo raso em cima da rocha – brotou rapidamente, mas logo **secou-se** porque não tinha raiz. A semente que caiu **entre espinhos** (ou "cardos") foi *sufocada*. A que caiu em **boa terra** produziu uma rica colheita.

Jesus concluiu a sua história com uma admoestação: **Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça** (9). A disposição para ouvir é o preço do aprendizado. Esta expressão ocorreu uma vez anteriormente em Mateus (11.15), e é encontrada outra vez na última parte deste capítulo (43).

b) *O Motivo para Falar em Parábolas* (13.10-17). Os discípulos estavam curiosos sobre a razão pela qual Jesus ensinava as multidões por parábolas. Quando eles lhe perguntaram, Ele respondeu que, embora fosse um privilégio deles **conhecer os mistérios do Reino dos céus** (11), isto não era concedido às multidões.

O termo **mistérios** vem do grego *mysteria*. Nos Evangelhos ele ocorre somente aqui e nas passagens paralelas em Marcos 4.11 e Lucas 8.10. Ele é mais freqüentemente encontrado nas Epístolas de Paulo (vinte vezes) e em Apocalipse (quatro vezes). Nos dias de Cristo, ele tinha o significado técnico de segredos que eram conhecidos somente pelos iniciados, como nas religiões de mistério. O mistério do Reino em particular, como Paulo o define, é a salvação dos gentios bem como dos judeus (Ef 3.3-9).

No versículo 12, Jesus apresenta o princípio significativo de que aquele que possui receberá abundantemente mais, enquanto que aquele que não possui perderá até o pouco que possui. Esta é uma verdade em economia. O homem com dinheiro para investir ganha mais dinheiro. O que tem pouco está em perigo de perder o que tem quando surgirem emergências. O princípio se aplica também ao conhecimento; o aluno deve ter uma certa informação básica antes que o professor possa levá-lo ao entendimento avançado. Jesus aqui aplica este princípio à vida espiritual. Os discípulos eram aqueles que já tinham algum entendimento espiritual e assim receberiam mais através do ensino do Mestre. Cristo estava falando para as multidões por parábolas, não para que perdessem o pouco que já possuíam, mas a fim de que aqueles que já tinham alguma compreensão da vida espiritual pudessem acrescentar a ela. Por causa da diferença de percepção e entendimento do povo, Jesus teve que lhes falar por parábolas (13). Carr expressa isso da seguinte forma: "A parábola serve 1) para o não instruído, como sendo atraente na forma e como revelando uma verdade espiritual exatamente em proporção à capacidade do ouvinte; e 2) para os divinamente sábios como revelando um segredo no qual eles podem penetrar por sua inspiração espiritual".[8]

Embora o **porque** de Mateus (do grego *hoti*) não apresente problemas, o uso de *hina* ("que", literalmente, "a fim de que") em Marcos 4.12 e Lucas 8.10 cria uma das maiores dificuldades na exegese dos Evangelhos. Por que Jesus deveria falar por parábolas "a fim de que" seus ouvintes não pudessem entendê-lo?

M'Neile sugere três respostas possíveis. A primeira é a resposta tradicional – "para evitar que o seu ensino fosse inteligível para qualquer um que não fosse daqueles que simpatizavam com Ele". A segunda seria *hina* ("a fim de que") "virtualmente equivalente a *hoste* [para que]: de acordo com uma expressão hebraica bem conhecida, o *resultado* é ironicamente descrito como um *propósito*". A terceira é expressa assim: "O versículo de Marcos é, possivelmente, como Mateus 14ss., um comentário editorial: 'a

fim de que as palavras de Isaías fossem cumpridas'... a gramática da sentença sendo dominada por *hina*, como em Mateus 28.16".[9]

A segunda dessas explicações encontra um forte apoio em uma recente gramática oficial do Novo Testamento grego, que afirma ter o uso casual de *hina* ("porque") "bom precedente" e que faz "excelente sentido" em Marcos 4.12.[10]

Mais uma vez (14-15) Mateus cita seu escritor favorito do Antigo Testamento, o profeta Isaías (6.9-10). A propósito, essa é a única ocasião, além de 2 Pedro 1.20-21, onde uma passagem do Antigo Testamento é referida como **profecia** (14). Esta citação, contrária a várias anteriores no livro, é tomada literalmente da Septuaginta. O hebraico de Isaías 6.9-10, como traduzido em nossas versões, é imperativo em vez de futuro do indicativo. O primeiro enfatizava a sua aplicação ao ministério de Isaías, o segundo é uma aplicação profética para os tempos posteriores.

Coração (15), no antigo pensamento hebraico, referia-se ao lugar da inteligência em vez do lugar das afeições. Esse é o caso nesta citação, como em muitas outras passagens do Antigo Testamento. Neste versículo, Jesus apresenta um segundo impedimento ao conhecimento espiritual. Nos versículos 11 e 12, Ele disse que o entendimento e o crescimento espiritual são limitados pela ignorância, pela qual o homem não é responsável. Aqui Ele declara que também há uma ignorância intencional da verdade do Evangelho – **fechou os olhos.**

Jesus lembrou aos discípulos que seus **olhos** espirituais eram bem-aventurados, porque podiam **ver** a verdade (16); também seus **ouvidos**, porque podiam **ouvir**. Este é o privilégio dos filhos de Deus – de todos os que ouvem o evangelho e que mantêm seus corações abertos para a verdade dele.

A afirmação do versículo 17 é mais tarde iluminada por 1 Pedro 1.10-11. Que privilégio viver desde que Cristo veio!

c) *A Explicação da Parábola* (13.18-23). Jesus descreveu quatro tipos de ouvintes do Evangelho. Existem primeiro aqueles **ao pé do caminho** (19). Seus *corações impassíveis* – que se tornaram assim pela indiferença ou pelas pressões da vida – não recebem realmente a verdade, e o **maligno** arrebata a semente que fica na superfície da terra. Luccock diz: "O que quer que seja mantido na superfície da vida será arrebatado".[11]

O segundo compreende aqueles que estão em **pedregais** (20), ou em solo pedregoso. Seus *corações superficiais* – a superficialidade em parte herdada, em parte adquirida – respondem com um entusiasmo emocional, mas falham em firmar as suas raízes em profundo arrependimento. Assim, vivem "vidas fracas". Quando a **angústia** e a **perseguição** (21) os atingem, definham e morrem. Eles se **ofendem** (*skandalizetai*) – tropeçam, ou se prendem.

O terceiro tipo compreende aqueles que estão **entre espinhos** (22). Eles recebem a mensagem, e são salvos. Mas **os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra.** Estas duas coisas ameaçam a vida espiritual de cada cristão e causam a morte espiritual de muitos. Estes são os *corações estrangulados*, cujas vidas se tornam sobrecarregadas de muitas *coisas*, até que a consciência em relação a Deus é completamente sufocada.

O quarto tipo compreende aqueles que são descritos como **boa terra** (23). Estes não só ouvem a Palavra, mas também a entendem. Eles produzem frutos, mas

em vários graus. O desafio para cada cristão é produzir "mais frutos" e "muitos frutos" (Jo 15.2, 5).

Poderíamos pensar nesses quatro solos como sugerindo "Um Quarteto dos Corações Humanos": 1) O Coração Impassível; 2) O Coração Superficial; 3) O Coração Estrangulado; 4) O Coração Firme.

Naturalmente, a terra é inteiramente passiva, mas o espírito humano não. Inferir alguma espécie de fatalismo ou determinismo dessa história seria como desviar-se das Escrituras como um todo, pois elas assumem em toda parte uma responsabilidade individual. Pela ajuda do sempre disposto Espírito Santo podemos romper a "terra não cultivada" dos nossos corações (Jr 4.3). A remoção dos "pedregais" da vontade própria latente, e da dureza espiritual, é um privilégio prometido inerente na nova aliança (Ez 36.25-27), e é exatamente o que ocorre no arrependimento sólido, e, mais radicalmente, em toda a santificação. No que diz respeito aos **cuidados deste mundo e a sedução das riquezas**, o crente vigilante, purificado, cheio do Espírito Santo, pode se recusar a permitir que as preocupações temporais monopolizem a sua atenção e sufoquem completamente a sua espiritualidade.

2. *O Joio* (13.24-30, 36-43)

Esta parábola só é encontrada em Mateus. Ela é colocada logo após a parábola do semeador, provavelmente porque ambas estejam relacionadas com a semeadura de grãos. Mas aí termina a similaridade. As lições ensinadas pelas duas são completamente diferentes.

a) *A Parábola Declarada* (13.24-30). Jesus comparou o Reino dos céus a um homem que **semeia boa semente no seu campo** (24). Mas enquanto todos estavam dormindo, um **inimigo** semeou **joio** ("cizânia", uma semente com praganas que lembra o trigo) **no meio do trigo** (25). O estrago não foi descoberto até que o trigo começou a despontar (26), quando a diferença entre o trigo e o joio podia ser discernida. Os **servos** relataram o problema ao **pai de família** (27). O dono reconheceu isto como sendo a obra de um inimigo.

Quando os servos perguntaram se deveriam retirar o joio (28), o dono os proibiu, para que não arrancassem o trigo ao mesmo tempo (29). Ele os instruiu a deixar que ambos crescessem juntos até o tempo da ceifa. Então o joio seria juntado em molhos para ser queimado, enquanto o trigo seria armazenado no celeiro (30), ou "armazém". J. Jeremias explica como isto era feito: "Pelo ajuntamento do joio, não devemos entender que ele era arrancado pela raiz imediatamente antes da colheita dos grãos, mas que, quando o ceifeiro cortava o grão com a sua foice, ele deixava o joio cair, para que não fosse agrupado nos molhos".[12] Posteriormente o joio era apanhado e amarrado, e queimado como combustível.

Qual foi a ocasião para esta história ser contada? "A parábola soa como a resposta de Jesus a uma crítica – provavelmente um fariseu... que havia objetado: 'Se o Reino de Deus está realmente aqui, por que não houve uma separação dos pecadores e dos santos em Israel?'."[13] No idioma original, o nome fariseu significa "separatista".

b) *A Parábola Explicada* (13.36-43). Depois que Jesus expôs as parábolas do grão de mostarda e do fermento, Ele foi para **casa** (veja 13.1) – provavelmente a casa de

Pedro em Cafarnaum. Na privacidade do lar, os discípulos pediram uma explicação da parábola do joio (36).

Como no caso da parábola do semeador, Cristo deu uma interpretação detalhada. O semeador é o **Filho do Homem** (37). **O campo é o mundo, a boa semente são os filhos do Reino** – aqui a igreja invisível, todos aqueles que são os verdadeiros filhos de Deus –, **e o joio são os filhos do Maligno** (38). O **inimigo** é o **diabo; e a ceifa é o fim do mundo** ("era"); **e os ceifeiros são os anjos** (39). No fim desta era, disse Jesus, Ele enviará os seus anjos para colher do seu **Reino** (41) – a palavra aqui parece ter uma conotação mais ampla do que é usual, e diferente do significado no versículo 38; aqui a palavra se refere à igreja visível, ou mais provavelmente ao mundo inteiro composto por homens bons e homens maus. **Tudo o que causa escândalo** (*skandala*) significa "tudo o que apanha em armadilha ou seduz os homens à destruição".[14] **Iniqüidade** é, no grego, "impiedade". Estes serão lançados em uma **fornalha de fogo**, onde haverá **pranto e ranger de dentes** (42) – uma frase encontrada cinco vezes em Mateus (8.12; 13.42; 22.13; 24.51; 25.30) e uma vez em Lucas (13.28). Ela sublinha o horror do inferno. Em contraste com isso, **os justos resplandecerão como o sol** (43). Este é um eco de Daniel 12.3 – "Os sábios, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente".

3. *O Grão de Mostarda* (13.31-32)

Esta parábola é encontrada nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Marcos 4.30-32; Lucas 13.18-19). O quadro é o de uma pequenina semente sendo semeada na terra e crescendo até o tamanho de uma árvore, grande o suficiente para as aves se aninharem em seus ramos. Na verdade, o grão de mostarda não é **a menor de todas as sementes** (32), mas esta era uma expressão proverbial para algo extremamente pequeno.

A breve parábola nos sugere o ditado: "O Pouco é Muito se Deus Estiver Nele", e os três pontos: 1) Perdida na Terra; 2) Menor das Sementes; 3) Maior das Ervas.

4. *O Fermento* (13.33)

Esta parábola também é encontrada em Lucas (13.20-21), mas não em Marcos. Jesus retratou uma mulher tomando o **fermento** (levedura) e escondendo-o em **três medidas** (cerca de um alqueire) de **farinha**. O fermento afetou toda a quantidade de massa de pão, de forma que tudo cresceu.

Uma vez que esta parábola está intimamente relacionada com a anterior, elas bem podem ser interpretadas juntas. Duas interpretações principais são populares hoje.

A primeira é a interpretação tradicional, sustentada desde os primórdios da Igreja. Esta opinião afirma que Jesus está descrevendo aqui o duplo crescimento da Igreja. Na parábola do grão de mostarda, trata-se do crescimento exterior; na parábola do fermento, trata-se do crescimento interior e espiritual – ou a sua influência na sociedade contaminada.

Durante os últimos cem anos uma opinião completamente diferente tem sido promovida por alguns estudiosos da Bíblia. Ela é principalmente baseada na premissa de que o **fermento** é sempre um símbolo da iniqüidade. De acordo com esta interpretação, o grande crescimento da planta da **mostarda** tipifica a expansão exterior de uma Igreja apóstata que ganharia o domínio do mundo. As **aves do céu** são os homens ímpios em

altas posições em vários ramos da igreja. O **fermento** simboliza o ensino herege na igreja, pelo qual ela se tornou contaminada. Dessa forma as duas parábolas fornecem uma antecipação do curso do mal da igreja exterior nesta era. A interpretação tradicional parece muito mais coerente com toda a força do ensino de Jesus sobre o Reino.

Interlúdio: Resumo (13.34-35)

Para as multidões, Cristo falou somente por parábolas (34). Isso contribuiu tanto para uma variedade como para uma vivacidade em seu ensino. Ele usou ilustrações de pesca, lavoura, comércio e até mesmo de culinária. Todos puderam encontrar algo familiar aqui.

Além disso, Mateus encontra um cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Ele declara que o que se segue **fora dito pelo profeta** (35), mas então cita o Salmo 78.2. Não há tal declaração registrada no Livro de Isaías.[15] Como em outras passagens, ele traduz o hebraico em vez de fazer uma citação da Septuaginta, como fazem, comumente, outros escritores do Novo Testamento. **Criação** significa "princípio". A palavra grega é assim usada pelos escritores seculares.

5. *O Tesouro Escondido* (13.44)

Nos tempos antigos, quando em muitos lugares não havia bancos, era costume esconder tesouros no solo. Jesus falou sobre um homem que inesperadamente descobriu um "achado", e vendeu tudo o que tinha para comprar o campo e obter o tesouro.

6. *A Pérola de Grande Preço* (13.45-46)

Semelhantemente, um homem que descobriu uma pérola de valor altíssimo, vendeu tudo o que possuía para comprá-la. As duas parábolas, que só são encontradas em Mateus, ensinam claramente a mesma lição.

Alguns têm interpretado essas duas parábolas como significando que Cristo deu tudo o que possuía para comprar a igreja. Mas a maioria dos estudiosos as interpreta como significando que devemos estar dispostos a desistir de tudo o que possuímos para ganhar a salvação. O Reino de Deus, a vida de Deus na alma, é o tesouro escondido e a pérola preciosa. Tem sido sugerido que o tesouro escondido tipifica aqueles que de repente e inesperadamente encontram a Cristo, enquanto a pérola de grande preço simboliza aqueles que o buscam por muito tempo, antes de encontrá-lo.

7. *A Rede* (13.47-50)

Esta parábola – assim como a do joio – só se encontra em Mateus e ambas ensinam a mesma lição. Ambas descrevem o dia do juízo final, e a conseqüente separação dos bons e dos maus. Na presente parábola, a frase, **o Reino dos céus é semelhante**, é provavelmente melhor entendida se a lermos da seguinte forma: "A obra de Deus no mundo é como..." Desta vez o quadro é o de uma grande rede que retirou do lago um arrastão de peixes de **toda qualidade** (47). Quando a rede de arrasto foi puxada até à praia, os peixes foram separados. Os **bons** foram colocados em **cestos** (48). Mas os pescadores lançaram fora os **ruins**. A palavra *sapra* geralmente significa "podre". Mas aqui ela deve significar "imprestável, impróprio para o uso". Semelhantemente, disse

Jesus, na consumação deste século virão **os anjos e separarão os maus dentre os justos** (49). Os maus serão lançados na **fornalha de fogo** (50), onde haverá **pranto e ranger de dentes** (cf. v. 42).

A lição das parábolas parece ser dupla. Ela é, em primeiro lugar, uma advertência para que cada pessoa tenha a certeza de que está entre o trigo e os peixes bons no Reino, e não entre o joio e os peixes **ruins**. Em segundo lugar, ela é uma advertência para os líderes humanos, para não usurparem a prerrogativa divina de separar os justos dos ímpios. Só no dia do juízo esta tarefa poderá ser adequadamente executada.

C. A SEQÜÊNCIA, 13.51-52

Tendo concluído o seu discurso das sete parábolas do Reino, o Mestre perguntou aos seus discípulos se eles haviam entendido tudo o que Ele disse. Eles responderam, **Sim, Senhor** (51). Então Ele comparou o **escriba** que é **instruído** – ou que se "tornou um discípulo" – nas verdades do Reino, a um **pai de família** que tira do seu tesouro coisas **novas** e **velhas** (52). Isto poderia significar as novas verdades do cristianismo acrescidas dos ensinos do Antigo Testamento.

Seção VII

Narrativa Retomada:
VIAGENS DE JESUS

Mateus 13.53—17.27

A. Rejeição de Jesus e de João, 13.53—14.12

1. *Rejeição em Nazaré* (13.53-38)

O versículo 53 contém a fórmula habitual que encerra cada um dos cinco discursos de Jesus. Essa é a terceira vez que isso ocorre (cf. 7.28; 11.1).

Depois de ter contado as sete parábolas do Reino, Jesus **se retirou dali** (53) – provavelmente de Cafarnaum – e retornou **à sua pátria** (54), isto é, Nazaré (veja o mapa). Lá Ele **ensinava-os** – "estava ensinando" (tempo imperfeito) – **na sinagoga deles.** Essa é, provavelmente, a mesma sinagoga onde Ele havia adorado desde os doze até os trinta anos de idade.

A atitude de seus conterrâneos foi a que geralmente seria de se esperar, tratando-se de um jovem daquele lugar: **Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas?** Não parece estranho o fato de sermos capazes de rejeitar facilmente uma reconhecida sabedoria e até obras notáveis quando elas aparecem em lugares inesperados? O povo ainda o considerava **o filho do carpinteiro** (55) – Marcos usa a expressão "o carpinteiro" (Mc 6.3). Eles conheciam **sua mãe** e **seus irmãos**, sendo que os nomes de quatro deles são mencionados aqui. São nomes judeus muito comuns, encontrados freqüentemente no Novo Testamento. Jesus também tinha irmãs (56) e **todas** elas ainda estavam vivendo em Nazaré – mas não sabemos exatamente o seu número. **Escandalizavam-se nele** (57) – As pessoas se sentiam inseguras pelo fato de o conhecerem muito bem desde criança.

Essa reação indica que Jesus havia tido uma vida bastante normal até os trinta anos de idade, e que durante esse período nunca havia realizado nenhum evento sobrenatural.

A menção dos **irmãos** e **irmãs** de Jesus levanta, imediatamente, a questão da perpétua virgindade de Maria, sua mãe – um dogma da igreja católica romana que não encontra respaldo nas Escrituras. No século IV, Helvídio (380 d.C.) afirmou que eles eram filhos de José e Maria. Essa é a opinião mais natural, especialmente devido ao fato de os nomes de seus **irmãos** terem sido mencionados aqui. Essa opinião é provavelmente apoiada pela maioria dos protestantes e evangélicos.

Epifânio (382 d.C.) afirmou que eles eram meio-irmãos de Jesus, filhos de um casamento anterior de José. O fato de o nome de José não ser mais mencionado depois que Jesus iniciou o seu ministério público, levou à conclusão de que ele devia ser um homem de certa idade, e que já havia morrido. Essa é a opinião oficial da Igreja Ortodoxa Grega e tem o apoio de um número considerável de protestantes e anglicanos.

Jerônimo (383 d.C.) deu um passo adiante. Ele considerou os "irmãos" como "primos". Essa interpretação foi finalmente adotada pela igreja católica romana. Ela faz parte da sublimação e da adoração da "Virgem Santíssima", agora fortalecida pelos dogmas oficiais romanos da sua Imaculada Conceição e da Assunção de seu corpo.

Jesus respondeu à atitude de seus antigos vizinhos citando um velho provérbio (57). O aspecto mais triste é que Ele foi impedido de fazer ali **muitas maravilhas, por causa de incredulidade deles** (58). A descrença sempre impede que as pessoas recebam a graça de Deus.

Esse incidente também foi registrado em Marcos 6.1-6. Um ponto que ainda deve ser discutido é se essa viagem a Nazaré é a mesma descrita de forma mais extensa e detalhada por Lucas. Alguns bons estudiosos são a favor de duas visitas, outros encontram evidências suficientes para uma única visita. Veja os comentários sobre Lucas 4.16-32.

2. *A Morte de João Batista* (14.1-12)[1]

Herodes, o tetrarca, (1) que havia construído a cidade de Tiberíades no lado ocidental do lago da Galiléia para ser a sua capital, era o governador da Galiléia e da Peréia. Filho de Herodes, o Grande, e de uma mulher samaritana, ele era chamado de Antipas; portanto, seu nome correto era Herodes Antipas. Ele governou de 4 a.C. até 38 d.C. A palavra **tetrarca** significa literalmente "governador de uma quarta parte", mas tinha um sentido geral de governador de uma pequena região.

Quando Herodes ouviu a **fama de Jesus** como um Operador de Maravilhas, disse aos seus criados[2]: **Este é João Batista** (2). Sua consciência ainda o atormentava porque havia matado o santo profeta. Ele acreditava que somente João podia realizar os milagres que haviam sido atribuídos a Jesus. Herodes havia mandado capturar, amarrar e prender João **por causa de Herodias** (3), porque o profeta lhe havia dito: **Não te é lícito possuí-la** (4).

Herodes Antipas era casado com a filha de Aretas, rei dos árabes nabateus. Mas em uma visita a Roma, ele se hospedou na casa do seu meio-irmão Filipe e se apaixonou pela cunhada, levando-a consigo para a Galiléia. Sabendo do acontecido, sua primeira esposa fugiu para a casa do pai e este enviou um exército que derrotou Herodes Antipas. De acordo com Josefo, muitos judeus consideravam essa derrota como um castigo divino lançado contra o tetrarca por ter matado João.[3]

Depois que João foi preso, Antipas, **querendo matá-lo, temia o povo** (5). Aparentemente, isso parece ir de encontro com a afirmação de Marcos (conforme está escrito no texto grego): "E Herodias o espiava e queria matá-lo, mas não podia; porque Herodes temia a João, sabendo que era varão justo e santo; e guardava-o com segurança e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa vontade o ouvia" (Mc 6.19-20). Mas é preciso lembrar novamente que Mateus tinha o hábito de observar as coisas de longe, omitindo detalhes e incluindo apenas observações gerais. Parece não haver dúvida de que Antipas queria mandar executar João. Carr inclui esse útil comentário: "A narrativa de Marcos nos dá um quadro das intrigas internas da corte e provas do forte questionamento de alguma testemunha ocular dos fatos".[4]

Herodias suportou a situação por algum tempo. Ela esperava uma ocasião apropriada para submeter o profeta aos seus desígnios assassinos. Finalmente chegou o momento – **o dia natalício de Herodes**. Com toda a esperteza e malícia que uma mulher inteligente consegue acumular, ela formulou o seu plano. Estava tão desesperada para realizar esse feito covarde que se dispôs a desgraçar sua **filha** (Salomé) aconselhando -a executar uma dança sensual à frente de um grupo de homens embriagados.

Sua astúcia foi recompensada. Herodes, bêbado e apaixonado, **prometeu, com juramento** dar à jovem **tudo o que pedisse** (7). Ela, **instruída previamente por sua mãe** (8), pediu a cabeça de João Batista em um prato. Mas esse relato parece estar em conflito com a afirmação de Marcos de que a jovem saiu e perguntou à sua mãe o que deveria pedir (Mc 6.24). A solução do problema é simplesmente corrigir a tradução de Mateus. A frase **instruída previamente** deve ser traduzida como "incitada" ou "instigada". De acordo com o seu costume de fazer generalizações, Mateus simplesmente afirma que Salomé agiu instigada pela mãe. Marcos, seguindo sua própria característica, preenche os detalhes de que ela saiu e consultou sua mãe.

O rei (9), título de cortesia para o tetrarca, ficou triste. Isso está de acordo com o quadro que Marcos fez de Antipas, onde diz que ele talvez gostasse de João secretamente e talvez também tivesse medo dele. Mas, por causa dos convidados, Herodes manteve sua promessa e ordenou a execução. A cabeça de João Batista foi oferecida à jovem e ela a ofereceu à mãe (11). Seu corpo foi enterrado pelos discípulos entristecidos (12). O ódio humano havia vencido a batalha.

Essa dramática história pode ser facilmente resumida. Podemos pensar em: 1) A filha dançando; 2) O déspota embriagado; 3) O ato covarde.

B. Milagres Posteriores, 14.13-36

1. *Mais de Cinco Mil Foram Alimentados* (14.13-21)

A alimentação de mais de cinco mil pessoas tem a característica de ser o único milagre de Jesus que foi registrado nos quatro Evangelhos. Ele também é encontrado em Marcos 6.30-44; Lucas 9.10-17 e João 6.1-14.

Quando Jesus, provavelmente nas vizinhanças de Cafarnaum, ouviu sobre o assassinato de João Batista, ele atravessou o lago da Galiléia, em um barco, chegando até a sua margem oriental. Era um lugar tranqüilo, **um lugar deserto** (13), isto é, uma área desabitada. Tanto Ele como os seus discípulos precisavam de descanso, e de uma mudança.

Mas quando as multidões souberam para onde Ele tinha ido, o seguiram **à pé**, ou "por terra", dando a volta na extremidade norte do lago. É possível medir a velocidade de um barco da época: talvez as pessoas tenham conseguido fazer um percurso de 13 quilômetros, enquanto os discípulos, remando, percorreram cerca de 10 quilômetros.

Quando Jesus desceu do barco, encontrou uma grande multidão à sua espera. Ao invés de se aborrecer com a sua presença, Ele foi **possuído** ("dominado") **de íntima compaixão para com ela** e **curou os seus enfermos** (14).

Quando anoiteceu, os discípulos se aproximaram de Jesus lembrando que a hora do jantar já havia passado: **a hora é já avançada** (15). Melhor seria enviar a multidão embora para que as pessoas pudessem ir para as vilas mais próximas, e comprar **comida**.

A réplica de Jesus foi a seguinte: **Dai-lhes vós de comer** (16). Os discípulos protestaram. Havia apenas **cinco pães e dois peixes** (17). Esses pães tinham o tamanho e a forma de uma pequena panqueca ou de um biscoito plano. A soma total das provisões disponíveis correspondia exatamente ao lanche de um menino (Jo 6.9).

Mas os discípulos haviam feito esse cálculo sem levar em conta o seu Mestre. Ele pediu que esse lanche simples lhe fosse trazido (18). Depois de mandar que a multidão **se assentasse** (19; o termo grego é "reclinar") **sobre a erva** – Marcos diz que a erva era "verde", mostrando que era primavera – Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, **os abençoou, e, partindo... deu-os** aos discípulos que, por sua vez, os distribuíram à multidão.

Um aspecto digno de nota é que os discípulos executaram a ordem de Cristo. Eles realmente alimentaram a multidão quando se associaram a Jesus nesse ato. O que cada cristão pode aprender é que, não importa o quanto sua tarefa lhe pareça impossível, com a ajuda divina tudo pode ser feito. "Porque para Deus nada é impossível" (Lc 1.37).

Todas as pessoas comeram e **saciaram-se** (20). O verbo *chortazo* (ficaram satisfeitas) vem do substantivo *chortos*, "grama". Era usado principalmente para animais pastando. O quadro geral é do gado comendo até ficar saciado e depois se deitando satisfeito sobre a grama. Arndt e Gingrich dizem que no modo passivo (como aqui) ele significa "comer até se encher, até ficar satisfeito".[5] Essa é a ênfase aqui. Todas essas pessoas comeram o suficiente, até ficarem "satisfeitas". Essa é a melhor tradução.

Dos pedaços que sobejaram – nos cestos dos discípulos e provavelmente em uma pilha sobre a grama limpa em frente a Jesus – eles levantaram **doze cestos cheios**. Isto é, cada apóstolo foi capaz de encher o cesto do seu lanche com alimento para o dia seguinte.

A multidão que foi alimentada compunha-se de quase **cinco mil homens** (21). Somente Mateus, o estatístico, acrescenta, **além das mulheres e das crianças**. Se a multidão fosse composta por peregrinos prontos para comparecer à celebração da Páscoa, haveria poucas mulheres e crianças (Jo 6.4-5). Essa distinção reflete o fato de que em público – como ainda acontece entre os orientais – as mulheres e as crianças nunca comem junto com os homens. Acima de qualquer discussão, aquele *era* um mundo dos homens.

2. *Jesus Caminha Sobre as Águas* (14.22-27)[6]

O Mestre imediatamente **ordenou** aos seus discípulos que partissem. O verbo é bastante forte, significando "obrigar, forçar". Arndt e Gingrich sugerem aqui a tradução:

"Ele fez com que os seus discípulos embarcassem".[7] Por quê? João tem a resposta: "Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte" (Jo 6.15).

Ele não queria que os seus discípulos permanecessem em um ambiente tão revolucionário, nem queria que a Sua presença desse motivo para tal movimento. Ele não estava ali para estabelecer um reino político em oposição ao governo de Roma, mas para estabelecer o seu Reino espiritual no coração dos homens. Jesus percebeu o fato de que esses inconstantes galileus estavam prontos para dar início a outra revolta contra Roma. Portanto, ordenou que os seus discípulos se retirassem do local, dispensou a multidão e partiu para orar a sós.

E, chegada já a tarde (23) corresponde exatamente à frase grega "quando já era noite" (15). Mas, neste intervalo, a alimentação de mais de cinco mil pessoas já havia acontecido. Essa atividade deve ter durado pelo menos uma ou duas horas. Como podemos, então, harmonizar essas duas expressões de tempo? A resposta se encontra na distinção entre a "primeira tarde" (que começa por volta das 3 horas da tarde) e a "segunda tarde" (que acontece depois do pôr-do-sol). A palavra para *tarde* significa, literalmente, "uma hora mais avançada".

A frase como um todo (23) significa "quando ficou tarde". Arndt e Gingrich sugerem: "Muitas vezes o contexto torna mais fácil decidir exatamente qual é o tempo que se pretende, se antes ou depois do pôr-do-sol".[8]

Quando chegou a noite, Jesus estava sozinho no monte. Enquanto isso, o barco estava **no meio do mar** (24) – aproximadamente na metade do lago. O texto grego de M'Neile diz: "Longe da terra, a muitos estádios". Isso está admiravelmente de acordo com a afirmação de João de que os discípulos haviam remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios (Jo 6.19), isto é, de cinco a sete quilômetros. Em sua extremidade norte, onde eles estavam, o Lago da Galiléia tem cerca de onze quilômetros de largura.

O barco estava sendo açoitado pelas ondas. Carr comenta: "Essa expressão é muito enérgica, 'torturado pelas ondas', contorcendo-se nos espasmos da agonia, por assim dizer".[9] O Lago da Galiléia é famoso por suas repentinas e terríveis tempestades. O escritor deste livro nunca se esqueceu da tempestade que enfrentou nesse mesmo lago em 1953. Parecia que o barco de pesca iria certamente afundar cada vez que despencava em uma profunda depressão que se formava entre ondas gigantescas. Porém, rangendo, gemendo, tremendo todo, ele conseguiu atravessar as ondas sucessivas, enquanto torrentes de água inundavam a proa.

O potente motor desse moderno barco de pesca fazia com que ele continuasse a navegar para frente. Mas os discípulos tinham que se contentar em lutar inutilmente com seus remos para enfrentar o forte vento contrário que vinha do norte.

Quando as coisas pioraram, na **quarta vigília da noite** (das 3 às 6 horas da madrugada), Jesus se aproximou, **caminhando por cima do mar** (25). Os discípulos **assustaram-se** (26), melhor dizendo, "ficaram apavorados" – pensando que Ele fosse um espírito ou um **fantasma** (em grego, *phantasma*). Tomados de terror por causa da tempestade e apavorados pela aparição, eles **gritaram.** O verbo significa "gritar, berrar, bradar".[10]

Jesus os tranqüilizou imediatamente com as palavras: **Tende bom ânimo, sou eu; não temais** (27). A redação grega diz, literalmente: "Tenham coragem, sou eu, parem de ter medo". Essa ainda é a mensagem de Cristo em meio às tempestades da vida.

3. *Pedro Caminha Sobre as Águas* (14.28-33)

Esse é um episódio singular, encontrado apenas em Mateus. Pedro ficou tão intrigado ao ver Jesus caminhando sobre as águas, que disse: **Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas** (28). Essa frase está de acordo com a natureza impulsiva de Pedro. Como diz M'Neile àqueles que duvidam da veracidade da história: "Um forte ponto a favor da história é o seu fiel reflexo do caráter do apóstolo".[11]

Confiante, Pedro respondeu ao convite do Mestre: **Vem** (29), e começou a caminhar sobre as águas. O texto grego mais antigo diz: "Pedro caminhou sobre as águas e veio a Jesus".

Aparentemente, ele havia quase alcançado Cristo antes de perder a fé. Mas sentindo o **vento forte** (30), mais precisamente, os seus efeitos, ele se atemorizou. **Começando a ir para o fundo** – esse enérgico verbo composto significa "afundar no mar profundo"[12] – ele gritou, **Senhor, salva-me**.

Imediatamente, **Jesus, estendendo a mão, segurou-o** (31) – literalmente, "apanhou-o". Isso mostra que Pedro estava à distância de um braço. Gentilmente, o Mestre repreendeu seu ambicioso discípulo pela sua **pequena fé**. Parecia que a fé de Pedro era bastante grande quando ele saiu do barco e pisou na água. Mas, ela devia estar misturada com alguma presunção.

Logo que entrou no barco junto com Pedro, Cristo **acalmou o vento** (32). A raiz grega sugere "tornou-se exausto, fadigado".

Os discípulos que estavam no barco se aproximaram e o adoraram como o **Filho de Deus** (33). Para eles, a sua presença e poder eram prova da sua divindade.

4. *A Cura em Genesaré* (14.34-36)

Depois de atravessar **para a outra banda** do lago, do leste para o oeste, eles desembarcaram em **Genesaré** (34). Esta era uma planície que se estendia por aproximadamente cinco quilômetros ao longo da margem ocidental do lago da Galiléia, perto da sua extremidade norte, e que alcançava a largura de dois quilômetros e meio em direção ao interior. Josefo descreve essa área com muito entusiasmo por ser extremamente fértil.[13]

Era uma região densamente povoada, e logo a multidão se reuniu novamente para ser curada. Os doentes imploravam a permissão de ao menos tocar a **orla da sua veste** (36). Essa orla do manto judeu é descrita em Números 15.38-39. Carr a explica assim: "Em cada canto do manto havia uma borla e cada borla tinha um fio azul evidente que simbolizava a origem celestial dos Mandamentos".[14]

A frase **todos os que a tocavam ficavam sãos** é representada por uma única palavra grega. É uma expressão forte e que sugere uma cura completa.

C. CONTAMINAÇÃO CERIMONIAL *VERSUS* CONTAMINAÇÃO MORAL, 15.1-20

Sobre esta seção, Carr escreve: "Estes vinte versículos resumem a grande questão do Novo Testamento, que existe entre a religião da letra com suas observâncias exteriores, e a religião do coração, entre aquilo que Paulo chama de 'a justiça que é segundo a lei e a justiça que vem de Deus pela (ou alicerçada na) fé', Filipenses 3.9".[15]

1. *A Impureza Cerimonial* (15.1-9)

Mais uma vez Jesus entrou em conflito com os fariseus. Dessa vez eles tinham o apoio dos escribas, ou doutores da Lei, de **Jerusalém** (1), que ficava a uma distância de cerca de cento e sessenta quilômetros (veja o mapa). É bem possível que eles fizessem parte de uma representação oficial do Sinédrio, enviada para questionar Jesus (cf. João 1.19).

Esses escribas queriam saber por que os seus discípulos haviam desobedecido à **tradição dos anciãos** (2). A importância dessa expressão é explicada por M'Neile: "Os 'anciãos' eram os grandes mestres do passado e do presente...; a 'tradição' representava a lei oral, transmitida por eles, embora incompleta, e que mais tarde foi codificada no Mishna".[16]

A transgressão dos fariseus, que foi especificamente citada, era a seguinte: **Não lavam as mãos quando comem pão.**[17] Isto não significa que os discípulos comessem com as mãos sujas, mas que eles não faziam o elaborado cerimonial de lavagem prescrito na tradição dos anciãos. Marcos explicou esse costume aos seus leitores romanos (Mc 7.2-4). Mateus assumiu que os seus leitores judeus o compreenderiam com facilidade.

O Senhor Jesus respondeu aos fariseus fazendo a seguinte pergunta: **Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição?** (3) Depois, Ele explicou o que queria dizer fazendo o contraste entre o que **Deus ordenou** (4) e o que eles diziam (5). O quinto mandamento diz: **Honra a teu pai e a tua mãe** (cf. Êx 20.12). Também havia uma advertência para qualquer um que **amaldiçoasse** – a palavra grega significa literalmente "falar mal de" – seu pai ou sua mãe; tal pessoa deveria ser condenada à morte (Êx 21.17).

Os fariseus haviam se esquivado desse mandamento divino por meio da sua tradição humana. Eles diziam que os filhos, que eram obrigados a cuidar de seus pais – um ponto extremamente importante para os orientais – podiam declarar que o dinheiro necessário para o sustento deles seria dado como uma oferta (5), isto é, poderia ser dedicado a Deus. Dessa forma eles ficavam isentos de cumprir sua obrigação legal (6) e "tornavam nulo", "invalidavam" o **mandamento de Deus** através da **tradição** deles.

As implicações antiéticas e irreligiosas desse costume dos rabinos foram descritas por Carr: "Os escribas afirmavam que essas palavras, mesmo quando pronunciadas em uma situação de ira e de desrespeito para com os pais que precisavam de socorro, isentavam os filhos de seu dever natural; na verdade, deixava-os livres para não oferecê-lo. Por outro lado, elas também não o obrigavam realmente a dedicar a soma ao serviço de Deus ou do Templo".[18] M'Neile concorda com essa análise. Ele diz: "A verdadeira contribuição deles não era realmente contemplada, a soma era dedicada (isto é, ficava indisponível) apenas em relação aos pais, ou a outra pessoa, que esperasse recebê-la".[19]

Não é de admirar que Jesus chamasse os escribas de **hipócritas** (7). Para descrevêlos Ele citou (8-9) Isaías 29.13 (uma citação que se baseia mais na Septuaginta do que no texto hebraico).

2. *A Impureza Moral* (15.10-20)

À **multidão** (10) Jesus explicou que não era o que entra pela boca que **contamina**, mas o que dela sai (11). O verbo vem de *koinos,* "comum", portanto, ele significa literalmente "tornar comum". Mas como o adjetivo adquiriu o significado de "cerimonialmente

impuro" (cf. Atos 10.14), o verbo passou a ter o significado de "contaminar" (no sentido cerimonial). Cristo declarou: "Não é o que você come que contamina a sua vida, mas o que você diz". Montefiore, um escritor judeu, expressou bem a lógica do que Jesus queria dizer. "Coisas não podem ser religiosamente puras ou impuras; somente as pessoas o podem ser. E as pessoas não podem ser contaminadas pelas coisas, mas somente por si mesmas quando agem de forma ímpia."[20]

Essa era uma escandalosa negação do judaísmo farisaico, que colocava sua maior ênfase na pureza cerimonial. Não é de admirar que os discípulos tenham informado o Mestre (12) de que os fariseus **se escandalizaram**. Sua resposta deixava implícito que esses críticos não haviam sido plantados por Deus; portanto, seriam **arrancados** (13). Ele os chamou de **condutores cegos** de outros **cegos** (14).

Em seguida, **Pedro** (15) pediu uma explicação dessa **parábola** – referindo-se, evidentemente, ao versículo 11. Uma parábola (*parabole*) foi usada aqui no estrito sentido de uma afirmação semelhante a uma parábola, isto é, fazendo uma comparação.

O Mestre expressou sua surpresa, e sem dúvida o seu desapontamento, porque nem os discípulos conseguiam ainda entendê-lo (16). Ele tentou tornar o assunto do versículo 11 um pouco mais claro, procurando aperfeiçoá-lo. O alimento tem um efeito apenas físico, e não espiritual (17). Mas o que vem **do coração** contamina uma pessoa (18). Embora o Senhor tenha mencionado a palavra *boca* pela quarta vez (cf. 11, 17), os versículos 19 e 20 deixam claro que Ele não está se referindo apenas às *palavras* de uma pessoa, mas também aos seus *atos*.

Maus pensamentos (19) parece ser uma expressão introdutória geral, seguida de seis outros plurais, para descrever as ações exteriores das pessoas. Mas todas elas se originam de atitudes erradas do coração. Os pecados são relacionados em uma seqüência muito semelhante à dos Dez Mandamentos. Nas Escrituras, as condições do coração são muito importantes. Elas representam o interior do homem, como Deus o vê, seu estado de espírito, sua imaginação, afeições, motivos básicos e objetivos. Quando esse "eu" interior é pecador, ele se torna o manancial de todo o pecado na vida e na conduta das pessoas. Nenhum homem consegue evitar totalmente a contaminação dos atos pecaminosos, a não ser que o manancial de seu caráter tenha se tornado puro. Foi exatamente com esse propósito que Cristo veio viver entre os homens.

D. MAIS MILAGRES, 15.21-39

1. *A Cura da Filha da Mulher Cananéia* (15.21-28)

Depois de sua conversa com os fariseus, Jesus viajou em direção ao norte, para a costa – "região ou "distrito" – **de Tiro** e **Sidom** (21). Essas duas cidades estavam localizadas na Fenícia (atualmente, o Líbano) que era um território gentílico (veja o mapa). Jesus desejava ficar sozinho com os seus discípulos para instruí-los.

Ao chegar, Ele foi procurado por uma **mulher cananéia** (22). Em Josué 5.12 a "terra de Canaã" (do Hebraico) aparece na versão da Septuaginta em grego como o "país dos fenícios". Essa mulher era estrangeira e pagã. No entanto, ela veio a Cristo. Marcos, que é o único outro autor que registrou esse episódio (Mc 7.24-30), diz que ela era "grega, siro-fenícia de nação". Portanto, as duas descrições estão essencialmente de acordo.

Ela vinha daquelas **cercanias**. Essa é uma palavra grega totalmente diferente daquela que foi traduzida como *costa*, em algumas versões, no versículo 21. Aqui ela significa literalmente "fronteiras" ou "limites". No versículo 21 ela consta, em várias versões, como "partes".

Essa mulher se dirigiu a Jesus da seguinte forma: **Senhor, Filho de Davi**, isto é, Messias. Ela pode ter estado entre aqueles que eram das "partes de Tiro e de Sidom", que tinham vindo ao Lago da Galiléia para ver Jesus (Mc 3.8). Agora ela implorava por **misericórdia.** Sua filha estava **miseravelmente endemoninhada**, o que está de acordo com os originais gregos.

No início, Jesus **não lhe respondeu palavra** (23). Finalmente, os discípulos chegaram e começaram a pedir: "Despede-a, que ela vem gritando atrás de nós" (tradução literal). Eles estavam aborrecidos porque a mulher continuava a segui-los, "gritando" por ajuda. Provavelmente queriam que o Mestre fizesse o que ela pedia, para assim ficarem livres dela.

Ao responder, Cristo informou à suplicante que Ele havia sido enviado apenas **às ovelhas perdidas da casa de Israel** (24). Primeiro com o seu silêncio e depois com uma afirmação direta, Ele rejeitou o pedido. Carr expressa corretamente o propósito de Cristo: "Por meio de sua recusa, Jesus estava testando a fé dessa mulher, para poder torná-la mais pura e profunda".[21]

Para não ser repelida, a mulher se aproximou e **adorou-o** – "ela se ajoelhou perante Ele" – implorando: **Senhor, socorre-me** (25). Este verbo significa auxiliar alguém que está pedindo socorro.

Aparentemente, a resposta de Jesus parece não ser nada menos que um insulto. Ele disse que não era apropriado (literalmente **bom**) pegar o pão dos **filhos** (dos judeus) e deitá-lo **aos cachorrinhos** (26).

Geralmente, os judeus chamavam os gentios de "cães", isto é, "impuros". Esta expressão parece fora de propósito, saindo dos lábios de Cristo. Entretanto, a palavra grega significa "cachorrinhos". Como diz Morrison: "Nosso Salvador não estava se referindo aos cães selvagens, violentos, imundos e sem dono que perambulavam pelas cidades do Oriente, mas aos cachorrinhos de estimação nos quais as crianças estão interessadas e com os quais elas brincam".[22] Weatherhead também acredita que Jesus pode ter usado um tom de voz ou um certo olhar para dizer à mulher que com essa expressão Ele estava principalmente censurando os discípulos pela sua atitude mesquinha e nacionalista.[23]

A reposta da mulher foi, em todos os sentidos, notável. Ao invés de se ressentir por ter sido classificada como "cachorrinho" por parte de Cristo, ela aceitou a situação. Mas tirou dela o maior proveito possível. Tudo que pedia eram as **migalhas que caem da mesa** (27). Ela cria que essas **migalhas** iriam atender às suas necessidades. Em outras palavras, o poder do Mestre era tão grande, que não seria necessária uma parte expressiva dele para expulsar o demônio do corpo da sua filha. Não é de admirar que Jesus tenha respondido: **Ó mulher, grande é a tua fé** (28). Seu pedido foi atendido de forma imediata e plena.

Esse incidente foi bem resumido por G. Campbell Morgan: "Contra o preconceito, ela veio; contra o silêncio, perseverou; contra a exclusão, prosseguiu; e contra a rejeição, ela venceu".[24]

2. *As Multidões São Curadas* (15.29-31)

Depois de seu breve retiro com os discípulos, mesmo com as costumeiras interrupções, Jesus partiu e chegou ao **pé do mar da Galiléia** (29). Marcos (7.31) nos conta que Ele foi a Decápolis, a leste do lago, onde subiu **a um monte** e **assentou-se** para ensinar.

Grandes multidões vinham à sua procura, trazendo indivíduos **coxos, cegos, mudos, aleijados e outros muitos** (30). Isso nos dá alguma idéia da grande incidência de doenças e de calamidades naqueles dias onde não havia hospitais, e o número de médicos era bastante reduzido. Até hoje afirma-se que cerca da metade das crianças árabes que vivem nas cidades têm doenças nos olhos por falta de saneamento básico.

Jesus curou todos aqueles que se apresentaram. Isso despertou grande assombro e admiração entre o povo, levando as pessoas a glorificar a Deus (31).

3. *Mais de Quatro Mil Pessoas São Alimentadas* (15.32-39)

Embora a alimentação de cinco mil pessoas tenha sido registrada nos quatro Evangelhos, este episódio só é encontrado em Mateus e Marcos (8.1-9). Uma multidão havia permanecido ao lado do Mestre durante **três dias,** e toda a comida havia sido consumida. Ele não estava disposto a mandar as pessoas embora **em jejum** (famintas), para que não **desfalecessem** a caminho de casa (32). Os discípulos protestaram, dizendo que **não havia pão no deserto** para alimentá-los (33). Tudo que tinham eram **sete** pães **e uns poucos peixinhos** (34), o equivalente a apenas alguns biscoitos e sardinhas.

A primeira coisa que Jesus fez foi mandar que a multidão **se assentasse no chão** (35). Esse verbo é diferente daquele usado em relação à alimentação das cinco mil pessoas (14.19). No primeiro caso, a palavra significa literalmente "deitar", e aqui "cair de costas". A diferença essencial é pequena. Na verdade, as duas palavras querem dizer "reclinar". O Senhor "abençoou" o pão na ocasião em que alimentou mais de cinco mil pessoas, e aqui Ele deu **graças** (36).

O verbo é *eucharisteo*, e equivale à nossa moderna expressão "dar graças" quando estamos à mesa, prestes a fazer as nossas refeições. Depois, Jesus partiu os pães e os discípulos novamente serviram a multidão.

Dessa vez, eles juntaram **sete cestos cheios de pedaços** que sobraram (37). A palavra usada para **cestos** é diferente daquela que é usada em relação à alimentação das cinco mil pessoas (14.20). Naquele caso, entendemos que se tratava das cestas de lanche dos doze discípulos, enquanto aqui o significado é um cesto maior. Isso é sugerido pelo fato da mesma palavra ter sido usada para o cesto no qual os discípulos desceram Paulo pelo muro de Damasco (At 9.25). Provavelmente se tratasse de um cesto de pescador, feito com cordas trançadas, e que podia carregar pelo menos um alqueire de cereais. Dessa forma, os **sete cestos** mencionados aqui podem ter acondicionado uma quantidade muito maior de alimentos do que os "doze cestos" da ocasião anterior.

Dessa vez havia **quatro mil homens** (38), novamente Mateus (e não Marcos) acrescenta: **além de mulheres e crianças.**

Tendo despedido a multidão, Jesus **entrou no barco** – literalmente "subiu no barco" – e foi para as "fronteiras" de **Magdala** (39). Essa era a cidade de onde veio Maria Madalena. Estava localizada na fértil planície de Genesaré (cf. 14.34). Os manuscritos gregos mais antigos trazem o termo "Magadã". Como a localização dessa última é desconhecida, fica fácil entender porque algum escriba a mencionou como a cidade de Madalena.

E. OS FARISEUS CEGOS E OS DISCÍPULOS QUE ENXERGAVAM, 16.1—17.27

1. *A Exigência de Um Sinal* (16.1-4)

Os **fariseus** – que eram os mestres das sinagogas – e os **saduceus** – que eram os sacerdotes no templo – vieram a Jesus para **o tentar** ("experimentar" ou "testar"; v. 1). Geralmente, esses dois grupos eram antagônicos, tanto do ponto de vista teológico como político. Os **saduceus** eram partidários dos governantes romanos, enquanto os fariseus se ressentiam da sua presença. Mas os dois partidos trabalhavam juntos no Sinédrio de Jerusalém, e agora estavam unidos por uma hostilidade comum em sua oposição a Jesus.

Esses líderes judeus **pediram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu** (1). Não tinham ficado satisfeitos com os sinais que até então o Senhor Jesus havia mostrado constantemente em seu ministério de curas. Eles rejeitavam essas curas como provas de que Ele era o Messias. Antes, exigiram que Ele apresentasse um sinal espetacular do céu, alguma coisa do outro mundo, como prova de que Ele era realmente quem afirmava ser.

Nos versículos 2 e 3[25] encontramos uma comparação entre os sinais climáticos e os **sinais dos tempos**. Essa frase, usada tão freqüentemente na literatura profética atual, só é encontrada nesta passagem no Novo Testamento.[26] Ela se refere a indicações relativas àquilo que está por acontecer em assuntos mundiais.

As palavras de Jesus, citadas no versículo 4, são as mesmas que se encontram em 12.39. A palavra **má** corresponde à mesma palavra grega traduzida como "pecadora". Deste modo, as duas passagens são idênticas, exceto que o termo **profeta** (4) não consta do texto grego.

Marcos registra as palavras de Jesus: "A esta geração não se dará sinal algum" (Mc 8.12). Essa frase pode parecer conflitante com a observação de Mateus a respeito do sinal de Jonas. Mas obviamente o que Marcos está dizendo é que nenhum sinal do tipo que os líderes judeus estavam exigindo lhes seria dado (veja também os comentários sobre 12.38-42).

2. *O Fermento dos Fariseus e dos Saduceus* (16.5-12)

Jesus novamente deixou a margem ocidental – onde havia experimentado tanto uma grande popularidade quanto a maior oposição – e atravessou para **a outra banda** do lago (5). Alguém havia esquecido de providenciar **pão** para o grupo. Dois fatos tornavam difícil a compra de alimento no lado oriental do lago da Galiléia. Em primeiro lugar, era uma região esparsamente habitada e, em segundo lugar, era um território principalmente habitado por gentios e assim podia ser difícil encontrar alimentos "limpos", que fossem aceitáveis aos judeus.

Jesus advertiu os discípulos de que deveriam tomar cuidado com o **fermento dos fariseus e saduceus** (6). Eles imediatamente pensaram que Jesus estivesse se referindo ao fato de terem se esquecido de trazer pão (7). O Mestre atribuiu essa conclusão à **pequena fé** que demonstravam (8), isto é, a uma falta de percepção espiritual. Sem a graça de Deus os homens se tornam materialistas incuráveis. Para contrabalançar a preocupação dos discípulos pela falta de pão, Cristo lembrou-lhes de como Ele havia alimentado mais de cinco mil pessoas com cinco pães e mais de quatro mil pessoas com sete pães (9-10). Não era do pão físico que Ele estava falando (11). Então, os discípulos

entenderam que Ele estava se referindo à **doutrina** ("ensino") dos fariseus e saduceus (12). Caracteristicamente, essa explicação foi acrescentada por Mateus (cf. 17.13). Ela não é encontrada em Marcos (8.13-21), o único outro livro em que esse incidente foi registrado.

Os estudiosos discutiram muitas vezes sobre a possibilidade de a alimentação das cinco mil pessoas e também das outras quatro mil serem variações deturpadas da mesma história. Mas, provas bastante claras depõem contra essa opinião negativa. Como já observamos, a alimentação das cinco mil pessoas está registrada nos quatro Evangelhos, enquanto a de quatro mil foi descrita por Mateus e também por Marcos. No parágrafo que estamos considerando, Mateus e Marcos estão se referindo aos dois fatos anteriores. Isso nos dá seis referências do atendimento a cinco mil pessoas (Mt 14.20; 16.9; Mc 6.43; 8.19; Lc 9.17 e Jo 6.13). Em todas elas, a palavra grega para "cesto" é *kophinos*. Existem quatro referências à alimentação de quatro mil pessoas (Mt 15.37; 16.10; Mc 8.8, 20). Em todas elas a palavra usada foi *spyris*. É difícil entender como alguém pode responder por esses relatos cuidadosos e consistentes a não ser por meio de um registro acurado desses dois milagres distintos. Esse é, claramente, o duplo quadro apresentado nos Evangelhos.

3. *A Grande Confissão* (16.13-20)

Pela quarta vez Jesus se afastou das multidões a fim de instruir os seus discípulos (cf. 14.13; 15.21, 29). Ele viajou em direção ao norte (veja o mapa), até à costa (ou **partes**) de **Cesaréia de Filipe** (13). Essa cidade havia sido construída por Filipe, filho de Herodes, o Grande, e recebeu o nome de **Cesaréia** em honra ao imperador reinante, Tibério César. Posteriormente, ela recebeu a designação **de Filipe** para distingui-la da cidade de Cesaréia na costa do Mediterrâneo, construída por Herodes e que, na época de Jesus, era a sede do governo romano na Judéia. O antigo nome grego de Cesaréia de Filipe havia sido Paneas, nome que sobreviveu até hoje como a moderna Banias. Estava localizada em um planalto rochoso debaixo das sombras do elevado monte Hermom, cujos picos ficam cobertos de neve o ano todo.

Nas suas proximidades existem penhascos que ainda trazem as marcas do antigo culto aos deuses Baal e Pan (palavra grega para "Tudo"). Era um local muito apropriado para a confissão da divindade de Jesus, e de sua identidade como o Messias longamente aguardado.

Sua carreira havia chegado a um ponto crítico. M'Neile observa: "O ministério público na Galiléia havia terminado e a jornada em direção à cruz logo seria iniciada; e Ele desejava atrair os discípulos a uma afinidade ainda maior com a sua pessoa, como jamais havia feito".[27] Era necessário que seus doze seguidores tivessem uma fé muito sólida em sua missão como o Messias, para enfrentarem um futuro que iria, rigorosamente, testá-la.

Ao alcançar as proximidades de Cesaréia de Filipe, Cristo perguntou aos discípulos: **Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?** Eles deram várias respostas: **João Batista;... Elias,... Jeremias ou um dos profetas** (14). Então Ele fez a pergunta mais importante de todas (15). Literalmente, ela seria: "E vós, quem dizeis que eu sou?" **Simão Pedro** respondeu pelo grupo: **Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo** (16).

Os versículos 13-16 sugerem o seguinte resumo: 1) A questão comum – **Quem dizem os homens...** que eu sou? 2) A questão crucial – "E vós, quem dizeis que eu sou?" 3) E a resposta confiante: **Tu és o Cristo**.

Marcos 8.27-30 e Lucas 9.18-21 registram essa confissão de Pedro. Mas ambos limitam a resposta a "o Cristo". Somente Mateus acrescenta, **o Filho do Deus vivo**. Carr indica com propriedade a seguinte implicação: "Essa confissão não só vê em Jesus o prometido Messias como reconhece, no próprio Messias, a sua natureza divina".[28] Os líderes judeus poderiam ter aceitado um Messias humano, mas foi precisamente essa pretensão à divindade que os levou a rejeitar Jesus e a condená-lo à morte sob a acusação de blasfêmia (26.64-65).

O restante dessa seção (17-20) encontra-se somente em Mateus. Jesus declarou: **Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus** (17). **Carne e sangue** era uma expressão rabínica usada para a humanidade, fazendo um contraste com a Divindade. Somente uma revelação divina do Espírito Santo pode nos fazer conhecer realmente que Jesus é o Filho de Deus, e essa revelação nos dá uma certeza interior que não pode ser abalada.

Cristo prosseguiu dizendo: **tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela** (18). A palavra **Pedro** corresponde ao termo grego *petros,* que quer dizer "pedra". O rochedo é uma *petra* ou "uma massa de pedra diferente de *petros,* que é um pedaço de pedra solta ou seixo".[29] Muitos estudiosos fazem uma objeção dizendo que só existe uma palavra em aramaico com os dois sentidos, isto é, *Kepha,* e que, como Jesus falou em aramaico, nesse caso não se aplica a distinção entre as duas palavras gregas. Mas nessa área de gentios que falavam grego é totalmente possível que Jesus tenha falado em grego e mudado propositadamente as palavras.

M'Neile acredita que Jesus falou em aramaico, usando a palavra *kepha.* Ele observa que essa palavra é do gênero feminino, e assim ela foi corretamente representada por *petra,* ou "rocha". Ele entende que a palavra *petros,* ou "pedra", tinha o mesmo significado, embora fosse mais apropriada para um nome de homem por ser do gênero masculino. Ele acrescenta, entretanto: "Não se pode concluir a partir desse jogo de palavras que 'esta rocha' seja Pedro", e conclui: "A referência foi feita provavelmente à verdade que o apóstolo havia proclamado, isto é, ao fato de que o Messianismo do Senhor seria como uma rocha imóvel sobre a qual a sua *'ecclesia'* (igreja) estaria segura".[30] Acreditamos que essa interpretação seja preferível à de Cullmann, que faz de Pedro a rocha sobre a qual a igreja seria construída. Cullmann, naturalmente, está se referindo a Pedro como apóstolo e não como bispo.[31]

Jesus declarou: **edificarei a minha Igreja.** Nos Evangelhos, a palavra grega *ekklesia* ocorre apenas nessa passagem e em 18.17 (duas vezes). Mas ela é encontrada cerca de vinte e quatro vezes em Atos e mais de sessenta vezes nas epístolas de Paulo. Seu significado básico é "assembléia". Na Septuaginta, essa palavra foi usada para a "congregação" de Israel. Na época de Jesus, seu significado comum era uma reunião legal dos cidadãos livres e eleitores de uma cidade grega. No Novo Testamento, ela foi empregada três vezes com esse sentido secular (At 19.32, 39, 41). O significado literal de *ekklesia* é "chamados para fora". Da mesma maneira, a igreja de Jesus Cristo é composta por pessoas "chamadas para fora", as quais têm o especial privilégio de funcionar como uma congregação de Deus.

As **portas do inferno** (Hades) provavelmente significam aqui os "poderes da morte", isto é, todas as forças que se opõem a Cristo e ao seu Reino. Em grego, Hades era o

lugar dos espíritos que partiram e equivale à palavra hebraica *Seol.* Morrison diz: "Nosso Salvador quer dizer que a sua verdadeira igreja nunca sucumbirá à morte e à destruição".[32]

O que Jesus quis dizer com **Eu te darei as chaves do Reino dos céus** (19)? O livro de Atos parece sugerir a resposta. Pedro usou primeiramente as chaves quando sua pregação no Pentecostes abriu as portas do Reino dos Céus aos judeus e prosélitos, e mais de três mil almas entraram em um único dia. Mais tarde ele usou as chaves para abrir a porta aos gentios na casa de Cornélio. Em um sentido real: "Cada pregador usa as chaves do reino dos céus quando proclama os termos da salvação em Cristo".[33]

Mais notável ainda é a afirmação de Cristo de que tudo que Pedro ligar na terra será ligado no céu, e tudo que for desligado na terra será desligado no céu. Qual seria o significado de **ligar** e **desligar?** M'Neile explica: " 'Ligar' e 'desligar' parecem representar em aramaico os termos técnicos do veredicto de um professor da Lei que, baseado na força de seu conhecimento específico da tradição oral, declarou que algum ato ou coisa é 'ligado', isto é, proibido, ou 'desligado', isto é, permitido".[34] Em outras palavras, baseado nos ensinos de Jesus, Pedro daria as decisões que seriam *ligadas no céu,* isto é, seriam honradas por Deus.

O Mestre **mandou** — um termo bastante forte, "mandou estritamente"—, que seus discípulos não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo (20). O momento ainda não era chegado. O conceito político de um reino messiânico, em que o povo acreditava, estava correndo o risco de sofrer uma revolução.

4. *A Primeira Previsão da Paixão* (16.21-23)

Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos (21) sugere que a confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe constituiu um momento crucial no ministério de Cristo, e Ele começou a revelar cada vez mais aos seus discípulos o verdadeiro propósito de sua missão na terra. Ele deveria morrer na Cruz, e dessa maneira dar aos homens a salvação. Mas essa revelação somente poderia ocorrer depois que eles tivessem reconhecido que Ele era o Messias.

Quatro coisas foram incluídas nessa previsão: 1) ir a **Jerusalém**; 2) **padecer muito dos anciãos, e dos principais sacerdotes, e dos escribas** (o Sinédrio); 3) ser **morto** e 4) e **ressuscitar ao terceiro dia.**

Pedro, tomando-o de parte (22) parece sugerir que o apóstolo o agarrou como se fosse protegê-lo contra esse destino. **Tem compaixão de ti** corresponde à expressão grega *hileos soi* que pode ser traduzida como "Deus, tenha piedade de ti", ou simplesmente, "Tenha piedade de ti". Pedro tinha um grande coração cheio de terna afeição pelo seu Senhor.

Mas nesse momento ele falou as palavras erradas. Jesus se virou – não para longe de Pedro, mas em direção ao apóstolo – e disse: **Para trás de mim, Satanás** (23). A palavra **Satanás** significa "adversário" e ao insistir com Jesus para evitar a Cruz, Pedro estava agindo em favor do inimigo contra o propósito da divina missão de Cristo. Ele estava tentando Jesus a dar as costas, como Satanás havia tentado fazer na tentação do deserto no início do ministério público de Jesus.

Mateus acrescenta (em relação a Marcos 8.33): **que me serves de escândalo.** A palavra é *skandalon,* isto é, "escândalo". Sem querer, Pedro estava armando uma cilada

para Jesus. **Compreendes** significa simplesmente "pensas" ou "tem em mente". O pensamento de Pedro era contrário ao de Deus.

Nessa conversa, Pedro representa o exemplo perfeito da inconstância que caracteriza, em maior ou menor grau, todos os crentes que ainda não foram totalmente santificados. Não se tratava de uma indecisão consciente ou intencional da devoção a Cristo que contaminava Pedro, mas de um outro estado de espírito que coexistia no subconsciente e que era incompatível com a verdadeira espiritualidade do Reino. Embora tenha enxergado a verdadeira personalidade de Cristo quando disse: "Tu és o Cristo", ele não entendia a natureza espiritual de sua condição como o Messias. Essa mesma ambivalência fica evidente não só nessa passagem de Pedro, mas em todos os discípulos e de várias maneiras, até que seus olhos se abriram e eles se tornaram mais espirituais (ajustados aos caminhos de Deus) no batismo com o Espírito Santo no Dia de Pentecostes.

5. *O Preço do Discipulado* (16.24-28)

Uma das expressões mais significativas de Jesus (cf. 10.38; Mc 8.34; Lc 9.23; 14.27) é encontrada no versículo 24. Não era só Cristo que deveria enfrentar a Cruz, mas também os seus discípulos.

Existe todo um sermão envolvido nesse versículo. O Mestre disse: **Se alguém quiser vir após mim** – uma linguagem rabínica para "ser meu discípulo" – deve primeiro renunciar **a si mesmo**. "Renuncie-se a si mesmo" é a frase que está escrita na porta de entrada do Reino de Deus. Todo cristão deve se humilhar, renunciar aos seus pecados e negar a si próprio para entrar. Em seguida, deve tomar **sobre si a sua cruz.** Isso significa a morte do *eu*, ser crucificado com Cristo (Rm 6.6; Gl 2.20), isto é, uma renúncia total da vontade própria, e uma entrega à vontade de Deus. Bonhoeffer escreveu: "O discipulado significa adesão à pessoa de Jesus e, portanto, submissão à lei de Cristo, que é a lei da cruz".[35] **Renuncie-se a si mesmo** e **tome sobre si** estão no tempo aoristo e sugerem as crises da conversão e da completa consagração. **Siga-me** está em um tempo presente, de ação contínua, e enfatiza o compromisso que cada cristão tem de seguir a Cristo, um compromisso que deve durar a vida toda.

Tudo isso está sugerindo que o único caminho para a vida é através da: 1) Renúncia de si mesmo (regeneração); 2) Morte do "eu" (santificação total); 3) Determinação própria (**Siga-me**).

Também ocorre a repetição desse pensamento no versículo 25 (cf. 10.39; Mc 8.35; Lc 9.24; 17.33; Jo 12.25). A única maneira de alguém **salvar a sua vida** é **perdê-la.**

Depois Jesus perguntou o que aproveita ao homem ganhar o mundo todo, mas perder a sua **alma**. A palavra é *psyché,* e é traduzida como "vida" no versículo 25 em várias versões. Talvez essa seja a melhor tradução aqui. Sobre o significado da palavra grega, Carr diz: "*Psyché* tem uma grande variedade de significados em grego; representava a 'vida' em toda a sua acepção, desde a mera existência vegetativa até a mais elevada vida intelectual".[36] Ele continua: "O cristianismo aprofundou essa concepção ao acrescentar à conotação de *psyché* a vida espiritual da alma em união com Cristo".[37] F. C. Grant fez a seguinte observação: "É a alma que pensa e sente e é, em geral, o princípio vivo dentro do corpo".[38] Ele pensa que tanto a palavra "alma" como "vida" são apropriadas para essa passagem.

No versículo 26, John Wesley encontra um forte sermão evangelístico sobre "A Importante Questão". Seus pontos principais são: 1) O que está implícito na expressão *ga-*

nhar o mundo inteiro? 2) O que está implícito em *perder* a sua alma? 3) O que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?

A razão pela qual precisamos estar cuidadosamente atentos à questão de se perder a vida por amor a Cristo, é poder descobrir que o **Filho do Homem** voltará um dia como Juiz para recompensar cada homem de acordo com as suas obras (27).

A previsão de que **alguns há... aqui** que não irão morrer até que vejam o **Filho do Homem no seu Reino** (28) tem sido interpretada de várias maneiras. Ela foi aplicada: 1) À transfiguração, que ocorre a seguir. Entretanto, todos os estudiosos atuais parecem concordar que essa não é uma interpretação correta. 2) O versículo foi aplicado à queda de Jerusalém no ano 70 d.C. O principal argumento para essa segunda interpretação é que ela está de acordo com a ênfase do julgamento do versículo 27. Mas parece que está se referindo a um Dia do Juízo, um evento posterior, que ocorrerá logo após a segunda vinda de Cristo. Levando tudo isso em consideração, seria melhor interpretar esse versículo como 3) se referindo ao Dia de Pentecostes e à rápida propagação do evangelho descrita no livro de Atos.

M'Neile amplia um pouco mais essa questão. Ele escreve: "Os cristãos podem reconhecer que receberam, ou melhor, começaram a receber, o seu cumprimento no Pentecostes e que cada catástrofe ou crise subseqüente, ou demonstração do poder divino, tem representado a porta de entrada para uma nova era, um novo passo no processo eterno de seu completo cumprimento, a um clímax que está além do nosso entendimento"[39]. Em um sentido semelhante, Morison diz: "Não temos dúvida de que o nosso Salvador está se referindo, de forma indefinida, ao estabelecimento e à extensão de seu Reino e à manifestação de si próprio como Rei vitorioso, que teve lugar quando Jerusalém e o judaísmo, ambos totalmente corrompidos até o seu âmago, foram aniquilados".[40]

6. *A Transfiguração* (17.1-8)

Esse episódio representa uma das grandes crises da vida de Cristo. Junto com o Batismo e a Tentação, foi um momento de grande importância espiritual, registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 9.2-8; Lc 9.28-36).

Ele aconteceu **seis dias depois** (1). Lucas 9.28 diz "quase oito dias depois", mas não existe nenhuma contradição aqui. Lucas está contando os dias que precederam e se seguiram ao episódio, enquanto Mateus e Marcos contam apenas os seis dias que se passaram entre os dois fatos.

Depois do quê? Lucas diz "depois dessas palavras". Isso nos leva de volta a dois importantes itens dos capítulos anteriores: 1) A confissão da obra messiânica e da divindade de Jesus, e 2) a previsão de Cristo sobre a sua paixão.

Devemos nos lembrar de que enquanto Pedro se levantou magnificamente em resposta ao desafio da pergunta do Mestre: "E vós, quem dizeis que eu sou?", sua reação ao anúncio da Paixão foi um miserável fracasso. Ele protestou dizendo que Cristo não deveria morrer. Ele falhou, assim como todos os outros discípulos, em compreender o significado e a necessidade de um Messias sofredor.

É digno de nota os três Evangelhos Sinóticos começarem seus relatos enfatizando a semana que se passou entre a confissão e a transfiguração. G. Campbell pensa que "durante esse período houve uma sensação de desarmonia entre os discípulos e o Mestre".[41] E continua dizendo: "Aqueles seis dias devem ter sido os mais tristes da vida do Mestre;

seis dias de silêncio, seis dias em que a sua solidão representou o fato supremo de sua jornada".[42] Mesmo como uma antecipação, Ele deveria caminhar sozinho para o Calvário.

Qual foi o propósito da Transfiguração? Agora a resposta está clara. Ela deveria ser uma dupla confirmação: 1) da divindade de Jesus no momento em que os três discípulos tiveram uma visão de sua glória eterna, e 2) da importância e necessidade da Paixão. Esse último ponto aparece em Lucas, onde se afirma que o tópico da conversação com os dois visitantes celestiais era a sua "morte" que deveria se cumprir em Jerusalém (Lc 9.31). A palavra grega correspondente é *exodos*, que significa "uma partida" ("êxodo"). Portanto, ela inclui a sua crucificação, ressurreição e ascensão, que seria o clímax de seu ministério terreno.

Para a visão desse relato singular sobre a sua divindade e futura morte, Jesus escolheu os mesmos três discípulos que haviam testemunhado a cura da filha de Jairo (Mc 5.37). Mais tarde, Ele iria incluí-los em seu círculo mais íntimo – **Pedro, e a Tiago, e a João** (1) – no Jardim do Getsêmani. Agora Ele os havia levado **a um alto monte**. Embora o local tradicional da Transfiguração seja o Monte Tabor, na Planície de Esdraelom, provavelmente a melhor escolha teria sido um dos contrafortes do elevado Monte Hermom, o qual se projeta como uma sentinela solitária adornada por picos brancos na extremidade do Vale do Jordão. Esse local estaria próximo a Cesaréia de Filipe, onde Jesus se encontrava na ocasião anterior.

Ali Jesus **transfigurou-se** (2). O termo é *metamorphoo,* do qual se originou a palavra *metamorfose*. Além da passagem semelhante encontrada em Marcos 9.2, esta palavra só é encontrada em Romanos 12.2 ("transformai-vos") e em 2 Coríntios 3.18 ("transformados"). A transformação da aparência de Jesus foi assim descrita: **O seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz**. Lucas não usa a palavra "transfigurou-se", mas descreve o que se passou quase que exatamente com as mesmas palavras. Somente ele observa que foi enquanto Jesus estava orando que a Sua aparência se alterou. Existe uma sugestão de que a nossa transfiguração espiritual ocorre em nossos momentos de oração.

Os três Sinóticos mencionam a visita surpresa de **Moisés e Elias,** que falaram com Jesus (3). Moisés representava a Lei, e Elias, os Profetas. Existem muitas passagens no Novo Testamento onde o Antigo Testamento é mencionado como "a lei e os profetas".[43] A implicação aqui é que o Antigo Testamento como um todo apontava em direção a Cristo e, especificamente, que tanto o Pentateuco quanto os Profetas predisseram a morte expiatória do Salvador. Este fato precioso foi mostrado através da tipologia e do simbolismo da Lei (por exemplo, dos sacrifícios), e das declarações dos profetas (por exemplo, Isaías 53).

Pedro ficou tão contente com a situação que desejou prolongá-la. Ele sugeriu que os discípulos podiam construir **três tabernáculos** (4) – tendas feitas com ramos de árvores – um para cada um deles: Jesus, Moisés e Elias. Podemos até simpatizar com os sentimentos do apóstolo. Era uma comunhão singular. Mas Pedro mostrou que a previsão da Paixão ainda não havia sido corretamente registrada em sua mente. Ele queria um Messias glorificado e não um Messias sofredor.

Enquanto Pedro falava, **uma nuvem luminosa os cobriu** (5). Nesse caso, a nuvem sobre o Monte da Transfiguração tinha a finalidade de alertar os discípulos para que ouvissem a voz de Deus. Ela os lembraria da "coluna de fogo de noite" (Êx 13.22)

que guiou os israelitas no deserto, assim como da glória *Shekinah* que habitava no Tabernáculo (Nm 9.15, 22) e no Templo (1 Rs 8.10). Foi em uma nuvem que Deus apareceu no Sinai (Êx 19.9).

Da nuvem uma voz falava clara e distintamente confirmando a divindade de Jesus – **Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo**... e, silenciando Pedro, disse: **escutai-o.**[44] O problema de Pedro é que ele era rápido para falar e lento para ouvir. Infelizmente, sua *tribo* não desapareceu.

Dominados pela visão e aterrorizados pela voz, os três discípulos caíram sobre seus rostos (6). Isso pode sugerir que eles caíram da mesma forma que Saulo na estrada de Damasco (At 9.4) ou, mais provavelmente, que se prostraram em adoração. Nos dois casos, eles tiveram **grande medo.**

Mas o Mestre tocou-lhes com terno consolo, convidando-os a se levantar e não ter medo (7). Quando abriram os olhos **ninguém viram, senão a Jesus** (8). O valor dessa visão pode ser medido pelos seus permanentes resultados. Nenhuma experiência espiritual tem valor a não ser que seja capaz de deixar a pessoa com uma ampliada consciência da presença de Cristo. Quando os visitantes celestiais – a nuvem e a voz – desapareceram, os discípulos ficaram apenas com **Jesus.** Ele é a suprema necessidade de cada vida humana em todos os tempos.

7. *A Questão Sobre Elias* (17.9-13)

Lucas observa que o episódio ocorreu no "dia seguinte", quando voltaram da montanha (Lc 9.37). Isso implica que a Transfiguração aconteceu à noite, o que se enquadra bem nesse quadro descritivo. A afirmação de Mateus de que **o rosto** do Senhor **resplandeceu como o sol** (2) teria maior sentido se esse fato acontecesse na escuridão da noite.

Ao descerem da montanha Jesus **ordenou** (9) ou "mandou",[45] que os três discípulos não contassem a **visão** – a palavra grega significa, simplesmente, "o que foi visto" (cf. Mc 9.9) – até que Ele ressuscitasse (9). A divulgação desse fato poderia provocar um mal-entendido e levar a população a um levante messiânico, algo que o Messias procurava constantemente evitar.

A presença de Elias no monte havia aguçado uma questão na mente dos discípulos (10). Os **escribas**, ou mestres da Lei, haviam dito que a vinda de Elias precederia a do Messias. Eles baseavam o seu raciocínio em Malaquias 4.5. Se Jesus era realmente o Messias, como Pedro havia confessado em Cesaréia de Filipe, e havia sido confirmado pela voz do Pai no monte, por que Elias ainda não havia aparecido?

Como uma forma de resposta, Jesus primeiramente endossou a afirmação dos escribas. Elias iria aparecer antes do Messias e **restaurar**[46] **todas as coisas** (11); isto é, ele anunciaria uma nova era na qual todas as coisas seriam finalmente restauradas em Cristo (Cl 1.16; Ef 1.9-11). Mas Jesus foi além e afirmou que "Elias" já tinha vindo e eles (o povo a quem João Batista fora enviado) lhe fizeram tudo o que quiseram, porque não o reconheceram (12). Então, Ele acrescentou: **Assim farão eles também padecer o Filho do Homem**. João Batista havia sido preso e executado, e o mesmo destino estava reservado ao **Filho do Homem**, o Messias.

Mateus tinha o hábito de acrescentar explicações em pontos que poderiam parecer obscuros em Marcos. Já vimos isso acontecer em 16.12. Aqui ele está afirmando que os discípulos então entenderam que Jesus estava falando de **João Batista** (13).

8. *A Cura do Menino Lunático* (17.14-21)[47]

Pedro queria permanecer no Monte da Transfiguração, mas havia uma necessidade desesperada no vale, logo abaixo. A mesma compaixão que levou Cristo a deixar o céu e descer a este mundo de pecado e sofrimento, agora o impelia a deixar a gloriosa companhia do topo do monte e descer até o vale para atender às necessidades de um menino e de seu pai. A maior glória de Cristo está nesse amor que resplandeceu através de sua vida.

Quando Jesus e os seus discípulos se aproximaram da **multidão** que parecia estar sempre à sua espera, um ansioso suplicante se aproximou, pôs-se **de joelhos diante dele** (14), e imediatamente apresentou o seu pedido. Ele tinha um filho que era **lunático** (15). Essa palavra vem do latim *luna* ou "lua" e reflete a palavra grega que literalmente significa "lunático". Em algumas versões modernas ela foi corretamente traduzida como "epilético". Os povos daquela época pensavam que a epilepsia às vezes fosse causada pela luminosidade da lua (cf. Sl 121.6 – "O sol não te molestará de dia, nem a lua, de noite"). Os ataques descritos aqui são típicos dessa doença.

O pai angustiado informou a Jesus que havia trazido seu filho aos discípulos, mas que eles **não puderam curá-lo** (16). O verbo usado é *therapeuo*, que significa "curar". O Mestre lhes havia concedido o poder de expulsar demônios (10.8), mas por alguma razão eles foram incapazes de resolver esse caso.

O profundo desapontamento que Cristo sentiu pela incapacidade de seus próprios apóstolos está refletido nas palavras do versículo 17. Eles foram patéticos. Os discípulos haviam aprendido tão pouco com Ele!

Deve ter sido com a maior severidade em sua voz que Jesus **repreendeu... o demônio** que, imediatamente, **saiu dele** (18). O **menino** (*pais*) foi curado (*therapeuo*) naquele mesmo instante. É óbvio que Cristo era mais do que capaz de cuidar desse caso tão difícil.

Não é de admirar que os discípulos quisessem saber porque haviam fracassado (19). Jesus informou que era por causa da sua **pequena fé** (20).[48] Se tivessem **fé como um grão de mostarda** (veja os comentários sobre 13.31-32), teriam ordenado ao **monte** que passasse daqui para acolá e ele teria passado. É provável que Cristo não estivesse falando literalmente sobre um monte.[49] Ao mencionar **este monte** Ele queria dizer "essa grande dificuldade", esse caso que era demasiado difícil para eles. Sherman Johnson observa: "A fé não move montanhas físicas através de alguma mágica, mas seus próprios triunfos são mais maravilhosos do que uma engenharia em grande escala".[50] Em uma linha semelhante, George Buttrick escreve: "A fé *já removeu* montanhas – poderosos impérios, seitas pagãs e a impiedade entrincheirada".[51]

O versículo 20 atinge o seu clímax com essa admirável afirmação: **nada vos será impossível**. Mas como isso poderia acontecer? A resposta é: "Pela fé". Marcos, cuja descrição dessa cura é, como de costume, muito mais vívida do que consta em Mateus ou Lucas, registra que Jesus disse ao pai do menino: "Tudo é possível ao que crê" (Mc 9.23). Isso acontece porque Deus é o Todo-Poderoso, e a fé traz consigo a divina onipotência para superar os problemas humanos.

O versículo 21 não consta em algumas versões modernas, porque não faz parte dos dois manuscritos gregos mais antigos (Vaticano e Sinaítico), assim como de algumas versões antigas. Em Marcos, a primeira parte do versículo é autêntica, mas as palavras

"e jejum" foram acrescentadas mais tarde. Então, o versículo todo deve ter sido transcrito por algum copista de acordo com esse mesmo paralelo em Mateus.

9. *A Segunda Previsão da Paixão* (17.22-23)

O primeiro anúncio de que sua morte estava próxima foi feito logo depois da confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe. Esse outro anúncio foi feito depois do segundo grande evento em sua vida, a Transfiguração. Depois da confissão e da confirmação de sua divindade e missão messiânica, Jesus deixou bem claro aos discípulos que a sua missão na terra não era se sentar em um trono, mas morrer em uma cruz.

A primeira previsão (16.21) especificava que Jesus iria sofrer muitas coisas do Sinédrio judaico em Jerusalém. A segunda acrescenta a traição – **será entregue nas mãos dos homens** (22). As palavras **nas mãos dos homens** poderiam incluir tanto Pilatos, quanto os líderes judeus. As duas previsões mencionam a morte de Jesus e a sua ressurreição **ao terceiro dia** (23). Mateus ainda completa este relato dizendo que os discípulos **se entristeceram muito.**

10. *O Imposto do Templo* (17.24-27)

Este relato só se encontra em Mateus. Quando Jesus e seus discípulos voltaram para casa em Cafarnaum – depois de uma considerável ausência – alguns se aproximaram de Pedro com a seguinte pergunta: **O vosso mestre não paga as didracmas**? (24). A palavra grega para imposto é *didrachma*, uma moeda grega cujo valor estava próximo ao do denário romano. A dracma dupla (aqui) tinha, aparentemente, o valor de trinta ou trinta e cinco centavos. Ela correspondia à metade de um siclo, uma quantia dedicada à manutenção do templo, e que deveria ser paga todo ano, pouco antes da Páscoa, por todo adulto judeu do sexo masculino.

A base para esse imposto era o "meio siclo" prescrito como oferta ao santuário em Êxodo 30.13. Na época de Cristo os judeus de todo o mundo tinham a obrigação de fazer esse pagamento, que tinha a aprovação do governo de Roma. Josefo cita uma carta de César a Flaccus, que dizia: "Deixe esses judeus... – que têm enviado, de acordo com seu antigo costume, o seu sagrado dinheiro a Jerusalém – fazerem-no livremente".[52] Depois da destruição de Jerusalém (70 d.C.), quando não havia mais o templo para manter, o imperador continuou a coletar esse imposto. Josefo diz: "Ele também impôs um tributo sobre os judeus, onde quer que eles estivessem, e ordenou que cada um deles levasse duas dracmas anualmente ao Capitólio, como costumavam fazer na época do templo de Jerusalém".[53]

Quando Pedro entrou em casa, Jesus **se lhe antecipou** – "O Senhor se antecipou respondendo aos seus pensamentos".[54] Jesus perguntou: **De quem cobram os reis da terra os tributos, ou os impostos? Dos seus filhos ou dos alheios?** (25). A palavra **tributos** está se referindo aos impostos sobre mercadorias ou as taxas sobre as pessoas (em latim, *census*). **Dos alheios** significava aqueles que não pertenciam à família do rei.

Quando Pedro respondeu: **dos alheios**, Jesus disse: **Logo, estão livres os filhos** (26). O que Ele estava querendo dizer era: "Será que Aquele a quem vós justamente chamastes de Filho de Deus terá que pagar imposto ao Templo de seu Pai?".[55]

Mas Jesus tinha o hábito de pagar o imposto do Templo e isso pode ser constatado através da resposta de Pedro: **Sim** (25). Então disse o Mestre: **Mas, para que os não**

escandalizemos, vai ao mar, – o lago da Galiléia, em frente a Cafarnaum – **lança o anzol** (27). Isso mostra que a pesca com "anzol e linha" era praticada naquela época, como ainda é costume atualmente nas margens desse lago. O primeiro peixe que Pedro pescou teria em sua boca uma peça de dinheiro, **um estáter** (em grego, *stater*). Esse estáter tinha o valor igual ao de um siclo, e seria suficiente para pagar o imposto do templo tanto para Pedro como para o Senhor.

Seção VIII

Quarto Discurso:
A COMUNIDADE CRISTÃ

Mateus 18.1-35

A. O Cristão e As Crianças, 18.1-14

1. *O Maior no Reino* (18.1-4)

A importância dessa breve seção sobre a humildade pode ser entendida pelo fato de ser encontrada nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 9.33-37; Lc 9.46-48). Ela também foi repetida em várias passagens desses livros (veja Mt 20.26-27; 23.11; Mc 10.15, 43-44; Lc 18.17; 22.26). Podemos construir um sólido argumento em defesa da proposição de que Jesus enfatiza mais a humildade do que qualquer outra virtude cristã. Um dedicado estudante dos Evangelhos se sentirá cada vez mais impressionado com esse fato.

Marcos nos dá o cenário dessa seção. Os discípulos haviam discutido durante todo o trajeto para Cafarnaum sobre quem seria o maior (Mc 9.33). Em Mateus, os discípulos se aproximam de Jesus e fazem a pergunta: **Quem é o maior no Reino dos céus**? Eles perguntaram isso na **mesma hora** (1) – literalmente, "naquela hora". Isso sugere que os acontecimentos imediatamente precedentes deixaram o grupo empolgado sobre a possibilidade de o Reino ser estabelecido na terra dentro de pouco tempo. Eles eram como os políticos desse mundo, que estão sempre fazendo manobras para conseguir alguma posição de destaque.

Ao responder à pergunta deles, Jesus chamou a si **uma criança** (2). Temos aqui uma visão da ternura do Mestre. As crianças não tinham medo dele; ao contrário, sentiam-se atraídas pela sua pessoa.

Solenemente, Ele disse (**Em verdade vos digo**) que não poderiam entrar no Reino dos céus se não **vos converterdes** (3). Essa palavra quer dizer, literalmente, "voltar-se". Abbott-Smith sugere para essa passagem o sentido metafórico de "mudança".[1] Thayer sugere "*abandonar o curso de sua própria conduta*, isto é, *mudar o seu pensamento*".[2] Arndt e Gingrich dizem que essa expressão, nesse contexto, significa "*abandonar, mudar interiormente, ser convertido*".[3] No grego, a expressão **de modo algum** tem um duplo sentido negativo, com a finalidade de aumentar a ênfase. Ela tem a conotação de "*nunca* deverá (ou, de maneira alguma) entrar". Os discípulos estavam falando sobre quem seria o maior no Reino. Jesus disse: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus". Os discípulos precisavam "mudar" sua atitude, "abandonar" seus pensamentos orgulhosos e ambiciosos. Lukyn Williams observa: "A conversão mencionada aqui está restrita a uma mudança do atual estado de espírito – através de uma nova direção dada aos pensamentos e desejos".[4] Shank traduz essa frase: "A não ser que estejais completamente mudados em atitude e vos tornado como criancinhas".[5]

No versículo 4, o Mestre responde diretamente a pergunta dos discípulos: **Aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus**. Em outras palavras, a principal característica da grandeza de um cristão é a humildade. Não um impressionante desempenho, mas a humildade. Não é de admirar que lemos no Antigo Testamento: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor" (Is 55.8). Os caminhos de Cristo são diametralmente opostos aos caminhos do mundo.

A humildade de uma criança consiste principalmente em um estado de confiança e dependência. Essa é a atitude que Deus deseja que seus filhos adotem em relação a Ele. O estado de espírito moderno que prevalece atualmente, de auto-suficiência e de sabedoria mundana e sofisticada, é inimigo de uma autêntica espiritualidade.

2. *Uma Advertência Solene* (18.5-6)

Enquanto Jesus segurava a criancinha em seus braços (cf. Mc 9.36), Ele usou a situação para dar uma lição objetiva. Disse Ele aos seus discípulos: **E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta a mim me recebe** (5). Isso revela o profundo cuidado do Mestre para com as crianças. Em seguida, encontramos a admirável verdade. Aquele que rejeita uma criança está rejeitando a Cristo.

No versículo 6, Jesus foi ainda mais longe nesta advertência. Ele falou sobre qualquer um que **escandalizar** – "fizer tropeçar", "enganar" – **um destes pequeninos que crêem em mim.** Nos Evangelhos Sinóticos essa última frase só é encontrada aqui e na passagem paralela em Marcos 9.42. Mas ela também é comum no Evangelho de João. Isso indica uma confiança pessoal e um compromisso com Cristo. E, certamente, implica em sua divindade.

Existe uma considerável diferença de opiniões entre os comentaristas, se os **pequeninos** ainda se referem a crianças ou se aqui Jesus está transmitindo a idéia de novos convertidos. Talvez devêssemos aceitar *as duas* interpretações e aplicações – as crianças e aqueles que têm um espírito igual ao de uma criança.

Cristo declarou que se alguém levasse alguma delas a errar, **melhor lhe fora** – literalmente, "seria mais proveitoso" – que **uma mó de azenha** ou uma *pedra de*

moinho, isto é, uma grande mó puxada volta por volta por um asno – fosse pendurada em seu pescoço e ele **se submergisse na profundeza do mar.** Williams oferece o seguinte comentário: "Parece que o castigo foi reservado para os maiores criminosos – e o tamanho dessa pedra iria impedir qualquer chance de o corpo se erguer novamente até a superfície, e ser sepultado pelos amigos – uma consideração que, na mente dos pagãos, aumentava incrivelmente o horror desse tipo de morte".[6] É difícil conceber como Jesus poderia ter dado um aviso mais solene sobre o horror de levar um cristão novo ou fraco a errar e ser seduzido pelo pecado por causa da influência de alguém. A necessidade de uma vida consistentemente santa deve despertar a nossa atenção como as luzes que piscam no cruzamento de uma estrada de ferro. Faremos bem em dar atenção a esse aviso.

3. *A Gravidade do Pecado* (18.7-10)

Ai do mundo (7) – ou "Cuide-se o mundo" (veja 11.21) – por causa dos escândalos (*skandalon*). Esta é uma das palavras mais difíceis de se traduzir no Novo Testamento (veja os comentários sobre 5.29). Mas, trata-se de um termo muito forte, muito mais forte do que a palavra "escândalo" em nosso idioma, que se originou deste termo grego. Lenski diz que o substantivo *skandalon* e o verbo *skandalizo* "vão além da idéia de tropeçar (um erro do qual alguém pode se levantar) e sempre denotam a destruição espiritual".[7]

Jesus indicou que os laços que prendem os incautos sempre existirão. Mas, **ai daquele homem** que for responsável por colocar a armadilha.

É difícil pensar como Cristo poderia ter retratado a gravidade do pecado com maior nitidez do que o fez nos versículos 8 e 9. **Se a tua mão ou o teu pé te escandalizar,** (se "fizer com que você peque") **corta-o.** Melhor **te é entrar na vida** (a vida eterna, que começa aqui e que desabrocha no céu) **coxo** (manco) ou **aleijado,** do que ter as duas mãos ou os dois pés e ser lançado no **fogo eterno** (8). Essa frase ocorre aqui pela primeira vez. Ela pinta um quadro horrível do castigo eterno.

Se o teu olho te escandalizar, arranca-o. Jesus não estava defendendo uma mutilação física literal, embora isso seja melhor do que ficar eternamente condenado ao **fogo do inferno** (9). O idioma grego diz "Geena (inferno) de fogo" que significa "Geena (inferno) ardente". Qualquer que seja o aspecto do inferno, vale a pena pagar qualquer preço para não irmos para lá.

Estes dois versículos (8-9) são paralelos muito próximos ao texto em 5.29-30, exceto que a palavra **pé** não é mencionada. Observamos que, nesses últimos versículos, as palavras deveriam ser entendidas de forma figurada, sugerindo uma íntima associação ou associações (pessoas ou coisas) que podem seduzir as pessoas a pecar. William escreve: "Metaforicamente, essa expressão significa tudo que é tão caro e tão necessário quanto esses importantes membros".[8] Quaisquer amizades ou atividades prejudiciais devem ser eliminadas de forma drástica e imediata.

Na verdade, pé, mão e olhos representam a própria pessoa em suas várias formas de expressão. Toda vez que os pés se desviam do caminho, isso acontece porque o coração também se desviou. Uma personalidade santa terá pés, mãos e olhos santos. Portanto, Jesus está insistindo para que o próprio ser seja rejeitado a fim de se tornar totalmente santificado através da purificação de seu egoísmo pecaminoso. Somente quando nos tornarmos dispostos para a vida, e formos dessa maneira "podados", é que poderemos nos

aproximar da verdadeira semelhança com Cristo. Renunciar àquilo que parece ser o nosso direito natural, seja representado pelo pé, mão, ou pelos olhos, seria certamente o resultado de uma personalidade deformada. Mas, é melhor salvar um *eu deformado* do que perder um *eu "completo"*. Se não houvesse pecado no coração, o pé, a mão e os olhos não se tornariam, tão facilmente, instrumentos do pecado.

Três pensamentos podem ser sugeridos aqui: 1) a mão é o símbolo do que *fazemos;* 2) o pé é o símbolo de *aonde vamos;* e 3) o olho é o símbolo do *que vemos.* Tudo isso deve ser mantido sob cuidadoso controle.

Jesus se volta novamente para os **pequeninos** (10; cf. 6). Ele diz que **seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai**. Carr diz: "Nessas palavras, nosso Senhor reafirma a crença judaica nos anjos da guarda", mas também observa: "A reserva com que é tratada a doutrina no NT contrasta com a extravagância generalizada da crença oriental sobre o assunto".[9]

4. *A Parábola da Ovelha Desgarrada* (18.12-14)[10]

Essa história, que também pode ser chamada de parábola da busca da ovelha, é encontrada em Lucas 15.3-7. Esse cenário era muito familiar para os ouvintes de Jesus.

O pastor do Oriente ama suas **ovelhas** (12) – cada uma delas. Somente um coração cheio de amor pode levar um homem a arriscar sua vida à noite nos **montes** infestados de animais selvagens, a fim de procurar uma única ovelha que tenha se desgarrado do rebanho. Mas o amor não conhece limites.

Quando o pastor encontra a sua ovelha perdida, ele se alegra mais com ela do que com as outras noventa e nove ovelhas **que se não desgarraram** (13). A aplicação que Jesus fez dessa parábola mostra que não é desejo de seu **Pai** que um **destes pequeninos** (cf. 6, 10) **se perca** (14). "Os mais jovens e os mais doentes de seu rebanho são tão queridos a Ele quanto os mais fortes."[11]

Essa parábola nos dá um quadro impressionante da própria missão de Jesus na terra. Ele veio em busca das ovelhas perdidas. Este foi o seu objetivo por todos os lugares onde passou.

B. O Cristão e Seu Irmão, 18.15-35

1. *A Disciplina na Igreja* (18.15-20)

Até esse ponto do capítulo, Jesus havia advertido contra o perigo de levar alguém a tropeçar, a pecar contra o próximo. Agora, na segunda parte, Ele trata do outro lado do cenário. O que você deve fazer se o seu irmão (companheiro ou membro da igreja) transgredir – a palavra grega aqui é **pecar** (*hamartese*) – contra você? A resposta é: **vai e repreende-o entre ti e ele só** (15). **Repreende-o...** com o sentido de comunicar à pessoa a sua falta, corresponde a uma palavra no grego, *elenxon*. Ela significa "condenar" (o mesmo sentido de João 16.8) ou "censurar". Este último significado está em sintonia com Levítico 19.17 – "Não aborrecerás a teu irmão no teu coração; não deixarás de repreender o teu próximo e nele não sofrerás pecado". Com muita freqüência, os membros da igreja costumam contar a outras pessoas algum problema, ao invés de obedecer ao que Jesus disse aqui.

Se o transgressor ouvir, **ganhaste a teu irmão** – isto é, "conseguiste persuadi-lo a ter uma mente melhor – para Cristo".[12] Nesse ínterim, a infeliz questão ainda não se tornou pública, o que teria como resultado as pessoas assumindo diferentes lados, e, dessa forma, dando início a uma disputa que poderia terminar com a divisão da igreja. A melhor ocasião de lidar com essa situação é quando ela ainda é restrita, e antes de se tornar grande demais para ser administrada.

Se o irmão se recusar a ouvir, então convoque duas ou três testemunhas para que tudo que for dito **seja confirmado** (16). Muitas vezes isso se torna necessário para proteger alguém contra a calúnia lançada pelo oponente. Se ele se recusar a ouvir esse comitê, então toda a **igreja** deverá ser comunicada (17). Se não ouvir a igreja, deve ser excluído. Esse parece ser o significado da última parte do versículo 17.

A palavra **igreja** só é encontrada em outro lugar nos Evangelhos em 16.18 – "Edificarei a minha igreja", em uma referência à igreja de Jesus Cristo em todo o mundo. "Aqui, essa expressão se refere à congregação local, que representa a igreja como um todo, atuando, naturalmente, através de seus ministros."[13]

Anteriormente (16.19), Jesus havia dito a Pedro que tudo que ele ligasse na terra seria ligado no céu, e tudo que desligasse na terra seria desligado no céu. Agora, Ele dá a mesma autoridade aos doze apóstolos (18). Isso mostra que Pedro não tinha um lugar permanente de singular proeminência. Para o significado de **ligar** e **desligar** veja as notas sobre 16.19. Aqui, o contexto indica claramente que Jesus está cuidando da disciplina na igreja. A disciplina imposta pela igreja, dentro de um espírito de amor e da forma como Jesus ordenou, recebe a aprovação de Deus.

O versículo 19 deve estar relacionado com esse assunto. A oração feita por dois crentes sinceros irá **ligar** ou **desligar** os assuntos do Reino. Quanta responsabilidade isso transfere aos cristãos, que devem orar de acordo com a vontade de Deus! A palavra grega traduzida como concordar é *symphoneo*. Seu significado literal é "concordar quanto ao som" (*phone*), "estar em harmonia". Ela veio a ser usada, como aqui, no sentido de "concordar juntamente". O uso desse termo nessa passagem sugere "uma sinfonia de orações" que transmite uma alegre harmonia aos ouvidos de Deus.

Um culto da Igreja – por menor que seja o grupo, ou por mais humilde que seja o lugar – não representa apenas um encontro de pessoas, mas um encontro de pessoas com Deus (20). Mesmo que apenas **dois** ou **três** se reúnam **em meu nome** (disse o Senhor Jesus), a Presença Divina está prometida.

2. *Perdão Ilimitado* (18.21-22)

Evidentemente, Pedro esteve pensando no que Jesus havia dito sobre um irmão que peca "contra ti" (15). Ele queria saber quantas vezes tinha que perdoar esse irmão. Ele achou que estava sendo muito generoso quando sugeriu: **Até sete?** (21). "A lei rabínica dizia que ninguém deveria pedir o perdão de seu próximo mais do que três vezes."[14]

A resposta do Mestre deve ter sido muito perturbadora: **Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete** (22). Alguns tentaram traduzir o texto como "setenta e sete vezes" (Goodspeed). Mas a tradução tradicional parece ser a melhor. Jesus gostava muito de utilizar hipérboles, com já vimos em outras passagens.

Parece óbvio que Jesus não pretendia que Pedro entendesse a sua resposta dentro de um estrito sentido matemático. Ele não quis dizer: "Perdoe 490 vezes e depois desis-

ta". Ao contrário, Ele quis dizer claramente que o perdão deveria ser ilimitado. Buttrick entendeu o espírito dessa expressão, quando o Senhor disse **setenta vezes sete**: "Podemos fazer a conta 'em nossa mente'. Mas essa é uma aritmética celestial: 'devemos fazê-la em nosso coração' ".[15]

3. *A Parábola do Credor Incompassivo* (18.23-35)

Como Mateus está apresentando Jesus como Rei, inúmeras parábolas que ele registrou se referem a um rei (cf. 22.2) ou ao Reino dos céus (c. 13). Essa admirável parábola só é encontrada no Evangelho de Mateus.

Por isso, o Reino dos céus pode comparar-se a... (23) – essa é virtualmente a mesma fórmula introdutória encontrada, várias vezes, no capítulo 13. Aqui havia **um certo rei** que quis fazer contas com os seus servos. Ele descobriu um deles que lhe devia **dez mil talentos** (24). Como um talento valia cerca de mil dólares americanos, esse valor alcançava "dez milhões de dólares" (Goodspeed). Era uma soma incrível. Mas devemos reconhecer que esses servos eram importantes oficiais da corte de um monarca oriental. Os documentos que os arqueólogos descobriram dos períodos assírio e babilônio indicam que esses homens lidavam com imensas somas de dinheiro. Mas também devemos reconhecer que Jesus pode ter usado novamente uma hipérbole. O que o Senhor estava procurando salientar é a completa falta de esperança de pagarmos o incomensurável débito gerado pelos nossos pecados, até que fossem perdoados por Deus. Simbolizar esse débito seria impossível, mesmo que esses números fossem representados de uma forma absurdamente exagerada.

Não tendo com que pagar, o senhor ordenou que o homem, sua **mulher** e seus **filhos** fossem vendidos como escravos (25). Esse era o costume daqueles tempos no trato com os devedores. Mas o homem implorou misericórdia (26) e seu senhor perdoou toda a sua dívida (27).

O servo perdoado, deixando a presença de seu senhor, encontrou um de seus companheiros que lhe devia **cem dinheiros** ou "cem denários" (28). Esta era uma moeda romana, chamada *denarius*. Ela é mencionada dezesseis vezes no Novo Testamento, mais freqüentemente do que qualquer outra moeda.

Na versão KJV em inglês, ela sempre foi traduzida como "penny" ou "pence" e valia cerca de vinte centavos de dólar (americano). Portanto, cem *pences* seria o equivalente a "vinte dólares americanos" (Goodspeed) – uma soma insignificante comparada àquela que o oficial da corte devia ao rei. No entanto, esse servo agarrou o companheiro pela garganta e exigiu o pagamento imediato daquela dívida. Quando o conservo implorou que lhe fosse dado algum prazo para pagar, o credor o recusou, e mandou que ele fosse lançado na prisão.

Naturalmente, os outros servos se revoltaram por essa injusta atitude, e levaram o assunto ao conhecimento do rei. O primeiro oficial foi rapidamente convocado para comparecer à presença real, e recebeu o castigo que merecia. O Senhor Jesus advertiu: **Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas** (35).

Essa parábola traz uma vívida advertência a cada cristão. Cada crente recebeu o perdão de uma dívida incalculável de pecados, que nunca teria possibilidade de pagar. No entanto, alguns cristãos confessos guardam rancor durante anos contra algum com-

panheiro membro da igreja, por causa de uma palavra ou ação insignificante que pode ter sido pronunciada ou realizada por inocência ou ignorância. O ensino é *perdoar de coração*; isto é, conceder um verdadeiro perdão. Isso significa “perdoar e esquecer”! Uma pessoa não pode abrigar o ódio em seu coração e ser, ao mesmo tempo, um verdadeiro cristão.

Seção IX

Narrativa Retomada: DISCIPULADO E CONTROVÉRSIA

Mateus 19.1—23.39

A. Discipulado, 19.1—20.34

1. *A Partida da Galiléia* (19.1-2)

Pela quarta vez (cf. 7.28; 11.1, 13.53) encontramos a expressão conclusiva: **E aconteceu que, concluindo Jesus esses discursos** (1). Essa frase marca o final do quarto discurso.

O "Grande Ministério da Galiléia", que havia durado talvez um ano e meio, agora chegava ao fim. Pela última vez Jesus disse adeus à sua terra e começou a jornada fatal a Jerusalém. A expressão **saiu da Galiléia** traz em si o sinal da decisão. Ela marcou o fim de uma época. Lucas realça o significado dessa afirmação nesse ponto da história: "E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém" (Lc 9.51).

Cristo **dirigiu-se aos confins** ("limites") **da Judéia, além do Jordão** (1). Essa é uma estranha expressão geográfica. Falando apropriadamente, a **Judéia** estava localizada entre o vale do Jordão e o mar Mediterrâneo. A terra **além do Jordão** era conhecida, naquela época, como Peréia, e era governada pelo tetrarca da Galiléia, Herodes Antipas. Mas, como observa Plummer: "Judéia aqui parece ser usada no sentido mais amplo da Palestina, a terra dos judeus".[1]

Nessa área da Peréia, novamente **seguiram-no muitas gentes e curou-as ali** (2). Em uma passagem semelhante, Marcos 10.1 diz que: "Ele tornou a ensiná-los". A narrativa indica que Ele fez as duas coisas.

Em sua última viagem a Jerusalém, o Mestre e seus discípulos atravessaram o Jordão ao sul do Lago da Galiléia (veja o mapa) e se dirigiram para o lado oriental do rio através da Peréia. Essa era a rota usada geralmente pelos peregrinos da Galiléia quando viajavam para as festas anuais em Jerusalém. O caminho mais curto através de Samaria não era muito usado, porque esse território era considerado "impuro".

Em relação à Peréia, Andrews escreve: "A população não era formada exclusivamente por judeus, mas era mista: não era totalmente pagã como em Decápolis e também não seria tão facilmente incitada contra o Senhor como os habitantes da Judéia ou mesmo da Galiléia".[2] Ele também chama atenção para a expressão rabínica que diz que "a Judéia era o trigo, a Galiléia a palha, e a Peréia era o joio".[3]

2. *O Casamento* (19.3-12)

a) *O Divórcio* (19.3-9). A questão do divórcio teve um papel importante no primeiro século, da mesma forma que hoje. Jesus discutiu essa questão no Sermão do Monte (5.31-32). Agora ela reapareceu. A discussão sobre esse assunto tinha um significado e um perigo especiais na época do ministério de Jesus, porque Herodes Antipas havia recentemente se divorciado de sua esposa.

Dessa vez, a discussão foi precipitada pelos **fariseus** (3), os rígidos mantenedores e mestres da Lei. Eles se aproximaram de Jesus **tentando-o**, ou "testando-o" (veja as notas sobre 4.1; 16.1).[4] A pergunta que fizeram foi: **É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo**?

A última frase – **por qualquer motivo** – é particularmente significativa. Ela não é encontrada na passagem paralela em Marcos 10.2-12, pois os leitores gentios não teriam conhecimento, como os leitores de Mateus, da conotação judaica. Ela realça a controvérsia existente no primeiro século a.C. entre as escolas de Hillel e Shammai.

O conflito se originou a partir da interpretação de Deuteronômio 24.1 – "Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então, será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa". Shammai afirmava que "coisa feia" significa fornicação: "Um homem não se divorciaria de sua mulher, a não ser que tivesse encontrado nela um motivo de vergonha".[5] Seu colega Hillel (cerca de 60 a.C. – 20 d.C.), que era muito mais liberal, enfatizava a primeira frase: "Ela não encontrou favor em seus olhos". Ele permitiria a um homem divorciar-se da esposa se ela fizesse alguma coisa que o desagradasse, até mesmo se queimasse o alimento ao cozinhá-lo.

Ao responder (4) a pergunta dos fariseus, Jesus, como de costume, mencionou a Palavra de Deus – uma sugestão para nós quando estivermos tratando de controvérsias teológicas. O Senhor relembrou que, no início, Deus fez os seres humanos como **macho e fêmea** (Gn 1.27). Então (5) Ele citou Gênesis 2.24, onde se encontram as diretrizes divinas para o casamento humano. Essa passagem é citada duas vezes por Paulo (1 Co 6.16; Ef 5.31). Jesus insistiu na última frase ao repeti-la (6). A união do casamento é precisamente indissolúvel porque transforma duas pessoas em uma só – **não separe o homem**. Stier diz: "*Uma só carne*, isto é, uma pessoa, formando ambos, juntos, um homem dentro dos limites de sua vida na carne, para esse mundo".[6]

Como ainda não estavam satisfeitos, os fariseus perguntaram: "Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?" (7). Jesus respondeu: **por causa da dureza do vosso coração... mas, ao princípio, não foi assim** (8). O plano original de Deus era "conserve-se somente com ela enquanto ambos viverem". Ao dizer que Moisés **permitiu** dar-lhes uma carta de divórcio, Cristo corrigiu a palavra **mandou** (7) usada pelos fariseus. Moisés apenas "permitiu" o divórcio. A exigência de que o marido fornecesse uma **carta de divórcio** tinha o objetivo de funcionar como um controle e não como um encorajamento. Atualmente, um muçulmano só precisa dizer três vezes à sua esposa: "Eu me divorcio de você", e o divórcio será legalmente reconhecido. Moisés teria tornado esse assunto mais difícil, ao exigir que o homem usasse os serviços de um escriba para preparar um documento escrito.

Cristo se colocou claramente a favor da estrita interpretação de Deuteronômio 24.1. Ele só permitia uma razão para o divórcio – exceto **por causa de prostituição**[7] (9). Essa cláusula acrescentada ocorre apenas em Mateus (aqui e em 5.32). Embora alguns estudiosos tenham assumido a posição de que essas palavras não teriam sido pronunciadas por Jesus, a opinião deles rejeita a inspiração de Mateus. O adultério representa a negação do voto do casamento e, nesse caso, a posição de Jesus é bastante sólida. Marcos e Lucas enfatizam, ainda mais do que Mateus, a divina aversão ao divórcio. No plano de Deus, o casamento deve ser uma união permanente.

b) *O Celibato* (19.10-12). Os discípulos se mostraram assustados com a severidade e o rigor do Mestre. Se o casamento deve ser um compromisso tão grande, **não convém casar** (10). Ignorando esse ponto de vista egoísta e mesquinho, Jesus defendeu o celibato, ao qual tanto Ele mesmo quanto João Batista seguiam. A expressão **Nem todos podem receber esta palavra** (11) "provavelmente significa que não é dada a todos a capacidade de enxergar que não é bom se casar; '**esta palavra**' está se referindo à observação dos *discípulos*".[8] Em vista do que Cristo tinha acabado de dizer sobre a divina instituição do casamento, torna-se óbvio que o celibato não pertence ao plano habitual de Deus. Um ministro casado, e pai, pode entender mais plenamente e oferecer maior ajuda quanto aos problemas domésticos dos membros de sua congregação, do que um homem solteiro. Seria desnecessário mencionar que o discipulado pode exigir o celibato. Como diz A. B. Bruce: "Jesus eleva todo esse assunto da simples região do gosto pessoal, prazer ou conveniência, até à elevada região do Reino de Deus e de seus requisitos".[9]

Jesus prosseguiu (12), mencionando três classes de **eunucos** (uma palavra grega). Os primeiros são aqueles que nascem com um defeito físico que os torna eunucos por toda a vida. Outros são aqueles **que foram castrados pelos homens**. A palavra "eunuco" vem de *eune*, "cama", e *echo,* "ter". Ela foi usada primeiramente para o "guarda do quarto de um harém oriental... uma função zelosa que só poderia ser confiada àqueles que fossem incapazes de abusar dessa confiança; portanto alguém que tivesse sido emasculado".[10]

O terceiro grupo é composto por aqueles **que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus**. Essa é uma atitude ética e não física. Paulo reconheceu a sabedoria dessa decisão para alguns (1Co 7.32-35). Mas também preveniu contra a promoção dos falsos mestres que "proibiam o casamento" (1 Tm 4.3).

Não existe nenhum suporte escriturístico para o celibato obrigatório. Somente aqueles que forem capazes de recebê-lo, **aqueles a quem foi concedido,** (11) é que deverão

segui-lo. A palavra grega para **concedido** significa "dar espaço". Ela foi usada aqui, "metaforicamente, como dando espaço no coração ou na mente".[11]

3. *A Bênção aos Pequeninos* (19.13-15)

Esse breve e maravilhoso episódio foi descrito nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 10.13-16; Lc 18.15-17). Pais amorosos trouxeram seus filhos a Cristo, **para que lhes impusesse as mãos e orasse** (13). Carr diz: "Parece que era costume levar as crianças judias à sinagoga para serem abençoadas pelo Rabino".[12] O casamento é sagrado, assim como as crianças.

Os discípulos se ressentiam dessa imposição sobre o tempo e a resistência do seu Mestre. Eles censuravam aqueles que traziam suas crianças. Achavam que elas não tinham importância, assim como alguns obreiros da igreja atualmente. Mas a atitude de Jesus era muito diferente. Ele disse: **Deixai** – "permitam", "consintam" – **os pequeninos e não os estorveis** – "não os impeçam" – **de vir a mim** (14). O Senhor apreciava muito recebê-los de bom grado. Então, Ele acrescentou: **porque dos tais é o Reino dos céus.** A palavra grega também pode significar "aos quais pertence o Reino dos céus", ou "o Reino dos céus é composto dos tais". Na verdade, as duas idéias são verdadeiras. "Amor, simplicidade de fé, inocência e, acima de tudo, humildade, são as características ideais das criancinhas, e dos súditos do reino."[13]

4. *As Riquezas* (19.16-26)

a) *O Jovem Rico* (19.16-22). Essa história foi contada nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 10.17-31; Lc 18.18-30). Mateus diz que o homem era "jovem" (20) e que "possuía muitas propriedades" (22). Lucas informa que ele era um "príncipe" e "muito rico" (Lc 18.18, 23).

O homem disse a Jesus: **Bom Mestre**[14] ("Professor"), **que bem farei, para conseguir a vida eterna**? (16). Essa era uma questão relevante que mostrava a necessidade de um relacionamento mais profundo com Deus. Vida eterna significa "uma amizade plena e permanente" com Deus.[15] Para os judeus ela geralmente queria dizer "vida na era por vir".[16] Essa frase, muito comum em João, é encontrada pela primeira vez aqui nos Sinóticos.

Em resposta, o Mestre perguntou: **Por que me chamas bom?** (17). O melhor texto grego diz: "Por que me perguntas a respeito do que é bom?" O termo **bom** não se refere a algo, mas a alguém; a Deus. Então Jesus levou o homem a considerar as Escrituras, e disse-lhe: **guarda os mandamentos.**

Mas o interlocutor era persistente, e perguntou: **Quais?** (18). A palavra grega *poia* quer dizer, literalmente: "De que espécie?" Embora aqui essa palavra possa ser equivalente a *tis*, "Quais?, Jesus deixou de lado os quatro primeiros dos Dez Mandamentos, e citou o sexto, sétimo, oitavo, nono e o quinto. Ele omitiu o décimo, e em seu lugar Marcos registrou, "Não defraudarás alguém" (Mc 10.19). Só Mateus acrescentou: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (19; veja Lv 19.18), que é um resumo dos seis últimos mandamentos que descrevem as obrigações em relação ao homem.

Jesus não mencionou os primeiros quatro mandamentos que indicam as obrigações em relação a Deus, talvez porque tivesse a intenção de, nesse momento, testar o

jovem rico. O jovem havia quebrado o primeiro mandamento, pelo fato de "mamom" ter se tornado o seu principal deus.

A afirmação desse príncipe – **Tudo isso tenho guardado** (20) – é encontrada nos três Sinóticos. Somente Mateus acrescenta: **que me falta ainda**? Parece claro que ele não estava satisfeito com a sua religião, e sentia que faltava alguma coisa em seu interior.

Jesus falou com aquele homem em seus próprios termos: **Se queres ser perfeito** (21). A palavra *teleios* já havia ocorrido duas vezes em 5.48 (e em nenhuma outra passagem nos Evangelhos, mas ocorre dezesseis vezes nas Epístolas). Ela vem de *telos*, ou "fim". Thayer observa que seu significado mais correto é: "Levou ao seu final, terminou; nada mais faltava para a conclusão, estava perfeito".[17] Para as duas passagens em Mateus, ele sugere: "Aquele que alcançou a estatura adequada de virtude e integridade".[18] Abbott-Smith pensa que aqui ela expressa "a simples idéia da completa bondade".[19] Arndt e Gingrich sugerem para essa passagem: *"Perfeito, totalmente desenvolvido* em um sentido moral".[20] A tradução "completo" é a que responde melhor a essa questão: "Que me falta ainda?"

No caso desse jovem, a perfeição exigia que ele vendesse todas as suas propriedades e distribuísse todos os proventos entre os pobres. Isso porque o dinheiro, e não Deus, era o principal objetivo da sua vida. O discipulado exige renúncia a tudo em nome de Cristo. Para a maioria das pessoas, isso não quer dizer renunciar a todos os bens materiais. Mas, a fim de serem plenamente santificadas (1 Ts 5.23), todas as pessoas devem renunciar àquilo que lhes é mais querido para que Deus possa realmente assumir o primeiro lugar em suas vidas. Bonhoeffer escreve: "Existe alguma parte de sua vida que você está se recusando a renunciar? Talvez alguma paixão pecaminosa, alguma animosidade, alguma esperança, talvez a sua ambição ou a sua intuição? Se assim for, não deve se surpreender por não ter recebido o Espírito Santo, por sentir dificuldade de orar, ou por seu pedido para ter fé permanecer sem resposta".[21]

Recusando-se a renunciar, o jovem **retirou-se triste** (22, literalmente, "entristecido"). Ele estava dominado por um conflito de interesses. Desejava obedecer a Jesus, mas também queria gozar a sua fortuna. Esse último desejo era mais forte, e venceu.

O discipulado exige perfeita obediência. Algumas pessoas pensam que "Crer no Senhor Jesus Cristo" (At 16.31) significa simplesmente um consentimento mental. Mas, como insiste D. L. Moody, também é preciso um consentimento moral. Isso quer dizer um compromisso com Cristo. Bonhoeffer expressou essa idéia com exatidão quando escreveu: "O homem que desobedece não pode crer, pois somente aquele que obedece pode crer".[22]

Na obra *Biblical Illustrator*, D. Macmillan resume a história do jovem príncipe rico da seguinte maneira: 1) Um encontro cheio de esperança, 16; 2) Uma importante conversa, 17-21; 3) Uma triste partida, 22; 4) Importantes lições, 23-26.

b) *O Perigo das Riquezas* (19.23-26). Depois que o jovem príncipe rico havia partido, o Mestre se voltou aos seus discípulos e declarou solenemente: **Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no Reino dos céus** (23). O termo difícil quer dizer "com dificuldade", e essa dificuldade reside precisamente no fato de a maioria dos homens ricos fazer da sua riqueza o seu deus.

Mais uma vez Jesus fez uso de uma hipérbole – uma afirmação exagerada para alcançar o efeito desejado. A tentativa de mudar a palavra **camelo** (24) para corda – como faz George Lamsa, baseado em um suposto original em aramaico – ou a tentativa de aumentar o **fundo da agulha** para uma pequena porta no muro de Jerusalém, são equivocadas. Devemos aceitar essa passagem exatamente como está escrita. O Talmude judaico usa a figura de um elefante passando pelo buraco de uma agulha para expressar a idéia de uma coisa impossível. Jesus fez a mesma coisa aqui.

Os discípulos **admiraram-se muito** e perguntaram, **Quem poderá, pois, salvar-se?** (25). Essa pergunta reflete a crença judaica comum de que a prosperidade material era uma evidência das bênçãos de Deus. Embora essa crença esteja muitas vezes refletida no Antigo Testamento, o Livro de Jó refuta essa idéia.

Como uma forma de responder, Jesus primeiramente olhou **para eles** (26) – literalmente, "olhou em direção a eles". Carr observa: "Esses olhares penetrantes de Cristo produziam, sem dúvida, um efeito em suas palavras que é impossível recordar, mas que nunca se apagaria da memória daqueles que entenderam o seu significado".[23] Em seguida, o Mestre declarou que embora **isso** (a salvação dos ricos) fosse impossível aos homens, não há limite para aquilo que Deus pode fazer quando os homens permitem que Ele faça a Sua vontade.

5. *As Recompensas do Discipulado* (19.27—20.16)

Existem dois episódios nesta seção, e eles estão intimamente ligados pelo fato de ambos terminarem essencialmente com as mesmas palavras (19.30; 20.16).

a) *A Preocupação de Pedro* (19.27-30). A recusa do príncipe rico de desistir de sua fortuna levou Pedro a dizer: **Eis que nós deixamos tudo e te seguimos** (27). Mas seu testemunho estava viciado por um pedido egoísta: **que receberemos?** O apóstolo ainda estava sendo irremediavelmente materialista e egoísta em sua visão da vida.

Jesus lhes garantiu (28) – Pedro era o porta-voz de todo o grupo de discípulos – que todos aqueles que o seguissem seriam abundantemente recompensados **na regeneração**. A palavra *palingenesia* significa "novo nascimento, renovação, restauração, regeneração".[24] Ela ocorre apenas aqui e em Tito 3.5 – "regeneração, renovação", referindo-se à experiência espiritual individual. Mas aqui ela quer dizer "o novo mundo" como foi traduzida na Versão Siríaca e encontrada no apócrifo *Apocalipse de Baruque* (44.12).[25] Ela foi posteriormente identificada como o momento em que o Filho do Homem se sentará no trono de sua glória. Essa combinação está admiravelmente refletida em Apocalipse 21.5 – "E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas". Bengel comenta: "Haverá uma nova criação, sobre a qual um segundo Adão presidirá, quando tanto o microcosmo da natureza humana, através da ressurreição, quanto também o macrocosmo do universo, renascerão".[26]

A recompensa dos discípulos foi assim expressa: **também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.** Como poderíamos esperar, essa declaração apocalíptica, vestida em uma linguagem judaica, despertou várias interpretações. O melhor que podemos fazer é interpretar Escritura por Escritura. Paulo diz: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?" (1 Co 6.2). Isso parece refletir Daniel 7.22 – "Até que veio o ancião de dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo".

Porém, muitos relacionam essa linguagem a "reinar" e não a "julgar" em um sentido jurídico. Williams diz: "O verbo 'julgar' às vezes significa 'governar ou dirigir' e talvez possa ter sido usado aqui para dizer que os santos serão, no novo reino Messiânico, os vice-regentes de Cristo e exercerão a autoridade que a Ele pertence".[27]

Em relação às **doze tribos de Israel**, Williams escreve: "É muito provável que o termo 'Israel' seja uma referência ao **Israel** espiritual, ou a todo o corpo da igreja, e o número doze... represente o número completo daqueles que estão sendo julgados".[28]

Jesus também prometeu que todos aqueles que deixarem os seus familiares e as suas propriedades para segui-lo, receberão **cem vezes tanto** (29). Marcos acrescenta "já neste tempo". Mas a suprema recompensa é a **vida eterna**. A melhor tradução é "vida eterna" pois representa alguma coisa que é tanto qualitativa como quantitativa. Não é apenas a vida que dura para sempre (**eternamente**), mas a vida da eternidade (o próprio Deus) na alma do homem.

O versículo 30 representa uma censura à autocomplacência de Pedro. Embora ele fosse o *primeiro* dos discípulos, se mostrasse um espírito errado passaria a ser o *último*. E os cristãos que, aos olhos do mundo, são os **últimos,** passarão a ser os **primeiros**.

b) *Parábola dos Trabalhadores na Vinha* (20.1-16). Esta é mais uma das parábolas de Mateus sobre o Reino, que começa com a fórmula: **O Reino dos céus é semelhante**... (1; cf. c.13) e que só é encontrada nesse Evangelho.

Pai de Família significa, literalmente, "mestre da casa" (*oikos*, "casa", que se compõe com *despostes*, "mestre"). Esse homem **saiu de madrugada**, talvez ao nascer do sol, para contratar trabalhadores para a sua vinha. "Em todas as grandes cidades as pessoas que queriam trabalhar estavam reunidas [*proi*] por volta das 6 horas da manhã."[29] Quando as uvas amadurecem, precisam ser colhidas rapidamente, caso contrário a colheita estará perdida.

Ele encontrou alguns homens e combinou com eles que iria pagar **um dinheiro** [ou um denário] **por dia** (2). A palavra grega indica o denário romano, uma moeda de prata que valia cerca de vinte centavos de dólar americano (alguns a avaliam em quinze ou dezessete centavos). Mas essa quantia representava muito mais em poder de compra do que hoje, e era um salário habitual e justo para um dia de trabalho.

Novamente, ele voltou perto da **hora terceira** (9 horas da manhã) e encontrou homens desocupados na **praça** (3) – na *Ágora*, um lugar central de reunião de cada cidade onde as crianças brincavam (11.16), as pessoas faziam compras (*agorazo* = "comprar"), os magistrados julgavam (At 16.19), e os filósofos discutiam (At 17.17). O pai de família contratou esses homens simplesmente com a promessa: **Dar-vos-ei o que for justo** (4).

Perto da **hora sexta** (meio-dia) e da **hora nona** (3 horas da tarde), ele contratou outros nos mesmos termos (5). Perto da **hora undécima** (5 horas da tarde) ele descobriu que ainda havia outros **ociosos** na Ágora (6).

Quando perguntou porque não estavam trabalhando, responderam: **Porque ninguém nos assalariou** (7). Então, ele os mandou à sua vinha com a promessa de que iriam receber o que fosse **justo**. ... **aproximando-se a noite** (8) – o costume da época era pagar os trabalhadores ao final de cada dia (cf. Lv 19.13) – o **senhor da vinha** (o mesmo chefe de família mencionado acima) mandou que seu **mordomo** (aquele que era

"encarregado" dos negócios do seu senhor) chamasse os trabalhadores e lhes desse o pagamento, **começando pelos derradeiros até aos primeiros**. Então, o "administrador" (Berkeley) colocou os trabalhadores em fila, e começou a fazer o pagamento.

Aos **que tinham ido perto da hora undécima** ele deu um dinheiro a cada um, isto é, o pagamento de um dia completo de trabalho (9). Quando chegou a vez daqueles que haviam trabalhado o dia todo, eles naturalmente esperavam receber mais. Mas cada um recebeu também apenas um dinheiro (10). Isso causou um descontentamento imediato. Eles **murmuravam** (11) – o som da palavra grega sugere o zunido das abelhas – **contra o pai de família**. Essa frase foi condensada em uma única palavra grega, *oikodespotes*, traduzida como "chefe de família" no versículo 1.

Aparentemente, a queixa desses homens (12) era muito natural. Mas ela revelava um espírito egoísta. Os homens que trabalharam apenas uma hora precisavam alimentar suas famílias da mesma forma que aqueles que trabalharam o dia todo. O proprietário lembrou a um dos queixosos que o valor acordado era um dinheiro (ou denário) por um dia de trabalho (13). Dar mais, se assim quisesse, era uma prerrogativa do patrão. **Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?** (15). Os trabalhadores queixosos eram mesquinhos; o chefe de família era generoso e bom.

O princípio que essa parábola pretendia mostrar está expresso no versículo 16: **Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros**[30] (cf. 19.30). É óbvio que a história foi contada como uma censura ao tipo de espírito que estava refletido na pergunta de Pedro: "Que receberemos?" (19.27). Para ele, a sua pessoa estava em primeiro lugar. Porém, alguns que virão mais tarde se tornarão, comprovadamente, os primeiros.

Carr oferece uma boa sugestão sobre as diferentes horas mencionadas. Ele diz: "É provável que o elemento tempo tenha sido introduzido para ilustrar, sob a forma de uma parábola, os aparentes graus de serviço, significando que nenhum homem pode avaliar, de forma comparativa, os méritos das obras que são feitas para Deus".[31]

Como sempre, Trench prestou um excelente serviço ao explicar o propósito dessa história. Basicamente, "a parábola foi dirigida contra um temperamento e um estado de espírito ofensivos".[32] Seu significado é o seguinte: " 'Não vem das obras, para que ninguém se glorie'; essa era a verdade que eles estavam correndo o risco de ignorar, e que o Senhor agora pretendia reforçar através da parábola. Sem as obras, mas com graça para todos, e sem se glorificarem uns sobre os outros, sem exigências de direitos de uma parte perante qualquer outra".[33]

J. C. Gray, na obra *The Biblical Illustrator* desenvolve essa passagem sob o título *Os trabalhadores da vinha*. Ele usa um esboço impressionantemente simples: 1) Ociosidade, 1-3; 2) Chamada, 2, 4; 3) Trabalho, 7; 4) Pagamento 8-16.

6. *Terceira Previsão da Paixão* (20.17-19)

Devemos observar que os avisos de Cristo sobre a proximidade de sua morte só foram feitos aos **doze discípulos**, em particular (17). Ele não queria nenhuma publicidade sobre o assunto. Mas a importância dessas previsões pode ser constatada pelo fato de que cada uma delas foi registrada nos três Evangelhos Sinóticos (a respeito desse assunto, veja Mc 10.32-34; Lc 18.31-34). Essa terceira previsão é mais detalhada e específica do que as outras duas (cf. 16.21; 17.22-23). Jesus **será entregue** aos **príncipes**

dos sacerdotes e aos escribas, e condená-lo-ão à morte (o Sinédrio; 18). Então os judeus **o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem, e crucifiquem** (19). Essa é a primeira referência à crucificação, assim como a primeira e clara afirmação de que Ele será executado pelos gentios e não pelos judeus. A Ressurreição foi retratada nas três previsões.

7. *A Ambição Pessoal de Tiago e João* (20.20-28)

Em Marcos 10.35-45, a outra passagem onde esse episódio está registrado, foi dito que Tiago e João fizeram o pedido. Aqui é a mãe, **com seus filhos** (20). Obviamente, o pedido foi feito juntamente, pelos três. Nesse ponto, Mateus abandona a sua prática habitual, e se torna mais específico do que Marcos. **Adorando-o** significa inclinando-se perante Ele.

O pedido era que os dois filhos pudessem se sentar, **um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu Reino** (21). Depois do segundo anúncio da Paixão, os discípulos haviam perguntado: "Quem é o maior no Reino dos céus?" (18.1). Jesus havia respondido colocando uma criança no meio deles e dizendo: "Aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus" (18.4). O presente episódio mostra como era profunda a falta de entendimento deles sobre essa verdade, assim como sobre os ensinos ministrados por Jesus a respeito de sua Paixão, que se aproximava. Eles haviam deixado de entender totalmente o espírito do seu Mestre. Ainda estavam pensando no estabelecimento de um reino terreno. E já haviam decidido quem deveria ser o "maior" no reino, embora ainda não soubessem quem deveria se sentar **à direita** – lugar da mais elevada honra – e quem se sentaria **à esquerda**.

A resposta de Jesus foi clara: **Não sabeis o que pedis** (22). Algumas pessoas estão sempre procurando os privilégios de uma posição, sem reconhecer as responsabilidades envolvidas. Aqueles que estiverem mais próximos de Cristo irão sofrer mais. Será que desejavam ser pendurados em uma cruz, ao Seu lado? Não haveria quem rivalizasse com eles para essas posições! No entanto, quando o Senhor perguntou: **Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber?** Eles responderam de forma alegre e inocente: **Podemos. Beber o cálice** era uma figura muito conhecida dos judeus (cf. Sl 75.8). Williams diz: "Aqui, o cálice significa os sofrimentos interiores, mentais e espirituais, que Cristo suportou (cap. 26.39, 42)".[34]

O Mestre advertiu os seus dois discípulos: **Na verdade bebereis o meu cálice**[35] (23). Tiago foi o primeiro dos apóstolos a ser martirizado (At 12.2). Em relação aos últimos dias de João existem muitas lendas, mas nada se sabe ao certo, exceto que ele sofreu na ilha de Patmos (Ap 1.9).

Jesus acrescentou que não lhe competia atribuir assentos à Sua direita e à Sua esquerda, **mas** estes lugares são reservados ...**para aqueles para quem meu Pai o tem preparado**.

Isso parece ser uma negação de autoridade da parte de Cristo. É mais provável que nessa passagem **mas** (*alla*) signifique "exceto" (*ei me*), como aceito por Blass-Debrunner[36] e J. H. Moulton.[37] Dessa maneira, essa passagem pode ser assim entendida: "Não me compete dar estes lugares a alguém, exceto àqueles a quem Deus planejou concedê-los". Isso não significa nenhum favoritismo, mas que os lugares no Reino Messiânico serão dados a cada um de uma forma justa, e de acordo com um critério pré-estabelecido.

Quando os outros dez apóstolos perceberam o que Tiago e João haviam feito, eles **indignaram-se contra os dois irmãos** (24). Esse verbo significa "rebelar-se, indignar-se, irar-se".[38] Eles se ofenderam porque os dois filhos de Zebedeu estavam tentando "alcançar uma posição" superior à deles. Mas, infelizmente, não existem provas de que seus motivos fossem mais puros do que os demonstrados pelos dois irmãos.

Jesus reuniu os doze discípulos, e os preveniu de que as políticas de seu Reino eram diferentes daquelas dos governos terrenos. Ele lembrou que **pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles** (expressão encontrada apenas aqui e na passagem paralela em Marcos 10.42). O verbo **exercem autoridade** talvez possa significar "tiranizar sobre alguém".[39]

Mas não seria assim entre os seguidores de Cristo (26). Em uma escala ascendente, Jesus diz primeiramente que todo aquele que quiser ser **grande**, deve ser um **serviçal.** Essa palavra corresponde a *diakonos*, de onde se originou a palavra "diácono". Em segundo lugar, quem quiser ter algum destaque deve, antes de mais nada, ser **servo** (27) – literalmente, "escravo". Isso ilustra o antigo ditado: "Para subir, é preciso descer". Aquele que se tornar servo de todos, será glorificado e elevado por todos.

O versículo 28 representa uma grande passagem teológica. Jesus declarou que **o Filho do Homem não veio para ser servido** (*diakonethenai*), **mas para servir** (*diakonesai*), e **para dar a sua vida em resgate de muitos**. A palavra para vida é *psyché*. Resgate é *lytron* (somente aqui e em Marcos 10.45), e vem de *lyo,* "libertar". Ela significa "*preço da liberdade, resgate* (especialmente o dinheiro do resgate para a alforria dos escravos...)".[40] Esse uso está bastante ilustrado nos papiros, como mostrou Adolf Deissmann. Ele cita três documentos em papiros datados de 86, 100 e 107 (ou 91) d.C. que usam essa palavra com esse sentido. Seu comentário é o seguinte: "Mas quando alguém ouvia a palavra grega *lystron*, ou "resgate", no primeiro século era natural que pensasse no dinheiro necessário para comprar a alforria de um escravo".[41]

Em resgate de (*anti*) **muitos**. O significado comum da preposição grega usada nesta expressão nos papiros daquele período era "ao invés de".[42] Essa conotação está claramente evidente nas outras duas passagens em Mateus, onde essa palavra ocorre. Em 2.22 lemos que Arquelau reinava "em lugar de" (*anti*) seu pai, Herodes. Ele havia tomado o seu lugar. Em 5.38 ouvimos a expressão olho "por" (*anti*) olho e dente "por" (*anti*) dente. Obviamente, isso significa um olho retirado "em lugar de" um outro olho, e um dente retirado "em lugar de" um outro dente. De alguma forma misteriosa, que só é conhecida por Deus, Cristo deu a sua vida em resgate, "em lugar de muitos", para libertá-los da escravidão do pecado e para salvá-los da condenação eterna.

O uso da palavra **muitos**, neste contexto, não nega o fato de que Cristo morreu por todos. Em 1 Timóteo 2.6, Paulo escreve que Cristo Jesus "deu a si mesmo em preço de redenção [*antilytron*] por [*hyper*] todos". Cristo morreu por *todos*, mas muitos foram salvos como resultado de sua morte.

Sob o título "Verdadeira Grandeza" podemos pensar: 1) No preço da grandeza – **Podeis vós beber o cálice... e ser batizados com o batismo**...? 2) Na prática da grandeza – **Todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal**; 3) No padrão de grandeza – **O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir**.

8. *A Cura dos Dois Cegos* (20.29-34)

Esse incidente está registrado nos três Sinóticos (cf. Mc 10.46-52; Lc 18.35-43). Mas enquanto Mateus menciona **dois cegos** (30),[43] Marcos e Lucas mencionam apenas um. Só Marcos identifica esse homem como sendo Bartimeu. Evidentemente, este era o que mais se destacou entre os dois, e poderia ter se tornado um cristão muito conhecido quando Marcos escreveu o seu Evangelho.

Isso aconteceu quando eles estavam **Saindo... de Jericó** (29), a caminho de Jerusalém. Mas Lucas diz que o cego pediu ajuda quando Jesus estava se aproximando de Jericó (Lc 18.35). Essa diferença nos relatos dos apóstolos deu ocasião a consideráveis comentários (veja as notas sobre Lucas 18.35-43). A solução mais simples talvez seja aceitar a declaração de Lucas como uma mera indicação de que o milagre da cura aconteceu nas proximidades de Jericó.

O pedido dos dois cegos – **Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós** (30) – é igual ao da mulher siro-fenícia (15.22). Quando a multidão tentou silenciá-los, mandando que ficassem em seus lugares, os cegos continuaram repetindo o seu apelo (31). Isso fez com que Jesus parasse e perguntasse: **Que quereis que vos faça?** (32). A resposta foi rápida e clara: **Senhor, que os nossos olhos sejam abertos** (33). **Movido de íntima compaixão** Jesus **tocou-lhes nos olhos** (34). Talvez esse ato tenha tido como maior objetivo o fortalecimento da fé deles, e não apenas a cura. **... logo viram** (eles, literalmente, "enxergaram" ou "viram novamente"). Fazendo bom uso de sua nova visão, **eles o seguiram**. Dessa forma, a multidão aumentava enquanto o Mestre seguia o seu caminho para Jerusalém, para se oferecer como o sacrifício expiatório pelos pecados de toda a humanidade. Aquele que curava o corpo, veio especialmente para curar a alma dos homens.

B. A CONTROVÉRSIA, 21.1—23.39

1. *A Entrada Triunfal* (21.1-11)

Esse evento marcou o início da Semana da Paixão.[44] Sua importância pode ser vista no fato de ter sido registrado nos quatro Evangelhos (cf. Mc 11.1-10; Lc 19.29-38; Jo 12.12-19). Até então, João tinha pouco material em comum com os Sinóticos, exceto na passagem em que o Senhor alimentou as cinco mil pessoas. Mas os quatro Evangelhos registram os eventos da Semana da Paixão com muito mais detalhes do que qualquer outro período da vida de Cristo.

A Entrada Triunfal aconteceu em um domingo. Depois de curar os dois cegos em Jericó (20.29-34), Jesus e os seus discípulos, acompanhados pelos peregrinos da Galiléia a caminho da festa da Páscoa, haviam caminhado pela estrada de Jericó em direção a Jerusalém. Isso aconteceu em uma sexta-feira.

Desde o pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado (o sábado judaico) Jesus e os seus discípulos descansaram, talvez na casa de Marta e Maria em Betânia.

No domingo, eles foram para Jerusalém e, no caminho, evidentemente pararam em Betfagé. Essa vila não é mencionada no Antigo Testamento, mas somente em conexão com a Entrada Triunfal no Novo Testamento. O Talmude fala sobre ela como estando próxima a Jerusalém. Dalman diz, com base na literatura rabínica: "Este deve ter sido

um distrito situado fora de Jerusalém (um subúrbio, mas não uma unidade independente), que começava na fronteira do santuário, isto é, antes do muro oriental de Jerusalém".[45] Isso pode sugerir um território que incluía o vale de Cedrom e a encosta ocidental do monte das Oliveiras.

Jesus enviou **dois discípulos** – teriam sido Pedro e João? (cf. Mc 14.13 com Lc 22.8) – com as instruções: **Ide à aldeia que está defronte de vós,** onde encontrariam **uma jumenta presa e um jumentinho com ela** (2) que deveriam ser levados ao Mestre. Se alguém protestasse, eles deveriam dizer: **o Senhor precisa deles** (3). É interessante notar que somente aqui e em uma passagem semelhante em Marcos 11.3 Jesus é chamado de Senhor nos dois primeiros Evangelhos. Lucas, entretanto, emprega esse nome dezesseis vezes.

Como de costume, Mateus cita o cumprimento de uma profecia nesse evento da vida de Cristo. A citação corresponde a Zacarias 9.9 (cf. também Is 62.11) onde está previsto que o Rei-Messias viria humildemente, montado em um jumento (5). Este ato de Jesus mostrou que Ele estava se apresentando oficialmente à nação judaica como o Messias. Josefo registra a crença popular de que o Messias iria aparecer no Monte das Oliveiras.[46]

Os discípulos cumpriram a sua missão (6). Aparentemente, a procissão triunfal começou perto do Monte das Oliveiras. Os discípulos colocaram as suas roupas sobre o jumento, em lugar da sela, para que o Mestre se sentasse.[47]

E muitíssima gente – "a maior parte da multidão" (Weymouth, Williams, Goodspeed, RSV) – estendia as suas vestes pelo caminho (8). Isso mostra o entusiasmo quase tumultuoso desses peregrinos da Galiléia, que tinham visto muitos milagres realizados por Jesus. Agora, eles o aclamaram como o seu Messias (9). A linguagem usada aqui – **Filho de Davi** – é claramente messiânica.[48] **Hosana** significa "Salve" ou "Salve, nós pedimos". Aqui ela é provavelmente o mesmo que "Deus salve o Rei!" Hosana é a palavra de abertura do Salmo 118.25: "Um versículo que era cantado nas solenes procissões em volta do altar na Festa dos Tabernáculos, e também em outras ocasiões".[49]

Quando Jesus entrou em Jerusalém, **toda a cidade se alvoroçou** (10). Todos perguntavam: **Quem é este?** A resposta da multidão foi: **Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia** (11).

Um sermão para o Domingo de Ramos intitulado "A Entrada Triunfal de Jesus" poderia ter o seguinte enfoque: 1) A preparação, 1-5; 2) A procissão, 6-8; 3) O louvor, 9.

2. *A Purificação do Templo* (21.12-13)

Esse episódio é contado por Mateus imediatamente após a Entrada Triunfal, como se tivesse acontecido no mesmo dia. Marcos 11.15-19 informa os detalhes, observando que a purificação aconteceu em uma segunda-feira. Esse é outro exemplo do hábito de Mateus descrever duas narrativas em conjunto, colocando-se na posição de um observador. Nesse caso, Lucas acompanhou Mateus (Lc 19.45-48).

João registra uma purificação do Templo (Jo 2.13-17) em uma ocasião próxima ao início do ministério de Cristo. Os três Sinóticos (cf. Mc 11.15-19; Lc 19.45-48) descrevem um evento semelhante no início da Semana da Paixão. A maioria dos estudiosos entende que não houve duas purificações. Porém, Alfred Plummer diz: "Não há nada de incrível em duas purificações".[50] E Salmon escreve: "Estamos à vontade para aceitar o relato de João de que o nosso Senhor fez seu protesto contra a profanação do Templo em uma

visita anterior àquela Casa Sagrada, e podemos acreditar que depois de uma ausência de um ano ou mais, ao retornar com um grupo de discípulos da Galiléia, Ele fizesse cumprir as suas exigências com ainda mais rigor".[51]

A purificação do Templo é descrita de forma vívida. Jesus **expulsou todos os que vendiam e compravam no templo** (12) – *hieron,* a "Área do Templo", compreendia cerca de vinte e cinco acres. No Pátio dos Gentios havia um mercado onde ovelhas e bois eram vendidos para os sacrifícios (cf. Jo 2.14). Como a Lei especificava que esses animais deveriam ser "sem mácula" (Êx 12.5) era mais seguro comprá-los no mercado do Templo que era dirigido por parentes do sumo sacerdote. Tudo que fosse comprado ali seria aprovado. Da mesma forma, seria inconveniente para os peregrinos da Galiléia trazer animais em uma viagem tão longa. Aqueles que eram demasiadamente pobres para oferecer uma ovelha tinham permissão de substituí-la por uma pomba (Lv 12.8). Todo o dia era realizada uma animada venda desses animais.

Os **cambistas** também colhiam seus frutos. Todo judeu adulto tinha que pagar uma taxa anual de meio siclo ao Templo (cf. 17.24). Mas esse pagamento deveria ser feito com a moeda fenícia. Como o dinheiro que os judeus usavam habitualmente era grego ou romano, isso queria dizer que a maioria das pessoas precisava trocar o seu dinheiro. Os sacerdotes tinham permissão de cobrar algo em torno de 15 por cento para fazer essa troca. Edersheim acredita que somente essa taxa poderia alcançar uma soma entre 40.000 a 45.000 dólares por ano,[52] isto é, uma renda exorbitante naquela época.

Jesus lembrou aos transgressores o que estava escrito nas Escrituras (13): **A minha casa será chamada casa de oração** (uma citação de Isaías 56.7). **Mas vós a tendes convertido em covil de ladrões** (citação de Jeremias 7.11) O texto grego diz "uma caverna de salteadores". Essa frase devia ser muito familiar aos judeus do primeiro século.

A condenação feita por Cristo aos comerciantes do mercado do Templo, chamando-os de "ladrões" ou "salteadores" encontra sólido suporte nos escritos rabínicos. Eles falam de "Bazares dos filhos de Anás" – o antigo sumo sacerdote que foi sucedido por cinco dos seus filhos, e cujo genro, Caifás, era o sumo sacerdote nessa época. Edersheim chama atenção para a declaração de que "o Sinédrio, quarenta anos antes da destruição de Jerusalém [isto é, no ano 30 d.C., o ano da Crucificação], transferiu seu local de reunião do Pátio das Pedras Lavradas (no lado sul do Pátio dos Sacerdotes) para os Bazares e, em seguida, para a Cidade".[53]

Pouco tempo depois, a "indignação popular, três anos antes da destruição de Jerusalém, destruiu os Bazares da família de Anás".[54] A gravidade da situação está refletida nessa declaração: "O Talmude também registra a maldição que um renomado rabino de Jerusalém (Abba Shaul) pronunciou sobre as famílias dos sumo sacerdotes (inclusive a de Anás) que eram 'eles mesmos os sumo sacerdotes, seus filhos os tesoureiros, seus genros tesoureiros auxiliares, enquanto os seus servos batiam no povo com varas".[55]

A purificação do Templo foi o segundo ato messiânico de Jesus na Semana da Paixão. Ela representava uma seqüência apropriada à sua recepção como o "Filho de Davi" na Entrada Triunfal, e era o cumprimento da profecia expressa em Malaquias 3.1-3.

Uma leitura cuidadosa dos quatro relatos sobre a purificação do Templo não dará qualquer suporte à idéia de que Jesus usou de violência física contra as pessoas, ou roubou-as de suas posses. Ele simplesmente fez com que os homens – com seus pertences – se retirassem da área sagrada.

3. *O Louvor das Crianças* (21.14-17)

Essa seção só é encontrada em Mateus. Depois que Jesus mandou os vis transgressores para fora do Templo, **foram ter com ele ao templo cegos e coxos, e curou-os** (14). Isso era algo completamente diferente das discussões entre compradores e vendedores, pois revelava a profunda preocupação de Deus com o sofrimento dos homens.

Entretanto, essa mudança não agradou aos **principais dos sacerdotes** (15). Esse termo incluía, provavelmente, o sumo sacerdote, os antigos sumo sacerdotes, os membros do sexo masculino de suas famílias e talvez os chefes dos vinte e quatro turnos sacerdotais. Quando estes (saduceus) e os escribas (fariseus) ouviram as crianças exclamar: **Hosana ao Filho de Davi**, eles se **indignaram**. Essa é exatamente a mesma palavra que foi traduzida como "ficaram tomados de indignação" ou simplesmente "indignaram-se" em 20.24. Em resposta à petulante reclamação deles: **Ouves o que estes dizem?** (16), Jesus citou uma parte do Salmo 8.2 da Septuaginta (8.3). Quando os líderes religiosos se recusarem a louvá-lo, as crianças preencheram a lacuna.

Esta é a primeira passagem nos Evangelhos Sinóticos onde os saduceus são mencionados fazendo oposição direta a Jesus. Até esse ponto os fariseus eram aqueles com quem Ele havia entrado em conflito. Mas quando Jesus purificou o Templo, Ele atingiu não só o prestígio, como também o bolso dos sacerdotes e, por esta razão, eles nunca o perdoaram. Foram eles que dirigiram o ataque final contra Jesus (cf. 27.1, 12; Mc 14.55; 15.10). E. F. Scott diz: "Ele os havia desafiado abertamente, e agora precisavam considerar que medidas haviam de ser tomadas para que o levassem à morte o mais rápido possível".[56]

A atitude ciumenta e crítica dos fariseus e saduceus, bem na casa de Deus, sem dúvida entristeceu o Mestre. Ele os deixou (17) e foi para **Betânia** (a cerca de três quilômetros de distância, veja o mapa) onde passou a noite. Lá, provavelmente na casa de Marta, Maria e Lázaro – Ele encontrou amor e compreensão. Aquela família era um verdadeiro porto para a sua alma tão perturbada naqueles dias cruciais.

4. *A Maldição da Figueira* (21.18-22)

Esse episódio está registrado em Mateus e Marcos (11.12-14, 20-25). Como indicam essas duas referências, Marcos separa essa história em duas partes: a maldição da figueira na manhã da segunda-feira, e seu definhamento na manhã da terça-feira. Novamente, Mateus reúne os dois episódios em uma única narrativa, sem nenhum intervalo cronológico.

Aconteceu **de manhã** (18), quando Jesus estava retornando a Jerusalém vindo de Betânia. Sentindo fome – não sabemos porque nada havia comido naquela manhã – Ele viu **uma figueira perto do caminho** (19) – literalmente "no caminho". Quando se aproximou da árvore, encontrou apenas **folhas**. Geralmente, os figos estão escondidos sob as folhas, mas não havia nenhuma fruta. Então Jesus amaldiçoou a árvore como sinal do desgosto de Deus perante a hipocrisia.

Mateus diz: **E a figueira secou imediatamente**. A palavra grega é bastante forte. **Imediatamente** neste texto é *parachrema*, que significa "naquele momento, em seguida, instantaneamente".[57] Os discípulos perceberam a mudança na aparência da árvore e exclamaram: **Como secou imediatamente a figueira?** (20).

Como isso pode se harmonizar com a clara indicação de Marcos, de que somente vinte e quatro horas mais tarde os discípulos observaram a morte da figueira? Já notamos o hábito de Mateus juntar os eventos. Mas ao empregar a palavra "imediatamente" ele introduziu uma questão real. A melhor solução seria considerar **secou** (19-20) como uma introdução de tempo indeterminado, isto é, "começou a murchar". Apenas um dia depois de Jesus ter pronunciado a maldição da árvore, os discípulos se surpreenderam ao ver que ela havia secado, e podem ter usado a palavra "imediatamente" para descrever essa rápida mudança.

Alguns criticam Jesus por ter destruído a árvore, mas devemos entender que não se tratava de uma propriedade particular, ela estava "no caminho". Além disso, Trench faz uma saudável observação: "O homem é o príncipe da criação e todas as coisas existem para servi-lo; elas preenchem sua subordinação quando o servem – na vida ou na morte – produzindo-lhe frutos, ou advertindo através de uma forma figurada qual seria a maldição e o castigo pela infertilidade".[58] Ele acrescenta: "Cristo não atribuiu uma responsabilidade moral à árvore quando a castigou por causa de sua infertilidade, mas Ele realmente lhe atribuiu a capacidade de representar qualidades morais".[59] Certamente valia a pena a perda de uma única árvore, que não pertencia a ninguém em particular, a fim de ensinar aos discípulos uma lição que impactaria milhões de pessoas.

Qual era essa lição? Na verdade havia duas. A primeira era uma vívida advertência contra a hipocrisia – ter as folhas de uma falsa profissão de fé, mas nenhum fruto da graça de Deus. Uma aplicação específica dessa lição era a nação de Israel, cujo povo professava ser filho de Deus, mas que negava essa condição através de sua conduta pecaminosa (cf. Jo 8.33-47).

A segunda lição está descrita nos versículos 21 e 22. Jesus declarou solenemente: **Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes** podereis fazer não só o que acabei de fazer como também coisas muito maiores.[60] Depois, Ele deu uma das mais notáveis promessas da Bíblia relacionada à oração: **E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis** (22). Essa expressão pode parecer a concessão de uma autoridade incondicional; uma *carta branca*. Mas existe uma importante condição – **crendo**. Ninguém pode realmente acreditar em alguma coisa que seja contra a vontade de Deus. Morison entendeu o sentido dessa passagem, quando escreveu: "O que você realmente desejar – se o seu desejo se fundiu ao desejo de Cristo e de seu Pai – você receberá desde que apresente esse desejo diante do trono da graça".[61]

5. *Controvérsias com os Líderes Judeus* (21.23—22.46)

a) *Com que Autoridade?* (21.23-27). Este episódio foi registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 11.27-33; Lc 20.1-8). Quando Jesus chegou ao templo na manhã de terça-feira, Ele foi imediatamente desafiado pelos **príncipes dos sacerdotes** e pelos **anciãos do povo** (23). Esse último termo parece ser uma designação generalizada dos membros do Grande Sinédrio de Jerusalém. Eles perguntaram: **Com que autoridade fazes isso? E quem te deu tal autoridade?** Com a palavra **isso** eles se referiam à purificação do Templo no dia anterior. Tendo sido tomados de surpresa por ocasião da purificação do Templo, os líderes judeus não haviam recuperado totalmente seu entendimento naquele momento. Mas durante a noite haviam evidentemente decidido desafiar

o direito de Cristo de fazer o que fez. Portanto, perguntaram: "Quem lhe deu autoridade para perturbar o regime estabelecido no Templo?"

Muito sabiamente, Cristo respondeu dizendo que, por sua vez, ia lhes fazer uma pergunta. Se respondessem à sua questão, Ele responderia àquela que lhe fizeram.

Sua pergunta os atingiu como a explosão de uma bomba: **O batismo de João donde era? Do céu ou dos homens?** (25) O raciocínio daqueles homens não demonstrava nenhuma preocupação ética. Não era uma questão de saber o que estava certo, mas o que era apropriado. Não disseram: "Qual é a verdade?". Mas, "Como esta resposta nos afetará?". Os interlocutores se encontraram no meio de um dilema do qual não havia como escapar. Eles não iriam dizer que vinha do céu e também não podiam, com medo do povo, dizer que vinha dos homens. Portanto, mentiram deliberadamente ao responderem: **Não sabemos** (27). Com toda razão, Jesus se negou a responder a pergunta deles. Mas a resposta às duas questões é exatamente a mesma: a fonte da autoridade era o céu.

b) *A Parábola dos Dois Filhos* (21.28-32). Essa parábola só é encontrada em Mateus. Jesus começou com uma pergunta para atrair a atenção: **Mas que vos parece?** (28). Uma história sobre dois meninos é sempre interessante. Essa parábola tem, de fato, muitas afinidades com a parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32). Ambas começam com as mesmas palavras: **Um homem tinha dois filhos.** Mas aqui a palavra é literalmente "crianças".

Ao primeiro, o pai disse: **Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha**. Ele se recusou, **mas, depois, arrependendo-se, foi** (29). Esse não é o verbo grego mais comum *metanoeo* (trinta e quatro vezes no NT), mas o menos comum *metamelomai* (cinco vezes). Os dois sempre foram traduzidos como "arrepender" (na versão KJV em inglês) e parece que foram usados de forma intercambiável. Mas o verbo *metamelomai* também poderia ser traduzido como "lamentar".

De imediato, o segundo filho concordou em ir. Mas, na verdade, não obedeceu à ordem do pai. Quando Jesus perguntou qual deles havia feito a vontade do pai, a resposta óbvia era: **O primeiro** (31). Então Jesus fez a seguinte aplicação: **Os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus** (31). Ele estava repreendendo os líderes judeus que se recusaram a acreditar em João Batista, e que não se arrependeram (*metamelomai*) depois. Proclamavam que estavam obedecendo a Deus, mas não estavam. Eram iguais ao menino que disse **eu vou**, mas **não foi.**

No texto grego de Nestle, Westcott e Hort, a ordem dos dois filhos está invertida (entretanto, a versão RSV mantém a mesma ordem da versão KJV em inglês). Trench acredita que a ordem foi mudada pelo mesmo escriba que pensou que a aplicação era a Jesus (primeiro) e aos gentios (segundo). Ele diz: "Mas a parábola não se aplica principalmente aos judeus e aos gentios, mas se refere aos dois corpos dentro do povo judeu"[62] – os fariseus, de um lado, e os **publicanos** e as **meretrizes**, de outro.

c) *A Parábola dos Lavradores Maus* (21.33-46). Da relação das trinta parábolas de Trench, somente três delas são encontradas nos três Evangelhos Sinóticos. As duas anteriores são a parábola do semeador (13.3-9) e a parábola do grão de mostarda (13.31-32). Essa é a terceira (cf. Mc 12.1-12; Lc 20.9-19).

Jesus falou sobre um **pai de família** (*oikodespotes*) que plantou uma **vinha**, algo extremamente comum na Palestina. Ele **circundou-a** – provavelmente com um muro de pedra – e **construiu nela um lagar** (33). Esse lagar seria uma depressão contornada com pedras ou argamassa onde o suco das uvas seria pisado. Esses lagares ainda podem ser encontrados hoje na Terra Santa. Para montar guarda na vinha – para ninguém roubar as uvas maduras, ele construiu uma **torre** – uma plataforma suspensa feita de madeira que, conforme a especificação dos rabinos, deveria ter 4,5 metros de altura e uma base de 1,80 x 1,80 m. Depois, ele alugou a vinha para uns **lavradores** e viajou para o exterior.

E, chegando o tempo dos frutos (34) – setembro do quinto ano depois do plantio (Lv 19.23-25) – o proprietário enviou alguns servos para que recebessem a sua parte da colheita. Os lavradores **feriram um, mataram outro** e **apedrejaram** um terceiro (35).

Finalmente, tomado de desespero, o proprietário enviou o seu filho, pensando que eles iriam ter **respeito a meu filho** (37). Mas eles o mataram, pensando de forma insensata que poderiam herdar a sua propriedade (38-39). Entretanto, eles foram destruídos, e a vinha foi transferida para lavradores mais dignos (41).

Nos versículos 40 e 41, Jesus deixou que os seus inimigos julgassem os pecados que eles mesmos cometeram, e que pronunciassem a conseqüente sentença. Então Ele revelou a verdade contida na parábola, ao citar o Salmo 118.22-23. **A pedra que os edificadores rejeitaram** (42) – esse verbo significa "rejeitar (depois de examinar), declarar inútil"[63] – havia se tornado a **cabeça do ângulo**. Essa pedra se refere a uma pedra fundamental, ou à base de um arco.

Jesus não deixou margem para dúvida em relação ao que Ele queria dizer com essa parábola. Ele disse que o Reino de Deus seria retirado dos líderes judeus e entregue a uma outra **nação** (43, somente em Mateus). Quem caísse sobre **esta pedra** (Cristo) ficaria despedaçado (cf. Is 8.14-15) e aquele sobre quem ela caísse ficaria **reduzido a pó** (44). Parece que a primeira imagem está se referindo a alguém que, tropeçando em Cristo, ficaria "moído" (o significado literal de uma palavra pouco usada) como um jarro de água de cerâmica se despedaça ao cair sobre uma pedra. A segunda imagem é, claramente, de juízo.

Os **príncipes dos sacerdotes e os fariseus** não podiam deixar de ver que essa parábola **falava deles** (45). Eles eram os maus lavradores que representavam os antigos líderes da nação, que haviam matado os profetas (**servos**). Agora, eles mesmos estavam prestes a matar o Filho. O Reino seria dado aos gentios. Enfurecidos, eles queriam matar Jesus; mas temiam o povo, que acreditava que Ele era um **profeta** (46).

d) *A Parábola das Bodas* (22.1-14). Essa história tem algumas semelhanças com a parábola da grande ceia que só é encontrada em Lucas 14.16-24. Essas parábolas estão ligadas principalmente pela recusa dos convidados a comparecer, e pelas ordens dadas aos servos para irem até as estradas e trazerem quaisquer pessoas que pudessem encontrar.

As diferenças até agora ultrapassam as semelhanças; deste modo, podem ser consideradas histórias independentes. Em Mateus, há um **rei** que está preparando a festa de casamento (as **bodas**) do seu **filho**. Em Lucas é um "homem" que dá uma "grande ceia". Aqui está dito que os convidados **não quiseram vir** (3). Em Lucas eles apresentam

desculpas variadas. Aqui lemos que **outros servos** foram enviados, e que insistiram com os convidados para virem àquela esmerada festa de casamento, onde os **bois** e os **cevados** estavam **prontos** (4). Mas os convidados **não** fizeram **caso** (5). **Eles foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio**. Isso tem alguma semelhança com as duas primeiras desculpas em Lucas. Mas a morte dos servos, pelos convidados (6), e a destruição pelo rei da sua cidade (7) são idéias estranhas à parábola de Lucas.

A palavra grega para estradas, nos versículos 9 e 10, é muito diferente. No 10 ela é simplesmente *hodous*, "caminho" ou "estrada". Mas no 9 ela é *diexodous ton hodon*. A palavra *diexodous*, no Novo Testamento, só é encontrada aqui. Arndt e Gingrich acreditam que essa frase provavelmente signifique: "O lugar onde uma rua atravessa os limites da cidade e se dirige ao campo aberto".[64]

O significado da parábola é bastante óbvio. Os judeus foram os primeiros convidados a gozar das boas coisas do Reino. Quando rejeitaram essa oportunidade, os gentios foram introduzidos.

Quando o rei examinou os seus convidados, ele descobriu **um homem que não estava trajado com veste nupcial** (11). Ao ser questionado, o homem **emudeceu** (12). O rei ordenou que ele fosse amarrado e lançado **nas trevas exteriores** – fazendo um grande contraste com o brilho e a felicidade da festa de casamento. Então, ficamos sabendo que ali haverá **pranto e ranger de dentes** (13). Essa mesma expressão ocorreu em 8.12. Trata-se de um terrível quadro de tormentos. Novamente (cf. 20.16) lemos a declaração: **Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos** (14).

Essa história ensina duas lições importantes. A mais importante é que nem todos que forem chamados serão salvos. **Muitos são chamados** – a salvação é de provisão universal – **mas poucos escolhidos**. Não é porque Deus (o Rei) rejeita os homens, mas porque os homens rejeitam o seu chamado. Não existe lugar aqui para a idéia de um "chamado eficiente". Alguém pode rejeitar o chamado de Deus para a salvação, e assim se tornar um perdido.

A outra lição é encontrada no episódio do homem que não tinha a veste nupcial. Obviamente, o rei havia fornecido uma veste a cada convidado. Mas um homem se recusou a vestir a sua. Ele é do tipo daqueles que preferem sua própria justiça à justiça oferecida por Cristo. Esses serão lançados nas trevas exteriores.

Está claro que a qualificação final e determinante para a festa de casamento não era o convite, ou mesmo a sua aceitação, mas a veste nupcial. Para seu pleno entendimento, devemos associar essa parábola a Apocalipse 19.7-9, onde o traje era "de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos". Agora os santos não são simplesmente *convidados*, mas fazem parte da própria *noiva*. Se é legítimo ver na veste nupcial de Mateus uma previsão da sua identificação com Apocalipse, então poderíamos afirmar que a justiça e a santidade pessoais seriam as condições básicas (*sine qua non*) para que alguém participe das bodas do Cordeiro.

Isso representa muito mais do que a imputação automática de justiça a todos aqueles que respondem ao convite. Na verdade, trata-se de uma justiça concedida que, embora proporcionada pelo sangue de Jesus, deve ser, entretanto, alcançada por cada convidado, de forma individual e voluntária. Se o convite e a provisão da veste dependem da iniciativa do Rei, a obtenção e o uso dessa veste dependem da iniciativa do convidado. Embora seja um exagero considerar que a parábola esteja ensinando diretamente duas

obras da graça, não seria exagero reconhecer nela os requisitos básicos da santidade, que são os meios em que estão incluídas a justificação e a santificação.

Em seu sermão sobre a "Veste Nupcial", John Wesley diz que a veste nupcial significa "santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor". Ele apresenta dois pontos: 1) Sem a justiça de Cristo não podemos ter nenhuma *pretensão* em relação à glória; e 2) Sem a santidade, não seríamos *adequados* a ela.

e) *A Questão dos Herodianos* (22.15-22). Neste capítulo três grupos de líderes judeus questionam Jesus. Em cada oportunidade Ele responde e faz uma pergunta que, efetivamente, silencia os seus interlocutores. Todos esses quatro itens foram registrados em cada um dos Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 12.13-37; Lc 20.20-44). Aparentemente, essas discussões tiveram lugar na terça ou na quarta-feira da Semana da Paixão.

Os **fariseus** foram os instigadores da primeira pergunta. Eles **consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra** (15) – literalmente, "em uma palavra" ou "em uma expressão". O verbo é usado na Septuaginta, mas em nenhum outro lugar do grego clássico. Trata-se de um termo próprio da caça e significa "armar uma cilada". Arndt e Gingrich traduziram essa cláusula "a fim de poderem armar uma cilada com alguma coisa que Ele dissesse".[65] O motivo deles era malicioso.

Josefo descreve "três seitas filosóficas entre os judeus"; os fariseus, os saduceus e os essênios[66] (atualmente identificados com a comunidade de Qumrã que produziu os Rolos do Mar Morto). Os essênios não foram mencionados no Novo Testamento. De forma estranha, Josefo não faz referência aos herodianos que são mencionados três vezes nos Evangelhos (cf. Mc 3.6; 12.13). Mas sobre eles nada se conhece com certeza. O nome sugere que eram seguidores de Herodes Antipas e essa é uma suposição tão boa quanto qualquer outra.[67]

Os **fariseus** haviam usado um artifício sorrateiro (15). Eles enviaram a Jesus alguns de **seus discípulos, com os herodianos** (16). Geralmente, esses dois grupos estavam sempre se enfrentando porque os fariseus se opunham ao governo de Roma. Mas agora haviam se unido na inimizade comum contra Cristo.

A lisonjeira abordagem usada por esses homens era totalmente falsa. Eles tentaram pegar Jesus desprevenido, sugerindo que Ele sempre falava a verdade e não se importava com o que as pessoas pensassem a seu respeito. Eles esperavam desse modo levar Jesus a se incriminar fazendo uma afirmação imprudente.

Então armaram a cilada: É lícito pagar o tributo a César, ou não? (17) A palavra **tributo** é *kensos* (em latim, *census*). Esse era um imposto individual que os judeus achavam particularmente ofensivo por lembrar que estavam sujeitos a um poderio estrangeiro.

Os interlocutores acreditavam que haviam colocado firmemente o Mestre nas teias de um dilema do qual Ele não tinha qualquer possibilidade de escapar. Se Ele respondesse "sim", os fariseus o exporiam ao público como um judeu desleal. Se dissesse "não", os herodianos o denunciariam ao governo de Roma como culpado de sedição. Uma das piores ofensas que uma pessoa podia cometer aos olhos dos romanos era se opor ao pagamento do imposto.

Jesus, **conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas?** (18). Carr comenta o versículo 16 com muita propriedade: "Nada podia exceder a insidiosa hipocrisia desse ataque contra Jesus".[68]

Cristo contra-atacou fazendo um pedido: **Mostrai-me a moeda do tributo** (19) – a "moeda do censo" que era usada para pagar esse tributo. Em resposta, eles trouxeram um dinheiro (um denário) de prata que valia cerca de vinte centavos de dólar americano.

Jesus perguntou: **De quem é esta efígie e esta inscrição?** (20). A resposta imediata foi: "De César" (21). O denário daquela época em particular trazia em um dos lados a cabeça do imperador Tibério com a seguinte **inscrição** em latim: "Tibério César, filho do divino Augusto (o próprio Augusto)".

Então, o Mestre proferiu uma ordem simples e profunda: **Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus**. O verbo **dar** quer dizer literalmente "devolver". Se o denário trazia o nome e a figura de César, ele deveria ser de sua propriedade, portanto deveriam devolver o que pertencia a ele. Paulo reitera esse princípio em Romanos 13.6.

Mas também devemos devolver o que pertence a Deus – e o que temos que não nos foi dado por Ele? "Os mestres judeus estabeleceram o princípio de que 'Será rei aquele cuja moeda seja corrente' ."[69] Aquele que recusa ou deixa de pagar esse tributo está negando que Jesus Cristo é o Senhor da sua vida; está rejeitando o governo de Cristo.

Mas dar a Deus o que lhe é devido significa mais do que entregar os dízimos – e também incluir ofertas adicionais. Erasmo fez esse excelente comentário: "Devemos devolver a Deus aquilo que tem a imagem e o nome de Deus – a alma".[70]

Aqueles que tinham vindo para questionar Jesus partiram maravilhados. O Senhor frustrou completamente aquela tentativa de armar-lhe uma cilada.

f) *A Questão dos Saduceus* (22.23-33). Naquele mesmo dia, **chegaram junto dele os saduceus, que dizem não haver ressurreição** (23). Essa descrição dos saduceus é confirmada não só em Atos 23.8 como também por Josefo. Ele escreve: "Mas a doutrina dos saduceus é essa: De que as almas morrem com os corpos; eles desconsideram a observação de qualquer coisa além daquilo que a lei lhes prescreve. Consideram um exemplo de virtude discutir com aqueles mestres de filosofia com os quais se reúnem; mas essa doutrina é recebida apenas por alguns poucos, embora os de maior dignidade".

Os saduceus começaram sua conversação com Jesus fazendo uma citação de Moisés (Dt 25.5) em relação à assim chamada lei do levirato (do latim *levir*, "cunhado"). Praticada por outras nações do Oriente, essa lei diz simplesmente: Se o marido morrer sem deixar filhos, seu irmão deverá se casar com a viúva e **suscitará descendência a seu irmão** (24). Dessa forma, os filhos que nascerem levarão o nome do irmão falecido.

Então os saduceus propuseram uma situação hipotética e muito improvável. Sete irmãos, sucessivamente, se casaram com a mesma mulher, mas todos morreram sem deixar filhos (25-26). Finalmente, **morreu também a mulher** (27) Agora, perguntaram os saduceus, **na ressurreição, de qual dos sete será a mulher**? (28) Esse é o tipo de pergunta que as mentes pequenas gostam de fazer para importunar as pessoas sensíveis. Provavelmente, esse era um argumento que os saduceus tinham em sua coleção e que usavam muitas vezes na discussão com os fariseus. Na citação anterior de Josefo observamos que essas pessoas apreciavam muito desenvolver debates filosóficos com os seus oponentes.

Jesus chamou-lhes a atenção imediatamente. Ele disse: **Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus** (29). A única maneira pela qual a igreja e os indivíduos podem ser salvos do pecado atualmente é conhecendo a ambos. A verdadeira

ortodoxia só poderá ser preservada através de um cuidadoso e constante estudo da Palavra de Deus, ao lado de uma experiência do poder e da presença do Espírito Santo.

O Mestre prosseguiu dizendo que não existe casamento na vida futura, mas serão **como os anjos no céu** (30);[71] isto é, imortais, e não reprodutivos. Depois Jesus os desafiou com as suas próprias Escrituras. Podemos observar que Josefo disse que os saduceus "desconsideram a observação de qualquer coisa além daquilo que a lei lhes prescreve", isto é, eles só aceitam o Pentateuco (Torá), e rejeitam todo o restante do Antigo Testamento. Eles negavam especificamente a ressurreição porque, de acordo com a sua interpretação, esta doutrina não havia sido ensinada na Torá. Então, Jesus enfrentou-os em seu próprio campo. Ele citou Êxodo 3.6 – as palavras ditas pelo Senhor a Moisés na sarça ardente – e fez a sua aplicação: **Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos** (32). Se, na época de Moisés, Deus era o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e como esses homens já haviam morrido há muito tempo, havia uma clara implicação de que estavam vivendo em um estado de imortalidade, embora tivessem deixado de viver na terra. A relação dessa passagem com a ressurreição foi assim expressa por Bengel: "Deus... não é o Deus daquilo que não é: Ele é o Deus vivo. Portanto, aqueles que possuem a Deus também devem estar vivos. E para muitos desses, cuja vida foi suspensa na terra, deverão reviver eternamente".[72]

O efeito das palavras de Cristo sobre a multidão é descrito de forma vívida (33). As pessoas **ficaram maravilhadas da sua doutrina** (em grego, "ensino"). O verbo significa literalmente "atingir vigorosamente", sendo igual à forma passiva, "foram tomados de admiração".[73] Além disso, esse verbo está no tempo imperfeito. Carr explica a força dessa expressão. Ele diz: "O imperfeito expressa muito bem a emotividade da admiração que tomou conta da multidão, de pessoa em pessoa".[74]

g) *A Pergunta dos Fariseus* (22.34-40). Quando os fariseus ouviram que Jesus havia eficientemente calado – o termo grego diz "emudecido", "silenciado" – seus oponentes, os saduceus, eles sem dúvida ficaram muito contentes. Mas resolveram experimentá-lo novamente (cf. 15).

Um deles, certo **doutor da lei**, isto é, um professor da lei mosaica – fez uma pergunta a Cristo, **para o experimentar** (35). Temos novamente o problema de como traduzir a palavra *peirazon*, "tentar" (ASV), "testar" (RSV, cf. NEB), ou "tentando" (KJV). O significado fundamental do verbo é "tentar, experimentar, colocar em teste".[75] Se o texto sugerir algum motivo mal-intencionado, essa palavra pode ser traduzida como "tentar". Poderíamos entender que esse era o caso nessa passagem, se não fosse pelo relato paralelo de Marcos. Ele diz, a respeito dessa pergunta, que o "escriba" (doutor da lei) "havia respondido bem", retratando um mútuo apreço entre Jesus e o "doutor da lei". Provavelmente, então, "testar" seria a melhor tradução aqui.

O escriba perguntou: **Mestre** (em grego, "Professor") **qual é o grande mandamento da lei?** (36). O que significa, literalmente, "de que tipo". Plummer sugere que esse doutor da lei queria um "cânon de classificação". Ele diz: "Os rabinos dividiam os 613 preceitos da Lei (248 mandamentos e 365 proibições) em "pesados" e "leves", mas essa classificação gerou muitos debates".[76]

Ao responder, Jesus citou Deuteronômio 6.5: **Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento** (37). Marcos e

Lucas acrescentam: "e de todas as tuas forças". Na verdade, a passagem em hebraico do Antigo Testamento diz "coração", "alma" e "força". A Septuaginta diz "coração", "alma" e "poder" (*dynamis*) e alguns manuscritos trazem o termo "pensamento" (*dianoia*). Parece que Jesus fez uma combinação desses quatro significados.

Carr explica os três termos de Mateus da seguinte maneira: "*Kardia* inclui as emoções, a vontade, e o propósito; *psyché*, as faculdades espirituais; e *dianoia,* o intelecto, a faculdade de pensar".[77] Mas é impossível fazer uma distinção precisa e completa dessas palavras. Por exemplo, para *psyché* Arndt e Gingrich sugerem, com o apoio das Escrituras, os seguintes significados (dentre outros): "vida, princípio da vida"; "vida terrena"; "a alma como sede e centro da vida interior do homem em seus muitos e variados aspectos"; "a alma como sede e centro da vida que transcende o terreno".[78] Eles observam: "Muitas vezes é impossível desenhar linhas rápidas e firmes entre os significados dessas palavras, que possuem múltiplos aspectos".[79] O mesmo poderia ser dito para *kardia* (**coração**).

Mas o significado claro é que devemos amar a Deus com todo o nosso ser. A palavra grega para **amor**, *agapao*, significa muito mais do que afeto e emoção (expressa pelo termo *phileo*). Cremer diz, a respeito de *agapao*: "Essa palavra sozinha não exclui o afeto, mas é sempre o afeto moral de uma vontade consciente e deliberada que ela contém, e não o impulso natural de um sentimento imediato".[80]

Depois de identificar Deuteronômio 6.5 como o **primeiro e grande mandamento** (38), Jesus continuou e disse que o segundo é: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (39). Essa é uma citação de Levítico 19.18. Novamente, o verbo é *agapao.* Segundo Abbott-Smith: "*Agapao* é uma palavra que foi usada adequadamente no Novo Testamento em relação ao amor cristão a Deus e aos homens, o afeto espiritual que acompanha a direção da vontade e que é, portanto, diferente do sentimento que é instintivo e irracional, podendo ser ordenado como um dever".[81]

Jesus acrescentou (apenas em Mateus): **Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas** (40) – isto é, todo o Antigo Testamento. Esses são os dois mandamentos-chave, que demonstram o significado de todos os demais.

Como a essência de todo o Antigo Testamento está contida nesses mandamentos, é óbvio que a santidade como padrão para o povo de Deus não é isolada na dispensação do Evangelho. O que é especial na nova aliança é o *meio* com o qual os homens devem atender a esse padrão, e a *medida* (ou o grau de perfeição) com que devem cumpri-lo. O poder para alcançar a plenitude interior tornou-se agora a herança de cada filho de Deus. É um poder que altera de tal maneira o afeto e preenche o ser com o Espírito Santo, que amar a Deus com todo o ser torna-se uma atitude natural e espontânea (Rm 5.5). Quando Deus promete que na nova aliança Ele irá colocar as suas leis no **entendimento e no coração** do seu povo (Hb 8.10; Jr 31.33), Ele está se referindo, acima de tudo, a estes **dois mandamentos**, pois eles incluem todos os outros.

h) *A Pergunta de Jesus* (22.41-46). Os fariseus haviam questionado a Cristo, e Ele havia respondido efetivamente às suas perguntas. Agora, Ele faz uma pergunta que eles não podem responder.

Tirando vantagem do fato de ter um considerável grupo de fariseus à sua frente (41), Jesus perguntou primeiro: **Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?** Eles

responderam, **De Davi** (42). Esse era um conceito popular daquela época,[82] baseado em algumas passagens das Escrituras: Sl 89.20-37; Is 9.2-7; 11.1-9; Jr 23.5-6; 33.14-18; Ez 34.23-24; 37.24.

Jesus perguntou: **Como é, então, que Davi, em espírito, lhe chama Senhor?** (43). **Em espírito** significa "inspirado pelo Espírito" (RSV), isto é, o Espírito Santo. Dessa forma, Jesus afirmou, ao mesmo tempo, que Davi era o autor do Salmo 110 e que sua inspiração era divina. Então, Ele citou o primeiro versículo desse Salmo Messiânico:[83] **Disse o SENHOR ao meu Senhor** (44), quer dizer em hebraico "Jeová [ou *Yahweh*] disse ao meu *Adonai*". No Antigo Testamento geralmente SENHOR é a tradução de *Yahweh* e Senhor a tradução de *Adonai*. Em grego, é usada a palavra *kyrios*.

Os judeus não podiam, ou não queriam, responder a essa questão: **Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é seu filho?** (45) A resposta cristã é que o Senhor de Davi tornou-se o filho de Davi através da Encarnação.

O versículo 46 indica que Jesus havia eficientemente calado todos os seus oponentes. Ninguém mais, depois daquele dia tão significativo, ousaria fazer qualquer tipo de pergunta a Jesus.

6. *Censuras aos Fariseus* (23.1-36)

a) *Posição e Orgulho* (23.1-12). Jesus se dirigiu à **multidão e aos seus discípulos** (1). Os fariseus haviam revelado a maldade de seu coração em seus esforços para armar uma cilada para Jesus. Então, Aquele que "sabia o que havia no homem" (Jo 2.25) retratou os pecados que estavam abrigados no interior desses líderes religiosos.

A posição que os **escribas** e os **fariseus** (2) adotavam era de que eles ocupavam a **cadeira** de Moisés (*kathedra*). Portanto, eles falavam *ex-cathedra* – com autoridade oficial – e assim as suas palavras deveriam ser obedecidas (3). Mas suas **obras** não deveriam ser imitadas, pois diziam uma coisa e faziam outra. Obviamente, as regras que ditavam, sobre como proceder, deveriam ser entendidas com um sentido diferente, pois em outra passagem o Mestre os condena por estarem anulando a Palavra de Deus quando ensinavam a tradição dos anciãos (15.1-6). Morison sugere aqui o seu verdadeiro significado: "Façam todas as coisas que os escribas e os fariseus lhes apresentarem ao traduzir as palavras do Livro de Deus, e qualquer coisa que eles lhe mostrarem em seus ensinos como sendo agradáveis a Deus, e que estejam de acordo com o Livro de Deus".[84]

Jesus denunciou a insensibilidade desses mestres da Lei: **Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem sobre os ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los** (4). Carr entendeu a imagem transmitida por essas palavras: "Trata-se da imagem de um condutor de camelo ou de jumento... que inventa cargas, não apenas pesadas, mas também desajeitadas e difíceis de carregar, e as coloca nos ombros do animal, e que se mantém indiferente e não levanta sequer um dedo para aliviar ou mesmo para ajustar essa carga".[85] Essa atitude está em alarmante contraste com o bondoso convite do Mestre em 11.28-30. A religião legalista sempre representa um fardo demasiado pesado para se carregar. Nela não existem alegrias.

A atitude de orgulho ostensivo era um dos constantes pecados dos fariseus. Jesus os acusou de praticar as suas boas ações **a fim de serem vistos pelos homens**

(5). Naturalmente, nem todos os fariseus eram assim, mas a maioria deles adotava essa conduta. De acordo com essa exibição exterior de piedade, eles usavam grandes **filactérios**. Essa é uma palavra grega que só é encontrada no Novo Testamento. No grego clássico ela significava um "posto avançado" ou uma "fortaleza". Plutarco emprega essa palavra para "amuleto", isto é, um talismã para fins de proteção. Essa palavra vem de um verbo que significa "proteger", mas aqui ela está se referindo a pequenas caixas de couro sobre a testa e o braço esquerdo, usadas durante as orações matinais.

A caixa sobre a testa tinha quatro pequenos compartimentos, e em cada um deles havia um minúsculo pergaminho que trazia uma parte das Escrituras. As quatro passagens eram: Êxodo 13.1-10, 11-16; Deuteronômio 6.4-9; 11.13-21. O filactério usado sobre o braço tinha apenas um compartimento e um único rolo com as Escrituras. A ordem de atar as palavras das Escrituras "por sinal na tua mão" e "por testeiras entre os teus olhos" era obedecida literalmente, quando provavelmente deveria ser entendida de forma figurada.

Jesus também disse que os fariseus alargavam **as franjas das suas vestes**. A Lei prescrevia que os judeus piedosos deveriam colocar franjas em suas vestes com um "cordão azul" (Nm 15.38).

Portanto, os judeus colocavam borlas azuis nas barras de seus mantos. Mas Cristo declarou que os escribas só faziam isso para se exibir publicamente, e não por razões de piedade pessoal.

O orgulho egoísta deles também se manifestava na maneira como procuravam os **primeiros lugares nas ceias** (6). Estes eram literalmente "os primeiros divãs" – aqueles sobre os quais as pessoas se reclinavam em volta da mesa nas refeições (exceto nas casas mais pobres). As **primeiras cadeiras** também formavam um conjunto especial. M'Neile diz: "As cadeiras principais ficavam sobre uma plataforma de frente para a congregação com as costas voltadas para a arca na qual estavam guardados os rolos das Escrituras".[86]

Jesus prosseguiu, dizendo que os escribas adoravam as **saudações nas praças** (Ágora) e serem **chamados... Rabi** (7).[87] Essa era a forma habitual de tratamento com que os sábios eram saudados".[88] Essa palavra significa "meu mestre" (o "*i*" final representa "meu" em hebraico). Dalman diz que "por consenso geral o 'Rabi' era reconhecido como superior a 'Rab', e 'Rabban' era mais importante que 'Rabi' ".[89]

Mas os discípulos não deveriam almejar ser **chamados de Rabi** (8). Essa ordem devia ser entendida "no espírito, não na letra" (Rm 2.29), pois "a letra mata, e o Espírito vivifica" (2 Co 3.6). Jesus não estava ditando regras precisas sobre o uso técnico de títulos como "Doutor" ou "Reverendo". Antes, Ele estava falando contra o espírito de orgulho que faz com que os homens exijam homenagens por parte de outros. A atitude mais adequada é reconhecer que somente um é **Mestre** – outro texto grego diz "professor"[90] – **a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos.** É sempre adequado chamar um companheiro cristão de "irmão" (cf. At 9.17).

Jesus também advertiu contra chamar alguém na terra de nosso **pai**, porque **um só** é o nosso **Pai, o qual está nos céus** (9). Shurer diz: "Os Rabis exigiam de seus alunos a mais absoluta reverência, sobrepondo-se até mesmo à honra que sentiam em relação aos seus pais".[91]

Ele cita um número considerável de sólidas declarações dos rabinos judeus para dar suporte a essa afirmação. Essa era exatamente a atitude que Cristo estava condenando.

Vocês não deverão ser chamados de **mestres**, disse Jesus, porque **um só é o vosso Mestre, que é o Cristo** (10). A palavra para **Mestre** é *kathegetes*, e esse termo só é encontrado nessa passagem, no Novo Testamento. Ele vem de um verbo cujo significado é "ir adiante, guiar", e assim o seu significado básico é "dirigir". Mas ele também pode ser usado para "professor" e, no grego moderno, este é o seu significado. **Um só é o vosso Mestre** é uma expressão que está enfatizando a autoridade singular de Jesus como o Filho de Deus.

Então, Jesus estabeleceu os princípios gerais (já enunciados em 20.26): **Porém o maior dentre vós será vosso servo** (11). A última palavra é *diakonos*, cuja origem é desconhecida. Mas foi usada no grego clássico para pessoas que costumavam servir às mesas, e essa é a idéia transmitida aqui. Esse parágrafo termina com uma advertência de que **o que a si mesmo se exaltar será humilhado**, mas **o que a si mesmo se humilhar** (a mesma palavra grega) **será exaltado** (12).

b) *Os "Ais" Proferidos Contra os Hipócritas* (23.13-36). Nessa seção existem sete[92] "ais" pronunciados contra os escribas e os fariseus por causa de sua hipocrisia. Cada um deles começa com a fórmula: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!** (13, 14, 15, 23, 25, 27, 29), exceto o versículo 16 que diz: **Ai de vós, condutores cegos!** Contando o versículo 13 como 14, M'Neile faz o seguinte resumo: "Três ais (vv. 14-22) se referem aos ensinos dos escribas, três (vv. 23-28) à vida dos fariseus, e o último (vv. 29-32) é dirigido diretamente à nação como um todo".[93]

A expressão **Ai de vós** pode ser traduzida como "Cuidai-vos!". Thayer diz que *ouai* é uma "interjeição de dor e de denúncia".[94] Seria melhor tratar esse termo como a expressão das duas idéias. A compaixão de Cristo fez com que Ele sentisse tristeza pelo egoísmo dos escribas e fariseus. A santidade de Cristo o impelia a denunciar os pecados daqueles homens, e a pronunciar a sentença que mereciam.

Hipócritas é a exata transliteração da palavra grega *hypocrites* (singular). Esse termo é usado no grego clássico para designar um ator que se apresenta em um palco. Naqueles dias, quando não havia meios eletrônicos de amplificação da voz, era difícil para os atores no palco serem ouvidos por uma platéia composta por 25.000 ou mais pessoas acomodadas em um anfiteatro. Portanto, eles usavam máscaras com pequenos megafones escondidos. Dessa forma, literalmente falando, o hipócrita é aquele que usa uma máscara, ou que mostra um rosto falso para o público.

1) *Perversidade* (23.13). Essa é uma terrível acusação que Jesus faz contra os líderes judeus. Ele os acusa de fechar o Reino dos céus aos homens quando o rejeitam, porque Ele é a personificação desse Reino; eles não entram, nem deixam que os outros entrem. Essa é a acusação mais grave de todas, e Lucas a coloca no final da sua relação como um clímax (Lc 11.52). Sobre a ordem observada aqui, M'Neile comenta: "Em Mateus, a sua posição produz um agudo contraste entre o efeito intimidador do ensino dos escribas e seus esforços de proselitismo (v.15), e também entre 'Reino dos Céus' e 'Geena' ".[95] João Batista havia aberto a porta do arrependimento para que as pessoas tivessem acesso ao Reino, porém os escribas tentavam fechá-la. Para comentários sobre o versículo 14, veja a análise de Marcos 12.40 e Lucas 20.47.

2) *Proselitismo* (23.15). O zelo típico dos judeus é retratado de forma vívida por Jesus, ao dizer que eles percorriam o mar e a terra para **fazer um prosélito**. Essa frase é ilustrada pelo que aconteceu em Roma, onde os judeus viviam desde o século II a.C. Pope escreve: "Desde o início, os judeus em Roma demonstraram um espírito tão agressivo de proselitismo, que foram acusados de procurar infectar os romanos com a sua religião, e o governo expulsou da cidade os seus principais propagadores em 139 a.C.".[96] Pope também diz que a última parte desse versículo, **o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós,** é uma referência à obsessão que os fariseus tinham pela pureza ritual, que incutiam com redobrado esforço em seus prosélitos.[97]

3) *Os Juramentos* (23.16-22). A ridícula casuística da maior parte do raciocínio dos rabinos está claramente ilustrada aqui. Esses **condutores cegos** ensinavam que jurar pelo Templo nada significava, mas jurar pelo ouro do Templo resultava em um compromisso obrigatório. Parece não haver nenhuma explicação disponível sobre a razão desse tipo de pensamento religioso ter se desenvolvido entre os fariseus. Jesus respondeu a tal absurdo com uma simples lógica. A única coisa que torna o ouro sagrado é o fato de ele estar ligado ao Templo (17). O mesmo acontece com a oferta sobre o altar (18-19). Cristo advertiu claramente contra os juramentos descuidados (20-22).

4) *Dízimo* (23.23-34). Os fariseus eram muito escrupulosos a respeito do pagamento do dízimo sobre a **hortelã**, o **endro** (ou "anis"), e o **cominho** (23) [ervas pequenas]. Os israelitas eram obrigados por Lei a pagar o dízimo sobre suas colheitas – "de toda a novidade" – e especificamente sobre o **cereal**, o **mosto**, e o **azeite** (Dt 14.22-23). "Os rabinos, ao construírem uma barreira em torno da lei, incluíam vegetais, frutas e nozes nesse mandamento."[98]

Em sua escrupulosa atenção aos mínimos detalhes do pagamento do dízimo, os escribas e os fariseus haviam dezprezado (ou *negligenciado*) **o mais importante da lei**. Isso parece refletir a distinção feita pelos rabinos entre mandamentos "pesados" e "leves".[99] O Talmude judaico faz a seguinte declaração: "A observância dos menores preceitos é recompensada na terra; a observância dos maiores preceitos é recompensada no céu".[100] **O mais importante** da Lei é **juízo** ("justiça"), **misericórdia** e **fé** ("ou fidelidade"). Jesus disse que eles deveriam fazer **essas coisas** sem "negligenciar" (o mesmo verbo utilizado acima) as outras – o pagamento dos vários dízimos.

A frase **coais um mosquito** (24) sugere o quadro mental de um homem se esforçando para apanhar um mosquito que está no ar. Esta interpretação está de acordo com o significado do texto grego. A tradução certa do termo grego é "coar", como Tyndale adotou na primeira versão do Novo Testamento impressa em inglês (1525). Goodspeed, por exemplo, diz: "Trata-se de um erro de impressão [traduzir a palavra grega como *retirar*] que foi aceito na King James Version, o qual, por alguma razão, nunca foi corrigido".[101]

O verdadeiro quadro é o de um rigoroso fariseu **coando** cuidadosamente a água que vai beber através de um coador feito de tecido, para ter certeza de não engolir acidentalmente um mosquito, o menor animal impuro que existe.

Enquanto está envolvido nessa meticulosa tarefa, eis que ele está engolindo um camelo inteiro – um dos maiores animais impuros. Como na referência a um camelo passando pelo fundo de uma agulha (19.24), Jesus estava propositalmente usando uma

figura de retórica para sacudir os seus ouvintes, e levá-los a entender o assunto. Atualmente, os rígidos legalistas muitas vezes oferecem exemplos dessa atitude farisaica a que Jesus estava se referindo.

Com base nesse capítulo, Richard Glover indica os perigos da hipocrisia. 1) A hipocrisia é um capataz exigente, 4; 2) A hipocrisia vive apenas para louvar o homem, 5-7; 3) Os danos da hipocrisia, 13-22; 4) A hipocrisia só se preocupa com os aspectos menores da religião, 23-24.

5) *Purificação* (23.25-26). Jesus disse que os fariseus limpavam o exterior do **copo** e do **prato** ("travessa"),[102] mas que o interior daqueles homens estava cheio de **rapina** – "pilhagem, roubo" – e de **iniqüidade** ("incontinência" ou "auto-indulgência"; 25). Ele mandou que o **fariseu cego** (26) limpasse primeiro o interior do copo e do prato. O significado dessa frase é o seguinte: "O exterior do copo e do prato representa o comportamento e a conduta exterior dos fariseus, e o interior do copo é o seu coração e a sua vida real".[103] Essas duas referências mostram a diferença básica entre o judaísmo daquela época, e o cristianismo.

6) *Sepulcros Caiados* (23.27-28). M'Neile nos dá a seguinte explicação sobre o que Jesus está dizendo: "Caminhar sobre um sepulcro causava contaminação, que deveria ser evitada por todos aqueles que desejassem entrar no Templo (cf. Nm 19.16); daí o costume... de pintar as sepulturas com cal no 15º dia do mês de Adar [março-abril], antes da Páscoa".[104] Jesus estava pleiteando algo melhor do que um cristianismo caiado, de excelente aparência superficial, porém repleto de atitudes pecaminosas.

A principal culpa era a falta de sinceridade interior. A justiça deles era totalmente superficial; portanto, era apenas um engodo. Ela foi posteriormente condenada por causa de sua exagerada piedade em coisas triviais, por ser apenas uma fachada para a negligência em relação aos princípios importantes como o juízo, a misericórdia e a fé. Se desejarmos fugir desta rigorosa condenação, nossa ética deverá ser profundamente sólida e nosso coração genuinamente santo. Devemos ter uma beleza *interior*, sempre e em primeiro lugar aos olhos de Deus, mesmo que não consigamos atingir, às vezes, uma conduta exterior perfeitamente bela. Tal pureza espiritual requer um Salvador santificador, e a constante presença do Espírito Santo habitando em nosso interior.

7) *Adorar o Passado* (23.29-36). Existem três estágios na vida de toda organização religiosa. Primeiramente, a organização se caracteriza por ser um movimento vibrante, vigoroso, ativo e agressivo. Depois, torna-se uma instituição com "mais arreios do que cavalos". Finalmente, sua vitalidade desaparece e ela se torna um museu onde os ossos dos antigos líderes são colocados em exposição. O judaísmo havia alcançado esse terceiro estágio. De forma irônica, porém triste, Jesus declarou aos escribas: **Enchei vós, pois, a medida de vossos pais** (32); isto é, eles estavam concluindo as perseguições que os seus pais haviam iniciado. Estavam admitindo que eram os **filhos** ("descendentes") daqueles que **mataram os profetas** (31). As palavras do versículo 33 soam de forma estranha nos lábios de Cristo. Mas, aqueles a quem Ele se dirigia já estavam tramando matar o imaculado Salvador da humanidade. O Livro de Atos (por exemplo, 7.58; 8.1-3; 9.1-2) relata o cumprimento das profecias do versículo 34.

Abel (35) foi o primeiro homem a ser assassinado. O caso de Zacarias[105] está registrado no livro que faz parte do final do Antigo Testamento da Bíblia hebraica (Crônicas). Portanto, essa expressão corresponde aqui, mais ou menos, à frase atual "de Gênesis a Apocalipse".

O versículo 35 sugere uma participação nacional na culpa das gerações precedentes. Essa geração havia cometido o supremo pecado de rejeitar a Jesus Cristo. De certa forma, a culpa acumulada das gerações precedentes ao perseguir os profetas poderia, portanto, recair sobre ela.

As palavras do versículo 36 se concretizaram com terrível precisão no ano 70 d.C., quando Jerusalém foi invadida pelos romanos e seu Templo foi destruído.

7. *O Lamento por Jerusalém* (23.37-39).

A angústia contida nessas palavras desafia qualquer descrição. Jesus havia se oferecido aos judeus como seu Rei e Messias. Os líderes o rejeitaram e logo iriam condená-lo à morte. **Tu não quiseste** (37) são as palavras escritas como um epitáfio dos séculos. Cristo declarou que os judeus não o veriam mais até à ocasião em que o receberiam com alegria em sua segunda vinda à terra, com a mesma aclamação que os peregrinos da Galiléia o haviam recebido em sua Entrada Triunfal (39; cf. 21.9).

SEÇÃO X

QUINTO DISCURSO: O SERMÃO PROFÉTICO DO MONTE DAS OLIVEIRAS

Mateus 24.1—25.46

A. O FINAL DOS TEMPOS, 24.1-51

O Sermão Profético do Monte das Oliveiras é o único discurso longo registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 13.1-37; Lc 21.5-36). É significativo que ele trate da Segunda Vinda e do final dos tempos. Em lugar deste sermão, o Evangelho de João apresenta o último sermão de Jesus no cenáculo. O assunto do sermão é o Espírito Santo, que torna a presença de Cristo real para nós hoje.

Tem havido muita discussão e desacordo sobre a interpretação deste vigésimo quarto capítulo. Alguns pensam que o capítulo todo se refere à destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Outros pensam que o capítulo todo se refere ao fim dos tempos. É provável que esses dois pontos de vista estejam errados. Parece haver uma considerável sobreposição de material, e algumas predições podem, aparentemente, ser aplicadas a ambos os períodos. Crisóstomo e alguns outros patriarcas da igreja primitiva afirmavam que a partir do versículo 22, tudo está relacionado com a queda de Jerusalém.[1] Isto é mais aceitável do que aplicar o capítulo inteiro à queda de Jerusalém ou ao final dos tempos. Portanto, essa divisão precisa é, provavelmente, bastante coerente.

1. *As Perguntas dos Discípulos* (24.1-3)

Pela última vez, até onde mostram os registros, Jesus saiu **do templo** (1). Ali, Ele tinha sido rejeitado pelos líderes da nação judaica. Agora essa casa seria deixada à decadência e, em breve, seria destruída.

Os discípulos estavam ansiosos para mostrar ao Senhor **a estrutura do templo**. Josefo indica que o santuário tinha 45 metros de comprimento, e 45 metros de altura.[2] Herodes, o Grande, reconstruiu o antigo templo de 516 a.C., tendo iniciado a obra no décimo oitavo ano do seu reinado (20/19 a.C.). Ele queria fazê-lo tão grandioso e glorioso quanto o magnífico edifício de Salomão. A obra ainda estava em andamento durante o ministério de Jesus (Jo 2.20), e acredita-se que o edifício poderia estar inacabado quando foi destruído em 70 d.C.[3]

Para assombro e surpresa dos discípulos, o Mestre informou: **Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada** (2). O cumprimento literal desta predição em 70 d.C. é confirmado por Josefo, que foi uma testemunha ocular do acontecimento. A área do Templo estava ao lado da muralha leste de Jerusalém, e ele diz que tudo, exceto a muralha oeste da cidade "foi tão completamente derrubado ao nível do solo por aqueles que a golpearam até os seus alicerces, que não sobrou nada para que alguém que viesse a essa área pudesse acreditar que ela já tivesse sido habitada".[4]

Enquanto Jesus estava sentado no monte das Oliveiras, que permite visualizar a área do Templo, os discípulos lhe fizeram uma pergunta tríplice: **Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?** (3). Aqui o texto é muito mais específico do que nas passagens correspondentes em Marcos e em Lucas. Mas é difícil separar as respostas para essas perguntas. Definitivamente, elas não parecem ser respondidas em seqüência.

A última palavra da pergunta dos discípulos, **mundo**, significa literalmente "era" (*aion*). **Vinda** é *parousia*, "presença" (literalmente, "estar ao lado"). Ela é traduzida como "presença" em 2 Coríntios 10.10 e em Filipenses 2.12, onde o sentido literal se aplica. Também é usada para falar da "vinda de Estéfanas" (1 Co 16.17), da vinda de Tito (2 Co 7.6-7) e da vinda de Paulo (Fp 1.26). Ao longo de todo o restante do Novo Testamento, ela é usada com referência à segunda vinda de Cristo (dezoito vezes). Quatro das ocorrências estão neste capítulo (3, 27, 37, 39). Ela não é encontrada nos outros três Evangelhos, nem em Atos, nem no Apocalipse. Deissmann escreve a este respeito: "Desde o período de Ptolomeu até o século II d.C., conseguimos rastrear esta palavra, no Oriente, como uma expressão técnica usada para a chegada ou a visita do rei ou do imperador".[5] Arndt e Gingrich afirmam que ela é usada em relação a "Cristo, e quase sempre como uma menção do seu Advento Messiânico em glória para julgar o mundo no final desta era".[6]

2. *Os Sinais do Fim* (24.4-14)

Jesus parece responder, em primeiro lugar, a última pergunta. Nesta seção são dados nada menos que dez sinais do final desta era. O primeiro é o surgimento dos falsos messias (5): muitos virão, dizendo: **Eu sou o Cristo** (isto é, "o Messias").

O segundo sinal é a informação de **guerras e de rumores de guerras** (6). Praticamente todas as gerações têm sofrido este mal. Porém isso vai piorar ainda mais durante o período mais próximo do final dos tempos. Jesus disse: **ainda não é o fim**; isto é, o fim se aproxima, mas ainda não é agora.

O terceiro sinal é **fomes**, o quarto é **pestes** – estes dois caminham, freqüentemente, juntos – e o quinto é **terremotos** (7). **Todas essas coisas**, disse Jesus, **são o princípio das dores** (8). A última palavra quer dizer, literalmente, "pontadas do parto" (cf. 1 Ts

5.3, e pode ser traduzida como "dores de parto", vindo sobre "aquela que está grávida"). Os problemas enumerados aqui serão característicos do período precedente à era messiânica, em sua manifestação final no milênio.

O sexto sinal é a perseguição. Os seguidores de Cristo serão entregues para serem **atormentados** (8) – literalmente "atribulados". O substantivo *thlipsis* vem do verbo *thlibo*, "pressionar". Aristóteles o utilizou em seu sentido literal: "pressão". Na Septuaginta e no Novo Testamento ele é usado metaforicamente para "tribulação". Este termo vem do latim *tribulum*, um mangual (um tipo de chicote) usado para separar os grãos das cascas. O verbo em grego era usado para descrever a extração do suco das uvas. Estas duas idéias transmitem o sentido de "tribulação" ou "aflição"[7]. O termo descreve vividamente a pressão da constante perseguição.

O sétimo sinal, intimamente relacionado, é que muitos serão **escandalizados** (*skandalizo*), **e trair-se-ão uns aos outros**, e **uns aos outros se aborrecerão** (10). O oitavo sinal é o surgimento de **falsos profetas**, que **enganarão a muitos** (11). Não se pode deixar de mencionar a multiplicidade de falsas seitas nos últimos anos. O nono sinal (somente no texto de Mateus) é a falta de amor: **por se multiplicar a iniqüidade** (literalmente "ilegalidade"), **o amor de muitos se esfriará** (12). No Novo Testamento, o último verbo só é encontrado aqui. Esta é uma advertência solene e muito pertinente nestes nossos tempos de ilegalidade.

É interessante observar que o substantivo *agape* (**amor**) no texto de Mateus só aparece aqui, não aparece nenhuma vez em Marcos, e ocorre apenas uma vez em Lucas (11.42), embora o verbo *agapao* seja encontrado muitas vezes nos três Evangelhos. A maior utilização do substantivo *agape* é nas epístolas.

Para os perseguidos, é feita uma promessa: **Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo** (13). Marcos (13.13*b*) tem as mesmas palavras. Lucas 21.19 diz: "Na vossa paciência, possuí a vossa alma". Mas o substantivo "paciência" aqui tem a mesma raiz de **perseverar**. Além disso, "possuir" significa "ganhar" ou "adquirir". Assim, a frase de Lucas tem o mesmo significado da frase de Marcos, ou da de Mateus.

O décimo sinal (somente no texto de Mateus) é a evangelização do mundo (14). Este **evangelho do Reino** – sinônimo de "evangelho de Jesus Cristo" (Mc 1.1) – **será pregado** ("anunciado", "proclamado") **em todo o mundo** (*oikoumene*, "a terra habitada") **em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim**. A palavra *oikoumene* foi usada primeiramente no mundo grego (por exemplo, por Demóstenes), mais tarde no Império Romano, e finalmente no mundo inteiro. Uma vez que, provavelmente, **todas as gentes**, no sentido geral da expressão, ouviram o Evangelho pelo menos em parte – e os meios de comunicação estão acelerando esse processo nos dias atuais – parece que ninguém poderia negar a possibilidade de que este sinal já tenha sido totalmente cumprido. O fim dos tempos pode chegar a qualquer momento.

3. *A Abominação da Desolação* (24.15-22)

Esta expressão significa "a abominação desoladora" (cf. Dn 11.31; 12.11). Arndt e Gingrich a definem como "aquela coisa detestável que causa a desolação do santuário".[8]

Ela é identificada como sendo a **de que falou o profeta Daniel** (15). Encontrada três vezes em Daniel (9.27; 11.31; 12.11), também ocorre em 1 Macabeus 1:54 – onde aparentemente é usada para o altar de Zeus erigido sobre o altar sagrado do Templo

em 168 a.C. Daniel parece se referir ao mesmo episódio. Aqui existe uma referência dupla: ao ano 70 d.C. e ao fim dos tempos.

A frase só aparece outra vez no Novo Testamento na passagem paralela de Marcos (13.14) – "abominação do assolamento". Lucas substitui esta expressão enigmática e apocalíptica por uma afirmação simples para os seus leitores gentios (21.20) – "quando virdes Jerusalém cercada de exércitos". A **abominação** poderia então se referir às águias romanas nas bandeiras dos soldados que cercavam Jerusalém. Em Daniel 9.27 lê-se: "Sobre a asa das abominações virá o assolador". O massacre dos judeus pelos zelotes durante o cerco pode ser outra aplicação, uma vez que eles profanaram o templo. Como os três Evangelhos prosseguem aconselhando a fuga para os montes, parece que todos eles se referem ao mesmo acontecimento. Mas isso não exclui, também, uma aplicação ao estabelecimento de uma imagem do Anticristo em Jerusalém no final desta era (Ap 13.14).

Eusébio nos conta como foi obedecida a ordem para que os que estavam na **Judéia** fugissem **para os montes** (16). Ele escreve: "No entanto, todo o corpo da igreja em Jerusalém tinha recebido uma ordem por uma revelação divina, dada antes da guerra aos homens de comprovada piedade, e saíram da cidade e viveram em uma cidade além do Jordão, chamada Pella".[9] A. B. Bruce pensa que esta fuga deve ter ocorrido antes do início do cerco.[10] Mas pode ser que essas condições tenham sido temporariamente relaxadas quando Vespasiano foi chamado a Roma como imperador em 69 d.C., sendo sucedido por seu filho Tito no comando do exército romano que cercava Jerusalém.

A fuga deveria ser tão urgente que um homem que estivesse **sobre o telhado** não deveria descer até a casa para tirar nada, mas sim fugir pela escada exterior (17). E quem estivesse no campo não deveria voltar atrás a buscar as suas vestes (18). A fuga repentina seria particularmente difícil para as grávidas e para aquelas que estivessem amamentando (19). No **inverno** faria muito frio à noite e o rio Jordão – que eles deveriam cruzar – estaria cheio pelas chuvas de inverno (20). Para os seus leitores judeus, Mateus acrescenta o que seria insignificante no texto de Marcos: **nem no sábado**. Os judeus mais rigorosos não viajariam mais do que um quilômetro e meio no sábado; conseqüentemente, poderiam ser capturados pelo inimigo.

Jesus predisse que nessa ocasião haveria **grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais** (21). Marcos usa quase as mesmas palavras. **Aflição** é *thlipsis* (veja o comentário sobre o versículo 9). Swete sugere: "O termo *Thlipsis* é usado aqui quase no seu sentido literal para a opressão diária do cerco".[11] Sempre se objetou que as palavras desse versículo são fortes demais, e por isso não poderiam ser aplicadas ao ano 70 d.C. Mas Josefo escreve: "Penso que os infortúnios de todos os homens, desde o princípio do mundo, se comparados ao infortúnio dos judeus, não são tão importantes".[12] Carr assim resume a situação:

> Não há palavras que possam descrever os incomparáveis horrores desse cerco. Era a época da Páscoa, e os judeus de todas as partes estavam comprimidos dentro das muralhas. Três facções, inimigas entre si, estavam cravadas em Sião e no monte do Templo... o pátio do Templo estava inundado com o sangue da discórdia civil, que literalmente se misturava com o sangue dos sacrifícios.[13]

Josefo afirma que mais de um milhão de judeus morreram nessa catástrofe, e que aproximadamente cem mil foram vendidos como escravos.[14] Parece que a melhor maneira de interpretar o versículo 21 é permitir a aplicação dupla – à queda de Jerusalém em 70 d.C., e também à "grande tribulação" do final desta era.

Abreviar **aqueles dias** (22) se refere ao cerco final de Jerusalém, que surpreendentemente durou menos de cinco meses (de abril a setembro de 70 d.C.). Isto aconteceu **por causa dos escolhidos** – para que os judeus cristãos da Judéia não fossem, em sua totalidade, eliminados em uma guerra que visava o extermínio dos judeus. A frase **por causa dos escolhidos** também poderia significar "por causa das orações dos cristãos em Pella, orações pelos judeus que eles tinham deixado para trás".

Morison expressa meia dúzia de fatores que levaram à redução do período de cerco. A atenção de Vespasiano se voltava cada vez mais para Roma, onde ele estava prestes a se tornar imperador. As revoltas na fronteira norte do império exigiam atenção. Tito, que foi deixado no comando quando Vespasiano foi para Roma, era naturalmente generoso. Ele gostava muito de Josefo, assim como da irmã de Agripa, Berenice (cf. At 25.23). Tito estava ansioso para ir a Roma, para participar da cerimônia de investidura de seu pai. Adicionalmente, o julgamento divino caía sobre os judeus desobedientes, sob a forma de facções assassinas na cidade. Isto levou o cerco a um final mais rápido.

4. *A Vinda do Filho do Homem* (24.23-28)

Mais uma vez é feita a previsão de que surgirão **falsos cristos** (messias) e **falsos profetas** (24) que farão **tão grandes sinais e prodígios** (cf. Dt 13.1-3), **que, se possível fora, enganariam até os escolhidos**. Carr sugere que a última parte deste versículo deveria ser traduzida como: "com o objetivo de enganar, se possível *(ei dynaton)*, ou seja, através de todos os meios possíveis, até mesmo os escolhidos".[15] Mas Cristo advertiu os seus discípulos (25) de que eles não deveriam seguir nenhum falso líder que estivesse no **deserto** nem escondido **no interior da casa** (26). A obra de Deus é honesta e pode ser realizada onde todos possam vê-la.

A vinda *(parousia)* do Filho do Homem ocorrerá repentinamente, sem prévio aviso, como o relâmpago (27). Mas a linguagem aqui também implica que ela será visível, como o relâmpago, de um lado a outro no horizonte. A imagem implica claramente que haverá conhecimento, em todas as partes do mundo, da segunda vinda de Cristo.

Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias (28) é uma afirmação que tem sido enigmática para os intérpretes desde os primeiros dias da igreja. Devido à complexidade da situação, podemos apenas resumir alguns pontos de vista, sem fornecer as referências. Crisóstomo afirma que as águias eram os "anjos, mártires e santos". Jerônimo concorda, mas explica que o termo **cadáver** está relacionado com a morte de Cristo. Calvino fala de crentes que caminham juntos, amontoando-se como um rebanho "junto ao Autor da vida, que é o único que pode verdadeiramente alimentá-los". Erasmo, Zwinglio e Beza sustentam, em grande parte, o mesmo ponto de vista. Trapp representa os puritanos quando parece endossar a seguinte visão, um tanto incipiente: "O corpo sacrifical de Cristo tinha um suave aroma que convidava os santos (como aves predadoras) a voar a grandes distâncias com uma maravilhosa rapidez. Eles se dirigiam ao seu corpo que, embora morto, era a fonte da vida".[16]

Por outro lado, Adam Clarke acompanhou Whitby ao interpretar o **cadáver** como uma referência aos judeus, e as **águias** como uma referência aos exércitos romanos, que tinham a águia como insígnia. John Wesley diz que a nação judaica "já se encontrava perante Deus como uma carcaça, um corpo morto que as águias romanas iriam devorar".[17]

É difícil encaixar este versículo no seu contexto imediato. Mas a ênfase geral do capítulo está no julgamento divino, e parece ser melhor interpretar esta passagem em particular – talvez um provérbio de uso comum[18] – em termos de um contexto mais amplo. Lange diz: "A imagem fornece uma expressão forte e profunda da necessidade, da inevitabilidade e da universalidade do julgamento".[19] A seguir, ele apresenta a seguinte interpretação, bem abrangente e convincente, com base em uma exegese saudável e confiável:

> Na destruição de Jerusalém, o julgamento irá começar com a aparição das grandes águias que se alimentam de cadáveres (está incluída uma clara alusão às águias romanas). A partir daí terá início o novo período... por fim, o juízo se estenderá a todo o mundo moralmente corrupto e espiritualmente morto.[20]

5. *O Sinal do Filho do Homem* (24.29-31)

Somente Mateus apresenta a pergunta dos discípulos: "Que sinal haverá da tua vinda?" (3), e por isso ele é o único que fornece uma resposta direta aqui. O versículo 29 é uma reminiscência de Joel 2.31; 3.15. A linguagem é definitivamente apocalíptica e muito vívida. Mas nesta era de poder atômico poderia ocorrer um cumprimento natural e físico maior do que qualquer visão já tida.

O que quer dizer **o sinal do Filho do Homem** (30)? Não se pode dar nenhuma resposta categórica. Isso pode querer dizer algum sinal visível antes da segunda vinda. Ou poderia se referir ao "Próprio Filho do Homem, como o sinal – o sinal de que a consumação dos tempos chegou; nesse caso pode haver uma referência direta a Daniel 7.13: '... vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem' ".[21] A referência ao fato de que **as tribos da terra se lamentarão** se baseia em Zacarias 12.12. A última parte do versículo reflete Daniel 7.13. A combinação dessas duas Escrituras é novamente encontrada em Apocalipse 1.7. O som de uma trombeta lembra Isaías 27.13. O Filho do Homem reunirá o seu povo escolhido **desde os quatro ventos** (de todas as direções) e **de uma à outra extremidade dos céus** (31) – "de horizonte a horizonte".

6. *A Parábola da Figueira* (24.32-35)

Esta parábola se encontra nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 13.28-31; Lc 21.29-33). Normalmente se considera que a figueira representa Israel. O seu avivamento anuncia o verão. Lucas acrescenta "todas as árvores", o que pode refletir o seu interesse tanto pelos gentios quanto pelos judeus. Mas esses aspectos alegóricos e especiais não devem ser enfatizados. ... **ele está próximo, às portas** (33) deve ser entendido como "O Senhor está próximo".

A afirmação solene do versículo 34 – **Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam** – é outra passagem difícil. O que significa **todas essas coisas**? Será que é uma referência à destruição de Jerusalém em 70 d.C., ou uma frase que inclui a Segunda Vinda? Supondo que a segunda opção seja a correta, qual é o significado desse versículo?

Geração é *genea*. Esta palavra inicialmente significava "família, descendência, raça". Algumas vezes se refere a "nação". O sentido primário nos Evangelhos é comentado por Arndt e Gingrich da seguinte maneira: "Basicamente, a soma de todos aqueles que nasceram na mesma época, expandida para incluir aqueles que estavam vivos na mesma época. Geração, contemporâneos".[22]

Se tomarmos a palavra com esse sentido exclusivo, a referência só pode ser aos eventos de 70 d.C., na Judéia. Os primeiros patriarcas da igreja preferiram ampliar o conceito. Crisóstomo e Orígenes disseram que ela representa aquela geração de fiéis. Jerônimo sugeriu que o significado era o da raça judaica ou da raça dos homens. Mas a maioria dos comentaristas modernos defende que a palavra deveria ser interpretada no seu sentido natural e mais limitado. A única maneira de relacioná-la com a Segunda Vinda é dizer que a geração que testemunhar o começo do cumprimento definitivo dos sinais, verá o final dos tempos. Embora um pouco nebulosa, esta interpretação não deve ser descartada de forma negligente.

O céu (35) não significa a residência de Deus, mas sim o céu azul sobre a terra. A combinação **o céu e a terra** provavelmente represente toda a criação material. Tudo o que é material **passará,** mas a Palavra de Deus jamais passará. O texto grego apresenta uma negação dupla (*ou me*) que dá mais força – "de maneira alguma" ou "*nunca*".

7. *A Segunda Vinda Como um Evento Repentino* (24.36-51)

a) "*Daquele Dia e hora ninguém sabe*" (24.36-44). Jesus afirmou que ninguém sabe a hora da sua vinda, **nem os anjos dos céus**, "nem o Filho",[23] **mas unicamente meu Pai** (36). Aqueles que fixam datas para a Segunda Vinda estão definitivamente ignorando as Escrituras.

A época que precederá a vinda de Cristo se assemelhará aos **dias de Noé** (37). As pessoas estavam levando vidas normais e seculares, ignorando a Deus (38). Mas de repente **o dilúvio** (em grego, *kataklysmos*, "cataclisma") os levou a todos (39). Assim, disse Jesus, **será também a vinda do Filho do Homem** (uma frase encontrada pela terceira e última vez neste capítulo).

A raça humana se divide, basicamente, em dois grupos – aqueles que vigiam, esperando a vinda de Cristo, e aqueles que não vigiam. O princípio da separação está graficamente exemplificado aqui. **Estando dois no campo**, será levado **um** e deixado **o outro** (40). A mesma coisa acontecerá com as duas mulheres **moendo no moinho** (41) – um pequeno moinho manual operado por duas mulheres, como ainda se pode ver na Palestina. Então Jesus faz a seguinte alusão: **Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor** (42). Este é o ponto principal do Sermão do Monte (cf. 25.13). **Vigiai** significa, literalmente: "Estejam completamente alertas!" Pois ninguém sabe quando Cristo virá.

O versículo 43 contém uma breve parábola. Se o **pai de família** (*oikodespotes*, veja 20:1, 11) soubesse quando o ladrão viria, vigiaria e estaria à sua espera. Como não sabemos quando Jesus poderá vir, devemos estar sempre preparados (44). Estar preparado a qualquer momento para a volta de Cristo é a primeira responsabilidade de cada cristão.

b) *O Servo Fiel e o Servo Infiel* (24.45-51). A advertência final deste capítulo é feita sob a forma de uma breve parábola sobre um **servo fiel e prudente** (45; um escravo), e

um **mau servo** (48). O primeiro se mantém ocupado, cumprindo fielmente as suas tarefas. Assim, ele está preparado para quando o seu Senhor chegar.

Mas se o escravo pensar que o seu senhor se atrasará, e começar a se divertir e a maltratar os seus companheiros, o seu mestre chegará em uma hora em que ele não sabe. O resultado será uma severa punição – ele **separa-lo-á** (51; literalmente, "dividido em duas partes") e colocará junto com os hipócritas, onde haverá **pranto e ranger de dentes** (cf. 8.12; 13.42,50; 22.13; 25.30; Lc 13.28). O castigo eterno é o destino dos infiéis.

Maclaren intitula esta seção (42-51) como: "Vigiando à espera do Rei". Ele observa: 1) A ordem de vigiar, reforçada pela nossa ignorância da ocasião da Sua vinda, 42-44; 2) A imagem e a recompensa de vigiar, 45-47; 3) A imagem e a condenação do servo que não vigiou, 48-51.

B. Três Parábolas Sobre a Prontidão, 25.1-46

O capítulo 25 é normalmente considerado como uma parte do Sermão do Monte das Oliveiras (cf. 25.13 com 24.42). Somente no texto de Mateus se encontra este material. O capítulo consiste muito claramente de três partes. As duas primeiras são parábolas sobre o Reino. A terceira parte descreve um julgamento, que envolve a linguagem parabólica de ovelhas e bodes.

1. *A Parábola das Dez Virgens* (25.1-13)

Nenhuma história mais impressionante poderia ser contada para exemplificar a necessidade de estarmos permanentemente preparados para a vinda de Cristo. Jesus usou uma figura familiar, e que é muito íntima dos corações humanos – a de um casamento.

Ele descreveu **dez virgens** (1) que tomaram as suas **lâmpadas** (em grego, *lampas*) e saíram ao encontro do esposo. Cinco delas eram **prudentes** (2) – isto é, "sábias" ou "cuidadosas com os seus interesses"[24] – mas as outras cinco eram **loucas** (em grego, *morai*).[25] As prudentes **levaram azeite em suas vasilhas** (4), mas as loucas não levaram azeite consigo (3).

Enquanto o esposo tardava – literalmente "enquanto o tempo passava" – todas as virgens **tosquenejaram** e **adormeceram** (5). O primeiro verbo é *aoristo* e significa "inclinar a cabeça para frente". Assim, ele sugere "começar a inclinar a cabeça e cochilar". O segundo verbo está na forma imperfeita (contínua) e indica que elas continuavam dormindo.

A imagem aqui é a de um típico casamento judaico na Palestina. O noivo, acompanhado pelos seus amigos, vai até à casa da noiva, e a leva em uma procissão alegre até à sua própria casa. Na tarde do Natal de 1949 o autor encontrou uma grande procissão nupcial na estrada entre Jerusalém e Amã. Os homens estavam a cavalo, alguns caminhando, e a noiva e as suas damas iam sobre camelos, com grandes cobertas sobre as suas cabeças para impedir que fossem vistas.

Trench opina que as virgens "se uniram à procissão em algum ponto conveniente, e entraram, juntamente com o resto do cortejo nupcial, no salão do banquete".[26] Por outro

lado, Edersheim diz que a parábola implica que o noivo tinha vindo de muito longe, e estava a caminho da casa da noiva. "Conseqüentemente, a procissão nupcial vai ao encontro do noivo em Sua chegada, para acompanhá-lo até o lugar das bodas."[27] Morison simplesmente comenta que *ir ao encontro do esposo* significa: "Recebê-lo por ocasião de sua vinda para a sua noiva".[28]

Havia **dez virgens**, uma vez que esse era o número exigido para a cerimônia. Nenhuma noiva é mencionada, pois no ensino espiritual da parábola, as virgens assumem o lugar da noiva.

À meia-noite ouviu-se um clamor: **Aí vem o esposo!** (6).[29] Todas as virgens se levantaram rapidamente e **prepararam as suas lâmpadas** (7). O verbo grego é *kosmeo*, do qual deriva "cosmética", e significa "arrumar, arranjar, preparar" ou "enfeitar, adornar".[30] Elas provavelmente cortaram a parte queimada dos pavios. Não havia nada para limpar.

Em desespero, as **loucas** voltaram-se às prudentes, pedindo azeite: **porque as nossas lâmpadas se apagam** (8). Mas o texto grego diz claramente "as nossas lâmpadas estão se apagando" – literalmente "estão se extinguindo". Esta é uma verdade muito mais forte, e um aviso muito mais abrangente. Existem muitos cristãos que ainda não perderam toda a sua vida espiritual, mas cujas lâmpadas estão ficando mais fracas. Eles precisam perceber que estão correndo o risco de ficar nas "trevas exteriores", assim como as virgens loucas.

As virgens prudentes rejeitaram o pedido (9). À primeira vista isto parece egoísmo. Mas sob o ponto de vista da verdade espiritual que está sendo ensinada aqui, esta atitude era inevitável. Trench interpreta corretamente a intenção deste versículo: "Ele nos diz que todos os homens devem viver pela sua própria fé".[31] A graça de Deus não é transferível de um ser humano para outro. Cada um deve guardar o seu próprio estoque.

Mas enquanto as virgens loucas foram comprar mais azeite, o esposo chegou. Aquelas que estavam **preparadas,** ou *apercebidas* (a mesma palavra usada em 24.44), entraram com ele **para as bodas** – o "banquete de casamento" que normalmente durava de uma a três semanas – e **fechou-se a porta** (10). Isto sugere a advertência solene de que algum dia terminará o período das provações para cada indivíduo. Então a porta do seu destino eterno se *fechará* para sempre. Não haverá uma segunda oportunidade na próxima vida.

Por fim, chegaram as virgens loucas, mas encontraram a porta fechada. Dentro havia luzes, alegria e felicidade; fora, tudo era triste escuridão. As virgens gritaram desesperadas: **Senhor, senhor, abre-nos a porta!** (11). Mas era tarde demais. O esposo não reconheceu as suas vozes (12) e àquela hora da noite ele não ousaria abrir a porta para estranhos que poderiam ser "desmancha-prazeres".

Qual é o ensino desta parábola? Ele está resumido no versículo 13: **Vigiai, pois, porque não sabeis o Dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir**. A parábola nos ensina que devemos estar preparados a qualquer momento para a iminente volta do nosso Senhor, prontos para encontrá-lo quando Ele chegar. Para fazer isso, devemos manter a nossa experiência cristã atualizada. Como o azeite é um exemplo reconhecido do Espírito Santo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a sugestão é que devemos estar cheios do Espírito se quisermos estar preparados adequadamente. Todo homem precisa de toda a graça de Deus que lhe estiver disponível, se quiser fazer toda a vontade de Deus e estar preparado para a volta de nosso Senhor Jesus Cristo.

2. *A Parábola dos Talentos* (25.14-30)

Esta parábola é semelhante à parábola das minas (Lc 19.11-28). Em ambas, algum dinheiro é confiado aos servos. Foi narrado o que aconteceu a três deles: os dois primeiros são elogiados e o terceiro é condenado. Mas as diferenças superam as semelhanças, de modo que as duas devem ser consideradas como parábolas diferentes, proferidas em diferentes ocasiões. No texto de Mateus, o Senhor dá a um servo cinco talentos, a outro dois e ao terceiro um, ao passo que no texto de Lucas ele dá uma mina a cada um dos dez servos. As quantias são diferentes, e assim também as recompensas. Ainda assim as duas parábolas transmitem o mesmo ensino, que é o da importância de ser fiel no serviço.

Jesus aqui se retrata como sendo um **homem que, partindo para fora da terra** (14) – prevendo a sua ascensão aos céus. Este homem confiou o seu dinheiro a três servos, dando a um deles cinco talentos, dois talentos a outro e um talento a outro – **a cada um segundo a sua capacidade** (15). O talento valia aproximadamente mil dólares. O fato dessa palavra ser atualmente utilizada como uma referência à habilidade pessoal de alguém, dá um sentido adicional à parábola.[32] Todos os nossos talentos, dados por Deus, devem ser usados para a sua glória e para o bem da humanidade.

O homem que tinha recebido cinco talentos os dobrou (16), assim como aquele que tinha recebido dois (17). Mas o que tinha recebido um talento cavou um buraco na terra e **escondeu o dinheiro do seu senhor** (18). Isto é freqüentemente verdadeiro nos círculos da igreja, nas ocasiões em que uma pessoa pensa que tem somente um talento e o enterra, ao invés de usá-lo na obra do Reino.

Quando o senhor (amo) voltou, ele **ajustou contas com eles** (19). O texto grego diz, literalmente, "Ele se reuniu com eles para fazer as contas", isto é, ele "acertou as contas" com eles. A mesma expressão é usada em 18.23, onde é traduzida como "fazer contas". Provavelmente o passado contábil de Mateus, como coletor de impostos, se reflete em seu uso desta expressão de negócios (*synairo logon*), que só é encontrada neste Evangelho.

Os dois primeiros homens contaram que tinham dobrado os talentos que lhes haviam sido dados (20, 22). Em resposta, o senhor disse exatamente as mesmas palavras de elogio aos dois servos. A recompensa que ele tinha prometido se baseava em fidelidade, não em habilidade. É extremamente significativo que os dois servos tenham sido elogiados por serem **bons e fiéis** (21, 23), e não por serem capazes e inteligentes. Aqui estão duas virtudes honestas e sólidas que todos nós podemos ter – tanto os pobres quanto os ricos, tanto os que não receberam instrução quanto os intelectuais brilhantes. Estas são as duas únicas coisas que Deus requer de qualquer pessoa – que ela seja **boa** de caráter e **fiel** no serviço.

O homem que tinha recebido um talento veio com a sua reclamação chorosa e a sua desculpa tola (24-25). Se ele sabia que o seu senhor era tão exigente, esta era uma razão ainda maior para que tivesse negociado o seu talento e ganhado alguma coisa. **Ajuntas onde não espalhaste** (24) significa "ajuntar de um lugar onde não se fez a debulha",[33] ou seja, ajuntar no seu celeiro o que veio da debulha de outro homem. A expressão do servo implicava em "obter lucro de onde não se investiu dinheiro".

O idioma francês tem um bom provérbio para os atos deste homem: "*Qui s'excuse s'accuse*" ("Aquele que se desculpa, se acusa"). O senhor condenou o servo egoísta, que

não tinha feito nada, dizendo que ele era **mau** e **negligente** (26). A última palavra significa "ineficiente, preguiçoso, indolente".[34]

O homem deveria ter entregado o dinheiro de seu senhor aos banqueiros (27; uma expressão que só é utilizada no NT). Então o seu "dono" – o termo **servo** nesta parábola significa "escravo" – teria recebido o seu dinheiro de volta acrescido de juros. O termo grego significa, literalmente, "nascimento" ou "descendência", mas é utilizado metaforicamente como "juros" (somente aqui e em Lucas 19.23).

O Senhor então ordenou que o talento deste homem fosse dado àquele que tinha dez talentos (28). Como é freqüente que os homens com dez talentos façam, na igreja, o trabalho que um homem de um talento deveria ter feito!

Um princípio universal da vida está expresso no versículo 29. O homem que utiliza os seus muitos talentos sempre ganha mais. Aquele que não os utiliza, os perde. E a tragédia final para **o servo inútil** são **as trevas exteriores** onde há **pranto e ranger de dentes** (30).

Enquanto a parábola das dez virgens enfatiza a importância de mantermos a nossa vida espiritual atualizada, revigorada e plena, a parábola dos talentos mostra a necessidade de sermos fiéis e vigorosos no serviço do Reino. Tudo isto é necessário para que estejamos preparados para o retorno do nosso Senhor.

Sob o título "A condenação do talento enterrado", podemos observar: 1) Deus dá aos homens diferentes talentos, 14-15; 2) A recompensa do trabalho bem feito é mais trabalho para fazer, 20-23; 3) O homem que é punido é o homem que não tenta, 24-28; 4) A qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado (William Barclay).

3. *As Ovelhas e os Bodes* (25.31-46)

O versículo 31 descreve a Segunda Vinda de Cristo na sua glória, onde Ele **se assentará no trono da sua glória**. Então Ele agirá como o Juiz. Perante Ele se reunião **todas as nações** (substantivo neutro) e Ele apartará **uns dos outros** (masculino, referindo-se aos povos) como o pastor **aparta dos bodes as ovelhas** (32). Não são as nações que são salvas ou que se perdem, mas sim os indivíduos. A linguagem dos versículos 32 e 33 recorda Ezequiel 34.17.

Carr chama a atenção para a estrutura formal dos versículos 34-46. Ele escreve: "Estes versículos estão construídos de acordo com as regras da poesia hebraica: eles se encaixam em duas divisões, a *primeira* se estende entre os versículos 34-40, e a segunda entre os versículos 41-46".[35] Deve-se observar que o versículo 34 é paralelo ao 41, e que o 35 e o 36 são paralelos ao 42 e 43; o mesmo ocorre com 37-39 e 44; e com 40 e 45. Também nos versículos 35 e 36 existe um efeito de clímax nas obrigações reconhecidas: "As três últimas são atos voluntários de amor desinteressado".[36]

Já houve considerável discussão quanto ao que significa **meus... irmãos** (40). Alguns afirmam que esta expressão se refere aos judeus e que são as nações gentias que estão sendo julgadas com base no seu tratamento do povo escolhido de Deus. Parece melhor afirmar que, na Encarnação e no seu amor misericordioso por todos os homens, Cristo se refere à humanidade sofredora como **meus... irmãos**. Ao enfatizar o separatismo, as igrejas evangélicas freqüentemente deixaram de reconhecer as implicações e as aplicações sociais do Evangelho de Jesus Cristo. As obras de misericórdia não são a

única coisa em que se baseiam as recompensas e as punições eternas. Mas pode um homem ler essas palavras de Jesus e acreditar que um cristão deva se manter despreocupado e inativo enquanto os seus semelhantes estão passando necessidades?

O último versículo deste capítulo tem uma forte implicação teológica. Devemos observar particularmente que **eterno** (46) e perpétuo são traduções da mesma palavra grega – *aionion*, "que pertence às eras". **O tormento** é tão **eterno** quanto é a **vida**. Aquele que acredita na felicidade eterna também precisa acreditar na tristeza eterna. Este parece ser o claro ensino desta passagem.

Tasker fez uma boa análise ao conectar os três itens deste capítulo. Ele observa que é o pecado da omissão, e não o pecado da comissão, que traz a condenação e o castigo eterno. Este é o principal ensino que este capítulo nos transmite. "A porta se fecha para as virgens loucas devido à sua negligência; o servo sem iniciativa é expulso, por não servir para nada, porque não faz nada; e aqueles que *estiverem à sua esquerda* serão severamente punidos por deixarem de perceber as muitas oportunidades que lhes foram proporcionadas para demonstrarem bondade."[37]

Seção XI

A PAIXÃO

Mateus 26.1—27.66

A. A Preparação Para a Morte, 26.1—27.31

1. *Preliminares* (26.1-5)

a) *A Perspectiva* (26.1-2). Pela última vez encontramos a fórmula: **E aconteceu que, quando Jesus concluiu todos esses discursos** (1), que aparece no final de cada um dos cinco grandes discursos de Jesus no texto de Mateus (cf. 7.28; 11.1; 13.53; 19.1). **E aconteceu** é *kai egeneto*, uma expressão da Septuaginta, encontrada normalmente no texto de Lucas, mas que só é usada por Mateus com esta fórmula.

Jesus predisse a sua paixão três vezes (16.21; 17.22-23; 20.17-19). Agora Ele lhes revela que faltavam apenas **dois dias** para que Ele fosse traído (2). Como Jesus comemorou a **Páscoa** com os seus discípulos na noite de quinta-feira, esse dia seria a terça-feira. Parece que o Mestre pode ter passado a quarta-feira separado do povo, instruindo os seus discípulos em particular. **Será entregue** deveria ser "está sendo traído" (o presente profético).[1]

b) *A Conspiração* (26.3-5). **Os príncipes dos sacerdotes, e os escribas,**[2] **e os anciãos do povo** (3) formavam o grande Sinédrio em Jerusalém, que era o corpo judicial supremo da nação judaica. Este grupo se reunia na **sala** (em grego, "corte") do sumo sacerdote, **Caifás**, que esteve neste cargo de 18 a 36 d.C.

Consultaram-se ("trocaram idéias") sobre como poderiam prender **Jesus com dolo** – a palavra originariamente queria dizer uma "isca" ou "armadilha" e, portanto, "artifício"

ou "engano" – **e o matarem** (4). Eles queriam evitar fazer isso **durante a festa**, para que não houvesse **alvoroço** ("tumulto", "reação das multidões") **entre o povo** (5). O fanatismo religioso sempre se exaltava durante a época da Páscoa, que comemorava a libertação dos israelitas da escravidão no Egito. Era uma época em que só era necessária uma faísca para acender o fogo da revolução contra o governo romano. Os líderes judeus sabiam muito bem disso. Eles teriam preferido esperar até que os peregrinos (mais de um milhão de pessoas) tivessem deixado Jerusalém. Mas quando Judas se ofereceu para trair o seu Mestre, eles evidentemente decidiram ir em frente logo.

2. *A Unção em Betânia* (26.6-13)

João 12.2-8 coloca esta unção – que não deve ser confundida com aquela do texto de Lucas 7.36-50 (veja os comentários ali) – "seis dias antes da Páscoa" (Jo 12.1). Isso seria na noite de sexta-feira ou do sábado anterior à semana da Paixão. Porém Marcos (14.3-9) e Mateus a registram aqui, exatamente antes da traição. Parece ser melhor seguir a cronologia de João, onde a relação do tempo é mais precisa. Andrews sugere a solução mais satisfatória para o problema: "Uma verificação minuciosa dos textos de Mateus e de Marcos mostra que o relato deles da ceia é feito como um parêntesis".[3] A razão para isso é que eles aparentemente queriam mostrar que foi a unção que precipitou o ato de Judas, de ir ter com os príncipes dos sacerdotes (14). Plummer concorda com isso, e escreve: "Evidentemente, devemos supor que a proposta foi uma conseqüência... daquele acontecimento".[4]

A unção aconteceu em **Betânia** (a três quilômetros de Jerusalém. Veja o mapa), **em casa de Simão, o leproso** (6). Simão era um nome muito comum e este homem pode ter sido curado por Jesus da lepra que o acometia.

Então veio uma **mulher** – João a identifica como Maria (a irmã de Marta) – com um **vaso de alabastro** (7). A versão em grego diz simplesmente *alabastron*. Arndt e Gingrich definem esta palavra da seguinte forma: "*Alabastro*, ou seja, um *frasco de alabastro* para a unção, um recipiente com um gargalo comprido que era quebrado quando o seu conteúdo era usado".[5] O ungüento era **de grande valor** (literalmente, "de enorme valor"). Este ungüento poderia ter representado as economias de toda a sua vida. Ela **derramou-lho sobre** a cabeça de Jesus. Ela não se concentrou em aplicá-lo gota a gota, como normalmente se usaria um perfume caro. Ao invés disso, ela quebrou o gargalo estreito do vaso (Mc 14.3) e com amor e devoção derramou o seu conteúdo sobre a **cabeça** do Mestre. João 12.3 diz que foi sobre os seus pés. Era costume ungir a cabeça e os pés (cf. Lc 7.38, 46); assim, Maria naturalmente fez as duas coisas. A expressão **quando ele estava assentado à mesa** pode ser traduzida como: "quando Ele se recostava sobre a mesa".

Os discípulos **indignaram-se** (8), a mesma palavra de 20.24 e 21.15 (veja os comentários sobre estas passagens) – por causa desse desperdício. João 12.4 nos diz que foi Judas Iscariotes quem fez a crítica. Ele parece ter ficado furioso ao ver todo este "desperdício". Mateus afirma que todos os discípulos (Marcos diz "alguns") pensavam no aspecto material. Eles não captaram a fragrância da devoção de Maria, simbolizada pelo perfume.

Mas Jesus defendeu o ato dela. Ele disse (10): Ela "praticou uma boa ação para comigo".[6] Eles sempre teriam os **pobres** – a história comprova isso – mas Jesus em breve iria embora (11). Então o Mestre explicou o significado do ato da mulher: ...**fê-lo preparando-me para o meu sepultamento** (12). Embora o Senhor fosse morrer em uma

cruz, ao invés de se sentar em um trono, Ele ainda era o Rei. Maria, por ouvir com mais atenção (cf. Lc 10.39), havia provavelmente entendido a missão do Mestre de uma forma mais completa do que qualquer outra pessoa.

Pelo seu amor e pela sua lealdade, **em todo o mundo, também será referido o que ela fez para memória sua** (13). Milhões de cópias do Evangelho, em milhares de idiomas, contam essa história, onde quer que o evangelho tenha chegado. Como ela deu tudo de si, o nome de Maria se tornou imortal.

William Barclay chama a unção de Jesus por Maria de "A Extravagância do Amor". Na história podemos ver que 1) Há ocasiões em que o bom senso falha, 6-9; 2) Há certas coisas que precisam ser feitas quando surge a oportunidade, caso contrário jamais poderão ser feitas, 10-12; 3) A fragrância de um ato de amor dura para sempre, 13.

3. *A Traição de Judas* (26.14-16)[7]

A mente ambiciosa de Judas Iscariotes reagiu violentamente ao "desperdício" de aproximadamente um ano de salário (cf. Mc 14.5; Mt 20.2). Judas também esperava que Jesus estabelecesse o seu reino em Jerusalém. Mas parecia que tudo o que o Mestre dizia estava relacionado à sua crucificação, e não à sua coroação. Parece evidente que Judas agiu impulsionado por um motivo duplo; a sua ganância e as suas ambições políticas frustradas. Alguns pensam que ele queria que Jesus se manifestasse abertamente como Rei, e que a sua traição seria capaz de forçar essa situação.

Judas foi ter com **os príncipes dos sacerdotes** (14) – agora os principais inimigos de Jesus – e perguntou o que lhe dariam se lhes entregasse o Mestre (15). **Eles lhe pesaram trinta moedas de prata**. Este uso de *histemi* como "colocar em uma balança"[8] e assim "pesar" só é encontrado no Novo Testamento, embora ocorra no texto grego clássico e na Septuaginta. A quantia que eles pesaram foi de **trinta moedas** (ou peças) **de prata**, que eram siclos de prata. O valor total seria igual a 120 denários, ou aproximadamente 25 dólares. Este era o preço de um escravo (Êx 21.32), o que reforça as palavras de Jesus em 20.28 e a afirmação de Paulo em Filipenses 2.7-8.

4. *A Última Páscoa* (26.17-29)

a) *Os Preparativos* (26.17-19). Uma das últimas coisas que Jesus fez com os seus discípulos antes da sua morte, foi comer a refeição da Páscoa com eles. Isto foi particularmente apropriado, uma vez que, dentro de poucas horas, Ele mesmo se ofereceria como o Cordeiro Pascal para fazer a expiação pelos pecados de todos os homens.

No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos (17) – nesse dia se sacrificava o cordeiro da Páscoa (veja Mc 14.12; Lc 22.7). De acordo com a Lei Mosaica, esta comemoração recebia o nome de Páscoa, e era seguida pelos sete dias da Festa dos Pães Asmos (Lv 23.5-6). Mas naquela época todo esse período era conhecido por esse nome. Josefo diz: "Nós temos um banquete que dura oito dias, que é chamado de festa dos pães asmos".[9]

Os três Evangelhos Sinóticos concordam em retratar Jesus como comendo a refeição da Páscoa com os seus discípulos na noite anterior à Sua crucificação. Mas alguns pensam que o Evangelho de João não parece estar de acordo com isso. João diz que os judeus não entraram na audiência de Pilatos na manhã da crucificação "para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa" (Jo 18.28).

O problema de harmonizar os relatos sinóticos e o de João, quanto a este aspecto, é o mais difícil na cronologia do Novo Testamento. A maioria dos estudiosos hoje em dia considera que eles são irreconciliáveis, e escolhem a cronologia de João como sendo a correta, e a dos sinóticos como não sendo tão precisa. Alguns procuram uma posição de equilíbrio dizendo que não foi realmente a refeição da Páscoa que Jesus comeu com os seus discípulos – os Evangelhos Sinóticos afirmam categoricamente que foi – ou então que Ele intencionalmente comeu mais cedo, sabendo que estaria morto na hora normal da refeição.[10]

Edersheim insiste que a última Ceia dos Evangelhos Sinóticos era verdadeiramente a Páscoa.[11] A mesma coisa diz J. Jeremias, que chama a atenção para o fato de que a ceia aconteceu em Jerusalém, durante a noite, com os Doze, com pão e vinho, e com um hino.[12] Ele parece ter provado conclusivamente este ponto. Parece não haver como evitar o fato de que Jesus comeu a refeição de Páscoa com os seus discípulos antes da sua morte.

Qual é a solução para este problema? Andrews afirma que João usou o termo "Páscoa" no seu sentido mais amplo. Ele escreve: "... a frase 'comer a Páscoa' naturalmente vem a significar todo o banquete".[13] Ele ainda diz: "A Páscoa, no texto de João, é uma palavra que se refere a toda a festa; e uma vez que já tinham celebrado a refeição pascal, ele não poderia empregar essa palavra para designar as refeições restantes?".[14]

Stauffer tem outra explicação. Ele esclarece o fato surpreendente de que não é mencionado nenhum cordeiro ao dizer que um apóstata não tinha permissão de comer o cordeiro da Páscoa. Assim, sem o cordeiro, "Jesus teve a sua Páscoa 24 horas antes da refeição oficial de Páscoa dos membros da comunidade do templo".[15]

Duas outras soluções foram oferecidas por autores recentes. Uma delas é a seguinte: "Naquele ano particular os judeus da Palestina observaram a Páscoa no sábado; os da Dispersão a observaram na sexta-feira".[16] Marcos seguiu o calendário da Dispersão. Assim, tanto os Sinóticos quanto João estão certos. ("Sexta-feira" significa o anoitecer da quinta-feira, uma vez que o dia judaico começa no pôr-do-sol).

Freedman afirma que os Rolos do Mar Morto mostram que muitos judeus religiosos seguiam o antigo calendário solar de Israel (364 dias) e rejeitavam o novo calendário lunar. Ele opina que Jesus comeu a refeição da Páscoa com os seus discípulos na noite de terça-feira, ao passo que os sacerdotes e os demais a comeram na sexta-feira, depois da crucificação.[17] Ele considera que Jesus foi mantido prisioneiro desde a noite de terça-feira até a sexta-feira.

Com tantas soluções propostas para escolher, é óbvio que não precisamos concluir que existe uma contradição irreconciliável entre João e os Sinóticos. Enquanto nenhuma solução obtiver aceitação universal, a de Andrews talvez seja a que apresenta menos dificuldades e mais evidências a seu favor.

O costume de Mateus de omitir detalhes volta a se manifestar nesta narrativa. Ele não diz quem foi enviado para preparar a Páscoa. Marcos diz que foram "dois discípulos" e Lucas diz que foram "Pedro e João". Mateus diz que eles foram ao encontro de **um certo homem** (18), ao passo que Marcos e Lucas falam de "um homem que leva um cântaro de água".

Os discípulos deveriam levar a mensagem: **Em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos**. Seguindo as instruções, eles **prepararam a Páscoa** (19).

b) *A Última Ceia* (26.20-25). Jesus **assentou-se** (ou "reclinou-se") à mesa com os doze apóstolos (20). Enquanto estavam comendo, Ele anunciou que um deles iria traí-lo (21). Os discípulos, chocados e entristecidos, perguntaram, um por um: **Porventura, sou eu, Senhor?** (22). O texto grego indica que se esperava uma resposta negativa – "Senhor, não sou eu, sou?!" O Mestre informou: **O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair** (23). Este fato torna o crime de Judas ainda mais hediondo. Pois comer com uma pessoa era um sinal de amizade e um compromisso de não lhe causar nenhum dano, de não lhe fazer nenhum mal. Até mesmo o traidor fez a pergunta, embora se dirigisse a Jesus como Mestre (em grego, "Rabi") e não como Senhor. Cristo respondeu: **Tu o disseste** (25), o que parece ser uma resposta afirmativa direta. Apesar desse aviso de Jesus, e mesmo depois dessa oportunidade de reconsiderar a sua decisão, Judas prosseguiu com os seus planos de traição.

c) *A Ceia do Senhor* (26.26-29). Em uma conexão com a Última Ceia, Jesus instituiu a Ceia do Senhor. Ele **abençoou e partiu** o pão, e disse aos seus discípulos: **Tomai, comei, isto é o meu corpo** (26). Deve ficar claro que o significado é "isto *representa* o meu corpo".

Então o Mestre tomou o **cálice** (27). Carr entende que este era o terceiro cálice da refeição da Páscoa, chamado "o cálice da bênção".[18] Ele os instruiu: **Bebei dele todos.** É uma pena que essas palavras, repetidas milhares de vezes, todos os domingos, ao redor do mundo, tenham sido traduzidas de forma variada. O texto grego diz muito claramente: "Todos vocês bebam dele" (cf. RSV). Jesus então prosseguiu e identificou o conteúdo do cálice como representando **o meu sangue, o sangue do Novo**[19] **Testamento** ("aliança"), **que é derramado** (grego, "despejado") **por muitos, para remissão dos pecados.**

Cristo declarou que Ele não beberia deste fruto da vide **até àquele Dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai** (29). Existe um sentido em que Cristo compartilha com os fiéis o serviço da comunhão. Paulo afirma: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha" (1 Co 11.26).

5. *No Monte das Oliveiras* (26.30-56)

a) *A Predição das Negações de Pedro* (26.30-35). No final da Ceia, eles cantaram um **hino** (30). Edersheim diz: "Provavelmente devemos entender que esse hino foi a segunda parte do *Hallel* [Sl 115-118], entoado algum tempo depois do terceiro cálice, ou então o Salmo 136, que, no ritual atual, está próximo ao final do serviço".[20]

Aos seus discípulos, o Mestre fez outro anúncio triste (cf. v. 21): **Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim** (31). Lenski apresenta: "Todos vocês serão perseguidos, como alguém que é surpreendido em uma armadilha, por estarem ligados a mim".[21] O verbo é *skandalizo*. É certo que todos os discípulos caíram na armadilha de Satanás naquela noite, quando abandonaram o seu Mestre. Cristo citou Zacarias 13.7, mudando o imperativo (tanto na versão hebraica quanto na Septuaginta) para um tempo futuro; o Senhor acrescentou: **depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós** (32) para a Galiléia. O último verbo significa literalmente "mostrar o caminho", e traz em si a imagem do **pastor** (31).

Pedro sempre tinha uma palavra a dizer. Como de costume, era uma palavra de autoconfiança. Mesmo que todos os demais "abandonassem" a Jesus (RSV, NEB, NTLH), ele **nunca** o faria (33). Infelizmente, Pedro não conhecia a sua própria fraqueza. Cristo se sentiu obrigado a avisá-lo de que naquela mesma noite, antes que o galo cantasse, Pedro negaria três vezes o seu Mestre (34). Seguindo o seu comportamento característico, Pedro respondeu que morreria antes de negar o seu Senhor (35). Teria sido mais sábio pedir humildemente que o Senhor o fortalecesse para enfrentar a prova. **Todos os discípulos** o acompanharam, afirmando a lealdade deles.

b) *A Oração no Getsêmani* (26.36-46). O nome Getsêmani (somente aqui e em Marcos 14.32) significa "prensa de óleo". O m onte das Oliveiras era naturalmente um lugar apropriado para extrair o azeite de oliva que era usado naquela época como combustível para lâmpadas, alimento e ungüento curativo.

Jesus deixou oito dos seus onze discípulos na entrada do jardim. Levando somente o seu círculo mais íntimo – **Pedro e os dois filhos de Zebedeu** (37) – Ele caminhou para o interior do bosque de oliveiras e abriu o seu coração para esses companheiros mais próximos. Ele disse: **A minha alma está cheia de tristeza até à morte** (38). Era o peso dos pecados do mundo sobre os seus ombros que o estava esmagando. Ele implorou: **Ficai aqui e vigiai comigo**. Mas eles fracassaram.

Jesus foi **um pouco adiante** (39), não apenas fisicamente, mas espiritualmente. Se Ele não tivesse ido **um pouco adiante**, poderíamos não ser salvos. E a menos que nós também caminhemos **um pouco adiante** – em serviço misericordioso e consagrado – muitos outros não serão salvos.

O Mestre **prostrou-se sobre o seu rosto**. Isto revela alguma coisa sobre a agonia da sua alma. Ele orou pedindo que, se fosse possível, o **cálice** passasse dele. O que era este cálice? Certamente, era mais do que a morte física. Jesus não era covarde. Parece que os resíduos mais amargos deste cálice de dor seriam a separação do rosto do Seu Pai, quando Aquele que não conheceu o pecado se tornaria "pecado" (ou "uma oferta pelos pecados") por nós (2 Co 5.21). A sua oração final foi: **todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres**. Esta sempre é a oração de uma alma consagrada.

Quando Jesus retornou aos três discípulos, que deveriam estar vigiando (38), Ele os encontrou **adormecidos** (40). Como Pedro havia se vangloriado de forma tão elevada, o Mestre o repreendeu. **Então, nem uma hora pudeste vigiar comigo?** E Cristo lhes deu outra advertência solene: **Vigiai e orai, para que não entreis em tentação** (41). Esta é uma advertência à qual todo cristão precisa dar atenção, durante todas as horas de todos os dias. "A eterna vigilância é o preço da liberdade." Isto é verdade no campo militar, e é verdade espiritualmente. Jesus reconheceu que o **espírito está pronto, mas a carne é fraca**. Isto não significa a natureza carnal, mas o corpo físico. Os discípulos estavam tão cansados e tão entristecidos que adormeceram.

Indo segunda vez, Jesus orou basicamente a mesma oração, com talvez uma ênfase um pouco maior em **faça-se a tua vontade** (42). Mais uma vez Ele encontrou os discípulos dormindo, **porque os seus olhos estavam carregados** (43). Eles haviam terminado uma semana dura. As intenções deles eram boas, mas o desempenho deixava algo a desejar.

Pela terceira vez o Mestre orou, dizendo as mesmas palavras (44). Quando Ele retornou desta vez, disse: **Dormi, agora, e repousai** (45). Esta aparente exortação

parece inconsistente com o versículo 46: **Levantai-vos, partamos; eis que é chegado o que me trai**. A solução do problema é simples. O texto grego do versículo 45 pode, com igual exatidão, ser traduzido como uma ordem ou como uma pergunta – a forma para ambas é exatamente a mesma. Mas aqui a ordem não se encaixa, enquanto a pergunta se encaixa perfeitamente. A melhor tradução, em nossa opinião, é: "Vocês ainda estão dormindo e repousando?" Em uma ocasião como esta, em que o Filho do Homem está "sendo traído" – a ação já está ocorrendo – vocês estão dormindo como sentinelas no seu posto?

c) *A Traição e a Prisão* (26.47-56). Enquanto o Mestre estava tentando despertar os seus discípulos, Judas, **um dos doze** – que observação patética, encontrada nos três Evangelhos Sinóticos! – apareceu. Com ele estava uma **grande multidão** (47). Stauffer pensa que era "um pequeno exército de mil soldados".[22] Mas isso não parece provável em vista da missão de prender um Homem – ou até mesmo quase uma dúzia de homens. Era uma multidão heterogênea com **espadas e porretes**. Com certeza eles tinham falsas idéias sobre o Príncipe da Paz. Estes homens tinham sido enviados pelos **príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo**, isto é, pelo Sinédrio.

Judas lhes havia fornecido um **sinal** (48). Ele identificaria Cristo com um beijo. Este é um ato particularmente atroz, uma vez que o beijo era um símbolo da amizade e da honra. Ele se aproximou de Jesus e o saudou afetuosamente com um beijo e as palavras: **Eu te saúdo, Rabi** (49; em grego, "mestre"). Com gentil compaixão o Mestre disse: **Amigo** (literalmente "companheiro" ou "camarada"), **a que vieste?** (50). Mas não havia mais tempo para conversas. A multidão rapidamente rodeou Jesus e o prendeu.

Um dos discípulos de Jesus – João 18.10 nos diz que foi Pedro – puxou a sua espada e tentou defender o seu Mestre. Ele agitou a espada, provavelmente com a intenção de cortar a cabeça do homem que ousou colocar as suas mãos em Cristo. O homem talvez tivesse tentado esquivar-se do golpe e assim perdeu uma orelha, em lugar de perder a cabeça. João também nos diz que o nome do servo do sumo sacerdote era Malco. É provável que tivesse essa informação por ele ser conhecido do sumo sacerdote (cf. 18.15).

Jesus ordenou ao seu zeloso discípulo que guardasse a sua espada, pronunciando a significativa verdade: **todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão** (52). Ele também declarou que poderia convocar **mais de doze legiões de anjos** (53). Não lhe faltava defesa. Mas Ele precisava se submeter, para que a vontade de Deus, revelada nas **Escrituras** (o nosso Antigo Testamento) fosse cumprida (54).

A seguir, Cristo repreendeu a multidão (55) por sair **como para um salteador** (55; grego, "ladrão") com **espadas e porretes** ("pedaços de pau"). O Senhor lembrou aqueles homens de que haviam tido todas as oportunidades de prendê-lo quando Ele ensinava diariamente no Templo. Mas o que estava acontecendo era o cumprimento das **Escrituras dos profetas** (56). Uma triste observação figura como um apêndice: **Então, todos os discípulos, deixando-o, fugiram**. Onde estava a lealdade que com tanta firmeza havia sido afirmada poucas horas antes (cf. 35)?

6. *O Julgamento Judaico* (26.57—27.2)

a) *Perante o Sinédrio* (26.57-68). A multidão que tinha aprisionado Jesus o levou até Caifás, o sumo sacerdote, onde **os escribas e os anciãos** (o Sinédrio) estavam reunidos

(57). Pedro, embora repreendido pelos seus esforços para proteger o Mestre, **seguiu-o de longe** (58). Ele deve, pelo menos, receber o crédito por tê-lo seguido. O seu amor pelo Senhor fez com que ele fosse até lá, embora tivesse medo. O apóstolo entrou no **pátio do sumo sacerdote** (em grego, "corte") e assentou-se entre os criados, **para ver o fim** (58). Ele provavelmente percebeu, a esta altura dos acontecimentos, um pouco da gravidade da situação.

Todo o conselho – composto dos príncipes dos sacerdotes, dos anciãos e dos escribas – procurava **falso testemunho contra Jesus, para poderem dar-lhe a morte** (59). Esses líderes estavam tão determinados a matá-lo, que se curvariam a qualquer falsidade que pudesse levá-lo à morte. Mas todos os esforços falharam, pois as falsas testemunhas não conseguiam chegar a um acordo em suas histórias fabricadas (60).

Finalmente, duas fizeram a mesma acusação. Elas acusaram Jesus de ter dito: **Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias** (61). É evidente que Jesus nunca disse nada parecido com isso. Esta foi provavelmente uma interpretação errada de sua frase registrada em João 2.19.

O sumo sacerdote desafiou Cristo a responder às acusações levantadas contra Ele (62). Mas o Mestre permanecia em silêncio. Finalmente, o sumo sacerdote interrogou Jesus, sob juramento, solicitando que o Senhor falasse sobre os fatos relativos à sua origem (63). Diante de tamanha insistência, Jesus respondeu: **Tu o disseste** (64). A mesma expressão aparece no versículo 25. Carr escreve: "Esta é uma fórmula de concordância tanto no hebraico quanto no grego, e ainda é usada na Palestina com esse sentido".[23] Jesus então acrescentou uma afirmação altamente apocalíptica sobre o Filho do Homem sentado à direita do **Todo-poderoso** – um substituto tipicamente judaico para "Deus" – e **vindo sobre as nuvens do céu**. Este é o tipo de atitude que se esperava do Messias.

O efeito das palavras de Jesus foi eletrizante. Caifás **rasgou as suas vestes** (65). Sob circunstâncias normais, a lei proibia o sumo sacerdote de tomar uma atitude como esta (Lv 10.6; 21.10), "mas o costume que o obrigava a isso ao ouvir uma blasfêmia, pode ter se desenvolvido a partir do século I".[24]

Não havia mais a necessidade de testemunhas: **Eis que bem ouvistes, agora, a sua blasfêmia**. Não teria sido blasfêmia afirmar ser um messias humano; aliás, muitos estavam esperando esta atitude. Mas o sumo sacerdote colocou Jesus sob juramento para dizer se Ele era "O Filho de Deus" (63). O Senhor respondeu afirmativamente. Este fato, juntamente com o restante do versículo 64, mostra porque o Sinédrio o considerou culpado de blasfêmia.

Quando indagado, o grupo de líderes respondeu: **É réu de morte** (66). Os atos que se seguiram são um triste comentário sobre o nível ético do judaísmo daqueles dias. O fato de os líderes religiosos da nação terem se curvado a atos tão infames, como cuspir no Seu rosto, esmurrá-lo e esbofeteá-lo (67), mostra a decadência do judaísmo.

O versículo 68 fica claro à luz de Lucas 22.64, onde se afirma que eles vendaram Jesus, e lhe disseram para identificar quem o havia esbofeteado.

b) *Pedro Nega Jesus* (26.69-75). Enquanto acontecia o julgamento perante Caifás, Pedro estava **assentado fora, no pátio** (69) – como no original grego. Uma **criada** aproximou-se dele com a acusação: **Tu também estavas com Jesus, o galileu**. Pedro negou, afirmando: **Não sei o que dizes** (70). A seguir, para evitar a sua identificação

junto à brilhante luz do fogo (cf. Mc 14.54), ele se esgueirou para o **vestíbulo**, ou "entrada" (71). Mas ali, outra criada o viu e disse aos que estavam à sua volta: **Este também estava com Jesus, o Nazareno**. Ele negou outra vez, agora **com juramento: Não conheço tal homem** (72). Aqui, Pedro foi culpado de perjúrio.

Depois de pouco tempo, os que ali estavam se aproximaram dele com a afirmação: **Verdadeiramente, também tu és deles, pois a tua fala te denuncia** (73). Uma possível tradução seria: "O teu sotaque te denuncia". Os galileus falavam com um sotaque diferente dos judeus da Judéia. Era fácil para o povo de Jerusalém reconhecer um galileu ao ouvi-lo falar.

Quando Pedro se viu realmente encurralado, ele começou **a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem** (74). Isso poderia facilmente ser interpretado como significando que ele usou uma linguagem profana. Mas o que isso realmente significa é que ele chamou sobre si as maldições de Deus, caso não estivesse dizendo a verdade, e fez um juramento de que estava. Assim ele foi culpado de duplo perjúrio (cf. 72).

Exatamente nesse instante **o galo cantou**. Pedro se lembrou das palavras de Cristo sobre o que ele tinha acabado de fazer (75). **E, saindo dali, chorou amargamente**. Essas eram lágrimas de genuíno arrependimento, como se mostrará a seguir.

Quando Pedro afirmou categoricamente que nunca iria negar o seu Senhor, ele foi sincero. Mas ele não conhecia o grau de corrupção do seu próprio coração, que lhe foi revelado por esta experiência de negar a Cristo. Com isso, então, ele ficou preparado para esperar, com os demais, pelo derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, que purificaria o seu coração e o faria completamente leal ao seu Senhor.

c) *A Sessão Matinal do Sinédrio* (27.1-2). As reuniões do Sinédrio à noite eram ilegais. Assim, o grupo se reuniu durante o dia para dar a sentença oficial a Jesus. O governo romano não permitia que os judeus executassem ninguém – exceto no caso de um estrangeiro que invadisse os recintos sagrados do Templo, isto é, que passasse além do Pátio dos Gentios. Tudo o que o Sinédrio podia fazer era prender Jesus e entregá-lo a Pilatos para o julgamento final. **Pôncio Pilatos** era o **governador** (2; *hegemon*), ou "procurador" da Judéia entre 26 e 36 d.C.

7. *O Remorso de Judas* (27.3-10)

Embora os três Evangelhos Sinóticos falem do pacto que Judas Iscariotes fez com os príncipes dos sacerdotes para trair Jesus, e os três registrem a traição, somente Mateus narra o remorso e o suicídio do traidor. O caso de Judas nos faz pensar com seriedade; como um homem a quem Cristo escolheu para ser apóstolo e enviou a pregar, pôde terminar a sua carreira dessa maneira.

Quando Judas viu que Jesus fora **condenado** pelo Sinédrio – e este veredicto era irrevogável[25] – ele ficou **arrependido** (3). O verbo não é *metanoeo*, "mudar de idéia", mas sim *metamelomai*, "lamentar". Ele lamentou as conseqüências do seu ato de traição, mas não teve um genuíno arrependimento do seu pecado. Voltando à presença dos **príncipes dos sacerdotes** e dos **anciãos** (o Sinédrio), ele levou as trinta moedas de prata. O dinheiro queimava nas suas mãos.

Aos líderes religiosos ele fez esta confissão: **Pequei, traindo sangue inocente** (4). Mas ele não recebeu conforto nem ajuda por parte deles, que, como resposta, somente lhe

disseram: **Que nos importa? Isso é contigo**. Se os líderes espirituais falavam dessa maneira ao seu povo, fica bastante claro que as coisas estavam muito mal com o judaísmo.

Judas não conseguia mais suportar a visão do seu ganho ilícito. Literalmente, "atirando no santuário as moedas de prata" – a parte interior do templo, onde somente os sacerdotes podiam entrar – ele **retirou-se e foi-se enforcar** (5).

Os **príncipes dos sacerdotes** apanharam as **moedas de prata**, mas ficaram confusos quanto ao que fazer com elas. Eles não poderiam usá-las no Templo, porque eram **preço de sangue** (6). Eles se reuniram em conselho e decidiram comprar com elas **o campo de um oleiro** (7). O texto grego é "o campo do oleiro", o que dá a entender que era um lugar bem conhecido nas proximidades de Jerusalém. Os **estrangeiros** que eles queriam **sepultar** ali seriam os judeus estrangeiros que morriam durante as festividades anuais, ou que vinham, já em idade avançada, para morrer na Terra Santa.[26]

De acordo com os seus hábitos, Mateus cita uma profecia do Antigo Testamento (9-10). A citação é atribuída a **Jeremias**. (Na leitura das Escrituras em voz alta, os nomes proeminentes do Antigo Testamento mencionados no Novo Testamento devem sempre receber a forma familiar que eles têm nas Escrituras antigas.) Mas a passagem parece ser uma citação de Zacarias 11.12-13. Bengel julga que Jeremias é um comentário, adicionado por um copista.[27] John Wesley — que se baseou fortemente na obra *Gnomon,* de Bengel —, em seu *Explanatory Notes on the New Testament* escreve: "A palavra Jeremias, que foi adicionada ao texto em cópias posteriores, e por isso foi acolhida em muitas traduções, é evidentemente um engano; pois aquele que falou o que Mateus registra, ou melhor, parafraseia, não foi Jeremias, mas sim Zacarias".[28] Da mesma maneira, Adam Clarke diz: "É muito provável que a leitura original fosse *dia tou prophetou* ['por meio do profeta'], e que não fosse mencionado o nome de nenhum profeta".[29]

O problema textual é que "Jeremias" é o que está escrito em praticamente todos os manuscritos gregos, incluindo o mais antigo, que ainda existe. O comentarista Morison, que segue o pensamento de Wesley, entende que se trata de um erro tipográfico que de alguma maneira teria sido introduzido na "edição original dos Evangelhos, a primeira edição publicada", assim como a expressão "*pressionar um* mosquito" ao invés de "*coar um* mosquito" teria sido introduzida na primeira edição da versão King James em inglês, e assim permanecido (cf. 23.24).[30]

8. *O Julgamento Romano* (27.11-31)

a) *Jesus Perante Pilatos* (27.11-14). Tendo sido condenado pelos judeus em um exemplo de julgamento corrupto, Cristo agora compareceu perante o **governador** (11). Os três Evangelhos Sinóticos dizem que Pilatos perguntou: **És tu o Rei dos judeus?** e os três dão a Sua resposta: **Tu o dizes**. M'Neile diz que isto parece implicar: "Você está verbalmente correto, mas a verdade está além da sua compreensão".[31]

Sendo acusado pelos líderes judeus, Jesus **nada respondeu** (12). "O silêncio, que respondeu às acusações e à próxima pergunta de Pilatos, é do mesmo tipo de 26.62ss.; legalmente ele poderia ser interpretado como uma confissão de culpa, mas, na verdade, produzia um efeito desconfortável sobre o juiz: Caifás foi levado por ele a extorquir uma confissão, e Pilatos a uma série de tentativas para libertar o prisioneiro e a si mesmo."[32] Pilatos **estava muito maravilhado** com o perfeito equilíbrio de Cristo (14).

b) *Jesus ou Barrabás?* (27.15-23). Durante a **festa** anual (15) da Páscoa, o governador tinha o costume de soltar um preso escolhido pelo povo. Muitas vezes já se chamou a atenção para o fato de que este costume não é mencionado fora dos Evangelhos. Carr faz uma boa sugestão sobre como ele surgiu entre os judeus. Depois de notar que a libertação dos prisioneiros ocorria em algumas festas em Roma, ele diz: "Portanto, não é improvável que Herodes, o Grande, que certamente familiarizou os judeus com outros costumes da Grécia e de Roma, introduzisse esse hábito, e que o governador romano, ao ver que o costume estava estabelecido e que agradava aos judeus, de acordo com os procedimentos romanos... o tivesse mantido".[33] É significativo que Pilatos diga: "Vós tendes por costume" (Jo 18.39).

Havia outro **preso bem conhecido** ali, chamado **Barrabás** (16). Este é um nome aramaico que significa "filho [*bar*] de um pai [*abba*]"; Marcos (15.7) e Lucas (23.19) afirmam que Barrabás havia cometido o crime de assassinato durante um motim. Pilatos agora perguntou aos líderes judeus (17) se eles queriam que ele libertasse Barrabás ou **Jesus,** o Messias (**Cristo**). É óbvio que o governador esperava que eles preferissem o profeta inofensivo no seu meio ao perigoso assassino. Ele sabia que o ódio que eles sentiam por Jesus era devido à **inveja** (18). Isto deveria tê-lo obrigado a libertar a Cristo. Adicionalmente, houve uma mensagem de sua esposa (registrada somente no texto de Mateus) insistindo com ele: "Não entres na questão desse justo". Lenski faz o seguinte comentário: "No sonho dela, Jesus apareceu completamente inculpável, e o sonho provavelmente sugeriu que Pilatos estava prestes a condenar este homem justo".[34] Foi por isso que ela disse **num sonho muito sofri por causa dele** (19).

Enquanto Pilatos estava ocupado com a mensagem de sua esposa, **os príncipes dos sacerdotes e os anciãos** aproveitaram a oportunidade para incitar a multidão a pedir que Barrabás fosse solto, e que Jesus fosse morto (20). Assim, quando Pilatos retomou o julgamento onde havia parado, perguntando quem deveria libertar, o povo respondeu **Barrabás** (21). Então Pilatos fez uma pergunta que assumiu proporções cósmicas em seu impulso evangelístico: **Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?** (22) Podemos recordar as palavras da canção: "O que você fará com Jesus? Neutro você não pode ficar". Nenhum ser humano pode permanecer neutro em relação a Jesus Cristo.

Esta passagem sugere três pontos. Pilatos: 1) foi confrontado por Cristo, 11; 2) ficou preocupado com Cristo, 17; 3) foi condenado por Cristo, 23. O texto principal está no versículo 22.

Como resposta à pergunta do governador, o povo gritou: **Seja crucificado!** Em seu poderoso romance, *Behold the Man,* Kagawa talvez tenha percebido bem o que estava acontecendo aqui. Ele retrata o ardiloso e idoso Anás, ex-sumo sacerdote (cf. Jo 18.13) agindo em desespero. "De um modo secreto, ele estava infiltrando os seus servos na multidão, através dos sacos de moedas que estavam distribuindo, sussurrando para os que estavam ali o que deveriam fazer."[35] O que eles estavam dizendo à multidão, naturalmente, era que deveriam pedir a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus.

c) *Jesus é Açoitado* (27.24-26). Pilatos finalmente cedeu aos pedidos da multidão. Ele podia ver que a multidão estava ficando descontrolada, que um **tumulto** (levante) estava surgindo. Não havia nada que um governador romano temesse mais do que um tumulto. Se Roma ficasse sabendo que ele tinha permitido que acontecesse uma revolta, a sua carreira pública estaria encerrada. Era melhor deixar que um prisioneiro sofresse

um erro da justiça do que arriscar o seu próprio futuro. Assim, Pilatos, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: **Estou inocente do sangue deste justo; considerai isso** (24). De forma insana, a multidão respondeu: **O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos** (25). O horrível holocausto do ano 70 d.C. acrescenta uma trágica nota de rodapé a este epitáfio de uma nação.

Pilatos **soltou** Barrabás, mandou **açoitar** Jesus e **entregou-o para ser crucificado** (26). O açoite romano era um instrumento cruel – um chicote pequeno com longas tiras que tinham peças agudas de metal ou ossos presos nas extremidades. O prisioneiro era forçado a se curvar, e o açoite caía com uma força terrível sobre as suas costas despidas. A pele esticada em breve estaria retalhada. Não era incomum que os homens morressem sob esse açoite. Parece ter sido um costume romano o de açoitar as vítimas antes da crucificação. Josefo menciona pelo menos dois casos como este.[36]

d) *Jesus é Escarnecido* (27.27-31). Os soldados do governador levaram Jesus à **audiência** – uma única palavra, *praitorion*, do latim *praetorium*. Essa palavra primeiramente se aplicava ao quartel-general em um acampamento militar romano, e posteriormente à residência oficial do governador de uma província. A localização do Pretório em Jerusalém é uma questão discutida. Alguns estudiosos julgam que era o palácio de Herodes, na parte sudoeste da cidade, perto da atual Porta Jaffa. Outros preferem a Torre de Antônia, o quartel romano na extremidade noroeste da área do Templo. Josefo parece favorável à última: ele menciona o governador estabelecendo o seu tribunal "no palácio".[37] Schurer diz: "Em ocasiões especiais, particularmente durante as principais festas judaicas, quando, devido às multidões que se espremiam em Jerusalém, uma vigilância particularmente cautelosa era necessária, o procurador ia a Jerusalém, saindo de Cesaréia, a sede do governo romano na Palestina, e residia ali, no lugar que havia sido o palácio de Herodes"[38]. Este ponto de vista tem o apoio de M'Neile,[39] de George Adam Smith,[40] de Sherman Johnson,[41] e talvez da maioria dos estudiosos da atualidade.

Os soldados reuniram toda a **coorte**. Normalmente isso consistia de uma décima parte de uma legião, aproximadamente seiscentos homens. Mas nem todos poderiam estar em serviço ao mesmo tempo. Esses soldados despiram Jesus e o cobriram com uma **capa escarlate** (28) – a capa exterior de um soldado romano. A seguir, eles teceram uma **coroa de espinhos**, que colocaram na sua cabeça, e na sua mão direita puseram uma **cana** (como se fosse um cetro). Fazendo reverências diante dele, o escarneciam, dizendo: **Salve, Rei dos judeus** (29). Cuspindo nele com desprezo, **tiraram-lhe a cana e batiam-lhe com ela na cabeça** (30). Nunca alguém foi tratado com desdém mais cruel e mais imerecido. Depois que os soldados tinham zombado de Jesus até se cansarem do seu jogo cruel, tiraram-lhe a capa e o levaram para ser crucificado (31).

B. A MORTE E O SEPULTAMENTO, 27.32-66

1. *A Crucificação* (27.32-50)

a) *As Horas da Manhã* (27.32-44). Quando os soldados deixaram o Pretório, eles obrigaram um homem **cireneu** (32) – do norte da África – a levar a cruz de Jesus. Jesus

começou a caminhar levando a sua cruz, mas enfraquecido por tudo o que havia passado, Ele foi incapaz de carregá-la por muito tempo. Assim, os soldados forçaram uma pessoa que passava e colocaram a cruz sobre os seus ombros.

A palavra **Gólgota** (33) é uma transliteração da palavra aramaica que significa **caveira**. Ela é encontrada em Mateus, Marcos e João, mas não em Lucas. Os quatro Evangelhos têm a palavra grega *kranion*, que chegou aos idiomas inglês e português em sua forma latina, *cranium*. Em algumas versões é traduzida como "Calvário" em Lucas (23.33). Ela vem da Vulgata Latina, onde *calvaria* é a tradução normal para a palavra grega *kranion* (encontrada somente aqui e nas três passagens correspondentes nos outros Evangelhos – Mc 15.22; Lc 23.33; Jo 19.17). Apesar disso, a palavra "calvário" se tornou muito enraizada no nosso pensamento teológico e tem um lugar importante na nossa homilética e nos nossos hinos.

A localização do Gólgota é um assunto incerto e muito discutido. No entanto, de forma geral, hoje em dia os estudiosos estão de acordo em que não significa um "lugar de caveiras" – isto é, de execuções – mas sim um monte em forma de caveira. Os dois lugares propostos são a Igreja do Santo Sepulcro, dentro da Velha Jerusalém, e "o calvário de Gordon", do lado de fora da muralha norte da cidade, perto da Porta de Damasco. Embora os arqueólogos prefiram o primeiro lugar, o último fornece mais o "sentimento" da crucificação – e o Jardim do Sepulcro quase fornece o "sentimento" da ressurreição.

Tendo chegado ao lugar da execução, os soldados ofereceram a Jesus **vinho misturado com fel** para beber (34). A tradição diz que as mulheres de Jerusalém tinham o costume de oferecer esse narcótico anestesiante, movidas pela piedade aos prisioneiros que seriam crucificados. Mas quando Jesus o provou, ele **não quis beber**. Ele não queria que os seus sentidos se amortecessem, nem que a sua consciência diminuísse enquanto sofria pelos nossos pecados.

Finalmente, **eles o crucificaram** (35). As suas roupas foram repartidas entre os quatro soldados. O **lançando sortes** é explicado por João (19.23-24) como um ato específico em relação à túnica, que não tinha costura (*chiton*). Mateus novamente usa a sua fórmula favorita: **para que se cumprisse o que foi dito**. Desta vez, a citação pertence ao Salmo 22.18, o grande salmo messiânico da crucificação.

O versículo 36 é algumas vezes interpretado como uma evidência adicional da insensível crueldade dos soldados. Mas M'Neile provavelmente está mais próximo da verdade, quando escreve: "Isto não significa que eles estivessem tripudiando sobre o Sofredor; eles se sentaram e o vigiaram, como era costume, para evitar a possibilidade de uma fuga".[42]

Sobre a cabeça de Jesus havia uma tábua que exibia a sua **acusação** ("crime"; 37). As palavras exatas são um pouco diferentes nos quatro Evangelhos. Marcos apresenta a forma mais curta: "O Rei dos Judeus", que é incorporada pelas outras três. Colocando-as todas juntas, obtemos: "Este é Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus".

Com Jesus estavam sendo crucificados dois **salteadores** (em grego, "ladrões"), **um, à direita, e outro, à esquerda** (38). É perfeitamente possível que eles fossem amotinados, como Barrabás. Se este foi o caso, é possível que Barrabás tivesse sido designado para morrer na cruz que estava no centro. Mas Jesus tomou o seu lugar – uma parábola acerca do fato de que Ele tomou o lugar de cada pecador na cruz.

Até mesmo os que passavam por ali zombavam de Jesus de uma maneira impiedosa. Eles recordavam a acusação de que Ele tinha afirmado ter o poder para destruir e re-

construir o Templo. Se Ele era o **Filho de Deus** (40), por que não afirmava o seu divino poder e não descia da cruz? **Os príncipes dos sacerdotes, com os escribas, e anciãos** (que formavam o Sinédrio) também zombavam dele. Involuntariamente, proferiram uma verdade profunda: **Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se** (42). Era exatamente isso. Se Ele tivesse salvado a sua própria vida, nós ainda estaríamos mortos no pecado. A crueldade desses homens pode ser vista em sua insinuação de que Deus Pai não queria Jesus (43). Naturalmente, a verdade é que o Pai tinha que voltar as costas para o seu Filho e deixar que Ele morresse sozinho. Isso era parte do preço da nossa redenção. Até mesmo os "ladrões" dos dois lados **lhe lançaram também em rosto** as mesmas palavras (44) – somente duas palavras em grego: "o censuraram".[43]

b) *As Horas da Tarde* (27.45-50). Os três Evangelhos Sinóticos mencionam a mudança que ocorreu na **hora sexta** (ao meio-dia), quando houve escuridão até a **hora nona** (45) – três horas da tarde. Isto aconteceu sobre toda a **terra**. A palavra grega é *ge*, que pode ser traduzida como "terra" ou "região". Se a segunda hipótese for a correta, ela pode se referir a toda a Palestina ou somente à Judéia. Provavelmente, a última interpretação é a melhor. Uma vez que a lua sempre é cheia na época da Páscoa, o que acontece no meio do mês lunar entre as luas novas, isto não poderia ter sido um eclipse do sol. Tratava-se de uma escuridão sobrenatural ou devida a nuvens muito pesadas e escuras. De qualquer forma, o acontecimento foi um milagre.

Aproximadamente na **hora nona** – a hora da oferta dos sacrifícios do entardecer – Jesus exclamou em alta voz: **Eli, Eli, lemá sabactâni?** – palavras aramaicas que significam: **Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?** (46). De que maneira Jesus tinha sido abandonado? M'Neile diz: "O grito foi uma expressão da sua agonia de corpo e alma, mas naquela agonia está envolvido o mistério da expiação".[44]

Alguns dos presentes pensaram que Jesus estivesse chamando o profeta Elias. Um deles ensopou uma esponja em vinagre e ofereceu a Ele, para saciar a sua insuportável sede (48). Mas os restantes procuraram contê-lo. É melhor esperar e ver se Elias virá salvá-lo (49). Mais uma vez Jesus clamou em voz alta, e então **entregou o espírito** (50) – ou "despediu o seu espírito". Jesus havia declarado que tinha poder para dar a sua vida e também para tornar a tomá-la (Jo 10.18).

2. *Outros Acontecimentos* (27.51-54)

Quando Jesus morreu, o **véu do templo** se rasgou em duas partes, de alto a baixo (51). Este era o véu interno, que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo. O significado espiritual desse acontecimento se afirma claramente em Hebreus 9.1-14; 10.19-22. Através do véu da carne rasgada de Cristo, o caminho para a presença de Deus estava agora aberto. Isto também pode ter sido uma indicação de que em breve o antigo santuário seria destruído (70 d.C.) No cristianismo podemos adorar a Deus a qualquer hora e em qualquer lugar. Também pode ter havido uma conexão entre este evento e a conversão de muitos sacerdotes (At 6.7).

O rasgar do véu está registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 15.38; Lc 23.45), mas o tremor de terra e a ressurreição de alguns santos só estão registrados aqui (51*b*-53). Se houve alguma relação entre o tremor de terra e o rasgar do véu, não se sabe; nada está afirmado aqui. Parecem ter sido duas específicas conseqüências sobrenaturais

daquela morte que abalou a Terra. Tampouco sabemos o que aconteceu com os santos que ressuscitaram. Quaisquer sugestões a esse respeito seriam pura especulação.

Quando o **centurião** (oficial encarregado de cem homens) viu as coisas que tinham acontecido, ele se atemorizou e disse: **Verdadeiramente, este era o Filho de Deus** (54). Não há um artigo definido no texto grego aqui. Essa frase pode ser traduzida como "um filho de Deus" (RSV) ou talvez "Filho de Deus" (Berkeley). Mas uma coisa deve ser dita sobre a tradução "o Filho de Deus" aqui. E. C. Colwell discutiu longamente o uso ou a omissão do artigo definido no texto grego do Novo Testamento.[45] Moule aparentemente concorda com ele.[46] A omissão do artigo definido não é uma evidência contrária à divindade de Jesus, ensinada tão claramente por todo o Novo Testamento. A omissão aqui apenas sugere que era improvável que um soldado romano pagão pudesse ter conhecimento suficiente para entender e afirmar a divindade de Jesus. Na narrativa de Lucas, o centurião diz: "Na verdade, este homem era justo".

3. *As Mulheres Presentes* (27.55-56)

Em um agudo contraste com as atitudes e os atos vis dos líderes judeus ao redor da cruz (41-43) estão as reações do centurião (54) e destas mulheres. Com amorosa devoção, elas tinham seguido o Mestre desde a Galiléia, **para o servir** (*diakonousai;* 55). Carr chama isso de "O início do ministério das mulheres – o diaconato feminino – na igreja cristã".[47] Os homens tinham fugido amedrontados (26.56). Foram as mulheres que ficaram diante da Cruz. Que consolo isto deve ter sido para Cristo!

Maria Madalena (56) é mencionada aqui pela primeira vez neste Evangelho. O seu nome indica que ela vinha de Magdala, na costa ocidental do mar da Galiléia. Jesus tinha expulsado sete demônios dela (Lc 8.2), e ela estava cheia de gratidão a Ele. A sua profunda devoção fez com que ela fosse a primeira a estar no seu sepulcro vazio na manhã da Páscoa, e a primeira a ver Jesus depois da sua ressurreição (Jo 20.1-18). Sabe-se muito pouco sobre a outra **Maria. ... a mãe dos filhos de Zebedeu** provavelmente se chamava Salomé (cf. Mc 15.40).

4. *O Sepultamento* (27.57-61)

Vinda já a tarde (57) – o final da tarde, antes do pôr-do-sol, quando começaria o sábado sagrado – José de Arimatéia realizou o sepultamento do corpo de Jesus. Entre os judeus se considerava uma coisa horrível para o corpo de um amigo ou companheiro judeu permanecer sem ser sepultado. O Livro apócrifo de Tobias enfatiza fortemente este fato.

José aqui é chamado de **discípulo de Jesus**. Esta parece ser a primeira vez em que ele se apresenta abertamente a favor de Cristo. Foi preciso ter coragem para ir até Pilatos e pedir o corpo de Jesus. Mas José o fez, e o seu pedido foi atendido.

Não havia tempo para qualquer tratamento demorado do corpo. Ele simplesmente **envolveu-o num fino e limpo lençol, e o pôs no seu sepulcro novo, que havia aberto em rocha** (59-60). Ele rolou uma grande pedra para a porta do sepulcro e se foi. As duas Marias estavam vigiando atentamente o lugar onde o Senhor foi colocado (61).

5. *A Colocação da Guarda* (27.62-66)

Embora os quatro Evangelhos registrem o sepultamento de Jesus, somente o de Mateus fala da colocação da guarda. Isso aconteceu no **dia seguinte** (62), no sábado. **Os**

príncipes dos sacerdotes (os saduceus) **e os fariseus** (representando o Sinédrio) vieram até Pilatos. Eles tinham ouvido falar da predição de Jesus, de que ressuscitaria no terceiro dia. Eles não queriam arriscar. Pediram que uma guarda fosse colocada diante do sepulcro, para que os discípulos não viessem e roubassem o corpo, e então afirmassem que Ele tinha ressuscitado. A última frase do versículo 64 é assim explicada por M'Neile: " 'O último erro' seria a crença na ressurreição de Jesus; o 'primeiro', a crença de que Ele era o Messias".[48]

Pilatos respondeu: **Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes** (65). O termo **guarda** aqui é *koustodian* ("custódia"). Talvez o verbo *ter* devesse ser tratado como um imperativo, ao invés de um indicativo (a mesma forma em grego, na segunda pessoa do plural). Lenski faz a seguinte tradução: "Usem a guarda!".[49] Provavelmente Pilatos estivesse irritado e tenha falado rispidamente. Estes homens o haviam encurralado e ele estava sem dúvida desgostoso pelos seus pedidos de favores adicionais. Mas ele evidentemente lhes deu um pequeno grupo de soldados para que montassem uma guarda oficial no sepulcro (66).

SEÇÃO XII

A RESSURREIÇÃO

Mateus 28.1-20

Mateus menciona duas aparições pós-ressurreição de Jesus. A primeira foi para as mulheres no dia em que Ele ressuscitou. A segunda foi para os onze apóstolos, em um monte da Galiléia. Marcos não fala de nenhuma aparição nos oito primeiros versículos do capítulo 16, mas nos últimos doze versículos menciona várias.[1] Lucas fala de três, além de fazer uma referência a uma quarta (a Simão Pedro). Ele descreve as aparições para os dois discípulos na estrada para Emaús, o encontro no cenáculo em Jerusalém no primeiro domingo à noite, e a aparição final, na Ascensão. João menciona a primeira aparição – para Maria Madalena –, as visitas aos discípulos nos dois primeiros domingos após a ressurreição, em Jerusalém, e a aparição no lago da Galiléia (um total de quatro).

A. O Dia da Ressurreição, 28.1-15

1. *As Mulheres no Sepulcro* (28.1-10)

No fim do sábado (1) significa "depois do sábado".[2] **Quando já despontava o primeiro dia da semana** demonstra que já era a manhã de domingo. **Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro**. É provável que esta seja a mesma visita descrita em João 20.1, onde somente Maria Madalena é mencionada. As duas mulheres foram contar a novidade para os discípulos (Pedro e João, no quarto Evangelho) e talvez a outra Maria não tenha voltado para o sepulcro até mais tarde, depois que Maria Madalena já tinha visto o Senhor ressuscitado.

Somente Mateus fala do **terremoto**, quando um anjo veio e **removeu a pedra** (2), e somente ele descreve a aparência do anjo (3) e o medo dos **guardas**, ou "guardiões" (4).

As palavras do anjo (5-7) são bastante semelhantes nos textos de Mateus e de Marcos (16.6-7). Em ambos, as mulheres recebem a ordem de ir dizer aos discípulos que Jesus se encontrará com eles na Galiléia (7). Ambos mencionam a mescla de sentimentos das mulheres, quando saíram do sepulcro vazio (8).

Somente Mateus relata a aparição de Jesus a essas mulheres, quando elas estavam indo contar a novidade aos discípulos (9). Ele as saudou com as palavras: **Eu vos saúdo**. Em grego, esta é uma única palavra, *chairete*, que literalmente significa "alegrem-se, fiquem contentes". Lenski diz: "O verbo *chairein* é usado para expressar todas as formas de saudação, e normalmente transmite um desejo de felicidade e de bem-estar".[3] Para esta passagem, Arndt e Gingrich sugerem "bom dia".[4] As duas mulheres caíram aos seus pés e **o adoraram** como o seu Senhor ressuscitado e vivo.

Como o anjo tinha dito às mulheres que não tivessem medo (5), assim também Jesus lhes disse: **Não temais** (10). Isto significa literalmente: "Parem de ter medo!" Então Ele repetiu as instruções do anjo, de que elas deveriam dizer aos discípulos que fossem para o norte, para a Galiléia, onde os encontraria. Mas tudo indica que permaneceram em Jerusalém durante uma semana, antes de partirem para a Galiléia (cf. Jo 20.28).

Sob o título "A mensagem do Sepulcro Vazio", podemos considerar: 1) o mistério do sepulcro vazio – **Ele não está aqui**; 2) o milagre do sepulcro vazio – **Ele ressuscitou**; 3) o significado do sepulcro vazio – *a*) um sacrifício aceito, Rm 4.25; *b*) uma presença permanente, Jo 20.16; *c*) um julgamento marcado, At 17.31.

2. *O Suborno dos Guardas* (28.11-15)

Como Mateus é o único que fala da colocação da guarda (27.62-66), é natural que ele seja o único a mencionar os guardas no versículo 4, e a relatar este incidente.

Depois que as duas mulheres deixaram o sepulcro, alguns **da guarda** ("os que vigiavam") foram à cidade para contar aos **príncipes dos sacerdotes** sobre o anjo, o terremoto e o fato de que o corpo de Jesus tinha desaparecido (11). Os príncipes dos sacerdotes convocaram os **anciãos** (12) para uma rápida reunião no Sinédrio, a fim de deliberar o que iriam fazer. A decisão foi a de dar **muito dinheiro** ("muitas moedas de prata") aos soldados, instruindo-os a dizer que os discípulos de Cristo haviam roubado o seu corpo durante a noite, enquanto os soldados estavam dormindo (13). Já que se uma sentinela dormisse no seu posto estaria cometendo um crime e seria punida com a morte, os príncipes dos sacerdotes prometeram que, se o governador descobrisse, **nós o persuadiremos e vos poremos em segurança** (14). Carr cita exemplos para mostrar que ambos os verbos tinham um uso técnico naquela época, significando "persuadir (por meio de suborno)", e a expressão **vos poremos em segurança** está relacionada ao "suborno judicial". Este é um triste comentário sobre a moral daqueles dias.

O objetivo de Mateus ao inserir este parágrafo foi obviamente neutralizar a falsa história sobre o roubo do corpo de Jesus. A história foi divulgada **entre os judeus, até ao dia de hoje** (15) – isto é, a época em que este Evangelho foi escrito.

B. A GRANDE COMISSÃO, 28.16-20

Obedecendo à ordem de Cristo, **os onze discípulos** seguiram para o norte, para a Galiléia, até o **monte** onde Jesus iria encontrá-los (16). Em nenhum ponto se menciona qual era esse monte. Quando eles viram Jesus, **o adoraram; mas alguns duvidaram** (17). Isto parece implicar que havia um grupo maior do que onze pessoas, e essa pode ter sido a mesma reunião em que o Cristo ressuscitado foi visto por "mais de quinhentos irmãos" ao mesmo tempo (1 Co 15.6).

A Grande Comissão é dada nos versículos 18-20. Blair a chama de "a passagem-chave deste Evangelho", e acrescenta: "Aqui se compreendem muitas das ênfases do livro".[5] Ele menciona a totalidade do poder de Jesus, "o seu caráter derivativo", a ordem de evangelizar o mundo todo, a natureza do discipulado, e a certeza da presença de Jesus".[6]

Poder (18) é *exousia,* ou seja, "autoridade". **Ensinai** no versículo 19 significa "fazer discípulos" – uma palavra que tem o sentido completamente diferente de **ensinar** no versículo 20. **Todos os dias** (20) significa literalmente que não importa quais sejam os dias que possamos ter – bons ou maus, alegres ou tristes – Jesus prometeu que Ele estaria conosco "todos os dias" – **até à consumação** da "era" (*aion*). Blair acertadamente observa: "A afirmação nos lábios de Jesus no final do Evangelho – 'É-me dado todo o poder no céu e na terra' – simplesmente abarca o impulso da história toda".[7]

Notas

INTRODUÇÃO

[1] Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 reimpressão), II, 556.

[2] Eusébio, *Ecclesiastical History*, trad. por C. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955 reimpressão.), III. 39 (p. 127).

[3] Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction*, trad. por Joseph Cunningham (Nova Iorque: Herder and Herder, 1958), p. 181.

[4] Eusébio, *op. cit.*, V. 8 (p. 187).

[5] *Ibid.*, VI. 25 (p. 245).

[6] *Ibid.*, III. 24 (p. 108).

[7] *Op. cit.*, p. 195.

[8] R. V. G. Tasker, *The Gospel According to St. Matthew* ("Tyndale New Testament Commentaries"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), p. 15.

[9] *Ibid.*, p. 14.

[10] Edgar J. Goodspeed, *Matthew, Apostle and Evangelist* (Filadélfia: John C. Winston Co., 1959), p. 77-98. O título do livro indica a sua tese.

[11] B. H. Streeter, *The Four Gospels* (ed. rev.; Londres: Macmillan and Co., 1930), p. 523-24.

[12] *Ibid.*, pp. 500-507.

[13] D. A. Hayes, *The Synoptic Gospels and the Book of Acts* (Nova Iorque: Methodist Book Concern, 1919), p. 90.

[14] *Op. cit.*, p. 150. Veja também G. D. Kilpatrick, *The Origins of the Gospel According to St. Matthew* (Oxford: Clarendon Press, 1946), p. 9.

[15] *Op. cit.*, p. 14.

[16] *Op. cit.*, p. 44.

SEÇÃO I

[1] Vincent Taylor, *The Names of Jesus* (Londres: Macmillan & Co., 1953), p. 24.

[2] G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (2ª ed; Edinburgh: T. & T. Clark, 1923), p. 90.

[3] *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 154.

[4] Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 reimpressão), II, 532.

[5] Alan H. M'Neile, *The Gospel According to St. Matthew* (Londres: Macmillan & Co., 1915), p. 4.

[6] R. V. G. Tasker, *The Gospel According to St. Matthew* ("The Tyndale New Testament Commentaries"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), p. 31-32.

[7] James Morison, *A Practical Commentary on the Gospel According to St. Matthew* (Londres: Hodder and Stoughton, 1899), p. 7-8.

[8] Alfred Plummer, *An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew* (Londres: Elliot Stock, 1909), p. 4.

[9] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 295.

[10] *Op. cit.*, p. 527.

[11] Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (8ª ed., Nova Iorque: Longmans, Green, and Co., 1903), I, 150.

[12] *Op. cit.*, p. 7.

[13] *Op. cit.*, p. 5.

[14] *Op. cit.*, p. 9.

[15] O método atual de datar os acontecimentos d.C. (depois de Cristo, em latim *A. D.*, ou seja, *Anno Domini*, "no ano de nosso Senhor") foi introduzido por Dionísio, o Pequeno, em aproximadamente 530 d.C., e tornou-se de uso geral durante o reinado de Carlos Magno (768-814). Dionísio definiu o nascimento de Jesus em 25 de dezembro de 754 A.U.C. (*Anno urbis conditate*: "no ano da fundação da cidade de Roma"). Mas Edersheim calculou que Cristo nasceu em 749 A.U.C. (correspondendo a 5 a.C. no calendário de Dionísio), e os estudiosos concordam que o cálculo de Edersheim está substancialmente correto. Desta forma, o erro de Dionísio é o responsável pela fixação da data do nascimento de Jesus entre 6 e 4 a.C. (Edersheim, *op. cit.*, I, 187, 212-13).

[16] Homer A. Kent, Jr., "Matthew", *Wycliffe Bible Commentary*, ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 932.

[17] *Ibid.*

[18] Basil F. C. Atkinson, "Gospel According to Matthew", *New Bible Commentary* (2ª ed., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 775.

[19] F. W. Beare, *The Earliest Records of Jesus* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1962), p. 31.

[20] *Ibid.*, p. 32.

[21] Floyd V. Filson, *A Commentary on the Gospel According to St. Matthew* ("Harper's New Testament Commentaries"; Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960), p. 58.

[22] Plummer, *op. cit.*, p. 14.

[23] *Ibid.*, p. 13-14.

[24] William Barclay, *The Gospel of Matthew*, I (2ª ed.; "The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1958), pp. 22-24.

[25] *Ibid.*, p. 24.

[26] John M. Gibson, *The Gospel of St. Matthew* ("The Expositor's Bible"; Nova Iorque: A. C. Armstrong & Son, s.d.), p. 20.

[27] *Op. cit.*, p. 17.

[28] Frederick C. Grant, "Matthew", *Nelson's Bible Commentary* (Nova Iorque; Thomas Nelson & Sons, 1962), VI, 32.

[29] Josefo, *Antiquities* XVII, 6. 5.

[30] *Ibid.*, XVII, 9. 3; *War*, II, 6. 2.

[31] F. W. Green, *The Gospel According to Saint Matthew* ("The Clarendon Bible"; Oxford: Clarendon Press, 1936), p. 112-13.

[32] *Op. cit.*, p. 25.

[33] *Ibid.* (itálico omitido).

[34] H. A. W. Meyer, *Critical and Exegetical Handbook to the Gospel of Matthew* (Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1884), p. 70.

[35] John Peter Lange, "Matthew", *Commentary on the Holy Scriptures*, ed. J. P. Lange (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 64.

[36] E. H. Plumptre, "Matthew", *Commentary on the Whole Bible*, ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 9.

[37] G. H. Box, "Nazarene", *Dictionary of Christ and the Gospels*, ed. James Hastings (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1908), II, 236.

[38] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 246.

[39] "Wilderness", *Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George A. Buttrick *et al.* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1962), IV, 844.

[40] "Wilderness, Desert", *Dictionary of the Bible*, ed. James Hastings (ed. rev.; Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1963), p. 1037.

[41] F. F. Bruce, *Second Thoughts on the Dead Sea Scrolls* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956), p. 129.

[42] *Ibid.*, p. 130.

[43] W. L. Chamberlain, *The Meaning of Repentance* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943), p. 22.

[44] Theodore H. Robinson, *The Gospel of Matthew* ("Moffatt's New Testament Commentary"; Nova Iorque: Harper and Brothers, 1927 prefácio), p. 14.

[45] Joseph H. Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova Iorque: American Book Company, 1889), p. 406.

[46] Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Matthew and Mark* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949), p. 22.

[47] A. B. Bruce, "The Synoptic Gospels", *Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.), I, 80.

[48] *Op. cit.*, p. 134.

[49] *Ibid.*

[50] *Ibid.*

[51] *Op. cit.*, p. 29.

[52] George E. Ladd, *The Gospel of the Kingdom* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), p. 19.

[53] Gosta Lundstrom, *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus*, trad. por Joan Bulman (Richmond, Va.: John Knox Press, 1963), p. 238.

[54] Halford E. Luccock, "The Gospel According to Mark" (Exposição), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick *et al.*, VII (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), 649.

[55] *The Biblical Illustrator: St. Mark*, ed. Joseph S. Exell (Grand Rapids: Baker Book House reimpressão), p. 8.

[56] *Antiquities* XVIII, 5. 2.

[57] Matthew Black, "Pharisees", IDB, III, 776.

[58] *Antiquities* XVII, 2. 4.

[59] A. C. Sundberg, "Sadducees", IDB, IV, 160.

[60] *Antiquities* XIII, 10. 6.

[61] Veja *Antiquities* XVIII, 1. 3-4.

[62] Veja os comentários sobre Atos 23.8.

[63] Trinta vezes em Mateus, doze em Marcos, vinte e oito em Lucas, vinte em João, nove em Atos e uma vez em Filipenses (3.5).

[64] Sete vezes em Mateus, uma vez em Marcos, uma vez em Lucas, cinco vezes em Atos.

[65] *Ant.*, XVIII, 1. 4.

[66] *Op. cit.*, p. 34.

[67] George Adam Smith, *Historical Geography of the Holy Land* (20ª ed.; Londres: Hodder & Stoughton, s.d.), p. 317.

[68] Pode tratar-se de um jogo de palavras em hebraico, entre "filhos" (*banim*) e "pedras" (*ebhanim*).

[69] Abbott-Smith (p. 383) dá "junto a" como um significado de *pros* com o acusativo.

[70] Sherman Johnson, "Matthew" (Exegese), IB, VII, 265.

[71] Henry Alford, *The Greek Testament*, rev. Everett Harrison (Chicago: Moody Press, 1958), I, 23.

[72] *Ibid.*

[73] Philip A. Micklem, *St. Matthew* ("Westminster Commentaries"; Londres: Methuen & Co., 1917), p. 15-16.

[74] David Brown, "Matthew-John", *A Commentary... on the Old and new Testaments*, de Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948, reimpressão), V, 12.

[75] *Ibid.*

[76] G. Campbell Morgan, *The Gospel According to Matthew* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1929), p. 23.

[77] J. C. Ryle, *Expository Thoughts on the Gospels: Matthew-Mark* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 19-20.

[78] A. E. Airhart, "The Baptism with the Holy Spirit", *Preacher's Magazine*, XXXVIII (Maio de 1963), 14.

[79] Madeleine S. Miller e J. Lane Miller, *Encyclopedia of Bible Life* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1944), p. 19.

[80] *The Crises of the Christ* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1903), p. 120.

[81] Suzanne de Dietrich, "The Gospel According to Matthew", trad. por Donald G. Miller, *The Laymen's Bible Commentary*, XVI (Richmond, Va.: John Knox Press, 1961), 23.

[82] M. F. Sadler, *The Gospel According to St. Matthew* (3ª ed., Nova Iorque: James Pott & Co., 1887), p. 35.

[83] Charles R. Erdman, *The Gospel of Matthew* (Filadélfia: Westminster Press, 1920), p. 37.

[84] *Op. cit.*, p. 87.

[85] *Op. cit.*, p. 77.

[86] G. A. McLaughlin, *Commentary on the Gospel According to Saint Matthew* (Chicago: Christian Witness Co., 1909), p. 40.

[87] *Ibid.*

[88] John A. Broadus, *Commentary on the Gospel of Matthew* ("An American Commentary on the New Testament"; Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1886), p. 62.

[89] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 351.

[90] *Op. cit.*, p. 646.

[91] *Op. cit.*, p. 37.

[92] Ou, "Como você é o Filho de Deus".

[93] Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, "St. Matthew" (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 reimpressão), p. 78.

[94] *Crises of the Christ*, p. 168.

[95] *Ibid.*, p. 175.

[96] "Matthew" (Exposição), IB, VII, 277.

[97] K. Stendahl, "Matthew", *Peake's Commentary on the Bible*, ed. Matthew Black e H. H. Rowley (Londres: Thomas Nelson and Sons, 1962), p. 774.

SEÇÃO II

[1] Martin H. Franzmann, *Follow Me: Discipleship According to Saint Matthew* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1961), p. 34.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*

[4] Harvey McArthur, *Understanding the Sermon on the Mount* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960), c. 4.

[5] *Ibid.*, p. 106.

[6] *Ibid.*, p. 105.

[7] *Ibid.*, c. 5.

[8] R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel* (Columbus, O.: Wartburg Press, 1943), p. 183.

[9] John Wick Bowman e Roland W. Tapp, *The Gospel from the Mount* (Filadélfia: Westminster Press, 1957), p. 29.

[10] Archibald M. Hunter, *A Pattern for Life* (Filadélfia: Westminster Press, s.d. Edição Britânica, 1953), p. 30.

[11] *Op. cit.*, p. 487.

[12] William Fitch, *The Beatitudes of Jesus* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), p. 24.

[13] *Ibid.*

[14] Martin Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount*, (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959) p. 58.

[15] Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947, reimpressão), p. 152.

[16] *Ibid.*

[17] *Op. cit.*, p. 49.

[18] *Ibid.*, p. 66.

[19] *Op. cit.*, p. 27.

[20] *Ibid.*, pp. 35-36.

[21] *Op. cit.*, p. 72.

[22] D. D. Whedon, *Commentary on the Gospels: Matthew-Mark* (Nova Iorque: Hunt & Eaton, 1860), p. 73.

[23] *Op. cit.*, p. 50.

[24] *Op. cit.*, p. 42.

[25] *Op. cit.*, pp. 124-25.

[26] *Op. cit.*, I, 207.

[27] Por alguma razão desconhecida, os tradutores da versão KJV em inglês mudaram estas palavras para "havia sido dito" nos versículos 31, 33, 38 e 43. O termo grego é exatamente o mesmo em todos os casos – *errethe*, "foi dito".

28 Edward P. Blair, *Jesus in the Gospel of Matthew* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1960), p. 46.

[29] Vincent Taylor, *The Person of Christ in New Testament Teaching* (Londres: Macmillan & Co., 1958), p. 166.

[30] A expressão "Sem motivo", que consta em algumas versões, não consta nos dois manuscritos gregos mais antigos, e pode ser omitida.

[31] A. Carr, *The Gospel According to St. Matthew* ("Cambridge Greek Testament"; Cambridge: University Press, 1886), p. 120.

[32] *Op. cit.*, p. 741.

[33] J. B. Lightfoot, *Notes on the Epistles of St. Paul* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 reimpressão.), p. 288.

[34] William F. Beck, *The New Testament in the Language of Today* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1963), p. 8.

[35] James Hope Moulton e George Milligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), p. 576.

[36] John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, 5 vols. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1860), I, 180.

[37] O termo grego para "capa" significa uma roupa que vai por baixo de outra, enquanto que "manto" significa uma roupa externa. Os equivalentes modernos seriam "camisa" e "casaco".

[38] Harvie Branscomb, *The Teachings of Jesus* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1931), p. 186.

[39] Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., s.d.), V, 66.

[40] *Op. cit.*, p. 91.

[41] John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1941 reimpressão), p. 35.

[42] Emil G. Kraeling, *The Clarified New Testament* (Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1962), I, 133.

[43] Nesta tradução do Novo Testamento, publicada em 1775, ele fez 12.000 mudanças a partir da versão KJV. Em mais de 6.500 delas, o *Novo Testamento* de John Wesley concorda com a Revised Standard Version (1946) contra a King James Version (1611). Cerca de 430 destas indicam que ele estava usando um texto grego melhor do que o chamado Textus Receptus, no qual a King James Version foi baseada.

[44] Adolf Deissman, *Bible Studies*, trad. por A. Grieve (Edinburgh: T. & T. Clark, 1901), p. 229, escreve: "As palavras *eles têm o seu galardão* (ou *já receberam o seu galardão)* no Sermão do Monte, quando consideradas à luz do acima citado – os papiros –, adquirem um significado irônico mais pungente – *eles podem assinar o recibo de seu galardão:* o direito de receberem o seu galardão está cumprido, precisamente como se já tivessem dado um recibo por ele".

[45] *Op. cit.*, p. 21.

[46] Matthew Black, *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts* (2ª ed.; Oxford: Clarendon Press, 1954), p. 102, mostra que a mesma palavra aramaica significa "dívida" e "pecado". Ele diz: "O pecado foi considerado em termos de uma dívida". Isto é, algo é devido a Deus.

[47] *Op. cit.*, p. 92.

[48] Arthur W. Pink, *An Exposition of the Sermon on the Mount* (Grand Rapids: Baker Book House, 1951), p. 173.

[49] Veja Matthew Black, *The Scrolls and Christian Origins* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1961), pp. 154-56.

[50] *Op. cit.*, p. 100.

[51] *Op. cit.*, p. 199.

[52] *Op. cit.*, p. 253.

[53] George A. Buttrick, "Matthew" (Exposição), IB, VII, 325.

[54] *Op. cit.*, p. 143.

[55] *Studies on the Sermon on the Mount* (Cincinnati: God's Revivalist Press, 1915), p. 84.

[56] E. Stanley Jones, *The Christ of the Mount* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1931), p. 250.

[57] A. Marcus Ward, *The Gospel According to St. Matthew* ("Epworth Preacher's Commentaries"; Londres: Epworth Press, 1961), p. 50.

SEÇÃO III

[1] C. S. Lewis, *Miracles* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1947), p. 15.

[2] *Ibid.*, p. 131.

[3] Lucas a apresenta em uma ligação com outro fato (Lc 13.28-29).

[4] *Op. cit.*, p. 121.

[5] *Ibid.*, p. 122.

[6] *Op. cit.*, p. 112.

[7] *The Names of Jesus*, p. 25.

[8] William Manson, *Jesus the Messiah* (Filadélfia: Westminster Press, 1946), p. 141.

[9] Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (ed. rev.; Nova Iorque: Macmillan Co., 1959), pp. 48-49.

[10] *Notes on the Miracles*, pp. 133-34.

[11] J. R. Dummelow (ed.), *A Commentary on the Holy Bible* (Londres: Macmillan and Co., 1909), p. 656.

[12] Henry Offermann, "The Gospel According to Matthew", *New Testament Commentary*, ed. H. C. Alleman (ed. rev.; Filadélfia: Muhlenberg Press, 1944), p. 183.

[13] *Op. cit.*, p. 49.

[14] B. J. Bamberger, "Tax Collector", IDB, IV, 522.

[15] Veja Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56.

[16] "Chefe" é identificado em Marcos e em Lucas (8.41) como sendo um príncipe ou principal da sinagoga, encarregado dos serviços da sinagoga.

[17] *Op. cit.*, p. 123.

[18] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 148.

SEÇÃO IV

[1] Thayer, *op. cit.*, p. 387.

[2] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 414.

A. F. Walls, "Apostle", *New Bible Dictionary*, ed. J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962), p. 48.

[4]

MATEUS	MARCOS	LUCAS	ATOS
Pedro	*Pedro*	*Pedro*	*Pedro*
André	Tiago	André	João
Tiago	João	Tiago	Tiago
João	André	João	André
Filipe	*Filipe*	*Filipe*	*Filipe*
Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
Mateus	Tomé	Tomé	Mateus
Tiago (de Alfeu)	*Tiago* (de Alfeu)	*Tiago* (de Alfeu)	*Tiago* (de Alfeu)
Tadeu	Tadeu	Simão (*) (o cananeu)	Simão (o cananeu)
Simão (*) (o cananeu)	Simão (o cananeu)	Judas (de Tiago)	Judas (de Tiago)
Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	

(*) Simão, "o cananeu", também pode ser identificado como Simão, "o zelote".

[5] W. C. Allen, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew* ("International Critical Commentary"; Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907), p. 35.

[6] *Op. cit.*, p. 106.

[7] *Ibid.*, p. 107.

[8] Cf. Josefo *War* IV. 3. 9. Veja também W. R. Farmer, *Maccabees, Zealots and Josephus* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1956), p. 124, n. 86, onde o autor indica que o sentido mais geral de "zelote" é "nacionalista extremista".

[9] Veja também Mc 6.8-11; Lc 9.2-5.

[10] *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.), I, 118.

[11] Rudolf Stier, *The Words of the Lord Jesus* (Nova Iorque: N. Tibbals, 1864), I, 170.

[12] EGT, I, 160.

[13] Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, trad. por L. R. M. Strachan (Nova Iorque: George H. Doran Co., 1927), p. 109.

[14] *Ibid.*

[15] *Op. cit.*, p. 108.

[16] A forma Beelzebub vem do latim. Os manuscritos gregos apresentam Beelzeboul ou Beezeboul.

[17] T. H. Gaster, "Beelzebul", IDB, I, 374.

[18] J. Newton Davies, "Matthew", *Abingdon Bible Commentary*, ed. F. C. Eiselen, *et al.* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 972.

[19] Notáveis exceções desse ponto de vista são A. B. Bruce (EGT) e Carr (CGT). O último julga que esta referência pode ser a Deus ou a Satanás. Allen (ICC) diz que esta referência é a Deus. Sherman Johnson (IB) diz: "Provavelmente a Deus".

[20] *Op. cit.*, p. 108.

[21] E também está registrado em Mc 8.35; Lc 9.34; 17.33; Jo 12.25.

[22] *Op. cit.*, p. 134.

[23] *Op. cit.*, p. 972.

[24] P. P. Levertoff e H. L. Goudge, "The Gospel According to St. Matthew", *A New Commentary on Holy Scripture*, ed. Charles Gore, H. L. Goudge e Alfred Guillaume (Nova Iorque: Macmillan Co., 1928), p. 153 (NT).

[25] *Op. cit.*, I, 417.

SEÇÃO V

[1] *Op. cit.*, p. 427.

[2] EGT, I, 172.

[3] O adjetivo está no grau comparativo, *mikroteros*. Mas no grego *coinê* o comparativo era freqüentemente usado como superlativo. Este é o uso comum no Novo Testamento.

[4] Oscar Cullmann, "Significance of Qumran Texts", *Journal of Biblical Literature*, LXXIV (1955), 219.

[5] EGT, I, 172.

[6] *Op. cit.*, p. 101.

[7] A opinião alternativa, de que o Reino sofre violência dos seus inimigos, não se encaixa tão bem aqui.

[8] *Op. cit.*, p. 437.

[9] *Ibid.*

[10] *Op. cit.*, p. 113.

[11] G. E. P. Cox, "The Gospel According to St. Matthew", *The Twentieth Century Bible Commentary*, ed. G. H. Davies, *et al.* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1955), p. 393.

[12] *Op. cit.*, p. 276.

[13] *Ibid.*, p. 767.

[14] *Ibid.*, p. 796.

[15] *Op. cit.*, p. 174.

[16] *Op. cit.*, p. 37.

[17] Literalmente, "pães do anúncio". O nome hebraico era "pão da presença". Doze pães frescos eram colocados na mesa dourada no Lugar Santo todos os sábados, para simbolizar a presença de Deus no meio do seu povo, as doze tribos de Israel.

[18] O melhor texto grego tem a forma neutra do adjetivo ao invés do masculino ("algo maior", KJV). "O neutro dá a idéia de grandeza indefinida" (Carr, *op. cit.*, p. 178).

[19] Para mais comentários sobre este episódio, veja Mc 2.23-28; também Lc 6.1-5.

[20] *Op. cit.*, pp. 220-21.

[21] *Op. cit.*, p. 171.

[22] Arndt e Gingrich (p. 785) explicam que se trata de um latinismo, que significa "fazer um plano, decidir, consultar, tramar".

[23] *Op. cit.*, p. 179.

[24] *Op. cit.*, p. 202.

[25] *Op. cit.*, p. 179.

[26] *Op. cit.*, p. 127.

[27] Sobre isto paira uma estranha história. A primeira edição da Versão King James (1611) omitiu, corretamente, o advérbio "não". Assim também fizeram quatro edições posteriores. Então o "não" começou a ser introduzido em algumas edições, e finalmente se estabeleceu em 1769. Veja Morison, *op. cit.*, pp. 204-5.

[28] Para a forma apropriada desta palavra, veja as notas sobre 10.25.

[29] Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 108.

[30] *Ibid.*, p. 761.

[31] *Op. cit.*, p. 64.

[32] *Op. cit.*, p. 211 (itálicos removidos).

[33] *Ibid.*, p. 212.

[34] *Ibid.*

[35] *Op. cit.*, p. 104.

[36] Carr, *op. cit.*, p. 183.

[37] William Neil, *Harper's Bible Commentary* (Nova Iorque: Harper & Row, 1962), p. 342.

[38] *Op. cit.*, p. 247.

SEÇÃO VI

[1] *Op. cit.*, p. 617.

[2] C. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Londres: Nisbet & Co., 1936), p. 16.

[3] George A. Buttrick, *The Parables of Jesus* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928), p. xiii.

[4] Crisóstomo, "Homilies on the Gospel of Saint Matthew", *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, ed. Philip Schaff (Nova Iorque: Christian Literature Co., 1888), X, 292.

[5] *Op. cit.*, p. 186.

[6] *Ibid.*

7 Veja também Marcos 4.1-9; Lucas 8.4-8.

[8] *Op. cit.*, pp. 186-87.

[9] *Op. cit.*, pp. 191-92.

[10] James Hope Moulton, *A Grammar of New Testament Greek:* Vol. III, "Sintaxe", de Nigel Turner (Edinburgo: T. & T. Clark, 1963), p. 102.

[11] IB, VII, 697.

[12] Joachim Jeremias, *The Parables of Jesus*, trad. por S. H. Hooke (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1955), p. 156.

[13] A. M. Hunter, *Interpreting the Parables of Jesus* (Naperville, Ill.: SCM Book Club, 1960), p. 46.

[14] Carr, *op. cit.*, p. 192.

[15] Notavelmente, "Isaías o profeta" é a leitura do Códex Sinaíticus (século IV) e de alguns bons manuscritos. Não é impossível que o salmista tenha citado um discurso de Isaías, uma expressão oral. Esta também pode ser uma variação por parte do escriba do Códex Sinaíticus.

SEÇÃO VII

[1] Veja também Mc 6.14-29; Lc 3.19-20; 9.7-9.

[2] A palavra grega não é *douloi*, uma palavra comum que significa "escravos", mas *paides,* que foi traduzida como "filhos" em 2.16, em algumas versões. Aqui ela se refere aos "servidores da corte" de Herodes (M'Neile, *op. cit.*, p. 208).

[3] *Ant.* XVIII. 5.1.

[4] *Op. cit.* p. 197.

[5] *Op. cit.,* p. 892.

[6] Registrado também em Mc 6.45-56 e em Jo 6.15-21, mas não em Lucas.

[7] *Op. cit.* p. 51.

[8] *Ibid.*, p. 606.

[9] *Op. cit.*, p. 200.

[10] Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 448.

[11] *Op. cit.* p. 220.

[12] Carr, *op. cit.,* p. 201.

[13] *War* III.10.8.

[14] *Op. cit.*, p. 202.

[15] *Ibid.*

[16] *Op. cit.*, p. 222.

[17] A lei não tinha nenhum requisito quanto a este ponto.

[18] *Op cit.*, p. 203.

[19] *Op. cit.*, p. 223.

[20] Montefiore, *The Synoptic Gospels*, I, 169.

[21] *Op. cit.,* p. 205.

[22] *Op. cit.,* p. 267.

[23] Leslie Weatherhead, *It Happened in Palestine* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1936), pp. 198-202.

[24] *Op. cit.*, p. 202.

[25] A citação completa nestes dois versículos (depois de "eles") foi omitida nos dois manuscritos gregos mais antigos, e colocada entre parêntesis em Nestle, Westcott e Hort, entretanto foram mantidas na versão RSV em inglês. Não temos certeza se esta é uma parte autêntica.

[26] A sua autenticidade também é discutida (veja a nota anterior).

[27] *Op. cit.* p. 238.

[28] *Op. cit.*, p. 210.

[29] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 359.

[30] *Op. cit.*, p. 241.

[31] Oscar Culmann, *Peter: Disciple-Apostle-Martyr*, trad. por Floyd V. Filson (Filadélfia: Westminster Press, 1953), p. 215.

[32] *Op.cit.*, p. 284. John Wesley escreve: "Esta frase significa o poder e a política de Satanás e seus instrumentos" (*op. cit.*, p. 81).

[33] A. T. Robertson. *Word Pictures in the New Testament* (Nova Iorque: Richard R. Smith, 1930), I, 135.

[34] *Op. cit.*, p. 243.

[35] Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (2ª ed. Nova Iorque, Macmillan Co., 1959), p. 77.

[36] *Op. cit.*, p. 214.

[37] *Ibid.*

[38] F. C. Grant, *Introduction to New Testament Thought* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1950), p. 162.

[39] *Op. cit.*, p. 248.

[40] *Op. cit.* p. 293.

[41] *The Crises of the Christ*, p. 216.

[42] *Ibid.*, p. 217.

[43] Por exemplo, Mt 5.17; 7.12; 11.13; 22.40; At 24.14; Rm 3.21. Cf. "Moses and the Prophets" – Lc 16.29, 31; 24.27; At 26.22.

[44] Veja as notas sobre 3.17.

[45] "*Entello* aponta, antes, para o conteúdo da ordem" (Abbott-Smith, *op. cit.* p. 156). Este relato só é encontrado em Mateus e Marcos (9.9-13).

[46] O mesmo verbo grego é usado na Septuaginta, em Malaquias 4.6 (LXX, 3.23). Em algumas versões em inglês, o termo utilizado é "mudará". Veja a importante previsão em Lucas 1.16-17.

[47] Registrada também em Marcos 9.14-29; Lucas 9.37-43.

[48] O melhor texto grego diz: "pouca fé" (cf. 6.30; 8.26; 14.31; 16.8).

[49] Lukyn Williams, entretanto, diz: "Parece que Jesus desejava que suas palavras fossem entendidas de forma literal" (*Pulpit Commentary*, "Matthew"), II, 178.

[50] IB, VII, 463.

[51] *Ibid.*, p. 464.

[52] *Ant.* XVI. 6.3.

[53] War VII. 6.6.

[54] Carr, *op. cit.,* p. 219.

[55] *Ibid.*

SEÇÃO VIII

[1] *Op. cit.*, p. 420.

[2] *Op. cit.*, p. 591.

[3] *Op. cit.*, p. 779.

[4] *Op. cit.*, II, 208.

[5] Robert Shank, *Jesus – His Story* (Springfield, Mo.: Westcott Publishers, 1962), p. 119.

[6] *Op. cit.*, II, 209.

[7] *Op. cit.*, p. 686.

[8] *Op. cit.*, II, 209.

[9] *Op. cit.,* p. 222.

[10] Embora nenhuma outra declaração seja feita na Bíblia Sagrada, o versículo 11 não consta dos manuscritos gregos mais antigos de Mateus e, portanto, foi omitida nesse ponto nas Versões Revisadas. Ela é autêntica em Lucas 19.10, da qual evidentemente foi transcrita aqui.

[11] Ryle, *op. cit.,* p. 223.

[12] Carr, *op. cit.,* p. 223.

[13] W. K. Lowther Clarke, *Concise Bible Commentary* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1953), p. 738.

[14] Carr, *op. cit.*, p. 224.

[15] IB, VII, 475.

SEÇÃO IX

[1] *Op. cit.*, p. 251, n. 1.

[2] Samuel J. Andrews, *The Life of Our Lord* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 reimpressão), p. 388.

[3] *Ibid.,* p. 388, n. 3.

[4] Cf. "testando-o" (ASV); "testaram-no" (RSV, NEB); "tentando-o" (RC); "o experimentavam" (RA/TB).

[5] Citado em M'Neile, *op. cit.,* p. 272.

[6] Stier, *op. cit.,* I. 352.

[7] O Novo Testamento não faz uma distinção técnica entre fornicação e adultério.

[8] Plummer, *op. cit.,* p. 261.

[9] EGT, I, 247.

[10] *Ibid.*

[11] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 486.

[12] *Op. cit.*, p. 228.

[13] *Ibid.*

[14] A palavra "bom" foi omitida no texto grego mais antigo.

[15] Filson, *op. cit.* p. 209.

[16] Gustaf Dalman, *The Words of Jesus,* trad. por D. M. Kay (Edinburgh: T. & T. Clark, 1909), p. 159.

[17] *Op. cit.*, p. 618.

[18] *Ibid.*

[19] *Op. cit.*, p. 442.

[20] *Op. cit.* p. 817.

[21] *Op. cit.*, p. 57.

[22] *Ibid.*

[23] *Op. cit,*, p. 232.

[24] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 335.

[25] Dalman, *op. cit.*, p. 177.

[26] *Op. cit.,* I, 365.

[27] *Op. cit.,* II, 252.

[28] *Ibid.*

[29] Eric F. Bishop, *Jesus of Palestine* (Londres: Lutterworth Press, 1955), p. 203.

[30] O final do versículo (na versão KJV em inglês) não foi encontrado nos dois manuscritos gregos mais antigos, embora seja autêntico em outras passagens e registros (22.14).

[31] *Op. cit.* p. 234.

[32] *Op. cit.* p. 138.

[33] *Ibid.*, pp. 138-39.

[34] *Op. cit.*, II, 281.

[35] A referência ao batismo nos versículos 22 e 23 não é encontrada nos manuscritos mais antigos, embora seja autêntica em Marcos 10.38-39, onde é encontrada a sua discussão.

[36] *Op. cit.*, p. 233.

[37] *Op. cit.,* I, 241.

[38] Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 4.

[39] *Ibid.*, p. 422.

[40] *Ibid.,* p. 483.

[41] LAE., p. 327.

[42] Moulton e Milligan, VGT, p. 56.

[43] Há outros episódios "duplos" anteriores em Mateus. Veja 8.28 e 9.27.

[44] O *Webster's Unabridged Dictionary* (2ª ed., p. 1788) define a "Semana da Paixão" da seguinte maneira: "Originariamente, a semana antes da Páscoa: Semana Santa; agora, habitualmente, a semana entre o domingo da Paixão e o domingo de Ramos". Estamos usando essa expressão com o seu sentido original.

Para um resumo dos acontecimentos dessa semana, veja o quadro relacionado aos comentários sobre Marcos 11.11.

[45] Gustaf Dalman, *Sacred Sites and Ways* (Londres: S.P.C.K., 1935), pp. 252-53.

[46] *War* II. 13.5; Ant. II. 8. 6.

[47] Muitas vezes os críticos zombaram do suposto quadro pintado por Mateus de Jesus montado, ao mesmo tempo, em dois animais. Mas isso implicaria um certo grau de estupidez do autor desse Evangelho, o que é negado pela nobreza de seu conteúdo. O texto grego do versículo 7 é um tanto duvidoso. Em Zacarias 9.9 o "jumento" e o "jumentinho" são o mesmo animal (um paralelismo poético hebraico). Os outros Evangelhos mencionam apenas um animal chamado "jumentinho" (Mc 11.2; Lc 19.30; Jo 12.14).

[48] Carr (*op. cit.* p. 242) diz: "'Aquele que vêm' era um reconhecido título messiânico". Mas M'Neile (*op. cit.*, p. 151) e Vincent Taylor (*Names of Jesus,* p. 79) negam essa afirmação. Esse último acredita que ela tenha se originado em João Batista.

[49] Carr, *op. cit.*, p. 241.

[50] *Op. cit.*, p. 287.

[51] George Salmon, *The Human Elements in the Gospels* (Nova Iorque: E. P. Dutton & Co., 1907), pp. 433-34.

[52] *Op. cit.*, I. 368.

[53] *Ibid.*, p. 371.

[54] *Ibid.* p. 372.

[55] *Ibid.*

[56] E. F. Scott, *The Crisis in the Life of Jesus: The Cleansing of the Temple and Its Significance* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1952), p. 101.

[57] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 344.

[58] R. C. Trench, *Notes on the Miracles of Our Lord* (Filadélfia: Wm. Syckelmoore, 1878), p. 346.

[59] *Ibid.*

[60] Para o significado de remover montanhas, veja as notas sobre 17.20.

[61] *Op. cit.*, p. 384.

[62] *Notes on the Parables*, p. 155.

[63] Arndt and Gingrich, *op. cit.*, p. 90.

[64] *Op. cit.*, p. 193.

[65] *Op. cit.*, p. 607.

[66] *Ant.* XVIII, 1. 2-5; *War* 8. 2-14. Josefo também escreve: "Mas da quarta seita da filosofia judaica, Judas, o Galileu, era o autor" (*Ant.* XVIII. 1. 6). Esta parece ser uma referência aos Zelotes.

[67] S. Sandmel está de acordo com esta opinião. "Herodians", IDB, II, 595.

[68] *Op. cit.*, p. 253.

[69] *Ibid.*

[70] Citado por A. M. Hunter, *Gospel According to Mark* (Londres: SCM press, 1948), p. 117.

[71] Lucas (20.35-38) explica com mais detalhes, e de acordo com o ensino de Paulo em Filipenses 3.11 e Romanos 14.8.

[72] *Op. cit.* I, p. 398.

[73] Thayer, *op. cit.*, p. 199.

[74] *Op. cit.* p. 255.

[75] Arndt e Gingrich, *op. cit.* p. 646.

[76] *Gospel According to Mark*, p. 283.

[77] *Op. cit.*, pp. 255-56.

[78] Op. cit. pp. 901-2.

[79] *Ibid.*, p. 901.

[80] Hermann Cremer, *Biblico-Theological Lexicon of New Testament Greek*, trad. por William Urwick (Edinburgh: T.& T. Clark, 1878), p. 11.

[81] *Op. cit.*, p. 3.

[82] Veja notas sobre 9.27; 15.22; 20.30.

[83] Ele foi citado cinco outras vezes no Novo Testamento (At 2.34; Hb 1.13; 5.6; 7.17, 21).

[84] *Op. cit.*, p. 424.

[85] *Op. cit.* p. 4.

[86] M'Neile, *op. cit.*, p. 331.

[87] O segundo "Rabi" nesse versículo não consta nos manuscritos mais antigos.

[88] Dalman, *Words of Jesus*, p. 331.

[89] Ibid., p. 332.

[90] O uso mais antigo da palavra inglesa "doutor" não foi para um médico, mas para um professor (*Oxford English Dictionary*, III, 570).

[91] Emil Schurer, *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ*, trad. para o inglês (Edinburgh: T. &. T., Clark, 1885), II. i. 317.

[92] A King James Version tem oito. Embora o versículo 14 tenha sido omitido nas Versões Revisadas com base nas evidências dos manuscritos mais antigos, o conteúdo é autêntico em Marcos 12.40 e Lucas 20.47. Veja as respectivas observações.

[93] *Op. cit.*, p. 332.

[94] *Op. cit.*, p. 461.

[95] *Op. cit.*, p. 333.

[96] M. H. Pope, "Proselyte", IDB, III, 925.

[97] *Ibid.* p. 930.

[98] IB, VII, 535.

[99] *Ibid.*, p. 536.

[100] Carr, *op. cit.*, p. 261.

[101] Edgar J. Goodspeed, *Problems of New Testament Translation* (Chicago: University of Chicago Press, 1945), p. 38.

[102] Essa palavra ocorre (no NT) apenas nesses dois versículos.

[103] Carr, *op. cit.*, p. 261.

[104] *Op. cit.*, p. 337.

[105] Em 2 Crônicas 24.20-22 o nome de seu pai consta como Joiada, e não Baraquias. Essa diferença ainda não foi resolvida. Mas "filho" às vezes pode significar "neto". Além disto, os homens da época da Bíblia também tinham, ocasionalmente, dois nomes.

SEÇÃO X

[1] Carr, *op. cit.*, p. 265.

[2] *Ant.* XV. 11.3.

[3] W. F. Stinespring, "Temple, Jerusalem", IDB, IV, 550.

[4] *War* VII. 1.1.

[5] LAE, p. 368.

[6] *Op. cit.*, p. 635.

[7] O substantivo é traduzido 21 vezes (na versão KJV em inglês) como "tribulação", e 17 vezes como "aflição", de um total de 45 ocorrências no Novo Testamento.

[8] *Op. cit.*, p. 137.

[9] Eusébio, *Ecclesiastical History*, trad. por C. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955), III, 5.

[10] EGT, I, 292.

[11] H. B. Swete, *The Gospel According to St. Mark* (Londres: Macmillan and Co., 1898), p. 289.

[12] *War*, Prefácio, 4.

[13] *Op. cit.*, p. 269.

[14] *War*, VI. 9.3.

[15] *Op. cit.*, p. 270.

[16] John Trapp, *Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958 [reimpressão]), p. 249.

[17] *Explanatory Notes*, p. 115.

[18] Também M'Neile, *op. cit.*, p. 351.

[19] *Op. cit.*, p. 426.

[20] *Ibid.*, p. 427.

[21] Plummer, *op. cit.*, p. 335.

[22] *Op. cit.*, p. 153.

[23] Esta complementação em Marcos (13.32) também é encontrada no texto de Mateus, e nos manuscritos gregos mais antigos.

[24] Thayer, *op. cit.*, p. 658.

[25] O melhor texto grego inverte "prudentes" e "loucas" (cf. RV).

[26] *Notes on the Parables*, p. 193.

[27] *Op. cit.*, II, 455.

[28] *Op. cit.*, p. 494.

[29] A palavra acrescentada "vem" não consta em alguns manuscritos antigos.

[30] Abbott-Smith, *op. cit.*, pp. 254-55.

[31] *Notes on the Parables*, p. 203.

[32] Cf. Carr (*op. cit.*, p. 277): "Foi a partir desta parábola que a palavra 'talento' passou às línguas modernas com o sentido de 'habilidades' ou 'dons mentais', embora pareça apropriado o significado de 'oportunidades' ou 'esferas de obrigação' ".

[33] Meyer, *op. cit.*, pp. 441-42.

[34] Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 565.

[35] *Op. cit.*, p. 279.

[36] *Ibid.*, p. 280.

[37] Tasker, *op. cit.*, p. 239.

SEÇÃO XI

[1] Veja F. Blass e A. Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. por Robert W. Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), p. 168 – "Quando se trata de profecias, isto é muito freqüente no Novo Testamento".

[2] Omitido nos primeiros manuscritos.

[3] *Op. cit.*, pp. 426-27.

[4] *Op. cit.*, p. 354.

[5] *Op. cit.*, p. 33.

[6] A palavra grega *kalos* significa "boa, bonita". Carr (*op. cit.*, p. 286) comenta: "O Senhor faz um elogio maior a este ato, do que a qualquer outro ato registrado no Novo Testamento".

[7] Registrado também em Mc 14.10-11; Lc 22.3-6.

[8] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 219.

[9] *Ant.* II. 15.1.

[10] Cf. Plummer, *op. cit.*, p. 357.

[11] *Op. cit.*, II, 480-82.

[12] Joachim Jeremias, *The Eucharistic Words of Jesus*, trad. por Arnold Ehrhardt (Nova Iorque: Macmillan Co., 1955), pp. 14-37.

[13] *Op. cit.*, p. 456.

[14] *Ibid.*, p. 471.

[15] Ethelbert Stauffer, *Jesus and His Story*, trad. por Richard e Clara Winston (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1959), p. 113.

[16] Massey H. Shepherd, Jr., "Are Both the Synoptics and John Correct About the Date of Jesus' Death?" *Journal of Biblical Literature*, LXXX (1961), 125.

[17] David Noel Freedman, "When Did Christ Die?", *Perspective*, III (1962), 257.

[18] *Op. cit.*, p. 289.

[19] Os manuscritos mais antigos omitem a palavra "novo".

[20] *Op. cit.*, II, 533.

[21] *Op. cit.*, p. 1033.

[22] *Op. cit.*, p. 120.

[23] *Op. cit.*, p. 290.

[24] M'Neile, *op. cit.*, pp. 402-3.

[25] Stauffer, *op. cit.*, p. 128.

[26] O problema da harmonização dos versículos 5-8 com Atos 1.18-19 será tratado em conexão com a última passagem.

[27] *Op. cit.*, I, 471.

[28] *Op. cit.*, pp. 130-131.

[29] *Op. cit.*, I, 270.

[30] *Op. cit.*, pp. 573-74.

[31] *Op. cit.*, p. 409.

[32] *Ibid.*, pp. 409-10.

[33] *Op. cit.*, p. 303.

[34] *Op. cit.*, p. 1090.

[35] Toyohiko Kagawa, *Behold the Man* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1941), p. 302.

[36] *War* II, 14.9; V. 11.1.

[37] *War* II, 14.8.

[38] *Ibid.*, I. i. 48.

[39] *Op. cit.*, p. 414.

[40] George Adam Smith, *Jerusalem* (Nova Iorque: A. C. Armstrong and Son, 1908), II, 574.

[41] IB, VII, 599-600.

[42] *Op. cit.*, p. 418.

[43] Quanto à diferença no relato de Lucas, veja os comentários sobre Lc 23.29-43.

[44] *Op. cit.*, 421.

[45] "Uma Regra Definida para o Uso do Artigo no Grego do Novo Testamento", *Journal of Biblical Literature*, LII (1933), 20.

[46] C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* (Cambridge: University Press, 1953), p. 116.

[47] *Op. cit.*, p. 312.

[48] *Op. cit.*, p. 428.

[49] *Op. cit.*, p. 1145.

SEÇÃO XII

[1] Para uma discussão sobre a relação deles com o Evangelho, veja as notas sobre esse aspecto, nos comentários sobre o texto de Marcos.

[2] Blass-Debrunner, *op. cit.*, p. 91 (164, 4).

[3] *Op. cit.*, p. 1157.

[4] *Op. cit.*, p. 882.

[5] Edward P. Blair, *Jesus in the Gospel of Matthew* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1960), p. 45.

[6] *Ibid.*, pp. 45-46.

[7] *Ibid.*, p. 46.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

ALFORD, Henry. *The Greek Testament.* Revisado por Everett Harrison. Chicago: Moody Press, 1958.

ALLEN, W. C. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* "International Critical Commentary". Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907.

ATKINSON, Basil F. C. "Gospel According to Matthew". *New Bible Commentary*, editado por F. Davidson. Segunda Edição. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.

BARCLAY, William. *The Gospel of Matthew*, Vol. I. Segunda Edição. "The Daily Study Bible". Filadélfia: Westminster Press, 1958.

BARNES, Albert. *Notes on the New Testament: Matthew and Mark.* Grand Rapids: Baker Book House, 1949.

BENGEL, John Albert. *Gnomon of the New Testament.* 5 volumes. Edinburgh: T. & T. Clark, 1860.

BROADUS, John A. *Commentary on the Gospel of Matthew.* "An American Commentary on the New Testament". Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1886.

BROWN, David. "Matthew-John", *A Commentary... on the Old and New Testaments*, Vol. V, por R. Jamieson, A. R. Fausset e David Brown. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 (reimpressão).

BRUCE, A. B. "The Synoptic Gospels". *Expositor's Greek Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.

BUTTRICK, George A. "Matthew" (Exposição). *Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VII. Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

CARR, A. *The Gospel According to St. Matthew.* "Cambridge Greek Testament". Cambridge: University Press, 1886.

CRISÓSTOMO. "Homilies on the Gospel of St. Matthew". *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church.* Editado por Philip Schaff. Nova Iorque: Christian Literature Co., 1888.

CLARKE, Adam. *The New Testament of our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. I. Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.

CLARKE, W. K. Lowther. *Concise Bible Commentary.* Nova Iorque: Macmillan Co., 1953.

COX, G. E. P. "The Gospel According to St. Matthew". *The Twentieth Century Bible Commentary.* Editado por G. H. Davies, *et al.* Nova Iorque: Harper & Brothers, 1955.

DAVIES, J. Newton. "Matthew". *Abingdon Bible Commentary.* Editado por F. C. Eiselen, *et al.* Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

DE DIETRICH, Suzanne. "The Gospel According to St. Matthew". Traduzido por Donald G. Miller, *The Layman's Bible Commentary*, Vol. XVI. Richmond: John Knox Press, 1961.

DUMMELOW, J. R. (ed.). *A Commentary on the Holy Bible.* Londres: Macmillan and Company, 1909.

ERDMAN, Charles R. *The Gospel of Matthew.* Filadélfia: Westminster Press, 1920.

FILSON, Floyd V. *A Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* "Harper's New Testament Commentaries". Nova Iorque. Harper & Brothers, 1960.

GIBSON, John M. *The Gospel of St. Matthew.* "The Expositor's Bible". Nova Iorque: A. C. Armstrong & Son, s.d.

GRANT, Fredrick C. "Matthew". *Nelson's Bible Commentary*, Vol. VI. Nova Iorque: Thomas Nelson & Sons, 1962.

GREEN, F. W. *The Gospel According to St. Matthew*. "The Clarendon Bible". Oxford: Clarendon Press, 1936.

HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, s.d.

JOHNSON, Sherman. "Matthew" (Exegese). *Interpreter's Bible*. Editado por George Buttrick, *et al.*, Vol. VII. Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

KENT, Homer A., JR. "Matthew". *Wycliffe Bible Commentary*. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

KRAELING, Emil G. *The Clarified New Testament*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company, 1962.

LANGE, John Peter. "Matthew". *Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. Matthew's Gospel*. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1943.

LEVERTOFF, P. P., e GOUDGE, H. L., "The Gospel According to St. Matthew". *A Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por Charles Gore, H. L. Goudge e Alfred Guillaume. Nova Iorque: Macmillan Co., 1928.

MACLAREN, Alexander. *Exposition of Holy Scripture*. "St. Matthew". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 (reimpressão).

MCLAUGHLIN, G. A. *Commentary on the Gospel According to St. Matthew*. Chicago: Christian Witness Co., 1909.

MEYER, H. A. W. *Critical and Exegetical Handbook to the Gospel of Matthew*. Nova Iorque: Funk & Wagnalls, 1884.

MICKLEM, Philip A. *St. Matthew*. "Westminster Commentaries". Londres: Methuen & Co., 1917.

M'NEILE, Alan H. *The Gospel According to St. Matthew*. Londres: Macmillan & Co., 1915.

MONTEFIORE, C. G. *The Synoptic Gospels*. 2 volumes. Londres: Macmillan & Co., 1909.

MORGAN, G. Campbell. *The Gospel According to Matthew*. Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1929.

MORISON, James. *A Practical Commentary on the Gospel According to St. Matthew*. Londres: Hodder & Stoughton, 1899.

NEIL, William. *Harper's Bible Commentary*. Nova Iorque: Harper & Row, 1962.

OFFERMANN, Henry. "The Gospel According to Matthew". *New Testament Commentary*. Editado por H. C. Alleman. Edição revisada. Filadélfia: Muhlenberg Press, 1944.

PLUMMER, Alfred. *An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew*. Londres: Elliot Stock, 1909.

PLUMPTRE, E. H. "Matthew". *Commentary on the Whole Bible*. Editado por C. J. Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

ROBINSON, Theodore H. *The Gospel of Matthew*. "Moffatt's New Testament Commentary". Nova Iorque: Harper and Brothers, 1927.

RYLE, J. C. *Expository Thoughts on the Gospels: Matthew-Mark*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

SADLER, M. F. *The Gospel According to St. Matthew*. Terceira Edição. Nova York: James Pott & Co., 1887.

STENDAHL, K. "Matthew". *Peake's Commentary on the Bible*. Editado por Matthew Black e H. H. Rowley. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1962.

TASKER, R. V. G. *The Gospel According to St. Matthew*. "Tyndale New Testament Commentaries". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.

TRAPP, John. *Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958 (reimpressão).

WARD, A. Marcus. *The Gospel According to St. Matthew*. "Epworth Preacher's Commentaries". Londres: Epworth Press, 1961.

WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1941 (reimpressão).

WHEDON, D. D. *Commentary on the Gospels: Matthew-Mark*. Nova Iorque: Hunt & Eaton, 1860.

WILLIAMS, A. Lukyn. "St. Matthew" (Exposição). *Pulpit Commentary*. Editado por Joseph S. Exell. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).

II. OUTROS LIVROS

ABBOTT-SMITH, G. A. *Manual Greek Lexicon of the New Testament*. Segunda Edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1923.

ANDREWS, Samuel J. *The Life of Our Lord*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 (reimpressão).

ARNDT, W. F. e GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

BLAIR, Edward P. *Jesus in the Gospel of Matthew*. Nova Iorque: Abingdon Press, 1960.

BONHOEFFER, Dietrich. *The Cost of Discipleship*. Edição Revisada. Nova Iorque: Macmillan Co., 1959.

BOWMAN, John Wick, e TAPP, Roland W. *The Gospel from the Mount*. Filadélfia: Westminster Press, 1957.

BRANSCOMB, Harvie. *The Teachings of Jesus*. Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1931.

BUTTRICK, George A. *The Parables of Jesus*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928.

CHAMBERS, Oswald. *Studies in the Sermon on the Mount*. Cincinnati: God's Revivalist Press, 1915.

DEISSMANN, Adolf. *Bible Studies*. Traduzido por A. Grieve. Edinburgh: T. & T. Clark, 1901.

_____. *Light from the Ancient East*. Traduzido por L. R. M. Strachan. Nova Iorque: George H. Doran Co., 1927.

DODD, C. H. *The Parables of the Kingdom*. Londres: Nisbet & Co., 1936.

EDERSHEIM, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*. Oitava edição. Nova Iorque: Longmans, Green and Co., 1903.

FARMER, W. R. *Maccabees, Zealots and Josepuhs*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1956.

FITCH, William. *The Beatitudes of Jesus*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.

FRANZMANN, Martin H. *Follow Me: Discipleship According to St. Matthew*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1961.

HAYES, D. A. *The Synoptic Gospels and the Book of Acts*. Nova Iorque: Methodist Book Concern, 1919.

HUNTER, A. M. *Gospel According to Mark*. Londres: S.C.M. Press, 1948.

_____. *Interpreting the Parables of Jesus*. Naperville, Ill.: S.C.M. Book Club, 1960.

_____. *A Pattern for Life*. Filadélfia: Westminster Press, s.d. (Edição Britânica, 1953).

JEREMIAS, Joachim. *The Eucharistic Words of Jesus*. Traduzido por Arnold Erhardt. Nova Iorque: Macmillan Co., 1955.

_____. *The Parables of Jesus*. Traduzido por S. H. Hooke. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1955.

JONES, E. Stanley. *The Christ of the Mount*. Nova Iorque: Abingdon Press, 1931.

JOSEPHUS, Flavius. *Works*. Traduzido por William Whiston. Filadélfia: Henry T. Coates & Co., s.d.

LADD, Greoge E. *The Gospel of the Kingdom*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

LIGHTFOOT, J. B. *Notes on the Epistles of St. Paul*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 (reimpressão).

LLOYD-JONES, Martin. *Studies in the Sermon on the Mount*. 2 Volumes. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

LUNDSTROM, Gosta. *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus*. Traduzido por Joan Bulman. Richmond: John Knox Press, 1963.

MANSON, William. *Jesus the Messiah*. Filadélfia: Westminster Press, 1946.

MCARTHUR, Harvey. *Understanding the Sermon on the Mount*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960.

MORGAN, G. Campbell. *The Crises of the Christ*. Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1903.

PINK, Arthur W. *An Exposition of the Sermon on the Mount*. Grand Rapids: Baker Book House, 1951.

ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, Vol I. Nova Iorque: Richard R. Smith, 1930.

SCHURER, Emil. *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ*, Vol. II. Tradução Inglesa. Edinburgh: T. & T. Clark, 1885.

SCOTT, E. F. *The Crisis in the life of Jesus: The Cleansing of the Temple and Its Significance*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1952.

SMITH, George Adam. *Historical Geography of the Holy Land*. Vigésima Edição. Londres: Hodder & Stroughton, s.d.

_____. *Jerusalem*. Nova Iorque: A. C. Armstrong & Son, 1908.

STAUFFER, Ethelbert. *Jesus and His Story*. Traduzido por Richard e Clara Winston. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1959.

STREETER, B. H. *The Four Gospels*. Edição Revisada. Londres: Macmillan & Co., 1930.

TAYLOR, Vincent. *The Names of Jesus*. Londres: Macmillan & Co., 1953.

_____. *The Person of Christ in New Testament Teaching*. Londres: Macmillan & Co., 1958.

TRENCH, Richard C. *Notes on the Miracles of Our Lord*. Filadélfia: Wm. Syckelmoore, 1878.

_____. *Synonyms of the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 (reimpressão).

_____. *Notes on the Parables of Our Lord*. Filadélfia: Wm. Syckelmoore, 1878.

WIKENHAUSER, Alfred. *New Testament Introduction*. Traduzido por Joseph Cunningham. Nova Iorque: Herder & Herder, 1958.

ZAHN, Thedor. *Introduction to the New Testament*. Traduzido por John M. Trout, *et al.* 3 volumes. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reimpressão).

O Evangelho Segundo
MARCOS

A. Elwood Sanner

Introdução

A. Origem

Embora o Evangelho de Marcos em si mesmo seja anônimo (os títulos dos quatro Evangelhos foram adicionados mais tarde), é praticamente certo que o autor foi João Marcos, um nativo de Jerusalém, primo de Barnabé, um associado íntimo de Pedro e, talvez, também de Paulo. Desde o início do século II, o nome de Marcos, e nenhum outro, tem sido sempre associado com este Evangelho. Esse é um fato notável. Em uma época em que a igreja procurava atribuir autoridade apostólica à sua literatura, é altamente improvável que um nome secundário pudesse estar associado com um Evangelho, a menos que houvesse uma boa razão para isso. Papias, Justino, o Mártir, o *Prólogo Anti-Marcionita de Marcos*, Irineu e o Cânon Muratório, todos atribuem o Evangelho a Marcos, como um intérprete de Pedro. Nas palavras de Vincent Taylor: "Não pode haver dúvida de que o autor do Evangelho foi Marcos, o assistente de Pedro".[1]

Foram levantadas algumas dúvidas quanto a este Marcos poder ser identificado com o Marcos do Novo Testamento,[2] mas as objeções não são de peso e o consenso é que a identificação deve ser feita. "Podemos assumir como praticamente certo que o Marcos que escreveu o Evangelho, aquele mencionado em 1 Pedro 5.13, o Marcos do livro de Atos e das cartas de Paulo são a mesma pessoa."[3]

A implicação de tudo isso deve estar clara. Se o primeiro Evangelho surgiu da pena de um homem que tinha contato íntimo com os primeiros líderes da jovem igreja cristã, podemos ter certeza de que ele nos deu um relato preciso e historicamente confiável da vida e do ministério de Jesus. Mais que isso, podemos ter certeza de que Marcos reflete as crenças e convicções teológicas da primeira geração dos cristãos, o que incluía o testemunho visual das poderosas obras de Jesus. Isto é de uma importância incomensurável. A única esperança do homem está em "Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós... ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte..." (At 2.22, 24). Uma narrativa confiável dessas boas-novas tem um valor incalculável.

B. Data e Local

A época em que foi escrito é freqüentemente fixada entre 65-70 d.C. Isto está de acordo com a suposição de que Marcos escreveu depois da morte de Pedro (que provavelmente ocorreu durante a perseguição de Nero em 64-65 d.C.), mas antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C. No entanto, muitos acreditam que o Evangelho foi escrito antes, talvez nos anos 50 d.C. Esta determinação da data se baseia na crença de que o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos foram escritos antes da morte de Paulo (aproximadamente no ano 64 d.C.), e conseqüentemente o Evangelho de Marcos (uma das fontes de Lucas) teria sido escrito antes.

Uma hipótese sólida considera Roma como o local onde Marcos escreveu o Evangelho, com mais probabilidade do que qualquer outra cidade antiga, embora Alexandria e

Antioquia também tenham sido mencionadas. Como Marcos explica costumes judeus (por exemplo, 7.3-4) e traduz termos aramaicos (5.41, *et passim*), fica claro que ele estava escrevendo para leitores não-judeus. O testemunho da tradição (o *Prólogo Anti-Marcionita*, Irineu, Clemente de Alexandria) aponta para Roma, como também o faz a presença de muitas palavras emprestadas do latim (como *centurion*, *denarius*, etc.). As implicações da perseguição e dos sofrimentos também apóiam esta opinião. Pedro (1 Pe 5.13) afirma especificamente que Marcos, seu "filho", estava com ele na "Babilônia", o que se acredita ser uma referência a Roma. Se o Rufo de Marcos 15.21 deve ser identificado com o Rufo mencionado em Romanos 16.13, a hipótese a favor de Roma é ainda mais fortalecida.

C. Fontes

De acordo com Papias, bispo de Hierápolis (aproximadamente em 140 d.C.), Marcos foi o intérprete de Pedro, e escreveu um relato preciso de todas as coisas de que ele se lembrava da pregação e dos ensinos de Simão.[4] Esta tradição, confirmada por outros escritores do século II, foi ignorada por aqueles que questionam a confiabilidade histórica do Evangelho. Entretanto, há evidências internas consideráveis que relacionam o Evangelho com Pedro: Marcos começa no ponto em que Pedro se torna um discípulo e caracteriza o ministério da Galiléia como centrado em Cafarnaum, o lar de Pedro; detalhes vívidos sugerem o relato de um testemunho visual; acontecimentos favoráveis a Pedro são omitidos, ao passo que eventos menos favoráveis, tais como a negação, são narrados com considerável integridade. A opinião que prevalece é a de que Pedro foi uma das principais fontes de Marcos. "Ele [Marcos] essencialmente registra o que ouviu Pedro contar, complementando essas informações com outros materiais que ele sabia que eram confiáveis."[5]

Outro fator a considerar, freqüentemente associado com resultados negativos, é conhecido como a crítica da forma. Esta matéria tenta descobrir as fontes orais que estão por trás dos Evangelhos. Se o de Marcos foi o primeiro Evangelho a ser escrito, como se acredita amplamente, houve um período de 25 anos ou mais em que a mensagem do Evangelho circulava principalmente em forma oral.[6] Os críticos da forma estudaram o que se acredita ser unidades de tradição nos Evangelhos, e as classificaram em uma grande variedade de categorias ou "formas" (por exemplo, histórias de frases proferidas, histórias de milagres, etc.). Os críticos mais radicais ensinam ou sugerem que estas unidades foram criações da igreja, e são destituídas de base histórica.

O subjetivismo dos advogados radicais da crítica da forma, como se pode ver pela ausência de um acordo, desacreditou o movimento em seu aspecto negativo. Alguns estudiosos, por outro lado, usaram a crítica da forma para demonstrar a exatidão e a confiabilidade dos registros do Evangelho. Não há dúvida de que é verdade que as unidades variadas da história do Evangelho foram amplamente pregadas e ensinadas por meio de algumas formas vantajosas para a sua memorização e para o seu uso no discipulado. Mas "aquelas formas se cristalizaram quando houve a possibilidade de comprovar a sua exatidão".[7] João Marcos não poderia ter escrito e circulado, com sucesso, um relato da vida e dos ensinos de Jesus que fosse contrário aos fatos ainda largamente conhecidos durante a geração posterior à crucificação. Existe um sentimento de que o Evangelho de Marcos é fruto do testemunho combinado da primeira geração de crentes.

Este ponto de vista foi resumido de maneira comovente: "Como através de um vidro um pouco embaçado, podemos ver o evangelista trabalhando e ao fundo muitos outros de quem ele obteve as informações... atrás dele está a atividade de ensino de uma igreja viva. Ele compartilha estas informações, e depende delas... o seu Evangelho é muito mais do que uma obra particular; é um produto da vida da igreja, inspirada pelo Espírito de Deus".[8]

Portanto, as fontes de Marcos foram principalmente a pregação e o ministério de ensino de Pedro, combinados com elementos da tradição oral e das suas próprias lembranças pessoais, e possivelmente com alguns documentos escritos.

D. Os Milagres

Talvez seja justo dizer que a igreja passou por um período durante o qual o elemento miraculoso na Bíblia esteve grandemente desacreditado. A atmosfera dos nossos dias é mais amiga da idéia dos milagres. A ciência tem uma visão mais humilde dos limites das leis naturais. "Já não existe mais nenhuma razão para negar, com base na ciência ou na filosofia, que Deus pode usar forças ou leis que o homem ainda não descobriu."[9]

Também ficou claro, através dos estudos bíblicos e teológicos, que a tradição dos primeiros cristãos está permeada por uma crença nos milagres dos Evangelhos. Certamente uma pessoa é livre, com base na sua própria filosofia e nas suas suposições, para rejeitar os milagres; mas ela deve, ao mesmo tempo, admitir que essa postura não é coerente com o cristianismo histórico. Nós somos gratos pelo renascimento contemporâneo do cristianismo evangélico histórico, com a sua firme confiança de que Jesus de Nazaré foi verdadeiramente um "varão aprovado por Deus... com maravilhas, prodígios e sinais" (At 2.22).

Por mais dignos que possam ser os motivos de homens como Bultmann, é possível que tenham interpretado mal o pensamento moderno, porque ali reside uma profunda fome. De qualquer maneira, a pregação da doutrina da cruz sempre pareceu tolice para aqueles que perecem, e ainda é verdade que, na sabedoria de Deus, Ele escolheu salvar os homens "pela loucura da pregação" (1 Co 1.21). E, felizmente, "muitos dos melhores cientistas, filósofos e estudiosos bíblicos são humildes crentes em uma abordagem sobrenatural do cristianismo histórico".[10]

E. Propósito

Uma das conclusões inequívocas dos estudos bíblicos é a de que os Evangelhos foram escritos com um objetivo religioso e teológico. Embora Marcos não expresse o seu objetivo tão abertamente como João o faz, ele não seria essencialmente diferente. "Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31).

Isto não significa que os evangelistas não tinham interesse nos fatos da história. Existem boas razões para acreditar que o trabalho deles seja historicamente confiável. No entanto, isto significa que eles escreveram com um objetivo religioso em mente, e não com a preocupação de estar de acordo com os cânones da pesquisa histórica moderna.

Por meio do testemunho de Pedro e de outras testemunhas (e possivelmente incluindo as suas próprias lembranças), João Marcos teve uma visão do Homem de Nazaré, que também foi o Messias, o celestial Filho do Homem, e o Filho de Deus. Nele o reino de Deus se aproximou. Este poderoso Filho de Deus enfrentou Satanás e os seus asseclas – demônios, enfermidades e a morte – em um conflito mortal e emergiu como vencedor. Marcos queria que toda a humanidade visse o Servo Sofredor, e que o seguisse até o Gólgota, passando pelo sepulcro vazio, e chegando até à glória que há de vir. Ele queria encorajar e proteger os crentes que se preparavam para enfrentar o ostracismo, a ridicularização e o brutal martírio sob os imperadores romanos hostis.

E foi assim que João Marcos, que uma vez falhou e desapontou o apóstolo Paulo (At 13.13; 15.36-39) tomou uma pena e um papiro e registrou esta história para todas as épocas. Ele a contou ansiosamente, usando o presente histórico e o imperfeito, como se os eventos estivessem acontecendo diante dos seus olhos. Entremeando a sua narrativa com a palavra *euthus* ("logo", ou "imediatamente") e conectando as suas frases com *kai* ("também", "e"), ele escreveu o Evangelho da ação com vivacidade, colorido e detalhes que somente uma testemunha poderia recordar. Embora aparentemente simples e natural, o resultado foi, na verdade, um documento religioso profundo, solidamente baseado nos fatos, que é verdadeiramente a Palavra de Deus.

Poderoso Filho de Deus, Salvador eterno e vivo –
Ele conhece o caminho; ele nos conduzirá com segurança.[11]

Esboço

I. O Início do Evangelho, 1.1-13

A. A Idéia Central, 1.1
B. João – Aquele Que Batizava, 1.2-8
C. O Batismo de Jesus, 1.9-11
D. A Tentação de Jesus, 1.12-13

II. O Início do Ministério na Galiléia, 1.14—3.6

A. Os Primeiros Passos na Galiléia, 1.14-20
B. Um Sábado em Cafarnaum, 1.21-34
C. A Primeira Viagem de Pregação, 1.35-45
D. Conflitos Com os Fariseus, 2.1—3.6

III. O Fim do Ministério na Galiléia, 3.7—6.13

A. A Saída Para a Costa, 3.7-12
B. A Escolha dos Doze, 3.13-19
C. Amigos e Adversários, 3.20-35
D. Um Ministério em Parábolas, 4.1-34
E. Um Ministério de Milagres, 4.35—5.43
F. Um Profeta Sem Honra, 6.1-6
G. A Missão dos Doze, 6.7-13

IV. Um Ministério Além da Galiléia, 6.14—8.26

A. Os Fantasmas dos Temores de Herodes, 6.14-29
B. Milagres e Ensinos Junto ao Mar, 6.30-56
C. O Conflito Com a Tradição dos Anciãos, 7.1-23
D. Duas Curas Entre os Gentios, 7.24-37
E. Dádivas de Alimento e Visão, 8.1-26

V. A Caminho de Jerusalém, 8.27—10.52

A. A Grande Confissão e a Transfiguração, 8.27—9.29
B. A Caminho Pela Galiléia, 9.30-50
C. O Ministério na Peréia, 10.1-52

VI. O Ministério em Jerusalém, 11.1—13.37

A. Eventos que Precederam o Ministério, 11.1-26
B. Ensinos e Debates em Jerusalém, 11.27—12.44
C. O Discurso no Monte das Oliveiras, 13.1-37

VII. A Narrativa da Paixão, 14.1—15.47

A. Acontecimentos que Levaram à Prisão, 14.1-52
B. Os Julgamentos, a Crucificação e o Sepultamento, 14.53—15.47

VIII. A Ressurreição, 16.1-20

A. O Sepulcro Vazio, 16.1-8
B. O Epílogo, 16.9-20

Seção I

O INÍCIO DO EVANGELHO

Marcos 1.1-13

A. A Idéia Central, 1.1

Estas palavras iniciais, **princípio do evangelho** (1), recordam Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus..." e João 1.1: "No princípio, era o Verbo". Este primeiro versículo deve ser considerado como um título para o livro todo, ou simplesmente como uma introdução para o ministério de João, descrito em 2-8? A opinião de que este é um título para todo o Evangelho de Marcos é amplamente aceita e é razoável, embora algumas interpretações diferentes também sejam possíveis.[1] Marcos pode ter tido em mente o ministério de João Batista como o ponto inicial da proclamação do **evangelho**. Isto estaria de acordo com Atos 10.36ss.

Uma explicação significativa é oferecida por Sherman E. Johnson,[2] que fala deste versículo como uma "idéia central" do Evangelho de Marcos. A idéia de 1.1 permeia o livro e estabelece a sua essência.

O termo **evangelho** (*euangelion*) e o seu verbo correspondente (*euangelidzo*) são ricos em associações bíblicas e históricas. No Antigo Testamento Grego (a Septuaginta), essas palavras estão relacionadas com o anúncio de boas-novas, especialmente de vitórias (veja 1 Rs 1.42; 1 Sm 31.9). As palavras também têm um uso secular em conexão com o anúncio do nascimento de um herdeiro real e o seu progresso, atingindo níveis sucessivos de realizações. O **evangelho** é a publicação de boas-novas, a chegada do Reino há tanto tempo esperado.

A expressão **evangelho de** significa que se trata de uma obra *a respeito* de Jesus Cristo ou *por* e *através* dele? Ela significa as duas coisas. Jesus veio para que pudesse existir um **evangelho.** A história da sua encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão constitui os fatos do evangelho. No entanto, Jesus também veio para pregar (falar sobre) o **evangelho.**

Quer este versículo seja visto como um título para o livro, quer somente aponte para o ministério de João Batista, ele serve muito bem como uma "idéia central" para todo o Evangelho de Marcos. Na frase **Jesus Cristo, Filho de Deus**, Marcos nos deu a essência da sua história: Jesus é o equivalente grego de *Josué* ("o Senhor é Salvação"); Cristo é o vocábulo do Novo Testamento para *Messias*; e a expressão **Filho de Deus**[3] é o maior título possível. A divindade do nosso Senhor foi a rocha na qual os primeiros cristãos edificaram a sua fé.

B. JOÃO – AQUELE QUE BATIZAVA, 1.2-8

A expressão **como está escrito** (2) deve ter uma ênfase especial como um cumprimento preciso das Escrituras: *exatamente* como está escrito. **No profeta Isaías** é uma expressão que pode ser escrita como: "Em Isaías, o profeta", e assim consta nos melhores manuscritos. Tanto Malaquias 3.1 quanto Isaías 40.3 são citados nos versículos 2-3, porém Marcos evidentemente se referiu a Isaías como o representante das duas referências apropriadas.[4] O evangelho já tinha começado nos "amplos pensamentos de Deus", encontrados nos escritos dos profetas. Deus tinha prometido enviar um precursor à frente do Ungido para preparar o caminho para a sua vinda. **Meu anjo... voz do que clama** (2-3) são expressões que se referem ao "Elias" que os judeus esperavam antes da vinda do Messias (9.11ss.). Com base em Malaquias 3.1ss., o precursor seria alguém que os ameaçaria, expressando que o julgamento estava por vir, e por esta razão enfatizaria a necessidade da purificação. Um caminho honrado e integridade pessoal eram necessários para aqueles que iriam receber Aquele que viria. Portanto, podemos conectar os versículos 2 e 4 da seguinte maneira: **Como está escrito... apareceu João batizando.**

Por que o "batizador" apareceu **no deserto?** (4) A resposta se encontra na longa associação de Israel com os lugares desérticos do Oriente Próximo. Foi no deserto que Deus deu a Lei e conduziu o seu povo escolhido com mão poderosa e com braço estendido. Os judeus sempre acreditaram que o Messias também apareceria no deserto, para trazer a salvação final a Israel. A comunidade de Qumrã, que ficou famosa graças aos Rolos do Mar Morto, estava localizada em uma região desértica. Evidentemente, João pregou na Peréia, porque foi Herodes Antipas que o prendeu algum tempo depois.

Apareceu João batizando, porém, mais do que batizar, ele pregava com fervor. Ele era a voz do que clama no deserto. **Pregando,** no sentido da palavra grega, queria dizer anunciando em voz alta. Com João Batista, Israel ouviu a voz autêntica da profecia, que havia ficado por tanto tempo silenciosa naquelas terras. João pregava o arrependimento – não uma penitência ou uma tristeza sentimental, mas a atitude de se voltar radicalmente a Deus. Sem isso, a **remissão** ou o perdão dos **pecados** era impossível.

Dos convertidos ao judaísmo (prosélitos) se exigia, dentre outras coisas, que fossem batizados. Mas aqui estava um profeta áspero que exigia o arrependimento, o batismo e a confissão dos pecados, até mesmo dos filhos de Abraão.

Apesar do fato de os seus ouvintes precisarem andar aproximadamente trinta quilômetros, e descer 1.200 metros para **ter com** João (5), grandes multidões vinham de toda a Judéia, incluindo, naturalmente, Jerusalém. João era o líder de um movimento religioso verdadeiramente grande, um fato confirmado por Josefo.[5] A influência do "batizador" chamou a atenção de Herodes Antipas, com trágicos resultados; aquela influência ainda era um fator vivo na perspectiva religiosa do povo pouco tempo antes da crucificação (11.27-33). Quando os convertidos arrependidos eram batizados, eles **confessavam** os seus pecados. Alguns entendem o verbo batizar como reflexivo (a mesma forma que a passiva, em grego). Grant escreve: "Batizado por ele significa 'na sua presença', ou 'sob as suas instruções'; o batismo judaico, e provavelmente também o batismo cristão dos primeiros tempos, se auto-administrava: 'eles se batizavam em sua presença' ".[6] Mas esta não é a maneira mais natural de interpretar a linguagem aqui, nem em Atos 8.38; 16.33.

A aparência de João era tão rude quanto a região onde ele ministrava, pois **andava vestido de pêlos de camelo** (6) e usava um cinto de couro de animal. A sua alimentação diária incluía **gafanhotos**, que era um alimento desprezado por todos, exceto pelos mais pobres (apesar de aprovado em Lv 11.22), e **mel silvestre**, obtido das fendas nas rochas. João era um profeta, que estava no mesmo nível dos grandes profetas do Antigo Testamento, como indicavam as suas vestes (2 Rs 1.8; Zc 13.4). Mais tarde, Jesus falou dele com afeto, e lhe fez o mais alto elogio daquela época (Mt 11.11). Apesar de tudo isso, João sabia que o seu ministério deveria ser apenas um ministério preparatório: **Após mim vem aquele...** (7). João era um homem verdadeiramente humilde. Por mais que a sua mensagem e o seu ministério fossem importantes, João sabia que não passava de um precursor de Alguém mais poderoso do que ele. Era dever dos escravos levar as sandálias dos seus senhores e atar ou desatar as **correias**. Mas João Batista se sentia indigno de realizar até mesmo o serviço de um escravo para Aquele que iria **batizar com o Espírito Santo** (8).

Ao falar do batismo no Espírito Santo, Marcos certamente deve ter tido em mente o Pentecostes. Muitas passagens do Antigo Testamento falam do derramamento do Espírito Santo (veja Jl 2.28ss.; Ez 36.25-27; *et al.*). Além disso, o derramamento do Espírito estava relacionado com a vinda do Messias.[7] Voltar-se radicalmente a Deus, com a confissão dos pecados – uma atitude simbolizada pela água do batismo – é algo significativo, mas somente uma preparação para a vinda dAquele cujo meio de batismo é o fogo do Espírito Santo.

C. O Batismo de Jesus, 1.9-11

Naqueles dias, em alguma ocasião durante o grande avivamento religioso promovido por João, Jesus veio da Galiléia para iniciar o seu ministério. Nazaré ficava ao norte e a oeste; a Peréia, onde João estava batizando, ficava ao sul e a leste do Jordão (veja o mapa). A hora crucial e decisiva para Jesus havia chegado. O vilarejo que Ele

tinha deixado, **Nazaré** (9), tinha sido o seu lar desde a infância (Mt 2.23), mas era um lugar obscuro. Ela não é mencionada no Antigo Testamento, nem em Josefo, nem no Talmude. Isto estava de acordo com a revelação messiânica de nosso Senhor. Mas a palavra do poderoso ministério de João tinha chegado até mesmo a Nazaré, muito além da Judéia e da Peréia.

Muitas vezes os cristãos lêem com perplexidade que Jesus buscou o batismo pelas mãos de João. Sem considerar o fato de que Ele queria se identificar com o movimento religioso de João, surge a pergunta: Por quê? Ele não tinha o sentimento de necessidade pessoal, como fica claro no seu testemunho em João 8.46*a*; Ele não confessou pecados, como os demais. Além disso, como Mateus registra, Jesus teve que vencer as próprias objeções de João (Mt 3.14ss.). Cranfield responde bem a esta pergunta: "A submissão de Jesus ao batismo de arrependimento de João foi sua autodedicação, madura, para com a sua missão de auto-identificação com os pecadores que, no devido tempo, o levaria até a cruz".[8] Aqui, Ele literalmente "foi contado com os transgressores" (Is 53.12).

Mais tarde (10.38), Jesus se referiu aos seus sofrimentos e à sua morte como sendo um batismo. Podemos acreditar que este simbolismo também estava presente aqui. Outra consideração deve ser feita. O fato de que o nosso Senhor se submeteu ao batismo é uma garantia suficiente para a prática do batismo cristão.

Quando Jesus **saiu da água** (10), Ele **logo**, ou imediatamente, **viu os céus** "abertos". A palavra grega aqui (*schizomenous*) é uma expressão vívida e apocalíptica, e deve ser imediatamente reconhecida pelas suas conotações modernas. É um particípio presente indicando que a ação estava em curso. A oração angustiada do homem: "Ó! Se fendesses os céus" (Is 64.1) foi completamente atendida na experiência de Jesus. Descendo dos céus sobre (ou, possivelmente, *para dentro de*) Jesus, estava **o Espírito** na "ternura, pureza, e mansidão"[9] de uma **pomba**. O movimento do Espírito como um pássaro, em Gênesis 1.2, pode estar sugerido.

Temos muitas oportunidades de observar a ênfase de Marcos na verdadeira divindade de Jesus Cristo. Mas também podemos observar aqui que a **voz dos céus** (11), expressando a aprovação do Pai, deve ter sido uma fonte de segurança inigualável para o nosso Senhor. Ele caminhou mais pela fé do que pela visão (Hb 4.15). **Meu Filho amado** é uma expressão que pode ser traduzida como: "Meu Filho, o Amado". Essas palavras significam que Ele era o *único* Filho do Pai. F. C. Grant observa que a voz divina normalmente fala as Palavras das Escrituras – neste caso, o Salmo 2.7 combinado com Isaías 42.1. Mais do que um título messiânico, essas palavras de aprovação divina eram uma confirmação para Jesus da Sua própria consciência de que Ele era o Filho de Deus. "Não pode haver dúvida de que para Marcos... a divina filiação de Jesus era única, e totalmente sobrenatural."[10] Lucas acrescenta uma observação comovente à história ao registrar que Jesus estava orando (Lc 3.21) durante este acontecimento.

Embora esta cena seja descrita por Marcos de maneira breve, não podemos duvidar de que para Jesus ela foi fundamental. O batismo, para Ele, foi "o momento de decisão... de identificação... de aprovação... de capacitação".[11]

Destacando o versículo 9, G. Campbell Morgan observa que Jesus vai 1) para o batismo, 2) para a unção, 3) para a tentação, e explica isso, respectivamente, como vindo: 1) para os homens pecadores, 2) para Deus, para a unção do Espírito, 3) para Satanás, a fim de enfrentar o conflito.

D. A Tentação de Jesus, 1.12-13

Marcos registra somente os detalhes mais superficiais da tentação. Veja as passagens correspondentes em Mateus 4.1-11 e Lucas 4.1-13, para uma descrição mais completa. Essas passagens provavelmente representam narrativas mais expandidas da história concisa de Marcos. Como Jesus estava sozinho na ocasião das tentações, podemos supor que a informação das três narrativas veio do próprio Senhor.

O advérbio favorito de Marcos, **logo** (12), indica a relação íntima entre o batismo e a tentação. Os cumes da visão são, freqüente e rapidamente, seguidos pelos vales da tentação. "Uma pessoa começa uma vida de discipulado com uma subida, uma alegria. A seguir vem o deserto da dúvida e da incerteza."[12]

Não foi por acaso que Jesus encontrou Satanás no **deserto** (13). **O Espírito o impeliu** (12) para lá. O verbo (*ekballo*) é um verbo forte, que significa "expulsar", e é usado mais tarde nas narrativas das ocasiões em que Jesus expulsou demônios. Uma forte persuasão interior do Espírito impeliu Jesus a colocar-se na ofensiva em seu conflito com Satanás. O caminho do Servo Sofredor estava diante dEle. Não se conhece esta localização no deserto, mas era um lugar tão desolado que em outras passagens é associado com demônios (por exemplo, Lc 8.29; 11.24). O lugar da prova e da tentação é um lugar solitário.

Ser **tentado por Satanás** (13) significava, em primeiro lugar, que Jesus estava sendo posto à prova, como implica o verbo *peirazo*. O contexto, no entanto, sugere algo mais. Não era "apenas 'ser tentado', mas ser tentado a afastar-se do caminho indicado".[13] A tentação foi vigorosa e longa, durando **quarenta dias** (cf. a experiência de Moisés em Êx 34.28 e a de Elias em 1 Rs 19.8). **Satanás**, o agente, significa "adversário". Em determinadas versões Mateus e Lucas utilizam o termo "demônio", que também significa "caluniador". A grande missão de Jesus era combater e derrotar o reino de Satanás; portanto, era desejável que Ele, desde o princípio, atacasse o inimigo em um combate decisivo. Jesus repudiou o comportamento de um Messias revolucionário, e escolheu o caminho do amor sacrificial. Somente o Getsêmani e o Gólgota iriam revelar o alto preço desta escolha.

Naquele lugar solitário e de provações, Jesus tinha como companhias seres em um estranho contraste. As **feras** estavam com Ele, assim como os **anjos** que **o serviam**. Somente Marcos registra os animais, possivelmente como uma imagem da desolação e da ausência de ajuda humana, mas talvez também como uma idéia de companhia. O jejum e a fome estão implícitos no serviço dos anjos. O verbo está no tempo imperfeito e pode indicar uma continuidade de ação, embora o fortalecimento possa ter vindo depois da provação. Os anjos trouxeram a certeza da presença de Deus, assim como a resistência física, uma experiência que seria repetida posteriormente, sob a sombra da cruz (Lc 22.43).

SEÇÃO II

O INÍCIO DO MINISTÉRIO NA GALILÉIA

Marcos 1.14—3.6

A. OS PRIMEIROS PASSOS NA GALILÉIA, 1.14-20

1. *A Pregação de Jesus* (1.14-15)

O progresso do Reino não pode ser bloqueado. Quando Herodes Antipas silenciou João, esse foi o sinal para que Jesus desse início à sua pregação. **Entregue à prisão** (14) significa literalmente "entregue a outra pessoa". Este era, evidentemente, um termo técnico no jargão policial daqueles dias. Mas implica mais do que isso, pois a mesma linguagem é usada como uma referência a Jesus e à traição que Ele sofreu: Ele também foi "entregue" aos seus inimigos.

Veio Jesus... pregando (14) o evangelho, "as boas-novas de Deus".[1] Que brilhante promessa encontra-se nestas palavras! Nada de tristeza ou destruição, mas boas-novas – e vindas do próprio Deus. Esperança, salvação, vida abundante – tudo isto está implícito. Finalmente, "o relógio de Deus estava marcando a hora";[2] **o tempo** estava **cumprido**. Aqui a palavra para **tempo** não é *chronos* (um período de tempo), mas *kairos* ("um tempo oportuno ou adequado").[3]

> *Existe uma maré nos assuntos dos homens*
> *Que, quando sobe, leva à felicidade;*
> *Omitida, toda a viagem da sua vida*
> *Fica restrita ao raso e à infelicidade.*
> *Nós precisamos aproveitar a corrente quando ela nos serve,*
> *Ou perderemos as nossas chances.*[4]

Assim foi com a nação de Israel. A hora crucial do seu destino tinha chegado, e ela não percebeu isso. Uma geração mais tarde, Jerusalém estava destruída, enquanto os gentios ouviam e recebiam o evangelho (cf. Ef 1.10).

O Reino de Deus (15) provavelmente pode ser considerado como o tema unificador de toda a Bíblia.[5] Ele não deixava de ser familiar para aqueles que ouviram a Jesus. A palavra **reino** (*basileia*) pode ser usada em um sentido abstrato ou concreto, como *reinado* ou *domínio*. A soberania ou a autoridade de Deus é um fato presente no nosso mundo moral, mas é contestado pela rebelião do homem. Apesar disso, "Deus está no trono", e Ele realmente *reina*, fazendo com que até a ira do homem converta-se em louvor ao seu nome. Entretanto, um dia o Reino irá se tornar um *domínio* sobre o qual Deus governará sem contradições. Estes dois temas permeiam a idéia do **Reino de Deus** por todas as Escrituras: realidade presente, expectativa e esperança futuras. Quando **veio Jesus para a Galiléia, pregando**, o Reino verdadeiramente estava **próximo**. "O reino de Deus ficou próximo dos homens na pessoa de Jesus, e na sua pessoa ele realmente confronta os homens."[6] Em 14.42 a mesma palavra grega é usada como uma referência à proximidade do traidor.

A primeira palavra de Jesus, assim como a de João, era **Arrependei-vos;** voltem-se para Deus com uma *mudança de pensamento* radical. João só via a ameaça do julgamento, e falava pouca coisa além disso. Jesus também via a promessa da redenção e incluiu esse comentário positivo: **crede no evangelho**. Esta é uma tradução literal do grego, e diz-se que é a única ocorrência clara dessa frase no Novo Testamento. "A conversão [o arrependimento] a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21) continuam sendo as duas palavras-chave do evangelho.

2. *O Chamado dos Quatro Pescadores* (1.16-20)

Esta história é a seqüência natural da proclamação do Evangelho na seção anterior. Os homens pressentiam uma autoridade na Palavra de Jesus, e respondiam ao Seu chamado como sendo o chamado daquele que tinha o direito de exigir tais coisas.

Era um momento casual, embora crítico, quando Jesus estava **andando junto ao mar** (16). Lucas, que tinha navegado em um mar de verdade (o Mediterrâneo) fala do "lago de Genesaré" (5.1). As dimensões do **mar da Galiléia** eram aproximadamente 13 x 21 quilômetros. Não era um grande espaço de água, mas um agitado centro de atividade pesqueira na Galiléia. Simão (o equivalente do Novo Testamento a Simeão) e André estavam trabalhando e **lançavam a rede ao mar**. Tratava-se de uma rede pesada, circular, com uma corda que era puxada e a fechava como uma bolsa, aprisionando os peixes.

Quando Jesus disse: **Vinde após mim** (17), Ele estava chamando homens ocupados e corajosos. Acostumados aos perigos do mar imprevisível, e familiarizados com a paciência – o requisito dos pescadores – eles teriam as qualidades necessárias para serem **pescadores de homens**. Eles ainda tinham o que aprender, como deixam claro as palavras: **eu farei que sejais**. O verdadeiro objetivo do discipulado é visto na razão que Deus dá para chamar estes homens. "Cristo chama homens, não tanto pelo que eles são, mas sim pelo que Ele é capaz de fazer com que eles se tornem."[7]

O chamado e a resposta parecem bastante repentinos – **logo** (18), na linguagem do "estilo nervoso" de Marcos – mas é possível que eles já conhecessem Jesus através do ministério de João Batista.

Um pouco adiante, Jesus encontrou dois irmãos pescadores, **Tiago... e João, seu irmão** (19). Os vívidos detalhes desta cena convenceram muitos estudiosos de que estamos diante do relato de uma testemunha ocular: Pedro. O primeiro par de irmãos é descrito como efetivamente pescando; o segundo par como tranqüilamente consertando as duas redes, "colocando-as em ordem" (Goodspeed). A palavra **consertando** é interessante, e também é usada para "reconstruir uma ruína ou curar um osso quebrado".[8]

Jesus prontamente chamou os filhos de **Zebedeu**. Só era possível ser discípulo através de um convite. Este termo bíblico é cheio de significado teológico. Mais tarde, Jesus lembrou aos seus discípulos: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós" (Jo 15.16).

Simão e André deixaram **as suas redes** (18), o seu meio de sustento, ao passo que Tiago e João deixaram **o seu pai Zebedeu** (20), assim como o seu próspero negócio (o que é indicado pela presença de **empregados**). Era uma escolha custosa, como ocorre com todos os seguidores do Senhor. "Qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo" (Lc 14.33).[9]

B. UM SÁBADO EM CAFARNAUM, 1.21-34

1. *Um Endemoninhado na Sinagoga* (1.21-28)

Diversos aspectos característicos do estilo de Marcos podem ser observados nesta seção (Earle): o presente histórico, o uso constante de *kai* ("e", "também") e de *euthus* ("logo", "diretamente", "imediatamente"). Tudo isso confere vivacidade de expressão ao relato, e possivelmente reflete o estilo de pregar de Pedro, conforme a lembrança de Marcos.

Embora Nazaré fosse o vilarejo onde Jesus cresceu, Cafarnaum se tornou a sua sede ou o seu quartel-general na Galiléia. Uma cidade importante na costa noroeste do lago (veja o mapa), a cerca de três quilômetros do Jordão, **Cafarnaum** (21) estava perto da fronteira do território de Antipas, daí a presença de um posto de alfândega ou cabine de coleta de impostos (2.14). Aqui Jesus, **no sábado**, entrou **na sinagoga** para adorar e para ensinar.

Uma prática regular na vida de Jesus era a adoração no Templo de Jerusalém, e nas sinagogas das cidades onde Ele estivesse. As sinagogas eram construídas voltadas a Jerusalém. A sinagoga era um lugar de adoração no sábado, e, durante a semana, uma escola para as crianças e uma corte onde eram julgadas as ofensas menores. Aqui Jesus **ensinava**. Marcos registrou mais as obras de Jesus do que as suas palavras, mas isto não significa que o evangelista tenha considerado que o ministério de ensino do Senhor fosse uma atividade secundária. Em dezesseis das dezessete vezes onde o verbo *ensinar* aparece no texto de Marcos, ele se refere a Jesus.

Os ouvintes **maravilharam-se** (22) não apenas com a doutrina de Jesus, com *o que* Ele ensinava, porém mais particularmente pela *maneira como* Ele ensinava. A sua palavra tinha **autoridade** e não era meramente um eco dos demais líderes religiosos e das suas idéias, como acontecia com os **escribas**.

Entre os presentes, estava uma pessoa que até então não tinha sido nem ajudada nem incomodada, um **homem com um espírito imundo** (23). Marcos usa esta expressão dez vezes, Mateus duas, e Lucas seis. A possessão demoníaca é uma idéia ofensiva a

algumas mentes modernas, mesmo quando falamos das forças *demoníacas* dos nossos dias! Talvez nada pudesse agradar mais a Satanás do que a igreja considerar como seres mitológicos tanto ele quanto os seus asseclas. Considere os espíritos impuros que controlam os homens: maldade, vaidade, avareza, lascívia, solidão, desespero, brutalidade. Uma tradução literal deste versículo é "um homem *em um* espírito imundo".

Reconhecendo Jesus como **o Santo de Deus** (24), o espírito imundo gritou, consternado: **Que temos contigo?** O espírito imundo não tinha nada em comum com Jesus. Com o seu ego debilitado, o homem nada mais era do que um instrumento para o seu opressor. **Bem sei quem és** é uma afirmação encontrada diversas vezes no Evangelho. "Os demônios freqüentemente sentem o poder daquele que os expulsa."[10]

A resposta à pergunta **Vieste destruir-nos?** seria: "Certamente!". "Para isto o Filho de Deus se manifestou" (1 Jo 3.8). O que aqui está em forma de pergunta pode também ser encarado como uma afirmação. Tanto o medo quanto o desafio foram expressos pelos demônios.

Jesus **repreendeu-o** (25). Este verbo é usado na Septuaginta para representar a palavra divina de repreensão, uma contrapartida da palavra divina da criação. **Cala-te** é um termo freqüentemente traduzido como "Fique quieto!" ou "Silêncio!"; cf. Mt 22.12, onde o convidado para o casamento, que não estava vestido adequadamente, emudeceu. O mesmo ocorre em Mateus 22.34, onde Jesus silenciou os saduceus. Jesus não aceitaria um testemunho de uma fonte indigna, nem desejaria, a esta altura, enfatizar o fato de ser o Messias.

O espírito imundo **saiu dele** (26), mas não antes de agitá-lo. Os demônios, com seu senso vingativo, pareciam obedecer sempre com o máximo de destruição possível, gritando, provocando convulsões em suas vítimas, deixando-as freqüentemente como mortas. Contudo, o reino de Satanás teve que dar passagem para o Reino de Deus.

No versículo 27, assim como no 22, vemos uma indicação da impressão causada por Jesus. Os homens **se admiraram** (27) ou **maravilharam-se** (22) pelos Seus ensinos e também pelas Suas obras. As obras conferiram autenticidade às palavras. "A admiração (v. 22) se transformou em temor."[11] "Que é isto? Que nova doutrina é esta?" Como era de se esperar, **correu a sua fama por toda a província da Galiléia** (28), embora isso não fosse bom.

2. *A Cura da Sogra de Pedro* (1.29-31)

Estes versículos contêm outra lembrança de Pedro; a história é contada a partir do seu ponto de vista, e aconteceu especificamente em sua casa.

A cura com certeza aconteceu no sábado, porque Jesus e os seus discípulos vieram imediatamente, **logo** (*euthus*), da **sinagoga** à **casa de Simão e de André** (29). Não está claro se isto quer dizer que era a casa de André, assim como a de Pedro. O seu nome pode ter sido incluído somente por causa do seu relacionamento com Pedro. De qualquer forma, esta casa se tornou uma espécie de quartel-general para o ministério de Jesus na Galiléia.[12] Com **Tiago e João** presentes, é evidente que os quatro discípulos agora acompanhavam Jesus aonde quer que Ele fosse.

Pedro estava um pouco espantado por descobrir que a sua **sogra... estava deitada, com febre** (30). Logo no dia em que os convidados do sábado estavam presentes! Conseqüentemente, Pedro era um homem casado por ocasião do seu chamado. À luz de 1 Coríntios

9.5, a sua esposa pode tê-lo acompanhado em viagens missionárias posteriores. Lucas fala de "muita febre" (4.38), possivelmente malária, devido aos pântanos ao redor do lago.

Nessa hora de necessidade, o anfitrião se voltou para o seu Convidado, pedindo ajuda. **Logo** ("imediatamente") **lhe falaram dela**. Com misericórdia e ternura características, Jesus, **chegando-se a ela, tomou-a pela mão** (31; cf. v. 41). O médico Lucas lembra que o Senhor "inclinou-se para ela" (4.39). ... **a febre a deixou** e o evento memorável deixou uma impressão indelével na mente de Pedro. Sem nenhum dos típicos efeitos colaterais, a sogra de Pedro se levantou e serviu os distintos visitantes. "Dessa forma, a gratidão encontra a sua expressão no serviço."[13]

3. *Uma Obra de Cura ao Pôr-do-Sol* (1.32-34)

Era impossível que um Homem com tal autoridade e tais obras pudesse permanecer oculto. As multidões teriam vindo a Jesus mais cedo naquele dia, mas elas foram constrangidas pela lei judaica que proibia a execução de trabalhos no sábado (Jr 17.21-22). Agora, **tendo chegado a tarde, quando se estava pondo o sol** e o sábado estava terminado,[14] **trouxeram-lhe todos os que se achavam enfermos e os endemoninhados** (32). Depois da expulsão do demônio do homem na sinagoga, e da cura na casa de Pedro, aqueles que tinham alguma dessas aflições naturalmente foram trazidos.

As grandes multidões, tão em evidência mais tarde, começavam a aparecer. **E toda a cidade se ajuntou à porta** (33). Aonde quer que Jesus fosse, Ele era sensível às necessidades humanas. Na sinagoga, na casa, e agora pelas ruas, Ele respondeu aos pedidos de saúde, curando muitos. A palavra **todos** do versículo 32, e a palavra **muitos** do versículo 34, não são contrastantes. As palavras são invertidas em Mateus 8.16.

Novamente, aqueles que estavam possuídos **o conheciam**, mas Ele **não deixava falar os demônios** (34). O segredo messiânico não deveria ser divulgado de forma prematura, especialmente por testemunhas indignas de confiança. Johnson escreve: "A natureza de Jesus não deveria ser revelada, até que Ele mesmo estivesse pronto a fazê-lo".[15]

C. A PRIMEIRA VIAGEM DE PREGAÇÃO, 1.35-45

1. *Jesus Sozinho em Oração* (1.35-39)

Na manhã seguinte, **muito cedo, estando ainda escuro** (35), Jesus **foi para um lugar deserto** para estar a sós com o Pai. A frase indicativa de tempo do versículo 35 é pouco usual, e significa "muito cedo, quando ainda era noite".[16] A. T. Robertson acredita que Marcos se refere à primeira parte da última vigília da noite, entre 3 e 6 horas da manhã.[17] Apesar das exaustivas exigências das atividades de pregação e cura do dia anterior, Jesus procurou revigorar o seu espírito muito cedo, através da oração.

Senhor, que mudança em nós tão pouco tempo
Passado na Sua presença possibilitará!
Que fardos pesados tirará dos nossos corações!
Que terrenos ressecados serão revigorados como
que pela chuva![18]

Marcos faz uma menção especial a Jesus orando no início, na metade e no final do seu ministério (aqui; 6.46; e 14.32). Ele orou muitas outras vezes, é claro, como Lucas registra. Não é assustadora a frase: "Se Jesus precisava orar, quanto mais nós!"?

Com uma indicação de desalento, **Simão e os que com ele estavam** (36) "seguiram-no". Pedro não conseguia entender por que, face à crescente popularidade, Jesus adotava tal atitude. Deve ter sido realmente desconcertante quando o Mestre respondeu: **Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue** (38). As multidões vinham e se admiravam com os milagres, mas poucos chegavam a crer no Evangelho. Com uma forte determinação, Jesus se mantinha firme no propósito para o qual Ele **saiu... e veio...** de Deus (cf. Jo 8.42; 13.3). Pregar o evangelho era mais significativo para Ele do que curar os enfermos. Portanto, Ele deixou os arredores de Cafarnaum para empreender uma viagem de pregação pelas cidades... **por toda a Galiléia** (39). "Literalmente, 'cidades-aldeia'... cidades pelo tamanho, aldeias porque não tinham muralhas."[19] Isto parece sugerir uma viagem com a duração de algumas semanas ou meses. Independentemente da duração desta primeira viagem de pregação, onde quer que Jesus fosse Ele **pregava** as boas-novas e **expulsava os demônios**. O reino de Satanás estava sendo atacado pelo poderoso Filho de Deus.

2. *A Cura de um Leproso* (1.40-45)

Enquanto a fama de Jesus se espalhava, a palavra de esperança chegou a uma sombria residência onde vivia um **leproso**. Desesperado pela sua situação, ele vem (literalmente) até Jesus, **rogando-lhe e pondo-se de joelhos diante dele**, e lhe diz: **Se queres, bem podes limpar-me**. O leproso tinha mais fé no poder de Jesus do que na vontade dEle.

Exigia-se que os leprosos evitassem o contato com os demais humanos, permanecendo fora das casas e gritando "Impuro!" como um aviso aos demais (cf. Lv 13). Este leproso deve ter sido uma imagem digna de pena: "As suas roupas emprestadas, sem cabelos, o seu lábio superior coberto e a sua voz rouca gritando 'Impuro' ".[20] A lepra mencionada na Bíblia incluía problemas de pele, além da verdadeira lepra: também incluía fungos, encontrados nas roupas ou nas paredes da casa (Lv 13.47; 14.34). Este homem estava "cheio de lepra" (Lc 5.12).

Movido de grande compaixão (41; Earle traduz esta expressão como "tomado pela compaixão"),[21] Jesus **estendeu a mão** e, arriscando-se à contaminação cerimonial, tocou o homem que não devia ser tocado.[22] Jesus freqüentemente tocava aqueles que Ele curava (por exemplo, em 7.33) e era tocado por aqueles que procuravam a cura (cf. 3.10). O Mestre tinha a capacidade e, ao mesmo tempo, a vontade de curar o leproso, e **disse-lhe: Quero, sê limpo!** A inexprimível compaixão daquele que pode "compadecer-se das nossas fraquezas" (Hb 4.15) dificilmente poderia ser descrita de maneira mais comovente.

A purificação do leproso foi instantânea e completa: **logo a lepra desapareceu** (42). A palavra de Jesus, **sê limpo**, era semelhante à expressão usada pelos sacerdotes e pode ser um sinal do seu sacerdócio.

Jesus, **advertindo-o severamente, logo o despediu** (43). O Senhor o fez com veemência. *Embrimesamenos*, **advertindo-o severamente**, "originalmente significa resfolegar ou suspirar, e é um termo usado na Bíblia Grega para expressar indignação, desaprovação e outras fortes emoções; cf. 14.5; Jo 11.33, 38".[23] O homem foi advertido,

antes de mais nada, a **não** dizer **nada a ninguém** (44) sobre a sua maravilhosa libertação, e também **mostra-te ao sacerdote... para lhes servir de testemunho**.

A desobediência do ex-leproso à primeira advertência, por mais nobres que fossem os seus motivos, serviu apenas para impedir o trabalho do Senhor nas cidades; Ele **já não podia entrar publicamente na cidade** (45), mas **conservava-se fora em lugares desertos**. Sem dúvida, o homem curado fez a viagem até Jerusalém para oferecer **pela tua purificação o que Moisés determinou** (Lv 14.1-7). Esta seria uma expressão de gratidão a Deus, e também um cumprimento das exigências legais. Fazendo isso, ele daria um **testemunho** aos sacerdotes que o examinassem e ao povo que testemunhou a obra poderosa, considerada pelos rabinos como sendo "tão difícil quanto ressuscitar os mortos".[24]

Sob o título "O Mestre e os Seus Homens", poderíamos considerar: 1) a mensagem do Mestre, 14-15; 2) os homens do Mestre, 16-20; 3) o ministério do Mestre, 21-45.

D. CONFLITOS COM OS FARISEUS, 2.1—3.6

1. *A Cura e o Perdão* (2.1-12)

Este capítulo abre uma seção que descreve o desenvolvimento da oposição a Jesus. No início, o antagonismo permanecia em silêncio, na mente dos escribas (2.6); mas logo encontrou expressão nos ataques contra os discípulos (2.16) e depois nas tramas contra o próprio Senhor (3.6).

Como Mateus indica (9.1), **Cafarnaum** (1; veja o mapa) agora havia se tornado a "cidade" do Senhor, e seria a sua base de operações durante todo o seu ministério na Galiléia. Quando Jesus voltou, **soube-se** na comunidade que Ele estava em **casa**, possivelmente a casa de Pedro. Ele "não pôde esconder-se" (7.24). O significado exato da indicação de tempo de Marcos, **alguns dias depois**, continua um mistério e parece indicar que alguns dias depois que Jesus entrou em Cafarnaum, circularam as notícias da sua presença.

Então **logo se ajuntaram tantos** (2) que a casa não comportava tanta gente, nem havia espaço **junto à porta**. Era uma casa humilde, sem um pórtico ou vestíbulo. Apesar da multidão comprimida, Jesus **anunciava-lhes** (ou proclamava) **a palavra**, "a mensagem".

Quatro homens trouxeram até esta casa cheia de gente um paralítico, com a fé de que Jesus poderia curá-lo. Subindo a escada exterior até o teto daquela casa térrea, os homens **descobriram o telhado** (4), e rompendo a argila (ou as telhas, Lc 5.19), assim como os galhos e ramos abaixo dessa superfície, **baixaram o leito** (uma espécie de leito que se estendia à noite e se enrolava durante o dia). A cooperação e o trabalho árduo deles haviam aberto o caminho.

Vendo a **fé** deles – evidenciada pelo que eles tinham feito – Jesus anunciou, com afeto, ao homem doente: **Filho, perdoados estão os teus pecados** (5). É uma questão controversa se a doença deste homem tinha uma causa espiritual. Alguns afirmam que sim;[25] outros sustentam que Jesus combatia tanto a doença quanto o pecado.[26]

Imediatamente **os escribas** (6), instrutores profissionais da Lei, questionaram a afirmação de Jesus. Eles argumentaram: **Por que diz este** (com desprezo) **assim blasfêmias** (7; uma transgressão cuja punição era a morte, de acordo com Lv 24.15); somente Deus **pode perdoar pecados**. É interessante notar que os críticos estavam

assentados, talvez em lugares de honra perto de Jesus, enquanto os demais estavam em pé, dentro e fora daquela casa. Involuntariamente, os **escribas** fizeram uma profunda confissão. **O Filho do Homem** (10) era mais do que um homem. Ele era o Messias esperado, e, como o poderoso Filho de Deus, podia fazer tal afirmação sem blasfemar.

Logo (*euthus*), Jesus **conheceu** (8) o que estava no coração dos seus oponentes e se incomodou com seus pensamentos. Jesus lhes perguntou: **Qual é mais fácil? Dizer... Estão perdoados os teus pecados, ou dizer-lhe: Levanta-te... e anda?** A resposta era, simplesmente: Nenhuma das duas coisas, porque ambas são impossíveis para o homem, mas ambas são possíveis para Deus. Ambas eram evidências do poder de Deus.

A seguir, Jesus continuou "provando a validade das suas palavras de perdão, pelo poder das suas palavras de cura".[27] Assim, todos os presentes saberiam que **o Filho do Homem**[28] **tem na terra poder para perdoar pecados** (10). O **paralítico** recebeu a ordem de levantar-se, tomar o seu leito e ir para casa sem ajuda.

Marcos registra novamente a admiração produzida na multidão pelas poderosas obras de Jesus: **Nunca tal vimos** (12).

Sob o tema "A Fé que Funciona", podemos observar: 1) O contexto, 1; 2) A cena, 2-4; 3) A seqüência, 5-11.

3. *O Chamado de Levi* (2.13-14)

À medida que as portas das sinagogas começavam a se fechar para o ministério de Jesus, as colinas e o litoral acenavam para Ele. Assim, Ele **tornou a sair para o mar** (13; o mar da Galiléia, veja o mapa) e **ensinava** a multidão que ia e vinha (indicado pelo imperfeito "**ia ter** com ele"). **Passando**, caminhando e ensinando de uma maneira típica dos rabinos, **viu Levi** (14), mais conhecido como Mateus,[29] **sentado na alfândega**, um lugar onde se pagavam determinados impostos.

Muitas das grandes estradas do mundo antigo cruzavam a Galiléia, e uma delas passava por Cafarnaum, uma cidade próxima à fronteira do território de Herodes Antipas. Levi era um dos detestados agentes de Herodes, destacados para a arrecadação de impostos, seja daqueles que cruzavam a fronteira ao entrar na Galiléia, seja daqueles que trabalhavam na indústria da pesca. Para os judeus ortodoxos, um publicano era tão impuro que poderia contaminar cerimonialmente uma pessoa, tanto quanto um leproso. Muitos publicanos não somente eram ávidos na arrecadação dos impostos, mas também corruptos na sua conduta pessoal. Eles eram odiados por todos. Apesar disso, Jesus **disse-lhe: Segue-me**. Esse homem, que no seu coração deve ter sentido o desejo de um novo estilo de vida, **levantando-se, o seguiu**.

É necessário notar que Levi renunciou a mais coisas do que qualquer um dos quatro que tinham recentemente deixado tudo para seguir Jesus. Eles poderiam retornar às suas redes e aos seus barcos; mas Levi tinha tomado uma decisão irrevogável. No entanto, todos aqueles que renunciam a algo para seguir a Cristo, recebem muito mais do que aquilo a que renunciaram. A contribuição de Levi (ou Mateus) através do primeiro Evangelho tornou o seu nome imortal.

3. *O Jantar de Despedida de Levi* (2.15-17)

Então Jesus, **estando sentado** (ou "reclinado", como era o costume) **à mesa** (15) na casa de Levi, participou de um "tipo de recepção oferecida por Levi aos seus antigos colegas

de ofício, para permitir que eles conhecessem o seu Mestre recém-encontrado"[30] (cf. Lc 5.29). Dessa forma, o seu motivo era missionário. Os convidados, que eram muitos, e que tinham seguido a Jesus, não formavam um grupo respeitável. Os **publicanos** eram os detestados arrecadadores de impostos e os **pecadores** eram os judeus que ignoravam a lei Mosaica, tanto no seu aspecto moral quanto no ritual.[31] Os judeus mais ortodoxos, como os **escribas** e os **fariseus** (16) não se relacionavam com essas pessoas, especialmente quando havia comida envolvida, para que não sofressem uma contaminação cerimonial. Eles reclamaram com os **discípulos** – talvez esperando minar a lealdade destes – que Jesus estava desrespeitando as exigências da Lei, ao comer e beber com essas pessoas.

Jesus estava ansioso para ajudar os pecadores, mas Ele nunca foi "brando" em relação ao pecado. A implicação da pergunta feita pelos escribas e fariseus não tinha fundamento. Quando um homem começava a seguir Jesus, tinha que abandonar o pecado. Jesus se relacionava com os **publicanos e pecadores** (uma frase empregada três vezes nesta seção) porque sentia a necessidade deles.

Jesus, tendo ouvido (17) a crítica, respondeu com uma afirmação cheia de ironia. Ele não tinha vindo para curar **os sãos**, nem para **chamar os justos**. Estes fariseus, pobres, cegos, cujo nome era verdadeiramente um símbolo de lealdade tenaz ao judaísmo, estavam satisfeitos com a sua própria condição, confiantes de que não se encontravam nem entre os **doentes** nem entre os **pecadores**. No entanto, os odiados publicanos e os pecadores rejeitados, plenamente conscientes das suas necessidades, deram as boas-vindas ao Médico que não temia seu aviltamento. Na verdade, foi para **chamar** essas pessoas que Jesus veio da parte do Pai.

4. *A Discussão Sobre o Jejum* (2.18-22)

Os **discípulos de João** (18) Batista, que formaram um grupo separado durante algum tempo, e os **fariseus jejuavam** (18). Os discípulos de João, cujo mestre já poderia ter sofrido o martírio, talvez achassem que as comemorações não eram permitidas. A queixa deles provavelmente reflete a sua ortodoxia judaica. Os fariseus suspeitavam agora que Jesus repudiava a Lei, e então atingiram um novo nível de oposição aberta a Ele: **Por que... não jejuam os teus discípulos?**

Jesus não tinha pedido aos seus discípulos que jejuassem, mas Ele lhes havia ensinado (Mt 6.16) que a prática do jejum deveria nascer de razões espirituais e não deveria representar uma ocasião para ostentação. "Jesus censura aqueles que jejuam sem desfrutar os seus verdadeiros benefícios."[32]

Respondendo através de parábolas, Jesus perguntou aos seus críticos se eles esperariam que os convidados para um casamento, **os filhos das bodas**,[33] jejuassem **enquanto** estivesse **com eles o esposo** (19). Dificilmente. Em uma ocasião como esta, **não podem jejuar**.

A metáfora bíblica do esposo e da sua noiva é rica em significado. À luz de Isaías 54.5, Jesus pode ter-se referido à Sua consciência como o Filho de Deus.[34] Adicionalmente, respeitando a relação entre João Batista e Jesus, foi o próprio João quem disse: "Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo... que lhe assiste... alegra-se muito" (Jo 3.29). Para os discípulos de João era apropriado jejuar, pois eles estavam tristes pelo seu mestre; mas não aconteceria a mesma coisa com os discípulos de Jesus, enquanto o **esposo** estivesse **com eles**.

Aqui e no versículo 20 há uma indicação clara, a primeira no texto de Marcos, da paixão e morte de Jesus. Como João, o **esposo** seria **tirado** de uma forma violenta. Então seria apropriado que os seus discípulos jejuassem. Talvez Marcos, ao escrever estas palavras, já soubesse muito bem como eram **aqueles dias** em que o jejum era inevitável. H. Orton Wiley costumava dizer aos seus alunos: "Nenhum homem ora verdadeiramente, até que seja pressionado a ponto de cair de joelhos".

A seguir há duas parábolas, nos versículos 21 e 22, "para ensinar que na mensagem e na companhia do evangelho há um espírito de alegria e poder que precisa encontrar a sua própria forma adequada".[35] Algumas vezes se acredita que estes versículos estejam fora de lugar; mas na verdade Jesus prossegue com a resposta aos seus críticos em um nível mais profundo.

A nova vida espiritual requer novas formas de expressão. Se alguém costura um **remendo de pano novo** (21), que não foi tratado e que ainda não encolheu, **em veste velha**, com o passar do tempo o novo remendo irá encolher e **romper o velho**, e o rombo fica pior. O mesmo ocorre com o **vinho novo** (22). Os **odres** velhos (não garrafas) não podem conter o vinho novo. O vigor do novo destrói a rigidez do antigo, rompendo os odres e derramando o vinho.

O evangelho trouxe algo novo e dinâmico. Enquanto os críticos censuravam Jesus por não jejuar, deixavam de enxergar que o movimento cristão não poderia ser forçado às formas antigas e estáticas do judaísmo. **O vinho novo deve ser posto em odres novos.**

5. *O Senhor do Sábado* (2.23—3.6)

a) *Colhendo Espigas no Sábado* (2.23-28). Nesta seção (2.1—3.6) observamos o crescimento da oposição a Jesus. Os fariseus criticavam-no por meio de quatro acusações: eles lhe negavam o direito de perdoar os pecados, objetavam quanto à Sua amizade com os rejeitados, reclamavam quando os seus discípulos não jejuavam, e o aborreciam quanto à observância do sábado.

Marcos descreve, nesta narrativa, como Jesus e os seus discípulos estavam **passando... num sábado pelas searas**[36] (23). Era perfeitamente legal que os viajantes colhessem uvas de uma vinha ou espigas em um campo de cevada ou de trigo, desde que não usassem um recipiente para as uvas nem uma foice para os grãos (Dt 23.24-25).

Atacando Jesus por intermédio dos seus discípulos, **os fariseus** lhe disseram: **Vês? Por que fazem ... o que não é lícito?** (24) O simples ato de colher uns poucos grãos de trigo e de esfregá-los entre as mãos havia se tornado – por ter sido realizado **no sábado** – uma colheita! Por mais insignificante que fosse a ocasião, esta era uma acusação séria, pois a violação do sábado era punida com o apedrejamento, se ficasse provado que o culpado havia sido avisado.

O Filho do Homem (28), que é **Senhor... do sábado** defendeu o ato "ilícito" dos seus seguidores com a justificativa de que a necessidade humana está acima da lei ritual. Jesus citou um exemplo das Escrituras dos próprios judeus para mostrar que até mesmo o imortal Davi, em um período de fuga urgente, comeu o pão da proposição, que ele não tinha a permissão para comer, e também o deu aos homens que estavam com ele (veja 1 Sm 21.1-7). Isto não quer dizer que a necessidade deva sempre ditar o que é certo,

mas ressalta que, sob condições semelhantes, o ato de Davi não foi condenado; conseqüentemente, os fariseus não entendiam as implicações da sua própria lei. Os "pães da proposição" (26) que normalmente só deveriam ser comidos pelos sacerdotes como parte de um ritual significativo, não eram tão sagrados a ponto de não poderem servir para satisfazer uma necessidade humana.

Desta forma, foi enunciado o grande princípio de que **o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do sábado** (27). Entretanto, deve-se observar que o sábado é para o benefício do homem como um todo: as necessidades físicas, mentais e espirituais. "Ignorar esta lei só prova a sua necessidade."[37] D. Elton Trueblood adverte que negligenciar aspectos já instituídos, como o sábado, só levam à dissolução da religião bíblica.[38] Judá, com o sábado, sobreviveu ao exílio, ao passo que Israel não sobreviveu sem ele.

Jesus concluiu a controvérsia com o que deve ter sido, para os seus críticos, uma afirmação chocante: **Assim** (uma vez que o sábado foi feito para o homem), **o Filho do Homem até do sábado é senhor**. "O sábado foi feito para o benefício do homem. Portanto, o Representante do Homem pode decidir como ele pode ser usado."[39]

b) *O Sábado para o Homem* (3.1-6). "Segundo o seu costume" (Lc 4.16), Jesus **entrou na sinagoga... no sábado** (1-2). O que vem a seguir é o quinto de uma série de conflitos com os escribas e fariseus (veja 2.23-28). Na sinagoga **estava... um homem** (1) que tinha **a mão mirrada**, provavelmente "uma paralisia da mão, seguida de contratura".[40] Nisso há uma parábola. Quantos podem estar na casa de Deus, com todas as idéias corretas, mas sem a capacidade de traduzi-las em um serviço frutífero! Lucas registra (6.6) que a mão direita era mirrada. Uma lenda antiga diz que este homem era um pedreiro, e precisava da mão para poder ganhar o seu sustento.

Com "os olhos vigiando de soslaio... atentos a tudo o que Jesus fazia"[41] os fariseus **estavam observando-o** (2). Aqui há uma imagem devastadora do legalista, moderno e ao mesmo tempo antigo, que olha somente para encontrar culpa, completamente insensível ao sofrimento humano! Os fariseus permitiam a cura no sábado somente se fosse um caso de vida ou morte, o que obviamente não era o caso.

Jesus **disse ao homem... Levanta-te** (3), literalmente: "Levante-se e venha para o meio". Johnson traduz a expressão como: "Fique em pé à minha frente".[42] Conhecendo a maldade dos seus pensamentos, Jesus levou o assunto da observância do sábado a um nível mais elevado e positivo. ***É lícito ... fazer bem ou fazer mal?*** (4) Isto é, o que está mais de acordo com a lei, restaurar a vida à mão doente do homem, mesmo num sábado, ou destruir as suas esperanças e o seu futuro, por observar uma tradição humana sem sentido? **E eles se calaram**. "Eles não podiam negar os argumentos de Jesus, porém se recusavam a admitir que eram válidos."[43]

O nosso Senhor **olhou para eles em redor com indignação, condoendo-se da dureza** (ou cegueira) **do seu coração** (5). Esta é a única passagem nos Evangelhos em que se atribui indignação a Jesus. Qual é a natureza desta ira? Talvez Hebreus 1.9 nos dê uma idéia: "Amaste a justiça e aborreceste a iniqüidade". Mas observemos também a explicação de Marcos para esse olhar indignado – Jesus *se condoeu* ("entristeceu-se, sentindo a dor da outra pessoa")[44] pela sua trágica situação. Nenhum outro tipo de ira tem lugar no reino de Deus.

Deixando os críticos de lado, Jesus se dirigiu ao homem com uma ordem: **Estende a mão** (5). A vontade do homem foi combinada com o poder de Deus para tornar o impossível uma realidade. **E ele a estendeu, e foi-lhe restituída a mão**.

Na cegueira dos seus corações, os fariseus foram imediatamente se reunir com os herodianos para ver como o destruiriam. Que estranhos aliados a inimizade produz! Os fariseus odiavam os herodianos, considerando-os traidores da sua nação; mas, apesar disso, em uma ocasião posterior (12.13), uniram forças para destruir o Homem que os incomodava.

Seção III

O FIM DO MINISTÉRIO NA GALILÉIA

Marcos 3.7—6.13

A. A Saída Para a Costa, 3.7-12

Quando a oposição a Jesus chegou ao ponto descrito em 3.6, **retirou-se Jesus com os seus discípulos** (7) ao litoral aberto, onde Ele estava rodeado de amigos. Este ato de retirada sugere a brecha que se abria entre Jesus e os líderes do judaísmo. Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). **Seguia-o uma grande multidão da Galiléia**, na verdade uma multidão turbulenta, auxiliada pelas multidões que vinham de longe, do sul, como da Judéia e da **Iduméia** (8), da Transjordânia, a leste, e da província romana da Síria (**Tiro** e **Sidom**) ao norte (veja o mapa). Estas palavras nos dão uma idéia notável da extensão geográfica do ministério de Jesus, mesmo neste estágio inicial.

Ouvindo quão grandes coisas [Jesus] **fazia, vinha ter com ele** (8). "Os grandes acontecimentos atraem grandes multidões, e onde a necessidade humana for verdadeiramente satisfeita, não haverá falta de almas sedentas."[1]

Como uma medida de precaução, Jesus instruiu os seus discípulos, antigos pescadores, para que **tivessem sempre pronto um barquinho** (9; o diminutivo coloquial usado por Marcos), para que Ele pudesse escapar do assédio da multidão ansiosa quando **se arrojassem sobre ele, para lhe tocarem** (10).

Existe algo de comovente sobre a esperança daqueles que tinham sido flagelados ou afligidos[2] por causa das suas enfermidades, e que sabiam que Jesus **tinha curado a muitos**. Como a mulher que mais tarde disse: "Se tão-somente tocar nas suas vestes, sararei" (5.28), eles também ansiavam por **tocá-lo**. Era característico de Jesus responder a tão intensa expectativa, pois Ele freqüentemente estendia a mão para tocar pessoas aflitas (por exemplo, 1.31, 41 *et al.*).

No entanto, quando **os espíritos imundos, vendo-o...** clamavam, dizendo: **Tu és o Filho de Deus** (11), Jesus os "ameaçava muito, para que não o manifestassem" (12). Jesus rejeitava firme e vigorosamente o testemunho indigno dos demônios, e regularmente ordenava aos que tinham testemunhado um milagre que mantivessem silêncio a este respeito. Não apenas pelo seu desejo de não insuflar esperanças nacionalistas de um Messias político, mas porque Jesus recusava tais testemunhos, para que os homens não o seguissem por razões impróprias. As suas palavras e os seus milagres fariam com que eles vissem quem Ele era, se fossem capazes de enxergar (Lc 7.19-23).

B. A Escolha dos Doze, 3.13-19

Como aumentava a brecha entre Jesus e as autoridades judaicas (3.6), o Senhor começou a construção da sua própria *ecclesia*, o novo Israel. Subindo **ao monte** (a região montanhosa da Galiléia), Ele **chamou para si os que ele quis** (13). As palavras (literalmente, "que Ele mesmo queria") enfatizam a escolha soberana de Jesus: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós" (Jo 15.16). No mistério da sua própria vontade, Jesus chamou os Doze, inclusive Judas Iscariotes, **e vieram a ele**, uma resposta sem qualquer coação, pela própria vontade de cada um deles.

Jesus **nomeou** (ou melhor "escolheu") **doze** (14) **para que estivessem com ele** para treinamento formal e informal. Tal instrução levaria a uma missão de pregação, de cura e de libertação. Por meio da companhia íntima com o Senhor, os discípulos receberiam uma comissão de **pregar** e uma autoridade (*exousia*, **poder** com o sentido de uma autoridade delegada) para **curar as enfermidades, e expulsar os demônios** (15). Houve alguma vez um programa de treinamento ministerial tão simples e tão eficiente? "A sua nomeação envolvia comunhão... companhia... comissão."[3]

O Novo Testamento nos apresenta quatro listas com os nomes dos Doze: além da lista de Marcos, Mateus 10.2-4; Lucas 6.14-16; Atos 1.13. **Simão, a quem pôs o nome de Pedro** (16) sempre encabeça a lista, e Judas Iscariotes é sempre o último (exceto em Atos, onde o seu nome é omitido). **Tiago... e João... aos quais pôs o nome de... Filhos do trovão** (17) completam o círculo íntimo.

Marcos usa os "apelidos pessoais carinhosos"[4] de uma forma única. Pedro, o nome que Jesus deu a Simão, significa "pedra" e era mais uma promessa do que uma avaliação. Os filhos de Zebedeu tinham personalidades tempestuosas (cf. 9.38; Lc 9.54), mas o apelido deles pode ter sido complementar, implicando que os seus testemunhos cristãos poderiam ser tão poderosos quanto um trovão.

André, o quarto membro do grupo de pescadores, era um discípulo eficiente, mas não era um membro do "círculo íntimo". Considera-se que Bartolomeu e Natanael são a mesma pessoa, visto que João une Filipe a Natanael, ao passo que os Sinóticos ligam Filipe a Bartolomeu (que significa "filho de *Talmai*"). Mateus também é chamado de Levi, e só é descrito como um publicano no primeiro Evangelho. Tomé significa "gêmeo". **Tiago, filho de Alfeu** (18) algumas vezes é identificado como "Tiago, o menor" (15.40) e pode ter sido irmão de Levi, que também era "filho de Alfeu" (2.14). **Simão, o Zelote,** ou

Simão, o nacionalista, deveria ser entendido como "o cananeu", um participante de um grupo revolucionário também chamado de Zelotes (Lc 6.15; At 1.13).

Iscariotes pode significar que Judas era de Queriote, uma cidade no sul de Judá, ou pode ter sido um apelido que significa "assassino". Grant opina que a palavra provavelmente significa 'sicarious' ('assassino'), um nome ('sicarii') que designava os zelotes... no ano 70 d.C.".[5] Jesus deve ter visto, alguma vez, no homem **que o traiu** (19), significativas possibilidades para o bem. Foi pela transgressão que Judas caiu, e não por um determinismo divino inexorável.

Houve doze discípulos. Eram todos homens comuns com personalidades imperfeitas e diferentes. Apesar disso, devido à companhia de Jesus, todos eles – com exceção de Judas – estavam destinados a se tornarem testemunhas cristãs poderosas e eficazes.

C. AMIGOS E ADVERSÁRIOS, 3.20-35

1. *O Pecado Imperdoável* (3.20-30)

E foram para uma casa (19).[6] Voltando à Sua casa em Cafarnaum, depois do curto intervalo na região montanhosa (3.13), Jesus uma vez mais mergulhou em seu desgastante ministério. Tão grande e insistente era **a multidão** (20) que **afluiu,** que Jesus e os seus discípulos **nem sequer podiam comer pão**; não havia tempo sequer para as refeições.

Temendo pela saúde e pela sanidade mental de Jesus, alguns amigos, evidentemente de Nazaré, **saíram para o prender** ("impedir"; 21). É provável que o versículo 21 antecipe o 31, onde **seus irmãos e sua mãe** são descritos como compartilhando da preocupação com a sua segurança. Eles estavam convictos de que Ele **estava fora de si**. A imagem que Marcos nos dá é de um zelo inacreditável e de uma atividade vigorosa por parte de Jesus. Agora aparece outro grupo – uma delegação de **escribas** (fariseus), **que tinham descido de Jerusalém** (22). Estes homens tinham mais prestígio e autoridade do que os escribas locais. Quando um judeu devoto vinha de Jerusalém, ele "descia" e da mesma forma "subia" quando viajava para a cidade sagrada. Esses investigadores oficiais tinham uma acusação ainda mais séria: Ele **tem Belzebu,**[7] e é associado com o **príncipe dos demônios**.

Respondendo **por parábolas** (23; ou discursando em parábolas; a primeira vez que esse termo aparece no texto de Marcos), Jesus disse três coisas. A primeira: **Como pode Satanás expulsar Satanás?** Satanás é esperto demais para tolerar uma divisão destrutiva no seu reino. Em segundo lugar, quem quer que expulse Satanás deve ser mais forte do que ele; como conseqüência, ademais, alguém que não seja Satanás. Jesus deixa implícito no versículo 27 que Ele mesmo veio para entrar na casa do valente e roubar os seus bens. Sendo mais forte do que Satanás, Jesus pode amarrá-lo e despojar a sua casa. Foi por isso que "o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo" (1 Jo 3.8).

Finalmente, em terceiro lugar, Jesus fez um ríspido aviso àqueles que atribuíam as obras de Deus ao poder de Satanás. **Na verdade vos digo... Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão** (28-29). Antecedida pela solene afirmação **Na verdade** (literalmente, "Amém"; a primeira das treze ocorrências

no texto de Marcos), esta advertência contém uma promessa sublime e o aviso mais sério possível. A maravilha do Evangelho é que todos os pecados serão perdoados; porém o fato de que alguém possa estar correndo o risco de cometer um pecado eterno[8] é algo para se considerar com muita seriedade.

Qual é o pecado *imperdoável*? A resposta está na própria explicação de Marcos: **Porque diziam: Tem espírito imundo** (30). Os escribas tinham atribuído os milagres de Jesus a *Belzebu*, o nome de um deus pagão corrupto que os judeus daquela época aplicavam a Satanás. Atribuir a obra do Espírito Santo no ministério de Jesus ao poder do mal era demonstrar uma cegueira espiritual irremediável. Significava tornar-se culpado de um pecado eterno e ficar sujeito ao eterno juízo (29). Por quê? Aquele que diz "Mal, seja o meu bem",[9] voltou o seu rosto para as trevas e voltou as costas para a luz. "E, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade" (2 Ts 2.11-12*a*).

A pregação deste tema em desacordo com as Escrituras tem causado um lamentável prejuízo às boas almas. Ninguém que comete tal pecado imperdoável sente-se afligido ou acusado por esta possibilidade.[10] Aquele que de fato comete tal pecado não tem consciência dele. Isto não é para minimizar a seriedade do assunto, mas somente para pensar claramente sobre o aviso sombrio de Jesus. "Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!" (Mt 6.23*b*).

2. *"Minha Mãe e Meus Irmãos"* (3.31-35)

Entre aqueles que vieram para "prender" Jesus (21), temendo que Ele estivesse "fora de si", estavam **seus irmãos e sua mãe** (31). Incapazes de "aproximar-se dele por causa da multidão" (Lc 8.19), eles se assentaram fora e mandaram-no chamar.

Maria, que só aparece neste ponto no texto de Marcos, e seus filhos[11] estavam preocupados com o intenso zelo e atividade de Jesus. Muitas coisas Maria "guardava... conferindo-as em seu coração" (Lc 2.19). Ela não compreendia perfeitamente o seu Filho e "nem mesmo seus irmãos criam nele" (Jo 7.5). Agora, sentados fora da casa, ou à margem da multidão, eles enviaram uma mensagem ansiosa de que queriam falar com Ele.

O que segue é uma aplicação dos próprios requisitos de Jesus: "Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs... não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26). Na vívida descrição de Marcos de um gesto característico, Jesus olhou para os que estavam ao seu redor e disse: **Eis aqui minha mãe e meus irmãos** (34). Jesus não pretendia ofender aqueles que eram seus parentes de sangue; isto está claro na maneira como Ele se preocupou com a sua mãe, até mesmo em meio à agonia da cruz (Jo 19.26-27). O nosso Senhor estava simplesmente esclarecendo um aspecto, com uma atitude forçosamente dramática. **Qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe** (35).

"A obediência a Deus, mais do que os relacionamentos físicos, leva os homens a estarem mais próximos de Jesus."[12] Grant observa que este episódio deve ter sido animador para a igreja primitiva, ferida pela separação das famílias, pelo ostracismo e pela perseguição.[13] Também deve ser dito que, uma vez que a obediência à vontade de Deus é ordenada, ela é, pela graça de Deus, possível para os seres humanos.

D. UM MINISTÉRIO EM PARÁBOLAS, 4.1-34

1. *A Parábola do Semeador* (4.1-9)

Afastando-se daqueles que deturpavam a sua imagem e não o entendiam, Jesus **outra vez** começou a ensinar **junto ao mar** uma **grande multidão** (1). Entre eles, estavam seguidores cuja afinidade espiritual com Ele era mais forte do que os seus laços de família.

Talvez para escapar à pressão da multidão, muitas vezes quase uma ameaça pessoal, Jesus entrou **num barco**. Aqui Ele tinha um "púlpito flutuante" (Hunter), e **assentou-se... sobre o mar** para ensinar **toda a multidão** que estava **junto ao mar** naquilo que deve ter sido um anfiteatro natural. O fato de Jesus sentar-se para ensinar é uma evidência do poder das suas palavras. A verdade vívida, mais do que uma apresentação dramática, aprisionava a atenção do povo. A doutrina que Ele ensinava não era nesta ocasião um discurso teológico, mas ensinava-lhes **muitas coisas por parábolas** (2), tais como as que aparecem neste capítulo.

Será útil, neste ponto, considerar o significado da palavra *parábola*. A palavra do Novo Testamento pode ser definida como "uma colocação ao lado... uma comparação... exemplificação, analogia, imagem".[14] Pode referir-se não apenas às histórias que Jesus contava, mas também às figuras de linguagem e analogias que Ele freqüentemente usava (por exemplo, 2.17, 19ss.). "Uma parábola é uma história terrena com um significado espiritual."[15]

O uso de parábolas era comum entre o povo hebreu, mas Jesus as usava com propósito penetrante, especialmente quando entre os ouvintes aumentava o número daqueles que poderiam interpretar mal ou usar mal os seus ensinos. Uma história poderia captar e conservar naturalmente a atenção de um amigo e também de um inimigo; mas, além disso, a parábola examinava o coração, levando a pensamentos e aplicações mais profundos. As parábolas eram "armas morais para surpreender e agitar a consciência".[16]

Jesus começou pedindo a atenção dos ouvintes: **Ouvi** (3). "Escutem!" O aviso misterioso do versículo 9, concluindo a parábola, combinado com este pedido, parece ressaltar a necessidade da audição atenta.

Esta parábola do semeador está no início de uma série de parábolas, em todos os Evangelhos Sinóticos, e está relacionada à recepção dos ensinos de Jesus, o divino **semeador** que saiu para **semear**.

A justificativa para esta parábola se encontra na atitude das autoridades judaicas, que deturpavam a imagem de Jesus, e na reação da sua própria família, que não conseguiu compreendê-lo. Por que a pregação do Evangelho não produz resultados uniformes em todos os ouvintes? A resposta da parábola é: "A obra da Palavra Divina não é automática... a natureza da resposta divina é ditada pela natureza do coração que a recebe".[17]

O Pai "faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mt 5.45); portanto, Ele também semeia a semente em todos os tipos de solo: **junto ao caminho** (4), **sobre pedregais** (5), **entre espinhos** (7) e **em boa terra** (8) (literalmente, em "solo bom"). "O coração duro, o coração superficial, o coração ocupado e o coração bom – todos estão verdadeiramente presentes, onde quer que a Palavra de Deus estiver sendo pregada."[18]

Para mesclar metáforas, sem dúvida existe uma responsabilidade por parte daqueles que "preparam o caminho do Senhor" (1.3) no que tange ao cultivo do solo. Apesar disso, todo aquele que ouve a Palavra tem uma obrigação clara: **Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça** (9).

2. *Uma Explicação das Parábolas* (4.10-20)

As multidões tinham partido e Jesus estava **só**, exceto por aqueles **que estavam junto dele com os doze** (10). Estes eram seguidores solidários que estavam entre o público maior, e **interrogaram-no acerca da parábola.**[19]

Esta pergunta ilustra o objetivo e a eficiência das suas parábolas: levarem as pessoas a pensar, a fim de que a mensagem pudesse penetrar em seus corações através dos seus ouvidos (cf. Lc 9.44).

Antes de explicar a parábola, Jesus lembrou os seus discípulos de que eles haviam sido abençoados com discernimento espiritual, que lhes fora dado por revelação, ao passo que o mesmo não havia ocorrido com os **de fora** (11) do seu círculo. Os **mistérios** ("segredos") **do reino de Deus**, através da fé e da obediência, lhes foram esclarecidos. Para aqueles que ainda permaneciam na cegueira moral, Jesus propositadamente falava **essas coisas... por parábolas**.

A seguir (12) vem um versículo desconcertante. Da maneira que as palavras são colocadas, Marcos parece dizer que o propósito das parábolas era o de (*hina*, "para") obstruir a compreensão e impedir a conversão. A linguagem é tão forte que um exegeta moderado como Vincent Taylor conclui que "Marcos nos deu uma versão inautêntica de um pronunciamento genuíno".[20]

Nenhuma conclusão desse tipo é exigida pelas evidências. O fundamento deste versículo é Isaías 6.9-10, onde a comissão do profeta é dada em linguagem irônica. A explanação de Barclay é útil: "A explicação é que nenhum homem consegue traduzir nem colocar no papel um tom de voz. Quando Isaías falou, ele falou equilibrando ironia e desespero, e, de modo geral, com amor".[21]

Isaías, que disse: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (Is 6.8), e Jesus: "àquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo" (Jo 10.36), trabalharam para ajudar o homem a enxergar. A linguagem do versículo 12 é a ironia. Jesus tinha, primeiramente, optado por falar de forma direta, mas quando os homens rejeitaram as suas palavras, Ele se voltou para o estilo indireto das parábolas, com a esperança de que a curiosidade conduzisse à reflexão mais profunda e, finalmente, à aceitação. Apesar disso, no fim, Ele soube que os corações endurecidos, superficiais e sobrecarregados iriam desdenhar a verdade.

A compreensão desta parábola era crucial. Aqueles que não percebessem **esta parábola** (13) teriam dificuldades com **todas as parábolas**. Isso ocorre não somente porque a parábola do semeador é simples, mas porque a sua compreensão reflete a reação aos ensinos por parábolas em geral. Esta é a chave para o valor do ensino de todas as demais parábolas.

A semente é **a palavra** (14); e se Jesus tinha confiança na vitalidade daquela semente, assim também devemos ter. A colheita é garantida. E sobre os solos onde a semente é semeada? Os quatro tipos de solo exemplificam 1) a vida endurecida, 4, 15; 2) a vida superficial, 5-6, 16-17; 3) a vida atribulada, 7, 18-19; e 4) a vida receptiva, 8, 20.[22]

O coração endurecido não tem abertura para a semente; assim, **vem logo Satanás e tira a palavra** (15). De alguma forma aquele solo deveria ser aberto, para que a semente pudesse se alojar ali.

O solo com pedregais, onde uma camada fina de solo cobre a rocha, produz um resultado aparentemente deslumbrante. Mas sem raízes em si mesmos, esses seguidores de Cristo **são temporãos** ou de pouca duração (17), sujeitos a "tropeçar *e* se afastar" (*NT Amplificado*) diante da **tribulação ou perseguição**. Uma teologia que ensina uma salvação posicional não encoraja. O mesmo acontece com a doutrina conhecida como a "segurança eterna". Mas tampouco existe base para aquele pessimismo que não vê esperança no cristão que "vem fácil", e que também se vai "facilmente". Se ele puder ao menos uma vez se achegar a Deus para a purificação dos seus pecados, a sua superficialidade pode ser substituída pela profundidade, e a sua hesitação pode dar lugar à estabilidade.

É alarmante saber que existem forças capazes de sufocar a palavra, de tal forma que ela fique **infrutífera** (19)! Os **cuidados** diários, **os enganos**[23] **das riquezas**, somados às **ambições** ou desejos de **outras coisas** que não são a vontade de Deus podem se combinar e **sufocar** a palavra (a palavra traduzida literalmente significa "espremer", ou seja, "estrangular").[24]

O quadro até agora é pessimista, mas o clímax não o é. Existe **boa terra** (20) também, e talvez em um campo exista mais terra boa do que um solo menos produtivo. **São os que ouvem a palavra, e a recebem** (20; que "lhe dão as boas-vindas", Goodspeed). A fé é mais do que concordar com a verdade, ou consentir com o dever; é também um compromisso e uma aceitação do coração. Isso dá **fruto** em grandes quantidades.

3. *Uma Exortação à Compreensão* (4.21-25)

Mais uma vez Jesus lança mão das características da vida cotidiana e lhes dá um significado luminoso. Repare na **candeia** (ou lamparina), no **cesto** (com capacidade aproximada de um litro), na **cama** (um colchão para ser enrolado durante o dia), no **velador** (uma pequena prateleira projetada da parede). Todos estes eram utensílios básicos em uma típica casa na Palestina.

> *A terra está repleta de céu*
> *E todo arbusto comum está aceso com o fogo de Deus,*
> *Mas somente aquele que vê tira os seus sapatos.*[25]

Por que se traz **uma candeia** (21) para dentro da casa? Para ser **posta debaixo do cesto ou debaixo da cama?** (Colocar a candeia debaixo da cama não era impossível, pois o colchão poderia ser ligeiramente levantado, obstruindo a luz.) A resposta é óbvia. A candeia é trazida para dentro da casa para afastar a escuridão, e assim deve permanecer em uma posição desobstruída.

Por que, então, o Cristo veio ao mundo? Com certeza, Ele falava por meio de misteriosas parábolas e passava quase incógnito, revelando os "mistérios do Reino de Deus" (4.11) somente a algumas poucas pessoas. Apesar disso, **nada há encoberto** (22) "que não haja de ser manifesto", e **nada se faz para ficar oculto,** "mas para ser descoberto".

A ocultação temporária da sua mensagem sob a forma de parábolas, e o encobrimento temporário da sua pessoa ("E ele os ameaçava muito, para que não o manifestassem",

3.12) tinham realmente a finalidade de revelar a verdade. "O véu aumenta a atenção, estimula a curiosidade, apressa o esforço, e assim se torna positivamente subsidiário para o grande propósito da revelação...."[26]

Assim, o ouvinte tem claramente uma obrigação: "Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça" (23, S. E. Johnson). **Atendei ao que ides ouvir** (24) e "como ouvis" (Lc 8.18). Se o homem no púlpito precisa cuidar para que "a ovelha faminta, ao procurar comida, não deixe de encontrá-la",[27] a conseqüência é que o homem no banco da igreja tem a responsabilidade de ouvir com ansiosa consideração. Quanto mais você der, mais receberá, ou, mais precisamente: **Com a medida com que medirdes vos medirão a vós** (24). "A resposta à verdade é a condição para receber mais verdade."[28] Além disso, uma recusa em responder à verdade irá levar à atrofia moral e à decadência. Neste sentido, "o rico fica mais rico e o pobre fica mais pobre". ... **ao que nada tem, até o que tem lhe será tirado** (25). "E, quanto ao homem que nada tem, até mesmo esse 'nada' lhe será tirado" (Phillips).

4. *A Parábola da Semente que Cresce Secretamente* (4.26-29)

Esta parábola, que só é encontrada no livro de Marcos, está de acordo com a parábola do semeador, mas tem sido sujeita a várias interpretações. O impulso central desta parábola certamente é o de que "o crescimento do Reino de Deus está além da compreensão e do controle do homem".[29] **O Reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra... e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como** (26-27). Enquanto o semeador segue a sua rotina diária, dormindo e levantando, noite e dia, a terra **por si mesma frutifica** (28; de forma literal: "automaticamente", *automate*).

O servo do Senhor certamente tem a obrigação de cultivar o solo, plantar a semente e regar as plantas, mas é "Deus que dá o crescimento" (1 Co 3.7). Podemos deduzir outras verdades, tais como as limitações do homem e a necessidade de paciência; mas a parábola ensina, antes de mais nada, "a certeza... a inevitabilidade da vinda do reino, uma vez que a semente"[30] **é lançada à terra** (26).

Pode ser que a intenção da parábola não fosse ensinar a progressão gradual da vinda do Reino, mas essa vinda ocorre com certeza, e em estágios ordenados: **primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga** (28). Como Halford Luccock nos recorda,[31] o primeiro e o último estágio deste processo são estimulantes. Mas o estágio do meio, a "adolescência" do crescimento cristão, é menos deslumbrante. Quer seja na vida de um jovem cristão, de uma igreja jovem ou na sociedade, a **erva** e o **grão cheio na espiga** são motivos para alegria. A mais dolorosa experiência de crescimento requer paciência e fidelidade.

Quando já o fruto se mostra (29), isto é, "quando o fruto já está maduro", é tempo de meter-lhe **logo a foice** (cf. Jl 3.13), **porque está chegada a ceifa**. A visão que alguém tem da parábola como um todo, governa a sua interpretação sobre a ceifa. Alguns consideram o tempo da colheita como sendo o fim do mundo. Nesse caso, o trabalhador cristão não tem a responsabilidade de meter a foice. Parece melhor, embora sem rejeitar as implicações escatológicas, aplicar esta parábola ao crescimento do Reino, seja onde e quando ele ocorrer. Os homens que **lançam sementes à terra** (26) e os que assistem a terra frutificando por si mesma, ainda terão uma tarefa urgente. "A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros" (Mt 9.37).

5. *A Parábola da Semente de Mostarda* (4.30-32)

Jesus aqui continuou com o seu esforço para ajudar os discípulos a entender a verdadeira natureza do **Reino de Deus** (30). (E como eram lentos para aprender! cf. At 1.6.) Ele perguntou: **A que assemelharemos o Reino de Deus?**, graciosamente incluindo os ouvintes no projeto. De forma incidental, podemos notar a importância do pensamento ilustrado nos assuntos espirituais. **Com que parábola o representaremos?**[32] As idéias abstratas precisam ser revestidas de histórias e imagens para que possam atingir o coração e a mente.

O tema da parábola é que, embora o Reino possa ter tido o menor começo possível, algum dia crescerá e chegará a um tamanho fenomenal. **Um grão de mostarda** (31) foi usado proverbialmente para representar alguma coisa muito pequena (veja Mt 17.20). Apesar do seu tamanho, a semente de mostarda produz uma planta ou arbusto maior do que qualquer outra hortaliça do jardim, com cerca de três metros de altura, ou mais. Os galhos da planta têm tamanho suficiente para permitir que as aves do céu façam os seus ninhos e possam se abrigar **debaixo da sua sombra**. (Os pássaros gostam da semente de mostarda.)

A imagem de uma grande árvore, com pássaros habitando nos seus galhos e animais descansando à sua sombra, é uma lembrança do ensino do Antigo Testamento sobre o destino dos grandes impérios e a ascensão do Reino de Deus. O grande cedro da Assíria foi cortado e também a poderosa árvore de Nabucodonosor (Ez 21.3-13; Dn 4.10-14), mas a árvore do Senhor floresceu (Ez 17.22-24).

A consciência da certeza dada por Cristo nesta parábola deve ter sido uma fonte de enorme encorajamento, na época de Marcos, para a jovem igreja que estava lutando neste mundo. Existe uma pergunta que desperta o nosso raciocínio: "... quem despreza o dia das coisas pequenas?" (Zc 4.10).

6. *Sobre o Uso de Parábolas* (4.33-34)

As palavras: **com muitas parábolas tais** (33) deixam claro que Marcos nos fornece somente uma seleção de um agrupamento maior. "Ao manter a sua ênfase na ação, Marcos apresenta menor quantidade de ensinos de Jesus do que os outros Evangelhos Sinóticos; porém, proporcionalmente, mais dos seus milagres."[33]

Por meio de tais parábolas, ou figuras, Jesus **lhes** dirigia **a palavra**, as boas-novas do Reino (33). Seja qual for o meio, permita-se ao homem de Deus "pregar a palavra" (2 Tm 4.2) e assim seguir as "suas pisadas" (1 Pe 2.21).

Como o Mestre por excelência, Jesus **lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender** (33). Um bom professor adapta os seus materiais e métodos à capacidade dos seus alunos. Mesmo no final de seu ministério, Jesus disse aos seus discípulos: "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora" (Jo 16.12). Isso dá uma pista tanto para o aluno quanto para o professor. Permita-se que o professor tenha um sincero interesse pelos seus alunos, para o próprio bem deles, e permita-se que os alunos se lembrem de que "ninguém pode passar para os estudos avançados até dominar os estudos básicos".[34]

Era costume de Jesus não se dirigir às multidões **sem parábolas** (34), uma figura de linguagem de algum tipo. "Se tivesse falado às multidões de uma forma direta, Ele as teria forçado a tomar uma decisão final de uma vez... uma decisão de descrença e rejeição."[35] (Veja

o comentário sobre 4.10-20.) Mas quando os discípulos estavam **em particular** com Ele, **tudo** lhes declarava (literalmente: "liberava o conhecimento"). Os aprendizes ansiosos e interessados ficavam até depois da aula para terem uma explicação detalhada da lição!

Ao negligenciarem a exposição das Escrituras, os pregadores não melhoram o método de Jesus. Continua sendo verdade que os corações dos homens arderão dentro deles quando alguém lhes abrir as Escrituras (cf. Lc 24:32).

E. Um Ministério de Milagres, 4.35—5.43

1. *Jesus Apazigua a Tempestade* (4.35-41)

O cenário do "ministério de parábolas", registrado no capítulo 4, foi "junto ao mar" (1). Jesus tinha se assentado "sobre o mar", tendo um barco como seu púlpito. **Naquele** [mesmo] **dia** (35), um dia cheio de ensinos públicos e explicações em particular, Ele disse: **Passemos para a outra margem.** Jesus se referia, naturalmente, ao mar da Galiléia (veja o mapa), um lago de água fresca no norte da Palestina, em forma de coração, com cerca de vinte quilômetros de comprimento por treze de largura, duzentos metros abaixo do nível do mar. O mar era um lugar de beleza inspiradora: era um centro de atividade comercial na época de Jesus. Com montanhas margeando a maior parte do lago, era sujeito a violentas tempestades por causa das fortes correntes de ar frio que vinham dos níveis mais altos até os mais baixos.[36]

Já era **tarde** quando Jesus fez o convite: **Passemos para a outra margem.** Aqui existe uma sugestiva palavra de carinhosa compaixão nos lábios de um pastor, ao compartilhar uma hora de luto com o seu rebanho.

Deixando a multidão, os discípulos levaram Jesus consigo **assim como estava** (36), talvez sem deixar o barco mencionado no versículo 1. Chega uma hora em que é preciso afastar-se da vida agitada e procurar um lugar para repouso e recuperação. Jesus tentou colocar vários quilômetros de água entre Ele e as cidades da costa oeste quando se dirigiu para o lado leste, um lugar menos habitado. As palavras **havia também com ele outros barquinhos** deixa evidente que esse anseio era um tanto estranho. Este detalhe, desnecessário para a história, é outra recordação autêntica, muito provavelmente do próprio Pedro. Aparentemente, a tempestade logo virou os demais barcos.

Pelas razões geográficas descritas anteriormente, logo **levantou-se grande temporal de vento** (37), de proporções de furacão, com ondas fortes que ameaçavam afundar o barco.[37] Demonstrando fadiga e fé, Jesus **estava... dormindo sobre uma almofada** (38) na popa do barco. Mas esse não era "um travesseiro macio e luxuoso... [mas sim] o banco baixo da popa onde às vezes se sentava o timoneiro, e onde ocasionalmente o capitão apoiava a sua cabeça para dormir".[38] A **almofada** talvez fosse de couro. Somente aqui o Novo Testamento menciona Jesus adormecido, embora João 4.6 registre que Jesus "cansado... assentou-se assim junto da fonte".

Aterrorizados, os discípulos acordaram Jesus e disseram, em tom de reprovação: **Mestre, não te importa que pereçamos?** (38). A rispidez com que se dirigiram a Ele e a severidade da reprimenda de Jesus são exemplos adicionais de detalhes das lembranças de Pedro, de quem se acredita que Marcos obteve grande parte do conteúdo do seu Evangelho.

Despertado de forma rude, Jesus se dirigiu à tempestade com uma linguagem que nos faz lembrar alguém expulsando o diabo da vida de uma pessoa possessa. Ele proferiu duas palavras: uma para o vento ruidoso: "Cala-te!"; a outra para as águas iradas, "Aquieta-te!" Como se estivessem cansados e fatigados, **o vento se aquietou** (39), e nas águas **houve grande bonança**.

Sob o título "Com o Mestre a Bordo", podemos observar: 1) a crise, 37-38; 2) Cristo, 39; 3) a calma, 39.

Os milagres de Jesus, especialmente os "milagres da natureza", são uma ofensa para aqueles que rejeitam o que é sobrenatural. Mas não foi sempre assim? (cf. 1 Co 1.23). Quando alguém admite o maior de todos os milagres, a Encarnação, os milagres do Novo Testamento também são aceitos. De qualquer forma, a rejeição deste milagre simplesmente não leva em consideração o responsável relato de Marcos.[39]

Tendo repreendido os elementos da natureza, Jesus se voltou aos seus perturbados seguidores e lhes repreendeu: **Por que sois tão tímidos?** (40) Se Ele censurou a falta de coragem deles, será que elogiaria os nossos temores? Nós vivemos em uma era de ansiedade. A preocupação não é um adversário manso. Mas em oposição ao medo, Jesus estabelece a **fé**. O nosso Senhor nos ajuda nesse ponto. "No dia em que eu temer, hei de confiar em ti" (Sl 56.3).

Sem palavras, os discípulos agora **sentiram um grande temor** (41). Literalmente: "Estavam apavorados com grande medo". Os discípulos fizeram a maior pergunta da vida: **Mas quem é este?** A resposta correta para esta pergunta é a única solução para a questão dos milagres. O singular do verbo *obedecer* no texto original indica que se pensou em cada elemento separadamente. "Até mesmo o vento, até mesmo o mar, obedecem a Ele."[40]

A pergunta: **Mas quem é este?** pode ser usada para iniciar uma exposição dos versículos 4.39—5.43. O tema poderia ser "O poder de Cristo": 1) sobre o perigo, 4.36-41; 2) sobre os demônios, 5.1-19; 3) sobre as enfermidades, 5.24-34; 4) sobre a morte, 5.20-23, 35-43.

2. *O Endemoninhado Gadareno* (5.1-20)

Por mais rotineiras que pareçam as palavras: **E chegaram à outra margem do mar** (1), os discípulos devem ter ficado mais sábios e fortes pela recente experiência (cf; 4.35-41)! "Na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois..." (Hb 12.11). Quando Jesus e os seus discípulos entraram na **província dos gadarenos**,[41] saindo de um mar tempestuoso, imediatamente confrontaram-se com um homem que tinha a alma tempestuosa, **um homem com espírito imundo** (2).[42]

A descrição do endemoninhado gadareno (3-5) é uma descrição da desgraça e da brutalidade do pecado. Ele **tinha a sua morada nos sepulcros** (3), uma possibilidade real, pois os sepulcros freqüentemente se localizavam nas cavernas. Ninguém **o podia... prender** e **ninguém** era forte o suficiente para **o amansar**.[43] **As cadeias foram por ele feitas em pedaços**, e **os grilhões, em migalhas** (4). Era simplesmente impossível conter o endemoninhado (uma série de frases negativas no texto grego destaca este fato). A sua enorme força somente lhe trazia infelicidade, porque andava sempre, **de dia e de noite, clamando pelos montes e pelos sepulcros e ferindo-se com pedras** (5).

O pecado é o "inimigo público número 1", pois representa: 1) suicídio – morar no local da morte, 3; 2) insanidade, 4; 3) autodestruição, 5.

Aqui podemos ver outro exemplo daquele misterioso reconhecimento de Jesus por parte daqueles que estavam possuídos. Embora a alguma distância da costa, quando o endemoninhado **viu Jesus... correu e adorou-o** (6), ou seja, caiu prostrado diante dele. Nem mesmo os discípulos chegaram a entender quem Jesus verdadeiramente era, mas o endemoninhado gritava: "Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?" (7) A expressão **Deus Altíssimo** reflete um nome para Deus no Antigo Testamento, usado "principalmente pelos não israelitas, para se referirem ao Deus de Israel".[44] As palavras: **Conjuro-te por Deus,** representam a linguagem de alguém que expulsa demônios. Será que foi tentada aqui uma inversão de valores?[45] **Não me atormentes** provavelmente reflete o medo do demônio de que Jesus o expulsasse (cf. Mt 8.29). O opressor estava pedindo para escapar ao tormento; Jesus **lhe dizia: Sai deste homem, espírito imundo** (8).

Talvez para ajudar esta alma confusa a voltar a si, Jesus **perguntou-lhe: Qual é o teu nome?** (9). O adversário obter o nome do seu oponente era, conforme se julgava, o primeiro passo para adquirir controle sobre ele. Ele **lhe respondeu... Legião é o meu nome, porque somos muitos**. A alternância entre "eu" e "nós" na resposta do endemoninhado dá uma idéia da extensão da divisão da sua personalidade devido à presença das forças demoníacas. Ele estava subjugado por "um conglomerado de forças do mal",[46] e o conjunto de quatro a seis mil homens em uma legião romana pode ter sido uma descrição precisa de sua condição.

A súplica desesperada dos demônios para que Jesus **os não enviasse para fora daquela província** (10) evidentemente reflete o medo que têm da punição eterna (cf. Lc 8.31, "para o abismo", ou para "a perdição eterna"). Reconhecendo a autoridade de Jesus e a própria derrota, **todos aqueles demônios**[47] **lhe rogaram** (12), pedindo permissão para entrar em **uma grande manada de porcos** que **andava ali pastando** (11).

A história agora "passa a ter dificuldades" (Cranfield), pois Jesus **lho permitiu** (13). Os **espíritos imundos** saíram da sua vítima e **entraram nos porcos**. Descendo violentamente por um **despenhadeiro,** quase **dois mil** porcos se afogaram **no mar**.

Por que Jesus permitiu esta destruição de propriedade? Alguns estudiosos, procurando suavizar essa ocorrência, concluíram que os últimos gritos selvagens do endemoninhado assustaram os animais, e isto pode ter causado o desastre. Outros o classificam como uma fábula judaica.

Essa história permanece como uma parte integral do registro Sinótico, e deve transmitir uma verdade significativa. Talvez a melhor explicação seja que o pobre demente gadareno precisava de alguma evidência exterior da sua libertação. A fuga e a destruição dos porcos foram "demonstrações visíveis para o endemoninhado de que os demônios tinham verdadeiramente saído dele".[48] A observação de Barclay nos parece correta:

> Como pode o destino dos porcos ser comparado com o destino da alma imortal de um homem?... Existe um sentimentalismo barato que promove a tristeza sobre a dor de um animal e não move um dedo quanto à situação infeliz de milhões dos homens e mulheres de Deus. Na escala de valores de Deus, não há nada tão importante quanto uma alma humana.[49]

E os que apascentavam os porcos fugiram e o anunciaram na cidade e nos campos (14). Onde mais poderiam contar a história? É muito natural que os homens, inclusive os proprietários dos porcos, tenham saído para **ver o que... tinha acontecido** (14). Eles foram ter com **Jesus** (15), mas viram o endemoninhado, **o que tivera a legião,** e "temeram" (15). Temeram a sanidade mental dele! Aquele que antes se enfurecia entre os sepulcros, "não andava vestido" (Lc 8.27), e que era completamente destituído da razão, agora estava **assentado, vestido e em perfeito juízo** (de uma palavra que significa "estar com a mente saudável").[50]

Os milagres de Jesus traziam admiração e espanto àqueles que os presenciavam. Lembremo-nos de que os discípulos "sentiram um grande temor" quando testemunharam a transformação da tempestade em bonança na Galiléia (4.41). Os homens sempre sentiram um *mysterium tremendum* na presença de Deus. Moisés tirou as sandálias dos pés diante da sarça ardente (Êx 3.5); Isaías clamou: "Ai de mim!" (Is 6.5) no Templo cheio de glória; e quando João viu o Cristo glorificado, ele caiu "aos seus pés como morto" (Ap 1.17). Marcos quer que nós sintamos, ao ler suas narrativas, que Jesus é o Cristo, o "Filho de Deus" (1.1).

Quando as testemunhas oculares descreveram a libertação do endemoninhado e a destruição dos porcos, os habitantes de Gerasa **começaram a rogar** (17; "implorar", "suplicar") a Jesus **que saísse do seu** território. Talvez eles temessem que viesse a acontecer uma perda ainda maior. Sem querer permanecer onde era indesejado, Jesus "satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar a sua alma" (Sl 106.15).[51] Registre-se que nenhum outro milagre que Jesus realizou recebeu tal resposta negativa.

Em um nítido contraste estava o eloqüente pedido do homem **que fora endemoninhado** (18). **Entrando** [Jesus] **no barco** (ou "quando ele estava entrando no barco"), o homem curado **rogava-lhe** ("suplicava" ou "implorava") **que o deixasse estar com ele**. Jesus colocou uma responsabilidade sobre o gadareno, embora novo na fé, pois **não... permitiu** (19) que o acompanhasse. **Vai para tua casa... e anuncia-lhes... quão grandes coisas o Senhor te fez e como teve misericórdia de ti**. Aqueles que tinham banido Jesus do seu litoral teriam, assim, um mensageiro pregando em Seu lugar.

Corajosa e vigorosamente, o ex-endemoninhado obedeceu; em seguida, **começou a anunciar** (20)[52] em Decápolis[53] **quão grandes coisas Jesus lhe fizera**. Observe que o gadareno identificava **o Senhor** com **Jesus** (19-20; veja Lc 8.39). O seu testemunho indiscutível evocava admiração. **Todos se maravilhavam.**

3. *A Ressurreição da Filha de Jairo* (5.21-43)

Nesta seção que vamos iniciar, dois "milagres gloriosos"[54] são descritos. Eles são únicos, no sentido de que um deles interrompe o acontecimento do outro, sem frustrá-lo. O primeiro representa aqueles que procuram ajuda, o segundo aqueles que devem receber ajuda por meio da instrumentalidade de outros. Um deles exemplifica o poder de Cristo sobre as enfermidades, e outro, o seu poder sobre a morte.

a) *A Súplica de Um Pai* (5.21-24). Retornando do lado leste do mar da Galiléia, e da experiência com o endemoninhado gadareno, Jesus passou **outra vez num barco** (21) para o lado oeste mais populoso. Em um agudo contraste com a recepção nada amistosa

entre os gadarenos, uma grande quantidade de pessoas **ajuntou-se a ele** assim que o Senhor pisou na costa próxima a Cafarnaum.

O primeiro a abrir caminho na aglomeração de curiosos foi um dos mais importantes membros da comunidade, **um dos principais da sinagoga, por nome Jairo** (22). Era como um presidente da congregação, cuja incumbência era "tratar especialmente da condução da adoração pública em suas várias partes: a oração, a leitura das Escrituras e a exortação".[55] Em seu desespero, Jairo esqueceu "os seus preconceitos... a sua dignidade... o seu orgulho... os seus amigos"[56] e caiu aos pés de Jesus. Nenhum homem ora de verdade, até que sinta-se esmagado a ponto de cair de joelhos.

Minha filha (ou *Minha filhinha;* o diminutivo no original, peculiar a Marcos, era um termo carinhoso) **está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos** (23). Jairo manifestou grande fé em Jesus e devia ter conhecimento do seu poder para curar. É uma especulação interessante pensar que ele podia estar entre os "anciãos dos judeus" que procuraram Jesus para curar o servo de um centurião amigo em Cafarnaum (Lc 7.2-5).

Embora pressionado por todos os lados pela multidão que **o apertava** (24), Jesus **foi** com o pai abatido, trazendo a esperança de que a sua filha seria *sarada* (literalmente, "salva").

b) *Uma Interrupção Patética* (5.25-34). Entre os que apertavam Jesus (24), quando Ele caminhou para a casa de Jairo, havia uma **certa mulher** (25) **que havia doze anos tinha um fluxo de sangue**. A sua enfermidade tinha a mesma idade da criança que naquele momento estava "moribunda" (23). Esta mulher, cujo nome não é mencionado, tinha procurado alívio **com muitos médicos** (26), mas isto de **nada** lhe serviu. O texto de Marcos é direto e não fornece muitos detalhes quanto aos médicos da época. A mulher **havia padecido muito** nas mãos deles, tinha **despendido tudo quanto tinha**, e estava cada vez **pior**. Lucas, o médico amado, de uma forma mais amigável com seus colegas de profissão, observa que a enfermidade não pudera ser curada (Lc 8.43).

A condição da mulher era patética – "supostamente uma hemorragia crônica, debilitante, embaraçosa... empobrecedora... desencorajadora".[57] Não é de surpreender que **ouvindo falar de Jesus** (27), cuja fama agora se espalhava enormemente, ela tivesse procurado a libertação através dele. Esperando "roubar um milagre",[58] ela veio **por detrás** de Jesus, em meio à multidão, e **tocou na sua vestimenta**.

A prática da cura normalmente tem sido associada com um toque. Nós já observamos como Jesus, "movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou" um leproso para curá-lo (1.41). As multidões freqüentemente "apertavam" o Mestre para "tocá-lo" (3.10). Isso também está de acordo com as instruções de Tiago sobre a oração pelos enfermos (Tg 5.14). **Se tão-somente tocar nas suas vestes** (28), pensou a mulher, com profunda esperança, **sararei**. Os homens de Israel deveriam usar um detalhe em sua roupa: "nas franjas das bordas porão um cordão azul" (Nm 15.38). Talvez ela tenha tocado essa orla ou borda da veste (Lc 8.44).

Logo (o advérbio favorito de Marcos, *euthus*) **se lhe secou** (29) **a fonte do seu sangue** (cf. Lv 12.7), e ela sentiu **estar já curada** daquele mal. A palavra **curada** (*iatai*) está no tempo perfeito e implica que as "conseqüências permanecem".[59]

Em um momento, a inexprimível alegria da mulher se transformou em medo, pois Jesus, **conhecendo**[60] que a virtude (*dynamis*) tinha "saído de si mesmo" (30), **voltou-se... e disse: Quem tocou nas minhas vestes?** Por que Jesus fez essa pergunta? Provavelmente para ajudar a mulher a fazer a confissão pública que é tão importante para a salvação (Rm 10.10), mas também para deixar claro que Ele mesmo era o objeto da sua fé, e não as suas roupas.

Os discípulos estavam obviamente distraídos e um pouco exasperados com a pergunta de Jesus. Por que Ele perguntaria **Quem me tocou?** (31) quando uma multidão o **apertava**[61] por todos os lados? A sua pergunta não era muito respeitosa e poderia, até mesmo, ser considerada um pouco sarcástica. Mas ela reflete a antiguidade e a confiabilidade da fonte de Marcos.

A cura da mulher nos recorda que existe um "mundo de diferenças entre o simples apertar Jesus e o tocá-lo através de uma fé pessoal".[62]

Ignorando o comentário dos seus discípulos, Jesus **olhava em redor** (32) para ver quem **isso fizera**. Mais uma vez narrando com detalhes, como aqueles que são lembrados por uma testemunha ocular, Marcos nos dá uma imagem vívida de Jesus procurando alguém entre os rostos da multidão, como em 3.5, com a diferença de que aqui o sentimento é de bondade, e não de ira.

Plenamente consciente de que havia deixado Jesus cerimonialmente impuro (Lv 15.19), e **tremendo** pela incerteza, pensando que Ele poderia estar zangado, a mulher se adiantou **e disse-lhe toda a verdade** (33). As palavras gentis de Jesus acalmaram o seu espírito amedrontado. **Filha, a tua fé te salvou** (34). Nenhum grupo tem mais a ganhar ao servir a Cristo, ou mais a perder por rejeitá-lo, do que as mulheres neste mundo.

Jesus deixou claro que foi a fé da mulher nele, e não alguma mágica proveniente do toque em suas vestes, que a curou. As suas palavras também foram uma confirmação exterior daquilo que havia ocorrido nela.

Vai em paz e sê curada. Como alguém que agora era saudável e livre da sua aflição, ela realmente poderia ir **em paz**. As bênçãos da boa saúde e o conseqüente sentimento de bem-estar são dádivas de Deus. Em essência, Jesus estava dizendo: "Não se preocupe mais com este problema".[63]

Assim, Marcos preservou, para todos os tempos, outro dos poderosos milagres Daquele que é "o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8).

c) *Da Morte Para a Vida* (5.35-43). Podemos imaginar a intensa ansiedade de Jairo durante a interrupção descrita nos versículos 25-34. Se ele sentiu algum medo, este foi confirmado quando algumas almas insensíveis se expressaram **estando** Jesus **ainda falando** (35) com a mulher, e contaram que a sua **filha** estava **morta**. A pergunta: **para que enfadas mais o Mestre?**[64] dá a entender que consideravam que Jairo o estava aborrecendo. Eles não tinham a expectativa de uma ressurreição.

Tendo ouvido **essas palavras** (36), mas ignorando a implicação delas,[65] Jesus rapidamente disse a Jairo: **Não temas, crê somente**. Com que freqüência Jesus censura o medo e encoraja a fé!

A esta altura Jesus voltou as costas para a multidão curiosa e **não permitiu que alguém o seguisse** (37), exceto o seu círculo íntimo formado por **Pedro, Tiago, e João**,

irmão de Tiago. O privilégio que tiveram esses três de testemunhar este e outros eventos notáveis (a transfiguração, 9.2; a agonia no Getsêmani, 14.33) foi contrabalançado pela responsabilidade posterior. Pedro foi o principal porta-voz no Pentecostes; Tiago foi martirizado um pouco depois desse acontecimento; e João exerceu uma inimaginável influência como o apóstolo do amor.

Quando finalmente Jesus e aqueles que estavam com Ele chegaram à **casa do principal da sinagoga** (38), eles viram o **alvoroço**, um grande rumor e a confusão causados pelos que choravam muito e pranteavam.[66] Era costume contratar pranteadoras profissionais, embora sem dúvida estivessem presentes amigos íntimos que choravam com sincero pesar.

Possivelmente incomodado por alguns que **choravam** e **pranteavam** por dinheiro, Jesus, tendo chegado à casa ou ao seu pátio, **disse-lhes: Por que vos alvoroçais** (literalmente, "fazer um tumulto", como no versículo 38) **e chorais?** (39) **A menina não está morta, mas dorme** (39).

A morte da criança deve ter sido literal, porque a história é o clímax de uma série de "poderosos milagres". Para o poder de Deus que residia em Jesus, a morte não era um obstáculo maior do que uma pessoa adormecida. "O outro mundo... está ao alcance da voz do Salvador."[67]

Confiantes de que **a menina** não estava de fato dormindo, mas **morta**, as carpideiras **riam** zombando de Jesus (40). A palavra (*kategelon*) transmite a idéia de menosprezo. "Elas... zombaram dele" (*NT Amplificado*). O escárnio não contribui em nada para uma atmosfera de fé; por esta razão, Jesus as fez **sair**.[68] "Somente aqueles que sinceramente pranteavam poderiam ser confortados; só eles precisavam de conforto."[69]

Acompanhado pelos três discípulos, Jesus realizou um serviço pastoral que tocou aquelas pessoas, assim como um bom ministro de Jesus Cristo deve fazer. Ele **tomou consigo o pai e a mãe da menina** e os que com ele estavam, e entrou onde a menina estava. A presença de outras pessoas com Jesus no quarto teria o valor testemunhal, e também satisfaria o sentido judaico de propriedade.

Em um gesto característico (cf. 1.31), Jesus tomou a **mão da menina** (41) e chamou-a, talvez da mesma maneira que os seus pais freqüentemente a despertavam do seu sono: "Levante-se, minha filha" (NEB). **Talitá cumi** talvez sejam as verdadeiras palavras proferidas por Jesus, pois Ele falava aramaico. A resposta da **menina** foi imediata. **Logo** (42) ela **se levantou e andava**. Marcos destaca que ela **já tinha doze anos** e, portanto, já tinha idade suficiente para andar.

Mais uma vez somos informados a respeito da reação emocional daqueles que testemunharam o divino poder de Jesus. Eles **assombraram-se com grande espanto**, ou seja, "ficaram sobremaneira admirados" (42, Goodspeed). "O grande fato da vida cristã é que aquilo que parece completamente impossível aos homens, é possível a Deus."[70]

Era naturalmente impossível esconder o fato de que havia ocorrido um grande milagre; entretanto, Jesus **mandou-lhes expressamente** ("de forma rigorosa") **que ninguém o soubesse** (43). O Senhor se recusava a incentivar as falsas esperanças dos judeus de que Ele fosse o Messias político que eles estavam esperando.

A história termina com uma nota sobre a consideração e a praticidade de Jesus. Ele **disse** que **dessem de comer** à menina. Isto também prova a realidade do milagre. "Aquela que estava morta agora vivia, e poderia se alimentar."[71]

Este capítulo mostra "Cristo, o vencedor": 1) sobre os demônios, 1-20; 2) sobre as enfermidades, 25-34; 3) sobre a morte, 35-43.

F. UM PROFETA SEM HONRA, 6.1-6

Partindo dali (1), ou seja, de Cafarnaum, Jesus deu início ao primeiro trecho de um circuito de ensinos pela Galiléia. Depois de aproximadamente um dia de viagem, Ele e **os seus discípulos** (que agora estavam passando por um treinamento para o ministério!) chegaram **à sua terra**, isto é, a cidade de Nazaré (veja o mapa).

No **sábado** (2), Jesus **começou a ensinar na sinagoga**. Ali havia um "grande público" (Moffatt) formado por velhos amigos. O ministério de Jesus freqüentemente evoca assombro (5.42), mas isso era diferente em Nazaré. "De onde lhe vêm essas coisas?" Pode ser que houvesse indicações misteriosas e maliciosas de que a **sabedoria** de Jesus e as **maravilhas** que Ele operava fossem provenientes de alguma fonte que não fosse Deus (cf. 3.22).

"Sempre há uma sombra debaixo da luz"[72] e assim era em Nazaré. Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). Eles o tinham conhecido como o **carpinteiro** ("o marceneiro", Moffatt), **filho de Maria** (3).[73] Eles sabiam os nomes dos seus irmãos e das suas irmãs.[74] **E escandalizavam-se** (ou se ofendiam)[75] **nele**. "Admirados" pela sua sabedoria e pelo seu poder, eles ainda tropeçavam sobre a sua pessoa.

Jesus respondeu com um provérbio usual naquela época e naquela região: **'Não há profeta sem honra, senão na sua terra'** (4). É evidente, tanto em outras passagens (Lc 13.33) como aqui, que Jesus falava de si mesmo como sendo um profeta, e assim Ele era considerado popularmente (15). Ele era o portador da verdade.

No versículo 5 ocorre o que foi chamado de uma das "mais corajosas afirmações dos Evangelhos", que cria "uma profunda impressão de exatidão histórica".[76] **E não podia fazer ali obras maravilhosas** (5; Literalmente: "não era possível fazer ali..."). O que chamamos de milagres, João chamou de "sinais", e os Evangelhos Sinóticos chamam de "obras maravilhosas" (*dynameis*). Exceto por **alguns poucos enfermos** sobre quem Jesus impôs **as mãos** para curar, ninguém testemunhou nenhum "sinal" nem "obra maravilhosa" na cidade daquele que sempre foi conhecido como Jesus de Nazaré.

Aonde quer que o Mestre fosse, o seu ministério produzia assombro; mas em Nazaré, o oposto era verdadeiro. A **incredulidade** dos seus parentes e amigos o surpreendeu. Jesus **estava admirado da incredulidade deles** (6). Ao percorrer **as aldeias vizinhas** na Galiléia, **ensinando**, Ele deve ter experimentado uma grande dor em sua alma (cf. Mt 17.17).

G. A MISSÃO DOS DOZE, 6.7-13

Parece apropriado que esta seção se inicie no versículo 6*b*. O ministério de ensino de Jesus na Galiléia se estendia através do trabalho dos **doze**, a quem Ele agora **chamou** e **começou a enviá-los** (*apostellein*, de onde se originou a nossa palavra "apóstolo") com **poder** (*exousia*, "autoridade") **sobre os espíritos imundos** (7).

Que educação teológica incomparável receberam aqueles pescadores iletrados! Eles "aprenderam fazendo", sob a orientação Daquele que falava como "nunca homem algum falou" (Jo 7.46).

Saindo **de dois a dois**, "com o objetivo de servir de testemunho e de companhia"[77] eles deveriam viajar com simplicidade e pressa, dependendo somente de Deus e da hospitalidade daqueles que os recebessem. Observe a progressão nas restrições: levar somente **um bordão** (8)[78] — possivelmente como proteção contra cães ferozes —, eles não deveriam levar **nem alforje** (bolsa para carregar pão),[79] **nem pão** (8)**, nem dinheiro** (moedas de cobre!) **no cinto** (para comprar pão). Calçados **com sandálias** (9), não deveriam vestir **duas túnicas** (um artigo de vestuário usado junto à pele). "Duas túnicas era um luxo inadequado para uma viagem."[80]

Tais exigências somente se aplicaram literalmente ao curto período do seu ministério na Galiléia, mas em princípio elas são aplicáveis em todas as épocas. "Anunciar a Palavra de Deus ainda é um assunto de extrema urgência, que requer completa dedicação."[81]

Jesus também ordenou aos discípulos que ficassem (10) **na casa em que entrardes** até que estivessem prontos para partir **dali** em direção a outra cidade. Eles não deveriam ofender os seus anfitriões procurando algum lugar mais confortável, ou talvez permanecendo por muito tempo. No século II foi necessário que a igreja estabelecesse regras a respeito dos profetas itinerantes.[82]

Por outro lado, **quando alguns vos não receberem... nem vos ouvirem** (11) estes deveriam receber uma severa advertência. Quando os discípulos partissem **dali**, deveriam sacudir **o pó que estiver debaixo** dos **vossos pés, em testemunho contra** aquele lugar. A responsabilidade pela rejeição deveria repousar sobre a cabeça daqueles que a praticassem. Era costume dos judeus, depois de sair de uma terra pagã, sacudir dos seus calçados o pó daquele lugar, para que a sua terra sagrada não fosse contaminada. Este gesto ordenado por Jesus declarava aquela cidade como pagã, na esperança de que o arrependimento viesse em seguida (cf. At 13.51).[83]

Os discípulos, que tinham sido 1) *chamados* das suas tarefas seculares, 2) *escolhidos* para serem apóstolos, e, finalmente, 3) *encarregados*[84] de sair com "poder sobre os espíritos imundos" (7), de fato saíram, e **pregavam ao povo que se arrependesse.**[85] Eles não apenas receberam a autoridade, mas a empregaram com sucesso. Quanto melhor a preparação e o planejamento, tanto melhor será o desempenho!

> *Não pedimos o conhecimento – o conhecimento Tu já nos deste,*
> *Mas, Senhor, a vontade – aqui está a nossa mais amarga necessidade,*
> *Dê-nos a vontade necessária para construirmos sobre o profundo intento*
> *A obra, a obra.*[86]

Com o poder que lhes foi dado por Jesus, os discípulos **expulsavam muitos demônios** (13)**, e ungiam muitos enfermos com óleo** (cf. Lc 10.34; Tg 5.14)**, e os curavam**. Na pessoa de Jesus, e na pregação dos seus discípulos, o Reino de Deus realmente estava próximo (cf. 1.15).

SEÇÃO IV

UM MINISTÉRIO ALÉM DA GALILÉIA

Marcos 6.14—8.26

A história de Herodes e do martírio de João Batista (6.14-29) introduz um período do ministério de Jesus em que Ele começou a se retirar pouco a pouco da Galiléia e preparar sua volta a Jerusalém e seu caminho para a cruz. Essa atitude pode ter sido provocada pela crescente hostilidade de Herodes Antipas (Lc 13.31), assim como pela necessidade de repousar e de se isolar à medida que Ele e seus discípulos se aproximavam da sombra da cruz.

Essa seção descreve um interlúdio entre a missão dos doze discípulos (7-13) e o retorno deles (30). Marcos não nos dá nenhum registro do que Jesus fez durante a viagem de pregação dos discípulos, embora seja evidente, como podemos ver no versículo 6*b*, que Ele estava igualmente envolvido na mesma missão.

A. OS FANTASMAS DOS TEMORES DE HERODES, 6.14-29

Herodes Antipas, popularmente chamado rei, foi o tetrarca[1] da Galiléia e da Peréia desde 4 a.C. até 39 d.C. Assim sendo, seu reinado se estendeu durante a vida e o ministério público de Jesus. Vindo de uma família cuja característica era a intriga e a violência, "ele se mostra como um príncipe sensual, astuto, caprichoso, cruel, fraco, inescrupuloso, supersticioso e despótico (Mt 14.9; Lc 3.19; 13.31, 32)".[2]

"Era muito natural, especialmente depois da missão dos doze discípulos, que o rei Herodes ouvisse falar de Jesus (14). Prevalecia um rumor, ao qual Herodes dava sua

contribuição,[3] de que **João, o que batizava, ressuscitou dos mortos** (14) "e por isso estas maravilhas", Herodes argumentava, "operam nele". Outros diziam "É Elias" (cf. Ml 4.5; Mt 16.14), enquanto ainda outros afirmavam: "É um profeta ou como um dos profetas" (15).

Existe um comentário a respeito do poder profético das pregações de Jesus, e que seus contemporâneos o comparavam a certos homens severos como Elias e João Batista. Qualquer que tenha sido a opinião do público, a própria alma atormentada de Herodes concluiu: **Este é João, que mandei degolar; ressuscitou dos mortos** (16).

Nesse ponto (17), Marcos relembra alguns acontecimentos históricos, fatos lamentáveis que agora perturbavam Herodes. Algum tempo atrás, Herodes havia estado em Roma, onde se apaixonou por **Herodias, mulher de Filipe, seu irmão.**[4] Herodias, que era na verdade sobrinha de Antipas, abandonou seu marido Filipe por causa do governador da Galiléia. Herodes divorciou-se de sua primeira mulher, filha do rei árabe Aretas IV, provocando um incidente internacional. De acordo com Josefo,[5] Aretas declarou guerra contra os exércitos de Herodes e nessa empreitada ele alcançou um considerável sucesso.

João Batista, em vista desse casamento incestuoso, havia censurado o rei. **Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão** (18). Nem os padrões judeus, nem os cristãos, iriam apoiar esse tipo de casamento. As palavras de João feriram Herodias de modo que depois disso ela **o espiava e queria matá-lo, mas não podia** (19). Paradoxalmente, a mão que a impedia era a de Herodes, pois ele **temia a João**, pois sabia que **era varão justo e santo** (20).

João pregava a santidade, através da sua vida e da suas palavras. Na plenitude do Espírito Santo "já desde o ventre de sua mãe" (Lc 1.15), João Batista exortava os homens a se arrependerem e terem uma vida justa. O fato da santidade do seu caráter ter uma qualidade ética, e não ser meramente cerimonial ou posicional, pode ser visto através da sua ligação com a justiça. Ele era um **varão justo** (virtuoso) **e santo** (20). Em seu estado de ambigüidade mental, Herodes manteve João livre da prisão (significado de **guardava-o**) e muitas vezes **de boa vontade o ouvia.** Como governantes do povo judeu, os Herodes assumiam uma posição de "diletantismo religioso"[6] e muitas vezes davam exemplo de ter instrução religiosa (cf. At 26.1-3). No entanto, quando Herodes ouviu João "ele ficou muito perplexo" (20),[7] como seria próprio que ficasse. Podemos nos lembrar, em uma outra ocasião, da perplexidade e da confusão de Festo e Agripa quando Paulo lhes pregou o evangelho (At 26.24, 28).

Tal como uma outra Jezabel, Herodias esperou o momento oportuno para armar uma cilada àquele desembaraçado profeta. Ela descobriu uma **ocasião favorável** (21) **em que Herodes, no dia do seu aniversário** daria uma festa aos **grandes, e tribunos** (*chiliarch*, ou quiliarco, "capitão de mil"), **e príncipes da Galiléia** ("líderes"). O banquete era típico de um sensual monarca oriental. A embriaguez e a voluptuosa dança de Salomé, filha de Herodias,[8] levaram o rei a fazer uma promessa precipitada. **Tudo o que me pedires** (23), ele jurou à jovem, **te darei.** "Promessas precipitadas são condenadas pelo Senhor em Mateus 5.34; promessas precipitadas levaram Jefté à agonia (Jz 11.31ss.) e praticamente destruíram Saul (1 Sm 14.38ss.)."[9]

A influência decisiva da família pode ser constatada pela atitude de Salomé. Ela foi direto à sua mãe (24) e perguntou: **Que pedirei?** A vida dos filhos e dos jovens pode ser

desvirtuada e mal influenciada, ou enobrecida e aperfeiçoada, pelos seus pais. Tal poder é assustador! A mãe que havia ofendido os padrões de honradez naquele dia infeliz, ao expor sua filha e princesa a uma dança sensual, agora agarrava a oportunidade que sua ardorosa crueldade estava aguardando. Sua resposta: **A cabeça de João Batista.** Podemos ver uma urgência febril nas palavras que se seguem: a filha entrou **apressadamente** (25) e exigiu **imediatamente** seu horrível troféu. Nenhuma oportunidade foi dada a Herodes para mudar sua promessa.

E o rei entristeceu-se muito (26). Essa é uma linguagem muito forte e foi usada por Marcos apenas uma segunda vez em outra passagem (14.34, onde Jesus disse: "A minha alma está profundamente triste até a morte"). A tristeza e o arrependimento do rei estão em consonância com sua atitude em relação a João e devem ter sido autênticos. Mas a pressão da opinião pública estava além do que ele podia suportar. Por causa do juramento que havia feito na presença daqueles que **estavam com ele à mesa**, "ele não quis quebrar sua promessa" (26).

Como um vacilante Acabe, dominado por Jezabel, o rei, **enviando logo... o executor** (27) (provavelmente um guarda)[10] **mandou que lhe trouxessem ali a cabeça de João. E ele foi e degolou-o na prisão.** Essa cena ocorreu na fortaleza de Maquero, localizada em uma cordilheira cercada por terríveis desfiladeiros e que contemplava o lado oriental do mar Morto. Era uma das fortalezas mais solitárias, mais horríveis e mais inexpugnáveis do mundo".[11]

A desolada masmorra, com seus instrumentos de tortura, ainda se encontra no mesmo lugar e qualquer pessoa pode visitá-la. "Herodes, o Grande, havia construído um palácio nesse lugar",[12] portanto é possível que o banquete tenha se realizado em Maquero. Sem a companhia de qualquer dos seus amigos, exceto Deus, para testemunhar a sua execução, João Batista pagou muito caro pelo fato de ser um pregador da justiça.

Para completar esse quadro tétrico, Herodes mandou trazer **a cabeça** de João (28) **num prato** (travessa) e **deu-a à jovem.** Ela, por sua vez, **a deu à sua mãe.**[13] Os discípulos de João (cf. 2.18; At 19.3), ao saberem do ocorrido, **foram, tomaram o seu corpo e o puseram num sepulcro** (29). Mateus acrescenta (14.12), em uma nota de ternura, que os discípulos de João "foram anunciá-lo a Jesus". Os ministérios de Jesus e de João estavam interligados e muito brevemente Jesus também iria enfrentar a sua paixão e morte.

Sob o tema "A Consciência Incomodada do Rei" podemos desenvolver: 1) A Amarga Consciência, 16-18; 2) A Sutil Conivência, 19-25; 3) A Cruel Submissão, 26-28.

B. Milagres e Ensinos Junto ao Mar, 6.30-56

1. *Alimentando os Cinco Mil* (6.30-44)

Marcos agora está pronto para descrever o retorno dos doze discípulos depois da viagem de pregação e curas na Galiléia. Certamente com alegria e júbilo **os apóstolos** (30), assim chamados por causa da sua missão (um apóstolo, "um enviado"), "juntaram-se a Jesus" (Goodspeed) e **contaram-lhe tudo, tanto o que tinham feito como o que tinham ensinado**. Feitos e palavras, uma seqüência feliz! Podemos nos lembrar da frase de Chaucer: "Primeiro ele fez, depois ensinou".

Depois de ouvir o relatório deles, o Bom Médico, sabendo do cansaço físico e emocional dos discípulos, disse: **Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto** (a um lugar solitário e deserto) **e repousai um pouco** (31).

> A cuidadosa atenção à saúde e ao vigor físico é um dos principais deveres da religião. Quando deixamos de tomar esse cuidado pecamos contra Deus. Estamos retirando dele rapidamente o uso do instrumento que Ele deveria usar: o nosso corpo. Se estivermos demasiadamente ocupados para permitir que nosso vigor físico seja renovado pelo repouso e o distanciamento de nossas atividades, também estamos demasiadamente ocupados para servir a Deus com nossas melhores forças.[14]

Como em outras inúmeras ocasiões,[15] o pequeno grupo entrou em um barco e navegou pelo lago procurando **um lugar deserto** (32). Seu destino não é mencionado, talvez fosse a margem nordeste do mar. Percorrendo mais quilômetros a pé do que de barco, **a multidão** (33) **viu-os partir, e muitos os conheceram, e correram para lá, a pé... e ali chegaram**. Se houvesse apenas uma leve brisa para suas velas, ou um vento contrário, o barco deixaria de se movimentar tão devagar, um feliz acontecimento que, na verdade, lhes proporcionaria pelo menos algum repouso das multidões.

Quando Jesus, ao sair do barco, **viu uma grande multidão** (34) que dele se aproximava, **teve compaixão deles**. **Compaixão** é um termo usado apenas para Jesus ou por Ele em relação aos personagens das suas parábolas e "denota uma piedade que se expressa através da assistência".[16] O desamparo e a confusão das **ovelhas que não têm pastor** é proverbial em todas as terras (cf. Nm 27.15-17; Ez 34.1-6). **E começou a ensinar-lhes muitas coisas** ("detalhadamente", Moffatt). Mateus (14.13) e Lucas (9.11) acrescentam que Ele também curou os doentes, "mas uma vigorosa multidão de corredores não teria muitos doentes".[17] Na verdade, Ele teria que alimentar a todos eles.

Em nítido contraste com a atitude de Jesus, os discípulos, sabendo que o dia já estava **muito adiantado** (35) e que estavam realmente em um **lugar... deserto** e afastado, se dirigiram a Jesus e sugeriram que Ele dispensasse as pessoas. Certamente, em algum lugar dos **campos** (36) ou **aldeias circunvizinhas,** eles poderiam comprar **pão para si.**

Jesus resistiu a essa sugestão com as palavras: **Dai-lhes vós de comer** (37). "Tais palavras são como uma permanente censura ao desamparo mostrado pela igreja frente a um mundo faminto."[18] A resposta dos discípulos, tão característica do estilo audacioso de Marcos, reflete novamente suas autênticas e antigas fontes. **Iremos nós e compraremos duzentos dinheiros de pão...?** Um dinheiro (*denarius*) era uma moeda de prata que valia cerca de vinte centavos de dólar americano, mas que representava o salário de um dia de trabalho (Mt 20.2). Duzentos dinheiros poderiam representar trinta e cinco ou quarenta dólares. Naquela época, eles tinham um poder de compra bem maior do que hoje – então teríamos provavelmente uma soma de dinheiro considerável.

Quantos pães tendes? (38) Jesus mandou que eles avaliassem o total de seus recursos. **E sabendo-o eles, disseram-lhe: Cinco pães e dois peixes**. "Os cinco *pães* deveriam ser pequenos pães redondos, pouco maiores que as bisnagas de nossa época."[19] João acrescenta que os pães e os peixes seriam o almoço de um rapaz da multidão (6.9).

Por mais modestos que sejam os nossos recursos, Jesus pode torná-los adequados à premente demanda, mas Ele exige a completa dedicação daquilo que possuímos.

"O que é isso na tua mão?" (Êx 4.2). As insignificantes provisões disponíveis eram mais que suficientes. Jesus ordenou aos discípulos que **fizessem assentar a todos** (39), **em grupos, sobre a erva verde.** O que aconteceu em seguida representa a vívida descrição de uma testemunha ocular. **E** [eles] **assentaram-se** (literalmente, "lançaram-se ao chão") **repartidos** (literalmente, canteiro por canteiro) **de cem em cem e de cinqüenta em cinqüenta** (40) – com a regularidade de uma disposição em canteiros de grama que se pareciam com muitos canteiros de jardim. Dividida talvez em cinqüenta grupos, de cem pessoas cada um, a multidão, sentada ordenadamente em fileiras e vestida com roupas coloridas, se parecia com canteiros de flores sobre a "erva fresca" (Goodspeed).

Revelando-se como Mestre e Anfitrião, Jesus tomou os pães e os peixes e, em uma atitude característica (7.34; Jo 11.41), **levantou os olhos ao céu, e abençoou, e partiu os pães** (41). "A fórmula reconhecida de abençoar era: 'Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do mundo, que produziste o pão da terra' ."[20] Alguém disse que o objeto da gratidão não eram os pães e os peixes, mas Aquele que deu o pão à terra (Dt 8.10).[21] Entretanto, "O pão partido era considerado sagrado".[22] Evidentemente, aconteceu em seguida a multiplicação dos pães e dos peixes. O verbo **partir** está em um tempo indefinido que significa uma ação instantânea e completa, enquanto a palavra **deu** está no tempo imperfeito indicando uma ação contínua: "Continuou a dá-los aos discípulos" (*NT Amplificado*). Os discípulos antes relutantes tornaram-se agora envolvidos no milagre ao colocar os pães e os peixes **diante** das pessoas. A linguagem usada aqui lembra a ordenança da Ceia do Senhor (cf. 14.22).

E todos (cerca de cinco mil homens) **comeram** e, de uma forma bem literal, **ficaram fartos** (42). A palavra grega (*echortasthesan*) era geralmente usada em relação aos animais e significava "alimentar, engordar, encher ou satisfazer com alimento".[23] Com o devido respeito à dádiva divina de alimentos, os discípulos **levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão** (43). "Cada garçom recebeu a sua gorjeta – um cesto cheio de comida para o dia seguinte."[24] Os cestos eram balaios de vime onde os judeus carregavam seu alimento. Os **pedaços** que restaram representavam muito mais que o suprimento original, e eram o testemunho da generosidade divina.

Marcos demonstra a compaixão de Jesus, faz uma alusão à Ceia do Senhor e descreve Jesus como o verdadeiro Pão do Céu. O Filho de Deus encarnado havia realizado uma outra "obra poderosa".

Esse episódio sugere: 1) O problema dos discípulos, 34-37; 2) As provisões dos discípulos, 38-40; 3) A apresentação dos discípulos, 41-44.

2. *Caminhando Sobre as Águas* (6.45-52)

E logo (imediatamente), depois de ter alimentado cinco mil (30-44), Jesus **obrigou** (45), ou mandou, **seus discípulos** subirem no barco e passarem... **para o outro lado,** enquanto Ele despedia **a multidão.** Aparentemente, o rigor dessa ordem (que pode significar obrigação) era necessário por causa da excitação messiânica que pairava no ar. Jesus "sabendo, pois... que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei" (Jo 6.15), não queria que os discípulos encorajassem esse movimento.

Existe um problema geográfico por causa do seu destino, Betsaida. Os discípulos estavam partindo de uma praia localizada a nordeste do mar da Galiléia. Aparentemente, **o outro lado** não seria **Betsaida**, que estava localizada exatamente do lado leste da foz do Jordão. Além disso, a terra onde eles chegaram era Genesaré (53), que ficava a uma curta distância da margem ocidental de Cafarnaum. Entretanto, por causa do contorno oval desse lago, Betsaida poderia ter sido descrita como estando no **outro lado** da praia oriental. O efeito do vento contrário (48) pode ter levado os discípulos a perder o curso e chegar no lado ocidental do lago em Genesaré.[25]

Anteriormente (36), os discípulos haviam insistido com Jesus para mandar a multidão embora. Agora, tendo atendido às necessidades e ensinado, curado e alimentado as pessoas, Jesus estava pronto para dispensar, com mais bondade e gentileza, as pessoas que o procuravam. Ele mesmo se sentia impelido a se retirar a um monte **para orar** (46). "A morte de João e a atitude das pessoas provocaram uma outra crise em sua carreira que exigia oração e concentração."[26] Será que mais uma vez Ele enfrentava a tentação de conquistar as pessoas através da aclamação popular e não pelo caminho da cruz (Lc 4.5-8)? Dessa forma, durante algum tempo os discípulos ficaram separados do seu Senhor, eles **no meio do mar, e ele, sozinho em terra** (47).

Das montanhas que contemplam o mar da Galiléia, Jesus podia ver os discípulos que **se fatigavam a remar** (48), enfrentando um vento contrário. A linguagem é bastante forte: "Eles estavam aflitos ao remar" (RSV). Moffatt traduz o texto dizendo que "se fatigavam enquanto remavam". A palavra **fatigavam** (*basanizomenous*) significa literalmente que estavam "sendo provados pela tortura", portanto, "atormentados" ou "aflitos". Eles estavam, sem dúvida, fatigados não só pelo vento, mas também por verificarem que uma tempestade havia se colocado no caminho do dever, e que Aquele que os havia enviado estava ausente.

Perto da quarta vigília da noite (3 horas da madrugada), Jesus se aproximou de seus fatigados discípulos **andando sobre o mar**, e literalmente, "com o propósito de passar-lhes adiante". Como no caso dos discípulos de Emaús (Lc 24.28), "a finalidade... era testar e, pela provação, fortalecer-lhes a fé (cf. Jo 6.6)".[27] Assustados pelo que parecia ser um fantasma, e também alarmados com medo de que Ele simplesmente passasse por eles, os discípulos gritaram (49). Mas não era uma aparição. **Todos o viram e perturbaram-se** (50), pois não podiam compreender esse Homem que havia acalmado a tempestade, alimentado milhares de famintos e que agora andava **sobre o mar.** Como a fé cresce devagar! A razão era a recorrente dureza de coração deles (cf. 8.17). A palavra *endurecido* (*peporomene*) sugere o endurecimento do concreto, de modo que eles não eram impressionáveis. De modo superficial, ficavam freqüentemente admirados e maravilhados, mas essa admiração durava pouco e era apenas exterior. Essa tendência de voltar a uma dureza espiritual representa uma das inclinações mais profundas do coração humano. Depois do Pentecostes, essa recorrência desapareceu. Uma das importantes promessas que fazem parte da nova aliança é a declaração: "Tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne" (Ez 36.26).

Se esse milagre parece misterioso para nós, devemos nos lembrar de que aqueles que o testemunharam ficaram extremamente impressionados, e se maravilharam

(51). Entretanto, Jesus se aproximou deles em meio àquela aflição, dizendo: **Tende bom ânimo, sou eu; não temais.** E quando Ele subiu no barco, o vento se aquietou. "Trata-se de um simples fato da vida... quando Cristo está presente a tempestade se acalma, o insuportável se torna suportável e os homens ultrapassam seus limites sem se despedaçar."[28]

3. *Curas na Região de Genesaré* (6.53-56)

O que vem a seguir é uma descrição resumida das atividades de Jesus, provavelmente durante alguns dias na região de Genesaré. Tratava-se de uma encantadora e fértil planície, densamente habitada, de aproximadamente cinco quilômetros de comprimento e pouco mais de um quilômetro e meio de largura, localizada ao sul de Cafarnaum. **E, quando já estavam no outro lado** (53) do mar, depois de terem alimentado mais de cinco mil pessoas, e da noite de tempestade, e da fadiga, eles se dirigiram **à terra de Genesaré** e ali **atracaram** ("ancoraram") na praia. Embora isso tenha acontecido de manhã bem cedo, Jesus foi imediatamente reconhecido. Sua popularidade havia atingido o nível mais alto nesse período. Ansiosas por ajudar seus amigos aflitos, as pessoas "vinham de toda parte" (55, Goodspeed) e **começaram a trazer em leitos**[29] todos **os que se achavam doentes.**

Evidentemente, Jesus se movimentou nessa região, pois os doentes foram trazidos para **onde quer que** [Ele] **entrava, ou em cidade, ou em aldeias, ou no campo** (56). Eles apresentavam os enfermos "**nas praças**, isto é, em algum lugar importante no caminho de Jesus **e rogavam-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste**" (Barclay).[30] **E todos os que lhe tocavam** (cf. 3.10; 5.28) **saravam** (literalmente, "eram salvos").

A insistente demanda das multidões nunca ia além das suas necessidades físicas; mesmo assim Jesus ministrava a elas, embora Ele desejasse atender às suas necessidades mais profundas. Marcos não registra qualquer atividade de ensino nessa ocasião. Talvez Jesus ainda estivesse procurando um lugar solitário longe das multidões.

C. O Conflito Com a Tradição dos Anciãos, 7.1-23

O material dessa seção está naturalmente dividido em três partes: versículos 1-8, a questão da profanação cerimonial; versículos 9-13, o contra-ataque de Jesus; versículos 14-23, uma explicação dessa profanação, sua fonte e sua verdadeira natureza. Jesus trata desses três grupos – as críticas hostis (6), o povo (14), e os discípulos (18). Aquele que é "o fim da lei" (Rm 10.4), isto é, o cumprimento (*telos*) da lei, está aqui censurando o legalismo em todas as épocas.

Em outro atrito com o judaísmo oficial (cf. capítulos 2 e 3), Jesus foi confrontado por uma delegação de **fariseus**, alguns daquela região; outros, os **escribas** (e também **fariseus**) vindos **de Jerusalém** (1). Os relatórios relativos ao Profeta da Galiléia haviam começado a perturbar a Cidade Santa. Os críticos não demoraram muito para encontrar algumas faltas.[31] Os fariseus observavam que **alguns dos seus discípulos** (2) **comiam pão com as mãos impuras**, isto é, **por lavar**. Não era uma questão de higiene, mas de cerimonial religioso.

Marcos continua a explicar a seus leitores gentios que os **judeus** praticavam toda sorte de abluções para evitar a contaminação cerimonial,[32] e dessa forma conservavam **a tradição dos antigos** (3). A não ser que lavassem **as mãos muitas vezes** ("de uma forma particular", Goodspeed)[33] eles não poderiam comer. Havia **muitas outras coisas** (tradição) às quais eles obedeciam fielmente, desde lavar-se depois de se acotovelar no **mercado** (4)[34] até as abluções cerimoniais usadas para tudo, desde **copos** até **jarros** e **camas**.[35] Tão dificultosa tinha se tornado a **tradição dos antigos** (5)[36] que não era de admirar que as pessoas comuns, inclusive os discípulos, não andassem (vivessem) de acordo com elas.

Jesus respondeu com uma citação de Isaías (29.13, *Septuaginta*) e comparou seus críticos a **hipócritas** (6; literalmente, "atores") cuja aparência exterior é diferente da sua realidade interior. Eles honram a Deus com seus **lábios**, mas seu **coração** está longe dele. Sua **doutrina** (7) era **em vão**, porque ensinavam **mandamentos de homens** em lugar dos **mandamentos de Deus** (8).[37] Sua tradição oral não era uma cerca em volta da lei para protegê-la, mas uma completa subversão humana da lei divina. Uma acusação tão grave certamente levantaria a fúria dos opositores.

Continuando sua acusação contra os fariseus, Jesus respondeu com grande ironia: **Bem** ("quão esplendidamente", 9, Johnson) **invalidais o mandamento de Deus** a fim de **guardardes a vossa tradição**. Ele passou a citar o que deve ter sido um flagrante exemplo de usar **mandamentos de homens** para distorcer a Palavra de Deus. A prática daqueles homens tem sido chamada de "Casuística Corbã"[38] e representava um artifício para fugir do quinto mandamento. Moisés tinha dito: **Honra a teu pai e a tua mãe** (10; Êx 20.12) e **quem maldisser ou o pai ou a mãe deve ser punido com a morte** (Êx 21.17; Lv 20.9). Esse era **o mandamento de Deus**. Entretanto, se um filho tomado de ira fizesse um voto de dar como oferta (talvez ao Templo) posses realmente necessárias ao sustento de seus pais, essa promessa seria posteriormente válida, a despeito da desgraça que isto pudesse causar. O significado do versículo 11 é o seguinte: Esse dinheiro com o qual eu poderia ter-lhe ajudado foi dedicado a Deus. **Corbã** tornou-se assim "uma casuística rigorosa, insensível e desumanamente lógica".[39] Ela não só fornecia os meios pelos quais filhos egoístas podiam fugir ao dever de cuidar de seus pais (pois a oferta não precisava ser realmente entregue) como também se tornou uma barreira para algum filho arrependido que se lastimasse pelo voto, e desejasse quebrá-lo. Os fariseus nada mais lhe deixariam fazer por seu pai ou sua mãe (12). Um voto era um voto!

Através de tradições como essa, que eles tinham o cuidado de transmitir às gerações seguintes, os fariseus invalidavam **a palavra de Deus** (13) ("tornaram-na sem valor", Barclay). **E muitas coisas fazeis semelhantes a estas.** Que grande poder o Deus infinito havia colocado nas mãos de homens mortais, que podiam até "sufocar a palavra" (4.19) e torná-la ineficaz!

Virando as costas aos seus adversários, Ele se dirigiu à **multidão** que parecia estar sempre nas proximidades e, com firmeza, ordenou: **Ouvi-me, vós todos, e compreendei** (14). "Entendam bem!" Jesus muitas vezes apelava ao povo para conseguir uma audiência atenta e cuidadosa. Ele considerava o princípio a seguir de crucial importância. A fonte da contaminação não está **fora do homem** (15) como os fariseus estavam ensinando, mas aquilo que contamina o homem é **o que sai dele,** de dentro do coração. "O que é meramente externo não pode contaminar a natureza espiritual do homem nem purificá-

la."[40] O que o Senhor diria àqueles do nosso tempo que "querem mostrar boa aparência na carne" (Gl 6.12) e identificam a santidade cristã simplesmente com a aparência exterior? "Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo" (Mt 23.26).[41]

Depois que a multidão havia se dispersado e Jesus ficou sozinho com seus **discípulos** ("aprendizes"), eles **o interrogavam acerca desta parábola** (17; cf. 4.10). A palavra **parábola** tem um sentido muito amplo e inclui o que pode ser chamado de "provérbio obscuro" (15).[42] Perturbado e perplexo por causa de sua lentidão para aprender, Jesus perguntou: "Também vós estais sem entendimento?" (18). Eles, na verdade, assim como mais tarde a igreja, não haviam compreendido que nem mesmo o alimento cerimonialmente impuro poderia **contaminar** (18) o homem, porque **não entra no seu coração** (19), mas no aparelho digestivo e "é lançado fora". Foi depois do Pentecostes que Pedro disse: "Porque nunca comi coisa alguma comum e imunda" (At 10.14; cf. Gl 2.12). A frase **ficando puras todas as comidas** não faz parte da declaração de Jesus. Trata-se de um comentário de Marcos de que Jesus "considerou... puros todos os alimentos" (19, NEB).

O que, então, significa: **O que sai do homem, isso é que contamina o homem**? (20). **Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos** (21), e é isso que contamina e macula o homem. A relação de pecados que se segue (21-22) é uma rigorosa evidência de que "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). Somente uma salvação radical pode purificar o corrupto coração humano. Mas isso é exatamente o que Jesus veio oferecer ao mundo.

Geralmente se admite que os **maus pensamentos** dão origem aos atos e vícios pecaminosos que foram descritos. "Marcos inicia a relação onde começa todo pecado; no âmbito do pensamento."[43]

Na língua grega, os seis primeiros termos estão no plural e os seis restantes estão no singular.[44] Os primeiros provavelmente se referem a atos pecaminosos, e os últimos a vícios ou defeitos morais. O **adultério** é um pecado de pessoas casadas e a **prostituição** se refere "geralmente aos solteiros",[45] enquanto o **homicídio** é geralmente fruto de ambos. O **furto** (22) se refere a qualquer tipo de furto. A **avareza** se deve a um insaciável desejo de possuir "mais e mais",[46] e **as maldades** à iniqüidade ou "malícia" (NEB). O **engano**, literalmente um engodo ou cilada, é, portanto, uma "trapaça" e a **dissolução** ou lascívia seria o resultado de um "desenfreado instinto sexual" (Robertson), ou licenciosidade, indecência. A **inveja** seria um "rancor invejoso" (Swete), e a **blasfêmia** o insulto ou a calúnia, seja contra Deus ou contra o homem.[47] A **soberba**, literalmente, "mostrar-se acima dos outros", portanto, arrogância e a **loucura**, isto é, a falta de senso moral, são uma apropriada conclusão dessa lista tão sórdida.

Se o coração de um homem tiver esse caráter degenerado, sua situação será desesperadora. Todos esse males procedem do coração humano, e, na verdade, eles realmente contaminam o homem. O ser humano precisa da "lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tt 3.5). A santidade do coração e da vida será o único e adequado remédio.

Sob o tema "Ritualismo *versus* Realidade" poderíamos considerar: 1) Críticas malignas, 1-2; 2) Purificação cerimonial, 3-8; 3) O caso do corbã, 9-13; 4) A contaminação carnal, 14-23.

D. Duas Curas Entre os Gentios, 7.24-37

1. *A Mulher Siro-Fenícia* (7.24-30)

Talvez devido à crescente oposição religiosa e política ou mais provavelmente por causa de um desejo de repouso e privacidade, Jesus foi para **os territórios** (regiões) **de Tiro e de Sidom** (24).[48] Essas cidades independentes, situadas entre 65 e 95 quilômetros de Cafarnaum (veja o mapa), tinham uma longa história que pode ser acompanhada desde a antiguidade, quando os fenícios lideraram o mundo da navegação.

Tanto Tiro como Sidom possuíam baías naturais, o que fazia com que suas posições se assemelhassem a fortalezas. A Fenícia, que quase circundava todo o norte da Galiléia, fazia parte da Síria. Por causa dessa proximidade era muito natural que um viajante da Galiléia atravessasse o território de Tiro. O profeta Elias também fez uma viagem por essa área, levando uma milagrosa assistência a uma viúva (1 Rs 17.8-23). Jesus, **entrando numa casa** de um amigo, cujo nome não é mencionado (cf. 3.19), procurava um pouco de reclusão, mas isso foi em vão, porque Ele **não pôde esconder-se**. Uma mãe, cuja filha (algumas versões utilizam o termo no diminutivo, filhinha, como uma expressão de carinho) estava atormentada, veio em grande desespero e **lançou-se aos seus pés** (25).

Uma mulher **grega** (16) por cultura e religião, provavelmente também pela língua, e da raça **siro-fenícia** (que, portanto, não deve ser confundida com a Fenícia Cartaginesa), implorou a Jesus que expulsasse um demônio de sua filha. O relato de Mateus (15.21-28), assim como o uso do verbo no tempo imperfeito, indica que sua súplica deve ter persistido durante algum tempo.

A resposta de Jesus desperta alguma reflexão. **Deixa primeiro saciar os filhos, porque não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos** (27). O termo **filhos** está se referindo, naturalmente, a Israel (Is 1.2) e a expressão **cachorrinhos** representa os gentios. Isso parece ser uma resposta um pouco ríspida, porém vários fatores servem para abrandar essas palavras. Jesus estava no território dos gentios e sentia o custo de desenvolver a sua missão fora da terra de Israel. No plano divino, o Servo Sofredor deveria ir até as "tribos de Jacó" antes de se tornar a "luz dos gentios" (Is 49.6). O evangelho deveria ser pregado primeiro aos judeus e depois aos gregos (Rm 1.16; cf. 15.8-9). Jesus não podia se afastar do caminho que levava a Jerusalém e à cruz.

Essa aparente rispidez foi amenizada pelo fato de Jesus ter-se referido, não aos cachorros carniceiros e violentos das ruas, mas aos cachorrinhos das casas (*kunarioi*), provavelmente aos bichinhos de estimação das crianças. Esses podiam comer **debaixo da mesa** (28), especialmente se recebessem as **migalhas** que os **filhos** lhes jogavam às escondidas. "Um quadro gracioso. Cachorrinhos, pequenas lascas de pão... criancinhas."[49]

A persistência, fé e perspicácia da mulher abriram caminho em meio as dificuldades. Concordando que **os filhos** devem receber **primeiro** (27) e aceitando a implicação de que os gentios eram uma espécie de cães, ela pediu, buscou e bateu (Lc 19.9-10) até que o seu pedido foi atendido. Jesus lhe disse: **Por essa palavra, vai; o demônio já saiu de tua filha. E, indo ela para sua casa, achou a filha** (29-30) completamente

sã. O demônio havia se retirado, mas não sem antes aplicar um golpe derradeiro. A mulher **achou a filha deitada** ("atirada", 30, *NT Amplificado*) **sobre a cama.**

2. *O Surdo e Gago de Decápolis* (7.31-37)

Tornando a sair dos **territórios de Tiro** (31), Jesus seguiu a rota de um circuito a partir de **Sidom,** passando pelo território de **Decápolis**[50] (veja o mapa), até o **mar da Galiléia.** Dessa forma, Ele acompanhou os limites do reino do hostil Antipas e evitou as áreas mais densamente habitadas.

O povo de Decápolis, nas vizinhanças do mar da Galiléia, levou até Ele um surdo e gago. É inteiramente possível que esse evento tenha acontecido na terra dos gerasenos e, se assim for, ele representa uma notável mudança de atitude (cf. 5.17) por parte de seus habitantes. O testemunho do antigo endemoninhado de Gerasa deve ter produzido frutos (5.20). Longe de pedir que Ele partisse, o povo suplicou que Jesus **impusesse as mãos sobre ele** (32), um homem que era **um surdo, que falava dificilmente.**

A fim de evitar publicidade, e também para se comunicar mais claramente com esse homem, Jesus tirou-o **à parte de entre a multidão** (33). O Mestre restaurou sua audição e sua fala através de uma série de atos evidentemente destinados a aumentar e fortalecer a fé dele. Colocando os seus **dedos nos ouvidos** do homem e tocando sua **língua** com saliva de Sua própria boca, Jesus olhou para o céu e suspirou – uma oração sem palavras (cf. Rm 8.26; também Jo 11.33, 38). Foi assim que Jesus falou com sinais ao homem que não podia ouvir. Seus gestos mostravam que com o poder que vinha do alto e pela palavra da sua própria boca Ele iria abrir os ouvidos que estavam fechados e libertar a língua da escravidão. O surdo e gago deve ter lido os lábios do Senhor quando Ele lhe disse: **Efatá, isto é, abre-te** (34; ou "abra completamente", Earle).

Logo o aflito homem começou a ouvir e falar claramente (confirmando a opinião de que não era completamente mudo, mas que falava com dificuldade). A promessa de Isaías 35.6 havia se cumprido: "E a língua dos mudos cantará".

Aqui se encontra uma parábola: a mudez é conseqüência da surdez. Enquanto as pessoas não ouvirem a Palavra de Deus, elas nada terão de importante para dizer. "Se os nossos ouvidos estiverem abertos para ouvir a palavra do Senhor, então nossas línguas certamente ficarão libertas para louvar, orar e testemunhar."[51] Talvez Marcos também quisesse que os seus leitores vissem que os discípulos, que eram espiritualmente surdos, mudos, e cegos, estavam agora começando a ouvir e enxergar, à medida que o Mestre os levava à parte para os instruir. Eles logo começariam a falar (8.27ss.).

Como aconteceu em tantas outras ocasiões, Jesus **ordenou-lhes** (36) que **a ninguém o dissessem.** Mas foi em vão. **Quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam**. Não parece estranho, é claro, que tal desobediência acontecesse, pois eles **admirando-se**[52] **sobremaneira, diziam...** (37). Ecoando Gênesis 1.31: "E viu... que era muito bom", o povo disse a respeito de Jesus: **Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e falar os mudos**.

Enfocando sua atenção no versículo 37, G. Campbell Morgan reúne em torno desse texto não só a cura do surdo e gago, mas também a conduta de Cristo em relação à mulher siro-fenícia (7.24-30), aos fariseus (8.11-21) e ao cego de Betsaida (8.22-26). Ele observa: 1) A compreensão que Cristo demonstrou em cada caso; 2) Sua imediata simpatia; 3) Sua permanente lealdade ao princípio.

E. Dádivas de Alimento e Visão (8.1-26)

1. *Alimentando Mais de 4.000 Pessoas* (8.1-10)

Muitas vezes tem sido discutido se esta história não seria simplesmente um outro relato da mesma circunstância anterior em que mais de 5.000 pessoas foram alimentadas (6.30-44). Mas as diferenças significativas no propósito e nos detalhes tornam essa conclusão bastante improvável. Marcos "deliberadamente registrou os dois Milagres da Alimentação tendo em vista o desenvolvimento do tema principal da primeira metade de seu Evangelho, a abertura dos olhos cegos dos discípulos".[53]

Enquanto Jesus e seus discípulos ainda estavam na terra de Decápolis (7.31-37), uma grande multidão se reuniu novamente. Deve-se observar mais uma vez que essa era uma área na qual o endemoninhado gadareno (ou geraseno), depois da sua libertação, havia sido encarregado de contar todas as grandes coisas que o Senhor havia feito por ele (5.19). Podemos ter aqui uma "breve visão daquilo que o testemunho de um homem pode fazer para Cristo".[54]

Levado pela **compaixão**, porque a multidão **não** tinha **o que comer** (2), Jesus não estava disposto a deixá-la partir **em jejum para casa** (3), para que não desfalecessem **no caminho.** Eles haviam estado em sua companhia durante três dias e seus alimentos tinham finalmente acabado. **Alguns** deles tinham vindo **de longe** (veja os comentários sobre 3.8, como exemplo das distâncias que as pessoas viajavam para ouvir Jesus).

A compaixão de Jesus fez com que Ele desafiasse a indecisão dos discípulos.[55] Sua pergunta pode parecer singularmente sem sentido: **Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto?** (4). Será que não se lembravam do milagre dos pães e dos peixes quando mais de cinco mil pessoas foram alimentadas? Em sua defesa poderíamos dizer que até os cristãos mais maduros às vezes sentem dúvidas, mesmo depois de terem tido uma grande experiência com Deus. Além disso, um tempo considerável deve ter decorrido desde o milagre anterior. Talvez sua atitude não era agora de desrespeito, mas de embaraço pessoal, porque não podiam ajudar e nem tinham qualquer expectativa a respeito daquilo que Jesus poderia fazer.[56]

Dessa vez, com **sete pães** (6) e **uns poucos peixinhos** (7) à sua disposição, Jesus novamente **ordenou à multidão** que se reclinasse **no chão**, enquanto Ele, **tomando os sete pães,** dava **graças.**[57] Nada é mencionado desta vez sobre as pessoas se reclinando em grupos, nem de grama sobre a qual deveriam se sentar. Mais uma vez os discípulos tomaram os pedaços de pão das mãos de Jesus **e puseram-nos diante da multidão**. Da mesma forma, Jesus abençoou os peixinhos e **ordenou** que os discípulos os distribuíssem.

E **comeram e saciaram-se** (8). A tradução "eles comeram até se saciar" (NEB) transmite a idéia da linguagem original. Os preciosos pedaços da carne partida que sobraram foram guardados em sete cestos. A palavra usada aqui significa provavelmente que sobrou mais alimento do que na ocasião anterior quando eles "levantaram doze cestos cheios de pedaços" (6.43). No presente caso, o **cesto** (*sphuris*) era maior que a cesta de vime usada antes (*kophinos*). O recipiente menor, com a forma aproximada de um jarro de água, era usado pelos judeus para carregar o alimento e, assim, evitar a contaminação. O recipiente maior era feito de cordas ou bambús e tinha o aspecto de um balaio grande. Foi em um desses que o apóstolo Paulo escapou pelo muro de Damasco (At 9.25).

Os **quatro mil** (9) a quem Jesus dispensou totalmente saciados representavam o mundo dos não-judeus (Decápolis tinha uma grande população de gentios).

Os cinco mil a quem Jesus havia previamente alimentado representavam o mundo judeu. O "pão que vem do céu" era suficiente e adequado para alimentar e satisfazer a ambos.

Logo (10) depois desse episódio, Jesus e seus discípulos entraram no barco e foram **para as regiões de Dalmanuta,** um lugar não identificado situado na margem ocidental do mar da Galiléia. Outros escritos dizem Magadã ou Magdala, de onde Maria Madalena poderia ter vindo.

2. *Uma Capciosa Exigência de Provas* (8.11-13)

Como em outras ocasiões, **os fariseus** (11), reunidos dessa vez com os saduceus (Mt 16.1), vieram para debater e **disputar com ele.** Eles pediam, **para o tentarem, um sinal do céu**, isto é, queriam testar a Sua afirmação de que vinha de Deus. Ignorando os sinais silenciosos, mas preciosos, que já haviam sido exibidos, os críticos exigiam alguma coisa espetacular, talvez um repentino relâmpago ou uma voz vinda diretamente do céu.

Jesus já havia rejeitado a tentação de deslumbrar os homens em relação ao Reino (Mt 4.6-7). Sob tais condições, a fé como decisão pessoal é impossível. Deus tem os seus sinais, mas eles não são aqueles exigidos pela incredulidade. Com grande sentimento, Jesus, **suspirando profundamente**[58] **em seu espírito** (12), respondeu: **A esta geração não se dará sinal algum.** A linguagem do original implica: "Se eu fizer tal coisa, que Deus me castigue!"[59]

O que vem a seguir sugere como a incredulidade afasta os homens de Cristo. E Ele **deixando-os** (13), entrou em um **barco e foi para o outro lado**. A religião espiritual também fica ameaçada em nossos tempos por aqueles que "pedem sinais" (1 Co 1.22). Jesus prometeu apenas um sinal, o sinal do profeta Jonas (Lc 11.29), isto é, o próprio Cristo crucificado e ressuscitado. "Uma vida santificada, e a manifestação do perfeito amor, são os sinais mais seguros de que alguém está cheio do Espírito Santo",[60] e isto supera qualquer prova física.

3. *O Fermento dos Fariseus* (8.14-21)

Para entender o ensino de Jesus contido nesses versículos, é preciso fazer referência ao material precedente (11-13) e ler a referência paralela em Mateus 16.5-12. Dois pensamentos estão entrelaçados aqui. Os discípulos **se esqueceram de levar pão** (14) suficiente, e **no barco não tinham consigo senão um pão**. Como isso estava trazendo alguma ansiedade, Jesus os repreendeu pela pouca fé e a curta memória deles. Ele os lembrou que quando Ele repartiu **os cinco pães entre os cinco mil** (19), eles haviam enchido **doze cestos** de pedaços, e também haviam enchido **sete cestos** quando Ele deu de comer aos **quatro mil** (20). Eles não deveriam se preocupar por suas provisões serem insuficientes. Alguns meses mais tarde, quando Jesus perguntou se lhes faltara alguma coisa quando os enviou em uma missão sem levar nenhum recurso, "eles responderam: Nada" (Lc 22.35). Nesse momento, entretanto, eles ainda não haviam entendido plenamente que Deus iria suprir todas as suas necessidades (Fp 4.19).

Entretanto, um outro pensamento domina essa seção e leva alguém a perguntar-se por que Jesus ainda está dizendo: **Como não entendeis ainda?** (21) Como os dis-

cípulos estavam discutindo sobre o pão, Jesus usou a ocasião para adverti-los contra alguma coisa sugerida pelo pão, isto é, o **fermento**, o poder penetrante do pecado. **Guardai-vos** ("Cuidem-se", 15, NEB) **do fermento dos fariseus e... de Herodes**. No processo de fabricação do pão separa-se um pouco da massa de farinha a fim de promover a fermentação e obter o fermento necessário para fazer novos pães. Na mente dos hebreus, esse fermento passou a simbolizar a influência sinistra e crescente do pecado no coração humano.

O **fermento dos fariseus** era a hipocrisia propagada através dos ensinos daqueles homens (Mt 16.12; Lc 12.1). De forma ríspida, crítica e ignorante, eles exigiram de Jesus um sinal do céu, mesmo depois desses sinais terem sido amplamente mostrados. O **fermento de Herodes** era o mundanismo ateu de um governante de terceira classe que havia silenciado João e teria destruído Jesus. "Aquela raposa" (Lc 13.32) foi o nome que Jesus lhe deu certa vez.

Ansiosos pela falta de pão, e confusos pelo assunto que Jesus estava tentando expor, os discípulos pareciam ter olhos que não viam e ouvidos que não ouviam (cf. Jr 5.21; Ez 12.2). Entretanto, eles estavam dispostos a aprender, portanto Jesus continuou pacientemente com a sua explicação. Mas, fazendo um contraste, Ele deixou os fariseus imersos em sua obstinada cegueira e partiu para outro lugar.

A força desse parágrafo deve permanecer entre nós. Que todos os crentes possam estar prevenidos contra o fermento do pecado, seja ele a hipocrisia ou o mundanismo, e fugir destas coisas como se foge de uma praga.

4. *O Cego de Betsaida* (8.22-26)

Caminhando vagarosamente desde a margem ocidental do Mar da Galiléia (10, 13), através das **aldeias de Cesaréia de Filipe** (27), para o norte (ver o mapa), Jesus e os discípulos chegaram naturalmente a **Betsaida**, uma considerável cidade localizada há um quilômetro e meio da margem nordeste do lago.[61] "Originariamente, era uma pequena aldeia, porém Filipe, o tetrarca da Galiléia, elevou-a à posição de cidade e deu-lhe o nome de *Julias,* em homenagem a Júlia, a filha do imperador."[62]

Algumas pessoas que tinham fé em Jesus e compaixão pelos necessitados levaram **um cego** (22) até o Mestre e **rogaram-lhe** que fizesse o que fazia normalmente – **tocasse** o enfermo. Caracteristicamente, Marcos registra os detalhes como se tivesse sido uma testemunha ocular. Jesus **tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia** (23), procurando "privacidade e silêncio para o tratamento".[63] Colocando saliva sobre os olhos do homem (que todos acreditavam ter poderes curativos), Jesus realmente o tocou (**impondo-lhe as mãos**) e depois **perguntou-lhe se via alguma coisa.** Passo a passo, como no caso do surdo e gago de Decápolis (7.31-37), Jesus encorajou e fortaleceu a fé do cego.

A linguagem da resposta do homem, no original, expressa a sua excitação. "Poderíamos traduzi-la da seguinte forma: Posso realmente ver as pessoas, pois elas me parecem árvores – a diferença é que elas andam!."[64] O fato é que o homem podia simplesmente ver, mas indistintamente. Cole, um inglês, observa que "qualquer um que tenha sido levado a pedir desculpas a um poste, depois de uma colisão, por causa da neblina de Londres, irá estimar... 'imediatamente' a '*colunar semelhança*' que existe entre o 'tronco' de uma árvore e um homem!".[65]

O Senhor colocou **suas mãos** (25) uma segunda vez sobre aqueles olhos enfermos. "O homem olhou firmemente... ficou restabelecido, e via tudo distintamente – mesmo o que estava à distância" (*NT Amplificado*).[66] O milagre foi completo e total. O homem não ficou nem com miopia nem com hipermetropia! Não está claro nas Escrituras porque Jesus realizou esse milagre em duas etapas, embora muitas explicações tenham sido oferecidas pelos estudiosos da Bíblia. Pode ser que Marcos tenha introduzido essa história como uma espécie de parábola relacionada com os discípulos que somente então haviam começado a entender Jesus. "Em breve, depois do segundo toque do Seu Espírito no Pentecostes, eles passariam a ver as coisas claramente."[67]

Como no caso do paralítico (2.11), Jesus **mandou-o** (26) embora **para sua casa**, aparentemente no campo, onde sua família seria a primeira a tomar conhecimento da alegre notícia. Ele recebeu a ordem de **não entres na aldeia,** e de não transmitir as boas-novas a ninguém, para que a publicidade não impedisse a viagem de Jesus a Cesaréia de Filipe. Jesus se recusava a ceder à tentação de ser conhecido como um grande operador de milagres.

Seção V

A CAMINHO DE JERUSALÉM

Marcos 8.27—10.52

A. A Grande Confissão e a Transfiguração, 8.27—9.29

Geralmente os comentaristas consideram esses versículos como o ponto intermediário do Evangelho de Marcos e o início de uma importante divisão. A Cruz estava apenas a seis meses de distância e muita coisa ainda restava a ser feita na preparação dos discípulos para aquele acontecimento tão traumático. Até então, o ministério de Jesus havia se desenvolvido principalmente junto às multidões, mas daí em diante ele seria dedicado especialmente aos seus seguidores imediatos.

1. *A Confissão de Pedro* (8.27-30)

Era imperativo que Jesus afastasse das multidões o seu pequeno grupo e o levasse para longe da jurisdição do pouco amistoso Antipas. Dessa forma **saiu Jesus e os seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe** (27). Herodes Filipe, reconhecido como o melhor filho de Herodes, o Grande, havia reconstruído e remodelado essa cidade em honra ao seu imperador, Tibério. Era uma bela cidade, situada aos pés do imponente monte Hermom e próxima às principais fontes do rio Jordão. A adoração ao deus Pã da Grécia era muito popular, como também a adoração ao imperador romano. A cidade era um centro de religião pagã e um lugar dramático para a Grande Confissão.

Para experimentar o entendimento espiritual deles, Jesus perguntou aos seus discípulos: **Quem dizem os homens que eu sou?** Deve-se observar que eles não responderam que algum homem acreditava ser Ele o Cristo, ou o Messias. As pessoas respondi-

am: **João Batista, Elias** (28), Jeremias (Mt 16.14), **um dos profetas**, mas não o Cristo. Porém, por mais estranho que possa parecer, isso foi muito auspicioso. O conceito popular do Messias era tal que Jesus precisou de muito esforço para evitar que as multidões o aclamassem rei.

Depois, seguiu-se uma pergunta exploradora que nenhum homem pode evitar quando entra em contacto com Cristo: **Mas vós quem dizeis que eu sou?** (29). Em um lampejo de revelação Pedro respondeu: **Tu és o Cristo.** Jesus de Nazaré era realmente o Cristo, o longamente esperado Messias; mas Seu povo estava esperando um líder político, cuja glória iria se assemelhar, a grosso modo, ao entendimento cristão do Segundo Advento.[1] Tais esperanças vãs só poderiam levar a um holocausto – e sob pretensos Messias as tragédias aconteceram. Embora por mais alegre que Jesus possa ter-se sentido com essa resposta de Pedro (Mt 16.17), isso era compreensível porque Ele **admoestou-os, para que a ninguém dissessem aquilo dele** (30). A própria capacidade de Pedro havia excedido sua compreensão, como os versículos seguintes deixam bem claro.

2. *A Primeira Previsão da Paixão* (8.31-33)

Pedro havia acabado de confessar que Jesus era o Cristo, o longamente esperado Messias (29). Como os discípulos partilhavam do errôneo conceito sobre um Messias que iria subjugar os inimigos do judaísmo com uma vingança apocalíptica, Jesus **começou** imediatamente **a ensinar-lhes** (31) que Seus sofrimentos logo chegariam. Essa era a primeira previsão da Sua paixão; e outras iriam segui-la (9.31; 10.32-24). **Importava que o Filho do Homem**[2] **padecesse muito**. Como alguém que tinha vindo para fazer a vontade do Pai, era necessário (como os sinópticos afirmam) que Ele sofresse.

Embora os profetas tivessem falado a respeito de um Servo Sofredor (cf. Is 52.13—53.12), a idéia de que um Cristo invencível seria **rejeitado**[3] pelo Supremo Sinédrio (formado pelos três grupos mencionados no versículo 31), e seria **morto,** era incompreensível para Pedro e seus companheiros. A garantia de que **depois de três dias**[4] Ele iria ressuscitar não despertou atenção. Provavelmente, com um ar condescendente, **Pedro o tomou à parte** (32) e **começou a repreendê-lo.**

A resposta de Jesus deve ter assustado o grupo. Afastando-se de Pedro e olhando para **os seus discípulos** (33) Ele **repreendeu a Pedro** na frente de todos. **Retira-te de diante de mim, Satanás**.

Mas, por que essa repreensão tão forte? Porque, tendo em mente a opinião popular sobre o Messias, Jesus ouviu novamente a voz de Satanás para afastá-lo da Cruz (Mt 4.3-10). "O tentador não pode fazer um ataque mais terrível do que quando ataca na voz daqueles que nos amam pensando que estão apenas procurando o nosso bem."[5] Pedro não tinha o divino entendimento, era apenas humano. "Não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens" (33).

Encontramos aqui: 1) A confusão das pessoas, 27-28; 2) A confissão de Pedro, 29-30; 3) A consagração de Cristo, 31; 4) A contradição da Cruz, 32-35.

3. *O Custo de Encorajar o Discipulado* (8.34—9.1)

E chamando **a si a multidão**, que nunca parecia estar distante, Jesus deixou bem claro a todos e também aos **seus discípulos**, que o servo não está acima do seu senhor (Mt 10.24). Se o Filho do Homem devia sofrer a rejeição e a morte (31), se alguém quises-

se **vir após** Ele, devia primeiro negar **a si mesmo** e tomar **a sua cruz** a fim de segui-lo. Nas ocasiões decisivas o pretenso seguidor deveria dizer "não" a si mesmo e carregar a sua cruz. Isso iria levar a um contínuo relacionamento do seguidor com o Líder. Era como se Jesus estivesse dizendo: "Se você quer ser meu discípulo deve começar a viver como um homem a caminho do patíbulo".[6]

Para aqueles que possam ter sentido que o custo do discipulado era demasiado alto, Jesus tinha mais uma palavra sobre o custo de encorajar os pretendentes: "Quem quiser preservar sua própria vida irá perdê-la" (35, Goodspeed). Aqui a **alma** e a **vida** estão interligadas porque são traduções da mesma palavra (*psyche*), mas um segundo sentido está subentendido. Um apóstata poderia **salvar a sua vida** (35) negando o Filho do Homem nessa **geração... pecadora** (38), mas iria **perder a sua alma** (36). Se, nesse processo, ele ganhasse **todo o mundo**, qual seria o seu proveito... **que aproveitaria**? A parábola do rico insensato é um caso semelhante (Lc 12.16-21). Se alguém juntou muitos tesouros nesta vida, mas perdeu a sua **alma**, o que poderia dar em troca (37) **pelo resgate da sua alma**? Por maiores que tenham sido suas posses, ele não terá com que comprá-la de volta.

Fazendo um contraste, aqueles mártires que perdem a vida **por amor de** Cristo **e do evangelho**, irão salvá-la (35). Ridícula é a arma que matou os seus milhares, mas o que acontecerá com aquele que se **envergonhar** do **Filho do Homem** quando Ele voltar na **glória** do Pai, cercado pelos **santos anjos?** (38) Aqui a palavra **adúltera** significa espiritualmente desleal.

Essa descrição da *parousia* inspirou Jesus a dizer alguma coisa intrigante (9.1). O que estaria Ele querendo dizer quando mencionou: **dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o Reino de Deus com poder?** (1) Ele *não* disse que a Segunda Vinda iria ocorrer durante a vida daqueles que estavam presentes. Dentro de seis dias (9.2), três dos discípulos seriam testemunhas da Transfiguração. Dentro de aproximadamente um ano todos os discípulos, menos um, iriam testemunhar o poder da Ressurreição e do Pentecostes, e ainda durante a vida de muitos dos que ali estavam o evangelho iria se propagar com um admirável vigor pelo mundo daquela época. Dessa maneira, eles viram a chegada do **Reino de Deus com poder.**

4. *A Transfiguração* (9.2-8)

Cerca de uma semana depois da confissão de Pedro e do resultante ensino sobre o Messias Sofredor (8.27—9.1), Jesus levou o círculo mais íntimo de seus discípulos **a um alto monte** (2; provavelmente uma parte elevada do Monte Hermom), para longe das multidões, onde **transfigurou-se diante deles.**

Qual foi a natureza e o propósito da Transfiguração? Esse termo, que vem de *metamorphoo,* significa "transformar" e foi usado apenas nessa passagem do Novo Testamento, em Mateus 17.2 (referência paralela); Romanos 12.2; e 2 Coríntios 3.18. Essa mudança da sua forma, que fez Suas **vestes** (3) se tornarem **resplandecentes, em extremo brancas**, mais deslumbrantes "do que qualquer alvejante terreno poderia fazer" (Goodspeed) deve ter tido uma "fulgência que vinha de dentro, uma manifestação do Filho de Deus em sua verdadeira natureza".[7] Era uma restauração da glória que Ele gozava junto ao Pai antes da existência do mundo (Jo 17.5; cf. Mc 14.62; At 7.55).

O propósito da Transfiguração era, em primeiro lugar, fortalecer Jesus para a pro-

vação da Cruz. O Filho do Homem recebeu a segurança do céu em pontos cruciais de Seu ministério (por exemplo, 1.11; Lc 22.43).

Nessa ocasião **apareceram-lhes Elias e Moisés e falavam com Jesus** (4) sobre a "morte dele" (Lc 9.31). Os dois homens, que representavam a lei e os profetas, também haviam experimentado algum tipo de transfiguração: Moisés no Sinai (Êx 34.35) e Elias no carro de fogo (2 Rs 2.11).

A Transfiguração também serviu para convencer os discípulos de que a inspirada confissão de Pedro (8.29) era verdadeira. A idéia de um Messias sofredor não era diferente daquela que estava no Antigo Testamento. Os discípulos, que nem sempre ouviam direito, foram instruídos a prestar atenção nos ensinos de Jesus. **Este é o meu Filho amado; a ele ouvi** (7).

Lucas registra que Pedro e os outros ficaram "carregados de sono" (9.32), o que pode explicar a aparente confusão. Assustado além da medida, Pedro **não sabia o que dizia** (6). Sabendo que estar no monte da visão era **bom** para eles, e esperando se agarrar àquela hora sagrada, Pedro propôs a construção de **três cabanas**. Ele pode ter pensado em tendas como aquelas usadas na Festa dos Tabernáculos, ou pode ter imaginado alguma coisa mais permanente, provavelmente a Tenda da Congregação onde Deus se encontrava com o Seu povo no deserto (Êx 35.11).

A **nuvem** (7) que os encobriu ou envolveu[8] era o símbolo da Presença Divina, a *Shekinah* do Antigo Testamento (cf. Êx 13.21; 14.19; Sl 78.14). No Novo Testamento as nuvens também estão ligadas à presença de Deus (por exemplo, 13.26; 1 Ts 4.17). Deus se aproximou e anunciou que Seu Filho também era um Profeta[9] (Dt 18.15): **a Ele ouvi.**

Mateus descreve a Transfiguração como uma "visão" (17.9). Era uma visão milagrosa e concreta, divinamente transmitida aos discípulos como uma revelação. Antecipando a Ressurreição e a *Parousia*, a Transfiguração fortaleceu Jesus e os discípulos para a esmagadora experiência que os aguardava e anunciou a todos que Jesus era, indiscutivelmente, o Filho de Deus.

Alexander Maclaren conclui, a partir do versículo 8: 1) O Salvador solitário, 2) As testemunhas que se vão, 3) Os discípulos que aguardam.

5. *A Vinda de Elias* (9.9-13)

Descendo eles (9) do Monte da Transfiguração, os discípulos devem ter meditado profundamente sobre o que tinham acabado de ver. Eles podem ter imaginado porque Jesus **ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto** até que Ele **ressuscitasse dos mortos**. Ainda não era seguro revelar o segredo Messiânico. Antes que a Cruz e o sepulcro vazio lhes ensinassem o que deveriam aprender a respeito do Messias, não seria conveniente descreverem sua transcendente experiência.

"Eles não esqueceram o que Ele disse" (10, Goodspeed), mas ficaram imensamente perplexos com o que seria aquilo – **ressuscitar dos mortos**. Não estavam preparados para aceitar a idéia de que o **Filho do Homem** deveria **padecer muito e ser aviltado** (12).

Isso levantou uma outra questão. Se Jesus era realmente o Cristo, como agora acreditavam, o que dizer sobre a assertiva dos escribas de que **Elias**[10] devia vir **primeiro**? (11). Os dois últimos versículos do cânon do Antigo Testamento (Ml 4.5-6) tinham um grande significado para o povo judeu.

Concordando com os escribas, Jesus respondeu: **Em verdade Elias virá primeiro e todas as coisas restaurará** (12), um processo em andamento, mas ainda incompleto. Mas Ele foi além com outra pergunta: **Como está escrito do Filho do Homem, que ele deva padecer muito e ser aviltado** ("tratado com desprezo", NEB)?[11] Em outras palavras, os escribas estavam certos ao observar que Elias seria o precursor do Messias, mas errados em sua cegueira perante os Seus sofrimentos.

Elias já tinha sido representado por João Batista (Mt 17.13), que sofreu nas mãos de outra Jezabel. Se os homens fizeram isso ao precursor, o que fariam, então, com o próprio Messias? "Da mesma forma que a vinda de Elias foi um presságio da vinda do Senhor, a rejeição àquele que representava Elias foi um aviso da rejeição do Senhor: e tudo isso aconteceu como cumprimento das Escrituras."[12]

6. *Discípulos Impotentes* (9.14-29)

A cena seguinte faz um nítido contraste com o relato da Transfiguração (2-8). De forma comovente, Rafael representou esse fato em uma pintura que reproduz Jesus na glória do monte enquanto os discípulos estão nas trevas do vale. Quando Jesus e seu reduzido círculo de seguidores se aproximaram (4) do resto dos **discípulos,** que estavam cercados por uma **grande multidão** e discutindo com **os escribas**, eles enfrentaram um mundo em miniatura: "A juventude nas garras do pecado, a angústia dos pais, os nove discípulos a quem foi dado o poder necessário para não falharem... e finalmente... uma coleção de religiosos críticos e hostis".[13]

Imediatamente, **toda a multidão** (15) ficou atônita com a chegada de Jesus, e correu em direção a Ele com muito entusiasmo. O que levou a multidão a ficar **espantada**[14] e "cheia de temor (NEB)?" O Mestre havia chegado inesperadamente e em um momento muito oportuno, mas isso dificilmente poderia justificar a admiração da multidão. Jesus deve ter retornado "do monte santo com Sua face e pessoa ainda resplandecentes" (15, *NT Amplificado*).

Quando Jesus lhes perguntou: **Que é que discutis com eles?** (16) a resposta não veio dos escribas, mas de alguém da multidão (17), de um pai preocupado cujo filho era epiléptico. Mateus descreve o jovem como "lunático" (17.15), isto é, "atingido ou afetado pela lua", pois acreditavam que a epilepsia era influenciada pela lua.[15]

O pai havia trazido seu filho na esperança de ver Jesus. Desapontado pelo fato de não ter encontrado Jesus, o angustiado pai havia dito aos **discípulos que o expulsassem, e não puderam** (18; literalmente, "eles não eram suficientemente fortes"). "Observe a trágica brevidade das palavras finais."[16] O desespero desse pai era bastante compreensível.

A resposta de Jesus tem sido chamada de "uma exclamação de saudade pelo Seu Pai celestial".[17] **Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei ainda? Trazei-mo** (19). Ele estava censurando não só os presentes, mas também toda a legião de incrédulos que se colocava no caminho. Mesmo quando o **espírito**, que o reconheceu, convulsionou novamente o rapaz, Jesus iniciou um diálogo com o pai do rapaz com a intenção de despertar-lhe a fé (21-22). **Mas, se tu podes fazer alguma coisa,** veio a súplica pungente, **tem compaixão de nós e ajuda-nos** (22).

A verdadeira implicação da resposta de Jesus está um pouco obscura na versão KJV. Phillips oferece uma tradução mais clara, *"Se você puder fazer alguma coisa!"*, e Jesus

respondeu, "Tudo é possível ao que crê".[18] A confiança de Jesus no poder da fé é surpreendente. "Com a mesma confiança absoluta em Deus, com a qual Ele repreendeu a violenta tempestade (4.39), enfrentou o perigoso endemoninhado que vivia em meio aos sepulcros (5.8) e tomou a filha de Jairo pela mão (5.41), aqui Ele avança sobre o poderoso espírito que mantém o jovem epiléptico em suas garras (cf. 5.36)."[19] Talvez reagindo ao desafio de Jesus, **o pai** (24) imediatamente proferiu uma confissão sobre sua paradoxal condição. **Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade.** Que atire a primeira pedra quem nunca passou pela mesma experiência daquele homem!

Sob o tema "A Crença Incrédula" Alexander Maclaren discute o versículo 24 da seguinte maneira: 1) O nascimento da fé, 17-18; 2) A infância da fé, 21-22; 3) O clamor da fé, 23-24; 4) A educação da fé, 25-29.

Vendo que a multidão concorria (25), Jesus resolveu imediatamente impedir a propagação daquela curiosidade intrometida. **Espírito mudo e surdo** (um novo detalhe) **eu te ordeno: sai dele e não entres mais nele**. Certamente essas eram palavras de encorajamento, que diziam a um pai aflito que a prometida libertação de seu filho seria permanente. O Mestre falou ao demônio como um agente separado do corpo. "Isso torna difícil acreditar que Jesus estava simplesmente tolerando a crença popular em uma superstição."[20]

"Agitando-o com violência" (26), o espírito imundo **saiu** dele, deixando o menino **como morto.** A maioria dos presentes confirmou **que estava morto.** Caracteristicamente, os poderes das trevas haviam feito uma última tentativa ao abandonar sua vítima. Como no caso da filha de Jairo (5.41), Jesus **tomando-o pela mão, o ergueu** (27). Esse símbolo da terna compaixão de Jesus tem seu corolário em um detalhe registrado por Lucas: "Jesus repreendeu o espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai" (9.42).

Em algum lugar na multidão havia um grupo de nove discípulos que se sentiam derrotados e humilhados. Mais tarde, **quando** todos haviam entrado **em casa** (28), eles perguntaram **à parte: Por que o não pudemos nós expulsar?** As razões para o insucesso se originavam na falta de fé deles (Mt 17.20) que, por sua vez, era devida à ausência de oração e de autodisciplina. **Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum** (29).[21]

Os discípulos evidentemente pensavam que o poder e a autoridade que haviam recebido antes (6.7) podiam ser exercidos de acordo com a vontade deles. "Eles precisavam entender que o poder de Deus não é concedido aos homens dessa maneira. Ele sempre deve ser pedido de novo para ser recebido de novo."[22] Qualquer dom que alguém possa ter não pode ser mantido, com todo poder e força, sem uma contínua confiança naquele que o concedeu. Problemas do tipo que os discípulos enfrentaram não podem ser *expulsos* exceto através de uma vida de oração persistente e eficiente. Súplicas espasmódicas somente nas emergências não são suficientes. A advertência, entretanto, também representa uma promessa. "A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos" (Tg 5.16).

Os dois primeiros episódios desse capítulo sugerem: 1) A adoração no monte, 2-13 e 2) O trabalho no vale, 14-29. Pedro queria desfrutar a agradável situação no topo do monte, mas havia trabalho a ser feito no vale, em baixo. Devemos oferecer ao Senhor a nossa adoração no local designado para a oração, e então ir trabalhar no lugar onde estão as necessidades.

B. A Caminho Pela Galiléia, 9.30-50

1. *A Segunda Predição da Paixão* (9.30-32)

Tendo partido dali (30), evidentemente das regiões de Cesaréia de Filipe, Jesus e os discípulos caminharam **pela Galiléia**[23] para não serem reconhecidos. Viajar incógnito era difícil para qualquer pessoa que fosse tão conhecida como Jesus, e isso nem sempre tinha sido possível (7.24). Mas o segredo era necessário para que Ele pudesse estar sozinho com os discípulos e instruí-los um pouco mais sobre os acontecimentos que os aguardavam em Jerusalém.

O trabalho de Jesus para mudar o pensamento de seus discípulos representa uma lição no processo de ensinar e aprender. Ele repetidamente os prevenia sobre Seus sofrimentos e Sua morte, mas **eles não entendiam esta palavra** (32). Com que persistência deve então um pastor e mestre labutar para levar seus ouvintes a um completo entendimento da vida cristã!

As palavras do versículo 31 representam exatamente a essência do que Jesus continuou a ensinar ao longo do caminho. **O Filho do Homem será entregue**[24] **nas mãos dos homens.** Estas palavras podem se referir ao plano divino (como em Rm 8.32) ou ao abominável processo pelo qual Jesus seria entregue ao Sinédrio por Judas e daí a Pilatos e aos soldados. Talvez os dois sentidos estejam implícitos (cf. At 2.23).

Embora não entendessem **esta palavra** (32), os discípulos receavam interrogá-lo para receber uma explicação. Talvez não quisessem enfrentar a realidade que iria lançar suas esperanças políticas ao chão.

2. *A Disputa Sobre a Grandeza* (9.33-37)

Quando chegaram a **Cafarnaum** (33), Jesus e os discípulos retornaram ao local que havia sido a sua base de operações durante o ministério na Galiléia. Depois de se reunirem **em casa** – provavelmente na casa de Pedro – Jesus **perguntou-lhes** o que tinham estado **discutindo pelo caminho**. Essa pergunta era embaraçosa, pois enquanto Jesus falava sobre a proximidade de Sua morte, eles **tinham disputado entre si qual era o maior** (34). Não é de admirar que eles tenham se calado.

O que levou a essa discussão? Tais questões eram muito importantes na Palestina, uma terra onde a posição de uma pessoa na Sinagoga ou nas refeições dava margem a freqüentes brigas. A questão também pode ter sido abordada pelo reconhecimento que o círculo mais íntimo dos discípulos – Pedro, Tiago e João – recebia freqüentemente, como na Transfiguração. Qualquer que tenha sido a razão, a disputa se revelou como algo mesquinho.

Em um gesto de inspirada paciência, Jesus, **assentando-se** (35), assumiu a posição característica de um mestre judeu, **chamou os doze,** e ensinou-lhes: Se alguém quiser ser o **primeiro**, será o **derradeiro** e **servo** de todos. Não pode haver dúvida quanto ao significado desse ideal ético. Ele é "idêntico ao conteúdo dos principais mandamentos, ao chamado Conceito Moral e ao ensino de Jesus preservado em Atos – "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber".[25]

Em um "sermão de ação",[26] Jesus lançou mão de uma criança, pô-la no meio deles e, tomando-a nos seus braços, disse-lhes (36). **Qualquer que receber uma destas crianças em meu nome a mim me recebe** (37). Além da intenção fundamental das palavras de

Jesus, devemos observar a valorização das crianças. "Se atualmente os homens demonstram uma grande solicitude para com as criancinhas, que teria deixado os seus antepassados admirados, é necessário lembrar que essa solicitude tem sua origem em um Homem."[27]

A finalidade desse ato de Jesus era ilustrar o princípio encontrado no versículo 35. A verdadeira grandeza se revela no serviço humilde. Quando alguém recebe (literalmente, "acolhe") uma criança, por amor a Cristo (isto é, em Seu Nome), essa pessoa está fazendo isso sem pensar em recompensas e, inconscientemente, está "acolhendo" a Cristo. Ao receber a Cristo, a pessoa estará recebendo o Pai que o enviou; da mesma forma que o mensageiro do rei é considerado como o próprio rei. O objetivo dessa lição era fazer uma dramática repreensão aos discípulos por sua disputa pelo primeiro lugar.

3. *Alguém Desconhecido Expulsa Demônios* (9.38-41)

Esses versículos foram chamados de "uma lição de tolerância" e de "uma advertência contra o sectarismo". João, que raramente recebe destaque nos Sinóticos, expressou-se nessa ocasião, dizendo: **Mestre, vimos um que, em teu nome, expulsava demônios... e nós lho proibimos** (38; literalmente, "tentamos impedi-lo"). O Filho do Trovão, que há pouco havia invocado o fogo do céu sobre uma inóspita aldeia samaritana ("da mesma forma que Elias", Lc 9.54), era rigoroso quanto à lealdade do seu grupo.

Em uma censura à intolerância e ao sectarismo, **Jesus... disse**: **Não lho proibais... Porque quem não é contra nós é por nós** (38-39). Um paralelo interessante é encontrado em Números 11.26-29. Em momentos de crise, o Senhor derramou o Seu Espírito sobre os líderes de Israel e também sobre homens "não-autorizados", Eldade e Medade. Josué insistiu com Moisés para interromper suas profecias, porém Moisés se recusou, dizendo: "Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do Senhor fosse profeta" (Nm 11.29). Não é fácil combinar o comprometimento à própria causa com o respeito a outros movimentos, mas este esforço irá receber as bênçãos de Cristo. Edwin Markham disse muito bem:

> *Ele desenhou um círculo que me excluiu –*
> *Rebelde, herético, coisa de escarnecer.*
> *Mas o amor e eu tivemos sabedoria para vencer –*
> *Desenhamos um círculo que o incluiu.*

O resumo desse assunto está retratado no versículo 41. Os cristãos devem acolher qualquer cooperação sincera mesmo que venha de fontes inesperadas. Se alguém oferecer um copo de água fria (41) a um crente, por se tratar de um seguidor de Cristo, essa pessoa – Jesus afirma – de modo algum perderá o seu galardão.

4. *A Ameaça do Inferno* (9.42-50)

Esses versículos formam uma coleção de certas expressões de Jesus onde uma se origina da outra, mas esse relacionamento pode não seguir um padrão lógico. Às vezes, o versículo 41 está incluso nesse parágrafo.

A frase **um destes pequeninos que crêem em mim** (42) está se referindo a jovens e imaturos cristãos, incluindo talvez o irmão mais "fraco" de Romanos 14. **Qualquer que escandalizar** ("ofender") ou levar ao pecado um desses pequeninos deveria morrer

primeiro, tão grave é essa ofensa. A mó de atafona seria uma "grande pedra de amolar de um moinho movido a jumento".[28] Ser **lançado no mar** com esse peso pendurado no **pescoço** certamente significava a morte. A execução através do afogamento da pessoa era uma modalidade da pena de morte adotada pelos romanos. Arruinar ou mutilar a fé de alguém, para levar a pessoa a cair da graça, é um crime horrendo.

Fomos prevenidos de que essas ofensas, isto é, os "escândalos" (Lc 17.1), certamente acontecerão. Alguns poderão vir do exterior, como no versículo 42, mas outras provocações podem vir da própria pessoa (43-48). Em relação a essas, Jesus proferiu as mais solenes advertências.

Embora possamos falar "da mão que rouba, do pé que transgride e do olho cheio de lascívia ou cobiça",[29] não devemos por isso entender que esses membros físicos sejam a verdadeira causa do pecado.

Literalmente falando, desmembrar o nosso corpo poderá nos impedir de cometer certos pecados exteriores, mas não irá eliminar os desejos corruptos do nosso interior. Jesus está falando de forma metafórica e hipotética. Na hipótese de que a perda de membros físicos possa nos salvar do pecado, então seria muito melhor perdê-los – não importa o quanto sejam humanamente indispensáveis – do que ser lançado no inferno. Metaforicamente, somos lembrados aqui de que, na nossa vida, as coisas naturais como mão, pé e olho podem ser tornar ocasiões de tentação e, se assim for, podemos muito bem nos dar ao luxo de sacrificá-las não importa o quão difícil poderá ser a sua separação. O membro da ofensa poderá ser uma amizade, uma associação, uma ambição, qualquer coisa que nos é próxima e querida, e que se mostre subversiva à nossa vitória espiritual.

Nos versículos 45 e 47 o castigo divino foi descrito com as palavras **lançado no inferno**. Mas no início do versículo 43 fica muito claro que é o ofensor que prefere (literalmente) "ir" para o inferno através de suas próprias ações.

A palavra para inferno, aquele lugar de tristezas com **fogo que nunca se apaga** (em grego, *asbestos*), pode ser traduzida como *Geena,* o vale de Hinon. Esse vale, abaixo de Jerusalém, havia se tornado um lugar infame durante a época dos últimos reis de Judá por causa do sacrifício de crianças ao deus pagão Moloque (Jr 7.31; 19.5-6; 32.35). Mais tarde, esse lugar foi oficialmente profanado (2 Rs 23.10) e finalmente se tornou o depósito das sobras e do lixo de Jerusalém. "Lá rastejavam os vermes corruptores e o fogo era mantido continuamente aceso com a finalidade de consumir o refugo."[30]

Devemos nos lembrar que a descrição da condição futura dos impenitentes, contida nesses versículos, vem do próprio Senhor Jesus. Por mais severa que a linguagem possa ser, ela é bíblica (Is 66.24) e é parte integrante dos ensinos do Senhor.

A mensagem é clara: Nenhum sacrifício é demasiado grande quando se trata de entrar **no Reino de Deus** (47; sinônimo de **vida** eterna – versículos 43 e 45) e de evitar o *geena,*[31] **onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga** (48).[32] A palavra **bicho** pode se referir aos tormentos da memória e **fogo** aos desejos insatisfeitos.

Os versículos restantes (49-50) contêm três ditados bem resumidos na frase "salgando de forma inevitável e indispensável".[33] As palavras **cada um será salgado com fogo** (49) geralmente significam que todos os discípulos devem passar pelo fogo da purificação, principalmente pelo Espírito, mas também através da disciplina e da perseguição. Assim como cada sacrifício devia ser salgado com sal (Lv 2.13),[34] cada seguidor de Cristo deve ser purificado pelo fogo para ser aceitável a Deus.

O **sal** (50) é realmente **bom.** Quanta insipidez e corrupção vêm através da sua ausência! Quando um crente perde seu **sal** ele se torna inútil (cf. Mt 5.13). Ele é "como uma bomba que explodiu, uma cratera queimada, uma força perdida".[35] Os cristãos devem ter o cuidado de possuírem sal em si mesmos, isto é, possuírem as qualidades cristãs para estar em **paz, uns com os outros**. Os discípulos que estavam discutindo (33) precisavam dessa admoestação.

C. O MINISTÉRIO NA PERÉIA, 10.1-52

Essa seção marca outro ponto crucial no ministério de Jesus. Pela *última* vez Ele deixou a Galiléia e dirigiu-se, resoluto, para Jerusalém. Na realidade, tratava-se de um caminho para a Cruz. A caminhada levou ao âmago do vale do Jordão, até **o território** (região ou distrito) **da Judéia** (1), e dali para **além** do rio Jordão, a terra da Peréia.

1. *Ensinando Sobre o Divórcio* (10.1-12)

Os dias de retiro e privacidade tinham terminado para Jesus e seus discípulos, porque **a multidão** voltou (1) a se aglomerar em **torno dele**. Como era seu costume, Ele **tornou a ensiná-los.**[36]

Mais uma vez os fariseus se aproximaram dele (2) fazendo uma pergunta para o tentar ou "testar". A tentativa de armar uma cilada para Jesus, usando suas próprias palavras, iria prosseguir continuamente até o fim. Agora, eles esperavam enredá-lo com Antipas, um homem divorciado, ou com o Sinédrio, através de um conflito com a Lei. A pergunta deles era a respeito do divórcio. **É lícito?** (2). Em Mateus, essa pergunta está escrita de modo diferente: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? (19.3). Jesus respondeu a essa traiçoeira pergunta com outra questão. **Que vos mandou Moisés?**

Essa discussão estava relacionada com Deuteronômio 24.1-2, onde Moisés ordenou que uma "carta de divórcio" (ou escrito de repúdio) fosse dada à mulher no momento da separação, para que ela ficasse livre para se casar novamente. Essa ordem não representava, de forma alguma, um encorajamento para a prática leviana do divórcio, mas uma misericordiosa provisão em uma época em que as mulheres não tinham qualquer direito. Os fariseus abrandaram as palavras dizendo: **Moisés permitiu** ou autorizou (4) essa prática. Com essa resposta, eles cederam terreno ao debate, pois estavam admitindo que a **carta de divórcio** era uma concessão que se devia à **dureza** ("perversidade", Goodspeed) dos seus corações. Jesus lembrou que isso não acontecia **no princípio** (6) quando Deus os fez **macho e fêmea** e exigiu que o homem abandonasse sua família anterior para se unir à sua mulher (7).[37]

O conceito absoluto de Deus para a família era a monogamia, que eliminava tanto a poligamia como o divórcio. A santidade do casamento se origina da ordem divina: **o que Deus ajuntou, não o separe o homem** (9). A posterior concessão da Lei (5) que Jesus estava de certa forma criticando, embora a reconhecesse, estava "de acordo com o conceito de Deus sobre a adaptação de seu propósito geral às circunstâncias e necessidades imediatas".[38] As exceções permitidas em Mateus 19.9 (cf. 5.32) e 1 Coríntios 7.15 estão, aparentemente, em consonância com esse princípio.

Havia se tornado uma prática comum entre muitos judeus adotar a concessão mosaica como um encorajamento para a autorização. Esse aspecto foi debatido naquela época pelas escolas dos rabinos Hillel e Sammai.

Sammai só permitia o divórcio nos casos de adultério, enquanto o ponto de vista de Hillel encorajava uma moral mais permissiva. Um de seus adeptos, por exemplo, permitia a um homem deixar a esposa se encontrasse outra mulher mais atraente, alegando que sua esposa não mais "achava graça aos seus olhos" (Dt 24.1). Essa mesma referência foi usada para permitir o divórcio baseado em motivos ainda mais triviais: "Se a esposa cozinhar mal o alimento do marido, salgando demais ou deixando que ele se queime, ela deve ser despedida".[39] Jesus censurou o insensível pouco caso dos fariseus para com as intenções de Deus (cf. Ml 2.13-16).

Alguns gostariam que nós, assim como os discípulos, pudéssemos nos afastar e perguntar particularmente a Jesus acerca do mesmo assunto (10). Sua resposta em casa foi que o homem não deve **deixar a sua mulher** (11), nem a mulher deve **deixar a seu marido** (12; alguma coisa nunca ouvida no judaísmo, todavia possível entre os romanos, a quem Marcos estava escrevendo). Mateus registra a consternação dos discípulos: "Se assim é... não convém casar" (19.10).

Intérpretes devotos estão divididos quanto às implicações das palavras de Cristo nos versículos 11 e 12. Alguns sustentam que, com efeito, elas formaram uma nova legislação e o que transcrevemos abaixo é um exemplo desse ponto de vista: "A opinião de Cristo sobre o divórcio era proibi-lo completamente. De acordo com Ele, o casamento era indissolúvel, a não ser pela morte. Portanto, casar novamente não era permitido durante a vida dos dois cônjuges".[40] Outros poderiam dizer que "Jesus não estava tentando legislar sobre o divórcio, mas estabelecendo princípios que poderiam elevar toda a questão ao nível espiritual da vontade de Deus".[41] O ato de dissolver a união do casamento leva as pessoas a juízo, "entretanto pode ser mais adequado à situação, e também à igreja, fazer provisões para situações nas quais, por causa da propensão humana ao pecado, o divórcio possa ser um mal menor".[42] Nem a dureza do coração humano, nem a misericórdia de Deus, como está refletido em Deuteronômio 24.1-2, sofreram qualquer mudança.

2. *As Crianças e o Reino* (10.13-16)

Essa discussão sobre as crianças e seu relacionamento com o Reino acompanha, adequadamente, os ensinamentos de Jesus sobre o divórcio. As crianças representam a primeira e a mais triste das conseqüências dos lares desfeitos. Tanto a mulher como as crianças devem muito à defesa que Jesus instituiu a favor delas.

Quando algumas **crianças** (13) foram trazidas a Jesus para que Ele as **tocasse,** como nas curas, os **discípulos repreendiam** aqueles que as **traziam**. A atitude deles devia-se, sem dúvida, ao cuidado de proteger Jesus das multidões.

Vendo o que os discípulos haviam feito, Jesus **indignou-se** (ficou "indignado *e* desgostoso"; 14, *NT Amplificado*). Jesus era capaz de sentir uma indignação moral (cf. 3.5; 9.19): "Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais" (14). A ausência de uma conjunção na língua grega antes da frase **não os impeçais,** sugere alguma forma de impaciência.[43] **O Reino de Deus** pertence àqueles que têm as qualidades das crianças. A criança é receptiva e confiável, tem a "capacidade de *agir* imediatamente",[44] de acordo

com o que compreende. Ninguém pode merecer o Reino, mas cada um de nós deve recebê-lo por intermédio da graça. **Qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele** (15). Deveria ficar muito claro porque Jesus se irritou com os seus discípulos.

Para mostrar decididamente como se sentia, **Jesus** tomou as crianças **nos seus braços**[45] e **impondo-lhes as mãos, as abençoou.** "Ele as abençoou fervorosamente, e não de maneira indiferente, enfatizando que eram capazes de receber a bênção com mais prontidão e espontaneidade que seus pais."[46]

3. *O Jovem Rico e o Discipulado* (10.17-31)

Quando Jesus estava iniciando um outro trecho de sua viagem, **correu para ele um homem** (17),[47] talvez com medo de que fosse muito tarde para encontrar o Mestre, e **se ajoelhou** diante dele com respeito e reverência. Os detalhes de Marcos ("correu", ajoelhou") são um testemunho da impressão que Jesus exercia sobre os homens.

A pergunta do jovem: **Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?** revelava uma insatisfação interior. Aquele cujos julgamentos estão de acordo com a verdade replicou: **Por que me chamas bom?** (18). A assertiva de Jesus de que ninguém é bom senão um, que é Deus, não estava admitindo uma condição de pecado, mas rejeitando a idéia, como consta da opinião desse homem, de que a bondade deve ser conquistada. Nada existe que alguém possa *fazer* para **herdar a vida eterna**. "Jesus não estava se baseando em si mesmo, mas se referindo totalmente ao Seu Pai..."[48] (veja especialmente Jo 5.19).

Tu sabes os mandamentos (19) desse Deus tão bom, disse Jesus, e fez uma revisão da segunda parte do Decálogo. Talvez Jesus tenha deixado de mencionar os primeiros mandamentos porque naquele momento Ele tinha a intenção de sondar mais profundamente aquele jovem quanto à sua devoção a Deus. A resposta do jovem governante foi emocionante. **Mestre,** (omitindo a palavra "bom") **tudo isso guardei desde a minha mocidade** (literalmente, "obedeci", 20). Dizem que os antigos judeus eram os homens mais escrupulosos da antiguidade. Outro hebreu que mais tarde fez uma confissão semelhante (Fp 3.6) também descobriu que "o homem não é justificado pelas obras da lei" (Gl 2.16).

Como se estivesse perscrutando a própria alma desse jovem, "Jesus olhou diretamente para ele" (21, NEB) e **o amou**. Que promessa e que possibilidade; no entanto que pobreza espiritual o Mestre deve ter visto! A pergunta do jovem: "Que me falta ainda?" (Mt 19.20) encontrou eco na cândida resposta de Cristo: **Falta-te uma coisa: vai, e vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me.** Este ansioso indagador, a quem nada faltava daquilo que as riquezas podiam comprar, estava, entretanto, sentindo uma grande necessidade (cf. Ap 3.17-18). O jovem rico, que nada havia feito de errado aos seus semelhantes (19), possuía um grande apego às riquezas e a si mesmo, e isso violava o primeiro mandamento.

Diferentemente de como havia chegado, o rico e jovem governante **retirou-se triste** (22). Recusando o raro convite de acompanhar Jesus a Jerusalém, ele preferiu se agarrar às suas **muitas propriedades,** ao invés de ter **um tesouro no céu.**[49] Esta é uma parábola sobre a alegria da obediência e a tragédia da desobediência, pois ele se **retirou** com uma expressão **triste**, como o céu em um dia sombrio e nublado.[50]

Vendo o homem rico se recusar a fazer o que Ele já havia pedido aos discípulos, **Jesus, olhando ao redor,**[51] **disse: Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas!** (23). Os discípulos não estavam preparados para essa declaração e ficaram admirados com suas palavras (24). Abraão, o fiel, Jó, o justo, e Salomão, o sábio, eram homens ricos. Será que a riqueza não era sinal da aprovação divina? **Mas Jesus, tornando a falar,** com uma bondosa censura, disse-lhes: **Filhos, quão difícil**[52] **é, para os que confiam nas riquezas, entrar no Reino de Deus!** (24). Se somente alguns encontram a porta estreita e o caminho apertado (Mt 7.14), com que dificuldade então aqueles que se apóiam na falsa segurança das riquezas **entrarão no reino de Deus**!

A linguagem do versículo 25 suscitou muitas explicações engenhosas, porém "a dificuldade está apenas na mente pouco criativa dos ocidentais".[53] O ponto em questão, revestido de uma hipérbole oriental, é simplesmente que, do ponto de vista humano, é impossível a **um rico** ser salvo. A figura do **camelo** e do **fundo de uma agulha** – assim como a da trave e do argueiro (Lc 6.41), e do mosquito e do camelo (Mt 23.24) – é uma forma dramática de dizer que, "humanamente falando, isto será impossível ou absurdo".[54]

Ainda mais admirados (26), os discípulos foram tranqüilizados por Jesus de que **para Deus todas as coisas são possíveis.** Entrar no Reino e na vida eterna está além das possibilidades de conquista do homem, mas na graça de Deus todos os homens – sejam eles ricos ou pobres – poderão entrar. O preço da entrada é o mesmo para todos; a pérola mais valiosa custa tudo que o homem tem (Mt 13.45-46).

Fazendo um rápido cálculo matemático, **Pedro** (28), que era geralmente o porta-voz do grupo (8.29; 9.5; 11.21), começou a dizer: **Eis que tudo deixamos e te seguimos.**[55] E Mateus acrescenta: "que receberemos?" (19.27).

A resposta de Jesus foi que nenhum homem seria prejudicado. Se um homem deixar sua **casa**, ou família, ou **campos por amor** a Ele **e** ao **Evangelho** (29), esse homem receberá **cem vezes tanto** (30) *nessa vida presente...* **casas** e família,[56] e **campos, com perseguições,**[57] e na era futura, a **vida eterna**. Devemos fazer um contraste entre o termo *ou* do versículo 29 com o termo *e* do versículo 30. "O que se ganha será muito maior do que o que se perde."[58] Para que os discípulos não concluíssem que a posição deles lhes conferia um favor especial, Jesus lembrou que **muitos primeiros serão derradeiros** e vice-versa (31). Nesse ponto Mateus inclui a parábola dos trabalhadores na vinha, que receberam o mesmo salário independentemente das horas trabalhadas (20.1-16).

4. *A Terceira Predição da Paixão* (10.32-34)

A história de Marcos fica cada vez mais vigorosa quando acompanhada em sua seqüência. Agora, os acontecimentos e os ensinos da Galiléia e da Peréia já fazem parte do passado, e eles estão **subindo para Jerusalém**[59] (32). Estava se aproximando o clímax do ministério de Jesus.

Refletindo sobre o fato sombrio de ser entregue **aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas** (33) e condenado **à morte**, entre escárnios e açoites, **Jesus ia adiante deles**. Que cena podemos imaginar: "Jesus, uma grande figura solitária, caminhava à frente e os discípulos, cheios de admiração, acompanhavam à distância!".[60] Os discípulos **maravilhavam-se** com a coragem com que Jesus se dirigia ao encontro de Seus inimigos, e **seguiam-no atemorizados**.

Parece que havia dois grupos caminhando com Jesus; os Doze e outro grupo de peregrinos (que possivelmente também incluía as mulheres de 15.40). Essa conclusão encontra apoio na seguinte afirmação: **E, tornando a tomar consigo os doze,** isto é, levando-os à parte em relação aos demais, **começou a dizer-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir** (32; cf. 8.31; 9.31). Dessa vez a previsão estava repleta de detalhes:[61] **o Filho do homem** (33) **será entregue** aos membros do Sinédrio que o **condenarão à morte** e o entregarão aos romanos. E escarnecendo, açoitando e cuspindo nele, esses **gentios** o **matarão** (34). Entretanto, três dias depois Ele ressuscitará. É de admirar que os discípulos não tenham entendido nada dessas coisas (Lc 18.34), mas continuaram a discutir seus esquemas de vantagens, como os próximos versículos deixam bem claro (35-45).

Considerando "Cristo no Caminho da Cruz", Maclaren faz a seguinte descrição: 1) O Cristo heróico; 2) O Cristo que se auto-sacrifica; 3) O Cristo que se retrai; 4) O Cristo solitário.

5. *A Ambição de Tiago e João* (10.35-45)

Ao ler esses versículos ficamos chocados com a falta de espiritualidade dos discípulos – a memória curta (9.33-35) e o descarado egoísmo deles. Mas também ficamos impressionados com a incrível paciência e sabedoria do nosso Mestre. Jesus mal tinha acabado de lhes dar uma outra detalhada previsão de Sua paixão, que se aproximava, quando **Tiago e João** (35), evidentemente instigados pela mãe deles (Mt 20.20-21), aproximaram-se e fizeram uma pergunta digna de uma criança: **Queremos que nos faças o que pedirmos.** Era o mesmo que pedir para assinar um cheque com a quantia em branco! Pacientemente, Jesus perguntou: **Que quereis que vos faça?** (36).

Crendo que Jesus estava prestes a estabelecer o reino messiânico, os Filhos do Trovão pediram o máximo possível. **Concede-nos que, na tua glória, nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda** (37). "O grande vizir se colocava à mão direita de seu soberano, e o comandante-em-chefe à sua esquerda."[62] Eles estavam procurando ocupar as posições de maior autoridade. Que sofrimento isso deve ter causado ao Senhor!

> Enquanto Ele estava pensando em uma cruz, eles estavam pensando em coroas. O fardo do Senhor se confrontava com a cegueira deles, e o seu sacrifício com o egoísmo que demonstravam. Ele só queria dar, mas eles só queriam receber. A motivação dele era servir; a deles era a própria satisfação pessoal.[63]

Não sabeis o que pedis (38) foi a triste réplica de Jesus. Em seguida vieram perguntas para investigar a mente desses ambiciosos jovens e levá-los a um melhor entendimento do Reino. **Podeis vós beber o cálice** de um sofrimento interior e de uma agonia **que eu bebo** (cf. Sl 75.8; Is 51.22; Jo 18.11) e vos submeter ao **batismo** de uma esmagadora tristeza (cf. Is 43.2; Lc 12.50) – ou de uma visível perseguição e aflição – **com que eu sou batizado?** Em outras palavras: "Podeis suportar ser atirados às provações que estão prestes a me esmagar?" Como futuros mártires, desde os dias dos Macabeus, Tiago e João disseram: **Podemos** (39). A impetuosidade deles é admirável e até espantosa. No entanto, eles estavam falando uma parte da verdade. Em seu devido tempo eles iriam realmente **beber o cálice** da agonia de Jesus e experimentar um pouco do Seu **batismo** de morte, como está confirmado em Atos 12.2 e Apocalipse 1.9.[64]

Com respeito ao pedido de posições de autoridade, Jesus entendeu que "é o mérito, não o favor... nem a busca egoísta... que assegura a promoção no Reino de Deus".[65] **O assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence,** "mas isso é para aqueles a quem está reservado" (40). Lugares de honra – *e sua correspondente responsabilidade* – não são distribuídos a pedido. Eles ocorrem, na própria natureza do Reino, àqueles que estão preparados para eles por meio das qualidades de caráter e espírito (cf. Sl 75.6).

Se os dois filhos de Zebedeu aparecem sob um aspecto pouco favorável, os dez discípulos restantes não eram melhores que eles, pois quando ouviram isso **começaram a indignar-se contra Tiago e João** (41). A discussão anterior sobre "qual era o maior" (9.34) surgiu novamente. Com incansável persistência, **Jesus, chamando-os a si,** procurou mostrar-lhes a Sua "escala de valores".[66]

Sabeis que os que julgam ser príncipes das gentes (literalmente, "aqueles que parecem governar") **delas se assenhoreiam** (42). Os discípulos sentiram o aguilhão dessas palavras ao se lembrarem das táticas opressoras dos governadores das províncias. **Mas entre vós não será assim** (43). O **grande** entre os seguidores de Jesus será aquele que quiser ser um **serviçal** (ministro) e **servo** (escravo) **de todos** (44).

Os Reinos da terra passam
Em púrpura e ouro;
Eles nascem, florescem e morrem,
E é tudo que se sabe da sua história.

Só um Reino é Divino,
E só uma bandeira ainda triunfa,
Aquele cujo Rei é um servo,
E, seu emblema, um patíbulo na colina. [67]

Mas por que teria que ser assim? "Porque o próprio Filho do Homem não tinha vindo para ser servido, mas para servir" (45, Goodspeed). Nisto, Cristo nos deixou o exemplo que devemos imitar, seguindo as Suas pisadas (1 Pe 2.21).

A parte restante do versículo 45 é fundamental para a doutrina da expiação. **O Filho do Homem... veio... para servir e dar a sua vida em resgate** (*lutron*, "o dinheiro do resgate pago pela libertação de um escravo")[68] **de muitos.** A expressão *de muitos,* que literalmente significa "em lugar de" ou "em vez de" indica o elemento da substituição, essencial para o entendimento bíblico da expiação. Essa grande passagem "mostra claramente como Jesus sabia que havia sido chamado para fundir em Seu próprio destino os dois papéis de Filho do Homem (Dn 7) e de Servo do Senhor (Is 53)".[69]

Os versículos 32-45 podem ser assim esboçados: 1) Auto-sacrifício, 32-34; 2) Busca interesseira, 35-40; 3) Serviço abnegado, 41-45.

6. *Bartimeu, o Cego de Jericó* (10.46-52)

Como observamos anteriormente, Jesus deixou a Peréia, atravessou o rio Jordão a uma curta distância do Mar Morto, e começou a subir em direção a Jerusalém. Jericó

estava situada ao lado desse caminho. Quando Jesus, juntamente **com seus discípulos** (46), e uma **grande multidão** de pessoas, foi **para Jericó**,[70] Ele passou pelo cego **Bartimeu** (que significa **filho de Timeu**). A cegueira e os defeitos de visão eram comuns no Oriente.[71]

Ouvindo que **Jesus** (47) **de Nazaré** estava passando em meio a multidão, ele começou a **clamar** em uma linguagem que ninguém havia usado ainda. **Filho de Davi, tem misericórdia de mim!** "O segredo messiânico havia começado a se espalhar."[72] Os **muitos** (48) que **o repreendiam, para que se calasse** podem ter considerado seus gritos como uma amolação (cf. 10.13), ou podem ter ficado receosos de que o grupo de peregrinos pudesse ser caracterizado como revolucionário. Qualquer que tenha sido a razão, Bartimeu via um raio de esperança e **clamava cada vez mais** (48): **Filho de Davi, tem misericórdia de mim!** Nenhuma palavra de censura ou de advertência veio de Jesus.

O que vem a seguir é dramático, especialmente na vívida linguagem de Marcos. **E Jesus, parando...** (49). A multidão não o impediu. **Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama.** A encorajadora expressão: **Tem bom ânimo** ("Está tudo bem agora", Phillips), aparece sete vezes no Novo Testamento, todas nos lábios de Jesus, exceto aqui, onde está relacionada a Ele. Mais tarde, Paulo recebeu o mesmo encorajamento do Cristo glorificado (At 23.11).

Era tudo que o cego precisava. Jogando fora sua capa e levantando-se,[73] ele rapidamente **foi ter com Jesus** (50). **Que queres que te faça?** (51) pode parecer uma pergunta supérflua, mas sem dúvida serviu para fortalecer a fé deste homem, levando-o a expressar o seu desejo. Ao fazer perguntas, Jesus "encorajava as pessoas a expressar seus desejos, esperanças, aspirações e lhes dava a oportunidade de expressar a fé que possuíam, ocasião em que Ele podia então agir e abençoar".[74] Bartimeu respondeu: **Mestre,**[75] **que eu tenha vista!** (51). Sem fazer nenhum dos gestos habituais de cura, **Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou** (52; literalmente, "a tua fé te tem salvado").

E logo viu e, tanto literal como espiritualmente, **seguiu a Jesus pelo caminho,** em direção a Jerusalém e à Cruz. "Bartimeu, que estava pedindo... recebeu o melhor que alguém pode receber na vida."[76]

Seção VI

O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM

Marcos 11.1—13.37

A. Eventos que Precederam o Ministério, 11.1-26

1. *A Entrada em Jerusalém* (11.1-11)

Jesus e seus discípulos, junto com outros peregrinos, haviam agora chegado às proximidades de **Jerusalém** (1), um objetivo que seu ministério havia muito tempo indicava. **Betfagé** ("casa dos figos verdes") **e Betânia** ("casa das tâmaras") eram duas pequenas cidades nas encostas do **Monte das Oliveiras**, sendo que a primeira era provavelmente um subúrbio de Jerusalém, e a última estava situada a cerca de três quilômetros de distância da cidade (veja o mapa).

Parando em Betânia, onde Ele ia ficar em retiro durante a Semana da Paixão, Jesus enviou **dois dos seus discípulos** à vila que ficava defronte a eles, provavelmente Betfagé (cf. Mt 21.1). Pedro era um deles, porque se lembrava dos detalhes que foram registrados. Eles deveriam encontrar **preso um jumentinho, sobre o qual ainda não** havia montado **homem algum**; então iriam soltá-lo e levá-lo para (2) Jesus. O Mestre que havia nascido de uma virgem, e que no fim ascendeu à mão direita de Deus, iria cavalgar em um jumento nunca dantes cavalgado. "Na antiguidade, o animal escolhido para o uso sagrado deveria ter esta característica."[1]

Se o proprietário, que pode muito bem ter sido um seguidor de Jesus, questionasse o que estavam fazendo, eles deveriam responder: **o Senhor precisa dele** (3), e que iriam devolver o animal prontamente. Esse é o único exemplo em Marcos onde a expressão **o Senhor** foi usada para descrever Jesus. Essa seria uma identificação suficiente para o

proprietário do jumento e uma razão suficiente para dedicar sua propriedade ao serviço do Senhor. Quem estaria disposto a imitar o exemplo daquele discípulo anônimo? Os discípulos **encontraram o jumentinho preso fora da porta,** "no meio da rua" (4), e o soltaram.

Quando **alguns** (5) dos que ali estavam perguntaram o que os discípulos estavam fazendo, eles responderam **como Jesus lhes tinha mandado** e tiveram permissão de levar **o jumentinho a Jesus** (7). Alguns sugeriram que essas providências um pouco misteriosas poderiam ser o resultado de um planejamento anterior, talvez durante uma das viagens a Jerusalém, mencionadas em João, ou eram uma prova do conhecimento sobrenatural de Jesus. Qualquer dessas hipóteses certamente seria possível.

A questão mais importante é: Por que Jesus preferiu cavalgar para a Cidade Santa? Seu propósito era cumprir a profecia de Zacarias (9.9):

> Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta.

Esta era uma "clara e deliberada afirmação de seu messianato",[2] mas de um tipo que o judaísmo não esperava nem aceitava. "Seu propósito não era derrotar Roma, mas derrotar o poder do pecado."[3] Seu messianato ainda estava encoberto pela cegueira do povo, um fato que levou Jesus a chorar pela cidade (Lc 19.41-42).

Depois que **lançaram... suas vestes** sobre o jumento para servir como sela, Jesus **assentou-se sobre ele** e começaram a viagem para Jerusalém (que estava a cerca de três quilômetros de distância de Betânia) em meio à agitação e aclamação daqueles que "acarpetaram a estrada com seus mantos" (8, NEB) e com "ramos que tinham cortado nos campos" (RSV). **Aqueles que iam adiante** (9) da procissão, provavelmente alguns que tinham vindo da cidade, e **os que seguiam** atrás, talvez os peregrinos da Galiléia, clamavam**, dizendo: Hosana!** ("Deus salve!" ou "Salve agora!" cf. 2 Sm 14.4; Sl 20.9).

Os gritos de **Hosana!** e **Bendito o que vem em nome do Senhor!** repetiam um dos Salmos do Hallel (118.25-26), "os quais eram entoados como antífona pelos peregrinos ao se aproximarem de Jerusalém e pelos levitas que os vinham receber junto à porta santa".[4] Entretanto, não há dúvida de que na multidão havia muitos que esperavam que esse "Profeta de Nazaré" (Mt 21.11) iria de alguma forma apressar a vinda do reino do Messias. "Bendito o Reino do nosso pai Davi, que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!"[5] (10, NASB). Foram esses nacionalistas fanáticos que ficaram perturbados ao saber que Jesus havia vindo em paz, e pela justiça, e não como um guerreiro da revolução política. Entretanto, Jesus havia determinado se oferecer ao povo escolhido nas mesmas portas da Cidade Santa, qualquer que fosse sua reação. Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11).

Tendo chegado ao fim a sua Entrada Triunfal, **Jesus entrou** (11) na cidade e no **templo**, onde Ele **tendo visto tudo ao redor,** sentiu tristeza e ira pela evidente corrupção. Mas, como já era tarde, Ele **saiu para Betânia** novamente, **com os doze,** e aguardou até o dia seguinte.

Neste ponto, pode ser útil incluir um resumo da cronologia de Marcos para a Semana da Paixão:

Domingo ("de Ramos"): Entrada em Jerusalém e retorno a Betânia (11.1-11)
Segunda-feira: Maldição da figueira e purificação do Templo (11.12-19)
Terça-feira: Parábolas, discussão de histórias e outros ensinos (11.20—13.37)
Quarta-feira: Unção em Betânia e a traição de Judas (14.1-11)
Quinta-feira: Preparação para a Páscoa, Última Ceia, Getsêmani, prisão e julgamento perante o Sinédrio (14.12-72)
Sexta-feira: Julgamento perante Pilatos, condenação, crucificação, sepultamento (15.1-47)
Sábado: Jesus na sepultura.
Domingo (de Páscoa): A Ressurreição (16.1-20)[6]

2. *A Figueira Seca* (11.12-14)

No dia seguinte (12), isto é, na segunda-feira, depois da Entrada Triunfal, Jesus e seus discípulos retornaram a Jerusalém, vindos de uma cidade próxima, **Betânia**. Esse seria o padrão daquela semana: Jerusalém de dia e Betânia à noite.

Evidentemente, ainda era de manhã bem cedo porque Jesus estava com **fome.** A humanidade de Jesus sempre esteve em íntima justaposição com Sua natureza divina. **Vendo de longe uma figueira que tinha folhas**, Ele **foi ver se nela acharia alguma coisa** (13).

A presença de folhas na árvore era a indicação de que normalmente os frutos também estariam presentes, embora ainda fosse muito cedo para o **tempo de figos.**

> Embora a principal colheita de figos maduros só acontecesse em Jerusalém perto do mês de agosto, pequenos figos começavam a aparecer... assim que as folhas novas brotavam... Mesmo esses figos ainda verdes eram comidos pelos camponeses. A falta de qualquer fruto na árvore era prova de sua infertilidade.[7]

O que aconteceu depois foi uma espécie de "ação-parábola". Aquela semana iria trazer um contundente encontro com um infrutífero e estéril judaísmo. Quando **Jesus... disse à figueira** (14): **Nunca mais coma alguém fruto de ti,** Ele estava pronunciando, de forma simbólica, a certeza da condenação da Cidade Santa. **E os seus discípulos ouviram isso.**

3. *A Purificação do Templo* (11.15-19)

Em sua chegada a Jerusalém no dia anterior, Jesus havia entrado "no templo e... visto tudo ao redor" (11). O que Ele viu deve ter provocado Sua indignação moral, mas Ele esperou até o dia seguinte para tomar uma atitude.

O lugar onde os **cambistas** (15) e aqueles que **vendiam pombas** ofereciam sua mercadoria era chamado Montanha da Casa ou Pátio dos Gentios. Era um pátio espaçoso que circundava todo o Templo e estava aberto aos gentios bem como aos judeus.[8]

Todo judeu adulto do sexo masculino era obrigado a pagar um imposto anual de meio siclo para a manutenção do Templo. Havia cambistas especiais para trocar moedas estrangeiras "pelo padrão exigido, que era a antiga moeda hebraica ou a moeda de Tiro".[9] Esse câmbio de moedas custava cerca de quinze por cento da quantia envolvida. Entretanto, o principal abuso estava no fato de que a venda das pombas e de animais para o sacrifício

era controlada pelos ricos e odiados sacerdotes saduceus. Essas práticas eram censuradas pelos rabinos judeus e os mercados foram destruídos pelo público no ano 67 d.C.[10]

A ira de Jesus foi despertada principalmente porque os odores ofensivos, a balbúrdia e a confusão, impediam que os gentios prestassem o seu culto a Deus na única área do Templo que se encontrava acessível a eles. Isaías havia descrito o dia em que judeus e gentios iriam juntos adorar a Deus em uma "Casa de Oração para todos os povos" (veja Is 56.6-7). Aqueles que **vendiam e compravam no templo** haviam transformado a **casa de oração** (17) em uma "caverna de salteadores" (Jr 7.11). Aquele que "ama a justiça e aborrece a iniqüidade" (Hb 1.9) **derribou as mesas** e **as cadeiras** dos gananciosos mercadores e colocou um ponto final na prática daqueles que haviam feito do Templo um simples e conveniente caminho mais curto para os seus negócios (16).

Quando **os escribas e príncipes dos sacerdotes** (18; fariseus e saduceus) viram que a fonte de renda do Templo estava ameaçada, eles **buscavam ocasião para o matar,** mas **o temiam**, "porque o povo admirava os seus ensinos" (NEB). Conhecendo a malícia deles, Jesus novamente **saiu para fora da cidade** (19) e dirigiu-se a um retiro entre seus amigos em Betânia. No segundo ato messiânico da semana, o Senhor do templo havia repentinamente vindo à sua casa, "como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros" (veja Ml 3.1-3).

4. *A Figueira Seca* (11.20-26)

Marcos registra que na **manhã** (20) do dia seguinte à purificação do Templo (15-19), **passando** pelo caminho de volta a Jerusalém, os discípulos **viram que a figueira se tinha secado desde as raízes.** No dia anterior, Jesus havia amaldiçoado a árvore pela sua pretensão de ter folhas, mas não ter frutos (veja 12-14). **E Pedro, lembrando-se** desse acontecimento (21), provavelmente com alguma agitação, chamou a atenção de Jesus para a figueira que agora havia secado totalmente. A destruição da árvore era tão completa que chamava a atenção.[11]

Na ocasião em que Jesus amaldiçoou a árvore, Ele estava preocupado em mostrar o Seu descontentamento com a mentira e a hipocrisia. O resultado daquela maldição que provocou a morte da árvore ofereceu uma ocasião para outro assunto: o poder da fé, quando aliado a uma oração eficaz. **Tende fé em Deus** (22), Jesus disse, e mais do que isso será possível. Talvez apontando para o monte das Oliveiras, sobre o qual se encontravam, e olhando para o mar Morto à distância, Jesus ensinou que **qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito** (23).

Entre os judeus, as montanhas eram geralmente consideradas símbolos de grandes dificuldades e obstáculos. Na literatura rabínica, o mestre que conseguia explicar uma passagem obscura era chamado de "removedor-de-montanhas". Zacarias disse, a respeito de um respeitado líder judeu: "Quem és tu, ó monte grande? Diante de Zorobabel, serás uma campina" (Zc 4.7). Chegaria o dia em que os discípulos teriam que enfrentar problemas tão grandes quanto uma montanha. Jesus os desafiou a fazer a "oração da fé" (Tg 5.15). Essa oração leva as dificuldades a Deus para que Ele dê a solução, e se move em um espírito de expectativa e fé. "Acredite que você recebeu tudo aquilo pelo que orou e pediu, e isso lhe será feito" (24, Barclay).[12] Jesus não estabeleceu limites para as possibilidades da oração.

Aquele que ora com esperança e com **fé em Deus** também deve cumprir uma outra condição. **Quando estiverdes orando** (cf. 1 Rs 8.14, 22; Lc 18.11, 13) **perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém** (25, NEB) para que o Pai **perdoe as vossas ofensas.**[13] Aquele que nega o perdão não pode recebê-lo, pois um espírito rancoroso é contrário a uma súplica por perdão.[14]

B. Ensinos e Debates em Jerusalém, 11.27—12.44

1. *A Questão da Autoridade* (11.27-33)

Jesus e os discípulos **tornaram**[15] **a Jerusalém** (27). E **andando ele pelo templo** (27) dedicado a ensinar o povo e a anunciar o evangelho (Lc 20.1, RSV), chegou uma delegação oficial do Sinédrio[16] que desafiou a atitude de Jesus de livrar a área do templo dos cambistas e mercadores. A oposição deles foi imediata e rigorosa: **Com que autoridade fazes tu estas coisas?** (28). A pergunta deles era apenas retórica, pois eles não reconheciam qualquer autoridade no Templo, a não ser a deles.

Enquanto Jesus ensinava e curava na Galiléia, o judaísmo oficial estava apenas desconfiando da Sua Pessoa (cf. 7.1), mas naquela província do norte Ele estava sob o governo de Herodes Antipas e fora da jurisdição dos judeus. Agora que o Profeta de Nazaré estava à porta deles, eles estavam determinados a lhe armar uma cilada. Se, ao responder a pergunta deles, Jesus alegasse ter autoridade divina, Ele seria acusado de blasfemar. Se alegasse ter autoridade como Filho de Davi, seria acusado de traição contra Roma. E se alegasse não ter nenhuma autoridade, seria chamado de impostor.

Seguindo o estilo da discussão rabínica, Jesus respondeu fazendo uma outra pergunta. **O batismo de João era do céu ou dos homens?** (30). E, de modo imperativo, deixou bem claro quem estava sendo julgado: **Respondei-me**. Essa pergunta não tinha resposta, pois os ministérios de João e de Jesus estavam interligados (veja 1.2ss.; 6.14ss.). A autoridade de ambos era **do céu** e *não* **dos homens**. Os membros do Sinédrio ficaram presos nas garras de um dilema. Todos os homens **sustentavam que João** (32) era um verdadeiro **profeta.** Negar esse fato poderia colocar suas vidas em perigo: "o povo nos apedrejará" (Lc 20.6). Também não podiam admitir a divina inspiração de João, pois não acreditavam nele. Além disso, tal admissão seria uma confissão tácita de que a autoridade de Jesus também era **do céu.** A resposta deles, depois de confabularem entre si, foi alegar ignorância. **Não sabemos** (33). Com isso, "eles estavam virtualmente abdicando de sua função de mestres da nação e não tinham mais nenhum direito de questionar a autoridade de Jesus".[17] A resposta do Mestre encerrou o debate. **Também eu vos não direi.** Jesus não disse: "Eu não sei", somente que Ele não iria dizer. Um dos frutos trágicos da desobediência é ser afastado da Fonte da verdade e da luz.

Sob o tema "Jesus Afirma a Sua Autoridade", podemos observar: 1) A demonstração da Sua autoridade, 15-18; 2) A defesa da Sua autoridade, 27-33.

2. *Os Lavradores Malvados* (12.1-12)

Quando Jesus recomeçou seu ministério público, Ele **começou a falar-lhes por parábolas** ou "figuras" (1; ao povo da área do Templo, inclusive aos seus inimigos). Tinha sido o hábito de Jesus falar ao povo através de parábolas, a fim de prender sua

atenção e levá-los a raciocinar. "Sem parábolas nunca lhes falava" (veja 4.33-34). Quando estava a sós com os discípulos Ele se dirigia a eles de forma mais clara e direta.

A parábola que Ele usou agora tinha a forma de uma alegoria, e era uma óbvia adaptação de Isaías 5.1-7, uma história bastante conhecida dos seus ouvintes. Em uma terra onde os vinhedos cobriam as encostas das montanhas, os detalhes dessa parábola eram um lugar-comum: um **homem** que plantou **uma vinha;** uma cerca ou sebe **[cercou-a de um valado]**, provavelmente feita de pedras retiradas do solo, um poço cavado para o lagar;[18] **uma torre** (de cerca de 4,5 metros de altura por 1,8 de largura) que servia ao mesmo tempo como um posto para o vigia, e "abrigo para o cultivador da vinha";[19] e a prática de arrendar a vinha aos lavradores (literalmente, "aqueles que trabalhavam o solo"),[20] enquanto o proprietário **partiu para fora da terra.**

O objetivo da parábola deve ter ficado dolorosamente claro desde o início. O proprietário da vinha era Deus, e a vinha era Israel. Os malvados lavradores eram os líderes e os governantes de Israel, enquanto os servos que foram agredidos ("açoitados" ou "esfolados"), feridos na cabeça (4) e insultados, eram os profetas que Deus tinha enviado a eles (veja 2 Cr 36.15-16; Ne 9.26; Jr 25.3-7; Mt 23.29-30). Seu único filho (6), o **seu filho amado**, que foi morto e lançado **fora da vinha** (8), era o próprio Senhor Jesus. A destruição **dos lavradores** pelo **senhor** ("mestre", "proprietário") **da vinha** (9) apontava para o ano 70 d.C. e para a destruição de Jerusalém. Por mais severa que fosse essa condenação, mais esmagadora ainda era a previsão de que a vinha seria entregue **a outros.** Que a herança escolhida de Israel pudesse se tornar propriedade dos gentios era uma possibilidade impensável para o povo judeu (cf. At 22.21-22).

Essa parábola nos diz que Deus é generoso, confiável, paciente e justo. Ela nos conta que Jesus tinha consciência de que era o **filho** amado, e não um dos servos; que Ele previa claramente não só a certeza da Sua morte e que seria rejeitado e lançado para fora da **vinha**, como também a Sua vitória final.[21] Tão proféticos são os detalhes dessa parábola – a Cruz, a Ressurreição, a destruição de Jerusalém (70 d.C.), a missão dos gentios – que muitos podem rejeitá-la dizendo não ser autêntica. É muito triste saber que na mente de alguns críticos qualquer previsão do futuro encontrada nos Evangelhos, seja uma evidência *prima facie* feita sem qualquer exame pormenorizado e que foi inventada depois do acontecimento. Essa é apenas uma suposição *a priori* de que Jesus não podia conhecer o futuro. Através do conhecimento sobrenatural que o Senhor demonstrou aqui, Ele estava transmitindo aos líderes de Israel a mais clara advertência possível.

Essa parábola descreve um erro do administrador. Na história familiar do judaísmo (Is 5.1-7), o dono da vinha esbanjava cuidados com ela e "esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas" (Is 5.2). A vinha do Senhor era a "a casa de Israel, e os homens de Judá... a planta das suas delícias", mas quando Ele procurou juízo encontrou opressão e derramamento de sangue; e quando "esperou que exercessem... justiça... eis aqui clamor" (Is 5.7). Por causa dessa frustração, o Senhor prometeu uma incrível devastação na vinha: Eu "a tornarei em deserto".

Se Jerusalém, aquela encantadora "vinha em um outeiro fértil", foi finalmente transformada em deserto pela força esmagadora do exército romano, como nós poderíamos, de forma pessoal e coletiva, considerar a nossa administração do evangelho que o Senhor nos confiou? (cf. Rm 11.13-24).

Levando Seu propósito ainda mais longe, Jesus perguntou: **Ainda não lestes esta Escritura** (10; Sl 118.22-23), a saber, o texto bíblico a respeito da **pedra que os edificadores** do Templo **rejeitaram**, para mais tarde descobrir que ela havia sido **posta por cabeça da esquina** (aquela que une duas paredes como pedra angular ou como a crista da cumeeira). No original, o salmista acha que Israel é a **pedra** que foi colocada de lado e rejeitada pelos poderes do mundo "mas finalmente reconduzida ao seu lugar de honra, que lhe foi destinado por Deus entre as nações".[22] Esse ato **foi** realmente **feito pelo Senhor** e é **coisa maravilhosa** perante os olhos de Israel (11). Essa citação, que tinha um tom extremamente messiânico, Jesus obviamente aplicou a Si mesmo, da mesma forma que a igreja iria fazer mais tarde (At 4.11; Ef 2.20; 1 Pe 2.4-8).

Os membros do Sinédrio não podiam deixar de entender suas implicações, **porque entendiam que contra eles dizia esta parábola.** "Eles buscavam prendê-lo (12) mas, com medo do povo, o deixaram por um momento, e **foram-se**."

C. H. Spurgeon encontrou nestes versículos: 1) A extraordinária missão, 6; 2) O terrível crime, 8; 3) O castigo adequado, 9.

3. *A Questão do Tributo a César* (12.13-17)

Os principais dos sacerdotes, os escribas, e os anciãos (11.27), que tinham acabado de se retirar depois do primeiro conflito (12), em seguida mandaram representantes dos **fariseus** (13) e dos **herodianos para que... apanhassem**[23] Jesus em suas palavras (literalmente, "em alguma palavra", cf. 3.6).

Eles se aproximaram de Jesus cheios de elogio. **Sabemos que és homem de verdade... porque não olhas a aparência dos homens** (14). **É lícito pagar tributo a César ou não?** O **tributo** era um desagradável imposto pago anualmente ao imperador. Como líder popular, esperavam que Jesus tivesse uma sólida opinião sobre o assunto do imposto. Seus inimigos tentaram colocá-lo em um dilema. Se dissesse que não deveriam pagar o imposto, estaria sujeito a ser preso por Pilatos, o governador romano. Se dissesse que deveriam pagar o imposto, Jesus iria se indispor com o povo. "Ele seria desacreditado ou colocado em perigo."[24]

Conhecendo a sua hipocrisia, Jesus lhes disse: **Por que me tentais?** (15). **Trazei-me uma moeda.** Jesus pediu um *denário*, uma moeda de prata que trazia a imagem do imperador. Essa moeda era particularmente ofensiva. As outras moedas locais tinham inscrições menos provocativas, como "fermento das árvores nativas".[25] Quando trouxeram a moeda, Jesus perguntou: **De quem é esta imagem e inscrição?** (16). Eles devem ter se contorcido ao responderem: **de César**. Eles professavam ódio a César, mas levavam sua imagem em suas bolsas!

A resposta de Jesus deixou todos atônitos. Eles haviam perguntado: "Devemos *pagar* essa taxa injusta?" **Jesus, respondendo, disse-lhes: Dai** (17), como uma justa obrigação, **pois, a César o que é de César.** "O imposto não era muito e, de qualquer maneira, a moeda tinha a efígie de César – devolvam-na para ele!" Depois, para mostrar que não há necessidade de conflito entre os deveres civis e religiosos de uma pessoa, Jesus concluiu: **e a Deus, o que é de Deus** (talvez Jesus também estivesse sugerindo que, se a nação judaica tivesse obedecido à vontade de Deus, **César** não estaria na sua terra). "O dever a Deus e o dever ao Estado não são incompatíveis; temos deveres para com ambos, e é claramente possível ser um bom cristão e um cidadão leal"[26] (veja Rm 13.7; 1 Pe 2.13-14).

4. *Controvérsia Sobre a Ressurreição* (12.18-27)

O próximo grupo que desafiou Jesus nessa série de perguntas foi o dos **saduceus** (18), um grupo menor que o dos fariseus, mas poderoso por causa do seu controle sobre o Templo. Eles eram ricos, loquazes, severos e arrogantes. Eles se apegavam às tradições mais antigas do judaísmo e rejeitavam os novos desenvolvimentos dos fariseus, inclusive a doutrina da **ressurreição**. Os saduceus desapareceram com a queda de Jerusalém, enquanto os fariseus continuaram a existir.

Estes aristocratas bem educados se aproximaram do Profeta da Galiléia (do interior da Palestina) e fizeram uma pergunta típica de ceticismo e esnobismo intelectual. Ela estava relacionada com a lei do levirato de Israel (Dt 25.5-10), destinada a perpetuar a linhagem familiar de um homem que havia sofrido a grande calamidade de ter morrido sem deixar filhos... "para que o seu nome se não apague em Israel". **Na ressurreição** (23), eles perguntaram, **de qual destes será a mulher** que sucessivamente tinha se casado com **sete** irmãos, sendo que todos eles haviam morrido sem deixar semente? Este quebra-cabeças poderia ter representado o trunfo dos saduceus em seus debates com os fariseus. Era um problema que pretendia transformar em um absurdo a crença na ressurreição dos mortos. Podemos imaginar que os interlocutores mal conseguiam conter sua vontade de rir.

Jesus não discutiu essa questão com os seus oponentes em seu próprio campo, antes, foi direto ao cerne do problema: a ignorância deles das **Escrituras** e do **poder de Deus** (24), pois ambos deveriam ser do seu conhecimento como sacerdotes do Templo de Deus. Eles eram conservadores racionalistas (que aceitavam, como os samaritanos, apenas a Torá como Escritura). Dessa maneira, evitavam aceitar o desenvolvimento da revelação de Deus. "Não é aí que vocês cambaleiam *e* erram...?" (24, *NT Amplificado*). **As Escrituras** e **o poder de Deus** são correlatos. Fora do conhecimento do Evangelho, disponível apenas na Bíblia, a procura pelo Deus vivo será frustrante, se não inútil. Sem o poder do Espírito de Deus, as Escrituras são destituídas de vida espiritual, "porque a letra mata, e o Espírito vivifica" (2 Co 3.6). A Palavra escrita devidamente relacionada com a Palavra viva nos dá a única esperança para a preservação da pura religião.

Aqueles que conhecem o **poder de Deus** através das **Escrituras** não consideram a promessa da **ressurreição** como algo inacreditável. O Deus da Bíblia é um Deus de milagres e tem a capacidade de "criar novas ordens de existência"[27] muito diferentes daquelas que conhecemos hoje. Nas palavras de Lucas: "Os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dos mortos nem hão de casar, nem ser dados em casamento; porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos..." (20.35-36). Os saduceus estavam errados ao rejeitar a ressurreição, e os fariseus (como os muçulmanos) estavam errados ao supor que a ressurreição do corpo permitiria as funções do casamento. **Os anjos** (25; cuja existência os saduceus também negavam) foram criados diretamente por Deus, não pela procriação. "A semelhança dos crentes com os anjos consiste na sua libertação da mortalidade e suas conseqüências."[28]

E, **acerca dos mortos** (26), se eles irão ou não **ressuscitar**, Jesus "virou a mesa sobre os seus adversários" e citou diretamente as Escrituras: **Não tendes lido... como Deus lhe falou na sarça,**[29] **dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó?** (Êx 3.6). O **Deus** vivo é o **Deus de vivos**. "Deus chamou a estes homens de seus amigos (diz Jesus) e Ele não abandona os seus amigos no pó. Quando Deus ama uma vez, Ele ama para sempre."[30]

O argumento de Jesus em favor da vida após a morte não estava baseado em uma análise filosófica da natureza do homem, mas no caráter de Deus. Se Abraão, Isaque e Jacó estavam entre os vivos na época de Moisés, "podemos ter certeza de que Deus irá finalmente ressuscitar seus corpos para que eles possam participar da bem-aventurança final".[31] Aos céticos de qualquer época – saduceus e modernos – Jesus diz: "Vocês estão completamente errados!" (27).

5. *O Primeiro de Todos os Mandamentos* (12.28-34)

Enquanto Jesus estava **disputando** (28) ou discutindo com os seus adversários (13-27), **um dos escribas** de espírito mais nobre **aproximou-se** e percebeu que o Mestre **tinha respondido bem** a todas as perguntas. A atmosfera da discussão que se seguiu era agradável e amistosa, em nítido contraste com os debates anteriores. Aparentemente levado por sinceras razões, o escriba **perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?** Ele pode muito bem ter tido a intenção de perguntar: "Que *espécie* de mandamento tem o direito de estar em primeiro lugar?"[32] Foram feitas muitas tentativas de distinguir entre mandamentos "pesados" ou "grandes", e mandamentos "leves" ou "pequenos", e muitos procuraram algum princípio de classificação, ou alguma forma de analisar o complexo sistema de leis. Dizem que em certa ocasião um gentio se aproximou do grande rabino Hillel e concordou em se tornar um prosélito se todas as leis lhe pudessem ser ensinadas enquanto ele se equilibrava em um pé só.[33]

Jesus respondeu (29) ao escriba citando a primeira parte do *Shema* (Dt 6.4-5): **Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.**[34] Esta é uma vigorosa confissão de monoteísmo. "O Senhor teu Deus é o único Senhor" (NEB). O Deus que é único e indivisível clama por um indivisível amor e lealdade. **Amarás, pois, ao Senhor teu Deus...** (literalmente, em cada caso, "de todo") **o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças** (30). É impossível definir exatamente cada uma dessas faculdades, embora pareça claro que existe a intenção de se fazer alguma diferenciação entre elas. Esse mandamento exige uma reposta integral de todo ser humano. Esse é o perfeito amor da perfeição cristã.

Embora não fosse solicitado, Jesus continuou e acrescentou um **segundo** (31) mandamento, **semelhante** ao primeiro: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo.** Até onde se sabe, ninguém havia relacionado previamente essas duas afirmações (Dt 6.4-5; Lv 19.18) como sendo a essência de toda a Lei. Jesus não estava dizendo que estes eram o primeiro e o segundo mandamentos, respectivamente, em uma longa relação de requisitos, mas que eles haviam sido combinados para expressar a essência de toda obrigação moral do homem. "Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22.40).

Embora o segundo mandamento seja igualmente significativo, será importante observar a sua dependência do primeiro. "O amor de Deus é a única base segura e permanente para o amor do homem. O amor do homem, se não estiver baseado no amor de Deus, será sempre passível de sucumbir às tentações da auto-recompensa, do auto-interesse e do sentimentalismo."[35]

O escriba foi profundamente tocado pela resposta de Jesus. "Muito bem, Mestre" (32, *NT Amplificado*). Fazer isso é **mais do que todos os holocaustos e sacrifícios** (33). Jesus, por sua vez, foi tocado pela resposta do escriba. Vendo que ele **havia respondido sabiamente** (34; "inteligentemente"),[36] Jesus disse como incentivo: **Não estás**

longe do Reino de Deus. Será que esse escriba foi um daqueles que em Jerusalém se converteram depois do Pentecostes (cf. At 6.7)? É bem possível.

Naquele momento os inimigos de Jesus foram silenciados. **E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada** (34).

Os três parágrafos precedentes poderiam ser analisados em conjunto sob o tópico: "Cristo pode responder as suas perguntas". Aqui temos perguntas: 1) Em relação à vida atual – os impostos, 13-17; 2) Em relação à vida futura – a ressurreição, 18-27; 3) Em relação à essência da vida religiosa – o Grande Mandamento, 28-34.

6. *O Messias e Davi* (12.35-37)

Quando os inimigos de Jesus não ousavam mais lhe fazer perguntas, Ele novamente tomou a iniciativa (cf. 11.30) e deu uma resposta às implícitas negativas do Seu messianato com uma pergunta: **Como dizem os escribas,** os mestres da Lei, **que o Cristo é filho de Davi?** (35). Uma pergunta como esta chamaria a atenção de todos os ouvintes que se encontravam na área do **templo**, pois o povo judeu afirmava, e o Antigo Testamento ensinava, que o Messias seria um descendente da linhagem de Davi (Is 9.6ss.; 11.1 f.; Jr 23.5ss.).

Citando o Salmo 110.1, o principal Salmo Messiânico ao qual são feitas muitas alusões no Novo Testamento (por exemplo, At 2.34; Hb 1.13), Jesus observou que o próprio **Davi** (37), inspirado pelo Espírito Santo, havia chamado Cristo de seu **Senhor**. **...como é logo seu filho?** Em outras palavras, essa não é a linguagem que um pai usa para falar com seu filho, mas exatamente o oposto.

Jesus, que era realmente "da descendência de Davi segundo a carne" (Rm 1.3), estava tentando corrigir a idéia errada dos escribas a respeito do Messias. Para eles, o **Filho de Davi** significava algum outro líder político popular. Davi, por divina inspiração, viu claramente que o Messias era muito mais do que isso, como o próprio Senhor Jesus sabia que o era. O Pai havia dito: "Tu és o meu Filho amado" (1.11). O Messias era muito maior que qualquer simples descendente de Davi! "A grande multidão o ouvia com boa vontade" (37).

7. *Uma Advertência Contra os Escribas* (12.38-40)

Para a **grande multidão** (37) que o ouvia com prazer, Jesus disse durante seus ensinos: **Guardai-vos dos escribas** (38). O ofício de escriba tinha uma longa história em Israel (cf. Jr 8.8) e havia incluído o "escriba hábil" Esdras (Ed 7.6). Na época de Jesus, o número e a influência desse grupo havia se multiplicado tanto, que a sua responsabilidade como intérpretes e mestres da Lei, assim como juristas, os levou a conquistar uma influência dominante sobre o judaísmo. Jesus havia condenado seus ensinos por estarem errados, e agora atacava suas práticas religiosas por não serem sinceras.

Havia quatro coisas de que estes homens gostavam, e todas elas indicavam sua ânsia por reconhecimento e preferência (veja Jo 5.44; 12.43): caminhar pela cidade trajando **vestes compridas**, próprias dos estudiosos, para receber **saudações** nos lugares públicos (Mt 23.7-8); sentar-se nas **primeiras cadeiras** nas sinagogas (enquanto a congregação ficava de pé); e ocupar o lugar de honra **nas ceias,** ou festas. Suas **largas** [ou longas] **orações** (40) eram apenas o "disfarce dos gananciosos" ("uma capa para a cobiça") que devoram as casas das viúvas através de impostos exorbitantes ou através do abuso de sua generosidade e hospitalidade. Seu castigo seria em proporção direta ao seu **pretexto** de piedade

Essas críticas severas não eram injustas. Josefo fala sobre a "grande influência" que certos fariseus exerciam sobre as mulheres, e o Talmude se refere a alguns deles como uma "praga".[37] Não deixemos estas advertências ressoarem inutilmente em nossos ouvidos do século XXI.

8. *A Oferta da Viúva* (12.41-44)

Marcos termina seu relato sobre as controvertidas discussões entre Jesus e seus oponentes (11.27; 12.40), e passa agora a apresentar, como um alívio bem-vindo, a inspiradora história da **viúva** (42) e da sua oferta sacrificial.

A **arca do tesouro** (41) "era provavelmente uma seção ou sala em um dos pórticos do Pátio das Mulheres",[38] no próprio Templo. Na **arca do tesouro** havia treze receptáculos com a forma de boca de trombeta para receber os vários tipos de ofertas. Diz-se que os contribuintes deveriam declarar a quantia de sua oferta, e o seu propósito.[39] Portanto, Jesus assentou-se **defronte da arca do tesouro**. Ele provavelmente podia ver e ouvir o que **a multidão** estava dando.

Enquanto Ele **observava... como muitos ricos depositavam muito**, apareceu **uma pobre viúva** que **depositou** duas pequenas moedas que, juntas, **valiam cinco réis** (ou meio centavo). Elas eram as menores moedas de cobre em circulação, e representavam a menor contribuição legal que podia ser feita.

Aquele que observa cada vez que a salva da oferta se move pela congregação, **chamando os seus discípulos** (43), disse-lhes: **Esta pobre viúva depositou mais do que todos** com suas grandes ofertas. Aqueles que eram ricos contribuíam facilmente **do que lhes sobejava** (44); a viúva, por amor, deu **tudo o que tinha** (cf. Phillips, 4.11), **todo o seu sustento,** colocando-se em uma completa dependência de Deus. Será que essa **pobre viúva** teria sido uma daquelas cuja casa os escribas haviam devorado? (40). Será que a oferta dos ricos tinha vindo de recursos obtidos através de tal ganância?

A partir desta história, o pobre pode aprender o valor da sua oferta, por mais modesta que seja, e o rico pode descobrir a medida da sua dádiva, por mais generosa que seja.

Dê o que você daria se um anjo
Estivesse esperando a oferta à sua porta.
Dê como você daria se o amanhã
Lhe encontrasse onde não existem mais ofertas.

Dê como você daria ao Mestre
Se encontrasse Seu olhar amoroso.
Dê como daria do seu sustento
Se a própria mão dele viesse receber a sua oferta.[40]

C. O Discurso no Monte das Oliveiras, 13.1-37

Esse capítulo tem sido considerado por alguns como "um dos mais difíceis... do Novo Testamento para o entendimento do leitor moderno".[41] De certa forma isso é verdade, por algumas razões. Sua linguagem reflete idéias judaicas e também a história que o povo

daquela época entendia, mas que são muito estranhas para nós. Além disso, pelo menos dois temas encontram-se interligados: profecias relativas à destruição de Jerusalém e advertências sobre a segunda vinda de Cristo. Também existem previsões sobre a perseguição, e advertências sobre perigos que deverão surgir nos últimos dias. Como resultado, esse capítulo é muitas vezes apontado como sendo uma composição de expressões autênticas de Jesus mescladas com um apocalipse judaico-cristão (uma "revelação") escrito na véspera da destruição de Jerusalém. É emocionante ler os comentários de estudiosos como Barclay e Cranfield, que consideram todo o capítulo como sendo genuíno.[42]

1. *A Destruição Iminente* (13.1-2)

A ocasião para o discurso foi uma exclamação de admiração de **um dos seus discípulos** (1), quando o grupo estava deixando o recinto do Templo. **Mestre, olha que pedras e que edifícios!** O Templo de Herodes era reconhecido como uma das maravilhas do mundo. Diz-se que algumas de suas pedras tinham 12 metros de comprimento por 3,5 metros de altura e 5,5 metros de largura. Situados em uma elevação, de frente para o lado oeste e em direção ao monte das Oliveiras, os edifícios do complexo do Templo eram impressionantes.[43] No coração de cada judeu leal existia um profundo amor pela casa de Deus na colina de Sião:

> *Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos!*
> *A minha alma está anelante e desfalece pelos átrios do Senhor* (Sl 84.1-2)

No entanto, aquele sólido edifício representava uma implacável oposição ao Profeta de Nazaré. Aquele que "é maior do que o templo" (Mt 12.6) havia chegado, e não foi reconhecido, mas escarnecido. O judaísmo estava certamente se movendo em direção a uma revolta aberta contra Roma, e sua conseqüente aniquilação. Quando ocorreu a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., a previsão de Jesus se cumpriu com terrível precisão. **Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada** (2).

2. *Perguntas e Respostas a Respeito do Fim* (13.3-8)

No caminho habitual de Jerusalém para Betânia, Jesus e seus discípulos chegaram ao **monte das Oliveiras, defronte do templo** (3), isto é, do lado oposto ao templo, do outro lado do Vale de Cedrom, cerca de oitocentos metros do lado oriental. Este era um monte associado à expectativa Messiânica (cf. Zc 14.4). Elevando-se a uma altura aproximada de 30 metros em relação à cidade, do alto de seu cume a vista que se tinha era emocionante.

Assentando-se Jesus, o "círculo íntimo" (**Pedro, Tiago** e **João**) e também o fiel **André** (3) **perguntaram em particular** quando **essas coisas** (4) iriam acontecer e que **sinal** poderiam esperar para lhes assegurar do seu cumprimento. Era muito natural que os discípulos associassem a destruição do templo a uma série de acontecimentos do fim do mundo (Mt 24.3). Jesus respondeu de forma geral que muita coisa ainda iria acontecer antes do fim (5.23), que certos sinais seriam os arautos da Segunda Vinda (24-27) e que era imperativo vigiar (28-37).[44]

Os discípulos, assim como muitas outras pessoas desde essa época, queriam um sinal inquestionável de que seria necessário vigiar. Jesus lhes deu não um, mas muitos

sinais. "O propósito desta resposta não era transmitir qualquer informação esotérica, mas fortalecer e sustentar a fé."[45] Existe certa curiosidade a respeito de tais assuntos que é puramente intelectual, e também existe uma discrição divina na revelação de eventos futuros (cf. At 1.7). "A Bíblia apresenta não somente a verdade intelectual, mas também a moral."[46]

Jesus preveniu os seus discípulos contra "impostores, comoções, calamidades".[47] **Muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo** (6).[48] A fé cristã pode ser mais que uma sã doutrina, mas nunca será menos que isso. As heresias subvertem a fé.

Falsos Messias (por exemplo, Bar Cochba, em 132 d.C.), **guerras** (7), **terremotos** (8; Pompéia e Laodicéia nos anos 61-62 d.C.), **fomes** (At 11.28) – todos iriam aparecer literalmente em pouco tempo. Mas os discípulos não deveriam se preocupar, pois tudo isto seria apenas o início das tribulações. O termo traduzido como **príncipio** (de *odin*) significa "uma dor de parto, uma dor do trabalho de parto... e se refere metaforicamente a um extremo sofrimento".[49] "Eles serão meramente o início das dores de parto" (8, NASB). **Mas ainda não será o fim** (7). Esse também é "um quadro permanente da presente era de turbulência, no meio da qual a igreja cristã deve viver e testemunhar".[50]

3. *A Preparação Para a Perseguição* (13.9-13)

Jesus podia prever que seus seguidores iriam experimentar uma amarga oposição, muitas vezes de fontes dolorosas. Ele procurou prepará-los. Quatro vezes neste capítulo o Senhor disse **olhai** ou **vede** (5, 9, 23, 33): "Tome cuidado"... "Esteja preparado"... "Esteja alerta" (NEB). Essa advertência é relevante para todas as épocas. O perigo de uma derrota espiritual está sempre presente. Existe uma verdade que é freqüentemente esquecida, de que "o papel da igreja cristã durante esse século é inquestionavelmente o de sofrer. A conveniência e a prosperidade do mundo... sempre exerceram um efeito de pressão e enfraquecimento sobre ela".[51]

As primeiras gerações de cristãos enfrentaram uma intensa perseguição, primeiro por parte dos judeus e depois dos gentios, como está indicado aqui e em Atos. Os **concílios** (9) locais, ou sinédrios, tinham autoridade para julgar e punir as heresias através dos flagelos. À medida que o Evangelho se propagava, os discípulos eram levados **ante governadores e reis**, em Nome de Cristo, **para lhes servir de testemunho** (literalmente, "a eles").[52] Devemos notar que no Livro de Atos a maior parte das pregações não foi feita perante audiências receptivas, mas em tribunais e perante ouvintes pouco amigáveis. Paulo é o exemplo clássico desse fato, e considerava sua prisão uma abertura providencial para a pregação do Evangelho de Cristo (cf. At 26.2). Nesse episódio, e através de outras inumeráveis maneiras, **importa que o evangelho seja primeiramente pregado entre todas as nações** (10) e então virá o fim (Mt 24.14). A divina exigência (**importa**) promete a divulgação universal do evangelho como parte do propósito de Deus para o fim dos tempos.

A seguir ocorrem instruções especialmente direcionadas ao período apostólico, e advertências contra traições familiares. Quando forem entregues às autoridades, "os crentes não devem ser solícitos de antemão pelo que vão dizer".[53] Mais tarde, os mártires seriam cuidadosamente preparados para sua provação. Essa palavra não é um encorajamento para o descuido na preparação dos sermões!

Será que a nossa época já se esqueceu das palavras de Jesus: **E sereis aborrecidos por todos por amor do meu nome** (13)? Deixe um homem de Deus incomodar quaisquer sentimentos escondidos como ignorância, preconceito ou maldade – de âmbito pessoal ou social – e ele irá enfrentar a sinistra e impassível face do ódio. É nestas ocasiões que a perseverança se torna uma virtude e um dever. Aquele que perseverar **até o fim**, "até o último grau",[54] **será salvo.**

4. *A Abominação da Profanação* (13.14-23)

Já foi observado que os dois temas, a destruição de Jerusalém e a chegada do fim, estão interligados no capítulo 13. Os comentaristas geralmente concordam que a seção à nossa frente se refere especialmente à devastação de Jerusalém. Entretanto, parece prudente considerar a presença de uma dupla referência nessas palavras, quando Jesus viu no fim da Cidade Santa um retrato dos últimos julgamentos e, finalmente, o fim de todas as coisas. A profecia pode ser, ao mesmo tempo, uma exteriorização do pensamento de Deus, e um prognóstico do propósito de Deus. "Aqui o julgamento de Deus para com os judeus é quase insensivelmente encaixado no julgamento de Deus em relação a toda a humanidade no fim dos tempos."[55]

A **abominação do assolamento,** ou a "abominação da desolação" (14) é uma reminiscência de Daniel (9.27; 11.31; 12.11).[56] "A terrível profanação (Goodspeed) se refere a alguma abominável profanação do templo que iria afastar Deus de seu povo, deixando-o desolado." A **abominação do assolamento** foi adotada pelos judeus para se referir ao aviltamento do lugar sagrado por Antíoco Epifânio em 168 a.C. O detestado governador sírio havia introduzido um ídolo no templo e mandou que porcos fossem sacrificados no grande altar. No exemplo que estamos considerando, ela faz referência à ameaça de profanação por parte dos exércitos romanos (Lc 21.20). Essa profanação deveria ser um sinal para que os cristãos que estivessem na Judéia fugissem para os **montes** a oeste do Jordão, em busca de abrigo. *Quem lê, que entenda* é uma observação introduzida pelo evangelista, ao insistir que seus leitores prestem uma cuidadosa atenção ao que Jesus disse.

Tão urgente era o perigo, que era necessário se apressar. **E o que estiver sobre o telhado** (15) não deve descer pela escada e **tomar coisa alguma de sua casa.** Aqueles que estivessem trabalhando **no campo** (16) não deveriam **voltar atrás** para suas casas para pegar outra **veste**, por mais necessário que fosse para enfrentar o frio da noite. Essa fuga desesperada seria especialmente difícil para as grávidas. Por causa das pesadas chuvas que iriam alagar os uádis e o rio Jordão, eles deveriam **orar** (18) para que a sua **fuga** não ocorresse **no inverno.** Essa advertência de Jesus evidentemente salvou a comunidade cristã da Judéia. "Pouco antes do ano 70 d.C., os cristãos de Jerusalém tiveram realmente que escapar dessa maneira e Eusébio, o historiador da igreja primitiva, nos conta que eles fugiram para Pella, na Peréia, a oeste do Jordão."[57]

Registros contemporâneos confirmam a **aflição** ou "tribulação" (19, ASV)[58] **daqueles dias**. Josefo registra[59] os horrores do cerco de Jerusalém no ano 70 d.C. como um dos acontecimentos mais horríveis de toda a história. À medida que as multidões se comprimiam na cidade, os romanos literalmente os empurravam à morte pela fome. Aproximadamente 100.000 foram capturados e mais de um milhão de pessoas morreram em gran-

de agonia. Talvez em resposta às orações dos crentes (**por causa dos escolhidos,** 20) em Pella (veja acima), **o Senhor... abreviou aqueles dias**, como havia feito na época do Antigo Testamento (2 Sm 24.16; Is 65.8). Impelidos por assuntos de caráter pessoal, os generais romanos apressaram sua volta para a Itália.

Podemos nos lembrar da "referência dupla" mencionada no início dessa seção. A visão profética dos acontecimentos futuros e a conseqüente redução do tempo ficaram bem evidentes aqui. Os juízos dos últimos dias foram previstos na tribulação daqueles dias; e nas advertências contra os **falsos cristos** (22) está o conselho para termos cuidado com os **falsos profetas** no final dos tempos. "Dessa maneira, o aspecto escatológico foi previsto nas crises da história, onde os castigos divinos são, por assim dizer, ensaios do castigo final. O cumprimento desses versículos se encontra no passado, no presente e no futuro."[60]

Fomos prevenidos e devemos estar alertas. **...vede; eis que de antemão vos tenho dito tudo** (23).

5. *A Parousia* (13.24-27)

Esses versículos são geralmente considerados como uma descrição da Segunda Vinda de Cristo, a *parousia* ("presença" ou "vinda", o principal termo no Novo Testamento para a segunda vinda de Jesus). Sua linguagem contém imagens estranhas para nós, porém familiares aos discípulos. Jesus não criou esses símbolos, mas empregou uma terminologia profética e apocalíptica bastante conhecida (Is 13.10; 24.23; 34.4).[61]

Em que medida estas palavras devem ser entendidas literalmente é uma questão que está dividindo os mais destacados comentaristas.

No drama apocalíptico do nosso século atômico-espacial, essas imagens passaram a ser perfeitamente possíveis. A segunda vinda de nosso Senhor será certamente um acontecimento cataclísmico.

Em todo caso, **depois daquela aflição** (24; um resumo da totalidade dos sofrimentos pelos quais a igreja passou), o **Filho do Homem** (26; Dn 7.13-14) virá **com grande poder e glória** para concluir o doloroso período de andar por fé e não por vista. **...então,** [o] **verão vir** o Filho do Homem e ele **ajuntará os seus escolhidos** ("os eleitos") **desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu** (27). Mesmo em meio a quaisquer tormentos que a igreja venha a sofrer neste mundo instável, devemos manter a nossa confiança de que é o *Senhor* que "mandará os anjos aos quatro cantos da terra e reunirá os escolhidos" (27, Phillips).

6. *A Lição da Figueira* (13.28-31)

A **figueira** (28), uma visão bastante comum na Palestina, junto com "todas as árvores" (Lc 21.29), oferece uma lição para todos aqueles que estão dispostos a aprender. No período da primavera em que os impulsos da vida tornam o ramo **tenro** na preparação para o rebento das **folhas**, todos ficam sabendo que **já está próximo o verão.** Da mesma forma, **quando... sucederem essas coisas** (29), os discípulos saberão **que já está perto**[62]**... às portas.** Depois dessa solene afirmação, Jesus continuou dizendo: **Não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam** (30). Como garantia final de que essa previsão iria se cumprir, o Senhor Jesus acrescentou: **Minhas palavras não passarão** (31).

Ao que poderia estar se referindo a expressão **todas essas coisas**? Parece que, em primeiro lugar, a referência seria à queda de Jerusalém, um trágico evento que aconteceu antes da morte dos membros daquela **geração.** Entretanto, também está implícita a iminência do fim. A vinda de Cristo em carne e osso era um "dia D". Sua vinda em glória será o "dia V". "Desde a encarnação, os homens têm vivido nos últimos dias."[63] Para uma discussão mais profunda sobre esse assunto, veja as observações feitas em Mateus 24.32-35.

7. *A Virtude da Vigilância* (13.32-37)

A intenção desse último parágrafo do Discurso das Oliveiras, assim como de todo o capítulo, é de ordem prática e moral. O propósito do "Pequeno Apocalipse", como esse discurso foi muitas vezes chamado, "não é especulativo, mas prático, não tendo a finalidade de nos permitir prever o futuro, mas sim levar-nos a interpretar o presente, não para satisfazermos a curiosidade, mas para libertar-nos da perplexidade".[64]

Essas coisas podem ser destacadas: primeiro, o Senhor certamente voltará[65] (36); segundo, **ninguém** (32), nem os **anjos,** nem mesmo o **Filho,**[66] poderá saber quando; terceiro, portanto todos nós devemos vigiar, estar alertas, orar e estar preparados para o seu repentino retorno.

A enfática assertiva do versículo 32, de que absolutamente ninguém poderá saber **aquele dia e hora,** deve silenciar aqueles que procuram determinar essa data. No entanto, alguns entendem que existe algum jogo de palavras em relação ao *ano* da Parousia; na opinião destes, o ano pode ser conhecido, mesmo que o **dia** e a **hora** não possam! A condenação dos ímpios é absolutamente justa. Porém, **Não sabeis quando chegará o tempo** (33).

O exemplo do **porteiro** (34-45) transmite a mensagem de Jesus. Os porteiros do Templo ficavam de guarda a noite toda, e tinham a obrigação de estar vigilantes e alertas. "Qualquer guarda encontrado dormindo em serviço era açoitado ou tinha suas vestes incendiadas"[67] (cf. Ap 16.15). É emocionante observar que quando vier **o senhor da casa** (35), cedo ou tarde,[68] este evento poderá ocorrer durante a noite, quando a vigilância e a precaução são mais difíceis.

O que Jesus disse aos seus discípulos, Ele diz a todos: **Vigiai** (37).

O conteúdo desse capítulo pode ser resumido da seguinte forma: 1) A Previsão da Destruição do Templo, 1-8; 2) A Paciência na Perseguição, 9-23; 3) A Preparação Para a Volta de Cristo, 24-37.

SEÇÃO VII

A NARRATIVA DA PAIXÃO

Marcos 14.1—15.47

A. ACONTECIMENTOS QUE LEVARAM À PRISÃO, 14.1-52

1. *A Intriga Secreta* (14.1-2)

A ira dos **principais dos sacerdotes** e dos **escribas,** que era como fogo latente, por causa das palavras e das atitudes de Jesus, agora irrompeu em chamas, quando **buscavam como o prenderiam com dolo e o matariam** (1). Saber como fazer isso sem causar alvoroço (2), o que poderia provocar a fúria das legiões romanas sobre a cabeça deles, havia se tornado um problema. A cidade de Jerusalém e seus arredores estavam congestionados com possivelmente mais de um milhão de pessoas,[1] inclusive peregrinos da Galiléia que mostravam ser amigos de Jesus. Restando apenas **dois dias** até a **Páscoa** e a **Festa dos Pães Asmos,**[2] era imperativo que se apressassem e tivessem cuidado.

2. *O Vaso de Alabastro* (14.3-9)

Todas as noites, durante a Semana da Páscoa, Jesus se dirigia a **Betânia** (3) ou ao monte das Oliveiras para fazer um retiro junto com seus amigos. Nessa ocasião, Ele estava na **casa de Simão, o leproso**. Nada mais ficamos sabendo sobre esse homem, talvez ele tenha sido curado de sua doença por Jesus.[3]

Quando Jesus se reclinou **à mesa**, aproximou-se uma mulher com **um vaso de alabastro com ungüento** (perfume) "de nardo puro, de muito preço e precioso" (3, *NT Amplificado*). Quebrando o vaso, ela **derramou** amorosamente o líquido sobre a **cabeça**

dele. Nas casas das pessoas abastadas, os hóspedes eram muitas vezes ungidos com uma gota ou duas de ungüento de alto valor.

Tal mostra de cordial devoção pareceu uma extravagância para alguns (4), inclusive Judas (Jo 12.4-6), que resmungou indignado. Este era, sem dúvida, um dispendioso gesto de amor e fé. **Podia vender-se por mais de trezentos dinheiros** (5; *denarii*), isto é, aproximadamente aquilo que um homem poderia ganhar em um ano de trabalho.[4]

Como típicos queixosos de qualquer época, eles **bramavam contra ela.** Pode-se dizer que eles "resmungavam" ou "olhavam furiosos" quando "ralhavam" com ela. Sua preocupação com **os pobres** era uma ilusão. Existem valores do espírito que transcendem o humanitarismo. Além disso, o próprio Jesus era um homem pobre e, citando Deuteronômio 15.11, realçou o mandamento: "Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado e para o teu pobre na tua terra".

Jesus veio em defesa da mulher: **Deixai-a, para que a molestais? Ela fez-me boa obra** (6). Nesse caso, a palavra para **boa** se refere mais à forma do que à essência e implica alguma coisa amável ou formosa. A causa da *bondade* no mundo ficaria fortalecida se todos os seus defensores cultivassem o que é *belo* e *amável* (Fp 4.8), assim como o que é *correto.*

Conscientemente ou não, a mulher havia reconhecido Jesus como o Messias sofredor. Como aqueles que banhavam e perfumavam seus entes queridos antes de colocá-los na sepultura, a um custo inimaginável ela **antecipou-se a ungir** (8) o **corpo** de Jesus **para a sepultura.** "Para Cristo, seu ato falava mais claro que as palavras: 'Sei que tu és o Messias, e sei também que a cruz te aguarda' ."[5]

Confiante no que existia além da morte, inclusive a pregação do evangelho **em todas as partes do mundo** (9), Jesus prometeu que esta história de amorosa generosidade seria contada em toda parte **para sua memória** [da mulher]. "Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros, que retêm mais do que é justo, mas é para a sua perda" (Pv 11.24).

Essa boa obra para com Jesus foi algo belo por que: 1) Era uma glorificação dele; 2) Era um ato de puro amor; 3) Foi feita com considerável sacrifício; 4) Foi feita como preparação (C. H. Spurgeon).

3. *Judas e Seu Primeiro Passo* (14.10-11)

A estrutura da história de Marcos foi cuidadosamente elaborada. Os sacerdotes haviam decidido destruir Jesus (1-2). **Judas Iscariotes** (10)[6] havia testemunhado uma pródiga mostra de devoção que o deixou muito zangado (Jo 12.6). Os ímpios uniram as suas forças. O traidor **foi ter com os principais dos sacerdotes... e eles... alegraram-se...** (11).

Por que **um dos doze** (cf. Sl 41.9; Jo 13.18) fez esse tão grande mal? A explicação mais provável é que ele estava desiludido com Jesus e o seu papel de Messias sofredor. Em algum ponto desses acontecimentos ele cedeu aos sombrios pensamentos da sua alma e escancarou a porta para Satanás (Jo 13.2, 27). Com a avareza agindo como impulsionadora de sua vontade (Mt 26.15), Judas ("literalmente, Judá, que ironicamente significa "louvor") resolveu salvar o que podia. Ele buscou imediatamente uma oportunidade de entregar Jesus com dolo (1).

4. *A Preparação Para a Páscoa* (14.12-16)

Aproximava-se rapidamente o momento em que "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29) seria sacrificado e, dessa maneira, tornar-se a "nossa páscoa" (1 Co 5.7), "nosso Cordeiro pascal" (ARA). O **primeiro dia da Festa dos Pães Asmos** (12)[7] era celebrado no 14º dia do mês de nisã (março-abril) ou na terça-feira da Semana da Paixão. Os cordeiros da Páscoa eram sacrificados no Templo durante aquela tarde, e a refeição da Páscoa era comida entre o pôr-do-sol e a meia-noite do mesmo dia.[8]

Os **discípulos** estavam imaginando onde Jesus queria que fossem **fazer os preparativos para comer a Páscoa**. Com essa finalidade, os moradores de Jerusalém tinham a obrigação de abrir suas casas para os peregrinos da Páscoa. Jesus enviou **dois dos seus discípulos** (13; cf. 11.1) – João e Pedro, de acordo com Lucas 22.8 – até à cidade, com instruções destinadas a evitar que descobrissem onde a sua Páscoa seria celebrada. Eles deviam seguir **um homem que** levava **um cântaro de água.** Em uma terra onde "as mulheres carregam jarros de água e os homens carregam jarros de pele",[9] o sinal seria bastante claro.

Onde quer que esses homens entrassem, eles deveriam perguntar ao **senhor** ("dono") **da casa**[10] sobre um aposento onde o **Mestre** e seus discípulos poderiam **comer a Páscoa** (14). Eles estavam esperando encontrar **um grande cenáculo mobilado** (15) "com tapetes e almofadas preparados para a refeição, e mobilado com uma mesa e com sofás".[11]

Preparar **a Páscoa** não era uma tarefa fácil. "A Páscoa era uma refeição formal que exigia ervas amargas como a alface, a chicória, e a escarola, um molho (*charosheth*), água, vinho e pães asmos, além do cordeiro que deveria ser trazido do Templo e assado."[12] Era costume consumir o cordeiro com muita cerimônia e rituais.[13] Existe uma atraente hipótese de que essa casa pode ter sido de João Marcos, um lugar que mais tarde iria figurar nas atividades da igreja de Jerusalém (At 12.12; 1.13).

Quando os discípulos **foram à cidade** (16) eles **acharam** como Jesus **lhes tinha dito** e lá **prepararam a Páscoa**.

5. *A Predição da Traição* (14.17-21)

A refeição da Páscoa foi preparada à **tarde.**[14] Jesus **foi com os doze** (17) para comemorar o êxodo de Israel do Egito e o seu nascimento como nação. Era um momento sagrado destinado a fortalecer a fraternidade e unir o Povo Escolhido de Deus.

Acredita-se que os convidados da refeição da Páscoa se reclinavam sobre sofás, colocados à altura da mesa, cada pessoa sobre o seu braço esquerdo e com os pés estendidos para fora. E quando **estavam assentados** (18) a observar a festa pascal, Jesus disse uma palavra assustadora: **... um de vós, que comigo come, há de trair-me**. Os doze **começaram a entristecer-se** e, espantados, um após outro, perguntaram: **Porventura, sou eu, Senhor?**[15] (19, Taylor). Realçando o horror desse crime, Jesus respondeu: **É um dos doze, que mete comigo a mão no** "mesmo"[16] **prato** (20; Sl 41.9; Jo 13.18). Durante a refeição, um **prato** ou tigela comum contendo o molho era passado de mão em mão. Nessa tigela, ou prato, eles molhavam as ervas amargas ou os bolos de pão asmo. A traição, depois de uma amizade tão íntima, era impensável.

Nessa hora, o amor de Jesus – paciente, controlado e sofredor – era inefável. Ele se submeteu à divina necessidade do seu sacrifício: **O Filho do Homem vai, como dele**

está escrito (21; Is 53.12, *Septuaginta*). Ele não afastou Judas, nem o humilhou, mas demonstrou o seu amor redentor em uma última palavra de advertência e apelo: **Ai daquele homem** (sugerindo talvez que Judas estava ligado a algum esquema nefasto) **por quem o Filho do Homem é traído!** Judas ainda podia estar presente quando Jesus disse: **Bom seria para o tal homem não haver nascido**. Os homens levam sobre si mesmos a responsabilidade pelos seus crimes, embora Deus, com sua soberana vontade, possa usá-los para o avanço do Seu reino. "O fato de Deus transformar a ira do homem em seu louvor não é desculpa para a ira do homem."[17]

Mateus (26.25) e João (13.26) sugerem que Jesus indicou Judas como sendo o traidor. Hunter sugere que João e Judas podem ter-se colocado um de cada lado de Jesus: na posição reclinada, uma palavra podia ser dita sem ser ouvida pelos demais.[18] Durante algum momento da refeição, que não foi mencionado por Marcos, Judas abandonou a luz e o amor daquela comunhão, e se afastou para as trevas, para nunca mais voltar (Jo 13.27, 30).

6. *A Última Ceia* (14.22-25)

Enquanto comiam a refeição da Páscoa,[19] uma ocasião em que se realizava uma cerimônia simbolicamente sagrada, **tomou Jesus pão, e, abençoando-o** (22), agradecendo ao Pai que o dera, **o partiu** (cf. 6.41; 8.6) e **deu-lho** aos discípulos. Durante seu ministério, Jesus havia ensinado que ele era o Pão do Céu e que se os homens não comessem a sua carne e bebessem o seu sangue eles não teriam vida em si mesmos (Jo 6.51, 53). Talvez os discípulos tenham se lembrado disso e começado a entender o que Jesus queria dizer. Se assim for, a determinação: **Tomai, comei, isto é o meu corpo,** permaneceu em seus corações.

Tomando **o cálice** (23) que foi passado por todos durante a refeição pascal, e **dando graças** (*eucharistesas* = Eucaristia), **disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento**[20] (24; cf. Êx 24.8) **que por muitos é derramado** (Is 53.11-12). Como Paulo registrou (1 Co 11.23-26), mesmo antes dos escritos de Marcos, a ordenança da Ceia do Senhor já havia sido instituída.

Embora Jesus tenha afirmado solenemente que nunca mais beberia desse cálice com eles, Ele estava olhando, além da Cruz e do túmulo, para uma época de comunhão com eles quando Ele viesse para o **beber novo, no Reino de Deus.** Com Cristo, a última palavra é sempre uma palavra de esperança.

7. *A Dispersão das Ovelhas* (14.26-31)

A refeição da Páscoa terminou com todos cantando **o hino** (26), nesse caso provavelmente a segunda parte do Hallel (Salmos 115-118).[21] É possível que quando voltavam do **monte das Oliveiras**, cerca de 800 metros a oeste de Jerusalém, Jesus tenha feito essa assustadora advertência: **Todos vós... vos escandalizareis** (27), isto é, "tropeçareis" ou "caireis". Quando o **pastor** é ferido, as ovelhas se dispersam. *Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão* (Zc 13.7).

Tais palavras devem ter provocado uma grande perplexidade e perturbação na mente dos discípulos. Só lentamente é que eles começaram a perceber que o Filho do Homem também era o Servo Sofredor. No entanto, Ele ainda não havia terminado: **Depois que eu houver ressuscitado, irei adiante de vós para a Galiléia** (28), sua província

natal, situada ao norte e que neste momento estava bem distante. "Jesus raramente se referia à Sua morte sem olhar para aquilo que ocorreria depois dela."[22] Embora Sua morte fosse dispersar **as ovelhas**, a Sua ressurreição iria reuni-las novamente.[23]

Jesus nunca estava despreparado. O jumento estava pronto quando o Senhor precisou dele para a sua entrada triunfal em Jerusalém. O cenáculo estava disponível e mobilado quando Ele enviou os Seus discípulos para falar com o "senhor da casa". No entanto, por mais amargo que tenha sido o Seu desapontamento, Jesus não esperava o abandono dos discípulos e a negação de Pedro.

Magoado por estas palavras, Pedro afirmou com ênfase que ele nunca o abandonaria, a despeito do que os outros pudessem fazer. Da forma enfática já antes mencionada, Jesus respondeu: **...nesta noite, antes que o galo cante duas vezes**,[24] "você mesmo me negará três vezes" (30, Goodspeed). Com excessiva veemência e protestando – "creio que já é demais",[25] Pedro controlou seus temores e professou que estava pronto até para **morrer** com Jesus. Às vezes nos esquecemos de que Pedro não estava sozinho nesses protestos. **...da mesma maneira diziam todos também** (31).

Duas conclusões podem ser tiradas dessa experiência. Primeiro, a apostasia representa uma possibilidade real (cf. 1 Co 10.12). O exemplo de Pedro, todavia, é melhor que o de Judas: embora um homem possa pecar, ele pode se arrepender e se tornar para sempre um discípulo ainda mais forte. Em segundo lugar, a presciência divina é consistente com a liberdade e a responsabilidade humana. O conhecimento de Jesus a respeito dos acontecimentos futuros não foi a *causa* das atitudes deles.

8. *A Agonia do Getsêmani* (14.32-42)

Jesus e seus discípulos **foram** então a um **lugar** especial no monte das Oliveiras (32) chamado **Getsêmani** ("prensa de azeite"). João (18.1) descreve este lugar como um "jardim", provavelmente uma área murada particular no meio das oliveiras características daquele monte. Este era provavelmente um lugar que já haviam visitado antes (Lc 22.39), conhecido por Judas e também pelos demais.

A noite da Páscoa... "se guardará ao Senhor, porque nela os tirou da terra do Egito; esta é a noite do Senhor, que devem guardar todos os filhos de Israel nas suas gerações" (Êx 12.42). Conhecendo os eventos que o aguardavam durante aquela noite de trevas, Jesus sentia grande necessidade de oração e comunhão. Ele queria que os seus amigos estivessem por perto, mesmo quando orava sozinho.

Deixando oito dos discípulos na entrada do jardim, Jesus levou o privilegiado círculo mais íntimo de seguidores para dentro do Getsêmani. Dessa forma, Ele estava cercado por dois círculos de seguidores que deveriam servir como uma espécie de guardas. Aqueles que anteriormente haviam testemunhado a sua glória iriam agora testemunhar a sua agonia.

A completa importância da Cruz, e o que ela significava quanto a tirar os pecados do mundo, começou a ser um pensamento cada vez mais forte para Jesus. Marcos descreve esse momento com uma linguagem extremamente forte: "Começou a ter pavor e a angustiar-se" (33, NEB). É como se Ele estivesse doente e à beira da morte. "A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai" (34). A sombra da cruz que há muito havia se estendido em Seu caminho, começou agora a se levantar diante dele, para se erguer em poucas horas à Sua frente. O custo de rejeitar o caminho mais fácil tornou-se bastante claro. "Ali, naquele jardim, Satanás retornou com toda força e com toda a sua

arrogância como príncipe deste mundo para vingar a derrota anterior; e Jesus vê o custo de sua obediência inabalável de uma forma apavorante e imediata."[26]

Tendo ido um pouco mais adiante (35), como sempre fazia, Jesus **prostrou-se em terra; e orou.** Earle observa que aqui o uso do verbo no passado "parece sugerir um retrato de Jesus cambaleando e tropeçando até cair ao solo, chorando alto por causa da agonia da sua alma".[27] A vida de oração de Jesus é, simultaneamente, um exemplo e uma censura para os cristãos que não oram.

A súplica de Jesus nesta oração é uma prova de Sua humanidade e de Sua inalterável devoção à vontade do Pai. Como homem, Ele se afastava da Cruz e da conseqüente separação de Deus. Ao se identificar com os homens pecadores, Jesus havia se tornado o Objeto da ira de Deus contra o pecado (cf. 2 Co 5.21; Mc 15.34). Agora Ele estava implorando Àquele para quem **todas as coisas... são possíveis** (36): **Afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres.**

É bastante significativo que Jesus tenha visto o **cálice** do sofrimento como uma oferta que Ele fazia ao **Pai.** Um momento de angústia ou de uma assustadora responsabilidade torna-se mais suportável quando é o Deus da santidade e do amor que nos convida a suportá-lo. Ao final, ficaremos ainda mais fortes se aceitarmos este cálice do que se o tivéssemos recusado. A submissão à vontade de Deus representa a alma de uma vida cheia do Espírito.

Possa teu Espírito divino inundar o meu ser,
Não a minha vontade, mas a tua, Senhor, seja feita em mim.[28]

A solidão de quem havia "pisado sozinho no lagar" (Is 63.3) nunca foi tão aguda como no momento em que Jesus retornou a **Pedro** (37) e aos outros, e **achou-os dormindo** (37). Apenas poucas horas antes Ele havia insistido: "Vigiai, pois... para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo" (13.35-36). Sua censura estava dirigida a **Pedro,** a quem Ele agora chamava de **Simão** e não de Cefas ("rocha"). Nenhuma resposta foi registrada. Era *tarde* da noite e os discípulos *haviam* participado de uma farta refeição, portanto a fraca **carne** (38) iria levá-los a dormir, apesar de terem um espírito verdadeiramente **pronto.** Entretanto, eles foram advertidos a ser vigilantes e piedosos, uma combinação muito necessária e eficiente.

E Jesus **foi outra vez** (39) a uma distância de "um tiro de pedra" (Lc 22.41) **e orou** como antes. Ao retornar, confiando na esperada companhia dos discípulos, Ele os encontrou dormindo, como da primeira vez. Tristes e perturbados, eles **não sabiam o que responder-lhe** (40; cf. 9.6). Quando Jesus orou "pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras" (Mt 26.44), Ele voltou com sua alma tranqüilizada para anunciar que a sua **hora** era **chegada** (41). "Ainda dormindo? Ainda descansando? O Fim está longe? A hora já chegou."[29]

Sem jamais estar desprevenido, mas sempre preparado, Jesus mandou que os discípulos levantassem e se juntassem a Ele[30] no momento em que seria **entregue nas mãos dos pecadores** (41). Quanta tristeza nas palavras: **eis que está perto o que me trai** (42).

O incidente do jardim do Getsêmani sugere esse significativo contraste: 1) A tristeza do Mestre, 32-36; 2) O sono dos discípulos, 37-42.

9. *A Prisão* (14.43-50)

No exato momento em que Jesus estava acordando os sonolentos discípulos e insistindo para que eles enfrentassem o traidor ao seu lado, **Judas** (43) apareceu acompanhado por uma multidão heterogênea armada com espadas e porretes. O traidor, que **era um dos doze**,[31] sabia onde o Mestre estaria e deve ter suspeitado que os discípulos estariam dormindo. Havia uma **grande multidão** que, embora autorizada pelo Sinédrio,[32] foi rapidamente reunida e parecia ser mais um populacho ou uma gangue.

Um homem de sabedoria mundana não iria deixar nada por conta do acaso. Aqueles que o acompanhavam estavam armados para evitar qualquer resistência (cf. Lucas 22.38). Para que a escuridão não causasse qualquer confusão com respeito à pessoa de Jesus, o traidor já havia tomado providências para identificá-lo com a típica saudação de um dedicado seguidor. O "sinal" (44) seria um beijo de saudação. Indo direto a Jesus, ele o saudou como **Mestre** (45) e "beijou-o afetuosamente" (45, Goodspeed).[33] Essa artimanha não tinha só a intenção de identificar Jesus, mas também de detê-lo até que pudesse ser preso. Sem dúvida com alguma apreensão (**levai-o com segurança,** 44), Judas deve ter sentido certo alívio quando alguns dentre a multidão **lançaram-lhe as mãos e o prenderam** (46).

As razões de Judas permanecem incompreensíveis. O fato de alguém que tinha vivido tão próximo de Jesus durante o seu ministério ter isolado a sua alma do Filho do Homem é bastante desconcertante. É algo sério e perturbador considerar que alguém escolhido por Jesus, e que recebeu suficiente confiança para ser responsável pelas finanças do grupo (Jo 12.6), pudesse ser culpado de tamanha traição. "Se você tem a certeza de que está firme, cuidado! Você pode cair" (1 Co 10.12, NEB).

Em um gesto derradeiro e fútil de desapontamento, espanto e ira, "um dos que ali estavam"[34] (47), **puxando da espada,** feriu o servo **do sumo sacerdote** e **cortou-lhe a orelha.** Foi providencial para Pedro, sem mencionar a vítima, que o escravo (um certo "Malco", João 18.10) tenha evidentemente inclinado a cabeça deixando apenas uma orelha exposta.[35]

Em um protesto contra a ilegalidade da sua prisão, Jesus enfrentou a multidão com uma pergunta (cf. Jo 18.6): **Saístes com espadas e porretes a prender-me, como a um salteador?** (48). Ele lembrou que dia após dia[36] Ele os havia ensinado no **templo** (49). Por que não o prenderam lá, se a acusação deles era justa?

Por ser inútil argumentar com a cegueira moral, e por já ter levado o "cálice" do sofrimento (36) até os lábios, Jesus se submeteu às suas injúrias com as palavras: **...para que as Escrituras se cumpram!** (49). Essa era uma outra forma de dizer: "Não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres" (36).

Quando os discípulos viram que Jesus não tinha a intenção de resistir, e que o céu não havia interferido, **todos** (50), até o último homem, **deixando-o... fugiram.** Ele não era o Messias que haviam procurado na esperança de libertar Israel (Lc 24.21). O erro deles não foi tanto a falta de coragem, mas de fé. "A dúvida afasta a coragem; os discípulos fugiram porque vacilaram na fé."[37]

10. *A Jovem Testemunha Anônima* (14.51-52)

Por que Marcos incluiu esse episódio breve e aparentemente trivial? Mateus e Lucas, que incorporaram quase todo o Evangelho de Marcos, omitem esses versículos. A explicação mais razoável é que se trata de uma reminiscência pessoal.

Entretanto, eles foram espiritualizados por alguns nos termos de Amós 2.16 e Gênesis 39.12, ou foram relacionados com 16.5.

Quando nos lembramos de que o primeiro centro da igreja de Jerusalém foi a casa de Maria, a mãe de Marcos (At 12.12), é pelo menos provável que a Última Ceia tenha se realizado no cenáculo desta casa. Também é possível que o próprio João Marcos tenha de alguma forma sido acordado pelos dramáticos acontecimentos daquela noite, tenha seguido (51, literalmente, "acompanhado") Jesus e tenha testemunhado tudo o que aconteceu no jardim.[38] De qualquer modo, o jovem estava tão próximo que não conseguiu evitar ser pego. Os homens **lançaram-lhe as mãos, mas ele, largando o lençol** (52) que havia lançado sobre o corpo, **fugiu nu.**[39]

Esta pequena história certamente representa a "modesta maneira de Marcos dizer: 'Eu estava lá' ".[40]

B. OS JULGAMENTOS, A CRUCIFICAÇÃO E O SEPULTAMENTO, 14.53—15.47

1. *O Julgamento Eclesiástico* (14.53-65)

Os Evangelhos registram que Jesus foi examinado em quatro julgamentos antes de ser finalmente condenado à morte. O primeiro foi perante Anás (Jo 18.12-14, 19-24), um antigo sumo sacerdote, sucedido nessa função por vários de seus filhos e genros. O segundo é aquele que foi registrado aqui. Foi realizado pelo **sumo sacerdote** (54) Caifás (Mt 26.57; Jo 18.13). O terceiro foi na presença de Pilatos (registrado em todos os Evangelhos) e o quarto perante Herodes Antipas (Lc 23.6-12).[41]

Obviamente esperando a prisão e a detenção de Jesus, os vários membros do Sinédrio **ajuntaram-se** no palácio de Caifás, onde seu sogro Anás também pode ter estado presente. Era intenção de todo o **concílio** (55) assegurar a condenação de Jesus sob as leis judaicas antes de entregá-lo a Pilatos para ser executado conforme as leis romanas. Se as autoridades judaicas tinham ou não o poder de impor a pena capital, é uma questão discutível.

Nesse ínterim, Pedro, acompanhado de João,[42] havia seguido Jesus (embora de longe) **até dentro do pátio do sumo sacerdote** (54). A noite da primavera estava fria, então Pedro sentou-se **com os servidores aquentando-se ao lume.**[43] O amor e o medo se misturavam no coração de Pedro. É bem possível que ele tenha estado suficientemente perto para ser testemunha do julgamento, embora os detalhes possam ter sido acrescentados mais tarde por algum membro do concílio (cf. Jo 7.50; 19.39; At 6.7).

Atuando não como juízes imparciais, mas como acusadores vingativos, ...**os principais dos sacerdotes e todo o concílio buscavam** algumas (55) testemunhas cujas declarações pudessem condenar Jesus. Mas seus esforços foram em vão, pois aqueles que testemunharam fizeram um relato deturpado daquilo que Jesus havia ensinado e seus **testemunhos não eram coerentes**, isto é, "suas declarações não correspondiam" (56, NEB). A lei judaica (Dt 19.15) exigia que pelo menos duas testemunhas dessem uma declaração consistente antes da acusação ser aceita.

Alguns **testificavam falsamente** (57), mencionando que Jesus havia dito alguma coisa sobre destruir o templo **construído por mãos** (58) de homens e de edificar **outro, não feito por mãos de homem.** Esse relato era, evidentemente, uma mistura das duas declarações que Jesus havia feito, uma em relação à destruição do templo (13.2), e a

outra em relação à sua própria morte e ressurreição (Jo 2.19-22). Mais uma vez, **o testemunho deles** não **era coerente** (59), "não correspondia".

Não conseguindo atingir seu objetivo de encontrar um testemunho que pudesse causar algum dano, **o sumo sacerdote** levantou-se no meio do **Sinédrio,** (60) tentando "através de ameaças e falta de provas"[44] intimidar Jesus a falar e se incriminar. A declaração das testemunhas não exigia resposta; portanto, não receberam nenhuma. Jesus **calou-se** (61). Entretanto, quando Caifás tocou no ponto importante da questão – a alegação implícita de que Jesus era o Messias – foi diferente. Quando exigiram que, sob juramento (Mt 26.63), Ele respondesse à pergunta: **És tu o Cristo?** Jesus respondeu abertamente: **Eu o sou** (62). Ele era realmente o Messias, o **Filho do Deus Bendito.**[45]

Como já vimos, durante o seu ministério Jesus manteve oculta ao público a sua identidade de Messias para evitar que esta revelação frustrasse a sua missão. Mas tinha chegado a hora de fazer a sua afirmação com todos os termos possíveis perante a mais alta autoridade da nação. **...e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu** (cf. Sl 110.1; Dn 7.13).

Às vezes é errado falar, mas também existem momentos em que é um crime ficar calado. Jesus escolheu falar e, dessa maneira, deu aos seus inimigos todas as provas que procuravam. **Rasgando as suas vestes** (63), em um gesto de profundo sentimento,[46] **o sumo sacerdote** disse: **Para que necessitamos de mais testemunhas?** Fazendo uso de uma importante pergunta, imprópria por ser auto-incriminadora, Caifás conseguiu aquilo que todas as falsas testemunhas não tinham conseguido. **E todos o consideraram culpado de morte** (64), isto é, passível desta punição.

Já foi observado repetidamente que o Sinédrio violou a maioria de suas próprias leis e procedimentos nesse julgamento preliminar e na condenação. Foram verificadas até quatorze dessas violações à lei.[47] O concílio não tinha permissão de se reunir à noite,[48] nem em dia festivo. Se o acusado fosse condenado à morte, o castigo não podia ser infligido até que a noite tivesse terminado. Cada membro do tribunal deveria votar individualmente, mas parece que Jesus foi sentenciado através de um ato coletivo. Uma inexorável intenção de prejudicar e um ódio implacável subverteram os limites legais na intenção de destruir Jesus.

Evidentemente, foram os membros do Sinédrio que praticaram o imperdoável insulto e a cena ridícula que ocorreu a seguir. Eles, então, entregaram Jesus aos servidores, que o receberam com bofetadas (65). Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11).

2. *As Três Negações de Pedro* (14.66-72)

Certamente não há nada que seja demasiado ou insuficiente que se possa concluir sobre a queda de Pedro. Ele realmente demonstrou grande coragem ao acompanhar Jesus até o pátio do palácio onde o julgamento se realizava (54). Além disso, somente Pedro poderia ter contado esta história em primeiro lugar, fazendo que com ela perdurasse por todos os tempos. Sua gratidão pelo perdão de Deus deve ter sido ilimitada.

Entretanto, "leves pensamentos de pecado levam, ao final, a fugazes pensamentos de salvação e, por último, roubam da cruz a sua glória".[49] As lágrimas amarguradas de Pedro (72) nos dá alguma indicação de como ele considerava seriamente a gravidade de sua falta de coragem e de fé.

Do lado de fora do pátio, em volta do qual haviam sido construídas várias salas, Pedro estava se aquecendo junto a uma fogueira (54). O fato de isso não ter evitado algum contato visual com Jesus fica evidente em Lucas 22.61. **Uma das criadas do sumo sacerdote** (66), que talvez tivesse visto Pedro ao lado de Jesus na área do templo, percebeu sua presença à luz do fogo. "Olhando intensamente para ele" (67, *NT Amplificado*), ela talvez, com desprezo, identificou Pedro com as palavras: **Tu também estavas com Jesus, o Nazareno** (67). Ele negou ter qualquer conhecimento do que ela dizia e **saiu fora ao alpendre** (68), ou vestíbulo, onde ficaria menos evidente. **...e o galo cantou.**[50]

Quando a criada viu Pedro novamente, ela espalhou a notícia aos que ali estavam: **Este** homem **é um dos tais** (69).[51] Pela segunda vez Pedro negou qualquer associação com Jesus, temendo que a confissão da verdade pudesse levá-lo à prisão. Os que ali estavam aceitaram a acusação com muita naturalidade e insistiram que Pedro era um seguidor de Jesus. O sotaque rude e grosseiro da Galiléia era prova suficiente para os habitantes da Judéia.

Nesse momento, quase inteiramente tomado de pavor e vergonha, Pedro fez um juramento dizendo que não conhecia o **homem de quem** (71) estavam falando. Geralmente se supõe que Pedro cometeu uma irreverência muito característica dos pescadores da Galiléia. Obviamente, esta é uma possibilidade razoável, mas não corresponde ao significado das palavras usadas aqui. O verbo **imprecar** (*anathematizo*) significa estar ligado a um juramento e foi usado apenas em outras passagens do Novo Testamento em Atos 23.12,14,21. O verbo **jurar** (*omnyo*) significa jurar ou afirmar sob juramento e foi usado com referência a Deus em Atos 2.30. A obra *NT Amplificado* nos dá o sentido desse verbo: "Então ele começou invocando uma maldição sobre si mesmo [se não estivesse dizendo a verdade] e jurando: Eu não conheço esse Homem" (71).

Imediatamente **o galo cantou** pela **segunda vez** (72).[52] Pedro, agora totalmente consciente, **lembrou-se da palavra que Jesus lhe tinha dito** (cf. também Lucas 22.61): **Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás.** "E ele foi dominado pela tristeza[53] e chorou" (72, RSV). A covardia do coração de Pedro foi mais tarde retificada pelo batismo com o Espírito Santo e pela pureza de coração trazida por essa experiência (At 15.8-9).

3. *Jesus Diante de Pilatos* (15.1-5)

E logo ao amanhecer (1), isto é, o mais cedo possível, os **principais dos sacerdotes** saduceus, agora liderando a oposição, **tiveram conselho** com **todo o Sinédrio** para preparar uma ação contra Jesus no tribunal romano. O "julgamento" eclesiástico realizado durante a noite havia declarado que o crime de Jesus era uma blasfêmia, mas isso não teria qualquer valor para Pilatos. A acusação perante o procurador romano deveria ter uma natureza política e qualificar Jesus como uma ameaça a César. Com essa acusação em mente, e provavelmente por escrito, **amarrando Jesus** eles o levaram a **Pilatos.**

Pilatos, o governador da Judéia e de Samaria nos anos 26-36 d.C., não era uma figura benquista pelos judeus e foi finalmente chamado a Roma por causa do cruel controle que exercia sobre seus súditos. Ah, se Pilatos pudesse imaginar que era ele que

estava sendo julgado! Todas as vezes que o Credo dos Apóstolos é repetido somos lembrados do julgamento histórico que ele realizou. Nosso Senhor "padeceu sob Pôncio Pilatos".

Considerando a acusação contra Jesus, **Pilatos lhe perguntou: Tu és o Rei dos judeus?** (2) Como a Palestina havia se tornado um caldeirão fervente em termos de agitação política, os governadores romanos tomavam muito cuidado com os sinais de uma insurreição. A confissão de Messianismo feita durante a noite (14.62) havia sido distorcida como se fosse um crime político. A resposta de Jesus: **Tu o dizes,** provavelmente queria dizer: "Sim, sou, mas não da forma como tu o dizes".[54]

Enquanto "os principais dos sacerdotes continuavam a acumular acusações contra Jesus" (3, Goodspeed), e Ele nada respondia, Pilatos ficou confuso, e **o interrogou outra vez, dizendo: Nada respondes?** (4). "Mas Jesus não deu nenhuma outra resposta – para a admiração de Pilatos" (5, Phillips). Estava bastante claro que esse Prisioneiro incomum era inocente da acusação que lhe faziam.

Às vezes, o silêncio significa uma tragédia. Foi assim nos dias de Amós quando Israel se dedicou aos falsos deuses:

> *Enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor.*[55]

E foi assim que aconteceu com Pilatos.

4. *Jesus Bar-José e Jesus Barrabás* (15.6-15)

Era evidentemente um costume de Pilatos, um homem descrito pelos judeus como teimoso e impiedoso, suavizar um pouco suas sentenças na época da Páscoa libertando **um preso qualquer que eles pedissem** (6). Não temos qualquer conhecimento seguro sobre esta prática, além dos Evangelhos, mas "a prática de conceder anistia na época das festas é bastante conhecida".[56]

Havia se desenvolvido um considerável sentimento em Jerusalém pela libertação de um homem chamado **Barrabás** (7; "filho de um pai"), preso por causa de sua participação **num motim.**[57] Talvez ele fosse membro dos fanáticos *Sicarii* ("assassinos"), cuja marca registrada eram as adagas que carregavam. Barrabás havia derramado sangue. Uma multidão de adeptos desse grupo, seus correligionários, havia "comparecido"[58] ao palácio de Pilatos e começado a implorar para que ele fizesse o que habitualmente costumava fazer por eles (8). "Para os príncipes dos sacerdotes isso representava uma oportunidade 'caída do céu' ."[59] Com a presença de sua própria multidão, ficaria mais fácil inflamar o clamor pela libertação do revoltoso.

Porém, o pensamento de Pilatos era diferente. Estando certo de que Jesus era inocente, ele entendeu no pedido da **multidão** uma oportunidade para salvá-lo, **porque ele bem sabia** que **os principais dos sacerdotes** (10) estavam motivados pela inveja. Mas sua pergunta: **Quereis que vos solte o Rei dos judeus?** (9) foi recebida com gritos de oposição. Os **principais dos sacerdotes incitaram**[60] **a multidão** (11) para que escolhesse **Barrabás** em seu lugar.

Em certos manuscritos confiáveis de Mateus o nome do revoltoso era Jesus Barrabás (27.16ss.), e é muito provável que a mesma frase tenha ocorrido anteriormente em 15.7. A escolha original do povo pode ter sido entre "Jesus Bar-José" e "Jesus Barrabás".[61] O

prisioneiro que escolheram "era exatamente o que os judeus estavam acusando Jesus de ser, um homem que havia levantado uma revolta contra o poder romano".[62] Como o coração humano é *desobediente!* Mas quão *sublime* é a expiação divina! (cf. Hb 2.9).

A questão muitas vezes levantada é como a multidão de Jerusalém podia ser tão inconstante, a ponto de aclamar Jesus no domingo e depois exigir sua morte na sexta-feira. Tal inconstância não era algo novo (cf. At 14.11-19), mas uma outra explicação poderia ser mais eficiente aqui. A resposta é que simplesmente havia duas multidões. Os peregrinos que se alegraram quando Jesus entrou na Cidade Santa talvez não tivessem tido conhecimento dos eventos da quinta-feira à noite e do início da manhã da sexta-feira. Como mencionamos acima, a multidão reunida no palácio de Pilatos certamente era composta pelos próprios adeptos dos principais dos sacerdotes e muito provavelmente incluía também uma outra multidão já inclinada à libertação de Barrabás.

Dividido pelo conflito entre o senso de justiça romano e seu indigno desejo de agradar o povo,[63] **Pilatos... lhes disse outra vez: Que quereis, pois, que faça daquele a quem chamais Rei dos judeus?** (12). Essa pergunta era na realidade um escárnio, e estava cheia de sarcasmo. Mas, em essência, era uma questão que ainda atormenta os homens. O destino eterno de cada um depende da resposta que der a essa pergunta. A resposta da multidão foi imediata e vigorosa: **Crucifica-o** (13).

Movido, sem dúvida, pela própria consciência (cf. Mt 27.24), e também ansioso por testar a força da opinião pública, Pilatos respondeu: **Mas que mal fez?** (14). O ressoar do grito da multidão lhe forneceu a resposta que a sua habilidosa pergunta desejava. "Suas vozes se ergueram em um bramido: 'Crucifica-o' " (14, Phillips). Pilatos tomou essa decisão como o político oportunista, moralmente fraco e desprovido de integridade que era. "Desejando agradar à multidão" (15, RSV), ele libertou Barrabás e, depois de açoitar[64] Jesus, entregou-o para ser crucificado. Ele era apenas mais um galileu (cf. Lc 13.1)!

Uma curiosa informação da história cristã antiga diz que Pilatos foi canonizado pela Igreja da Abissínia por causa da sua crença na inocência de Jesus. A igreja grega concedeu o mesmo reconhecimento à sua esposa. Mas o julgamento da história é diferente. Pilatos poderia ter libertado Jesus, e os judeus deveriam ter recebido o Salvador. Ambos experimentaram o castigo do Deus Todo-poderoso.

5. *A Zombaria dos Soldados* (15.16-20)

Pilatos havia ordenado que Jesus fosse "crucificado" (15). Os soldados romanos eram responsáveis por executar esta ordem. Talvez enquanto a cruz era preparada, esses homens empedernidos, estranhos ao solo da Judéia, levaram Jesus **à sala da audiência** (16), isto é, ao pátio do Pretório, ou do **palácio** real de Herodes (no lado ocidental de Jerusalém) ou na Torre de Antônia (anexada à extremidade noroeste dos limites do templo).

O que aconteceu então é chocante, mas evidentemente era uma ocorrência muito comum.[65] Era uma espécie de jogo realizado entre os militares, cuja lealdade era dirigida a César, sem consideração pelos judeus, especialmente por um deles que parecia ser pretendente ao trono imperial. Embora o escárnio fosse demasiadamente cruel, ele pode ter provocado em Jesus um sofrimento menos pessoal do que outras indignidades dos julgamentos e da Crucificação.

Convocando **toda a coorte** ("batalhão", RSV),[66] os soldados vestiram Jesus com símbolos grotescos de realeza, fazendo dele o objeto de sua injúria e zombaria. Vestiram-no com um "manto militar escarlate... parte de seu próprio uniforme"[67] (cf. Mt 27.28) e colocando uma **coroa de espinhos** em sua **cabeça** (17),[68] eles o saudaram como Rei[69] **dos judeus** (18). Em uma série contínua de insultos (evidente por causa do tempo imperfeito do verbo), **feriram-no na cabeça com uma cana** (19; "cetro"; Cf. Mt 27.29; também 36), **cuspiram nele** e **postos de joelhos, o adoravam,** em uma homenagem cheia de zombaria (Is 50.6).

Tendo o esquadrão de estúpidos soldados terminado a zombaria, tornaram a vestir Jesus com suas próprias roupas e **o levaram para fora, a fim de o crucificarem** (20).

O ridículo e a zombaria sempre estiveram entre as armas mais eficientes de Satanás. Sejam eles grosseiros ou refinados, de incultos ou de homens cultos, é certo que virão. Jesus preveniu a igreja: "Não é o servo maior do que o seu senhor" (Jo 15.20).

6. *A Crucificação* (15.21-41)

a) *A Manhã da Ignomínia* (15.21-32). Enquanto o centurião e seus quatro soldados levavam Jesus pelas ruas de Jerusalém em direção ao local da execução, fora dos muros da cidade (Hb 13.12), a força física do Mestre evidentemente cedeu debaixo do pesado madeiro.[70] A tensão provocada por aqueles cruciantes eventos, desde o Getsêmani até o açoite e a zombaria dos soldados, era esmagadora.

Um certo Simão Cireneu (21; um norte-africano) que ali passava, foi "constrangido"[71] a prestar um serviço a Roma e carregou a **cruz** por Jesus. Tal obrigação civil geralmente agravava o relacionamento entre judeus e romanos. Nesse momento, alguma coisa memorável deve ter ocorrido. Por que Marcos iria registrar que **Simão** era **pai de Alexandre e de Rufo** se essa família não era conhecida pelos leitores? (Veja At 11.20; 13.1; Rm 16.3.) O que ele viu na Crucificação evidentemente o levou a se tornar um cristão convertido.

O lugar da execução era o **Gólgota** (22; em aramaico) ou Calvário (em latim), entendido como um outeiro com a forma de crânio, localizado fora dos muros de Jerusalém no primeiro século. Sua exata localização ainda não obteve o consenso dos estudiosos. Nesse local da crucificação, colocavam permanentemente vigas em pé para que os passantes pudessem ver e observar os acontecimentos. Como medida humanitária, era hábito que as mulheres da cidade preparassem drogas para os condenados, a fim de aliviar a dor causticante da crucificação. Nesse caso ofereceram a Jesus **vinho com mirra** (23), **mas ele não o tomou**. Ele preferiu manter a mente lúcida até o fim (cf. 14.25). Era a terceira hora – nove horas da manhã – quando **o crucificaram** (25).

A crucificação era uma forma cruel de pena de morte que os romanos haviam usado durante várias gerações. Era reservada àqueles que pertenciam às classes sociais mais baixas ou aos que tinham um nível político mais baixo. Os cidadãos romanos eram isentos. Em primeiro lugar, os soldados removiam todas as roupas do condenado e as repartiam entre si. Os braços da vítima eram fixados na viga. Seu corpo era levantado até o poste e apoiado por meio de uma cavilha. Os pés eram então pregados ou os calcanhares amarrados ao poste, alguns centímetros acima do chão. "A exposição, perda de sangue, maus tratos aplicados por espectadores sádicos, tortura por insetos e a

circulação prejudicada, causavam um sofrimento atroz."[72] A morte demorava a acontecer e era tão bem-vinda como se fosse uma amiga.

Para que os espectadores pudessem saber a natureza do crime, era preparada uma placa de madeira coberta com gesso exibindo a acusação escrita com letras pretas. Essa inscrição era pendurada no pescoço do criminoso ou carregada à sua frente pelos algozes. Depois, era amarrada na cruz, acima da sua cabeça.[73]

Na inscrição (26) que trazia a **acusação** contra Jesus estava escrito: **O REI DOS JUDEUS**. João (19.21ss.) deixa claro que Pilatos de certo modo se vingou através das palavras de acusação, porque os principais dos sacerdotes não gostaram dela.

Os prisioneiros eram executados em grupos e parece que uma execução havia sido planejada, possivelmente para Barrabás e dois de seus cúmplices. Os homens que foram crucificados com Jesus, **um à sua direita, e outro à esquerda** (27) eram **salteadores** (um termo mais forte que ladrões), e provavelmente rebeldes. Tiago e João haviam procurado estas posições à direita e à esquerda de nosso Senhor. Eles haviam declarado suas aptidões para ocupá-las (10.37), mas na verdade não sabiam o que estavam pedindo. Jesus, ao contrário, ...**com os malfeitores foi contado.**[74]

Mais uma vez Jesus foi submetido a insultos e zombarias.[75] Todas as zombarias e ofensas tinham um ponto em comum: se Jesus fosse o Messias, o Salvador do mundo, o **Rei de Israel** (32), Ele deveria provar a sua condição através de uma demonstração de poder sobrenatural. Rabinos do século XX têm feito a mesma acusação – "Jesus de Nazaré não era o Messias porque Ele foi um fracasso!" Aqueles que passavam blasfemavam dele, **meneando a cabeça** (29).[76] Os **principais dos sacerdotes** saduceus e os fariseus (**escribas**) também "se divertiram diante da situação dele" (31, Goodspeed), dizendo: **Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo.** Até os salteadores **crucificados** (32) **o injuriavam.**

...vede se há dor como a minha dor... [77]

Inconscientemente, e com uma incrível cegueira moral, aqueles que zombavam falavam uma amarga verdade. O próprio Senhor Jesus havia dito: "Qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á..." (8.35) e "se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só..." (Jo 12.24). Esta era a luta contra a Tentação e um contínuo teste durante o seu ministério público. Alguns pensam que, em certas ocasiões, Jesus ficava profundamente perturbado com o custo da salvação e imaginava se deveria pedir ao Pai para poupá-lo "daquela hora". Mas Ele nunca se entregou. "Mas para isso vim a esta hora" (Jo 12.27).

Os inimigos de Jesus haviam há muito tempo procurado uma confirmação miraculosa de suas afirmações (8.11; cf. 1 Co 1.22) **para que o vejamos e acreditemos.** Mas nenhum sinal sobrenatural iria "transformar um fariseu ou um legalista tacanho, formal e hipócrita em um homem espiritual em sintonia com os princípios e os propósitos de Cristo".[78] O único caminho para a salvação era o caminho da Cruz e do Sepulcro Vazio.

b) *Trevas ao Meio-Dia* (15.33-39). **E, chegada a hora sexta** (meio-dia; 33), Jesus tinha estado na Cruz durante três horas (25).[79] Desde esse momento até as três horas da tarde (a **hora nona**), **houve trevas sobre toda a terra.** Este era um dos pressá-

gios associados com a morte do Filho de Deus. Mesmo se fosse o resultado de causas naturais, como as nuvens negras do vento siroco, as **trevas** ainda assim seriam um símbolo profético do juízo.

E sucederá que, naquele dia, diz o Senhor,
farei que o sol se ponha ao meio-dia
E a terra se entenebreça em dia de luz.[80]

À hora nona (34), um grande grito veio da Cruz, **Deus Meu, Deus Meu, por que...?** "As palavras de Jesus nos dão uma versão aramaica tingida de hebraico do Salmo 22.1."[81] Este grito pode ter sido proferido originalmente em hebraico, pois as duas primeiras palavras (como em Mateus 27.46) poderiam ter sido facilmente confundidas com um chamado por Elias (35).

A verdadeira questão é o significado delas. Se forem entendidas no contexto do Novo Testamento como um todo, elas nos dão uma visão do custo da expiação. Segundo a vontade de Deus, Jesus estava sendo "em tudo... semelhante aos irmãos" (Hb 2.17), exceto no que dizia respeito à experiência do pecado (Hb 4.15). O angustiado grito de desamparo deve ser entendido à luz de 14.36; 2 Coríntios 5.21 e Gálatas 3.13. "O peso dos pecados do mundo e sua completa identificação com os pecadores envolviam não um sentimento, mas um verdadeiro abandono pelo seu Pai. É no grito do abandono que se revela todo o horror dos pecados da humanidade."[82]

Alguns dos que ali estavam supunham que Jesus estivesse pedindo ajuda do céu, como os insultos anteriores haviam sugerido que Ele iria fazer (30-32). "Eis que chama por Elias" (35). Alguém, provavelmente um soldado, embebeu uma esponja em vinagre (cf. Rt 2.14; Sl 69.21) e lhe deu em uma cana, **dizendo: Deixai, vejamos se virá Elias tirá-lo** (36).

A palavra **deixai** levanta a questão sobre quem estava falando. Mateus (27.48-49) diz que "os outros [plural] diziam: Deixa" (singular). No relato de Marcos o verbo *dizer* está no singular na língua grega, indicando que apenas uma pessoa estava falando. Uma explicação natural seria que Marcos escreve como se um único espectador falasse pelo grupo. Outra solução é entender que a última parte do versículo 36 foi falada, como as próprias palavras parecem indicar, pela pessoa que ofereceu o vinagre a Jesus. Gould oferece esta paráfrase como uma explicação: "Deixe-me dar-lhe isto e assim prolongar sua vida e então teremos oportunidade de ver se Elias virá ou não para ajudá-lo".

Naquele momento, depois de cerca de seis horas na cruz,[83] **Jesus, dando um grande brado, expirou** (37). Como outros Evangelistas indicam,[84] o momento da separação do Pai havia passado e Jesus morreu em paz e em triunfo. Seu último brado, talvez a palavra de João 19.30 (*tetelestai*, "Está consumado"), foi "o brado de um vencedor".[85] **O véu do templo** (38), que separava o lugar santíssimo do lugar santo, **se rasgou em dois,** dando-nos "ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus" (Hb 10.19), e talvez também indicando a iminente destruição do templo.[86]

O efeito cumulativo da conduta de Jesus desde a flagelação até à crucificação arrancou uma admirável confissão do obstinado **centurião** (39) que estava defronte dele. Ouvindo o brado de vitória vindo da cruz, o homem que estava acostumado a presenciar mortes cruéis, disse: **Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus.**[87]

Encontramos aqui: 1) A Crucificação, 24-28; 2) A cruel zombaria, 29-32; 3) Os brados de Cristo, 33-38; 4) A confissão do centurião, 39.

c) *As Mulheres da Galiléia* (15.40-41). O lado feminino da história da Crucificação foi contado em uma breve nota de rodapé. Ela faz um terno contraste com os versículos seguintes e é um comentário sobre a vida da igreja. Embora "olhando à distância" (40, *NT Amplificado*), as **mulheres** da Galiléia estavam presentes, mas os discípulos não. As mulheres participaram do sepultamento (47) e foram as primeiras a ver o túmulo vazio (16.1). (Sendo assim, elas podem ter estado entre os informantes de Marcos.) Também estavam entre aqueles que haviam ajudado Jesus com seus serviços e com alimentos enquanto Ele estava na Galiléia (cf. Lc 8.3), e haviam se juntado ao seu grupo de peregrinos na última viagem a Jerusalém.

Essas pessoas escolhidas, cujos nomes Marcos imortalizou, eram: **Maria Madalena,** de Magdala, que tinha uma dívida especial para com Jesus (veja Lc 8.2); **Maria**, mãe de **Tiago, o menor** ("filho de Alfeu", Mt 10.3) e de **José,** e **Salomé,** mãe de Tiago e João (Mt 27.56). Elas observavam tudo com muito sofrimento e desgosto, mas também com amor. "Somente o amor pode nos unir a Cristo de tal modo que nem mesmo as experiências mais assustadoras podem nos afastar dele."[88]

7. *O Sepultamento de Jesus* (15.42-47)

"Crucificado, morto e sepultado." Os cristãos têm confessado estes fatos dolorosos durante séculos. A morte de Jesus não foi uma ilusão, pois Ele era verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, o Deus-homem.

Jesus morreu na sexta-feira, aproximadamente às três horas da tarde, algumas horas antes do sábado, que começava ao pôr-do-sol. Sexta-feira era o dia da preparação. Nenhum sepultamento era permitido no sábado, e a Lei exigia que o corpo de Jesus fosse retirado da Cruz e sepultado antes do anoitecer (Dt 21.23).

Preocupado com essa urgência, **José de Arimatéia,**[89] "um respeitado membro do Concílio" (43, NEB), isto é, do Sinédrio, reuniu coragem e pediu a **Pilatos** o **corpo de Jesus.**[90] **José** era um homem rico (Mt 27.57), de caráter nobre (Lc 23.50) e um discípulo secreto de Jesus (Jo 19.38). Ele e Nicodemos estavam evidentemente entre aqueles "principais" que acreditavam em Jesus, mas que não o reconheciam publicamente (Jo 12.42). Foi preciso que acontecesse a tragédia da cruz para levá-los a confessar (cf. Jo 12.32). Entretanto, **José** estava à espera do **Reino de Deus** e era um homem de fé. "Sua vida era vivida na expectativa da ação de Deus no mundo."[91]

Não podemos deixar de imaginar os pensamentos que devem ter ocupado a mente de Pilatos quando José apresentou o seu corajoso pedido. Assustado com a notícia da morte relativamente rápida de Jesus, Pilatos chamou o **centurião** (44), que estava bem qualificado para confirmar se Jesus estava realmente morto (39). Pilatos, então, **deu o corpo a José** (45).

De forma sucinta e emocionante, Marcos observa cinco aspectos no modo como José serviu a Jesus: Ele comprou um **lençol fino** (46), retirou o corpo da Cruz e o enrolou na mortalha de linho (veja Jo 19.40), **e o depositou** em um **sepulcro** lavrado em uma rocha (que ficava no jardim de uma colina próxima) e **revolveu** uma pesada **pedra** contra a **porta** do sepulcro (para protegê-lo dos saqueadores).

Finis (fim)? Não, *telos* (destino, objetivo)! "... A história mostra que Deus nunca nota as pedras. Os objetivos da terra nunca são os dele."[92]

As piedosas mulheres da Galiléia (40-41) **observavam onde o punham** (47) e fizeram seus planos para ajudar a embalsamá-lo depois do sábado (16.1; Lc 23.56). A maioria dos detalhes que Marcos nos relatou deve ter vindo delas.

SEÇÃO VIII

A RESSURREIÇÃO

Marcos 16.1-20

A. O SEPULCRO VAZIO, 16.1-8

Em poucas pinceladas Marcos constrói o quadro da suprema prova de que o evangelho é de Deus: **Jesus, o Nazareno... já ressuscitou** (6) dos mortos e foi "declarado Filho de Deus em poder" (Rm 1.4). São cansativos aqueles que exageram as diferenças entre os vários relatos, e aqueles que se esforçam demasiadamente para conciliá-los. A. M. Hunter tem uma sarcástica citação de Lessing sobre este ponto: "Será que os indiferentes caçadores de discrepâncias não vêem que os evangelistas não contam os anjos? Não havia apenas dois anjos; havia milhões deles".[1]

De manhã cedo, ao nascer do sol (2), no **primeiro dia da semana,**[2] as fiéis mulheres da Galiléia (14.40-41, 47) **foram ao sepulcro.** Na noite anterior, quando o **sábado** havia **passado,** elas compraram **aromas** (cf. Lc 23.56) para ungir o seu corpo. Ao se aproximarem do sepulcro expressaram preocupação a respeito de quem revolveria **a pedra da porta do sepulcro** (3). Olhando para cima (como indica a linguagem original),[3] ficaram confusas ao ver que **a pedra estava revolvida; e era ela muito grande** (4).

Abaixando-se, elas entraram **no sepulcro** (5), uma câmara de talvez dois ou três metros quadrados, provavelmente também de dois metros de altura, e ficaram espantadas ao ver um anjo assentado **à direita.** Ele sabia de antemão por que elas tinham vindo: para procurar **Jesus** (6) que foi **crucificado.**[4] Ele **já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram.** "As três afirmações... são cumulativas: a) o fato central; b) a razão pela qual Ele não foi encontrado; c) a prova de que Ele havia estado ali."[5] **Não vos assusteis.**[6]

Nenhum olho humano havia testemunhado a Ressurreição, somente os anjos. "Então as palavras do anjo para as mulheres seriam o espelho no qual os homens teriam permissão de ver o reflexo desse acontecimento escatológico."[7]

O **jovem... vestido de uma roupa... branca** então lhes disse para ir e contar aos **discípulos** (7), especialmente a **Pedro** (para que ele não se excluísse, tomado pela vergonha), que eles deveriam comparecer ao encontro com Ele na **Galiléia** (14.28). Muito assustadas, as mulheres **fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e assombro** (8). Naquele momento, tão grande era seu medo "que nada disseram a ninguém" (8, *NT Amplificado*). Mais tarde, tudo ficou diferente quando o entendimento lhes trouxe uma onda de alegria (Mt 28.8; Lc 24.9).

O sepulcro vazio nunca foi satisfatoriamente explicado. Se os inimigos de Jesus tivessem apresentado o corpo, eles teriam destruído a fé que estava se iniciando. Mas não fizeram isso porque não podiam. Acreditar que os discípulos roubaram e esconderam o corpo a fim de pregar uma mentira seria inacreditável.[8] Por outro lado, muitos discípulos (cf. 1 Co 15.3-9) não tinham dúvida alguma de que haviam visto o Senhor. Existem pelo menos três testemunhas da realidade da Ressurreição: a Igreja, o Novo Testamento e o Dia do Senhor. Nenhuma delas poderia ter existido se Jesus não tivesse ressuscitado. "Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20).

Esse parágrafo sugere: 1) A aflição das mulheres, 1-3; 2) A admiração das mulheres, 4-6; 3) A incumbência das mulheres, 7-8.

B. O EPÍLOGO, 16.9-20

Esses últimos versículos apresentam o que se chama de "um dos maiores problemas textuais do Novo Testamento".[9] Os fatos são os seguintes: Os dois manuscritos mais antigos e mais confiáveis (Vaticano e Sinaítico) omitem totalmente estes versículos, e encerram o Evangelho de Marcos em 16.8. Estes versículos também não aparecem em vários outros antigos manuscritos e também em algumas versões.

Vários patriarcas da Igreja Primitiva confirmam essa omissão, inclusive o grande historiador da igreja, Eusébio, e Jerônimo, o tradutor da Vulgata. Além disso, o comentário mais antigo que existe sobre Marcos termina em 16.8. Ainda outras evidências poderiam ser apresentadas, inclusive o fato de Mateus e Lucas, que também incluem quase todo o Evangelho de Marcos, não usarem esses versículos da maneira como foram registrados aqui.

Outro fato, não evidente na versão King James em inglês, também deveria ser observado. Um manuscrito latino e vários manuscritos gregos incluem um "final abreviado" (além dos versículos 9-20, o chamado "final alongado") entre os versículos 8 e 9. Acredita-se que estes "finais" tenham sido tentativas primitivas – não da autoria de Marcos – de completar o Evangelho. Seria um erro muito grave acrescentar alguma coisa à Bíblia, da mesma forma que o seria retirar alguma coisa dela (Ap 22.18-19).[10]

Alguns estudiosos acreditam que Marcos pretendia encerrar sua mensagem com o versículo 8, não com uma observação de temor, mas com uma de admiração.

Mas a maioria deles, entretanto, acredita que esse final abrupto no versículo 16.8 significa que o verdadeiro final do antigo manuscrito estava danificado, e, portanto, per-

dido, ou que Marcos foi impedido de completar seu Evangelho talvez por causa do martírio. A implicação de 14.28 é que originalmente Marcos fez o registro de pelo menos uma aparição de Jesus na Galiléia. A atenciosa referência a Pedro no versículo 7 (cf. 1 Co 15.5) pode sugerir que houve uma reconciliação com Jesus que não foi registrada.

As frases abaixo oferecem um conveniente resumo dos versículos 9-20.[11]

9-11	são uma versão condensada de João 20.11-18 (a história de *Raboni*).
12-13	fazem um resumo de Lucas 24.13-35 (a caminhada para Emaús).
14-15	lembram Lucas 24.36-49 e Mateus 28.16-20.
17-18	a maioria dos sinais aqui descritos encontra paralelos em Atos.
19-20	Cf. Atos 1.9-11.

Uma exposição do conteúdo dessas passagens pode ser encontrada nas seções apropriadas de Mateus, Lucas, João e Atos.

A mensagem existente nos versículos 15 a 20 é que a tarefa da igreja é pregar e curar, e deve ser desempenhada no poder do Cristo que está e estará sempre presente.

Notas

INTRODUÇÃO

[1] *The Gospel According to St. Mark* (Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1959), p. 26.

[2] At 12.12, 25; 13.13; 15.37-39; Cl 4.10; 2 Tm 4.11; Fm 24; 1 Pe 5.13. *João* era o seu nome judeu, *Marcos* era o seu nome grego.

[3] C. E. B. Cranfield, "Mark, Gospel of", *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1962), III, 268.

[4] Papias, cuja afirmação foi preservada por Eusébio em sua obra *Ecclesiastical History* (III. 39), na verdade estava fazendo uma citação de alguém que ele chama de "o Ancião", provavelmente o ancião João, de Éfeso. *Ibid.*, p. 267.

[5] C. L. Mitton, *The Good News: Bible Guides N° 13*, editores William Barclay e F. F. Bruce (Londres: Lutterworth Press, 1961), p. 24.

[6] Numerosos esforços também foram feitos para estabelecer a existência de fontes escritas da época de Marcos, mas houve pouco sucesso, embora normalmente se admita que tais documentos provavelmente existiram.

[7] Samuel A. Cartledge, "The Gospel of Mark", *Interpretation,* IX, N° 2 (abril de 1955), 189.

[8] Taylor, *op. cit.*, pp. 103-4.

[9] Cartledge, *op. cit.*, p. 191.

[10] *Ibid.*, p. 192.

[11] Kathryn Blackburn Peck, da obra "No Other Name".

SEÇÃO I

[1] C. E. B. Cranfield, *The Gospel According to Saint Mark* ("The Cambridge Greek Testament Commentary"; Nova Iorque e Londres: Cambridge University Press, 1959), pp. 34-35, cita dez possíveis pontos de vista sobre a relação de 1.1 com o livro como um todo.

[2] *A Commentary on the Gospel According to St. Mark* ("Harper's New Testament Commentaries"; Nova Iorque: Harper and Brothers Publishers, 1960), p. 31.

[3] Embora seja verdade que esta frase não aparece em alguns dos melhores manuscritos, ela é geralmente aceita como autêntica por ser característica da teologia de Marcos, e porque a sua omissão parece um erro maior do que a sua inclusão. Seis genitivos no singular, vários dos quais foram possivelmente abreviados, se seguem em uma sucessão.

[4] Para uma tradução mais exata, veja qualquer edição recente.

[5] *Ant.* XVIII, 5.2.

[6] F. C. Grant, "The Gospel According to St. Mark" (Exegese), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, VII (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), 650.

[7] Cranfield, (*op. cit.*, p. 50) diz: "Existem evidências de que um derramamento geral do Espírito era esperado como uma característica dos últimos dias".

[8] *Ibid.*, p. 52.

[9] Ralph Earle, *The Gospel According to Mark* ("The Evangelical Commentary on the Bible", ed. George A. Turner, *et al.*; Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957), p. 31.

[10] IB, VII, 654.

[11] William Barclay, *The Gospel of Mark* ("The Daily Study Bible"; Filadélfia: The Westminster Press, 1954), pp. 9-11.

[12] Halford E. Luccock, *The Gospel According to St. Mark* (Exposição), IB, VII, 654.

[13] Cranfield, *op. cit.*, p. 58.

SEÇÃO II

[1] A expressão *do reino* não é encontrada nos dois manuscritos mais antigos, mas nem todos os estudiosos são favoráveis à sua omissão aqui.

[2] Earle, *op. cit.*, p. 33.

[3] Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (3ª Edição; Edinburgh: T. & T. Clark, 1937), p. 226.

[4] *Julius Caesar*, Ato IV, cena 3.

[5] John Bright, *The Kingdom of God* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury, 1953).

[6] Cranfield, *op. cit.*, p. 68.

[7] C. E. Graham Swift, "The Gospel According to Mark"; *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 810.

[8] Earle, *op. cit.*, p. 35.

[9] R. A. Cole, *The Gospel According to St. Mark* ("The Tyndale New Testament Commentaries"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), p. 60.

[10] Grant, IB, VII, 662.

[11] Henry Barclay Swete, *The Gospel According to St. Mark* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956 [reimpressão]), p. 21.

[12] João 1.44 afirma que Betsaida era a cidade de Pedro e André, mas evidentemente existia alguma ligação entre as duas cidades, possivelmente através da indústria da pesca; veja NBC *in loco*.

[13] A. M. Hunter, *The Gospel According to Saint Mark* ("A Torch Bible Commentary", ed. David L. Edwards, *et al.*; Nova Iorque: Collier Books, 1962 [reimpressão]), p. 35.

[14] "A lei dizia que o sábado havia terminado e que o dia havia acabado quando aparecessem três estrelas no céu" (Barclay, *op. cit.*, p. 31).

[15] Sherman Johnson, *A Commentary on the Gospel According to St. Mark* ("Harper's New Testament Commentaries"; Nova Iorque: Harper and Brothers, 1960), p. 50.

[16] Vincent Taylor, *The Gospel According to St. Mark* (Londres: Macmillan & Co., Ltd., 1959), p. 182.

[17] *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman Press, 1930), I, 263.

[18] Robert C. Trench, "Prayer", *The World's Great Religious Poetry*, ed. Caroline M. Hill (Nova Iorque: The Macmillan Co., 1943), p. 416.

[19] Hunter, *op. cit.*, p. 36.

[20] *Ibid.*, p. 36.

[21] Earle, *op. cit.*, p. 40.

[22] Existe uma interessante questão textual aqui. Alguns manuscritos apresentam a expressão "movido de ira" (*orgistheis*) ao invés de **movido de compaixão**. Alguns comentaristas vêem

uma conexão entre este versículo e o 43, onde Jesus **advertiu severamente** o homem. Se Jesus estava irritado, não era com o pobre leproso, a quem Ele tocou com amor e ternura, mas com as causas da lepra, que incluíam o reino de Satanás. A versão alternativa não é recomendada, em geral, embora seja aceita por Cranfield (*op. cit.*, p. 92).

[23] Johnson, *op. cit.*, p. 53.

[24] *Ibid.*, p. 51.

[25] NBC, p. 811.

[26] Cranfield, *op. cit.*, p. 98.

[27] IB, VII, 672.

[28] Esta é a primeira ocorrência, no texto de Marcos, desta autodenominação de Jesus. Ela só ocorre mais uma vez, além desta, nesse Evangelho (2.28) antes da grande confissão de Pedro (8.27-30), mas aparece freqüentemente depois disso. Sem dúvida, ela se refere tanto ao celestial "Filho do Homem" de Dn 7.13-28 e ao fato de que Jesus era o Representante da Humanidade, o Segundo Adão. Nos Evangelhos, ela só ocorre nos lábios de Jesus em At 7.56 e Ap 1.13. Veja uma observação especial sobre este assunto em Earle (*op. cit.*, p. 44), e nas referências adicionais que ele fornece ali.

[29] Existe algum questionamento sobre a relação entre Levi e Mateus. O nome *Levi* é usado três vezes: aqui, e em Lc 5.27,29. No texto de Mateus 9.9 consta *Mateus*. Embora alguns problemas textuais persistam na comparação das listas dos Doze, provavelmente seja melhor supor que Levi, como Pedro, não tinha apenas um único nome. Barclay claramente o chama de *Mateus* (*op. cit.*, pp. 45-49).

[30] Cole, *op. cit.*, p. 69.

[31] A versão KJV em inglês, acompanhando Wycliffe e a Vulgata Latina, usa a palavra *publicanos* para traduzir a palavra *telonai* do Novo Testamento. Os *telonai* eram os sucessores dos *publicani*, que tinham feito grandes fortunas através da arrecadação de impostos, sob a república romana. Os *telonai* não eram responsáveis pelos impostos maiores, mas atormentavam a população com inúmeros impostos menores sobre o uso das estradas, pontes, portos, sobre o comércio, o sal e outros itens. Veja *Harper's Bible Dictionary*, ed. Madeleine S. Miller e J. Lane Miller (6ª ed.; Nova Iorque: Harper & Brothers, Publishers, 1959), p. 592.

[32] NBC, p. 812.

[33] O termo aqui é *numphios* e se refere aos "amigos do noivo que se encarregam dos preparativos nupciais" (Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 306).

[34] Cranfield, *op. cit.*, p. 110.

[35] *The Westminster Study Edition of the Holy Bible* (Filadélfia: The Westminster Press, 1948), *in loco*.

[36] Mais precisamente, "campos", onde os discípulos **colhiam** "espigas" (23); todos os cereais eram costumeiramente chamados de milho na Inglaterra, onde foi feita a tradução da versão KJV em inglês.

[37] Earle, *op. cit.*, p. 49.

[38] *Foundations for Reconstruction* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1946), c. 4.

[39] NBC, p. 812.

[40] Hunter, *op. cit.*, p. 48.

[41] IB, VII, 680 (Exposição).

[42] *Op. cit.*, p. 70.

[43] Earle, *op. cit.*, p. 51.

[44] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 431.

SEÇÃO III

[1] NBC, p. 813.

[2] A palavra "flagelo" (*mastigas*) que consta em algumas versões significa, literalmente, um chicote ou um açoite.

[3] NBC, p. 813.

[4] Cole, *op. cit.*, p. 80.

[5] IB, VII, 689.

[6] A lista de apóstolos termina na metade do versículo 19. A última parte do versículo logicamente acompanha o que vem a seguir.

[7] A maioria dos manuscritos gregos traz o termo *Beelzebul*. "Beelzebul ou Baalzebul era uma caricatura intencional de Baal-Zebube, que significa 'deus-mosca' ou 'senhor das moscas'. Os judeus diziam Baalzebul, isto é, 'deus da imundície', referindo-se a Satanás" (Hunter, *op. cit.*, p. 51). Uma explicação alternativa do termo é "senhor da casa" ou "morada", e nesse caso o versículo 27 seria um jogo de palavras.

[8] O termo correto é *hamartematos* ("pecado"), e não *kriseos* ("condenação" ou "julgamento").

[9] *Paradise Lost,* Bk. IV, 1. 110.

[10] Cf. as proveitosas palavras de Cranfield sobre este assunto, *op. cit.*, p. 142.

[11] Que relação os irmãos de Jesus tinham com Ele? Foram oferecidas muitas explicações: a de que eram filhos de José, de um casamento anterior; a de que eram primos; e a de que eram filhos mais jovens de José e Maria. A referência a Jesus como o filho primogênito de Maria (Lc 2.7) parece apoiar esta última opinião. Para uma discussão detalhada, veja Taylor, *op. cit.*, pp. 247-49.

[12] Cranfield, *op. cit.*, p. 146.

[13] IB, VII, 694.

[14] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 338.

[15] Barclay, *op. cit.*, p. 81.

[16] NBC, p. 814.

[17] Cole, *op. cit.*, p. 89.

[18] *Ibid.*, p. 90.

[19] Embora as versões mais recentes utilizem o termo **parábola** no plural, Grant (IB, VII, 699) considera a leitura da versão KJV em inglês como sendo "provável".

[20] *Op. cit.*, p. 257. Veja Cranfield, *op. cit.*, pp. 158-161, para um cuidadoso estudo dos assuntos, e as suas razões para aceitar a autenticidade destes versículos.

[21] *Op. cit.*, p. 90.

[22] Earle, *op. cit.*, p. 63.

[23] Esta palavra, *apate*, também pode ser traduzida como *deleite* ou *prazer*.

[24] Robertson, *op. cit.*, p. 284.

[25] Elizabeth Barrett Browning, em *Aurora Leigh.*

[26] Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture: St. Mark* (Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938 [reimpressão]), p. 150.

[27] John Milton, em *Lycidas.*

[28] NBC, p. 815.

[29] *The Oxford Annotated Bible,* eds. Herbert G. May e Bruce M. Metzger (Nova Iorque: Oxford University Press, 1962), p. 1218.

[30] IB, VII, 706.

[31] IB, VII, 705 (Exposição).

[32] Marvin R. Vincent, *Word Studies of the New Testament* (Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946), I, 183-184.

[33] Ralph Earle (ed.), *Exploring the New Testament* (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1955), p. 114.

[34] Cole, *op. cit.*, p. 95.

[35] Cranfield, *op. cit.*, p. 171.

[36] *Harper's Bible Dictionary*, eds. Madeleine S. e J. Lane Miller (Nova Iorque: Harper and Brothers, Publishers, 1952), pp. 213-14.

[37] Cf. a tradução literal de Earle, *op. cit.*, p. 67.

[38] A. B. Bruce, "The Synoptic Gospels", *The Expositor's Greek Testament*, ed. W. Robertson Nicoll (Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans, n.d.), I, 370.

[39] Veja Hunter, *op. cit.*, pp. 61-62, para uma discussão esclarecedora sobre milagres.

[40] EGT, I, 370.

[41] Diversas leituras diferentes desta indicação aparecem nos Evangelhos Sinóticos, incluindo *gerasenos* (a melhor leitura comprovada em Marcos) e *gergesenos*. Aproximadamente um quilômetro e meio da moderna Kersa, ou Koursi, há um declive a cerca de 35 metros do lago. Este lugar pertencia à região geral de Gadara.

[42] Sherman, *op. cit.*, p. 101, se refere a "algumas histórias bem comprovadas de possessão demoníaca". Aqui há algo mais do que uma psicose. O Dr. F. C. Sutherland, um famoso missionário nazareno da China, afirma que a crença na possessão demoníaca é algo que "ninguém pode tirar de nós".

[43] O único outro uso da palavra traduzida como **amansar** ("domar", *damasai*) no Novo Testamento se refere à língua, "que nenhum homem pode domar" (Tg 3.7-8).

[44] Cranfield, *op. cit.*, p. 177.

[45] Sherman, *op. cit.*, p. 102.

[46] NBC, p. 816.

[47] Cf. qualquer versão recente.

[48] NBC, p. 816.

[49] *Op. cit.*, p. 119.

[50] *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, eds. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), p. 809.

[51] Cf. Cole, *op. cit.*, pp. 99-100.

[52] Uma palavra também traduzida como "pregar".

[53] Uma liga de dez cidades, que tinham se desenvolvido sob a influência de Alexandre o Grande, e, portanto, eram de cultura helênica. A presença dos porcos, repugnantes para um judeu fiel, indica a influência dos gentios. Nove das dez cidades ficavam a leste do Jordão, e uma a oeste. Elas se espalhavam desde Damasco, ao norte, até Filadélfia, ao sul (Rabate-Amom). Gergesa e Gadara estavam aproximadamente na metade do caminho entre elas.

[54] IB, VII, 718.

[55] S. D. F. Salmond, *St. Mark*, "The Century Bible" (Edinburgh: T. C. e E. C. Jack, s.d.), p. 173.

[56] Barclay, *op. cit.*, pp. 126-27.

[57] IB, VII, 720.

[58] Hunter, *op. cit.*, p. 66.

[59] Cranfield, *op. cit.*, p. 184.

[60] Uma palavra que significa conhecimento amplo, exato e completo.

[61] No Novo Testamento, somente aqui e no versículo 24, "apertava" (Earle).

[62] NBC, p. 817.

[63] Hunter, *op. cit.*, p. 66.

[64] Uma forma suavizada de um termo que significa "tirar a pele", "esfolar", "despedaçar". Abbott-Smith, *op. cit.*, pg 411.

[65] Uma leitura melhor é *parakousas*, "ouvir por acaso" ou "ouvir de forma descuidada", portanto "ignorar", como em Mt 18.17.

[66] "Uma palavra descritiva das carpideiras contratadas, que gritavam 'al-a-lai!'" (Vincent, *op. cit.*, p. 191).

[67] NBC, p. 817.

[68] "Está implícito algum nível de força" (Vincent, *op. cit.*, p. 396).

[69] Hunter, *op. cit.*, p. 68.

[70] Barclay, *op. cit.*, p. 137.

[71] IB, VII, 725.

[72] Hunter, *op. cit.*, p. 70.

[73] Cranfield, *op. cit.*, p. 195, julga que esta é "uma importante evidência que corrobora a historicidade do Nascimento Virginal". Para uma opinião contrária, veja IB, VII, 727.

[74] A família era evidentemente devota, pois os filhos tinham os nomes de heróis do Antigo Testamento: Jacó (Tiago), José, Judas, Simão e Josué (Jesus) (Hunter, *op. cit.*, p. 71). Tiago mais tarde se tornou o líder da igreja de Jerusalém. As irmãs não são mencionadas em nenhuma outra passagem.

[75] "O substantivo similar é *skandalon*... o graveto onde se coloca a isca em uma armadilha, e que salta e fecha a armadilha quando um animal a toca" (Vincent, *op. cit.*, p. 41).

[76] Taylor, *op. cit.*, p. 301.

[77] NBC, p. 818.

[78] A proibição até mesmo disso em Mateus (10.10) e em Lucas (9.3) parece significar que não iriam adquirir o bordão, se já não o tivessem" (Earle, *op. cit.*, p. 80).

[79] A ordem das palavras, conforme aparece nas primeiras versões dos manuscritos.

[80] Taylor, *op. cit.*, p. 305.

[81] Cranfield, *op. cit.*, p. 200.

[82] Cf. *Didache* xi. 3 – xii. 5. Johnson, *op. cit.*, p. 116.

[83] "A última parte do versículo 11 é omitida pelas versões RV, RSV, NEB, que seguem o principal manuscrito *uncial*. Não resta dúvida de que foi adicionada aqui devido ao texto de Mt 10.15" (Cole, *op. cit.*, p. 109).

[84] Hunter, *op. cit.*, p. 72.

[85] Veja as notas sobre 1:15.

[86] John Drinkwater, na obra "A Prayer".

SEÇÃO IV

[1] Literalmente, aquele que governa a quarta parte de um domínio.

[2] CB, p. 184.

[3] Em alguns manuscritos se lê (14) "ele disse", e em outros "eles disseram".

[4] Aparentemente, algumas dificuldades desse relato levaram alguns críticos a rejeitá-lo como sendo apenas uma lenda. Para uma análise minuciosa de cada objeção, veja Cranfield, *op. cit.*, p. 208. Antes de qualquer "avaliação imparcial" (Taylor), essas dificuldades devem ser consideradas como sem consistência.

[5] Veja a obra *Ant.* XVIII.5.1ss. para outro relato sobre todo esse assunto.

[6] Cole, *op. cit.*, p. 110.

[7] Uma boa tradução seria "fazia muitas coisas".

[8] Mais tarde ela se casou com seu tio paterno, Filipe, tetrarca de Traconites e, depois da morte deste, com um primo em segundo grau, Aristóbulo. Merrill F. Unger, *Unger's Bible Dictionary* (Chicago: Moody Press, 1957), p. 955.

[9] Cole, *op. cit.*, p. 112.

[10] "Uma das palavras latinas de Marcos, *speculator*. Um *speculator* era um guarda que tinha a função de tomar conta ou espionar (*speculari*). Gradualmente, ela passou a se referir a um dos guarda-costas armados do imperador romano... Herodes imitava as maneiras da corte romana" (Vincent, *op. cit.*, pp. 194-95).

[11] Barclay, *op. cit.*, p. 150.

[12] Taylor, *op. cit.*, p. 317.

[13] Herodias foi, por fim, a causa da desgraça do seu marido. Ela estimulou Herodes a procurar o título de "rei", uma atitude que o levou ao desterro. Para seu crédito, Herodias compartilhou da desgraça do marido. Veja Branscomb, *op. cit.*, p. 110.

[14] IB, VII, 738 (*Exposição*).

[15] "Somente Marcos registra cerca de onze ocasiões em que Jesus se afastou do seu trabalho para descansar..." (Vincent, *op. cit.*, p. 175).

[16] Cranfield, *op. cit.*, p. 216.

[17] Robertson, *op. cit.*, p. 315.

[18] NBC, p. 819.

[19] IB, VII, 741.

[20] Swete, *op. cit.* p. 134.

[21] Cranfield, *op. cit.*, p. 219.

[22] Cole, *op. cit.*, p. 144 n.

[23] Abbott-Smith, p. 482.

[24] Earle, *op. cit.*, p. 87.

[25] Cf. Johnson, *op. cit.*, p. 126. Outros sugerem duas Betsaidas, uma associada a Cafarnaum e a outra a leste do local onde o rio Jordão desemboca no lago da Galiléia.

[26] CB., p. 194.

[27] Swete, op. cit., p. 138.

[28] Barclay, *op. cit.*, p. 163.

[29] "A palavra para 'leitos'... significa colchões ou talvez tapetes de dormir, como aquele que o paralítico carregou quando Jesus lhe disse: 'Toma o teu leito'" (H. D. A. Major, *et. al.*, *The Mission and Message of Jesus* [Nova Iorque: E. P. Dutton and Co., Inc., 1938], p. 96).

[30] Cf. Nm 15.37-39.

[31] As últimas três palavras do versículo 2 não foram encontradas nos manuscritos mais antigos. Os versículos 3-4 são muitas vezes aceitos como um parêntesis, sendo que o verso 5 está completando uma sentença que, sem ele, ficaria incompleta. Cf. Cranfield, *op. cit.*, p. 231.

[32] A expressão *impuras* vem de um termo (*koinos*) que significa " 'comum' em oposição a 'privado' ", e na época do Novo Testamento significava "ritualmente impuro" (*Ibid.*, p. 232).

[33] Por trás da expressão muitas vezes (*pykna*) há uma questão textual. Outra palavra (*pygme*) tem um melhor suporte, mas a sua tradução é difícil (a versão RSV não a traduz). Ela provavelmente significa "com os punhos", isto é, "com a concavidade da outra mão... talvez com a mão cheia de água" (IB, VII, 748).

[34] Ou, possivelmente, aspergir o que eles haviam comprado no mercado.

[35] Geralmente a palavra **mesas** é omitida por causa das evidências dos manuscritos.

[36] A tradição oral da interpretação legal transmitida nas escolas culminou na elaboração escrita do Mishna, dos dois Talmudes, e dos últimos comentários sobre eles" (IB, VII, 749).

[37] O versículo 8 deve realmente terminar com a palavra **homens**.

[38] Major, *op. cit.*, p. 99.

[39] IB, VII, 751.

[40] Swete, *op. cit.*, p. 150.

[41] Muitas versões recentes omitem o versículo 16 porque ele não aparece nos melhores manuscritos. Entretanto, ele foi incluído por Taylor em seu texto grego. Essa expressão foi usada em outra passagem por Jesus (cf. Mt 11.15).

[42] Taylor, *op. cit.*, p. 344.

[43] MBC, p. 820.

[44] Na versão KJV a ordem destes termos é um pouco diferente daquela que consta no texto grego adotado.

[45] Robertson, *op. cit.*, p. 325.

[46] *Ibid.* "Às vezes... associado a termos que descrevem pecados sexuais (cf. Ef 4.19...)" (Taylor, *op. cit.*, p. 345).

[47] No Novo Testamento, a blasfêmia pode ser uma maledicência em geral, ou um insulto contra Deus. Aqui a palavra foi usada em um sentido diferente de 3.29, onde é identificada com um pecado imperdoável. Veja 3.28-29 para um exemplo mais claro sobre os dois usos.

[48] Alguns manuscritos antigos omitem a expressão "e Sidom".

[49] Robertson, *op, cit.*, 326.

[50] Veja a nota sobre 5.20.

[51] NBC, p. 821.

[52] Essa palavra pouco comum, *hyperperissos*, "era um termo encontrado apenas aqui em toda a literatura grega" (Earle, *op. cit.*, p. 98).

[53] Alan Richardson, *Interpretation*, IX (1955), 144; cf. Earle, *op. cit.*, pp. 98-99.

[54] Barclay, *op. cit.*, p. 188.

[55] *Ibid.*, p. 186.

[56] Cf. Cranfield, *op. cit.*, p. 205.

[57] *Eucharistesas*, de onde vem a palavra *Eucaristia.*

[58] Uma forma alongada de *stenazo* (cf. 7.34), encontrada somente aqui no Novo Testamento.

[59] Cf. EGT, p. 394.

[60] Earle, *op,.cit.*, p. 101.

[61] Veja a discussão sobre 6.45, e também o artigo "Betsaida" na obra *Harper's Bible Dictionary*, p. 70.

[62] *Unger's Bible Dictionary*, p. 142.

[63] IB, VII, 763.

[64] Cranfield, *op. cit.*, p. 265.

[65] *Op. cit.*, p. 133.

[66] Essa tradução reflete o melhor texto grego, tal como é encontrado em WH e Nestle.

[67] NBC, p. 822.

SEÇÃO V

[1] Veja a discussão de Barclay, "The Jewish Ideas of the Messiah", *op. cit.*, pp. 197-203.

[2] Para uma útil discussão sobre as questões críticas no uso dessa frase, veja Cranfield, *op. cit.*, pp. 272-277. Esta era a designação favorita de Jesus, relacionada com a expectativa messiânica e que não estava identificada com a sua compreensão popular.

[3] Literalmente, rejeitada depois de examinada.

[4] Mateus e Lucas esclarecem esta frase dizendo "ao terceiro dia". Longe de ser uma previsão "depois do fato", a linguagem original de Mateus pode ser uma evidência do contrário.

[5] Barclay, *op. cit,.* p. 205.

[6] Hunter, *op. cit.* , p. 94.

[7] IB, VII, 775.

[8] Provavelmente, Jesus, Elias e Moisés, pois a voz falava das nuvens aos discípulos.

[9] De acordo com o pensamento semítico, "a categoria possivelmente mais elevada da divina revelação" (IB, VII, 777).

[10] Várias versões utilizam a transliteração do termo grego para Elias que, por sua vez, se origina da versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta (LXX).

[11] Esse termo reflete as idéias de Isaías 53.3: "Era desprezado e o mais indigno entre os homens..."

[12] Cole, *op. cit.*, p. 145.

[13] NBC, p. 824.

[14] "Expressão usada por Marcos no Novo Testamento, somente nesta passagem, em 14.33 e 16.5, e em conexões que demandam um sentido muito forte" (EGT, p. 26).

[15] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 404.

[16] IB, VII, 780.

[17] Hunter, *op. cit.*, p. 99.

[18] A obra *The Westminster Study Edition of the Holy Bible* reproduz o original da seguinte maneira: "Quanto à expressão *Se podes*, todas as coisas são possíveis..." (*in loco*).

[19] IB, VII, 782.

[20] Robertson, *op. cit.*, p. 305.

[21] As palavras "e jejum" não foram encontradas nos manuscritos mais antigos e confiáveis. Entretanto, alguns estudiosos não consideram essa evidência como conclusiva (NBC, p. 824; Cole, *op. cit.*, p. 148).

[22] Cranfield, *op. cit.*, p. 305.

[23] "Alguns entendem a palavra *pela* no verbo composto significando que fizeram certo trajeto para evitar a publicidade" (EGT, p. 404).

[24] Modo futurista ou profético presente, "será entregue".

[25] Branscomb, *op. cit.*, p. 169.

[26] Hunter, *op. cit.*, p. 100.

[27] *Ibid.* Veja Johnson, *op. cit.* p. 164, para um exemplo da crueldade comum que existia no tratamento das crianças entre os egípcios daquela época.

[28] IB, VII, 791.

[29] Major, *op,. cit.* p. 123.

[30] *Ibid.*

[31] A palavra **inferno**, que é a tradução de *geena*, não deve ser confundida com *hades*, o reino dos mortos, que também foi traduzida como "inferno" (por exemplo, Ap 1.18; 6.8; 20.13-14).

[32] "Observe que os melhores manuscritos (seguidos pela RV, RSV, NEB) omitem os versículos 44 e 46 que são idênticos ao versículo 48" (Cole, *op. cit.*, p. 153).

[33] EGT, p. 407.

[34] O versículo 49*b* foi omitido pelos manuscritos mais antigos, mas acrescenta uma pista para o seu significado.

[35] Robertson, *op. cit.*, p. 347.

[36] O ministério de Jesus na Peréia, descrito em detalhes por Lucas, incluiu alguns dos mais memoráveis ensinos de Jesus sob a forma de parábola; por exemplo, as parábolas do Bom Samaritano e do Filho Pródigo.

[37] Earle observa que a palavra *unir-se-á* significa literariamente "aderir-se a" no sentido de "colar" e observa: "É como se Deus tivesse acrescentado mais cola ao casamento moderno" (*op. cit.*, p. 123).

[38] IB, VII, 796.

[39] *A Commentary on the Holy Bible*, ed. J. R. Dummelow (Nova Iorque: The Macmillan Co., 1956 [reimpressão], p. 688.

[40] A. R. G. Deasley, "The New Testament and Divorce", *Interchange*, I, Nº. 1, 16.

[41] Earle, *et. al.,* ENT, p. 136.

[42] Cranfield, *op. cit.,* p. 321.

[43] *Ibid.,* p. 323.

[44] IB, VII, 800.

[45] "Enlaçou em Seus braços" (Earle, *op. cit.*, p. 125).

[46] Swete, *op. cit.*, p. 222. Esse episódio tem a reputação de ter encorajado o batismo de crianças em alguns segmentos da igreja cristã primitiva.

[47] O registro combinado dos Sinóticos de que ele era jovem (Mt 19.22), rico (Mc 10.22) e um "certo príncipe" (Lc 18.18) nos dá a descrição tradicional como "o rico e jovem príncipe".

[48] Cranfield, *op. cit.,* p. 327. "Em um sentido absoluto, a bondade pertence somente a Deus Pai. Mas, a bondade de Jesus estava, em um certo sentido, sujeita a crescer e ser testada nas circunstâncias da encarnação pelas quais Ele 'aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu', Hb 5.8". (NBC, p. 826).

[49] Será que esse homem algum vez reconsiderou e voltou? Uma interessante conjectura é que ele realmente pensou nisso e que seu nome era Barnabé" (NBC, p. 826).

[50] O significado literal do verbo *stygnazo* foi traduzido aqui como "ele estava triste" (22); cf. Mt 16.3.

[51] Outra vívida reminiscência de Pedro, como no versículo 21.

[52] Manuscritos posteriores acrescentam "para os que acreditam nas riquezas"

[53] Earle, *op, cit.,* p. 128.

[54] Taylor, *op. cit.*, p. 431.

[55] Devemos aqui fazer uma distinção entre os verbos, pois *seguimos* mostra uma simples ação no passado e *temos seguido* (expresso em algumas versões) mostra uma ação que continua no presente (Ezra P, Gould, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Mark,* "The International Critical Commentary" [Edinburgh: T. &. T. Clark, 1955] p. 195 n.).

[56] Cf. Rm 16.13: "Saudai a Rufo, eleito no Senhor, e a sua mãe e minha".

[57] "Acrescenta um elemento que deveria ajustar as compensações do presente, e prevenir contra os sonhos de uma paz interrompida" (Swete, *op. cit.*, p. 232).

[58] Cranfield, op. *cit., p.* 333.

[59] Isso pode ser literalmente verdadeiro. A fenda do Jordão se encontra centenas de metros abaixo do nível do mar e Jerusalém a cerca de dois mil e quinhentos metros acima do nível do mar.

[60] Hunter, *op. cit.,* p. 110.

[61] Veja Cranfield, op. *cit., p.* 334-35 para a negação de que esses detalhes devem ter sido acrescentados "depois do evento".

[62] Major, *op. cit.* p. 135.

[63] Earle, *op. cit.*, p. 130.

[64] Para os prós e os contras a respeito de João ter experimentado um martírio precoce, como alguns acreditam que está implícito nesse versículo, cf. os argumentos de Grant (IB, VII, 814-15), e Cranfield (*op. cit.*, p. 339).

[65] Major, *op. cit.*, p. 135.

[66] Cranfield, *op. cit.*, p. 341.

[67] G. F. Bradby, citado em Major, *op. cit.,* p. 135.

[68] Earle, *op. cit.*, p. 132.

[69] Hunter, *op. cit.*, p. 112.

[70] Aparecem detalhes divergentes nos relatos Sinóticos. Mateus (20.30) fala sobre dois pedintes, e Lucas (18.35) localiza esse acontecimento nas proximidades da cidade. "Estas ligeiras diferenças não afetam nenhum ponto vital das narrativas, sendo o que se poderia esperar encontrar em todas as evidências fornecidas por testemunhas confiáveis" (NBC, p. 828). Lucas nada diz além de que a cura ocorreu nas vizinhanças de Jericó, e Marcos pode estar mencionando somente o mais conhecido dos dois homens mencionados por Mateus. Cf. Earle *op. cit.,* p. 132.

[71] Vincent, *op. cit.* p. 213.

[72] Hunter, *op. cit.*, p. 112.

[73] A única ocorrência desta palavra (*anapedesas*) no Novo Testamento.

[74] IB, VII, p. 822.

[75] Um termo carinhoso de reverência e respeito (cf. Jo 20.16).

[76] Hunter, *op. cit.,* p. 133.

SEÇÃO VI

[1] IB, VII, 825.

[2] NBC, p. 828.

[3] *Ibid.*

[4] *The Westminster Study Edition of the Holy Bible, in loco.*

[5] A segunda frase [Hosana nas alturas!] significa provavelmente, "Salve tu que habitas nas alturas!" (IB, VII, 826).

[6] Adaptado da obra de C. Milo Connick, *Jesus: The Man, the Mission, and the Message* (Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1963), p. 327.

[7] Earle, *et. al.*, ENT, p. 139.

[8] Veja Connick, *op. cit.*, pp. 331-33, para uma interessante descrição do Templo.

[9] IB, VII, 830.

[10] Branscomb, *op. cit.,* pp. 204-5; Connick,. *op. cit.*, p. 335.

[11] Mateus faz um resumo dessa história e nos dá uma descrição à distância desse evento (21.18-20).

[12] "Crede que recebestes todas as coisas que pedistes, e pelas quais orastes" (Gould, *op. cit.*, p. 216). "O tempo do verbo é uma ênfase de retórica para o imediatismo da resposta: ele antecipa até a oração na mente do suplicante" (*Ibid.*).

[13] " 'Um pecado perto ou distante'... Primeiro... 'um passo em falso, um erro'. Depois... 'um delito ou crime' " (Earle, *op. cit.*, p. 141).

[14] O versículo 26 é claramente um retrato preciso dos ensinos de Jesus, e é relevante ao conceito dessa passagem, mas "foi omitido em vários manuscritos importantes e pode ser, através de uma 'atração', semelhante à afirmação de Mateus 6.15" (Cole, *op. cit.*, p. 182).

[15] Na terça-feira, de acordo com a cronologia de Marcos.

[16] Os **principais dos sacerdotes** (saduceus), os **escribas** (fariseus) e os **anciãos** ("leigos de posição e influência") (Johnson, *op. cit.*, p. 149) eram os elementos que constituíam esse elevado tribunal.

[17] NBC, p. 829.

[18] **Winefat** (KJV) é uma antiga palavra inglesa para tonel de vinho, e é uma tradução de *hupolenion,* literalmente, "sob o lagar" (o tanque para pisar as uvas). "Ele estava sob o tonel do lagar, para dentro qual fluíam os sucos que eram pisados" (EGT, p. 420).

[19] Gould, *op. cit.*, p. 220.

[20] Robertson, *op. cit.,* p. 364.

[21] Cf. Barclay, *op. cit.*, pp. 294-95.

[22] CB, p. 227.

[23] "Para apanhar ou tomar pela caça ou pela pesca" (Abbott-Smith, p. 7).

[24] Taylor, *op. cit.*, p. 479.

[25] CB, p. 279.

[26] NBC, p. 830.

[27] Hunter, *op. cit.*, p. 123.

[28] Swete, *op. cit.,* p. 281.

[29] Alguns estudiosos afirmam que esta frase se refere a uma passagem do cânon saduceu que traz o título "A Sarça". "Nessa época, as Escrituras judaicas estavam divididas em seções, sendo que as mais notáveis delas tinham títulos distintos" (Major, *op. cit.*, p. 150).

[30] Hunter, *op. cit.*, p. 124.

[31] Cranfield, *op. cit.*, p. 376

[32] CB, p. 285.

[33] Cranfield, *op. cit.,* p. 377.

[34] Ou, "Ouve, ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é um só" (29, RSV).

[35] Major, *op. cit.*, p. 152.

[36] Literalmente, "como alguém que tivesse um espírito (próprio)" (EGT, I, 425).

[37] Hunter, *op. cit.*, p. 126.

[38] Connick, *op. cit.*, p. 350.

[39] *Ibid.*

[40] *Christianity Today*, VI, nº. 8, 364.

[41] Barclay, *op. cit.,* p. 317.

[42] Ibid., pp. 317-37; Cranfield, *op. cit.,* pp. 387-91.

[43] Veja o *Harper's Bible Dictionary* para uma excelente descrição dos três templos sucessivamente construídos por Salomão, Zorobabel e Herodes (pp. 730-36); cf. também o registro de Josefo em sua obra *Wars* V. 5. 1-8.

[44] Veja Cranfield, *op. cit.,* pp. 394-407.

[45] *Ibid.,* p. 394.

[46] Cole, *op. cit.*, p. 198.

[47] NBC, p. 832.

[48] A palavra *Cristo* está presente na versão KJV em inglês; observe os itálicos. Outras versões trazem as expressões "Sou eu" e "Eu sou o Messias!".

[49] Abbott-Smith, p. 490.

[50] Cole, *op. cit,* p. 200.

[51] NBC, p. 832.

[52] O termo traduzido como "testemunho" (*martyrion*) está obviamente relacionado à nossa palavra "mártir".

[53] Earle, *et. al.,* ENT, p. 146.

[54] IB, VII, 860.

[55] Cole, *op. cit.*, p. 203.

[56] Embora a frase "o profeta Daniel" não encontre um suporte adequado nesse manuscrito, ela é claramente autêntica na passagem paralela em Mt 24.15.

[57] NBC, p. 833.

[58] A palavra grega e sua tradução combinam "As idéias de prensar as uvas e de debulhar os grãos" (Earle, *op. cit.,* p. 158).

[59] *Wars of the Jews* Livro V.

[60] Cranfield, *op. cit.*, p. 404.

[61] Veja também Barclay, *op. cit.*, pp. 333-335, para exemplos de literatura não canônica.

[62] Muitas vezes traduzido como "ele está perto", isto é, o Cristo. Lucas entende que a expressão significa "o reino de Deus" (21.31).

[63] Cranfield, *op. cit.,* p. 408.

[64] NBC, p. 832.

[65] Na expressão **Daquele dia**, "existe a clara intenção de se referir ao dia da Parousia. No Antigo Testamento, 'aquele dia' representa um termo escatológico técnico" (Cranfield, *op. cit.*, pp. 410-411).

[66] Uma limitação auto-imposta até que Ele retornasse ao Pai; cf. Fp 2.5-8; Jo 17.5.

[67] Vincent, *op. cit.,* p. 225.

[68] Marcos menciona as quatro vigílias da noite conhecidas pelos romanos, de três horas cada, desde as 6 horas da tarde até às 6 horas da manhã. Quanto à prática judaica, cf. Lc 12.38.

SEÇÃO VII

[1] Dizem que um censo realizado no ano 65 d.C. sobre o número de cordeiros mortos na Páscoa revelava mais de duzentos e cinqüenta mil animais. O número mínimo para cada grupo de peregrinos era de dez pessoas por cordeiro. Josefo diz que naquele ano havia mais de três milhões de pessoas na Páscoa (*Wars*, II. 14.3).

[2] Na realidade, eles eram dois eventos separados, mas muitas vezes relacionados na mente das pessoas. A Páscoa, que celebrava a libertação dos judeus do Egito, era celebrada na noite do dia 14 de nisã, e a Festa dos Pães Asmos durante os sete dias seguintes. "O pão asmo tinha a finalidade de lembrar o pão que haviam comido quando estavam prestes a escapar da escravidão" (Barclay, *op. cit.*, p. 350). Veja *Unger's Bible Dictionary,* pp. 352-56 para uma análise útil dessas festas.

[3] Os relatos paralelos apresentam alguns problemas. Lucas 7.36-50 está certamente se referindo a um acontecimento diferente. João localiza a unção na casa de Lázaro, e parece situar essa data muitos dias antes. Talvez houvesse alguma ligação entre Simão e outros amigos de Jesus em Betânia. Marcos, evidentemente, "sacrificou a ordem cronológica em benefício da homilética" (NBC, p. 834).

[4] Um denário valia cerca de vinte centavos e correspondia ao pagamento por um dia de trabalho de um trabalhador comum.

[5] Hunter, *op. cit.,* p. 133.

[6] Veja em 3.19 uma discussão sobre o seu nome.

[7] No sentido popular, como as seguintes palavras mostram ("quando sacrificavam a páscoa"). A Festa dos Pães Asmos começava no dia 15 do mês de nisã.

[8] Veja a nota sobre os versículos 1-2 para uma discussão sobre a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos.

[9] Connick, *op. cit.*, p. 368.

[10] No texto em inglês foi utilizada uma palavra antiga que significa chefe de família (IB, VII, 873).

[11] Earle, *op. cit.*, p. 165.

[12] Earle *et. al.*, ENT, pp. 149-50. Já observaram que o relato da Última Ceia não faz referência a um cordeiro, e talvez este animal não tenha sido usado por aquele que é o Cordeiro de Deus.

[13] Cf. Connick, *op. cit.* pp. 369-70 para um descrição detalhada.

[14] Veja a discussão sobre os versículos 1-2 e versículos 12-16.

[15] Na linguagem do original espera-se uma resposta negativa.

[16] Outra versão alternativa (veja RSV, NEB, *Amplified NT*), enfatiza a perfídia da traição de Judas.

[17] Cranfield, *op. cit.* p. 424.

[18] *Op. cit.*, p. 136.

[19] Parece razoável acreditar que isso aconteceu como Marcos está dizendo. Entretanto, João coloca a Páscoa um dia depois, quando Jesus estava morrendo na Cruz, precisamente no momento em que os cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no Templo (cf. Jo 18.28; 19.14, 31, 42). Nesse caso, a Última Ceia teria sido uma "apressada antecipação da Páscoa... ou o *Kiddush* da Páscoa ("santificação"), isto é, uma refeição social e religiosa realizada por grupos de judeus piedosos a fim de se prepararem para a Páscoa" (Hunter, *op. cit.*, pp. 134-35). Em qualquer uma dessas hipóteses, a presença da Páscoa seria preponderante na mente dos discípulos, "de modo que, em certo sentido, essa questão é quase irrelevante" (Cole, *op. cit.,* p. 214).

[20] Embora a palavra *novo* não tenha um apoio adequado dos manuscritos, ela é teologicamente precisa; a declaração como um todo reflete Jr 31.31 e Ez 37.26.

[21] Estes Salmos são chamados de "Salmos de Louvor" porque começam (Salmo 113.1) com o termo "Aleluia".

[22] NBC, p. 835.

[23] A palavra *proaxo* ou "irei adiante" dá continuidade à analogia do pastor conduzindo as suas ovelhas.

[24] "O tempo foi definido com crescente precisão" (Cranfield, *op. cit.*, p. 429). "O cantar do galo marca a terceira vigília da noite" (Robertson, *op. cit.*, p. 383).

[25] *Macbeth*, de Shakespeare, Ato III, Cena II.

[26] Cranfield, *op. cit.*, p. 432.

[27] *Op. cit.*, p. 170.

[28] © 1951 por Lillenas Publishing Co.

[29] Taylor (*op. cit.*, p. 557) aceita uma outra leitura, *apechei to telos*. Entretanto, a maioria dos estudiosos acredita que a palavra *apechei* deveria estar sozinha e ser traduzida como "Já é o bastante!". Ou outras palavras com o mesmo sentido.

[30] A palavra **vamos** (42) pode representar uma expressão militar com o significado de "Em frente!"

[31] Uma identificação que Marcos nunca nos deixará esquecer.

[32] Os **principais dos sacerdotes**, os **escribas** e os **anciãos** (43) constituíam os membros daquele grupo.

[33] O verbo composto (*katephilesen*) foi traduzido como beijou e "denota uma certa prodigalidade no ato" (Gould, *op. cit.*, p. 274).

[34] João (18.10), que escreveu depois da morte de Pedro, afirma claramente que foi "Simão Pedro".

[35] As passagens paralelas (Mt 26.51-53; Lc 22.49-51; Jo 18.10-11) devem ser lidas para que seja possível entender outros detalhes.

[36] Possivelmente sugerindo um ministério mais extenso do que aquele que é indicado pelo breve relato de Marcos.

[37] Gould, *op. cit.*, p. 275.

[38] Cf. Barclay, *op. cit.*, pp. 365-66.

[39] Cf. A palavra traduzida como **nu** (*gymnos*) também pode ser traduzida como "pouco vestido".

[40] Hunter, *op. cit.*, p. 142.

[41] Para evidências conclusivas veja Major, *op. cit.*, p. 180.

[42] Veja João 18.15. Essa é a razão pela qual Pedro foi capaz de ficar tão perto.

[43] Neste caso, a palavra para **fogo** ou **lume** (*phos*) "nunca é usada para o próprio fogo, mas para a luz do fogo" (Vincent, *op. cit.*, p. 229). Foi essa luz que chamou a atenção da criada em direção a Pedro (66).

[44] Robertson, *op. cit.*, p. 387.

[45] O Messias nem sempre foi considerado o Filho de Deus, mas Jesus já havia afirmado que Ele o era (veja Mt 11.27; Lc 10.22).

[46] "A lei proibia o Sumo Sacerdote de rasgar as suas vestes nas situações em que se tratasse de problemas particulares (Lv 10.6; 21.10), mas quando ele agia como juiz era obrigado, segun-

do o costume, a exprimir desta maneira o seu horror perante qualquer blasfêmia que fosse proferida em sua presença" (Swete, *op. cit.*, p. 360).

[47] IB, VII, 887.

[48] Quanto à tentativa de legalizar esta ação veja 15.1.

[49] Cole, *op. cit.* p. 231.

[50] Cranfield (*op. cit.*, p. 447) acredita que esta redação, assim como a última frase do versículo 70, deveria ser traduzida como: "A despeito dos impressionantes testemunhos de omissão".

[51] Até uma leitura superficial dos Evangelhos irá revelar as diferenças existentes nos relatos das negações de Pedro. Porém, elas não afetam a historicidade desse acontecimento. "Obviamente, não há nenhum conluio aqui" (Major, *op. cit.* p. 183).

[52] Esta expressão pode se referir a uma observação sobre o tempo, "um toque de corneta que era chamado de *gallicinium*... a expressão latina para o cantar do galo (Barclay, *op. cit.*, pg 371). Se este raciocínio estiver correto, este som seria um sinal para a troca da guarda, provavelmente às três horas da manhã.

[53] O significado exato dessa palavra, *epibalon*, é duvidoso.

[54] O relato de João (18.33-37) reproduz uma conversa completa entre Pilatos e Jesus dentro da sala da audiência (ou pretório). Cf. todos os relatos paralelos para ter um quadro mais completo.

[55] Amós 8.11, Phillips.

[56] Connick (*op. cit.* p. 389) menciona este costume romano e também um preceito do Talmude que "pode refletir esta prática dos judeus na época de Jesus".

[57] Alguma revolta judaica bem conhecida contra Roma.

[58] Uma tradução mais confirmada de **dando gritos** (8).

[59] Barclay, *op. cit.*, p. 376.

[60] "*Sacudiu* como um terremoto" (Robertson, *op. cit.*, p. 393).

[61] Cf. Cranfield, *op. cit.*, p. 450 e Connick. *op. cit.*, p. 390.

[62] Gould, *op. cit.*, p. 285.

[63] Veja também Mateus 27.19.

[64] Uma preparação brutal para a crucificação. O chicote com cordas de couro que levava pedaços de metal e ossos, deixava as costas da vítima em farrapos.

[65] Cf. Taylor, *op. cit.*, pp. 646-48.

[66] Uma *coorte* tinha 600 homens.

[67] Major, *op. cit.*, p. 188.

[68] "Uma cruel imitação da coroa de louros usada pelo Imperador" (*ibid*).

[69] O significado de **Rei** (*basileus*) para eles.

[70] Uma parte da punição da pessoa condenada consistia em carregar a peça horizontal da cruz. Alguns entendem que ela pesava "cerca de 35 a 40 quilos" (Connick, *op. cit.*, p. 392).

[71] Cf. Mt 5.41, onde a mesma palavra foi usada.

[72] Connick, *op. cit.*, p. 393.

[73] *Ibid.*, p. 395.

[74] O versículo 28 está ausente nos manuscritos mais importantes.

[75] "Os Evangelistas registram seis zombarias dirigidas a Jesus: 1) Pelos servos do Sumo Sacerdote; 2) por Herodes Antipas e seus soldados; 3) pelos soldados da guarda romana, 4) pelo público em geral, 5) pelos sacerdotes e escribas, 6) pelos dois criminosos crucificados" (Major, *op. cit.*, p. 189).

[76] "Um gesto oriental de desprezo" (Johnson, *op. cit.*, p. 255). Cf. Is 37.22; Jr 18.16.

[77] Lm 1.12. Cf. a obra *The Messiah*, de G. F. Handel, Nº. 30.

[78] Gould, *op. cit.*, p. 293.

[79] Sobre o aparente conflito com João 19.14, veja Earle, *op, cit.*, p. 183.

[80] Amós 8.9.

[81] Cranfield, *op. cit.*, p. 458.

[82] *Ibid.*

[83] Acredita-se que corresponda a cerca da metade do tempo que as vítimas geralmente levavam para morrer.

[84] Lucas e João expressam outras três "palavras" proferidas na Cruz. Mateus e Marcos relatam as mesmas declarações. As de Lucas estão em 23.34, 43, 46. As de João estão em 19.26-27, 28, 30.

[85] IB, VII, 907.

[86] Atos 6.7 pode nos dar uma indicação sobre o efeito desse presságio.

[87] A despeito do que o centurião quis dizer (veja Lc 23.47), a intenção de Marcos está bastante clara (cf. 1.1).

[88] Barclay, *op. cit.*, p. 384.

[89] "Possivelmente possa ser identificado com Rathamin, cerca de trinta quilômetros a noroeste de Jerusalém" (cf. 1 Sm 1.1).

[90] José não só arriscou provocar a ira de Pilatos, como também sofrer o ostracismo por parte de seus companheiros do concílio.

[91] IB, VII, 910 (Exposição).

[92] *Ibid.*

SEÇÃO VIII

[1] *Op. cit.*, p. 154.

[2] Que logo passaria a ser conhecido como o Dia do Senhor (Ap 1.10).

[3] Sugerindo uma atitude de tristeza ou que o sepulcro estava em uma colina acima delas.

[4] Esta frase poderia estar na forma de uma pergunta: Estão procurando?

[5] IB, VII, 913.

[6] Essa palavra também pode ser traduzida como "grandemente admiradas" e foi traduzida dessa forma em outra passagem de Marcos (KJV). Veja 9.15; cf. 14.33.

[7] Cranfield, *op. cit.*, pp. 465-66; q.v. como um protesto contra a contemporânea rejeição dos anjos, como se fossem uma "piedosa fantasia".

[8] "Até um judeu como Klausner afirma que isso seria inacreditável" (Hunter, *op. cit.*, p. 157).

[9] NBC, p. 839.

[10] Veja Earle, *op. cit.*, p. 20, para um resumo útil do problema.

[11] Hunter, *op. cit.*, p. 156.

Bibliografia

I. LIVROS

ABBOTT-SMITH, G. *A Manual Greek Lexicon of the New Testament.* Edinburgh: T. & T. Clark, 1937.

ARNDT, W. F., and GINGRICH, F. W. (eds.). *A Greek-English Lexicon of the New Testament.* Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

BARCLAY, William. *The Daily Study Bible: The Gospel of Mark.* Philadelphia: The Westminster Press, 1954.

BRANSCOMB, B. Harvie. *The Gospel of Mark.* "The Moffatt New Testament Commentary". Editado por James Moffatt. New York: Harper and Brothers Publishers, s.d.

BRIGHT, John. The Kingdom of God. New York: Abingdon-Cokesbury, 1953.

BRUCE, A. B. "The Synoptic Gospels". *The Expositor's Greek Testament.* Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.

COLE, R. A. *The Gospel According to St. Mark.* "The Tyndale New Testament Commentaries". Editado por R. V. G. Tasker. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.

CONNICK, C. Milo. Jesus: *The Man, the Mission, and the Message.* Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc., 1963.

CRANFIELD, C. E. B. *The Gospel According to Saint Mark.* "The Cambridge Greek Testament Commentary". New York and London: Cambridge University Press, 1959.

DUMMELOW, J. R. (ed.). *A Commentary on the Whole Bible.* New York: Macmillan Co., 1956 (reimpressão).

EARLE, Ralph, *et al.*, *Exploring the New Testament.* Kansas City: Beacon Hill Press,1955.

EARLE, Ralph. *The Gospel According to Mark.* "The Evangelical Commentary on the Bible". Editado por George A. Turner, *et al.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957.

GOULD, Ezra P. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Mark.* "The International Critical Commentary". Editado por S. R. Driver, *et al.* Edinburgh: T. & T. Clark, 1955 impressão.

GRANT, F. C. "The Gospel According to St. Mark" (Exegesis). The Interpreter's Bible. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

Harper's Bible Dictionary. Editado por Madeleine S. Miller e J. Lane Miller. Sexta edição, New York: Harper and Brothers, Publishers, 1959.

HUNTER, A. M. *The Gospel According to Saint Mark.* "A Torch Bible Commentary". Editado por David L. Edwards, *et al.* New York: Collier Books, 1962 (reimpressão).

JACOB, Philip E. *Changing Values in College.* New York: Harper and Brothers, Publishers, 1957.

JOHNSON, Sherman E. *A Commentary on the Gospel According to St. Mark.* "Harper's New Testament Commentaries". New York: Harper and Brothers, Publishers, 1960.

LUCCOCK, Halford E. "The Gospel According to St. Mark" (Exposition). *The Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture: St. Mark.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938 (reimpressão).

MAJOR, H. D. A. "The Gospel According to St. Mark: Text and Commentary". The Mission and Message of Jesus, de H. D. A. Major, T. W. Manson, e C. J. Wright. New York: E. P. Dutton and Co., 1938.

MITTON, C. L. *The Good News*. "Bible Guides". Editado por William Barclay e F. F. Bruce. Nº 13. London: Lutterworth Press, 1961.

Oxford Annotated Bible. Editado por Herbert G. May e Bruce M. Metzger. New York: Oxford University Press, 1962.

ROBERTSON, A. T. Word Pictures in the New Testament, Vol. I. Nashville: Broadman Press, 1930.

SALMOND, S. D. F. *St. Mark*. "The Century Bible". Editado por W. F. Adeney. Edinburgh: T. C. e E. C. Jack, s.d.

SWETE, Henry Barclay. *The Gospel According to St. Mark*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956 (reimpressão).

SWIFT, C. E. Graham. "The Gospel According to Mark". *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

TAYLOR, Vincent. *The Gospel According to St. Mark*. London: Macmillan and Co., Ltd., 1959.

TRENCH, Robert C. "Prayer." *The World's Great Religious Poetry*. Editado por Caroline M. Hill. New York: The Macmillan Co., 1943.

TRUEBLOOD, D. E. *Foundations for Reconstruction*. New York: Harper and Brothers, Publishers, 1946.

UNGER, Merrill F. *Unger's Bible Dictionary*. Chicago: Moody Press, 1957.

VINCENT, Marvin R. *Word Studies of the New Testament*, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946.

Westminster Study Edition of the Holy Bible. Editado por F. W. Dillistone, *et al.* Philadelphia: The Westminster Press, 1948.

II. ARTIGOS

CARTLEDGE, Samuel A. "The Gospel of Mark". *Interpretation*, IX, No. 2 (Abril de 1955), 186-99.

CRANFIELD, C. E. B. "Mark, Gospel of". *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. III. New York: Abingdon Press, 1962.

DEASLEY, A. R. G. "The New Testament and Divorce". *Interchange*, I, Nº. 1 (inverno de 1961-62), 12-17.

REES, Paul. "As in Thy Sight". *Christianity Today*, VI, Nº. 8 (19 de janeiro de 1962), 10-12.

RICHARDSON, Alan. "The Feeding of the Five Thousand". *Interpretation*, IX, Nº. 2 (Abril de 1955), 144-49.

SCHINDLER, John A. "Your Mind Can Keep You Well". *Reader's Digest*, LV, Nº. 332 (Dezembro de 1949), 51-55.

O Evangelho Segundo
LUCAS

Charles L. Childers

Introdução

O Evangelho de Lucas tem sido chamado de "o mais belo livro do mundo", e, juntamente com Atos dos Apóstolos, considerado "o mais ambicioso empreendimento literário da igreja na antiguidade". Se tais expressões de louvor podem parecer extravagantes, elas pelo menos ajudam a preparar as pessoas para o estudo de uma obra que é, sem qualquer dúvida, uma porção muito significativa da Bíblia e uma das obras-primas da literatura antiga.

A. Autoria

Tanto a tradição antiga como os estudiosos modernos concordam que o autor do terceiro Evangelho era Lucas, o "médico amado" e companheiro do apóstolo Paulo. Declarações no sentido de que Lucas era o autor tanto do terceiro Evangelho como de Atos podem ser encontradas desde a segunda metade do século II; dessa época em diante, a tradição tem sido unânime em confirmar esta assertiva. Na verdade, não existe nenhuma prova de que esse Evangelho tenha sido atribuído, em qualquer momento, a outro autor que não fosse Lucas.

Podemos mais prontamente aceitar o veredicto da tradição quando nos lembramos de que existem muitos evangelhos "espúrios" falsamente atribuídos a vários apóstolos e a outras testemunhas oculares do ministério de Cristo. Lucas, entretanto, não foi nem uma testemunha ocular, nem suficientemente proeminente no Novo Testamento para que um livro lhe fosse atribuído, a não ser que, realmente, fosse ele o autor.

Embora em nenhum lugar Lucas tenha afirmado ser ele o autor tanto do terceiro Evangelho como de Atos, evidências internas do Novo Testamento dão sólido suporte à posição de que ele foi o autor dos dois livros. Em primeiro lugar, é evidente que tanto Lucas quanto Atos foram escritos pela mesma pessoa. Ambos foram dirigidos ao mesmo homem, Teófilo; e o livro de Atos, em seu prefácio, fala sobre um "primeiro tratado". Além disso, um exame mais acurado do estilo literário e do vocabulário dos dois livros revela uma semelhança demasiadamente grande e suficiente que explica, acima de qualquer outro fundamento, que são obras do mesmo autor.

Outro elo nessa cadeia de evidências é formado pelas famosas seções "nós" em Atos.[1] Estas passagens indicam claramente que o autor era companheiro de Paulo. Como Lucas é o único companheiro conhecido de Paulo (com exceção de Tito), que não recebeu outra identificação em Atos, parece óbvio que ele foi o autor.[2]

Muito pouco se sabe a respeito de Lucas. Seu nome é mencionado apenas três vezes no Novo Testamento. Em sua carta aos Colossenses (4.14) Paulo se refere a ele como o "médico amado", e em sua Epístola a Filemom (24) Paulo chama Lucas de seu "cooperador". Depois, em sua última carta – Segunda Epístola a Timóteo (4.11) – Lucas é mencionado como o único companheiro de Paulo na época em que esta Epístola foi escrita.

As seções "nós" em Atos indicam que Lucas se juntou ao grupo de Paulo em Trôade em sua segunda viagem missionária (16.10) e que foi seu companheiro pelo menos até Filipos. Quando o apóstolo se mudou para Tessalônica, o pronome da terceira pessoa

indica que Lucas não estava mais ao seu lado. A próxima seção "nós" (20.5) mostra que Lucas havia novamente se reunido ao grupo de Paulo quando o apóstolo retornou da Grécia em sua terceira viagem missionária. Ele se juntou a esse grupo missionário em Filipos e o acompanhou até Jerusalém. A última seção "nós" (27.1) indica que Lucas acompanhou Paulo em sua viagem a Roma. Ele esteve com Paulo em Roma na época em que este escreveu as Epístolas a Filemom e aos Colossenses e, mais tarde, na época da Segunda Epístola a Timóteo – pouco antes da morte de Paulo.

Existem poucas referências interessantes a Lucas nos escritos dos patriarcas da igreja, mas estas referências pouco acrescentam àquilo que poderia ser aceito como um fato, pois os relatos muitas vezes são contraditórios. Entretanto, a referência feita por Paulo, chamando-o de médico, está em harmonia não só com a tradição, como também a linguagem médica tanto no Evangelho como em Atos corroboram essa afirmação.[3]

B. Local e Data da Obra

O Evangelho pode ter sido escrito em Cesaréia, enquanto Paulo esteve ali aprisionado. Certamente este deve ter sido um período em que Lucas coletou a maior parte do seu material. Também é possível que Lucas tenha escrito o seu Evangelho em algum outro lugar – na Grécia ou na Ásia Menor, depois de Paulo ter sido libertado de seu primeiro aprisionamento em Roma – Cesaréia parece ser o lugar mais provável e Roma teria sido o lugar onde o livro de Atos foi escrito ou concluído.

A obra pode ter sido escrita em alguma época entre 58 e 69, pois é improvável que ele tivesse escrito o seu Evangelho antes da estada na Palestina. A maneira de Lucas tratar as profecias de Jesus sobre a destruição de Jerusalém deixa bem claro que ele escreveu antes do cumprimento dessas profecias.[4] Se, como foi sugerido acima, o Evangelho foi escrito em Cesaréia, então o ano 58 seria a data mais provável.

C. Propósito

No prefácio, Lucas declara o propósito da sua obra. Ele está escrevendo primeiramente para dar a Teófilo um conhecimento mais completo e satisfatório a respeito de Jesus Cristo. Teófilo havia recebido informações rudimentares e Lucas achava que precisava de mais instruções, ou possivelmente Teófilo tenha pedido a Lucas para lhe fornecer um relato mais adequado. Mas não há dúvida de que Lucas tinha em mente uma audiência mais numerosa que um único e proeminente indagador. Ele provavelmente sentiu que a igreja, como um todo, precisava de um Evangelho mais completo do que aquele que existia na ocasião.

D. Fontes

Estudiosos do Novo Testamento acreditam atualmente que o livro de Marcos, assim como outros relatos escritos sobre certas fases do ministério de Jesus, foram usados por Lucas na composição de seu Evangelho. Geralmente, duas dessas fontes têm nomes: "Q" é

a designação dada a um suposto documento que contém material usado tanto por Lucas como por Mateus, mas que não é encontrado em Marcos, e "L" é a designação do documento do qual supõe-se que Lucas tenha obtido o material que é peculiar ao seu Evangelho.

Também é amplamente reconhecido que essa explicação é uma exagerada simplificação desse assunto, e que outros documentos – de número indeterminado – foram supostamente usados. Certamente é possível, e até provável, que Lucas tenha usado essas fontes escritas. Em seu prefácio ele menciona "muitos" que tinham se encarregado de fazer um relato do Evangelho. Embora pense claramente que eles seriam inadequados para tal propósito, Lucas, no entanto, pode ter tido a oportunidade de usar estes escritos. Pelo menos, ele teria lido esses relatos para ver se poderia acrescentá-los às suas próprias fontes.

Mas uma fonte adicional da qual certamente Lucas se utilizou era a pregação, e, sem dúvida, as conversas particulares com seu companheiro, o apóstolo Paulo. Ele teve uma grande oportunidade de se aproveitar disso. Além disso, enquanto Paulo estava na prisão de Cesaréia, Lucas teve dois anos para fazer uma detalhada pesquisa sobre a terra natal de Jesus. Talvez nesse local ele pudesse ter falado com um grande número de testemunhas oculares do ministério de Jesus, inclusive Maria, a mãe de Jesus, de quem poderia muito bem ter ouvido acerca dos fatos que usou na narrativa do nascimento do Salvador. Ele também pode ter encontrado fontes escritas na Palestina.

E. Características

1. *O Mais Literário*

A estrutura, o vocabulário e o estilo do registro de Lucas fazem dele o mais literário dos Evangelhos. Algumas parábolas que somente ele relata estão entre as histórias mais amadas do mundo – "O Bom Samaritano", "O Filho Pródigo", e outras.

2. *O Evangelho dos Hinos*

Intimamente aliado à sua importância é o fato de Lucas nos dar alguns dos hinos mais belos do cristianismo. Ele é considerado por alguns como o primeiro estudioso dos hinos cristãos. Entre eles estão o "Benedictus", o "Magnificat", o "Nunc Dimittis", e a "Gloria in Excelsis" – todos nos dois primeiros capítulos.

3. *O Evangelho das Mulheres*

As mulheres ocupavam uma posição inferior na Palestina, assim como em todo o mundo da antiguidade, mas o Evangelho de Lucas é notável pela atenção que dedica a elas. Esse fato é claramente demonstrado pela importância de várias mulheres nesse Evangelho, como por exemplo: Isabel; Maria, a mãe de Jesus; as irmãs Maria e Marta; Maria Madalena e outras.

4. *O Evangelho da Oração*

Lucas disse mais sobre a oração do que qualquer outro Evangelista. Ele mostra Jesus em oração nos momentos mais importantes da Sua vida. Somente Lucas nos relata as parábolas do "Amigo importuno" (11.5-13), do "Juiz Iníquo" (18.1-8), e do "Fariseu e o Publicano" (18.9-14).

5. *O Evangelho para os Gentios*

O fato de o Evangelho de Lucas ter sido escrito especificamente para os gentios pode ser verificado pelas seguintes circunstâncias: *a*) Por ser dirigido a um gentio, Teófilo; *b*) os termos judaicos são evitados ou explicados ou são usados termos gregos equivalentes; *c*) ele raramente faz citações do Antigo Testamento; e *d*) ele começa a datar os fatos a partir do imperador reinante, e do governador romano daqueles dias.

6. *O Evangelho do Salvador Universal*

Lucas apresenta Jesus como o Salvador de todos os homens. Parábolas como "O Bom Samaritano", "O Filho Pródigo" e "O Fariseu e o Publicano" refletem seu interesse pelos oprimidos e pelos rejeitados.

Esboço

I. Prefácio (1.1-4)

II. O Nascimento e a Juventude de Jesus (1.5—2.52)

A. A Anunciação a Zacarias (1.5-25)
B. A Anunciação a Maria (1.26-38)
C. A Visita de Maria a Isabel (1.39-56)
D. O Nascimento de João (1.57-80)
E. O Nascimento de Jesus (2.1-20)
F. A Infância e a Juventude de Jesus (2.21-52)

III. A Preparação Para o Ministério de Cristo (3.1—4.13)

A. A Pregação de João (3.1-20)
B. O Batismo de Jesus (3.21-22)
C. A Genealogia de Jesus (3.23-28)
D. A Tentação de Jesus (4.1-13)

IV. O Ministério na Galiléia (4.14—9.50)

A. O Primeiro Período (4.14-44)
B. O Segundo Período (5.1—6.11)
C. O Terceiro Período (6.12—8.56)
D. O Quarto Período (9.1-50)

V. A Viagem para Jerusalém – O Ministério na Peréia (9.51—19.27)

A. O Primeiro Estágio (9.51—13.21)
B. O Segundo Estágio (13.22—17.10)
C. O Terceiro Estágio (17.11—19.27)

VI. O Ministério em Jerusalém (19.28—21.38)

A. A Entrada em Jerusalém e a Purificação do Templo (19.28-48)
B. O Ensino Diário no Templo (20.1—21.4)
C. A Revelação do Futuro (21.5-38)

VII. A Paixão de Cristo (22.1—23.56)

A. A Preparação Final (22.1-13)
B. A Última Ceia (22.14-38)
C. O Getsêmani (22.39-53)
D. O Julgamento Judaico (22.54-71)
E. O Julgamento Romano (23.1-25)
F. A Crucificação e o Sepultamento (23.26-56)

VIII. O Cristo Ressuscitado (24.1-53)

A. A Ressurreição (24.1-12)
B. Aparições do Senhor Ressuscitado (24.13-49)
C. A Ascensão (24.50-53)

SEÇÃO I

PREFÁCIO

Lucas 1.1-4

O Evangelho de Lucas inicia com um curto prefácio que segue a forma de introdução utilizada pelos historiadores gregos – Heródoto, Tucídides, Políbio e outros. É o único exemplo, nos quatro Evangelhos, onde o autor dá um passo à frente e, utilizando a primeira pessoa, declara o seu objetivo e plano de escrita. O Evangelho de Lucas também é o único Evangelho que foi dirigido especificamente a uma ou mais pessoas.

Tendo, pois, muitos empreendido (1) indica que houve muitos evangelhos ou narrativas, pelo menos de partes do ministério de Jesus, antes que Lucas escrevesse o seu Evangelho. Esses textos poderiam ter incluído coletâneas de dizeres, milagres, parábolas, etc. Normalmente, isto é entendido como uma evidência de que Lucas utilizou fontes escritas e pode assim ser interpretado (veja a Introdução). No entanto, Lucas não afirma que usou esses textos como fontes, mas deixa fortemente implícito que eram insatisfatórios ou inadequados. Se ele tivesse se sentido completamente satisfeito com algum deles, não teria escrito um Evangelho. Não foi afirmado se eram simplesmente incompletos, ou se eram imprecisos. Mas a completa ausência de uma crítica contrária, e a implicação de que esses textos, assim como o seu próprio, se originaram do testemunho visual, deixam bastante claro que a sua objeção se devia ao fato de que eram incompletos.

Os fatos que entre nós se cumpriram é uma expressão que pode ser traduzida como "as coisas que aconteceram entre nós". Isto se refere aos fatos do evangelho – a vida histórica, as obras e os ensinos de Jesus. Eles são fatos históricos estabelecidos e certos, que assim devem ser aceitos.

Nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros (2) é uma expressão que dá a entender que a informação que Lucas apresenta no seu Evangelho veio daqueles que foram testemunhas visuais desde o início do ministério de Jesus. Poderiam ser, basicamente, os apóstolos. Mas Lucas também nos informa que ele não foi uma testemunha ocular. Isto revela tanto a sua humildade quanto a sua honestidade.

Havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio (3) literalmente significa: "tendo me familiarizado desde o princípio com precisão sobre todas as coisas". Isto não afirma que ele fosse uma testemunha ocular. É uma declaração de que a sua pesquisa o familiarizou com precisão sobre todos os fatos pertinentes à vida de Jesus. Também parece ser uma indicação de que ele retrocedeu até além da tradição apostólica – que começa com o início do ministério de Jesus. Lucas não somente retrocedeu até o nascimento de Jesus, mas até às anunciações, tanto de Jesus quanto do seu precursor, João Batista.

Por sua ordem significa literalmente "uma depois da outra". Lucas se propõe a fornecer uma apresentação ordenada do ministério de Jesus. Quando observamos o Evangelho completo, observamos que esta "ordem" incluía a organização lógica, assim como a cronológica.

O nome **Teófilo** significa "o que ama a Deus" ou "amigo de Deus". Também pode ser interpretado como "o amado de Deus". Alguns comentaristas sugeriram que esse nome poderia se referir a um grupo de pessoas – os que amam a Deus – mas o fato de o nome encontrar-se na forma singular invalidaria esse uso. Não há razão para duvidar que fosse o nome de uma pessoa.

Excelentíssimo é um título de respeito, usado para pessoas de autoridade. Teófilo foi provavelmente um oficial romano. Talvez isto seja ressaltado pelo fato de o autor utilizar o mesmo título, no original em grego, três vezes no livro de Atos (nessas ocorrências, traduzido como "potentíssimo") e nessas três vezes ele se dirige a um oficial romano.[1]

Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado (4) dá a entender que Teófilo era um convertido ao cristianismo ou um pesquisador interessado nos fatos e no ensino do evangelho. O seu conhecimento é incompleto, e é possível que exista algum perigo de que ele tenha sido mal orientado por informações inverídicas. Ele parece ter sido previamente instruído por Lucas ou por alguém próximo a ele, e Lucas se sente na obrigação de aperfeiçoar essa instrução.

Não precisamos supor que o evangelho de Lucas tenha sido escrito apenas para Teófilo. A extensão do seu trabalho, a sua perfeição literária e a grande quantidade de tempo e de esforço necessários para a escrita certamente indicam que o autor dirigia o seu Evangelho a todos aqueles gentios que, como Teófilo, estavam interessados, ou poderiam interessar-se, por uma narrativa fiel do ministério de Jesus de Nazaré. Já se observou (veja Introdução) que este Evangelho é considerado o "Evangelho para os Gentios".

SEÇÃO II

O NASCIMENTO E A JUVENTUDE DE JESUS

Lucas 1.5—2.52

Esta parte das Escrituras contém a narrativa mais completa do nascimento e da infância de Jesus no Novo Testamento. Dois dos Evangelhos (Marcos e João) não falam da Natividade. O relado da Natividade de Mateus é diferente do de Lucas em três aspectos: *a*) é mais curto que o de Lucas; *b*) está escrito a partir do ponto de vista de José, ao passo que o de Lucas está escrito a partir do ponto de vista de Maria; e *c*) os fatos que Mateus escolheu para compor a sua narrativa são completamente diferentes daqueles que foram escolhidos por Lucas.

Existe uma mudança de estilo no texto original em grego, quando se passa do prefácio à história da Natividade. O primeiro é um excelente exemplo de grego clássico; a segunda é abundante em palavras hebraicas. Alguns estudiosos sugeriram que essas palavras indicam uma simples cópia das suas fontes. Mas o fato de que os elementos característicos do estilo de Lucas podem ser encontrados nesta seção, prova que esta suposição é incorreta. É bastante possível que ele de propósito nos esteja transmitindo o caráter genuinamente judaico das histórias. Uma coisa parece certa: Lucas seguiu as suas fontes de forma suficientemente fiel para preservar o sabor hebraico da narrativa.

A. A ANUNCIAÇÃO A ZACARIAS, 1.5-25

1. *A Apresentação de Zacarias* (1.5-7)

No tempo de Herodes, rei da Judéia (5), é um dos muitos exemplos do cuidado de Lucas em fixar a data dos acontecimentos. Este procedimento ajuda a garantir

a precisão dos fatos, porque este esquema de datas possibilita aos leitores a confirmação das narrativas.

Este Herodes normalmente é chamado "o Grande". Ele não era um judeu de nascimento, mas sim um idumeu, filho de Antípater. Ele dizia ser um prosélito, um convertido à religião judaica, mas toda a sua vida deixa claro que ele não apoiava religião alguma, exceto a que pudesse levar à satisfação dos seus interesses e ambições egoístas. Herodes era um instrumento dos romanos. Ele foi oficializado rei dos judeus pelo senado romano por sugestão de Antônio, depois que Herodes lhe prometeu uma grande quantia em dinheiro.[1]

Da ordem de Abias, a oitava das 24 ordens – turnos de trabalho em que Davi dividiu os sacerdotes (1 Cr 24.10). Qualquer homem descendente de Arão era um sacerdote. Eles acabaram sendo tão numerosos que muitos deles nunca teriam tido oportunidade de servir se não houvesse alguma organização como aquela que foi efetuada por Davi. Os sacerdotes tinham a permissão de se casar somente com mulheres de linhagem judaica pura, e era considerado particularmente meritório casar-se com uma mulher que fosse descendente de Arão. Dessa forma, o casamento entre Zacarias e Isabel era de alto nível.

Eram ambos justos perante Deus (6) parece indicar uma retidão tanto moral quanto cerimonial, em termos religiosos, de acordo com os padrões do Antigo Testamento. Zacarias, Isabel e o seu filho formam um tipo de ponte entre o Antigo e o Novo Testamento.

Vivendo irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor significa sendo fiéis a todas as exigências de Deus. "Mandamentos" parece referir-se aos Dez Mandamentos, ou à lei moral em geral, e "preceitos" à lei judicial e cerimonial.

E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade (7). O versículo 6 deixa claro que Deus estava satisfeito com Zacarias e Isabel. No entanto, aqueles israelitas que os conheciam não imaginariam isso, porque se acreditava que a falta de filhos era um sinal de desaprovação divina. Esta falta de filhos também trazia uma humilhação adicional ao casal: eles achavam que nunca poderiam sentir a esperança que todos os casais judeus sentiam, de poderem ser os pais do Messias. A infertilidade e a idade avançada se combinavam para tornar a paternidade uma impossibilidade física. É interessante observar que este caso é um paralelo perfeito com o caso de Abraão e Sara.

2. *A Aparição do Anjo do Senhor* (1.8-12)

Exercendo ele o sacerdócio diante de Deus (8) indica que se tratava de um sacerdote – em uma época em que o sacerdócio era freqüentemente corrupto e secularizado – que percebia o caráter sagrado do seu trabalho e o relacionamento, tanto do seu trabalho quanto da sua pessoa, com Deus. Deus não somente escolhe grandes homens para executarem grandes tarefas, mas Ele também destina grandes pais para esses homens – grandes, de acordo com o padrão de Deus.

Na ordem da sua turma significa a ordem de Abias (veja o comentário sobre o versículo 5). Na Páscoa, no Pentecostes, e na Festa dos Tabernáculos todos os sacerdotes serviam simultaneamente, mas durante o resto do ano cada uma das 24 ordens servia durante uma semana a cada seis meses. Zacarias estava servindo durante uma dessas semanas no Templo. Depois de terminar o seu período de serviço, ele retornaria à sua casa.

Os deveres do sacerdote eram atribuídos por meio da **sorte** sagrada (9). A maior honra que um sacerdote poderia ter era a de oferecer incenso, e um sacerdote não poderia tirar outra sorte melhor durante aquela semana de serviço. O incenso era oferecido antes do sacrifício matinal, e depois do sacrifício vespertino, no altar do incenso. Este altar se localizava no Tempo, imediatamente antes do véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo.

Toda a multidão... estava fora, orando, à hora do incenso (10). Esta era uma ocasião altamente sagrada. O incenso oferecido simbolizava as orações do povo, que eram ofertadas ao mesmo tempo, pelas mulheres no pátio das mulheres, pelos homens no pátio dos homens e pelos demais sacerdotes no pátio dos sacerdotes.

Então, um anjo do Senhor lhe apareceu [a Zacarias] (11). A voz divina da revelação não havia se pronunciado durante quatro séculos. Então, de repente, apareceu o anjo do Senhor. Observamos que o anjo não "se aproximou", ele *apareceu* – de repente, sem aviso. O fato de ele ter aparecido a um sacerdote no Templo ressalta as características de Antigo Testamento desse início da revelação do Novo Testamento. João seria um precursor do Cristo que viria e do seu Reino. Ele também seria um elo com a revelação do Antigo Testamento, que agora estava chegando ao seu final.

À direita do altar do incenso é o lado norte, entre o altar do incenso e a mesa dos pães da proposição. Observamos como Lucas é específico com os mínimos detalhes. Esta é uma característica que podemos observar em todo o seu Evangelho, e é mais uma prova da sua autenticidade.

Zacarias... turbou-se... e caiu temor sobre ele (12). Esta era uma reação natural sob estas circunstâncias incomuns.

3. *A Mensagem do Anjo* (1.13-17)

O anjo lhe disse... não temas (13). Embora o medo fosse a reação humana natural, a missão do anjo proporcionava motivo para alegria. A sua presença não era uma indicação do desagrado de Deus, mas da Sua aprovação, e da adequação de Zacarias para uma tarefa divina muito significativa.

... a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho. A oração à qual o anjo se refere deve ter sido feita em um período anterior da vida de Zacarias; a sua dificuldade em acreditar na promessa do anjo evidencia que há muito tempo ele já tinha deixado de orar por um filho, ou até mesmo de esperar por ele. Mas Deus não se esquece das orações passadas. O que parece ser uma demora ou uma recusa da parte de Deus, é somente a Sua perfeita sabedoria e o Seu perfeito planejamento. Alguns estudiosos opinam que a oração mencionada aqui foi para a vinda do Messias ou para a libertação de Israel, mas isto não seria coerente com o contexto. Sem dúvida, Zacarias orava freqüentemente pedindo essas coisas, mas a oração mencionada era aquela em que ele pedia um filho.

E lhe porás o nome de João. Deus não apenas convocava e enviava os seus profetas, mas também freqüentemente lhes dava o nome. "João" significa "Jeová mostra graça" ou "a misericórdia" ou "a graça de Jeová".[2] Este era um nome apropriado para alguém cujo ministério demonstra tão claramente a lembrança e a misericórdia de Deus para com o seu povo.

E terás prazer e alegria (14) significa, literalmente, "ele será a sua alegria e o seu júbilo". A alegria interior e a honra exterior viriam a Zacarias como resultado da vida e

do ministério do seu filho. **...e muitos se alegrarão no seu nascimento** é uma frase que não significa "por ocasião do seu nascimento" mas sim "graças ao seu nascimento". Essa gratidão futura não poderia ter sido apreciada pelas multidões por ocasião do seu nascimento.

Ele **será grande diante do Senhor** (15) deixa implícito: "verdadeiramente grande", "grande no mais elevado sentido da palavra". Aqui também pode haver um contraste implícito intencional entre a grandeza de João e a grandeza terrena – uma diferença radical de tipos de grandeza.

Não beberá vinho, nem bebida forte literalmente significa "nem vinho nem bebidas inebriantes". Esta proibição significa que João era um nazireu,[3] e coloca-o no mesmo grupo de Sansão e Samuel.

Será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. Neste particular, João parece mais um profeta do Antigo Testamento do que um ministro do Novo Testamento. Ser cheio do Espírito Santo desde o nascimento é diferente da escolha individual que está relacionada com a santificação pessoal. Aqui ela inclui a indicação e a adequação para o trabalho profético.

Converterá muitos dos filhos de Israel (16). Esta profecia foi literalmente cumprida (Lc 3.10-18).

Irá adiante dele no espírito e virtude de Elias (17) é uma referência a Malaquias 3.1 e 4.5-6 e aponta claramente João como o precursor prometido do Messias, o cumprimento da profecia de Malaquias. **Dele**, aqui, se refere ao "Senhor, seu Deus" mencionado no versículo 16, mas a representação óbvia de João como sendo o precursor do Messias dá ao pronome o antecedente implícito do "Senhor" na pessoa de Jesus Cristo. João não era, na verdade, Elias, como alguns pensaram, mas se assemelhava a ele em "espírito" e em "poder". Também existem outras semelhanças notáveis entre João e a sua contrapartida do Antigo Testamento – o seu modo de vestir, os seus hábitos, o seu zelo e a sua responsabilidade particular de denunciar os pecados de um rei e de uma rainha que estavam na condição de pecadores.

Para converter o coração dos pais aos filhos... com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto. A tarefa que Malaquias tinha previsto, e que o anjo repete, é a de que João iria preparar o povo para o ministério do Messias. Isto causaria ajustes nas relações domésticas – **dos pais aos filhos** – e no comportamento e nas atitudes morais – **...os rebeldes, à prudência dos justos.**

Embora João tenha muitas coisas em comum com os profetas do Antigo Testamento, ele é muito mais. O seu relacionamento com as obras de Cristo liga-o a uma nova revelação. Ele marca o amanhecer de um novo dia.

4. *A Descrença de Zacarias* (1.18-23)

Como saberei isso? (18) Zacarias parece ter ignorado completamente a fonte divina da promessa e o caráter do mensageiro angelical. Ele somente consegue ver uma coisa: **Eu já sou velho, e minha mulher, avançada em idade.** Normalmente isso seria razão suficiente para a descrença, mas naquele momento Deus tinha falado; o seu anjo está diante de Zacarias; que mais ele poderia desejar como confirmação?

Mas Deus tinha dado sinais no passado – para Abraão, Gideão e Ezequias (Gn 15; Jz 6; 2 Rs 20) – quando tinham sido necessários, e sem protestar. Deus olha para o coração

do homem e Ele conhece a diferença entre as objeções da falta de fé e os questionamentos naturais. Deus também julga esses casos com base no grau de esclarecimento e entendimento e no caráter da manifestação divina. Deus não rejeitou Zacarias por essa pergunta, mas o castigou pela sua falta de fé. O princípio que Zacarias violou é o seguinte: Deus merece que se creia nele com base unicamente em sua Palavra.

Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus (19). Aqui o anjo enfatiza a fonte da promessa e a natureza do mensageiro. O anjo tinha trazido uma mensagem do próprio Deus.

Todavia ficarás mudo (20). É interessante e revelador observar que aqui o anjo está repreendendo Zacarias e ao mesmo tempo dando-lhe um sinal. Esta punição era particularmente apropriada: uma vez que ele tinha errado com a sua fala, o seu castigo seria a incapacidade de falar durante algum tempo. Como sempre, o julgamento de Deus sobre os vivos foi suavizado com misericórdia, e o castigo se tornou um meio de aprendizado e de graça.

O povo estava esperando... e maravilhava-se de que tanto se demorasse (21). Zacarias tinha estado no Templo mais tempo do que era necessário para oferecer o incenso. Tal demora não era normal. Talvez o povo temesse que o sacerdote tivesse ofendido a Deus e tivesse sido morto, ou talvez suspeitassem do que realmente aconteceu. Era uma ocasião das mais sagradas, e Zacarias estava no Templo sagrado. Não seria difícil para esses judeus que adoravam no Templo esperar alguma coisa fora do comum.

Entenderam que tivera alguma visão no templo (22). Ele não podia falar ao povo quando saiu do Templo. Desse fato, concluíram que ele tinha tido uma visão, ou talvez tivessem entendido prontamente o significado dos seus gestos.

Terminados os dias de seu ministério (23). Apesar da sua deficiência, Zacarias terminou a sua semana de serviço sacerdotal no Templo e então retornou para a sua casa, na região montanhosa da Judéia. Ele não usou a sua deficiência como uma desculpa para interromper o seu serviço. Ao invés disso, todos os seus pensamentos e atos devem ter trazido a marca dessa notável experiência. A visão e a promessa devem ter estado continuamente no seu pensamento.

5. *Isabel Concebe* (1.24-25)

Depois da volta de Zacarias, **Isabel... concebeu** (24). A concepção e o nascimento do seu filho foram absolutamente normais, exceto pela intervenção divina que curou a sua infertilidade e tornou possível que ela engravidasse mesmo em sua idade avançada.

Por cinco meses se ocultou. Isto pode ser explicado de diversas maneiras. As duas perguntas principais são: *a*) por que ela se escondeu, antes de mais nada, e *b*) por que durante cinco meses. Ela não se escondeu para ocultar a sua gravidez, porque Isabel se ocultou do povo precisamente quando ela não era evidente. A melhor explicação parece ser que ela estivesse esperando que a sua gravidez estivesse suficientemente adiantada, para servir como uma evidência inconfundível de que Deus realmente havia retirado a sua aparente reprovação. Isto explica também porque ela escolheu o período de cinco meses. À luz desta interpretação fica claro o significado do versículo 25: **Assim** (referindo-se à sua condição, depois de cinco meses) **me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim** (a época da concepção e os cinco meses durante os quais a evidência se tornou indiscutível), **para destruir o meu opróbrio entre os homens.**[4]

G. Campbell Morgan desenvolve toda esta seção (1.5-25) sob o tema "O Nosso Deus Avança!" Ele encontra um texto central no versículo 17, e esquematiza a idéia da seguinte maneira: 1) A época – nos dias de Herodes, 5; 2) O lugar – o Templo, 8-9; 3) A pessoa – um sacerdote, 5-7; 4) A mensagem de esperança, 15-17; 5) A incerteza humana e a garantia divina, 18-20.

B. A ANUNCIAÇÃO A MARIA, 1.26-38

1. *A Mensagem do Anjo* (1:26-33)

No sexto mês depois da concepção de Isabel, **foi o anjo Gabriel enviado... a Nazaré** (26). É óbvio que Lucas está escrevendo para gentios, pois nenhum judeu precisa ser lembrado de que Nazaré era uma cidade da Galiléia. Embora, como descendentes de Davi, tanto José quanto Maria chamassem Belém de terra de seus antepassados, eles estavam naquela época vivendo em Nazaré, que se situava a cerca de 130 quilômetros a nordeste de Jerusalém, em um planalto no lado norte do Vale de Esdraelom.

A uma virgem desposada com... José (27). Maria ainda era uma virgem, e estava noiva de José. Os noivados ou contratos de casamento entre os israelitas nos tempos bíblicos eram mais significativos e representavam um laço mais forte do que na atualidade. A lei mosaica considerava a infidelidade sexual por parte de uma jovem que fosse noiva como adultério, e ela era punida por esta transgressão (Dt 22.23-24). Freqüentemente existia um intervalo de meses entre o noivado e o casamento, mas ainda assim o noivado já representava um compromisso que só poderia ser rompido através do divórcio.[5] Este último fato é exemplificado pela decisão de José de divorciar-se de Maria, antes de saber da natureza da sua concepção (Mt 1.19), embora ele e Maria ainda não estivessem casados.

Neste ponto, é bom lembrar que a narrativa de Lucas da anunciação e do nascimento de Jesus são feitos a partir do ponto de vista de Maria. Neste aspecto, a história difere do relato de Mateus, que é feito a partir do ponto de vista de José. É provável que Lucas tenha obtido esta informação direta ou indiretamente de Maria, quando ele passou dois anos na Palestina, enquanto Pedro estava na prisão em Cesaréia. Lucas também estava mais interessado em mostrar o relacionamento de Jesus com a humanidade através da Sua mãe, do que a Sua relação legal com o trono de Davi através de José, o seu pai oficial, embora não fosse o seu pai biológico.

Da casa de Davi se refere a José e não a Maria. A gramática do texto grego original e também a da versão em nosso idioma, exige esta interpretação. Mas isto não quer dizer que Maria não fosse descendente de Davi, pois os versículos 32 e 69 deste mesmo capítulo dão a entender fortemente que ela era da linhagem de Davi.

Entrando o anjo onde ela estava (28). Isto não foi um sonho nem uma visão, mas uma autêntica visita de um anjo. **Salve**. Esta é uma saudação com alegria. A palavra no original é o imperativo de um verbo que significa "alegrar-se" ou "ficar feliz". A forma usada aqui é uma saudação normal. Seria o equivalente a: "Que a alegria esteja com você".

Agraciada (literalmente, "com a graça"); **bendita és tu entre as mulheres**. O anjo a honrou pelo que ela iria se tornar, antes mesmo que ela soubesse o assunto das boas-novas. É certo que Maria deveria receber honra, e o anjo nos deu o exemplo. Mas a adoração a Maria é completamente injustificada. Maria, um mero ser humano, seria

agraciada. Certamente, nenhuma graça maior seria demonstrada em relação a um mortal. Ela era verdadeiramente **bendita**, ou "elogiada" entre as mulheres, isto é, mais do que todas as outras mulheres.

Ela turbou-se muito com aquelas palavras (29) significa, literalmente, "ela ficou grandemente agitada". Mas o versículo indica que foi a saudação, e não a presença do anjo, que a perturbou. O que ele lhe disse era mais difícil de entender do que a sua aparição e, aparentemente, mais inesperado. Ela **considerava** significa, literalmente, "ela estava pensando". Isto representa uma prova de sua presença de espírito neste momento crítico da sua vida.

Em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho... Jesus (31). Aqui temos o anúncio da Encarnação. O Filho de Deus realmente se tornaria carne, seria concebido e nasceria de uma virgem. Neste Filho a divindade e a humanidade estariam unidas de maneira inseparável. O seu nome, **Jesus**, significa "Salvador" ou, mais literalmente, "Jeová salva". É o equivalente grego do hebraico "Josué". Lucas não joga com as palavras na etimologia do nome "Jesus", como faz Mateus. Os seus leitores, sendo gentios, não teriam entendido o objetivo das palavras "porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" de Mateus 1.21, por não conhecerem a relação etimológica entre as palavras "Jesus" e "salvar".

Este será grande (32), no seu sentido mais elevado e verdadeiro. Deus é grande, e toda a grandeza verdadeira vem dele e é reconhecida por Ele. Barnes acredita que essa frase é uma referência direta a Isaías 9.5-6.[6]

Será chamado Filho do Altíssimo não quer dizer que Ele simplesmente "seria chamado" de Filho de Deus, mas é equivalente a "Ele não apenas *será* o filho de Deus, como também será reconhecido como tal". Ele terá as marcas da divindade. Esta palavra hebraica era de uso comum, e literalmente equivalente a "Ele será o Filho do Altíssimo".

O trono de Davi, seu pai. Evidentemente, isto deixa claro que Maria era descendente de Davi. Como muitos poderão argumentar, é verdade que o direito de Jesus ao trono viria através de José, apesar de não ser o seu verdadeiro pai. Mas aqui se menciona a filiação, e não se menciona José. Além disso, deve-se observar que Lucas está escrevendo a partir do ponto de vista de Maria; e também que o seu interesse pelas relações humanas de Jesus está ligado à relação verdadeira, e não àquela que era considerada legal entre os judeus.[7]

Reinará eternamente na casa de Jacó (33). Isto é praticamente equivalente ao que está escrito na frase seguinte: **O seu Reino não terá fim**, exceto que a primeira enfatiza o aspecto judaico do reino. Lucas enfatiza muito claramente, em seu Evangelho, a universalidade do reino de Cristo; mas Paulo, que foi professor de Lucas, enfatizava a continuidade do reino de Israel – e da semente de Abraão – no reino de Cristo.[8] A última é a flor e o fruto; a primeira é a videira.

2. *A Pergunta de Maria* (1.34)

Como se fará isso? (34) Não se trata de uma pergunta como produto da dúvida, mas da perplexidade e da inocência. Ela não está dizendo "Não pode ser", mas pedindo uma explicação sobre como isso pode ser, e como será feito. Uma comparação superficial da pergunta de Maria com a expressão de dúvida de Zacarias (1.18) faria com que ambas parecessem muito similares. Um olhar mais detalhado sobre as duas perguntas irá provar conclusivamente que elas não se assemelham nem em significado, nem em espírito.

Zacarias perguntou: “Como saberei isso?”, querendo dizer, “Que sinal você vai me dar como prova de que isto irá acontecer?” Mas Maria perguntou “Como se fará isso?”, ou seja, que meios farão isso acontecer?

Existe ainda outra diferença que deve ser observada. O milagre que foi prometido a Zacarias era um caso normal de cura divina, aliado a uma capacitação divina de uma mulher para dar à luz em idade avançada. Isto realmente era um milagre. Mas a maravilha que foi prometida a Maria continua confundindo a imaginação dos maiores pensadores da igreja em todas as gerações. É nada menos do que o mistério da Encarnação divina – Deus se tornou carne.

3. *A Resposta do Anjo* (1.35-38)

Descerá sobre ti o Espírito Santo (35). O anjo respondeu amavelmente a pergunta que tinha sido feita de forma tão inocente. A resposta não esclarece o mistério: somente indica o agente. O Espírito Santo, como agente de Deus Pai, toma o lugar de um marido de alguma maneira não explicada – e talvez inexplicável. A pureza sagrada desta resposta pode ser vista na sua totalidade somente quando comparada com algumas das lascivas histórias das “escapadas românticas” dos deuses gregos. Aqui, na resposta do anjo, podemos ver o poder procriativo da mulher na sua mais completa pureza, unido à onipotência de um Deus amoroso e santo. Vemos delicadeza, significado e mistério unidos nas palavras **a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra**. Esta “cobertura com a sombra do Altíssimo” possivelmente inclui tanto o milagre da concepção quanto a supervisão, o cuidado e a proteção contínuos de Maria pelo Espírito Santo.

Será chamado Filho de Deus não se refere à eterna filiação do Cristo pré-encarnado, mas sim ao milagre da Encarnação. Como Deus tomou o lugar de um pai terreno, Jesus pode ser chamado Filho de Deus da mesma forma que um menino é chamado de filho de seu pai.

Tua prima – em grego, “parente” (36). O anjo encoraja e ao mesmo tempo inspira Maria com a narrativa da grande alegria de Isabel. Ele particularmente chama a atenção para o caráter miraculoso da concepção de Isabel; **aquela que era chamada estéril**.

Mas como podiam Maria e Isabel ser primas, uma vez que Maria era da tribo de Judá (1.32) e Isabel era da tribo de Levi (1.5)? O parentesco tinha que ser por parte de mãe. Ou a mãe de Maria era levita, ou a mãe de Isabel era da tribo de Judá. Edersheim pensa que a primeira alternativa é a correta. Isto estaria de acordo com a crença rabínica de que as tribos de Judá e de Levi seriam unidas por meio do Messias. Também provaria que Maria, embora pobre na época do seu casamento e do nascimento de Jesus, na verdade não era uma camponesa, mas vinha de uma família de alguma posição. Os sacerdotes não podiam se casar com alguém de fora da sua tribo, exceto se fosse de uma família de alta posição, e em especial com membros da tribo de Judá.[9]

Para Deus nada é impossível (37). A Encarnação é a prova definitiva e o exemplo desta verdade. Para Maria, estas palavras apoiavam e inspiravam a fé.

Cumpra-se em mim segundo a tua palavra (38). Nunca houve uma consagração a Deus mais humilde ou mais completa. Nem mesmo o conhecimento do estrago que as línguas caluniadoras poderiam fazer à sua reputação esfriou o fervor do seu compromisso. Ela entregou isto a Deus, assim como tudo mais, e o Senhor cuidou dela como somente Ele poderia cuidar.

C. A Visita de Maria a Isabel, 1.39-56

1. *O Encontro e a Saudação* (1.39-45)

...às montanhas... uma cidade de Judá (39). Não há dúvida de que foi a menção do anjo à concepção de Isabel que deu a Maria a idéia de ir visitar a sua prima. Ela deve ter ido logo depois da visita do anjo, pois ele lhe havia dito que Isabel estava no sexto mês de gravidez; e ficamos sabendo que Maria permaneceu com Isabel durante três meses, e partiu pouco tempo antes do nascimento de João. Alguns estudiosos acreditam que a cidade onde viviam Zacarias e Isabel seria Hebrom. Sem dúvida, eles viviam em uma cidade de levitas, e Hebrom era uma cidade desse tipo, embora haja outras possibilidades.

Saudou a Isabel (40). A rapidez dessa viagem (v. 39) sem dúvida prosseguiu ao entrar na casa, e na saudação. Maria estava entusiasmada; ela tinha boas notícias – grandes notícias – para contar, e isto se refletia em todos os seus atos.

A criancinha saltou no seu ventre (41). Esta foi a resposta do bebê ainda não nascido à saudação de Maria. Tal resposta atesta a sensibilidade espiritual e o caráter profético do filho de Isabel. Deus estava ali, e seres espiritualmente sensíveis poderiam detectar a sua presença. Este ato por parte do ainda não nascido João está de acordo com a predição do anjo para Zacarias, de que a criança prometida seria cheia do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe (1.15).

Isabel foi cheia do Espírito Santo (41-42). Esta era uma unção divina e uma manifestação profética. O Espírito profético apoderou-se dela, e ela pronunciou um elogio inspirado. **Bendita és tu entre as mulheres**. Isabel, inspirada pelo Espírito, honra Maria praticamente com o mesmo elogio que foi usado pelo anjo. **A mãe do meu Senhor** (43). Ela inequivocamente está sendo guiada pelo Espírito, e identifica corretamente o Filho de Maria.

A criancinha saltou de alegria no meu ventre (44). O Espírito Santo não apenas tinha revelado a Isabel que era a alegria que fazia o seu bebê "saltar", mas também possibilitou que ela soubesse a causa desta alegria – a presença do Filho de Deus.

Bem-aventurada a que creu, pois hão de cumprir-se as coisas (45). Isabel parece estar contrastando a fé de Maria com a dúvida de Zacarias. Provavelmente tanto ela quanto o seu marido tinham pensado com freqüência sobre aquele momento de dúvida no Templo, e eles tinham aprendido algumas lições valiosas como resultado da experiência. Agora, inspirada pelo Espírito Santo, ela encoraja a fé de Maria com a certeza do cumprimento da promessa transmitida pelo anjo.

2. *O Magnificat* (1.46-56)

Então, sob a inspiração do Espírito Santo, Maria se torna, ao mesmo tempo, poeta e profeta. Esta passagem é um dos maiores poemas do mundo e também um dos maiores hinos da igreja. No entanto, como destaca um comentarista: "O 'Magnificat' evidentemente não é uma *ode* cuidadosamente composta, mas a efusão não premeditada de emoções profundas, o improviso de uma fé alegre".[10] Este cântico de Maria é muito semelhante à canção de louvor de Ana em 1 Samuel 2.1-10. Ele está repleto de alusões ao Antigo Testamento, especialmente ecos dos Salmos. O nome "Magnificat" vem da primeira palavra deste hino na tradução da Vulgata Latina.

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador (46-47). Estes dois versículos formam uma parelha típica, que é a forma mais simples da poesia hebraica. É composta de duas linhas paralelas, das quais a segunda reafirma o significado aproximado da primeira, mas com diferentes palavras. Este mesmo versículo expressa o sentimento de exultação de Maria, ao passo que os versículos seguintes do hino mencionam as obras específicas de Deus, pelas quais Ele merece louvor.

Embora o significado original da palavra grega traduzida como **engrandece** seja "tornar grande", aqui ela significa "declarar que alguém é grande" ou "exaltar a grandeza de alguém". A expressão **Deus, meu Salvador** mostra que Maria estava particularmente preocupada com o aspecto salvador do relacionamento de Deus com a humanidade.

Ele **atentou na humildade de sua serva** (48). Maria faz referência à sua própria condição de pobreza e falta de distinção social ou política. **Todas as gerações me chamarão bem-aventurada**. Ela deixou de ser uma jovem hebréia insignificante e pobre, para ser a mulher mais honrada da história da humanidade. Por meio do Espírito da profecia, ela enxerga a exaltação universal que lhe está sendo concedida, mas a sua humildade está presente para expressar louvor e agradecimento genuínos.

O Poderoso (49). Maria enxerga a relação entre o Deus Todo-poderoso e a concepção do seu Filho. A onipotência de Deus era necessária para a realização da Encarnação. **Santo é o seu nome**. Esta é uma expressão de louvor e ao mesmo tempo um reconhecimento da santidade de Deus, que está tão profundamente envolvida na redenção.

A **misericórdia** de Deus (50) é outro atributo divino claramente revelado na Encarnação. Foi demonstrada, de geração em geração, a todos aqueles que **o temem**; isto é, àqueles que confiam nele. Mas agora se manifesta particularmente no Presente de Deus ao homem, e ao mundo.

Depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes (52). Deus julga os homens com justiça. Ele exalta aqueles que o honram e "depõe" até mesmo os "poderosos" que se opõem a Ele. Maria poderia ter dado muitos exemplos do Antigo Testamento de quando Deus depôs os poderosos; ela mesma era o melhor exemplo de quando Ele exalta os humildes.

Encheu de bens os famintos, despediu vazios os ricos (53). Outro aspecto do tratamento justo de Deus para com a humanidade e de seus sábios juízos. Deus é o Provedor benevolente, Aquele que alimenta os famintos. As palavras também podem ser proféticas da compaixão e cuidado que Jesus tinha para com os famintos – tanto física quanto espiritualmente. Este reflexo de simpatia para com os oprimidos é uma característica do Evangelho de Lucas. **Israel, seu servo** (54). Deus estava se lembrando de sua promessa para Israel. Aqui podemos ver a fidelidade divina. Ele ajudou Israel nos piores momentos que a nação enfrentou. A palavra traduzida como **auxiliou** significa "cuidar e apoiar quando alguém está caindo". **Como falou a nossos pais** (55). A aliança com Abraão foi renovada com Jacó (Gn 22.17-18; 28.13-22).

Maria ficou com ela quase três meses (56). Isto é coerente com o fato de que ela veio à casa de Isabel quando esta última estava no sexto mês de gravidez (1.36), e partiu pouco antes do nascimento de João.

D. O Nascimento de João, 1.57-80

1. *O Seu Nome é João* (1.57-66)

Quando Isabel deu à luz ao seu filho, os vizinhos e parentes vieram ver a criança e alegraram-se com ela. A sua idade e a esterilidade anterior tornaram a alegria mais intensa do que o normal.

Ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino (59). Isto estava de acordo com a lei levítica, e remonta à ordem que Deus deu a Abraão (Gn 17.9-14; 21.3-4). Era costume dar nome à criança por ocasião da circuncisão – isto é, no oitavo dia. Também era costumeiro que o primogênito tivesse o nome do pai. De acordo com este costume, aqueles que vieram circuncidar o menino o chamavam de Zacarias. Quando Isabel objetou e insistiu no nome João, eles ficaram perplexos e disseram que ele não tinha nenhum parente com esse nome. Obviamente, eles não tinham o hábito de romper com os seus costumes.

Perguntaram, por acenos, ao pai (62). Isto parece dar a entender que Zacarias estava surdo e mudo. **O seu nome é João**. Zacarias escreveu o nome que o anjo lhe havia concedido. Ele não disse "O seu nome será", mas "O seu nome *é* João". Isto mostra determinação e propósito da parte do pai, mas ainda há algo mais. Mostra também que ele tinha considerado a definição do nome do menino um fato consumado desde que o anjo pronunciou o nome "João".

A boca se lhe abriu (64). O anjo lhe havia dito que ele ficaria mudo até ao dia em que estas coisas acontecessem (1.20); a realização "destas coisas" havia sido concluída com o nome da criança. O louvor de Zacarias a Deus é compreensível, sendo motivado por tantas evidências inequívocas da atividade de Deus a seu favor.

Veio temor sobre todos os seus vizinhos (65). Eles não poderiam duvidar que a mão de Deus estava conduzindo os assuntos relacionados com essa criança. A pergunta que eles fizeram: **Quem será, pois, este menino?** (66) é perfeitamente compreensível. Eles conheciam as Escrituras suficientemente bem para reconhecer um homem de estatura profética.

2. *O Hino de Louvor de Zacarias – o "Benedictus"* (1.67-80)

No instante em que Zacarias recuperou o uso de seus órgãos da fala, ele iniciou este hino de louvor que normalmente recebe o título "Benedictus", devido à primeira palavra na tradução da Vulgata Latina.

Enquanto o cântico de Maria se assemelha à canção de Ana, o hino de Zacarias se assemelha às palavras dos profetas do Antigo Testamento.[11]

Zacarias... profetizou (67). O sacerdote se torna profeta. A palavra "profetizar" descreve três tipos de declarações: *a*) predizer eventos futuros; *b*) proferir a verdade – ética, teológica, etc. – e *c*) elocuções de louvor. Um olhar detalhado ao hino de Zacarias revela esses três aspectos. A expressão: **cheio do Espírito Santo** é usada em seu sentido profético, mas também pode ser considerada como um dos primeiros exemplos do cumprimento da profecia de Joel do derramamento do Espírito Santo nos últimos dias, resultando em ato de profetizar (Jl 2.28).

Bendito o Senhor... porque visitou e remiu o seu povo (68). Zacarias vê as glórias que ele está testemunhando e as glórias que virão em breve à luz da relação de Deus com Israel – a Sua forma de lidar com eles no passado, e as Suas promessas. A palavra grega traduzida como **visitou** significa "olhou para". A palavra **remiu** é traduzida

de uma frase de três palavras gregas que significam, literalmente, "trabalhou a redenção". Vemos que Zacarias não está simplesmente pensando no ministério profético do seu filho, mas também no ministério redentor de Cristo, de quem o seu filho será o precursor. Como um pai, ele exalta o seu filho, mas como um sacerdote e israelita ele vai além do seu filho, até o Filho de Deus, o Redentor de Israel há tanto tempo esperado.

Nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi (69). Zacarias vê um Salvador poderoso, um Libertador forte, através de sua compreensão profética. A sua associação deste Salvador com a casa de Davi parece deixar claras duas coisas: a primeira, que o Salvador é o Messias prometido há tanto tempo; e a segunda, que Ele se identifica com o Filho não nascido de Maria, que Isabel, com a ajuda do Espírito Santo, já tinha identificado como "meu Senhor" (1.43).

Pela boca dos seus santos profetas (70). Ele vê a revelação que está se iniciando como o cumprimento de uma corrente genuína de profecias desde o princípio do mundo. A sua expressão **desde o princípio do mundo** sem dúvida se refere ao *Proto-evangelho* (Gn 3.15), a primeira profecia referente ao Salvador.

Para nos livrar dos nossos inimigos (71). Com certeza Zacarias percebia fortemente as implicações políticas e sociais destas palavras. Ele não teria sido um israelita normal e patriota se não o percebesse. Mas o Espírito que inspirou suas palavras não tencionava esse significado limitado. O pecado e Satanás são os maiores inimigos do homem, e Cristo veio, como sabemos, para nos salvar destes dois inimigos. Talvez Zacarias tivesse algum entendimento deste aspecto da verdade que ele proferiu.

Para manifestar misericórdia... e para lembrar-se do seu santo concerto e do juramento... a Abraão (72-73). Aqui Zacarias se refere às promessas messiânicas da Antiga Aliança. Deus agora demonstrava a Sua fidelidade ao cumprir as Suas promessas, honrando o Seu juramento.[12] O texto diz, literalmente: "Para *manifestar* misericórdia a nossos pais". "Misericórdia" aqui tem o mesmo sentido de "bondade". A bondade para com a geração atual é bondade para com os seus pais; pois a graça concedida a um filho é vista pelos pais como uma bondade para com eles.

Libertados... o servíssemos (74). A libertação de Deus implica em serviço a Ele. Devemos servir a Deus sem medo. Ele nos resgatou daqueles a quem deveríamos temer. Além disso, não experimentamos escravidão nem um medo atormentador em relação a Deus – somente um temor que inclui reverência e respeito, combinados com amor.

Em santidade e justiça (75). As promessas de Deus e o cumprimento dessas promessas na obra redentora de Cristo incluem a santidade e a justiça pessoal para os seus filhos. Nestes dois termos temos os aspectos divinos e humanos da vida cristã. Servir a Deus em santidade é servir com uma natureza interior que está de acordo com a natureza e a vontade de Deus; servir a Ele em justiça é servi-lo com retidão em todos os relacionamentos humanos e terrenos. A devoção aceitável a Deus não inclui somente o fervor religioso, mas uma ética sadia.

A possibilidade de tal retidão interior e exterior constitui a essência do Evangelho. Não devemos sequer pensar em alguma coisa menor do que isso, por ser contraditória tanto ao caráter quanto aos mandamentos de Deus. Também o amor de Deus não é consistente com um plano de salvação que deixa o homem abaixo do plano da liberdade pessoal, tanto dos atos de pecado quanto da potencialidade destes. **Todos os dias da nossa vida.** Aqui está a resposta para qualquer evasiva sobre o cronograma de uma

vida santificada. Isto não corresponde somente a futuras bênçãos celestiais para o povo de Deus, mas a privilégios que podemos gozar agora. Esta graça interior também não precisa ser espasmódica; deve ser um modo de vida estabelecido.

Os versículos 73-75 foram chamados de "O Evangelho de Deus Concede". Aqui podemos encontrar: 1) libertação, 74; 2) dedicação, **o servíssemos**, 74; 3) disposição, **santidade e justiça**, 75; 4) duração, **todos os dias da nossa vida**, 75.

E tu, ó menino (76). O hino de Zacarias prosseguiu durante oito versículos antes que ele mencionasse o seu próprio filho. O seu espírito sacerdotal e profético definiu as prioridades. **Profeta do Altíssimo.** Ele está não apenas satisfeito pelo fato de seu filho ser subordinado ao filho de Maria, mas se gloria pelo fato de que João será um profeta do Altíssimo e um precursor do Senhor Jesus Cristo.

Dar... conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados (77). O tema da sua mensagem como um professor (dando "conhecimento") será "arrependimento para o perdão dos pecados". Esta remissão dos pecados se dá através das **entranhas da misericórdia do nosso Deus** (78). Pois o homem, que se rebelou contra Deus, merece a morte, e não a vida.

O oriente do alto nos visitou (78) significa literalmente: "O nascer do sol, do alto, nos visitou". Zacarias volta a sua atenção a Cristo. Estas palavras são um eco da profecia de Malaquias (4.2) que diz: "para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas". A vinda do Messias, então, será um nascer do sol que irá **alumiar os que estão assentados em trevas e sombra de morte** (79). E esta luz irá **dirigir os nossos pés pelo caminho da paz** (79). Aqueles viajantes que se perderam na escuridão da noite podem encontrar o caminho da paz, agora que surgiu o sol.

Charles Simeon sugere este tópico para os versículos 78-79: "As causas da Encarnação do Nosso Salvador". Os seus três itens principais são: 1) O advento do nosso Senhor – simbolizado pelo sol; 2) A finalidade do seu advento – dissipar a escuridão; 3) A ilimitada misericórdia de Deus.

E o menino crescia, e se robustecia em espírito... até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel (80). Aqui temos cerca de trinta anos da biografia de João em uma única frase. Durante aqueles anos o seu desenvolvimento físico foi normal, ele se tornou forte em espírito, e esperou nos bastidores pelo sinal do Senhor de que havia chegado o dia em que deveria dar início à sua grande obra. Aqui vemos uma das mais importantes – embora das mais raras – de todas as virtudes cristãs: a paciência.

E. O NASCIMENTO DE JESUS, 2.1-20

1. *Não Há Lugar na Estalagem* (2.1-7)

Um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse (1). A palavra traduzida como **alistasse** significa literalmente "registrar-se" ou "inscrever-se". Otávio, o sobrinho-neto de Júlio César, tornou-se o imperador romano em 29 a.C. **Augusto** era um título, e não um nome. O alistamento mencionado aqui foi feito com o objetivo de cobrar impostos. **Todo o mundo** se refere ao Império Romano.

O fato de Lucas ser o único escritor do período cuja obra menciona este decreto, não prova que ele esteja errado. Muitas omissões desse tipo foram observadas nas obras dos

historiadores romanos. Além disso, nenhum dos oponentes da igreja nos primeiros anos jamais acusou Lucas de um erro desse tipo. Se eles tivessem conhecimento de uma imprecisão como esta, teriam obtido alguma vantagem ao trazê-la a público. Por outro lado, existe muita evidência indireta que prova que o relato de Lucas era historicamente preciso.[13] A alegação que se fez algumas vezes de que a Judéia não foi incluída nesse alistamento não é realista. Como Herodes devia o seu trono ao imperador, ele certamente não teria se recusado a cooperar com tal empreendimento que se aplicava a todo o Império.

Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria (2). No que diz respeito às divisões do Império Romano, a Judéia fazia parte da Síria, e era subordinada ao seu governador. Cirênio foi governador da Síria duas vezes – na época desse registro a que Lucas faz referência, e novamente entre 6 e 9 d.C.[14] Isto responde à alegação de alguns críticos de que ele não era governador na época do nascimento de Jesus, porque ocupou o posto em uma época posterior. A expressão **primeiro** parece ser a maneira que Lucas encontra para diferenciar este alistamento do mais conhecido, de 6 d.C.

Cada um à sua própria cidade, isto é, na cidade dos seus antepassados (3). Embora este registro fosse o resultado de um decreto imperial de Roma, o costume de que cada pessoa deveria ir até à cidade dos seus antepassados não era romano, mas judeu. Parece que se permitia alguma liberdade na escolha da maneira como se realizava o alistamento.

José foi **à cidade de Davi... Belém** (4). Isto ocorreu de acordo com o método indicado no versículo 3, uma vez que José **era da casa e família de Davi**.

Com Maria, sua mulher (5). Veja o comentário sobre 1.27. Nenhuma lei, nem romana nem judaica, exigia que Maria acompanhasse José para esse alistamento. As suas razões para acompanhá-lo eram, provavelmente: *a*) o seu amor por José; *b*) o seu amor por Belém; *c*) o seu desejo de ter José consigo na época do nascimento do seu Filho; e, a mais importante, *d*) a direção do Espírito Santo.

Estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz (6). Não é revelada a época do ano, mas a data de 25 de dezembro foi aceita de modo geral pelos gregos e pelos patriarcas da igreja latina desde o século IV. Edersheim defende fortemente a data tradicional,[15] mas não existe fundamento para que se tenha uma certeza absoluta, até este ponto.

E deu à luz o seu filho primogênito (7). Os comentaristas que aceitam o ponto de vista romanista de que Maria não teve outros filhos, negam que o termo **primogênito** indica outros nascimentos posteriores; mas parece claro a este escritor que eles estão negando os fatos para apoiar a sua doutrina. O termo dá a entender claramente que Maria teve pelo menos um outro filho, e em outras passagens os irmãos de Jesus são especificamente mencionados, e os seus nomes são citados (Mt 13.55; Mc 3.31-35). Quando compreendermos que os filhos posteriores e naturais de Maria de maneira alguma diminuem a sua dignidade ou santidade como a mãe do nosso Senhor, já não sentiremos mais a necessidade de explicar – ou até mesmo de negar – os fatos. Veremos que eles se harmonizam perfeitamente com a natureza da Encarnação. A verdade desta doutrina exige que Maria seja completamente humana, e nascimentos posteriores somente demonstram este fato com maior clareza.[16]

Deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. A manjedoura era provavelmente uma caverna ou gruta na rocha, que era usada

para o gado. A estalagem, ou *khan*, estava lotada; e a implicação é que, se houvesse lugar para eles, José e Maria teriam recebido a hospitalidade. No entanto, o fato de que havia muito ruído e confusão e pouca ou nenhuma privacidade neste tipo de alojamento pode ter sido uma vantagem para Maria em sua condição. Acreditamos que Deus, em Seu infinito amor e em Sua sabedoria, planejou as coisas desta forma.

Então, enquanto os mortais dormiam ou cuidavam dos seus assuntos mundanos, e os imortais vigiavam o lugar que era ao mesmo tempo o mais humilde e o mais sagrado, o Filho de Deus nascia em Belém como o santo profeta havia predito. Este é o fato central de toda a história.

2. *Os Pastores Ouvem o Anúncio Celestial* (2.8-14)

Naquela mesma comarca (8) significa a terra de pastoreio próxima a Belém. Um milênio antes disso, Davi cuidava do rebanho do seu pai nestas mesmas pastagens. **Pastores que estavam no campo**. Entre os judeus, a ocupação de pastor era uma das mais humildes, e provavelmente por essa razão Deus decidiu revelar o nascimento do Salvador em primeiro lugar aos pastores. Isto está de acordo com a escolha de uma manjedoura como o lugar do nascimento. A palavra grega traduzida como **estavam** tem o mesmo sentido de "moravam", e não de simplesmente passar o dia ou a noite com o rebanho. Estes pastores viviam – talvez em tendas ou barracas – onde eles cuidavam dos seus rebanhos.

A questão da época do ano em que Jesus nasceu (veja o comentário sobre o versículo 6) depende muito da questão sobre em que época do ano os pastores conservavam os seus rebanhos em campo aberto. Três teorias foram apresentadas. Uma delas diz que, como as ovelhas na Palestina normalmente ficavam no campo desde a Páscoa (na primavera) até às primeiras chuvas (início de outubro), o nascimento não poderia ter ocorrido em dezembro. Uma segunda opinião é baseada nas histórias de viajantes de que o clima é tão moderado em dezembro que os rebanhos são levados novamente ao campo nessa época. Uma terceira opinião é a de Edersheim, de que os pastores, na história da Natividade, estavam encarregados dos rebanhos do Templo, e que esses ficavam no campo durante o ano todo. Ele baseia essa opinião em uma passagem do Misná.[17]

Esta questão pareceu muito importante para estudiosos e para muitos cristãos em geral, mas deveríamos obter nossa resposta da óbvia falta de interesse divino na questão. Deus, em sua revelação, guardou silêncio sobre o assunto. No entanto, se Edersheim estiver correto em sua idéia de que os pastores estavam guardando as ovelhas para os sacrifícios no Templo, surge outra razão para que Deus os escolhesse para ouvir o primeiro anúncio do nascimento do Salvador. Haveria uma evidente relação simbólica com o Cordeiro de Deus, que se tornou o Cordeiro sacrifical do homem.

Guardavam durante as vigílias da noite. A palavra grega traduzida como **guardavam** parece dar a entender um sistema de turnos de vigília. O termo é aquele usado para a tarefa de guarda das sentinelas militares.

Um anjo do Senhor veio sobre eles (9) significa, literalmente, "Um anjo do Senhor ficou ao lado deles". **A glória do Senhor os cercou de resplendor**. A palavra traduzida como **glória**, quando se refere a Deus ou ao Senhor, freqüentemente tem o sentido de "brilho" ou "luz". A palavra **resplendor** dá a mesma idéia. Assim, foi a luz de Deus que repentinamente iluminou o campo quando o anjo apareceu. **Tiveram grande temor** sig-

nifica, literalmente, "Eles se amedrontaram com um grande medo". Esta era uma reação natural ao repentino, ao esplendor e à manifestação divina na sua aparição celestial.

E o anjo lhes disse: Não temais... vos trago novas de grande alegria... para todo o povo (10). Embora o medo fosse uma reação natural, gritos de alegria seriam muito mais apropriados. As novas que o anjo trouxe eram as melhores notícias que o homem já tinha ouvido. Os anjos se regozijaram naquela noite pela grande felicidade dos homens, porque a redenção não se destinava aos anjos santos, mas sim à humanidade pecadora e decaída. Estas novas eram para **todo o povo**. A aplicação (potencialmente) da redenção à personalidade humana seria tão ampla quanto a raça, e tão duradoura quanto o tempo, e os seus benefícios durariam para sempre.

Vos nasceu hoje... o Salvador (11). Esta é a palavra favorita de Lucas e também do seu companheiro Paulo. Os termos "Salvador" e "salvação" aparecem mais de quarenta vezes nos seus escritos, ao passo que aparecem raramente nos outros livros do Novo Testamento. Não é apenas o fato da chegada do Salvador que constitui as boas-novas da mensagem do anjo, mas a natureza da Sua salvação. Embora os pastores pudessem provavelmente ter interpretado aquela salvação como sendo material e política, todo o Novo Testamento é inequívoco na sua interpretação como sendo moral e espiritual. O bebê anunciado pelos anjos seria o Salvador que os libertaria do pecado.

Fica claro que os anjos desejavam que os pastores fossem e vissem o Salvador, pelo fato de que lhes indicaram o lugar – a cidade de Davi, a própria cidade deles. Além disto, o anjo lhes deu um sinal para que pudessem identificar o Salvador.

Achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura (12). Este sinal não apenas facilitou a identificação – pois certamente eles não iriam encontrar dois bebês assim, naquela noite, em Belém – mas sem dúvida também encorajou-os a acreditar que Alguém tão humilde não afastaria sequer um pastor.

Uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus (13). Esta era a função normal e a alegria dos anjos. O coro que tão subitamente acompanhou o mensageiro angelical cantou músicas celestiais que certamente tinham como tema o Príncipe do Céu. Ele tinha vindo à terra para estabelecer o Reino do Céu, e para preparar um caminho para que as criaturas terrenas pudessem tornar-se cidadãos do céu.

Glória a Deus nas alturas (14). Esta não era somente uma continuação, na terra, do louvor perpétuo a Deus que os anjos cantam no céu. Era louvor a Deus pelo Seu programa de redenção, e especialmente pelo Redentor. Também é profético da glória que será dada a Deus através do ministério redentor de Cristo.

Paz na terra, boa vontade para com os homens. Alguns entendem esta frase como dizendo: "Entre os homens de boa vontade", e assim há espaço para argumentação".[18] Cristo é o verdadeiro Príncipe da Paz. Ele veio para trazer paz ao coração dos homens, e Ele é a única esperança de paz no mundo. A paz entre o homem e Deus é um pré-requisito essencial para a paz entre o homem e os seus companheiros humanos.

3. *Os Pastores Visitam o Salvador e Divulgam a Notícia* (2.15-20)

Vamos, pois, até Belém e vejamos isso que aconteceu (15). Não houve uma sombra de dúvida nas mentes destes pastores de que o que eles tinham ouvido havia realmente "acontecido". Esta decisão de ir até Belém foi ao mesmo tempo espontânea e imediata. **E que o Senhor nos fez saber**. A origem do anúncio era inconfundível.

Foram apressadamente (16). A crença acendeu o entusiasmo; a esperança provocou o zelo. **Acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura**. O primeiro retrato da Sagrada Família. Os pastores encontraram o Bebê exatamente como foi descrito pelo anjo. A maravilhosa complacência que a cena humilde revelava, sem dúvida somente aumentava o seu significado aos olhos dos pastores. Ao refletirmos sobre esta cena, nos lembramos que na nossa própria época os homens podem conhecer pessoalmente o Salvador se eles, como os pastores, o procurarem com uma fé genuína e com uma devoção humilde e completa. Também é digno de nota que, hoje em dia, o Salvador é freqüentemente encontrado pelos humildes, pelos pobres e pelos que não receberam instrução, ao passo que a elite rica e intelectual está completamente alheia à Sua graciosa presença.

Divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita (17). Para estes pastores a mensagem do anjo, o coro e a visita ao Menino na manjedoura formavam um quadro unificado e completo, e foi assim que eles o divulgaram – um Bebê que os anjos tinham proclamado como o Salvador do mundo. Talvez os pastores tenham recebido alguma informação adicional de Maria e José sobre o Menino. Se isso aconteceu, certamente eles acrescentaram essa informação ao que **divulgaram**. A influência destes pastores provavelmente não foi suficientemente grande para espalhar-se muito além do seu próprio círculo, mas eles realmente aproveitaram a honra de terem sido os primeiros evangelistas do Salvador.

Todos os que a ouviram se maravilharam (18). Onde quer que os pastores contassem a sua história extraordinária, deixavam os seus ouvintes imersos em profundos pensamentos. Estes ouvintes não entendiam – e nem podiam – todo o significado da história. O interesse de muitos deles era, sem dúvida, apenas temporário, mas nenhum ouvinte ficou indiferente, e todos conseguiram pelo menos captar um vislumbre do raiar de um novo dia.

Maria guardava todas essas coisas, conferindo-as em seu coração (19). Maria sabia mais sobre o seu Filho naquela ocasião do que qualquer outro mortal. Mesmo assim, havia muita coisa que ela não sabia, e muito mais que ela não conseguia entender. Mas as coisas que ela não entendia não comprometiam a sua fé. Ela simplesmente as guardava como recordações preciosas para refletir em oração durante os misteriosos, mas desafiadores, anos que estavam por vir.

Voltaram os pastores... louvando a Deus (20). De volta ao seu trabalho, de volta à velha e familiar rotina da vida (se é que voltaram a tudo isso), nunca mais seriam os mesmos – em seus corações. Nesta última vez que os vemos, eles ainda estão louvando a Deus pelo que tinham visto e ouvido.

Esta tão conhecida passagem é intitulada por Maclaren "Pastores e Anjos". Ele observa: 1) O anúncio milagroso, 10-12; 2) Os humildes recebem a mensagem, 8-9; 3) Títulos do bebê, 9; 4) O coro dos anjos, 13-14; 5) Os pastores se apressam, 15-16; 6) A reação daqueles que ouviram, 18-19.

F. A INFÂNCIA E A JUVENTUDE DE JESUS, 2.21-52

1. *O Menino é Chamado de Jesus e Apresentado ao Senhor* (2.21-24)

Foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto (21). Segundo o costume judaico, Ele foi circuncidado e também recebeu o nome no oitavo dia. Este é um

dos muitos casos em que Jesus é apresentado em completa harmonia com a lei Mosaica e com os costumes religiosos do Seu povo. Foi no ambiente da vida judaica que Jesus nasceu e cresceu. Nada é dito sobre qualquer oposição à escolha do nome **JESUS** – como houve a respeito do nome "João" para o Seu precursor. Veja nos comentários sobre 1.31 a importância do nome Jesus.

A circuncisão do menino e a purificação da mãe eram requisitos da lei Mosaica. Estes rituais representavam um lembrete perpétuo da mancha do pecado transmitido de uma geração a outra, através de usos e costumes. Assim, este ritual aponta para a realidade da depravação herdada. Como Jesus nasceu sem pecado herdado, estes rituais não eram necessários para Ele; mas, como no caso do Seu batismo, que ocorreu posteriormente, houve a perfeita submissão ao que qualquer judeu e, por extensão, qualquer mortal devia cumprir.

Cumprindo-se os dias da purificação (22). Isto aconteceu trinta e três dias depois dos sete dias em que a mãe era considerada "imunda", ou quarenta dias depois do nascimento do seu filho.[19] Os manuscritos antigos diferem quanto ao pronome pessoal possessivo que indica a quem se refere a purificação. Alguns dizem "dela", outros "deles". As melhores versões dizem "deles" (do grego, *auton*). Isto significa que tanto a mãe quanto o Filho precisavam de purificação. Evidentemente, a implicação de que Jesus era cerimonialmente impuro é mais do que alguns copistas dos manuscritos poderiam aceitar. Mas Jesus veio para viver entre os homens e também para viver a vida como um homem. Toda a Sua vida mostra que Ele se identificava com esta raça pecadora – embora Ele fosse sem pecado. Jesus sempre se submeteu aos rituais religiosos que eram necessários para os homens pecadores, mesmo que estes não fossem realmente necessários para Ele. Ele veio não para destruir a lei, mas para cumpri-la.

...o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor. Maria não podia entrar no Templo nem participar dos cultos religiosos antes do término dos quarenta dias. Quando este período expirou, ela foi a Jerusalém para o seu próprio ritual de purificação e para apresentar o seu Filho ao Senhor. O versículo 23 explica que a lei exigia um preço de resgate a ser pago para cada primogênito do sexo masculino.[20] Isto era para redimi-lo da consagração para o serviço sacerdotal ou religioso – a tribo de Levi tinha sido escolhida em lugar do primogênito, mas Deus queria um memorial eterno do Seu direito de reivindicar o primogênito.

Para darem a oferta... um par de rolas ou dois pombinhos (24). Um pássaro era para a oferta queimada, e o outro era para a oferta pelo pecado.[21] A exigência normal para esta oferta era um cordeiro, mas as rolas ou os pombos eram uma concessão aos pobres. Este fato identifica José e Maria com os pobres.

2. *Simeão Alcança o que Desejava* (2.25-33)

Simeão... homem... justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel (25). É animador ver que mesmo em épocas de degeneração e apostasia por parte dos sacerdotes, Deus sempre tem os seus seguidores devotos – como Simeão. Este homem **justo e temente a Deus** sem dúvida era um daqueles muitos homens que procuravam (literalmente "esperavam") a **consolação de Israel**, e oravam por ela. Esta expressão se refere ao reino messiânico.[22] **O Espírito Santo estava sobre ele**. O impulso profético lhe foi dado para que ele estivesse ciente da proximidade da vinda de Cristo. Ele foi divinamente inspirado.

Pelo Espírito [ele], **foi ao templo** (27). O mesmo Espírito que lhe havia dito que ele veria o Cristo, conduziu-o até o templo exatamente na hora em que o menino Cristo estava ali. Não sabemos se ele tinha ouvido a história dos pastores, mas ele sentiu um impulso divino de ir até o templo precisamente naquele dia, e exatamente naquela hora.

Os versículos 29 a 32 contêm o cântico de louvor de Simeão. Comparado com o de Maria (1.46-55) e com o de Zacarias (1.68-79) é menos estético e mais concentrado em uma verdade teológica em particular. Também é mais curto.

Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo (29). Embora nada seja dito sobre a idade de Simeão, esta frase parece dar a entender que ele já era idoso. Ele parece ter estado somente esperando pelo cumprimento desta grande promessa, antes de morrer. Nesta frase percebemos uma completa satisfação. Ele parece dizer: "A vida agora está completa; não tenho mais nada que me detenha neste mundo".

Os meus olhos viram a tua salvação (30). Embora os seus olhos físicos vissem somente um Bebê impotente, a sua visão profética enxergou a salvação do mundo. Em geral, os judeus estavam procurando um Messias político, que iria trazer a independência e a grandeza para Israel, mas este homem devoto via o Messias como o Salvador. Ele percebia que a maior necessidade do homem era a salvação. Esta era uma salvação universal preparada por Deus para todos os homens.

Luz para alumiar as nações (32) significa literalmente "uma luz para a revelação aos gentios". **E para a glória de teu povo Israel**. Aqui podemos ver a salvação apresentada sob dois aspectos, para os gentios e para os israelitas. Para os primeiros, a salvação é uma luz; para os outros, é a glória. Os gentios, vivendo na escuridão e na ignorância, precisam de luz; os judeus, vivendo em um estado de humilhação e censura, precisam de glória.[23] Simeão tinha a mente mais aberta e enxergava mais longe do que os outros judeus da sua época; em seu discernimento, ele também estava mais em harmonia com a profecia messiânica do Antigo Testamento do que os demais judeus.[24]

José e Maria se maravilharam (33). Simeão não estava dizendo a José e a Maria nada que eles já não soubessem. Eles se maravilharam, entretanto, de que estas verdades lhes fossem ditas por um estranho, e sob tais circunstâncias. A maravilha para eles, e para nós, é que tudo o que foi dito por todos os mensageiros de Deus se harmonizava perfeitamente.

3. *A Bênção e a Profecia de Simeão* (2.34-35)

E Simeão os abençoou e disse à Maria... este [menino] **é posto...** (34). Depois do êxtase do cântico que era dirigido a Deus, Simeão se voltou novamente para a Sagrada família. A sua bênção evidentemente foi para Maria e José, e não para o Bebê. A gramática desta sentença parece indicar isto.[25] Reconhecendo a identidade do Bebê, Simeão se conteve e não o abençoou. Depois da bênção ele se voltou para Maria e fez a ela (e a nós) a primeira menção, encontrada no Evangelho de Lucas, da oposição que o reino de Cristo enfrentaria.

Queda e elevação de muitos em Israel. Isso pode dar a impressão de que as mesmas pessoas caem e se levantam. Este não é o significado pretendido pelo original. Cristo será a Rocha na qual os crentes encontrarão refúgio, e contra a qual os oponentes se chocarão.[26] Muitos cairão por causa da sua atitude em relação a Ele. Esta predição diz respeito a Israel, e na verdade é uma profecia precisa, pois Cristo era Aquele que iria

"peneirar" o povo judeu. Mas isto é mais do que uma predição do destino religioso do povo judeu; é uma afirmação de um princípio universal, pois a decisão mais importante que qualquer homem jamais tomará, é o que ele irá fazer com Jesus Cristo.

[Um] **sinal que é contraditado**. Isaías se referia ao Senhor como um Sinal (Is 8.18); e João, por todo o seu Evangelho, se refere aos milagres de Jesus como sinais. Aqui Simeão, guiado pelo Espírito Santo, fala de Jesus como um Sinal, mas um Sinal contra o qual se falará. Aqui existe um contraste nesta afirmação. Um sinal significa que haverá evidência suficiente para convencer a todos. Apesar disso, este Sinal, esta Evidência, será caluniada e rejeitada. Uma leitura casual dos Evangelhos irá exemplificar amplamente como Jesus foi caluniado pelo Seu próprio povo.

E uma espada traspassará também a tua própria alma (35). Tristeza, juntamente com alegria, alcançarão Maria em seu relacionamento com o seu extraordinário filho. Não era o seu corpo, mas sim a sua alma que seria ferida. Maria não foi crucificada, nem traspassada com a espada, mas nenhum mártir sofreu mais do que ela. Mas a reação permanente era de uma alegria indescritível. Godet acertadamente rejeita a inferência de Bleek, de que a espada que iria traspassar a alma de Maria era a dúvida.[27] A espada era a dor de ver o seu Filho morrer.

Para que se manifestem os pensamentos de muitos corações. Com a aceitação ou a rejeição de Cristo, os pensamentos e os motivos de muitos, sejam bons ou maus, serão dados a conhecer.

4. *Ana e o Menino Jesus* (2.36-38)

E estava ali a profetisa Ana (36). Sabemos o nome do seu pai, a tribo de Israel à qual ela pertencia, a sua idade e que ela vivia no templo. Também sabemos que ela era viúva, e sabemos por quanto tempo tinha estado casada quando o seu marido morreu – tudo isto, além de sua vida devota e de seu ministério profético. Isto representa um contraste razoável com a quase completa falta de informações sobre Simeão.

E, sobrevindo na mesma hora, ela dava graças a Deus (38). Simeão ainda estava segurando o Bebê quando Ana entrou. Ela deu graças imediatamente, confirmando a sua visão profética. **Falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém**. Não temos o teor da sua mensagem, mas fica implícito que ela falava do Seu ministério messiânico. Como no caso de Simeão, a redenção – a salvação – era a sua principal ênfase.

Por intermédio de Zacarias, Isabel, os pastores, Simeão, Ana e outros, as boas-novas sobre o Salvador estavam se espalhando. É significativo que Deus só tenha revelado essas boas-novas àqueles que tinham a qualificação espiritual adequada para uma revelação tão sublime.

Barclay encontra nesta passagem uma história comovente de "Uma das pessoas quietas na terra". Aqui está uma mulher a quem Deus se revelou. Que tipo de pessoa era ela? 1) Embora tivesse conhecido a tristeza, ela não era amargurada; 2) Embora tivesse idade, não tinha perdido a esperança; 3) Nunca deixou de adorar na casa de Deus; 4) Nunca deixou de orar.

5. *O Menino Jesus* (2.39-52)

E, quando acabaram de cumprir tudo... voltaram à Galiléia (39). Não devemos entender que voltaram imediatamente a Nazaré, pois Mateus nos diz que a visita

dos magos, o assassinato das crianças em Belém por Herodes e a permanência no Egito precederam a volta a Nazaré (Mt 2). Não se trata aqui de uma contradição, mas de um tipo de omissão. O mesmo ocorre em Atos 9.25-26, onde parece que Paulo retornou a Jerusalém pouco tempo depois de sua conversão; mas em Gálatas 1.17-18 vemos que três anos se passaram antes do seu retorno. Tais omissões são comuns nas Escrituras e em outros escritos antigos. Não era de utilidade para o autor a inclusão do material omitido, e os escritores antigos não sentiram a necessidade de notificar os seus leitores de tais lacunas nos seus relatos. Como isto era costumeiro, os leitores entendiam e faziam as compensações adequadas para a sua compreensão.

O versículo 40 abrange um intervalo de doze anos, em que o menino Jesus cresceu e se fortaleceu em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Ele se desenvolveu física, mental e espiritualmente. Podemos ver aqui a verdadeira humanidade de Jesus. Uma das verdades essenciais das Escrituras é que a natureza divina nunca interferiu no desenvolvimento normal da humanidade de Jesus, nem fez com que ela fosse desnecessária.

Todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa (41). Este costume era obrigatório para todos os homens adultos (Dt 16.16). Embora as mulheres não tivessem a obrigação legal de comparecer, sua presença era considerada religiosamente vantajosa para elas. Novamente podemos ver o cuidadoso cumprimento da lei Mosaica por José e Maria. A devoção perfeita gera a obediência perfeita.

Tendo ele já doze anos (42). Este é o único evento da vida de Jesus, no período compreendido entre a sua infância e a sua vida adulta, do qual temos informações específicas. As histórias fantásticas registradas nos Evangelhos espúrios obviamente não combinam com a vida de Jesus como ela é apresentada nos Evangelhos inspirados.

Muitos comentaristas supuseram que esta seria a primeira visita de Jesus ao templo, desde a sua apresentação ao Senhor. Mas isto é pura conjectura, uma vez que não existe qualquer evidência nesta passagem que possa servir como prova. O oposto parece mais provável. Sabemos que Maria freqüentava as festas em Jerusalém com José, embora a sua presença não fosse exigida por lei. Além disso, a tradição do Talmude afirma que até mesmo os meninos de tenra idade deveriam comparecer às festas. Lucas parece ter registrado esta viagem em particular devido à importância dos eventos que ocorreram no templo, relacionados ao plano e ao objetivo deste Evangelho.

Outro engano comum é pensar que Jesus compareceu a esta festa em particular porque aos doze anos de idade os meninos judeus se tornam "filhos da Lei". Na verdade isto ocorre aos treze anos. Se esta visita ao templo, em particular, estava de alguma maneira relacionada com o fato de Jesus se tornar "um filho da Lei", ela foi apenas preparatória.

Ficou o menino Jesus em Jerusalém (43). A festa durou sete dias. Jesus teve, evidentemente, uma considerável liberdade durante esses dias. Ele deve ter conhecido os planos para a viagem de volta. Então seus pais supuseram que Ele estivesse em algum lugar no meio da multidão de pessoas que, juntamente com eles, estava voltando para casa. Duas coisas poderiam justificar esta liberdade que Ele teve. A primeira é o fato de que os meninos – como também as meninas – na Palestina são muito mais maduros aos doze anos de idade do que na Europa do norte ou no Ocidente. A segunda é a confiança que José e Maria indubitavelmente depositavam nele e no seu julgamen-

to. A confiança deles era suficientemente grande para permitir que viajassem um dia inteiro antes de se preocuparem.

Passados três dias, o acharam no templo (46). Depois de ficarem alarmados, primeiramente o procuraram entre os parentes e os conhecidos que estavam viajando na mesma direção. Somente depois que esta busca se revelou infrutífera, é que eles voltaram a Jerusalém para procurá-lo. **Passados três dias** significa "no terceiro dia". O primeiro dia foi gasto na saída de Jerusalém, antes de perceberem a ausência de Jesus; no segundo dia voltaram, chegando a Jerusalém no fim do dia. No dia seguinte – o terceiro – eles o encontraram no templo. Alguns afirmam, em suas pregações, que os pais procuraram em todos os lugares possíveis, antes de pensarem no templo; mas isto não é dito aqui.

Assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os (46). Não eram médicos, mas sim doutores da Lei. Eram rabinos ou professores. Famosos rabinos, como Sammai e Hillel, poderiam ter estado presentes. Esses grupos de discussão eram comuns, e talvez algumas vezes os meninos pudessem ser ouvintes. Mas aqui Jesus não era um espectador interessado; Ele era um Participante.

Todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas (47). Ele não estava apenas fazendo perguntas, como faria um discípulo, mas também dando respostas (como uma autoridade). Essas perguntas e respostas causavam admiração àqueles que ouviam – inclusive aos rabinos – pela rara profundidade de conhecimento que revelavam. Normalmente é preciso muito conhecimento e entendimento tanto para fazer perguntas inteligentes quanto para fornecer respostas satisfatórias.

Entretanto, esta passagem deve ser interpretada de uma maneira coerente com o crescimento e desenvolvimento normal de Jesus. Não devemos cair no mesmo erro de muitos escritores dos evangelhos espúrios, e atribuir a Jesus uma manifestação de divindade em desacordo com a formação progressiva do seu caráter messiânico. Aos doze anos de idade, Jesus podia manifestar desenvolvimento em qualquer área de sua vida e pessoa, inclusive em termos de consciência de sua missão, e em seu relacionamento com o Pai. Este desenvolvimento equilibrado continuaria por toda a sua vida terrena.

E, quando o viram, maravilharam-se, (48) frase que significa, literalmente: "E, vendo-o, ficaram maravilhados". Eles ficaram espantados com todo o conjunto de circunstâncias que rodeava Jesus neste momento. **Disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos**. Maria aqui revela frustração, e um pouco de exasperação, algo como uma preocupação materna. Ela tinha ficado preocupada; ela estava cansada e confusa. Ela estava simultaneamente atônita com a sabedoria de Jesus, porém desconcertada com a situação. O seu apelo parece também revelar um sentimento de desamparo por estar diante de mais um mistério na vida desta criança incomum e maravilhosa.

Por que é que me procuráveis? (49) Jesus respondeu a uma pergunta com outra pergunta, e Ele reagiu ao assombro de Maria com o seu próprio assombro. Por que ela estava triste, e por que o procurava? **Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?** significa, literalmente, "Vocês não sabiam que é necessário que Eu esteja entre os assuntos do Meu Pai?"[28] Alguns pensam que Jesus parece ter suposto que a sua mãe entendia a sua missão melhor do que na realidade entendia. Observe o contraste entre "o **teu pai e eu"**, de Maria, e a frase **negócios de meu Pai,** de Jesus. Maria

pensava que Ele não havia tido consideração com seus pais; Jesus indica que Ele tinha uma responsabilidade maior para com um Pai maior.

Mas a surpresa de Maria com a aparente falta de consideração de Jesus mostra o quanto a sua obediência e consideração tinham sido fielmente dedicadas a eles até este ponto. A situação também prova que a infância de Jesus tinha sido natural e normal e não tinha sido marcada por indicações freqüentes de talentos sobrenaturais.

E eles não compreenderam as palavras (50). A pergunta de Jesus, que é relativamente clara para nós, só serviu para desconcertar Maria ainda mais. Godet provavelmente está certo quando sugere que Maria não entendeu o uso que Jesus fez da palavra **Pai** como uma referência a Deus.[29] Mesmo que ela tenha entendido, é muito improvável que os demais tivessem entendido. De qualquer maneira, ela não entendeu o significado da frase. Entretanto, não devemos culpar Maria por não compreender o seu Filho. Esta falta de compreensão era necessária, já que Ele deveria levar uma vida humana normal. Se ela tivesse percebido inteiramente a divindade dele, tal conhecimento poderia ter interferido em sua maneira normal de tratá-lo – teria transformado uma mãe em uma adoradora.[30]

E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito (51). Depois desse episódio no templo, no qual foi vista (pelo menos superficialmente) a grande missão de Jesus, Ele reassumiu a sua posição normal de filho obediente. A vontade do Pai era que o seu Filho percorresse o mesmo caminho de vida daqueles que Ele veio salvar.

Sua mãe guardava no coração todas essas coisas. Ela armazenava as coisas que não conseguia entender, para posteriormente dedicar-lhes mais pensamentos e orações. Ela era suficientemente paciente para esperar por um entendimento mais claro, e bastante interessada para não permitir que esses assuntos desaparecessem da sua mente.

Sob o título "O Menino no Templo", Alexander Maclaren tem três divisões: 1) A consciência da Filiação; 2) O doce "dever" das obrigações filiais – **me convém tratar dos negócios de meu Pai**; (3) A aceitação mansa das tarefas mais humildes – **desceu com eles... e era-lhes sujeito**.

Crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens (52). Este é o desenvolvimento normal do homem completo – intelectual, físico, espiritual e social.

Seção III

A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DE CRISTO

Lucas 3.1—4.13

A. A Pregação de João, 3.1-20

1. *João Inicia o Seu Ministério* (3.1-6)

Os três Evangelhos Sinóticos tratam do ministério de João. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 3.1-12. Os comentários aqui se limitarão às diferenças entre a narrativa de Lucas e os outros dois Evangelhos. Lucas apresenta um tratamento mais profundo do tema. Este relato contém vinte versículos, o de Mateus doze, e o de Marcos oito. Lucas também acrescenta alguns fatos específicos.

No ano quinze do império de Tibério César (1). Somente Lucas tenta fixar a data do início do ministério de João, e ele o faz com considerável número de detalhes. Ele não somente fornece o ano específico do reinado do imperador romano na época, mas também cita os governadores ou tetrarcas encarregados de todas as divisões da região palestina. Embora ele inclua os sumos sacerdotes, fica claro que as datas são mais para os leitores gentios do que para os judeus. Esta datação específica e cuidadosa é também uma característica dos historiadores gregos[1] – uma das muitas evidências de que Lucas era grego, e não judeu.

A data fornecida assinala o começo do ministério de João, mas para Lucas este ministério era simplesmente o prefácio ou a introdução ao ministério de Jesus. Era o acontecimento de abertura da "Grande Aventura". Marcos considerou o ministério de João como sendo "o Princípio do evangelho de Jesus Cristo..." (1.1).

A questão sobre quando foi este ano quinze do reinado de Tibério é um assunto que tem causado várias discussões. Tibério tornou-se imperador devido à morte de Augusto,

em 14-15 d.C. Se o décimo quinto ano for contado a partir dessa data, corresponderia a 28-29 d.C. Mas isto significaria que Jesus era mais velho do que Lucas afirma que era (3.23), ou que havia nascido dois anos mais tarde do que normalmente se acredita que Ele nasceu (por volta de 4 a.C.). Alguns estudiosos argumentam que Lucas está contando o reinado de Tibério a partir de 11-12 d.C., quando ele passou a governar juntamente com o seu padrasto, Augusto. Esta tese tem sido atacada e acusada de não estar de acordo com a maneira como os historiadores romanos datavam os eventos na história romana – o costume era fixar a data no início do reinado de um imperador que estivesse na condição de único governante. Entretanto, Lucas não era um historiador romano, e há provas que mostram que o costume de datar desde o início de um governo conjunto era seguido no Oriente.[2] Como Lucas viveu, foi educado e escreveu no Oriente, é mais razoável supor que ele tenha seguido o costume oriental de datar os acontecimentos nos seus escritos. No exemplo atual, portanto, ele está datando desde o início do governo conjunto de Tibério e Augusto – 11-12 d.C. – e assim o ministério de João começou em 26-27 d.C.[3]

Sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia. O seu título exato era "procurador". Ele ocupou este posto de 26 a 36 d.C. e era subordinado ao governador da Síria. **Sendo... Herodes, tetrarca da Galiléia**. Este era Herodes Antipas, o filho de Herodes, o Grande, e irmão de Arquelau. Ele governou a Galiléia e a Peréia de 4 a.C. a 39 d.C. **Tetrarca** quer dizer "governador de um quarto". Originalmente, o termo era usado para designar um governador subordinado encarregado de uma quarta parte dos domínios do seu superior. Na época da narrativa de Lucas, a divisão matemática exata já não era tão respeitada.

Herodes, o Grande, dividiu o seu reino no seu testamento. A Judéia foi designada a Arquelau, cujo título era "etnarca" ("governador de um povo ou de uma nação"), um título um pouco mais elevado do que "tetrarca", o título dado àqueles que governavam as demais divisões do antigo reino de Herodes. Depois de seis anos de governo, Arquelau foi deposto e a Judéia foi anexada ao Império.

Seu irmão Filipe, tetrarca da Ituréia e da província de Traconites. Filipe era o melhor da família de Herodes. Ele governou de 4 a.C. a 34 d.C. A sua tetrarquia ficava a leste do Jordão e ao norte da Peréia. **Lisânias** era o **tetrarca de Abilene**, que ficava imediatamente ao norte da Ituréia e a sudoeste de Damasco (veja o mapa). Lisânias não é mencionado na história secular.[4]

Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes (2). Este fenômeno aparentemente estranho, de haver dois sumos sacerdotes ao mesmo tempo, é justificado pelo fato de Anás, o sumo sacerdote legítimo, ter sido deposto aproximadamente quinze anos antes por Valério Grato, o antecessor de Pilatos, mas continuou a ser considerado como sumo sacerdote pela maioria dos seus compatriotas. Durante este período, quatro outros tinham estado no cargo oficialmente, e o último deles era Caifás, o genro de Anás, que serviu de 17 a 36 d.C.

A recusa, por parte do povo, de reconhecer a deposição da Anás, sem dúvida se devia ao fato de que no sistema mosaico se supunha que os sumos sacerdotes tinham um cargo vitalício. Também é importante lembrar que não se esperava que o povo reconhecesse um ato de um oficial romano pagão (gentio) que destituiu um oficial religioso judeu. Nenhum judeu ortodoxo poderia admitir que um romano tivesse tal autoridade. Tam-

bém é bastante possível que Anás, embora tendo uma posição não oficial como sumo sacerdote, estivesse ocupando a importante posição de *nasi*, ou *presidente*, do Sinédrio.

Segundo o que está escrito no livro... do profeta Isaías (4). Esta passagem de Isaías, capítulo 40, é citada nos três Evangelhos Sinóticos, mas Lucas cita um trecho maior – uma parte do versículo 5 não é mencionada pelos outros dois evangelistas. Lucas também é mais fiel à Septuaginta do que os outros Sinóticos.

A expressão **Todo vale se encherá, e se abaixará todo monte e outeiro** (5), vem de Isaías 40.4. Esta e as frases seguintes deste versículo sugerem alguns ajustes que o homem deve fazer para se encontrar com Deus. A imagem de toda esta passagem é a de pioneiros ou construtores de estradas indo à frente do rei para preparar o caminho pelo qual a sua comitiva deverá passar. João é o pioneiro do Rei dos reis, que está prestes a fazer a sua aparição. 1) Os vales de vida ímpia devem ser preenchidos; 2) os montes e outeiros do orgulho e da hipocrisia deverão ser trazidos até o plano da verdadeira humildade; 3) os caminhos tortuosos e escabrosos deverão ser colocados em conformidade com a vontade do Rei.

Toda carne verá a salvação de Deus (6). Esta não é uma parte da passagem de Isaías 40, mas uma tradução livre de Isaías 52.10. A salvação de Deus, na forma do seu Filho encarnado, será revelada para que toda a carne possa saber e participar. Além disso, na segunda vinda de Cristo e no Juízo todos os olhos o verão – inclusive aqueles que o rejeitaram.

Esta passagem sugere o pensamento: "Como se preparar para o novo nascimento". O texto seria **Preparai o caminho do Senhor,** 4; o "como" se encontra no versículo 5, que dá a prescrição de Deus: 1) **Todo vale se encherá**; 2) **se abaixará todo... outeiro**; 3) **o que é tortuoso se endireitará**; 4) **os caminhos escabrosos se aplanarão**. O versículo 6 dá o resultado desta preparação: **Toda carne verá a salvação de Deus**. Isto é o que acontece quando sobrevêm o verdadeiro avivamento.

2. *Um Pregador Destemido* (3.7-9)

Para uma discussão sobre o conteúdo desta passagem, veja os comentários sobre Mateus 3.7-10. A única diferença importante entre Mateus e Lucas nestes versículos é que Mateus especifica a **raça de víboras** como "muitos dos fariseus e dos saduceus", ao passo que Lucas simplesmente os chama de **multidão.** Os leitores gentios de Lucas não teriam compreendido o significado completo da menção de Mateus a estas seitas judaicas. Também é provável que Lucas desejasse fazer uma aplicação mais ampla (universal) destas palavras.

3. *O que Devo Fazer?* (3.10-14)

Nestes versículos, João é mais o conselheiro do que o evangelista. Aqui ele lida com problemas característicos de grupos específicos – problemas que poderiam impedir ou atrapalhar a vida espiritual daqueles que os confrontavam.

E a multidão o interrogava... Que faremos, pois? E, respondendo ele... Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem... (10-11). **A multidão** significa, literalmente, "a massa". Eles representavam um grupo representativo da população, por isso a resposta de João era aplicável a todos – era um princípio universal. Este é o princípio que agora chamamos de caridade cristã ou amor fraterno. O apóstolo João afirma a

mesma verdade negativamente, quando diz: "Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade [ou o amor] de Deus?" (1 Jo 3.17). O oposto deste princípio é o egoísmo, que tanto desonra a Deus como é autodestrutivo. **E quem tiver alimentos, que faça da mesma maneira**. A comida e as roupas são as necessidades materiais mais básicas do homem, e o amor cristão não pode ficar indiferente na presença de alguém que não tenha essas coisas.

Chegaram também uns publicanos... e disseram-lhe: ...que devemos fazer? (12). Aqui estava um grupo homogêneo que tinha uma fraqueza característica. Esta é a primeira menção feita aos publicanos na história dos Evangelhos, mas Lucas os traz freqüentemente à sua narrativa no restante do seu Evangelho. Estes arrecadadores de impostos para os romanos geralmente eram detestados por uma dupla razão: 1) eles arrecadavam impostos para um poder estrangeiro que não era bem-vindo, e 2) quase sempre eram desonestos, cobrando mais do que era devido. A pergunta e o desejo deles no sentido de serem batizados indica que procuravam a salvação com sinceridade. O fato de João não os condenar, como fez com os fariseus e os saduceus, confirma esta interpretação.

Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado (13). João deu a resposta perfeita, porque este era o antídoto perfeito para a fraqueza característica deles. Aqui percebemos a exigência da honestidade pessoal em todos os relacionamentos.

E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós, que faremos? (14) E a resposta de João é, novamente, muito apropriada: **A ninguém trateis mal, nem defraudeis e contentai-vos com o vosso soldo**. Isto abrange as três tentações mais comuns dos soldados. Nas respostas de João aos publicanos e aos soldados, podemos ver uma das muitas evidências no Novo Testamento do fato de que Deus se propõe a revolucionar a sociedade, não por meio de uma mudança brusca da estrutura social exterior, mas por meio de uma revolução interior e pessoal, e pela renovação (pelo novo nascimento) dos indivíduos que compõem a sociedade. As mudanças sociais exteriores devem ser o resultado da mudança interior dos indivíduos.

4. *Quem é João* (3.15-17)

Para uma discussão completa sobre estes versículos, veja os comentários sobre Mateus 3.11-12. A única diferença significativa entre a narrativa de Lucas e a de Mateus, está no fato de que Lucas acrescenta uma afirmação introdutória (15) que faz uma transição mais suave e mais literária às próximas palavras de João, e também apresenta a razão para o que vem a seguir. Lucas nos conta que a referência que João faz ao ministério e ao batismo de Jesus, e à sua própria inferioridade a Jesus, foi motivada pela **expectação** do povo e pelo fato de que estariam **pensando...** (ou argumentando) **se, porventura** [ele, João], **seria o Cristo** (15).

Nos versículos 16-17 podemos ver "Os dois batismos". Aqui a Bíblia mostra: 1) comparação: ambos foram batismos – atos, não processos; 2) Contraste: a água *versus* o fogo; o arrependimento *versus* o Espírito; 3) Conseqüência: **nunca se apaga**.

5. *João e Herodes* (3.18-20)

O versículo 18 é outro daqueles elos literários entre os acontecimentos que caracterizam o Evangelho de Lucas e marcam a sua superioridade literária em relação aos

outros dois Sinóticos. Lucas resume todo o resto da pregação de João nas **muitas outras coisas** que ele pregava ao povo.

Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele... acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere (19-20). Mateus dá esta informação muito mais tarde[5] – depois da morte de João – e somente com a finalidade de explicar a crença de Herodes de que Jesus era João ressuscitado dos mortos. Lucas, sendo novamente mais literário, usa esta informação como a conclusão da sua narrativa do ministério de João, apresentando-o, conseqüentemente, como uma unidade.

B. O Batismo de Jesus, 3.21-22

Em sua narrativa do Batismo, Lucas é muito mais conciso que Mateus, e até mesmo ligeiramente mais conciso que Marcos. Para uma argumentação a respeito, veja os comentários sobre Mateus 3.13-17. A única contribuição de Lucas é a sua afirmação de que Jesus orou depois do seu batismo e antes que descesse sobre Ele o Espírito Santo. A oração de Jesus nesta ocasião deve ter sido curta – como foi a sua oração no túmulo de Lázaro (Jo 11.41-42). Mas a oração era tão significativa para Ele, que até mesmo esta breve oração deve ser mencionada juntamente com sua relação com a descida do Espírito Santo.

C. A Genealogia de Jesus, 3.23-38

Jesus... começava a ser de quase trinta anos (23). Esta era a idade com a qual os sacerdotes e os levitas iniciavam o seu serviço, e também aquela em que os escribas poderiam começar a ensinar legalmente. Jesus tinha atingido a idade em que Ele poderia iniciar o seu ministério público.

Sendo (como se cuidava) filho de José, e José, de Eli... (23). Aqui Lucas nos apresenta a genealogia de Jesus. O Evangelho de Mateus começa com uma genealogia, ao passo que Lucas a coloca aqui, no início do ministério público de Jesus. Este é o ponto em que Jesus se torna o principal Personagem da narrativa de Lucas. Os dois autores traçam a genealogia através de Davi, mas Mateus retrocede até Abraão, interessado na relação de Jesus com a nação de Israel, ao passo que Lucas retrocede até Adão. Ele apresenta Cristo não apenas como o Messias judeu prometido, o Filho de Davi, mas como o Salvador do mundo e o Filho de Adão. Outro contraste entre os dois relatos é o fato de que Mateus inicia a genealogia em Abraão e termina em Jesus, enquanto Lucas inicia em Jesus e retrocede para terminar em Adão e Deus.

Além destas três diferenças, existe outra que é mais difícil de explicar: os nomes nas duas listas diferem no período compreendido entre Davi e Cristo. Muitos estudiosos afirmam que as duas listas fornecem a genealogia de José. Outros acreditam que a genealogia de Mateus corresponde aos antepassados de José, ao passo que a de Lucas corresponde aos de Maria. Godet traduziu a última metade do versículo 23 como: "sendo filho – pensava-se, de José – de Eli", ou seja, Jesus é identificado como o "filho" do seu avô materno, Eli[6]. Conseqüentemente, esta é a genealogia de Maria.

D. A Tentação de Jesus, 4.1-13

Para uma ampla argumentação sobre as tentações de Jesus, veja os comentários referentes a Mateus 4.1-11. Mateus e Lucas apresentam a narrativa da Tentação com detalhes, ao passo que Marcos apenas a menciona (Mc 1.12-13). Naquilo que é o principal, os relatos de Mateus e Lucas contêm as mesmas informações, mas diferem quanto aos seguintes aspectos:

1) Eles não mencionam a segunda e a terceira tentações na mesma ordem. Mateus coloca a tentação de saltar do pináculo do Templo em segundo lugar, ao passo que no texto de Lucas ela está em terceiro lugar. A tentação de aceitar os reinos do mundo, então, é a terceira em Mateus e a segunda em Lucas.

2) Lucas diz que Jesus foi tentado durante os quarenta dias do jejum e também posteriormente; Mateus não menciona estas outras tentações.

3) Segundo Mateus, depois que Satanás mostra a Jesus os reinos deste mundo, ele diz: "Tudo isto te darei". Lucas enfatiza a autoridade e a glória destes reinos. De acordo com Lucas, Satanás diz **Dar-te-ei a ti todo este poder** (literalmente, "autoridade") **e a sua glória** (6).

4) Quanto à mesma tentação, em Lucas, acrescenta-se ao texto de Mateus o seguinte: **porque a mim me foi entregue, e o dou a quem quero** (6).

5) Na tentação de saltar do pináculo do Templo, Mateus chama a cidade de "Cidade Santa", enquanto Lucas a chama pelo nome, **Jerusalém** (9). Aqui, o motivo de Lucas é, obviamente, esclarecer os leitores gentios.

Estas diferenças não alteram em nada os ensinos relativos à tentação de Jesus.

Barclay intitula esta seção como "A batalha contra a tentação" e assim a esquematiza: 1) A tentação de subornar as pessoas com presentes materiais, 2-4; 2) A tentação de fazer acordos ou concessões, 5-8; 3) A tentação de dar demonstrações sensacionais às pessoas, 9-12. Poderíamos acrescentar mais uma: 4) As recompensas da vitória sobre a tentação, 13-14.

Seção IV

O MINISTÉRIO NA GALILÉIA

Lucas 4.14—9.50

A. O Primeiro Período (4.14-44)

1. *A Rejeição de Jesus em Nazaré* (4.14-30)

O tratamento que Lucas dá a este episódio é um exemplo de organização lógica, mais do que cronológica. Se este for o mesmo episódio dos outros Evangelhos Sinóticos,[1] ele não aconteceu no início do ministério de Jesus. Lucas coloca este episódio como o primeiro no seu texto por causa do seu significado lógico. Pela mesma razão, ele inclui a leitura de Jesus da passagem em Isaías 61 e a aplicação desta passagem à Sua própria missão.

Lucas não deixa implícito que este seja o verdadeiro início do ministério de Jesus. Ele afirma que Jesus já entrara suficientemente na vida pública, pois **a sua fama correu por todas as terras em derredor. E ensinava nas suas sinagogas** (14-15). Além disso, a predição de Jesus (no versículo 23) de que eles diriam **faze também aqui na tua pátria tudo o que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum,** não apenas revela a verdade com respeito à cronologia, mas ajuda a definir o cenário para os acontecimentos em Nazaré. De tudo isto, fica claro que Lucas começa a sua narrativa do ministério de Jesus em Nazaré porque este parecia ser o lugar lógico para começar – Jesus de Nazaré, pregando em Nazaré e proclamando a si mesmo como sendo o Cumprimento da profecia de Isaías sobre a pregação do Evangelho.

Na versão de Lucas, este episódio é mais significativo do que nos outros dois Evangelhos Sinóticos, como pode ser visto pelo fato de lhe dedicar dezesseis versículos, enquanto que Mateus dá a sua versão em cinco versículos e Marcos em seis.

Pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia (14). Esta passagem, seguindo-se imediatamente à narrativa da Tentação, nos lembra de que todos os três Evangelhos Sinóticos relacionam o relato do retorno à Galiléia à história da Tentação; mas tanto Mateus quanto Marcos dão a entender que a razão para o retorno se deu quando Jesus recebeu as notícias da prisão de João.[2] A **virtude do Espírito** era o poder do Espírito Santo, que foi visto descendo sobre Jesus no Seu batismo.

E, chegando a Nazaré, onde fora criado (16). Lucas conecta este episódio com o início da vida de Jesus que ele havia acabado de narrar. **Entrou... num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga.** Jesus vinha pregando por um tempo suficiente para já ter costumes estabelecidos. **E levantou-se para ler.** Esta era a postura habitual para a leitura das Escrituras na sinagoga. Qualquer outra postura seria um desrespeito às Sagradas Escrituras. O leitor não tinha permissão sequer de apoiar-se em alguma coisa enquanto lia.

E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías (17). Nos cultos na sinagoga se pedia freqüentemente aos visitantes que lessem as Escrituras e fizessem os comentários que desejassem, ou que comentassem o que outra pessoa havia lido.[3] Em cada culto se lia um trecho da Lei, e um dos textos dos Profetas. Nesta ocasião, o trecho da Lei havia sido lido antes que Jesus recebesse o Livro de Isaías.

Achou o lugar em que estava escrito... A passagem mencionada é Isaías 61.1-2*b*. Este era o trecho especialmente designado para a leitura na manhã do Dia da Expiação.[4] Alguns julgam que o trecho lido era o ensino para aquele dia, e que foi providencial o fato de Jesus estar presente naquele dia específico, mas isto não está confirmado. Parece mais provável que Jesus tenha selecionado este trecho.

O Espírito do Senhor é sobre mim... (18). Lucas faz uma citação da Septuaginta, com algumas variações. Esta é uma passagem messiânica que indica as funções do ministério messiânico. Estas funções são realizadas sob a unção e a direção do Espírito Santo. Aqui o próprio Senhor nos dá a natureza da mensagem do Evangelho, que pode ser esquematizada como:

1) **Evangelizar os pobres** (18), ou "pregar o evangelho aos pobres". O termo **evangelho** significa "boas-novas" ou "boas notícias". Os **pobres** pareciam mais dispostos a ouvir Jesus. As suas necessidades faziam com que eles se voltassem para o Salvador. Ninguém, rico ou pobre, consegue encontrar Jesus até que perceba sua destituição espiritual, busque a Cristo, e confesse a Ele as suas necessidades.

2) **Para curar os quebrantados do coração** (18). Para consolar aqueles cujas circunstâncias desesperadoras ou pecados causaram uma tristeza de coração.

3) Para **apregoar liberdade aos cativos** (19), especialmente aqueles que são cativos do pecado e de Satanás. A expressão lembra o cativeiro na Babilônia.

4) Para **dar vista aos cegos** (19) – referindo-se tanto à cegueira física quanto à espiritual. Um momento de reflexão irá revelar Cristo em ambos os aspectos, em seu ministério que traz a Luz.

5) Para **pôr em liberdade os oprimidos** (19) – aqueles oprimidos pelas calamidades ou pelo pecado. A libertação do pecado é garantida e completa; a libertação da calamidade ou das dificuldades significa a libertação das suas causas, ou a graça necessária para suportá-las.

6) Para **anunciar o ano aceitável do Senhor** (19). A expressão **ano aceitável** se refere ao ano do jubileu – o qüinquagésimo ano. Aqui se trata da época da aceitabilidade do homem por Deus – que Deus irá aceitar aquele que se voltar a Ele em verdadeira contrição e rendição. Este fato será pregado no ministério messiânico e na dispensação da graça.

Cerrando o livro e tornando a dá-lo ao ministro, assentou-se (20) significa literalmente: "Tendo enrolado o livro (ou o pergaminho) e tendo-o entregue ao ajudante, ele se sentou". Normalmente os pregadores judeus pregavam sentados. **Os olhos de todos... estavam fitos nele** – tanto em disposição para ouvir a sua mensagem quanto, possivelmente, com alguma ligeira percepção da exclusividade da situação atual, embora a seqüência mostre que eles não estavam prontos – no coração – para receber aquilo que Ele iria dizer.

Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos (21). Aqui temos a proclamação oficial de que o Messias chegou e que o seu ministério estava em andamento. Esta proclamação revela a principal razão de Lucas para iniciar, com este episódio, a narrativa do ministério de Cristo. Em termos literários, é um excelente ponto de partida, e o Evangelho de Lucas é o mais literário dos quatro.

E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça (22). **Palavras de graça** literalmente significam "palavras que transmitem graça". Sem dúvida, eles admiraram o seu talento para falar e a beleza da sua linguagem, mas também se extasiaram com a maravilha do que Ele estava dizendo e de quem Ele era. **Não é este o filho de José?** Este era o grupo hesitante. Para eles, Jesus era somente o filho de José; como poderia Ele ser o Cumprimento desta grande passagem messiânica?

Sem dúvida me direis... Médico, cura-te a ti mesmo (23). Aqui Jesus compreende os seus pensamentos e prevê os seus comentários posteriores. Mas os Seus comentários a seguir não são calculados para obter a confiança deles, nem para persuadi-los a aceitá-lo como o Messias. Grande parte do que Ele disse nesta ocasião eram palavras diametralmente opostas à cegueira e aos preconceitos mais amargos que eles possuíam.

Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria (24). Provérbios como este não tinham a intenção de falar de uma situação ou fato que não tivesse uma exceção possível. Ao invés disso, eles são a afirmação de princípios importantes e gerais. Além disso, é necessário observar que este provérbio não se aplica aos grandes homens deste mundo cujas pátrias compartilham a sua glória. Ele se aplica aos profetas que representam Deus e pregam a verdade – a verdade freqüentemente embaraçosa e incriminadora.

Em verdade vos digo (25). A verdade que Ele irá dizer é algo de que eles não vão gostar, e que se recusarão a aceitar.

Muitas viúvas existiam em Israel... (25). Jesus cita dois eventos do Antigo Testamento em que os gentios pareceram obter um tratamento preferencial de Deus e de seus profetas, enquanto os judeus, com as mesmas necessidades, eram ignorados. Trata-se da viúva de Sarepta, a quem Elias ajudou (1 Rs 17.8-24) e de Naamã, o sírio, que foi purificado da lepra (2 Rs 5.1-19). Este é um dos muitos exemplos onde Lucas apresenta episódios e ensinos de Jesus que o mostram como tendo sido igualmente interessado em todos os homens e não limitado pelos rígidos preconceitos dos judeus.

E todos, na sinagoga... se encheram de ira (28). Nenhuma ira é tão feroz nem tão cega quanto aquela que é gerada pelo preconceito, particularmente pelo preconceito religioso.

E... o expulsaram da cidade e o levaram até ao cume do monte... para dali o precipitarem (29). Nazaré estava localizada em uma elevação, a pouca distância do Vale de Esdraelom. A cidade foi construída em um declive de 120 a 150 metros de altura de onde se vê um pequeno vale. O lugar aceito como sendo o da tentativa de destruir Jesus fica a cerca de três quilômetros de Nazaré, e é conhecido como o Monte da Precipitação. Mas um lugar mais provável é um paredão rochoso com 12 a 15 metros de altura, na parte oeste da cidade.

Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se (30). Esta fuga deveu-se provavelmente à agilidade do Mestre mais do que a um milagre, pois Jesus seguia o princípio de nunca usar o seu poder milagroso em benefício de sua necessidade pessoal de segurança. No entanto, não se deve dizer que a Providência e a ajuda do Espírito Santo não estivessem envolvidas. Qualquer ajuda que Ele tenha recebido não foi milagrosa, no sentido usual desta palavra, mas aquela que está disponível a todos os filhos de Deus quando chega a necessidade, e Deus deseja interferir.

2. *Jesus Vai a Cafarnaum; Um Demônio é Expulso* (4.31-37)

Este material não é encontrado em Mateus, mas é fornecido, com algum detalhe, por Marcos. Aqui Lucas quase repete o conteúdo de Marcos.

Cafarnaum, cidade da Galiléia (31). Esta é outra indicação de que o Evangelho de Lucas foi escrito para os gentios, pois nenhum judeu precisava da explicação de que Cafarnaum ficava na Galiléia. Se alguma cidade pode ser mencionada como sendo a casa de Jesus durante o seu ministério público, essa era Cafarnaum. Os seus primeiros discípulos foram encontrados nesta cidade, e nas suas proximidades, e muitos dos acontecimentos relatados nos Evangelhos aconteceram aqui.

E os ensinava nos sábados. Evidentemente este era um costume regular de Jesus. Ele participava regularmente do culto da sinagoga aos sábados, tomando parte da leitura oficial da Lei ou dos textos dos Profetas, ou de ambos, fazendo os seus próprios comentários, e também pregando as boas-novas do seu ministério singular.

E admiravam-se da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade (32). **Doutrina** aqui significa, literalmente, "ensino". Uma característica admirável dos seus ensinos era que, diferentemente dos escribas, Ele baseava os seus pronunciamentos na sua própria autoridade e não na autoridade de alguns rabinos de destaque. Na verdade, podemos ver muitos exemplos em que Ele levou a sua própria autoridade na direção oposta dos ensinos dos rabinos ou "das tradições dos anciãos".

E estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo (33). Observe que o dia de trabalho típico de um sábado para Jesus ia além dos seus ensinos e das suas pregações. Normalmente eram estas "outras" atividades que o colocavam em conflito com os líderes judeus. Para eles, a lei era mais importante do que os homens, e os preceitos eram mais importantes do que os princípios. Jesus se opunha a eles nas duas coisas.

Fica claro, tanto a partir das Escrituras quanto do Talmude, que os judeus antigos consideravam como obra de demônios muitas coisas que hoje já não são consideradas assim, mesmo pelos estudiosos cristãos mais conservadores. Também é inegável que as Escrituras ensinam que a possessão demoníaca é uma realidade. Sem dúvida, muitos que eram deformados ou doentes mentais eram normalmente considerados como possuídos pelo demônio. Entretanto, se cremos na inspiração divina das Escrituras, precisa-

mos reconhecer que os simples fatos da narrativa dos Evangelhos revelam o domínio dos demônios sobre a vida de muitas pessoas.

Que temos nós contigo... ? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus (34). O cético chamaria estas palavras de delírios de uma mente demente. Mas nesta afirmação se encontram a sanidade perfeita e um discernimento sobre-humano. A mudança da forma plural para a singular dos pronomes pessoais (**nós** para **eu**) não é um erro gramatical do demônio. Quando ele usa a forma plural, se refere a todo o reino de demônios, do qual ele faz parte, e cuja punição compartilhará. Quando ele diz **sei quem és,** está revelando o seu discernimento pessoal quanto à pessoa e a natureza de Jesus.

Observe o que o demônio sabe: *a*) ele sabe quem Jesus é; *b*) sabe que a destruição (o castigo eterno) é o que irá receber. Mas ele tem um conhecimento limitado; não sabe se Jesus veio para destruí-lo junto com os seus semelhantes, ou não – os planos de Deus são ocultos para Satanás e os seus asseclas, exceto quando são revelados ao homem.

Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele (35). Jesus não queria o testemunho da sua divindade vindo do mundo demoníaco, mesmo que os demônios conhecessem a sua identidade. **E o demônio, lançando-o por terra... saiu dele, sem lhe fazer mal.** O demônio não podia resistir à ordem de Jesus nem machucar seriamente o homem que Ele havia decidido defender.

Veio espanto sobre todos, e falavam... dizendo: Que palavra é esta. (36) A última frase não é na verdade uma pergunta, mas uma exclamação. **Aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem.** As duas palavras gregas mais comuns para "poder" são usadas aqui, e estão corretamente traduzidas. A congregação da sinagoga reconheceu que Jesus tinha autoridade para ordenar aos demônios e também o poder (dinâmico) para forçá-los a obedecer.

E a sua fama divulgava-se por todos os lugares... (37). Um milagre assim não poderia ser mantido em segredo, e a fama de Jesus crescia muito, como resultado das emoções e das línguas incontroláveis.

3. *A Cura da Sogra de Pedro* (4.38-39)

Para uma argumentação sobre esta passagem, veja os comentários sobre Mateus 8.14-15 (cf. também Mc 1.29-31). Lucas acompanha Marcos mais de perto do que Mateus.

Lucas se refere à febre da sogra de Pedro como **muita febre**. Os outros dois Evangelhos Sinóticos não usam "muita". A palavra original aqui era um termo científico usado pelos médicos para descrever uma febre grave. Galen também usa a mesma palavra com o mesmo sentido. Aqui há outra indicação de que o autor deste Evangelho era um médico, e representa uma prova a mais de que Lucas foi este autor.

4. *Os Milagres Depois do Pôr-do-sol em Cafarnaum* (4.40-41)

Para uma argumentação sobre este assunto, veja os comentários sobre Mateus 8.16-17. Lucas omite as citações de Isaías encontradas no texto de Mateus, citações que dão a entender que estes milagres são o cumprimento da profecia de Isaías. Por outro lado, Lucas nos conta que muitos demônios, antes de serem expulsos, gritavam e diziam: **Tu és o Cristo, o Filho de Deus** (41), e que Jesus os repreendia e não os deixava falar, porque sabiam que Ele era o Cristo (veja os comentários sobre Lucas 4.35). Marcos apresenta uma parte desta explicação (Mc 1.34).

5. *Jesus Expande o Seu ministério* (4.42-44)

O conteúdo dos versículos 42-44 não é encontrado no texto de Mateus, mas é fornecido em Marcos 1.35-38. Para uma argumentação ampla, veja os comentários sobre esta passagem no texto de Marcos.

E, sendo já dia (Marcos diz: ..."de manhã muito cedo, estando ainda escuro"), **saiu e foi para um lugar deserto** (42). Normalmente, é Lucas quem narra os momentos de oração de Jesus, mas neste caso é Marcos quem nos conta que Jesus orou.

E a multidão o procurava... e o detinham, para que não se ausentasse... Eles queriam que Jesus ficasse com eles. Isto era incomparavelmente melhor do que o tratamento que Ele recebeu em Nazaré, mas Jesus tinha outros planos, e outros homens precisavam dele.

Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado (43). Marcos diz "aldeias vizinhas" em lugar de **outras cidades**. É fácil ver que Lucas está dando a este material uma aplicação mais ampla e, consequentemente, de um grande apelo junto aos gentios. Jesus deixa claro que Ele é enviado não para umas poucas pessoas ou para uma cidade, mas para outros e finalmente para todos os homens.

E pregava nas sinagogas da Galiléia (44) Uma afirmativa abrangente que mostra o seu ministério expandido para toda a Galiléia. Veja os comentários sobre Mateus 4.23.

B. O Segundo Período, 5.1—6.11

1. *Jesus Ensina e Convoca os Pescadores de Homens* (5.1-11)

O tratamento que Lucas dá a este episódio do ministério de Jesus é muito mais extenso do que o de Mateus, ou o de Marcos. Aqueles relatos se limitam aos detalhes mais imediatos da chamada dos quatro. Veja os comentários sobre Mateus 4.18-22.

Apertando-o a multidão (1). A sua popularidade tinha chegado ao ponto em que as multidões eram suficientemente grandes para criar problemas para Jesus. Havia inclusive o perigo de que Ele fosse esmagado ou pisoteado por elas. **Estava ele junto ao lago de Genesaré**. Lucas é o único dos quatro Evangelistas que designa esta massa de água com o nome adequado de **lago**. Os outros três usam a designação popular "mar". Observe que Lucas aqui descreve a Jesus como estando em pé junto ao lago, ao passo que nos textos de Mateus e de Marcos Ele está caminhando. Além disso, os dois primeiros Evangelhos dizem que Pedro e André estavam lançando uma rede ao mar, e Lucas diz que eles estavam lavando as suas redes. Um exame mais detalhado destes fatos mostrará que Mateus e Marcos começam a narrativa em um ponto anterior – quando os pescadores ainda estavam pescando; Lucas começa a sua narrativa depois que Jesus já havia chegado (então Ele já não estava mais caminhando), os homens tinham acabado de pescar e a multidão estava reunida.

E viu... dois barcos (2). Eram pequenas embarcações. Uma boa tradução poderia ser "barquinhos". **Junto à praia do lago**. Os barcos estavam na margem. **Os pescadores... estavam lavando as redes**. Eles tinham acabado de pescar e estavam limpando as suas redes.

Entrando num dos barcos... o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra (3). Esta é a primeira vez que Lucas apresenta qualquer dos discípulos de Jesus na sua narrativa.[5] O barco estava na praia; Pedro o empurrou para o lago – provavelmente entrou na água por alguns metros, puxando ou empurrando o barco.

E, assentando-se, ensinava do barco a multidão. O texto em Mateus 13.1-3 registra uma experiência similar de Jesus, mas parece ser uma ocasião diferente da que Lucas registra aqui. O conteúdo dos ensinos de Jesus nesta ocasião não é mencionado aqui. Lucas só está interessado naquilo que influenciou estes quatro homens a se tornarem discípulos de Jesus.

Disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar (4). A palavra traduzida como **pescar** significa "pegar" ou "apanhar" e a maneira como é usada aqui dá a entender um sentido muito mais amplo. Jesus estava instruindo pescadores experientes, mas a sua autoridade e o seu conhecimento se baseavam em sua divindade, e não na experiência como no caso de um pescador. Ele tinha conhecimento sobre-humano de onde estavam os peixes. O conselho de Jesus de ir **ao mar alto** dá a entender que estes pescadores estariam pescando em águas rasas. Neste tipo de pesca, uma das extremidades da rede era presa à costa enquanto a outra era presa ao barco. Os pescadores então remavam o barco em semicírculos, começando e terminando na costa, mantendo a rede esticada entre o barco e a costa. O fato de Mateus e Marcos dizerem que Jesus os viu lançando uma rede ao mar (Mt 4.18; Mc 1.16) dá a entender que o mesmo método de pescaria estava sendo utilizado. As palavras **faze-te ao mar alto** têm um óbvio significado espiritual.

Mestre, havendo trabalhado toda a noite... mas, porque mandas (5). Aqui vemos um misto de emoções e reações. A experiência de Pedro como pescador lhe dizia que, tendo pescado sem sucesso durante toda a noite, seria inútil tentar novamente agora. Mas ele parecia já conhecer Jesus o suficiente para que a ordem do Senhor fizesse uma diferença significativa nas circunstâncias. A fé dizia que se Jesus ordenava ou exigia uma ação, ela teria sucesso. Assim, podemos ver que a fé gera a obediência.

Rompia-se-lhes a rede (6) significa, literalmente, "a sua rede estava se rompendo". O "romper" ou rasgar não evitou que eles levassem os peixes para a terra.

Fizeram sinal aos companheiros (7), que eram Tiago e João, os filhos de Zebedeu. Vemos que Tiago e João eram mais do que simples companheiros de pescaria ou vizinhos. O fato de haver dois barcos e quatro pescadores que trabalhavam juntos permitiria que eles pescassem mais afastados da costa – a rede podia ficar presa aos dois barcos.

Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador (8). O tremendo sucesso dos seus esforços, e a razão óbvia para esse sucesso repentino, deram a Pedro uma visão de dois fatos. Ele viu o Senhor, o seu poder, a sua sabedoria e o seu conhecimento, a sua falta de pecado – e Pedro viu a si mesmo, uma criatura pecadora. Ele era pecador em contraste com a santidade de Cristo, e era verdadeiramente um pecador. Esta experiência produziu uma convicção do pecado que o deixou desconfortável na presença de Cristo, e o primeiro impulso foi o de pedir a Cristo que partisse. Pedro sempre falava de acordo com o seu primeiro impulso. Mas Jesus sabia que o seu desejo mais profundo era a libertação do pecado e a semelhança com Ele.

Pois que o espanto se apoderara dele (9) significa, literalmente, "Porque estava dominado pelo espanto". Esta foi a sua razão para falar. Sempre havia suficiente razão para

que o impulsivo Pedro falasse. Mas o mesmo espanto caiu sobre **todos os que com ele estavam**, e eles não falaram, embora sem dúvida sentissem a mesma convicção com respeito ao pecado. Algumas vezes criticamos Pedro pela sua impulsividade, mas deveríamos aprender algo com o fato de que obviamente Jesus sentia que precisava de um discípulo impulsivo.

E, de igual modo, também de Tiago e João (10), ou seja, "também o espanto tinha se apoderado deles". **E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante, serás pescador de homens**. A atitude de Jesus com relação ao desabafo de Pedro é vista pelo fato de Pedro ter sido o único a receber estas palavras encorajadoras. Foi Pedro quem disse: ..."mas, porque mandas, lançarei a rede" (v. 5). Pedro havia apanhado os peixes e, como resultado, Jesus "pescou" Pedro, e o transformou em um "pescador" de homens para o Reino.

[Eles] **deixaram tudo e o seguiram** (11). Assim que alcançaram a terra, eles deixaram o negócio da pesca e seguiram Jesus para se tornarem pescadores de homens. Os quatro pescadores tinham o mesmo pensamento. Pedro era diferente dos outros três em suas reações, mas não nas suas atitudes e desejos básicos. Jesus agora tinha os seus primeiros quatro discípulos.

Quanto a este evento, Alexander Maclaren destaca três pontos: 1) A lei do serviço, 4; 2) A resposta, 5; 3) O resultado, 6-8.

2. *Jesus Cura um Leproso* (5.12-16)

Mateus coloca este acontecimento imediatamente depois do Sermão do Monte. Lucas simplesmente diz que aconteceu **quando** Ele **estava em uma daquelas cidades** (12). Para uma ampla argumentação sobre este assunto, veja os comentários sobre Mateus 8.1-4. Lucas, o médico, acrescenta ao relato de Marcos a observação que o homem estava **cheio de lepra** (12), isto é, a doença já tinha atingido um estágio muito avançado – já não era um foco localizado.

...Retirava-se para os desertos e ali orava (16). Não é fácil resistir à atração da popularidade, mas com freqüência é mais sábio – e até mesmo essencial – deixar a multidão e retirar-se a um lugar de oração. Quando retornarmos à multidão, certamente teremos muito mais capacidade para ministrar a elas depois de nosso precioso período de oração no deserto. Aqui, como sempre, Jesus nos dá um exemplo maravilhoso, e Lucas é o único que registra este ponto.

3. *A Cura do Paralítico* (5.17-26)

Os três Evangelhos Sinóticos mencionam este episódio. Mateus e Marcos dizem que o lugar do milagre foi Cafarnaum; Lucas não diz onde ele ocorreu. Marcos e Lucas nos contam que o paralítico foi baixado pelo teto, enquanto que Mateus não comenta esse fato. Para uma argumentação melhor, veja os comentários sobre Mateus 9.2-8.

4. *O Chamado de Levi – Mateus* (5.27-32)

Este acontecimento é mencionado nos três Evangelhos Sinóticos. Para uma argumentação melhor, veja os comentários sobre Mateus 9.9-13. A única diferença significativa entre o texto de Lucas e o de Mateus é o fato de que Lucas usa o nome **Levi** ao invés de Mateus. Marcos também o chama de Levi. Talvez Jesus lhe tenha dado o apelido de Mateus, que significa "presente de Deus" ou "dom de Deus".[6]

5. *A Questão do Jejum* (5.33-39)

Este material é encontrado nos três Evangelhos Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 9.14-17. A única adição significativa de Lucas é o versículo 39. Aqui ele afirma que o Mestre disse que nenhum homem, tendo bebido o vinho velho, vai querer o novo, porque vai dizer que o velho é melhor. Na parábola, Jesus está usando o vinho novo e os odres novos para representar o seu Reino e os seus ensinos. O versículo 39 parece contradizer isso, a menos que consigamos enxergar que Jesus está tentando mostrar a lentidão dos homens – especialmente dos líderes judeus – em aceitar o que é novo. Eles insistem que o velho é melhor. Foi esta insistência que deixou os judeus fora do Reino de Cristo. Observe que não é Jesus quem diz **Melhor é o velho**, mas o homem hipotético nesta ilustração.

6. *O Senhor do Sábado* (6.1-5)

Este episódio é encontrado nos três Sinóticos, e o relato de Lucas é o mais curto deles. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.1-8 (cf. também Mc 2.23-38). O único detalhe significativo de Lucas é a sua menção ao fato de que eles, esfregando-as [as espigas] com as mãos (para remover as cascas), as comiam.

7. *A Cura no Sábado* (6.6-11)

O relato deste milagre é encontrado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.9-14 (cf. também Mc 3.1-6). O único detalhe significativo de Lucas é a afirmação de que os inimigos de Jesus **ficaram cheios de furor** (11) devido à cura que o Senhor realizou no sábado. Isto mostra a extensão do descontentamento deles, mas também está em total contraste com a alegria que seria a reação humana natural sob tais circunstâncias.

A obra *Pulpit Commentary* (Comentário do Púlpito) sugere as seguintes divisões para este episódio: 1) O pecado nos deixa incapacitados, 6; 2) Cristo veio para nos restaurar, 8-10; 3) Cristo exige de nós uma resposta imediata e prática, 10; 4) A bondade prática é a principal manifestação do poder renovado – isto é, o homem deveria usar a sua mão curada para ajudar os outros.

C. O Terceiro Período, 6.12—8.56

1. *A Eleição dos Doze* (6.12-16)

Os três Sinóticos incluem o relato da escolha dos Doze. Para uma argumentação sobre o material dos versículos 14-16, veja os comentários sobre Mateus 10.2-4 (cf. também Mc 3.13-19). Lucas acrescenta ao relato encontrado em Mateus o conteúdo dos versículos 12 e 13.

Subiu ao monte a orar (12). Lucas mostra Jesus em oração antes de qualquer grande acontecimento na sua vida. A escolha dos Doze era tão importante que Jesus não somente orou, mas Ele **passou a noite em oração a Deus**. O Mestre nos deu um exemplo importante para seguir. Nunca devemos tomar qualquer decisão importante sem uma temporada de sinceras orações.

Quando já era dia, chamou a si os seus discípulos (13). Um discípulo é um aluno, um estudante, um aprendiz. Todos os seguidores de Jesus eram discípulos. Tendo concluído a sua noite de oração, agora Ele estava pronto para escolher os líderes do seu Reino e da obra do seu Reino. Entre esses discípulos **escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos**. Os apóstolos eram os "enviados" com uma mensagem. Eles eram mensageiros, mas eram mais do que isso: eram representantes e embaixadores de Cristo.

2. *O Sermão da Montanha* (6.17-29)

Este é, evidentemente, o mesmo sermão apresentado no texto de Mateus, que geralmente é chamado de Sermão do Monte. Aqui há diferenças entre os dois relatos, que levaram alguns a concluir que se trata de dois sermões separados em duas ocasiões diferentes. Mas as similaridades superam as diferenças, e estas diferenças podem ser justificadas. As similaridades são as seguintes: *a*) As duas versões começam com uma série de bem-aventuranças; *b*) As duas incluem o ensino de Jesus de amar aos inimigos; e *c*) As duas terminam com a parábola dos dois construtores.

As diferenças são as seguintes: *a*) A versão de Mateus é bem mais longa; *b*) No texto de Mateus, o sermão se deu em uma montanha, e em Lucas em uma planície ou "um lugar plano"; *c*) Lucas inclui algum material que não é encontrado em Mateus; e *d*) Lucas somente menciona quatro bem-aventuranças, ao passo que Mateus apresenta nove. Entretanto, as quatro apresentadas por Lucas têm o mesmo conteúdo, embora sejam ligeiramente diferentes em forma das quatro correspondentes em Mateus.

As omissões de Lucas são coerentes com o plano e os propósitos do seu livro – as passagens omitidas tratam de assuntos que geralmente eram omitidos por Lucas. Geralmente eram assuntos de interesse principalmente, ou exclusivamente, dos leitores judeus.

O aparente conflito entre o assim chamado **lugar plano** e a montanha como o lugar onde aconteceu o sermão não representa realmente um conflito. A palavra grega traduzida como **lugar plano** no relato de Lucas significa literalmente um "lugar mais alto", ou um platô.

O fato de que Lucas inclua algum material que Mateus não apresenta somente demonstra que nem mesmo Mateus relatou tudo o que Jesus disse naquela ocasião. Para uma ampla argumentação, veja os comentários sobre Mateus, capítulos 5 a 7.[7] O que Lucas acrescentou merece um comentário adicional. Lucas acrescenta um toque pessoal às suas bem-aventuranças ao usar a segunda pessoa ao invés da terceira, como faz Mateus.

O primeiro acréscimo importante de Lucas é encontrado nos versículos 24-26. É uma série de desgraças que seguem as bem-aventuranças. É ao mesmo tempo interessante e significativo que estas quatro desgraças sejam as antíteses exatas das quatro bem-aventuranças. A primeira bem-aventurança é: **Bem-aventurados vós, os pobres** (20). A primeira desgraça diz: **Mas ai de vós, ricos** (24). A segunda bem-aventurança diz: **Bem-aventurados vós, que agora tendes fome** (21). A segunda desgraça diz: **Ai de vós, os que estais fartos** (25). A terceira bem-aventurança diz: **Bem-aventurados vós, que agora chorais** (21). A terceira desgraça diz: **Ai de vós, os que agora rides** (25). A quarta bem-aventurança diz: **Bem-aventurados sereis quando os homens**

vos aborrecerem (22). A quarta desgraça diz: **Ai de vós quando todos os homens falarem bem de vós** (26).

Assim, em cada caso, Lucas citou Jesus abençoando aqueles que o mundo normalmente considera desafortunados, e pronunciou desgraças sobre aqueles que o mundo geralmente considera afortunados. Jesus não está dizendo que aquele que é rico ou que tem amigos não possa ser salvo e ir para o céu. Ele está mostrando o perigo de estar excessivamente ligado a este mundo. Ele também está mostrando que a infelicidade é, freqüentemente, o anjo do Senhor disfarçado.

A passagem encontrada nos versículos 33 e 34 é outro detalhe não encontrado no texto de Mateus. É uma parte da argumentação sobre amar os inimigos. Lucas omite o texto de Mateus 5.47, que diz: "E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?" Este texto apresenta conotações judaicas que Lucas evidentemente achou que estariam fora de lugar no "Evangelho para os gentios". Mas Lucas acrescenta (versículos 33-34) um exemplo de Jesus que ensina a mesma coisa, sem as implicações judaicas. Os versículos são os seguintes:

E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo (33). Os vossos *irmãos* e os *publicanos*, palavras judaicas em sua conotação, não aparecem aqui.

E, se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam... para tornarem a receber outro tanto (34). Aqui novamente não vemos nenhum termo que tenha uma conotação judaica, embora aqui esteja o mesmo grande princípio eterno que é encontrado no exemplo citado no texto de Mateus. Uma vez mais, no versículo 35, Lucas cita a advertência de Jesus, para emprestar sem esperar uma recompensa. Este é um excelente exemplo de como estes dois evangelistas selecionaram as partes do sermão que melhor atendiam aos seus objetivos pessoais de redação.

O versículo 38 é outra passagem que não é encontrada na versão de Mateus: **Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão**. Embora não devamos dar nem emprestar para obter recompensa, temos a garantia de que dar traz alguma recompensa. No entanto, Jesus não diz que seremos sempre recompensados em espécie ou que a recompensa será necessariamente material. A nossa recompensa será muito melhor se consistir de coisas espirituais e eternas. Existem também muitas recompensas mentais e emocionais. Ainda assim, o nosso principal interesse deve estar em "dar" e não em "receber".

A forma literária de Lucas ao descrever os quatro níveis da boa medida é excelente. Observe a força crescente dos termos descritivos: **boa medida**; a seguir, um aumento desta boa medida, **recalcada** (para caber mais no recipiente); então ela é aumentada novamente, **sacudida** (para que ainda caiba mais). Então, quando já não cabe mais, **transbordando**. Lucas parece ter esgotado as possibilidades de aumento que esta imagem poderia comportar.

O material encontrado no versículo 40 não está na versão de Mateus do Sermão do Monte, mas ele o apresenta em outra passagem (Mt 10.24-25).

Nos versículos 40-45 encontramos "os quatro bons do Evangelho": 1) O bom mestre, 40; 2) A boa árvore, 43; 3) O bom tesouro, 45*a*; 4) O bom testemunho, 45*b*.

3. *O Servo do Centurião é Curado* (7.1-10)

Este episódio também é encontrado no texto de Mateus. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 8.5-13. Lucas omite o material encontrado nos versículos 11 e 12 de Mateus, que contêm a passagem onde Jesus diz: "Muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó... E os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores". Esta é uma omissão característica, pois Lucas raramente inclui as passagens que dizem respeito exclusivamente aos judeus.

Lucas também dá uma contribuição significativa para essa história. No relato de Mateus está registrado que *chegou junto dele* (de Jesus) *um centurião*. Na verdade, se tivéssemos somente o relato de Mateus, poderíamos concluir que o centurião foi diretamente até Jesus. Lucas nos diz que o primeiro contato, nesta ocasião, foi feito pelos anciãos dos judeus que foram até Jesus com o pedido do centurião, e que também disseram que ele era digno da consideração do Senhor. A alta estima que eles dedicavam ao centurião se baseava no fato de que ele lhes havia construído uma sinagoga. Lucas também nos informa que quando Jesus se aproximou da casa, e o centurião viu que Ele estava chegando, enviou servos para dizer a Jesus que não era digno de tê-lo em sua casa. No relato de Lucas, Jesus e o centurião não tiveram contato direto. Isto não representa uma contradição ao relato de Mateus. Mateus simplesmente está seguindo o costume antigo de omitir, sem comentar, todo o material que não é útil aos seus objetivos.

4. *A Ressurreição do Filho da Viúva de Naim* (7.11-17)

Este episódio só consta do texto de Lucas. Naim ficava na planície de Esdraelom, a cerca de três quilômetros do monte Tabor, aproximadamente trinta quilômetros a sul-sudoeste de Cafarnaum, e a uns dez quilômetros ao sul de Nazaré. Pertencia à tribo de Issacar. Naim significa "agradável" ou "formosura".

Este milagre é uma das três ocasiões registradas no Novo Testamento em que Jesus ressuscitou os mortos, embora haja clara evidência de que outras pessoas, não informadas, tenham sido ressuscitadas.[8] Dois destes três milagres são narrados em somente um dos Evangelhos. A ressurreição de Lázaro é encontrada somente no texto de João (11.44). O evento mencionado aqui só é encontrado no texto de Lucas. A ressurreição da filha de Jairo é apresentada nos três Sinóticos.[9]

Aconteceu... ir ele à... Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos e uma grande multidão (11). A multidão não se limitava a ficar ao seu redor nas cidades, mas o seguia de uma cidade a outra. Esta multidão se compunha de três grupos: os Doze, **muitos dos seus discípulos,** e **grande multidão**.

Levavam um defunto, filho único de sua mãe... viúva (12). O Evangelho de Lucas é o Evangelho dos pobres, dos oprimidos, dos infelizes. O rapaz era o filho único e a mulher era viúva. Assim, ele era a sua única fonte de sustento, assim como a sua alegria e o seu orgulho. Jesus demonstrava interesse pelas necessidades econômicas do homem, e também pelas suas necessidades físicas e espirituais.

O Senhor é um título encontrado freqüentemente no texto de Lucas e peculiar a este Evangelho. **Moveu-se de íntima compaixão por ela** (13). Observamos, antes de mais nada, que o motivo deste milagre foi a compaixão. Sem dúvida, Jesus realizou milagres para confirmar a sua divindade. Mas a sua maravilhosa compaixão nunca estava

ausente quando o milagre tinha algo a ver com os problemas humanos ou com o sofrimento humano, e algumas vezes esta compaixão parece ser o único motivo envolvido. Além disso, vemos que a compaixão era relacionada à viúva. Não há indicação de que Jesus tenha se comovido pela condição do filho morto, exceto pelo fato de que a sua morte trouxe dificuldades e tristeza para a mãe. Cristo não vê a morte como uma tragédia, a menos que seja a morte de um pecador. **Não chores**. Estas amáveis palavras, vindas do grande coração amoroso de Jesus, trariam um pouco de conforto à mulher.

Tocou o esquife (e os que o levavam pararam) (14). O esquife não era um caixão como os usados pelos egípcios, mas uma estrutura plana, semelhante a uma cama, na qual o cadáver era colocado embrulhado em um tecido.[10] O toque de Jesus no esquife produziu uma reação imediata naqueles que o levavam. A fama de Jesus era tão grande que eles, sem dúvida, sabiam quem Ele era, e não estavam totalmente despreparados para um milagre.

Jovem, eu te digo: Levanta-te. Quando Jesus pronunciou estas palavras, elas pareciam ser uma simples ordem ou um pedido que certamente seria seguido por algum resultado imediato. O Criador, Aquele que dá a vida, está ali, falando, e o seu poder de dar a vida fica claramente demonstrado; pois **o defunto assentou-se e começou a falar** (15).

De todos se apoderou o temor (16). O efeito do milagre sobre a multidão foi tremendo. Literalmente, "o temor dominou a todos". Uma evidência tão inconfundível da presença e do poder de Deus produz um medo em todos – no santo, produz um temor reverente; no pecador, um medo da punição. Mas todos eles **glorificavam a Deus**. Eles justificavam o milagre de duas maneiras: *a*) **Um grande profeta se levantou entre nós**, e *b*) **Deus visitou o seu povo**. A segunda explicação parece implicar o Messias. Como aqueles que ouviram a história da Natividade ou que viram o menino Jesus, eles sabiam que Deus estava trabalhando, mesmo que não compreendessem inteiramente a evidência que tinham diante de si.

E correu dele esta fama (literalmente, "este relato") **por toda a Judéia e por toda a terra circunvizinha** (17). Nenhuma obra conhecida de Jesus até este ponto criou tanta agitação, e nenhum relato se espalhou com tanto entusiasmo, alcançando uma distância tão grande.

5. *João Batista Procura Certificar-se* (7.18-23)

Veja os comentários sobre Mateus 11.2-6.

6. *Jesus Fala Sobre João* (7.24-30)

Para uma ampla e detalhada argumentação, veja os comentários sobre Mateus 11.7-15. Embora Lucas omita alguns detalhes que aparecem no texto de Mateus, ele acrescenta algo significativo nos versículos 29 e 30. Uma leitura casual poderia dar a entender que esta passagem é um comentário de Lucas e não uma parte das palavras de Jesus. Alguns estudiosos assumiram esta opinião, mas a maior parte dos estudiosos do Novo Testamento rejeita este ponto de vista. Esta passagem parece, definitivamente, ser uma parte das palavras do Mestre sobre João. Se este fosse um comentário de Lucas, isto não teria precedente nos seus escritos; em nenhuma outra parte ele interrompe um discurso com os seus comentários. Observe que o versículo seguinte (31)

prossegue com o discurso de Jesus sem nenhuma introdução ou qualquer outra indicação de que o discurso tenha sido interrompido.

Todo o povo... e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus (29). Nos versículos anteriores (24-28) Jesus comentara a pessoa de João Batista. Agora Ele aponta para a recepção diversa dos seus ensinos pelos dois maiores grupos de israelitas. Justificar a Deus significa declarar por palavras e atos a garantia, a justiça e a excelência dos atos e palavras de Deus. O povo comum e os publicanos, que se convenciam com mais facilidade da sua característica pecadora e das suas necessidades espirituais, aceitavam a mensagem de João, se arrependiam, recebiam o batismo e apoiavam a sua obra.

Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele (30). Literalmente, "anularam" ou "reservaram para si mesmos o conselho ou o decreto de Deus". Eles não podiam frustrar o plano de Deus, mas pela rejeição e rebelião deles podiam invalidar ou limitar os seus benefícios, naquilo que lhes dizia respeito. Assim, vemos que qualquer pessoa que se oponha a Deus, está somente interrompendo o fluxo das bênçãos divinas sobre si mesma.

7. *Uma Geração Infantil* (7.31-35)
Veja os comentários sobre Mateus 11.16-19

8. *Jesus, Uma Mulher Penitente e um Fariseu* (7.36-50)

Este evento só é mencionado por Lucas. É semelhante ao relato da refeição de Jesus na casa de "Simão, o leproso," em Betânia,[11] mas as diferenças são numerosas demais para permitir a suposição de que sejam, na verdade, o mesmo evento. Entre outras coisas, as atitudes dos dois fariseus em relação a Jesus são diferentes; as duas mulheres são diferentes – a de Betânia não tinha uma sombra de vergonha sobre si; a época é diferente – este evento acontece no início do ministério de Jesus, o outro está próximo ao final; e os lugares são diferentes – o evento atual ocorre na Galiléia e o outro na Judéia (Betânia).

Rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele (36). Embora muitos dos fariseus estivessem ficando cada vez mais desgostosos em relação a Jesus, a separação pública e declarada ainda não havia ocorrido. Não era de surpreender, portanto, que um fariseu o convidasse para jantar. Ele provavelmente tinha muitos amigos ou pessoas que o queriam bem nessa seita.

Uma mulher da cidade, uma pecadora (37). Uma expressão como esta, na terminologia do Novo Testamento, significa uma prostituta. A palavra **pecadora** tinha um estigma muito maior na época do Novo Testamento do que hoje em dia, e isto se deve a três causas: *a*) Os fariseus usavam a palavra em um sentido muito restritivo e condenatório, para referir-se àquelas que eles consideravam as pessoas mais inferiores (moral e espiritualmente); *b*) Jesus removeu grande parte do ódio e do sarcasmo da palavra por meio das suas bonitas histórias de compaixão pelos pecadores; e *c*) O uso moderno tendeu a remover da palavra grande parte do sentido de vergonha, de erro e de rebelião que ela transmitia no seu significado original.

Sabendo que ele estava à mesa. Ela tinha ouvido muitas coisas sobre Jesus, como todos na Galiléia. Consciente do peso do seu pecado e da sua fome por alívio, ela

veio até a casa. Era costume que os não convidados a um banquete ou a um jantar se colocassem em pé junto às paredes e falassem com os convidados. Mas certamente não se esperaria que uma mulher como esta entrasse na casa de um fariseu. Ela **levou um vaso de alabastro com ungüento**. O alabastro é um tipo muito fino de gipsita, ou gesso natural, normalmente branco, mas não tão duro quanto o mármore, e desta forma ele pode mais facilmente ser esculpido em forma de recipiente. Normalmente os perfumes eram transportados nesse tipo de "vasos" de alabastro.

Estando por detrás, aos seus pés, chorando (38). Na Palestina, à época de Jesus, o costume era reclinar-se junto a uma mesa sobre um sofá. Os pés se esticavam na direção oposta à da mesa. Assim, foi fácil para a mulher chegar aos pés de Jesus. As suas lágrimas podiam ter sido lágrimas de arrependimento, motivadas pela lembrança da sua vergonhosa vida passada, em contraste com a santidade que era evidente no caráter de Jesus. Mas as afirmações do nosso Senhor, nos versículos 44-50, parecem sugerir que ela já havia sido convertida em um contato anterior com Ele; que essas lágrimas eram lágrimas de alegria, e que o ungüento tinha a finalidade de demonstrar a sua gratidão. Na sua profissão vergonhosa ela estava acostumada a comprar perfumes, e alguns pensam ser possível que este fosse originalmente destinado para propósitos relacionados ao pecado. Mas agora o seu coração estava afastado do pecado e da vergonha e voltado para o Salvador. Assim como o seu corpo e a sua alma, este ungüento estava dedicado a Cristo.

A sua intenção era ungir Jesus. Mas quando ela se colocou junto aos seus pés, o seu coração se comoveu, as lágrimas começaram a correr e a cair sobre os pés de Jesus. Não tendo nada para enxugá-las, ela soltou os seus cabelos e usou-os para isso.

Se este fora profeta, bem saberia... (39). Toda a cena foi vergonhosa para Simão, o fariseu. Sem dúvida ele tinha alguma afeição por Jesus, mas como Jesus não repreendeu esta mulher pecadora, isso pareceu provar que Ele não percebia que tipo de mulher ela era. Simão não estava falando em voz alta, ele **falava consigo**. Mas é interessante notar que enquanto Simão estava meditando sobre as limitações da visão profética de Jesus – o Seu suposto desconhecimento do verdadeiro caráter da mulher – Jesus também estava lendo os pensamentos de Simão. Logo Ele revelou que não somente tinha um perfeito conhecimento do caráter da mulher, mas também do de Simão.

Simão, uma coisa tenho a dizer-te (40). Aqui Jesus profere a sua parábola dos dois devedores. Nesta parábola e na sua aplicação vemos um excelente exemplo da força e da persuasão irresistíveis dos argumentos do Mestre. Jesus não está simplesmente tentando convencer Simão de que Ele o conhece e entende; Ele quer ajudar Simão a conhecer e entender a si mesmo. Simão é cortês com Jesus e responde: **dize-a, Mestre** (literalmente, "Professor").

Um certo credor tinha dois devedores (41). Jesus sabia o que a maioria de nós ignora: que sempre podemos parecer melhores quando olhamos para outra pessoa. Um dos devedores de quem Jesus estava falando era Simão. Em breve ele iria saber qual deles, e iria conhecer mais sobre si mesmo. **Um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro, cinqüenta**. O termo **dinheiro** é uma tradução do termo originalmente empregado para esta moeda – "denário" (o plural é "denarii"). Cinqüenta denarii corresponderiam a cerca de dez dólares americanos, e 500 somariam cerca de 100 dólares americanos (uma quantia muito elevada para a época).

Não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos (42). No campo espiritual, todos os homens estão nesta situação difícil, pois ninguém consegue pagar a sua dívida moral e espiritual. Na época de Jesus, havia duas maneiras de libertar um devedor que não pudesse pagar a sua dívida: o perdão ou a escravidão. Assim, o perdão envolvia uma grande dívida de gratidão. **Qual deles o amará mais?** A resposta é óbvia.

Quando Simão diz: **Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou** (43), ele está hesitante, mas não por ter dúvidas quanto à resposta para a pergunta de Jesus, mas porque ele já percebe aonde Jesus o está conduzindo. Aceitando a resposta de Simão como correta, Jesus dá início a uma aplicação clara e muito eficiente da parábola para Simão e para a mulher.

Vês tu esta mulher? (44) Ele quer que Simão veja o que ainda não viu. **Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta...** ele tinha negligenciado uma cortesia habitual, esperada de todos os anfitriões naquela região. O calor e a poeira da Palestina, aliados ao fato de que os sapatos ou as sandálias eram meras solas atadas aos pés com correias de couro, faziam da lavagem dos pés ao entrar em uma casa tanto uma cortesia quando uma necessidade. A mulher compensou a falta de consideração de Simão ao lavar os pés de Jesus com as suas lágrimas.

Não me deste ósculo, mas esta... (45). Outro costume tinha sido quebrado por Simão; mas a mulher, com pureza e verdadeira humildade, tinha mais do que suficiente para compensar – ela não parava de beijar os seus pés.

Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta... (46). Parece que Simão tinha negligenciado todas as cortesias que eram o costume e até mesmo o prazer de um anfitrião atencioso. Mas a mulher tinha ungido os seus pés. Simão tinha provado, pelo tratamento que ele mesmo dispensou ao seu Convidado, – e um Convidado a quem ele aparentemente não dedicava nenhum antagonismo – que ele não era atencioso e praticamente não tinha amor para dar.

Por isso, te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados (47). Estas são algumas das palavras mais preciosas que Jesus pronunciou – palavras que muitos pecadores já ouviram e com as quais muitas almas pecadoras se alegraram.

Os teus pecados te são perdoados (48). As palavras do versículo anterior foram pronunciadas *a respeito* da mulher, mas Jesus agora se voltou *para* ela. A tradução literal aqui é: "Os teus pecados foram perdoados". Isto pode dar a entender que a mulher havia conhecido anteriormente o Senhor e se convertido, e nesta ocasião ela estava simplesmente demonstrando gratidão. Também é coerente com a parábola e a sua aplicação, pois na parábola o amor se segue ao perdão, e na aplicação a mulher demonstrou amor antes que fosse mencionada a garantia do perdão. Parece que Jesus está dando à mulher uma nova garantia, a completa certeza do perdão.

Quem é este, que até perdoa pecados? (49) Para alguns daqueles que faziam esta pergunta, o fato de Jesus perdoar pecados era possivelmente uma demonstração da sua natureza divina, e para outros era, sem dúvida, um obstáculo. Mas Jesus nunca permitiu que o perigo de ser mal interpretado o impedisse de demonstrar misericórdia ou de expressar o seu amor.

A tua fé te salvou (50). Se, como parece, esta mulher converteu-se anteriormente, a fé a que Jesus se refere também foi anterior. Mas como a mulher confirmou o seu arrependimento e o seu amor, e como Jesus confirmou o seu perdão, a mulher demons-

trou uma renovação da sua fé viva em Cristo. Certamente, a coragem que os seus atos demonstraram e a sua profunda sinceridade confirmam uma robusta fé, sem a qual aquelas ações não teriam sido possíveis.

Sob o título "A Fé do Pecador" (texto, 50), Charles Simeon oferece a seguinte esquematização: *Primeiro,* As marcas e as evidências da fé dela; 1) o seu zelo; 2) a sua humildade; 3) a sua contrição; 4) o seu amor; 5) a sua confiança. *Segundo,* os frutos e as conseqüências da sua fé: 1) o perdão dos seus pecados; 2) uma garantia de que ela era aceita; 3) a felicidade e a glória eternas.

9. *Jesus em Viagem* (8.1-3)

Esta passagem só é encontrada no texto de Lucas.

E aconteceu, depois disso (1). Isto assinala uma mudança na maneira de proceder do Mestre. Parece que Ele deixou de usar Cafarnaum como sua sede e começou a mover-se em círculos maiores. **Andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia.** Foi uma campanha planejada para atingir toda a Galiléia. **Pregando e anunciando o evangelho do Reino de Deus.** Trata-se de uma única palavra grega que traduzida como **anunciando o evangelho** significa, literalmente, "evangelizando" ou "anunciando (proclamando) as boas-novas (ou o evangelho)". Esta seria uma viagem de evangelização; o objetivo era divulgar as boas-novas e insistir para que os homens as aceitassem. Os doze apóstolos estavam com Ele nesta viagem.

E algumas mulheres (2). Já foi dito na Introdução que o Evangelho de Lucas é o "Evangelho das mulheres". Aqui vemos um exemplo deste fato. Lucas nos informa que **algumas mulheres** tinham um papel vital no ministério evangelizador de Jesus. Cada uma delas tinha uma razão especial para ser muito grata a Cristo, e para se sentir devedora a Ele. Elas **haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades**.

Maria, chamada Madalena, significa Maria, da cidade de Magdala. Ela é descrita como uma mulher **da qual saíram sete demônios**. Normalmente se acredita que ela tinha sido uma prostituta que havia se arrependido e se tornado uma santa discípula de Jesus. Geralmente ela é assim representada pelos pintores e por alguns historiadores antigos. Mas não há o menor sinal de evidência, seja aqui ou em qualquer outra parte do Novo Testamento, de que ela tenha sido uma mulher imoral. Foi claramente demonstrado que ela estava entre os mais devotados discípulos de Jesus. A expressão **sete demônios** pode significar muitos demônios, já que o número sete é freqüentemente usado para indicar um número indeterminado. Sem dúvida, ela tinha sido possuída por demônios, a ponto de chegar a um estado de insanidade.

Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes (3). O Herodes mencionado aqui é Herodes Antipas, governador da Galiléia. O registro não diz de que mal Joana foi curada – se era uma possessão demoníaca ou uma enfermidade física. A sua posição mostra que as pessoas proeminentes também eram levadas a Cristo. Supõe-se que nesta época ela fosse viúva. Sobre **Suzana** não se sabe nada, exceto o seu nome. **Muitas outras.** Apenas três nomes são mencionados – sem dúvida devido à sua importância. Mas houve muitas mais, constituindo uma grande seqüência de mulheres que **o serviam com suas fazendas.** Isto talvez signifique que todas eram mulheres de posses, possivelmente membros da classe alta.

10. *A Parábola do Semeador* (8.4-15)

Este episódio é mencionado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja Mateus 13.1-9, 18.23 (cf. Mc 4.1-20).

Aqui podemos encontrar a "análise do solo feita por Deus". Observamos 1) O solo junto do caminho – os corações endurecidos, 5; 2) O solo sobre pedra – os corações superficiais, 6; 3) O solo entre espinhos – os corações que não estão santificados, 7; 4) A boa terra – os corações que dão frutos, 8.

11. *A Luz Escondida* (8.16-18)

Este ensino é encontrado em Marcos, mas Mateus o omite. Para uma ampla argumentação, veja os comentários sobre Marcos 4.21-25.

Ninguém, acendendo uma candeia (16), literalmente, uma lamparina. Marcos coloca esta afirmação sob a forma de pergunta. O propósito da luz é o de revelar. A luz escondida é algo impensável.

Não há coisa oculta que não haja de manifestar-se (17). A luz reveladora de Deus não pode ser escondida, e nada pode se esconder dela. Aquele que tentar esconder segredos de Deus será considerado tolo.

Vede, pois, como ouvis (18). Não somente devemos ouvir, como diz Marcos (4.24), mas também é importante a maneira como ouvimos. Nós temos a obrigação de ouvir – de escutar. A seguir, temos a obrigação adicional de agir de acordo com a nova luz que nos vem daquilo que ouvimos. A luz, que vem da Palavra e do Espírito Santo, se transforma em escuridão quando não lhe damos atenção.

A qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver até o que parece ter lhe será tirado... Àquele que tem, como resultado da audição correta e do reconhecimento da obrigação, lhe será confiado mais. **Até o que parece ter** – Marcos simplesmente diz "até o que tem" (4.25). O preguiçoso e o impostor espiritual nunca possuirão verdadeiras riquezas, mas até mesmo o que parecem ter lhes será tirado. Algumas vezes é difícil, para o espectador, distinguir a diferença entre o real e o aparente, mas Deus conhece a diferença e lida com os homens da melhor maneira possível.

Barclay chama este parágrafo de "As Leis da Vida". Ele observa três delas: 1) A evidência essencial da vida cristã, 16; 2) A impossibilidade do segredo, 17; e 3) O homem que tem, terá mais – o que procura, sempre encontrará.

12. *A Mãe e os Irmãos de Jesus* (8.19-21)

O relato deste episódio no texto de Lucas é mais curto do que no de Marcos e no de Mateus.[12] É particularmente interessante observar que Lucas omite as perguntas: "Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos?" encontradas nos outros Evangelhos. É possível que ele tenha julgado que isto poderia ser interpretado, pelos seus leitores gentios, como um desrespeito a Maria, que havia recebido um lugar de importância neste Evangelho. Além disso, como já foi visto anteriormente, Lucas dá às mulheres um lugar mais elevado do que era habitual na Palestina do seu tempo. Para uma ampla argumentação, veja Mateus 12.46-50.

13. *O Senhor da Tempestade* (8.22-25)

Este relado é encontrado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja Mateus 8.18, 23-27 (cf. Mc 4.35-41).

14. *O Endemoninhado Gadareno* (8.26-39)

O relato deste milagre é encontrado nos três Sinóticos. A narrativa mais extensa é a de Marcos, e a mais curta é a de Mateus. Lucas acompanha Marcos, diferindo um pouco na escolha de palavras, mas os fatos são bastante similares. Para uma argumentação mais detalhada, veja Marcos 5.1-20 (cf. Mt 8.28-34).

15. *A Ressurreição de Uma Menina e a Cura de Uma Mulher* (8.40-56)

Estes dois milagres formam um único episódio, pois um deles foi realizado quando o Senhor estava a caminho para realizar o outro. Os três Sinóticos incluem os dois milagres, e os três indicam a cura da mulher como sendo uma espécie de interrupção no caminho, quando o Senhor estava indo ressuscitar a menina. Marcos é o que dá o relato mais detalhado, e Mateus o mais curto. Lucas mais uma vez acompanha Marcos. Para uma argumentação detalhada, veja os comentários sobre Marcos 5.21-43 (cf. também Mt 9.1, 18-26).

Lucas diz que a menina tinha doze anos, ao passo que Mateus omite a sua idade, e Marcos a informa no final. Mateus não menciona que os médicos não tinham conseguido ajudar a mulher. Mas é interessante notar como o assunto é tratado por Lucas, um médico, e por Marcos. Marcos diz que a mulher "havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior" (Mc 5.26). Lucas não é tão crítico com os médicos. Ele diz que ela **gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada** (43).

Com relação à cura da filha de Jairo, Maclaren observa três pontos: 1) Uma palavra de encorajamento que sustenta uma fé fraca – **Não temas; crê somente, e será salva**, 50; 2) Uma palavra de revelação que suaviza a severidade da morte – **não está morta, mas dorme**, 52; 3) Uma palavra de poder que traz de volta a menina – **Levanta-te, menina!**, 54.

D. O QUARTO PERÍODO, 9.1-50

1. *A Missão dos Doze* (9.1-6)

Os quatro períodos do ministério de Jesus na Galiléia, exceto o primeiro, têm início com um episódio relativo aos discípulos (ou parte deles) – o Senhor naturalmente não tinha discípulos regulares no início do primeiro período. O segundo período começa com a chamada de quatro discípulos – Pedro, André, Tiago e João. O terceiro período começa com a escolha dos Doze. Agora, o quarto período começa com a missão dos Doze. Este episódio é encontrado nos três Sinóticos. Mateus fornece um relato detalhado com recomendações aos Doze. Para uma argumentação mais detalhada, veja Mateus 9.36—11.1.

2. *Herodes se Perturba* (9.7-9)

O relato de Lucas neste ponto é muito mais curto do que o dos outros dois Sinóticos. Ele só trata do problema de Herodes para identificar Jesus, ao passo que os outros dois evangelistas discutem a morte de João em conexão com esta temática. Neste ponto, Lucas apenas menciona a morte de João. Ele havia mencionado a prisão de João ao concluir sua narrativa do ministério do Batista (veja comentários sobre Lc 3.18-20). Para uma argumentação mais ampla, veja os comentários sobre Mateus 14.1-12.

3. *Cinco Mil são Alimentados* (9.10-17)

Esta narrativa é encontrada nos quatro Evangelhos.[13] Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 14.13-21.

4. *A Grande Confissão* (9.18-21)

Este episódio é encontrado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 16.13-20 (cf. também Mc 8.27-30).

5. *Jesus Ensina Um Comprometimento Total* (9.22-27)

Este registro é feito nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 16.21-28 (cf. também Mc 8.31—9.1).

6. *A Transfiguração* (9.28-36)

Este episódio é narrado nos três Sinóticos. Para uma ampla argumentação, veja os comentários sobre Mateus 17.1-13 (cf. também Mc 9.2-13). Lucas apresenta três contribuições à história:

1) Ele nos diz que Jesus subiu ao monte para orar, e que Ele se transfigurou enquanto estava orando (28-29).

2) Ele informa que Moisés e Elias falaram da morte de Jesus, que estava próxima, e que havia de se cumprir em Jerusalém (30).

3) Ele narra que Pedro, Tiago e João dormiram durante uma parte dos acontecimentos na montanha, e acordaram a tempo de ver os visitantes do céu (32).

Estes detalhes não alteram materialmente a história, mas ainda assim são significativos. O primeiro certamente é uma característica de Lucas. Ele, mais do que qualquer outro escritor dos Evangelhos, narra os exemplos significativos de oração na vida de Jesus. O conhecimento deste fato aprofunda o valor religioso da história.

Como a transfiguração está obviamente relacionada com a missão de Cristo na terra, o seu significado é esclarecido pelo relato de Lucas de que o tema da conversa era a morte expiatória de Cristo. Assim, é apropriado que Moisés e Elias estivessem ali, para representar a Lei e os Profetas, em uma última reunião com o Redentor antes do pagamento do preço da redenção.

O terceiro detalhe que Lucas adiciona ao relato injeta o elemento humano na história. Precisamos sempre recordar que estes três vigorosos e devotados seguidores eram profundamente humanos. O sono, o medo e a frustração caracterizaram as suas reações nesta ocasião.

7. *Um Espírito Imundo é Expulso de Um Menino* (9.37-43*a*)

Marcos apresenta este episódio com detalhes, enquanto que os relatos dos outros dois Sinóticos são mais curtos. Nos pontos onde Lucas difere de Mateus, ele geralmente acompanha de forma muito próxima o texto de Marcos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Marcos 9.14-29 (cf. também Mt 17.14-20).

8. *Jesus Prediz a Sua Paixão* (9.43*b*-45)

Os três Sinóticos contêm esta profecia. Novamente, Lucas acompanha Marcos mais do que Mateus nos detalhes. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Marcos 9.30-32 (cf. Mt 17.22-23).

9. *Um Pensamento Diferente do Proclamado por Cristo* (9.46-50)

Os três Sinóticos relatam este episódio. O relato de Marcos é mais detalhado que os outros, e apresenta uma correspondência mais próxima com o de Lucas do que com o de Mateus. Para uma argumentação detalhada, veja os comentários sobre Marcos 9.33-50 (cf. Mt 18.1-6).

SEÇÃO V

A VIAGEM PARA JERUSALÉM
O MINISTÉRIO NA PERÉIA

Lucas 9.51—19.27

Chamar esta grande divisão do Evangelho de Lucas de "A Viagem para Jerusalém" é uma simplificação excessiva, pois não foi uma simples e contínua viagem em direção àquela cidade. Ao contrário, foi um ministério evangelístico e de ensino, cujo destino final era Jerusalém. Pelo menos uma vez durante este ministério o Mestre fez uma curta viagem até lá (10.38-42).

De modo geral, o curso tomado por Jesus foi o seguinte: Ele iniciou este período na Galiléia, a oeste do rio Jordão. Atravessou o Jordão ao sul do mar da Galiléia e ao norte de Samaria. Passou pela região da Peréia, do norte para o sul (com muitas viagens intermediárias), até que alcançou um ponto no lado leste do Jordão, do outro lado de Jericó. Lá Ele cruzou o Jordão, passou por Jericó e subiu para Jerusalém. Parte da evangelização desta área parece ter sido conseguida através do envio de grupos de discípulos. Este ministério parece ter preenchido os últimos seis ou sete meses anteriores à Paixão de Cristo.

A maior parte do material nesta divisão da narrativa de Lucas não se encontra em nenhum outro Evangelho. Algumas das mais bem conhecidas e mais apreciadas histórias de todos os Evangelhos são encontradas aqui – "O Bom Samaritano", "O Filho Pródigo", "O Rico e Lázaro" e muitas outras.

A. O Primeiro Estágio, 9.51—13.21

1. *A Rejeição dos Samaritanos* (9.51-56)

E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém (51). Aqui está a introdução de Lucas para toda

esta divisão, e que define todo o ritmo do que se segue. A partir deste ponto, a sombra da cruz cai sobre tudo o que é dito ou feito. Note, porém, que a ênfase não é sobre a morte ou a cruz, mas sobre a **assunção**. Jesus não perdeu a cruz de vista, mas a sua atenção estava concentrada além dela.

A frase **manifestou o firme propósito...** implica uma fixação concentrada e centralizada de sua atenção em seu próprio sacrifício, que era o propósito central de sua Encarnação. Deste ponto até o Calvário, Ele foi reconhecido como aquele cujo "rosto apontava para uma direção" e um propósito definido. Até os samaritanos notaram isso (cf. v. 53).

E mandou mensageiros para uma das aldeias de samaritanos (52). Parece que se os samaritanos estivessem dispostos, o estágio final do ministério de Jesus, antes dos seus últimos dias em Jerusalém, poderia ter acontecido em Samaria. Os samaritanos teriam ao menos compartilhado o seu precioso ministério.

Os samaritanos eram mestiços na raça e semi-pagãos na religião. Quando os assírios conquistaram Israel (as dez tribos) eles levaram cativos muitos dos israelitas e trouxeram pagãos do leste para tomarem o lugar deles na Palestina. Assim, ocorreu a mistura de raças e, ao longo do tempo, a religião deles também se tornou híbrida, com um templo rival e a afirmação de que o monte Gerizim era o lugar apropriado para a adoração.[1] A intensa rivalidade entre a Samaria e a Judéia começou na partilha do reino de Salomão[2] e intensificou-se após a miscigenação da raça pelos assírios — especialmente como resultado do conflito entre Sambalate e os judeus que retornaram do cativeiro na Babilônia.[3] Na época de Jesus, os judeus odiavam os samaritanos e os consideravam como estando no mesmo nível dos cães; os samaritanos retribuíam na mesma moeda, de maneira que os judeus tinham duas razões para evitar Samaria: ódio e medo.

Mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém (53). Não há dúvidas de que os samaritanos sabiam algo a respeito de Jesus – de suas obras e de seus ensinos. Este versículo parece indicar que eles o teriam recebido se Ele não estivesse decidido a ir a Jerusalém. Eles, sem dúvida, perceberam nele muita coisa desejável e sabiam que a hierarquia judaica não gostava dele. Isso o tornava mais atraente para eles. Mas sua determinação de ir para Jerusalém o tornou inaceitável.

Queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez? (54). O Senhor sabia o que estava fazendo quando chamou Tiago e João de "Filhos do Trovão". Aqui, sua disposição natural inflamada, sua típica antipatia judaica pelos samaritanos, e o fato de que o Senhor deles havia sido desprezado, eram suficientes para que sugerissem a aniquilação como forma de castigo. E eles tinham um precedente no Antigo Testamento.

Vós não sabeis de que espírito sois (55) significa, literalmente: "Vocês não sabem a que espírito pertencem". Jesus não condenou Elias, mas queria que os seus discípulos soubessem que eles teriam um espírito diferente.[4] Eles precisavam aprender que estavam ingressando na dispensação do amor, da piedade, do perdão e da misericórdia. Jesus não viera para destruir os pecadores, mas para lhes dar o Evangelho e uma oportunidade para se arrependerem. **Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las** (56). **E foram para outra aldeia.** Aqui está um exemplo de misericórdia. É sempre melhor ir para outra aldeia do que pedir que o fogo caia. Mas a outra aldeia era uma aldeia judaica e isto marca a desistência de uma possível evangelização de Samaria. Marca também a mudança de direção, rumo à Peréia.

2. *O Custo do Discipulado* (9.57-62)

Uma certa pessoa disse: **Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores. E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça** (57-58). Um compromisso superficial é facilmente estabelecido, mas por trás dele há muitas vezes um motivo egoísta. Aqui Jesus deixa claro que qualquer que quisesse segui-lo para obter ganhos terrenos ficaria desapontado. Para mais informações, veja os comentários sobre Mateus 8.18-22.

E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá enterrar meu pai. Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o Reino de Deus (59-60). O homem do versículo 57 ofereceu seus serviços e foi desencorajado. Este outro homem (59) recebeu um chamado especial de Jesus (**Segue-me**). Ele planejava obedecer ao chamado, mas queria fazer uma outra coisa primeiro. Jesus lhe informou que o seu chamado atual era mais importante do que qualquer outra coisa.

Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa. E Jesus lhe disse: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus (61-62). Este homem ofereceu, voluntariamente, seus serviços ao Mestre, mas queria adiar seus serviços religiosos até que as suas obrigações sociais tivessem sido cumpridas. Jesus está dizendo aqui, como nas duas passagens antecedentes, que servir a Cristo e ao seu Reino devem vir em primeiro lugar. Se não o pusermos acima de tudo o mais, não importa quão importantes sejam as demais coisas, não poderemos ser discípulos dele. Uma vez que tenhamos lançado nossas mãos ao arado no campo do Mestre, não poderemos olhar para trás. Jesus parece sugerir que este discípulo voluntário ainda está olhando ardentemente para as coisas que está deixando para trás.

Devemos nos lembrar de que Jesus enxergou estes três compromissos ou respostas mais profundamente do que seríamos capazes de enxergar. Ele viu a atitude do coração que os impelia. Ele sabia se os compromissos eram de coração ou não, e Ele, simplesmente, não queria discípulos que tivessem um coração dividido. Sua obra e sua pessoa são importantes demais para ter discípulos superficiais.

Charles Simeon descreve estes três personagens aqui. O primeiro (57-58) professa o extremo desejo de seguir a Cristo. O segundo (59-60) manifesta um elevado grau de relutância. O terceiro (61-62) professa um desejo de seguir a Cristo, mas pede permissão para um adiamento. Ao primeiro, Cristo mostra as dificuldades do discipulado. Ao segundo, mostra que qualquer consideração tem que ser posta de lado. Ao terceiro, Ele administra uma solene advertência.

3. *A Missão dos Setenta* (10.1-20)

Designou o Senhor ainda outros setenta (1). Lucas não quer dizer que Cristo tinha enviado setenta anteriormente, mas que os setenta eram adicionais aos doze que haviam sido enviados. Lucas é o único autor de Evangelho que registra este episódio, mas ele é, também, o único a tratar (em detalhes) o ministério na Peréia, do qual é parte.

O número setenta parecia ter um significado especial entre os judeus. Havia setenta anciãos designados por Moisés, setenta membros do Sinédrio (setenta e um, incluindo o

presidente ou *nasi*) e, de acordo com a lenda judaica, os setenta povos ou nações da Terra, além dos judeus. O simples fato de que Jesus tinha estes muitos discípulos dignos de confiança é significativo. Muitas vezes nos esquecemos de que Ele tinha muitos seguidores leais.

Mandou-os... de dois em dois. Para ajuda mútua e encorajamento. **A todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.** Estes deveriam preparar a visita dele a essas cidades. Neste momento, os doze apóstolos estavam *com* Ele; os setenta foram **adiante da sua face**. É possível que cada uma dessas duplas de discípulos fosse a apenas uma cidade e ficasse por lá, pregando, ensinando e preparando, em outros aspectos, a visita de Jesus. Isto totalizaria trinta e cinco cidades e aldeias visitadas por Jesus em seu ministério na Peréia, e Ele dificilmente visitaria muitas mais em um período de seis ou sete meses, a menos que suas visitas fossem muito breves.

Do versículo 2 até o 16, Jesus dá instruções e admoestações aos setenta. Muitas destas são instruções iguais ou semelhantes às instruções dadas em várias ocasiões aos doze apóstolos. Alguns críticos tropeçam nesta similaridade entre as passagens. Porém é mais razoável que Jesus tenha dado as mesmas admoestações por duas vezes, se as exigências das situações fossem as mesmas. Qualquer líder da igreja admoestando grupos de obreiros inevitavelmente repetiria vários pontos, pois todos eles precisariam basicamente das mesmas instruções.

Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos (2). A metáfora da seara parece ter sido uma das favoritas de Jesus. A seara das almas humanas sempre foi grande e os obreiros sempre foram, tragicamente, poucos. É a fatal falta de interesse do homem pelos seus companheiros que mantém este número tão pequeno. Mas o Mestre torna claro, através de seu Evangelho, que este interesse é um teste do discipulado. Seus discípulos estão trabalhando na seara. Aqueles que não estão trabalhando não merecem ser chamados de discípulos.

Rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara. Levar a seara ao celeiro é nossa responsabilidade. E conseguir os obreiros necessários é, em parte, nossa responsabilidade. Devemos enxergar as necessidades e rogar que o Senhor envie obreiros adicionais, mas nenhum homem tem o direito de orar pedindo ajuda na seara, até que esteja fazendo o melhor de si. Deus não enviará obreiros para ajudar um preguiçoso – ele não precisa de ajuda para fazer o que está fazendo.

Eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos (3). Que paradoxo: Cordeiros saindo para salvar ovelhas de lobos! Aqui está a simplicidade unida ao desamparo: nenhuma arma carnal como defesa. Mas Deus tem uma maneira de criar a força a partir da fraqueza, e de usar até a morte como uma arma da vitória e da vida. Aqui vemos a supremacia de Cristo. Ele é o maior Vencedor do mundo, e ainda assim as suas forças não foram utilizadas no que se refere à defesa carnal ou terrena. Os cristãos têm sido assassinados aos milhares, mas o avanço triunfal continua. A esta altura temos que parar e meditar e ganhar uma nova luz e inspiração para a tarefa e a batalha dos dias atuais. Não estamos desprotegidos, pois Cristo está conosco. Uma vez que a própria morte não nos vence, podemos começar a entender que somos imbatíveis. Mas, se começarmos a nos equipar com armas carnais, estaremos caminhando em direção à derrota.

Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias (4) significa, literalmente, "sem bolsa, nem sacola de mantimentos, nem sandálias extras". Os setenta não deveriam

carregar o peso da bagagem nem ficar embaraçados com os mantimentos. Eles tinham uma missão mais importante, e os negócios do Rei exigiam pressa. Veja, também, os comentários sobre Mateus 10.9ss.

A ninguém saudeis pelo caminho. Isto se refere, particularmente, à longa e tediosa saudação habitual no Oriente. Eles não deveriam desperdiçar seu tempo precioso, mas deveriam estar tão absorvidos com sua missão, que sua devoção sincera seria percebida por todos com quem se encontrassem.

Se ali houver algum filho de paz (6). **Filho de paz** é uma expressão aramaica para "um homem pacífico" ou "um homem de boa reputação", "respeitável". Esses mensageiros de Cristo deveriam ficar em casas respeitáveis. Eles não deviam macular o nome de Cristo, habitando com alguém desprezível ou indigno.

Ficai na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois digno é o obreiro de seu salário (7). Eles não deveriam fazer exigências, mas ser gratos por qualquer coisa que lhes fosse dada; e não deveriam se considerar (ou serem considerados por outros) mendigos, mas como obreiros poderiam receber seus pagamentos. **Não andeis de casa em casa.** A casa em que fossem originalmente recebidos, deveria ser seu domicílio enquanto estivessem em uma cidade ou aldeia.

Para uma discussão mais detalhada a respeito do material dos versículos 8-12, veja os comentários sobre Mateus 10.14-15; quanto aos versículos 13-15, veja os comentários sobre Mateus 11.21-24; para as notas sobre o versículo 16, veja Mateus 10.40.

E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam (17). Eles estavam maravilhados com o poder miraculoso que lhes fora permitido exercer. Estavam jubilosos com a lembrança de suas realizações. Mas Jesus lhes mostrou (20) que sua alegria não era correta, pois tinha o foco errado. Entretanto, Ele não os repreendeu por sua alegria ao verem o reino de Satanás sofrer perdas.

Eu via Satanás, como raio, cair do céu (18). Aqui Jesus estava tanto relembrando como profetizando. Satanás havia sofrido algumas importantes derrotas – especialmente no que se refere à tentação de Cristo. Mas Jesus aguardava ansiosamente a queda de Satanás; a sua completa derrota nas mãos do próprio Cristo.

Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo (19). Esta escritura tem, de fato, uma implicação literal,[5] mas o contexto parece exigir que o principal significado seja espiritual. Note como Jesus faz uma analogia entre **serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo.** Tanto os versículos anteriores como os posteriores se referem às forças satânicas. A gramática desses versículos implica, também, que essas **serpentes e escorpiões** estão incluídos nas forças do inimigo. O simbolismo é comum para as forças satânicas ou demônios e até para o próprio Satanás. O significado principal é que os cristãos têm poder para pisar triunfantemente sobre os exércitos de Satanás, através do auxílio e da graça de Jesus Cristo.

Mas... (20) mostra que o que se segue não era uma repreensão. **...não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos, antes, por estar o vosso nome escrito nos céus.** Esta é a ênfase correta, o terreno próprio para alegrar-se. O poder e sua manifestação são muito deslumbrantes, mas a vida eterna é mais importante. Ter a cidadania do céu é mais importante do que atemorizar o inferno.

4. *O Momento de Júbilo de Jesus* (10.21-24)

Se alegrou Jesus no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai... porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste às criancinhas (21). Esta é uma daquelas ocasiões em que o contentamento encheu o coração do Homem de Dores e Ele **se alegrou... no Espírito Santo.** Ele tinha duas razões para se alegrar: a vitória havia coroado os esforços dos setenta, e a verdade divina havia sido comunicada a esses "bebês" em Cristo – verdades que os sábios e inteligentes deste mundo não haviam notado. Com a ajuda de Deus, estes homens incultos haviam penetrado mais profundamente na verdade do que os filósofos de todos os tempos, sem a ajuda da revelação divina. Note que o Pai havia **revelado** essas coisas a eles.[6]

Nesta passagem, a obra *Pulpit Commentary* (Comentário do Púlpito) oferece um esboço dividido em três partes: 1) A alegria da gratidão, 20; 2) A herança daqueles que têm um coração humilde, 21; 3) O refúgio daqueles que se sentem perplexos – **porque assim te aprouve**, 21.

Tudo por meu Pai me foi entregue (22). Duas palavras estão expressas nesta frase. Por um lado, todo o poder do céu está à disposição de Jesus, caso Ele escolha usá-lo em sua guerra contra Satanás. Por outro lado, estas palavras mostram a completa submissão do Filho ao Pai, durante a sua curta permanência terrena. Esta submissão ou subordinação do Filho ao Pai é tanto voluntária quanto temporária.

Ninguém conhece quem é o Filho, senão o Pai. Só o divino Pai pode compreender a divina pessoa do Filho. **Nem quem é o Pai, senão o Filho.** Só o divino Filho compreende a divina pessoa do Pai. Só a Divindade pode compreender a Divindade. **E aquele a quem o Filho o quiser revelar.** O homem pode ter uma compreensão pálida e fragmentada do Pai, mas mesmo isto só é possível se o Pai lhe for revelado pelo Filho. É o Filho quem escolhe aqueles a quem Ele revelará o Pai. Nesta ocasião, Ele escolheu estes "bebês" ao invés dos **sábios e inteligentes.** A revelação vem "do" Pai, mas "através" do Filho.

E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular (23). Jesus tinha uma mensagem particular para eles, e não queria que as pessoas mundanas a ouvissem. Deus muitas vezes compartilha mensagens particulares com seus filhos – mensagens sobre as quais as outras pessoas que os cercam nada sabem. **Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes.** Estas palavras podiam ser lembradas com proveito nos dias de trevas que se seguiriam – quando a bem-aventurança na vida deles não seria tão aparente. Eles estavam vendo o início do poderoso avanço do Reino de Deus na terra. Estes discípulos não compreenderiam, tão cedo, o completo significado dessas palavras – talvez nunca neste mundo. Mas como discípulos, eles teriam uma revelação e uma compreensão progressivas do gracioso privilégio que lhes pertencia como embaixadores de Cristo.[7]

Pois... muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não o viram; e ouvir o que ouvis e não o ouviram (24). Os homens na antiga dispensação viram estas coisas de forma vaga através dos olhos proféticos. Eles estavam destinados a jamais ver (neste mundo) as coisas que prediziam. Nenhum profeta ou rei no grande passado de Israel havia sido tão abençoado quanto estes homens humildes. Embora provenientes das camadas mais baixas da sociedade, eles saíram para proclamar o estabelecimento do Reino de Cristo – as boas-novas da salvação.

5. *O Bom Samaritano* (10.25-37)

Esta é uma das histórias mais queridas do Novo Testamento. Estamos em débito com Lucas por tê-la registrado, pois nenhum outro autor do Novo Testamento a registra. A ocasião em que ela foi contada evidentemente ocorreu em Jerusalém, ou em suas proximidades – possivelmente em Betânia, na casa de Lázaro, quando Jesus fez sua curta viagem a Jerusalém para a celebração da Festa da Dedicação. Note que nos eventos seguintes (38-42) Ele está em Betânia.

Um certo doutor da lei (25). Estes homens são, às vezes, chamados de escribas – instruídos na lei de Moisés e na tradição judaica. **Se levantou.** Evidentemente, ele estava sentado entre aqueles que estavam ouvindo os ensinos de Jesus. Ele se levantou para chamar a atenção do Mestre e fazer uma pergunta. **Tentando-o.** Sua pergunta não era uma sincera busca pela verdade, mas uma pergunta maliciosa, que tinha a intenção de envolver o Mestre em uma das freqüentes disputas judaicas. **Que farei para herdar a vida eterna?** A artimanha contida nesta aparente busca inocente de orientação espiritual, foi percebida pelo Mestre. Ele evitou a resposta esperada ao fazer uma pergunta ao doutor da lei, deixando-o, assim, na defensiva. **Que está escrito na lei? Como lês?** (26). Se a Lei contivesse a resposta, um doutor da lei deveria saber qual era.

Amarás ao Senhor teu Deus... e ao teu próximo (27). O doutor da lei usou os dois textos encontrados entre as expressões do Antigo Testamento que melhor ilustram as atitudes que devemos ter no tempo do Novo Testamento. Para uma discussão do significado desses textos veja os comentários sobre Mateus 22.37-40.[8]

Respondeste bem (28). Jesus elogiou sua resposta e acrescentou, **faze isso e viverás.** O amor a Deus e aos seus semelhantes é a exata essência da verdadeira religião. Se o doutor da lei conseguisse viver de acordo com esta regra, ele asseguraria viver eternamente.

Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo (29). Aquele homem se sentiu obviamente condenado pela segunda regra, embora nenhuma acusação tenha sido feita por alguém. Seu amor por Deus também estava, lamentavelmente, ausente. Mas sua relação e atitude para com o seu próximo puderam ser mais facilmente detectadas e medidas do que o seu amor por Deus. Ele condenou a si próprio – pelo menos revelou o seu senso de condenação ao tentar se justificar. **E quem é o meu próximo?** Evidentemente havia muitos a quem ele não amava, mas ele estava perguntando (e ao mesmo tempo satisfeito por saber a resposta): "Aqueles a quem eu não amo, são meus próximos?" Jesus lhe respondeu contando uma importante parábola, significativa como história, memorável como uma duradoura parcela de revelação divina, e notavelmente apropriada para a situação e para o homem. Nesta história o esclarecimento não é dado através de um preceito, mas pelo exemplo.

Descia um homem de Jerusalém para Jericó (30). Não se tem qualquer informação sobre o homem, além dos acontecimentos de sua jornada. Seu nome não é informado, nem mesmo a sua raça é declarada. Isto fica por conta de Lucas, pois ele está apresentando Jesus como o Salvador de todos os homens. No entanto, a implicação da história é que ele era judeu – grande parte da essência e da força da história dependem deste fato.

Jericó estava situada a cerca de vinte e sete quilômetros a noroeste de Jerusalém, e a cerca de oito quilômetros do rio Jordão. Jericó está a cerca de mil metros abaixo de

Jerusalém, de modo que em uma viagem como a deste homem seria necessário enfrentar uma descida bastante íngreme. O terreno entre estas duas cidades era acidentado e desabitado em alguns lugares, embora a estrada entre eles fosse bastante movimentada – uma das mais importantes estradas na Palestina. A aspereza da região e o número de viajantes a tornavam um paraíso para os bandidos.

Esta história pode ter sido um incidente real na estrada de Jericó, em vez de uma simples parábola. Se for, com certeza foi bem escolhida pelo Mestre, pois tudo na história se ajusta perfeitamente à lição que Ele está ensinando.

Ele **caiu nas mãos dos salteadores** – literalmente "ladrões" ou "bandidos". Os salteadores só estavam interessados em roubar os bens de alguém. Ladrões ou bandidos muitas vezes ferem ou matam. Este viajante não só teve seus bens roubados, mas também foi deixado **meio morto** (30).

Um **certo sacerdote** (31). Um grande número de sacerdotes e levitas vivia em Jericó e subia até Jerusalém quando chegava o seu período de servir no Templo. É interessante notar que esta é a única vez em que Jesus falou de algum modo contra os sacerdotes. A posição deles como guardiões da casa de Deus parece ter sido respeitada por Jesus, embora muitas vezes eles fossem pessoalmente merecedores de sua censura. Este sacerdote, em particular, podia estar vindo, naquela época, do Templo, ao término do seu período de uma semana de serviços. Sendo assim, ele provavelmente passou para o outro lado da estrada para evitar a profanação cerimonial, o que interferiria em suas funções sacerdotais por algum tempo. De qualquer forma, alguma outra coisa era mais importante para ele do que a vida de um homem – mesmo a vida de um semelhante judeu.

De igual modo, também um levita (32). Os levitas ajudavam os sacerdotes, executando os serviços necessários no terreno ao redor do Templo. Este levita realmente mostrou alguma compaixão – ou só curiosidade? Ele veio e olhou para o homem. Mas ele não era melhor do que o sacerdote, pois desprezou a pouca compaixão que sentiu. Ele também **passou de largo.** Qualquer que fosse o motivo que levou a ambos, o sacerdote e o levita, a passarem pelo seu semelhante judeu sem ajudá-lo, a ênfase é a mesma: o que importa é o que lhes faltou, e não o motivo pelo qual não agiram. Eles estavam quase (se não inteiramente) desprovidos de amor pelo seu próximo. O doutor da lei, em cujo benefício Jesus estava contando a história, teria, com certeza, considerado este homem desafortunado um próximo.

Um samaritano (33). Seu nome e nível social não têm importância, pois todos os samaritanos eram odiados pelos judeus e, evidentemente, a maioria dos samaritanos tinha um sentimento similar pelos judeus. O importante é que um homem que não tinha nenhuma razão especial para ajudar este judeu e quase toda a motivação racial para não ajudá-lo, foi movido de compaixão por um ser humano que estava sofrendo. Embora esse ser humano pertencesse a uma raça odiada, ele parou e o ajudou, fazendo por ele o máximo que podia.

Note até que ponto o samaritano ajudou o judeu: a) Ele lhe prestou um imediato socorro emergencial; b) Ele o levou para uma hospedaria, onde o homem poderia receber os cuidados necessários enquanto convalescia; c) Ele pagou a conta antecipadamente; e d) Ofereceu mais assistência caso fosse necessária. Ele não negligenciou nenhum tipo de ajuda que pudesse prestar.

Qual.... destes três... foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? (36). Repare como Jesus inverteu a ordem e a relação. O doutor da lei havia dito: "Quem é o meu próximo?". Mas na história de Jesus e na sua pergunta é: Quem era o próximo dele? Ou seja, de quem eu posso (devo) ser o próximo? A pergunta do doutor da lei não possuía nenhum senso de obrigação humana. A pergunta de Jesus reforça fortemente essa obrigação. Portanto, Jesus não respondeu, de fato, à pergunta do doutor da lei; o Senhor lhe mostrou que havia feito a pergunta errada (porque suas atitudes estavam erradas), e sua lamentável falta de amor por seu próximo. O homem entendeu a lição, pois ele respondeu corretamente à pergunta do Senhor: **O que usou de misericórdia para com ele** (37). A aplicação era clara e simples. O doutor da lei conseguiu percebê-la antes que o Mestre chamasse a atenção para o que deveria ser feito: **Vai e faze da mesma maneira.**

William Barclay destaca três verdades significativas na história: 1) Devemos ajudar um homem, mesmo que ele tenha causado o seu próprio problema, 30; 2) Qualquer homem de qualquer nação que estiver necessitado é o nosso próximo, 31-33; 3) A nossa ajuda tem que ser prática, e não pode consistir apenas em *sentir* pena.

6. *Uma Visita a Marta e Maria* (10.38-42)

Ele **entrou numa aldeia** (38). Esta aldeia era Betânia, portanto era sobre a Marta e a Maria acerca das quais João escreveu (Jo 11.1ss). As descrições das irmãs encontradas nos dois Evangelhos claramente apontam para as mesmas pessoas. Este incidente provavelmente ocorreu quando Jesus fez sua breve visita a Jerusalém para a celebração da Festa da Dedicação, no mês de dezembro que antecedeu a sua paixão.

Uma bela amizade existia entre Jesus e essas duas irmãs e o irmão delas, Lázaro. Na amizade do Senhor com eles, temos uma das melhores ilustrações do lado humano de Cristo, encontradas no Novo Testamento. Jesus deve tê-los conhecido bem no início de seu ministério. Ele pode tê-los encontrado em uma de suas muitas viagens a Jerusalém.

Em vista da óbvia cordialidade e proximidade dessa amizade, é um fato enigmático que nenhum dos Evangelhos Sinóticos mencione Lázaro, e que o único relato das irmãs, além do Evangelho de João, seja este que está sendo analisado. A melhor resposta disponível parece ser a de que a história não se ajustava ao propósito específico dos autores dos outros Evangelhos.

Muitas tentativas foram feitas para identificar Maria, Marta e Lázaro com outras pessoas conhecidas. Uma sugestão é que Marta era a esposa de Simão, o Leproso. Lázaro foi identificado com o rabi Eliezer (ou Lázaro) do Talmude. Mas esta e outras especulações não têm comprovação, e devem ser tratadas como meras conjecturas.

Marta é um nome aramaico e significa "senhora"; é o equivalente ao grego *kyria.* Foi sugerido que Marta era a "senhora eleita" a quem João escreveu a sua segunda Epístola. Ela **o recebeu em sua casa.** Há algumas possibilidades a considerar: Marta era casada ou viúva. Maria e Lázaro viviam com ela. Pode ser que ela fosse reconhecida como a senhora da casa por ser mais velha do que eles. Neste último caso, eles poderiam estar vivendo juntos como uma família desde a morte de seus pais.

Tinha esta uma irmã, chamada Maria (39). Maria é, obviamente, subordinada à sua irmã. Sua única relação com a casa ou com o evento social em curso é que ela é a irmã de Marta. **A qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra** –

literalmente, "a qual tendo, também, se assentado aos pés de Jesus estava ouvindo (ou escutando) a sua palavra". Foi sugerido que a palavra **também** implica que ela inicialmente ajudou a servir; depois ela se sentou para ouvir as palavras de Jesus. A expressão **assentando-se também aos pés de Jesus** tem dois significados. Literalmente, sugeriria que ela se sentou abaixo dele (em um assento mais baixo), mas tem, também, um sentido figurado ou metafórico, pelo qual ela o ouviu como um discípulo ouviria seu professor. A situação sugere uma relação professor-aluno. Os discípulos geralmente sentavam-se aos pés do rabi, como Paulo se sentava aos pés de Gamaliel (At 22.3).

Marta, porém, andava distraída em muitos serviços (40) é, literalmente, "Marta estava distraída com os afazeres domésticos". **E aproximando-se...** Os termos gregos desta frase indicam uma repentina suspensão de sua situação febril – de uma maneira desesperada ou exasperada. **Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só?** Esta frase também carrega uma marca de exasperação e agitação. Uma tradução literal seria: "O Senhor não se importa que a minha irmã me deixe sozinha?" Ela não só culpou sua irmã, mas estava também agitada e um tanto impaciente com o Senhor por permitir que a sua irmã a desamparasse. De fato, ela parecia sugerir que o Senhor estava encorajando Maria a negligenciar o seu dever. A palavra traduzida como **deixe,** significa "dar as costas". Isto também sugere que Maria estava ajudando sua irmã, mas deve ter parado e ido ouvir Jesus.

Dize-lhe, pois, que me ajude – literalmente, "fale para ela". A palavra **pois** indica que Marta tem certeza de que suas afirmativas anteriores justificavam seu pleito por completo, e condenavam Maria. A implicação é: Já que meu pleito ficou irrefutavelmente demonstrado, dá-lhe a ordem. Marta estava, obviamente, confiante de que estava certa – e que havia sido tratada injustamente.

Marta, Marta (41). Spence destaca que "há várias instâncias notáveis desta repetição do nome pelo Mestre na história do Novo Testamento e, em cada caso, aparentemente em amor compassivo".[9] Ele se refere a "Simão, Simão", em Lucas 22.31; "Saulo, Saulo" em Atos 9.4; etc. **Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.** A palavra grega traduzida como **Estás ansiosa** significa "preocupada" ou "atrapalhada com os cuidados". Jesus está dizendo que ela está muito preocupada com muitas coisas não tão importantes.

Uma só é necessária (42). Note o contraste entre as **muitas coisas** com as quais Marta se preocupava e a única coisa que era necessária. As "muitas coisas" de Marta eram materiais, físicas e sociais; a "única coisa" ("**Uma só**") de Maria era espiritual e de significado eterno. Marta não estava escolhendo o errado no lugar do certo, mas o incidental em lugar do mais importante, o temporal em lugar do eterno.

Jesus tinha vindo a esta casa como Convidado. Marta estava cuidando, febrilmente, de muitas coisas para ser agradável e entreter. Mas essas coisas não eram necessárias. O principal interesse dele não era ser recebido de braços abertos e nem com uma mesa farta, mas sim com corações abertos e uma oportunidade de servir o seu Alimento a eles.

Este pleito podia ter uma implicação secundária. Marta estava preparando uma refeição suntuosa e o trabalho extra a estava prejudicando mais do que a comida adicional ajudaria o Mestre.

A boa parte era uma expressão comum, significando a parte honrada de uma festividade. Maria escolhera com sabedoria. Ela sabia qual parte era a mais desejável e a

mais nobre, e a escolheu. Há uma finalidade sugerida em conexão com este pensamento. Jesus garante essa finalidade ao dar apoio à escolha dela: **a qual não lhe será tirada.** A figura que permeia toda a passagem é a da festividade, e o Mestre transmite a sua mensagem ao colocar a festa espiritual acima da material.

7. *Um Discurso em Oração* (11.1-13)

Este discurso só é encontrado em Lucas, embora certas partes dele sejam muito semelhantes aos ensinos de Jesus nos outros Evangelhos Sinóticos – especialmente na versão de Mateus do Sermão do Monte (Mt 6.9-13; 7.7-11).

Estando ele a orar num certo lugar (1). O lugar é desconhecido. Evidentemente apenas o assunto interessava a Lucas. **Quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar.** Ele estava muito emocionado pela oração de Jesus, que parece ter ouvido por acaso. Era muito diferente das orações que ele ouvia na sinagoga e no Templo. Talvez fosse a intimidade pessoal ou a simples fé que o comoveu. Uma oração como a que Jesus fez não poderia deixar de emocionar qualquer alma verdadeiramente piedosa.

Como também João ensinou aos seus discípulos. Este discípulo deve ter sido um antigo discípulo de João. Neste caso, embora ele evidentemente sentisse que as orações de João fossem muito superiores às da média das pessoas, ele viu e ouviu alguma coisa na oração de Jesus que marcou um avanço que a sua alma desejava seguir. Também é possível que ele tivesse ouvido sobre as práticas de oração de João, mas não tivesse aprendido com ele.

Maclaren sugere para este versículo: 1) Cristo, orando, nos ensina a orar como um descanso após o trabalho; 2) Cristo, orando, nos ensina a orar como uma preparação para passos importantes; 3) Cristo, orando, nos ensina que a oração é a condição para recebermos o Espírito e a gloriosa presença de Deus (cf. 3.21-22; 9.29).

Quando orardes, dizei: Pai (2). Para maiores detalhamentos acerca dessa oração, veja os comentários sobre Mateus 6.9-13. A oração, como expressada aqui por Jesus, difere em dois aspectos da oração ensinada por ele no Sermão do Monte. Primeiro, ela contém as palavras **perdoa-nos os nossos pecados** onde na versão anterior o pedido era "perdoa-nos as nossas dívidas". Aqueles que acreditam que os cristãos não cometem pecados e permanecem cristãos, às vezes evitam essa forma de oração. Dizer **perdoa-nos os nossos pecados** parece uma admissão de que, voluntariamente, cometemos pecados – o que não acreditamos estar em harmonia com o padrão bíblico para a vida cristã.

Mas a oração, nesta forma, tem efetivamente algumas lições significativas para nós. Algumas delas são as seguintes: *a*) Nossa absolvição passada estava condicionada pela nossa disposição de perdoar; *b*) O pecado ainda é possível – e se pecarmos, nosso perdão é condicionado pela nossa disposição de pedir perdão; *c*) Nossos pecados não intencionais – quando nos conscientizamos deles – devem ser confessados; e *d*) O perdão de Deus será condicionado pela nossa própria capacidade de perdoar.

Um amigo... à meia-noite (5). Aqui Jesus usa uma parábola para ilustrar um importante aspecto da oração, e uma importante verdade sobre a oração. Viajar à noite na Palestina era comum por causa do intenso calor do dia, e assim a chegada deste amigo à meia-noite não é de forma alguma algo incomum.

Empresta-me três pães. Godet avalia que um pão era para o hóspede, outro para o anfitrião, que deveria sentar-se à mesa e comer com seu convidado, e o terceiro era um pão de reserva.[10] O pão reserva daria a impressão de abundância de suprimento e assim evitaria embaraçar o convidado com o pensamento de que ele estaria comendo o último pão de seu anfitrião.

Um amigo meu chegou... e não tenho o que apresentar-lhe (6). Aqui vemos duas coisas, a pobreza do anfitrião e as exigências da cortesia. Ele não tinha pão, mas não podia deixar seu hóspede ir para a cama com fome. Tanto as regras da cortesia como o amor por seu amigo exigiam que o pão estivesse garantido. Sua única esperança era que o vizinho lhe emprestasse os pães necessários.

Se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes (7). O vizinho é hostil; um amigo que não demonstra amizade. O amor e as regras da cortesia exigem dele o que o necessitado vizinho pede, mas ele não reconhece essas exigências. **Já está a porta fechada.** Na antiga Palestina, ninguém bateria em uma porta fechada, a menos que tivesse uma razão muito importante – neste caso, a necessidade era premente. **Os meus filhos estão comigo na cama.** A **cama** não era mais do que um espaço em relevo nesta casa de um cômodo e o homem não queria incomodar as crianças.

Ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister (8). Agora chegamos ao ponto central da parábola. Mesmo quando a amizade é pequena, ser inoportuno produz resultados. A implicação é óbvia: Se ser importuno produz resultados junto a um amigo indiferente, que resultado alcançará uma oração persistente junto a um Deus amoroso! Persistência na oração não é um ato de descortesia para com Deus. Uma procura tão resoluta e contínua demonstra fé em Deus, e uma clara percepção de que Ele é a nossa única esperança.

Pedi, e dar-se-vos-á, etc. (9-13). Para uma discussão mais completa, veja os comentários sobre Mateus 7.7-11. A passagem atual em Lucas difere do discurso em Mateus, citado anteriormente, em dois detalhes: a) a descrição de Lucas inclui, no versículo 12, a pergunta: **Se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?** O significado aqui é o mesmo das duas perguntas anteriores. *b*) Em Mateus, a passagem termina com as palavras: ... *quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?* Nesta passagem, em Lucas, o Mestre muda "bens" para "o Espírito Santo". Aqui nós vemos que o Espírito Santo é dado em resposta à oração, e que o Pai está ansioso para nos conceder esta preciosa bênção. O Espírito Santo é o melhor de todos os "bens", e os cristãos sábios o pedirão antes de qualquer outra coisa. Precisamos do Espírito Santo em sua plena atividade santificadora, e precisamos dele como nosso permanente *Parácleto* ou Advogado. Este discurso em Lucas aparece mais tarde no ministério de Jesus, e está mais próximo ao Pentecostes do que o Sermão do Monte, no qual aparece a passagem citada em Mateus. Portanto, Jesus pode ter sido mais específico em suas referências às necessidades dos seus discípulos.

Os versículos 1-13 têm sido chamados de "A Lição da Oração". As palavras estariam no primeiro versículo, "Ensina-nos a orar": 1) Modelo, 2-4; 2) Persistência, 5-9; 3) Promessa, 10-13.

Os versículos 9-13 nos mostram "O Presente do Pai". 1) Para quem? Para aqueles que se tornaram filhos de Deus; 2) Qual é este presente? O Espírito Santo; 3) Como posso recebê-lo? Pedindo.

8. *Por Quem Ele Expulsou os Demônios?* (11.14-23)

Este episódio está registrado nos três Evangelhos Sinóticos. Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.22-32 (cf. também Mc 3.22-30).

9. *Quando o Espírito Imundo Retorna* (11.24-26)

Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.43-45.

Barclay chama esta seção de "O Perigo da Alma Vazia". Ele nota: 1) Não se pode deixar a alma de um homem vazia, 24-26; 2) Não se pode conceber uma religião verdadeira baseada em coisas negativas, 24-26; 3) A melhor maneira de evitar o mal é fazer o bem (27-28).

10. *Quem é Mais Bem-Aventurado?* (11.27-28)

Bem-aventurado é o ventre que te trouxe (27). Esta **mulher dentre a multidão** estava, sem dúvida, dominada pela sabedoria e pelo poder que se manifestavam nas palavras e obras de Jesus. Ela podia ser uma daquelas que haviam experimentado a cura da possessão demoníaca que Jesus acabara de discutir. Sua reação aqui é uma espécie de veneração a um herói, mais ou menos peculiar às mães, que dramaticamente vêem grandes homens como o cumprimento das esperanças, sonhos e orações das mães. Esta mulher estava, provavelmente, colocando-se no lugar de Maria e desfrutando, no lugar dela, o êxtase do orgulho de uma mãe pelas realizações de seu filho. Mas ela estava míope, conforme revela o próximo versículo.

Sua exclamação de modo algum indica uma efetiva adoração a Maria. Nem sequer é certo que ela conhecesse a mãe de Jesus. A palavra **bem-aventurado** combina o significado de duas de nossas palavras: "feliz" e "afortunado". No presente exemplo, traz também ao menos a sugestão da idéia de "santificado" ou "sagrado". Este louvor a Maria pode ser considerado como o primeiro cumprimento, no Novo Testamento, da previsão do *Magnificat*: "Todas as gerações me chamarão bem-aventurada" (Lc 1.48).

Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam (28). A palavra **antes** parece indicar uma aprovação ao que disse a mulher, mas o texto grego não indica claramente uma aprovação nem uma reprovação. No entanto, sem importar o que possa ser dito a respeito da bem-aventurança de Maria como mãe de Jesus, maior bênção é ouvir as Palavras de Jesus e organizar a vida de acordo com elas. Portanto, mesmo para a própria Maria, a relação de discípula é mais abençoada do que a de mãe. O Mestre não perdia nenhuma oportunidade para deixar claro que a relação principal e significativa de qualquer pessoa com Ele é a relação espiritual, baseada na obediência e na unidade de vontade e propósito. Esta relação tem a sua origem nas experiências espirituais da conversão e da completa santificação, com uma permanente comunhão no Espírito.

11. *Uma Geração Má Busca um Sinal* (11.29-32)

Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.38-42. As narrativas de Mateus e Lucas deste discurso são, em essência, as mesmas, embora a ordem das afirmações seja um pouco diferente.

12. *Luz e Trevas* (11.33-36)

A essência dos versículos 33-35 é análoga (de forma direta ou indireta) a outras partes dos Evangelhos sinóticos. Mas isto não significa que Lucas está incorreto ao

registrar o discurso aqui e na seqüência apresentada. O significado é que, de fato, Jesus utilizou o mais eficiente método pedagógico, conhecido como repetição. Como os princípios que Jesus ensinava eram geralmente novos, tanto em conteúdo como em espírito ou ênfase, era muito importante que Ele os repetisse muitas vezes; caso contrário seus discípulos nunca se lembrariam deles nem os compreenderiam. Quando Jesus repetia seus ensinos, Ele muitas vezes usava as mesmas palavras. O que Ele queria enfatizar eram os princípios, e não as palavras.

Os versículos 33 e 34 são paralelos às duas partes do Sermão do Monte conforme registrado em Mateus. Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 5.15; 6.22-23.

Se, pois, todo o teu corpo é luminoso (36). No versículo 34, Jesus disse: **Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso.** Um olho "simples" é um olho sem defeito ou saudável; e quando o olho é sem defeito, cada parte do corpo e da mente compartilha a alegria da luz – nenhuma parte fica em trevas. O mesmo ocorre com a alma; a alma saudável recebe a luz: e como resultado, cada faceta, cada talento de nossa personalidade compartilha os benefícios da luz. A ênfase neste versículo parece ser a palavra **todo.** A idéia central é que deve existir uma alma saudável para que a saúde possa ser compartilhada por toda a personalidade. A falta de unidade na lealdade básica de alguém a Deus resultará em tensão, confusão e trevas em todos os outros aspectos. É exatamente tal sanidade espiritual e moral que constitui a santidade do Novo Testamento. Não há aqui uma sugestão de naturezas contraditórias ou qualquer resquício de dupla interpretação no modelo do Novo Testamento para o cristão.

13. *O Que Está Errado Com os Fariseus e os Doutores da Lei?* (11.37-54)

Muitas das declarações de Jesus relativas aos fariseus e doutores da lei nesta passagem são muito parecidas com suas acusações a esses mesmos grupos em Mateus 23. Estas não são, no entanto, duas versões do mesmo discurso, mas dois discursos proferidos pelo Mestre em duas ocasiões diferentes. Os eventos e ensinos registrados em Mateus 23 ocorreram em Jerusalém durante a Semana da Paixão; o episódio que estamos considerando em Lucas aconteceu enquanto Jesus estava na Peréia, a caminho de Jerusalém. A ocasião do discurso em Lucas e outras circunstâncias adjacentes eram muito diferentes daquela que foi relatada em Mateus. Uma comparação cuidadosa tornará isso bastante evidente.

Rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele (37). Uma vez que nesta época os fariseus, de forma geral, eram inimigos de Jesus, é bem possível que este convite fosse parte de uma cilada para o Mestre. Como eles conheciam seus hábitos e os de seus discípulos, sem dúvida acharam que não seria difícil pegá-lo; Ele poderia, facilmente, ser colocado em uma posição em que alguma regra ou costume fariseu seria violado. Eles poderiam, então, usar essa informação como arma contra Ele.

E [Jesus], **entrando, assentou-se à mesa.** A palavra traduzida como **assentou-se** significa, literalmente, "reclinou-se". Eles não usavam cadeiras; reclinavam-se em sofás. Jesus imediatamente aceitou o convite. Ele não se comprometeria com os fariseus; mas também não seria descortês para com eles.

O fariseu admirou-se, vendo que se não lavara antes do jantar (38). O interesse dos fariseus em se lavar antes do jantar não visava a higiene pessoal. Eles segui-

am rigidamente um elaborado sistema de lavagens cerimoniais que lhes foi transmitido por muitas gerações de rabinos. Os simples preceitos da lei levítica, que exigiam a limpeza e a pureza cerimonial, haviam sido subscritos de uma forma tão completa e excessiva, com interpretações rabínicas e requisitos rituais, que os preceitos originais foram negligenciados.

Há uma forte implicação de Jesus propositadamente não ter lavado as mãos antes do jantar. O versículo 37 o mostra entrando e imediatamente reclinando-se para comer. A atitude que Ele mostra em sua discussão do assunto (39ss.), reforça a impressão de uma atitude deliberada de não se lavar conforme aquele costume cerimonial. Se a ação de Jesus foi de fato deliberada, Ele deve ter tido dois motivos: *a*) Ele estava expressando sua reprovação a uma regra que, além de não ter significado, obscurecia um importante princípio e ocasionava um pretexto hipócrita; *b*) Ele, provavelmente, estava tentando provocar uma discussão com os fariseus exatamente sobre esses assuntos. Assim, Jesus e o fariseu (ou fariseus, se outros estivessem trabalhando por meio deste) estariam tentando precipitar o conflito verbal. Com certeza, Jesus não estava sendo vingativo; Ele estava tentando ajudar os fariseus a verem a verdade e, ao mesmo tempo, estava tentando salvar outros da influência corruptora do farisaísmo.

E o Senhor lhe disse... vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade (39). A palavra traduzida como **rapina** significa, literalmente, “pilhagem” ou “roubo”. Estas eram palavras fortes, mas verdadeiras e necessárias. Os fariseus tinham sido muito cuidadosos em limpar o exterior, mas negligenciaram um monturo de maldade em suas almas. Era como lavar os pratos e, então, servir comida estragada neles. Os fariseus eram cuidadosos com as aparências, mas descuidados com a verdade.

Loucos! (40). Certamente as ações deles assim como o padrão de valores que possuíam se mostraram inferiores ao necessário. **O que fez o exterior não fez também o interior?** Estas várias lavagens tinham um propósito religioso. Então, se elas eram motivadas pela religião, por que negligenciar o interior, a essência do homem? Por que se preocupar com o externo, o perecível, e negligenciar o permanente, quando deveriam estar lidando com assuntos eternos? As assim chamadas pessoas religiosas jamais haviam sequer tentado lidar com a fonte do pecado.

Dai, antes, esmola do que tiverdes (41). A tradução literal é bastante clara: “Mas dai esmolas das coisas que estiverem em vosso interior”. Há dois significados nestas palavras. Primeiro, Ele está dizendo que eles devem generosa e amorosamente dar esmolas, e nisto estariam fazendo um serviço maior do que a limpeza cerimonial. O significado mais profundo é que eles deveriam dar, generosa e amorosamente, de sua natureza mais íntima – seu amor, sua compaixão, sua devoção, seu próprio ser. O versículo 39 implica que esses fariseus estavam roubando os pobres. Aqui, Jesus está lhes dizendo que as suas práticas e atitudes deveriam ser exatamente opostas – deveriam dar esmolas, e fazê-lo sem pensar em retribuições.

E eis que tudo vos será limpo. Quando alguém age como Jesus acabou de advertir – com amor puro e desinteressado – então todas as coisas lhe são limpas. Pecado, egoísmo, desobediência, orgulho – estas são as coisas que corrompem. Tal corrupção moral só pode ser encontrada na personalidade. O pecado começa e é, de fato, cometido, no campo da vontade de uma *pessoa* – um ser que tem liberdade para fazer escolhas morais.

Ai de vós, fariseus, que dizimais... e desprezais o Juízo e o amor de Deus! (42). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.23. Na discussão sobre este assunto, registrada em Mateus, **o amor de Deus** não está incluído. É óbvio que o amor era um dos pontos mais fracos dos fariseus, e o ponto em que eles estavam mais distantes de Jesus e de seus ensinos.

Ai de vós, fariseus, que amais os primeiros assentos... e as saudações nas praças! (43). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.6-7.

Ai de vós, escribas e fariseus... sois como as sepulturas (44). Aqui temos uma diferença significativa em relação ao mais próximo discurso paralelo de Jesus (Mt 23.27). Em Mateus, os escribas e fariseus são comparados a "sepulcros caiados, que... parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia". O contraste, em Mateus, é entre a beleza exterior e o interior pútrido.

Aqui, em Lucas, as covas não são belos túmulos caiados, mas simples túmulos não identificados que alguém pode pisar sem o perceber. Assim se contrairia impureza cerimonial sem o saber.[11] Todos os túmulos deveriam ser pintados de branco para alertar o transeunte de sua localização. Mas estes túmulos haviam sido negligenciados. Os fariseus haviam sepultado a sua hipocrisia e maldade de tal maneira, que os outros cidadãos não sabiam o que realmente se escondia debaixo de seu exterior piedoso.

Há, também, pelo menos a sugestão de um segundo significado neste versículo. Da mesma forma que alguém poderia caminhar por sobre um túmulo não identificado e ser cerimonialmente impuro sem o saber, assim alguém poderia ser culpado de infringir uma das várias regras intrincadas e, muitas vezes, irrelevantes que formavam a tradição dos antigos, e ficar cerimonialmente contaminado (aos olhos dos fariseus) sem o saber.

E, respondendo um dos doutores da lei, disse-lhe:... quando dizes isso também nos afrontas a nós (45). A palavra traduzida como **afrontas** significa, literalmente, "insultas". No versículo anterior, em sua acusação, Jesus havia incluído os escribas. A semelhança entre doutores da lei e escribas e o fato adicional de que os doutores eram geralmente fariseus, deu a esses doutores presentes na audiência de Jesus a impressão de que eles também estavam incluídos. Pelo menos eles sentiram que também foram insultados.

Ai de vós também, doutores da lei (46). Jesus deixa claro que seu julgamento dos doutores da lei é o mesmo dos fariseus. Eles são iguais em sua fraqueza e maldade e devem compartilhar a condenação. **Carregais os homens com cargas... e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas!** Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.4.

Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram! (47). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.29-31. Na passagem citada em Mateus sobre a controvérsia posterior de Jesus com os fariseus e os doutores da lei, a denúncia é dirigida aos "escribas e fariseus". Aqui se fala especificamente aos doutores da lei. O versículo 48 indicava que ao construírem as tumbas dos profetas, os judeus chamavam a atenção para o fato de que eles eram os filhos dos assassinos. Phillips traduz este versículo como: "Vocês mostram de forma suficientemente clara como aprovam as ações de seus pais. Eles executaram a matança, e vocês fizeram um memorial a isso".

Por isso, diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns... (49-51). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.34-36.

Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência! (52). A **chave da ciência**, a Chave que abre a porta para o Reino de Deus, são as Escrituras. Os fariseus e os doutores da lei haviam confundido e mudado de tal forma as Escrituras em seu labirinto de cerimônias e proibições sem sentido, que já não serviam ao povo como um meio efetivo de entrar no Reino de Deus. **Vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam.** Tanto pelo próprio exemplo como pela interferência direta, eles fecharam o Reino de Deus para os homens. Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.13.

E dizendo-lhes ele isso (53). Os melhores manuscritos registram "Saindo Jesus dali"; isto é, da casa do fariseu. Esta interpretação também está em harmonia com o fato de que pareceu haver um repentino aumento no número de seus inimigos – um grupo de fariseus e escribas parece tê-lo cercado quando Ele saiu da casa. Esta última interpretação também está em harmonia com o fato de que dois versículos adiante (12.1) uma grande multidão já se havia reunido – aparentemente em volta dele.

...começaram os escribas e os fariseus a apertá-lo fortemente e a fazê-lo falar acerca de muitas coisas, armando-lhe ciladas, a fim de apanharem da sua boca alguma coisa para o acusarem (53-54). Jesus sabia que eles estavam evidentemente fingindo ter um profundo e entusiasmado interesse pelos seus ensinos como Mestre. Fizeram muitas perguntas sobre muitas coisas, como deveriam fazer ansiosos investigadores procurando a verdade; mas, na verdade, estavam tentando pegá-lo em uma armadilha, fazendo com que dissesse algo que pudesse incriminá-lo. Em tais casos, entretanto, Jesus sempre conhecia os objetivos de seus inimigos. Mesmo quando lhes fornecia munição que podia ser usada contra Ele, o Mestre sabia muito bem o que estava fazendo.

14. *Um Sério Olhar Sobre o Discipulado Cristão* (12.1-12)

Ajuntando-se, entretanto, isto é, durante o tempo em que Jesus esteve na casa do fariseu (11.37ss.), **...muitos milhares de pessoas** – literalmente, "miríades de pessoas". Evidentemente a multidão, que vinha seguindo Jesus desde que fora convidado a comer com o fariseu, permanecera na rua ou no mercado próximo à casa. Quando Ele saiu da casa, sua presença na cidade já era do conhecimento geral e, conseqüentemente, a multidão aumentou muito pela grande afluência de pessoas da cidade e de suas vizinhanças. O tamanho dessa multidão é uma indicação clara de que a fama de Jesus era muito grande, embora alguns pensem que a sua popularidade naquela época estivesse em declínio. O povo que formava essa multidão representava, sem dúvida, todas as atitudes predominantes em relação a Jesus. Alguns eram seus amigos. Muitos eram inimigos de Jesus, e muitos outros eram influenciados pela atitude amarga e negativa de seus inimigos. Havia chegado a hora em que os extremos de amor e ódio por Jesus alcançariam o ponto máximo.

Ele **começou a dizer aos seus discípulos.** A palavra **primeiramente**, que consta em algumas traduções, não aparece no original. Todo o capítulo 12 parece ter sido dirigido principalmente aos discípulos, mas na presença da multidão, que certamente

podia ouvi-lo. O que Ele tinha a dizer a seus discípulos não era segredo, sendo principalmente para benefício deles. De fato, pode ser que Jesus particularmente quisesse que esses estranhos e, até mesmo, os seus inimigos ouvissem essas coisas. Quando consideramos as sérias advertências que o Mestre dirige aos seus discípulos, devemos ter em mente a presença desses inimigos na multidão e a amargura que eles sentiam, como resultado de suas acusações recentes contra eles.

Tem havido alguma disputa entre estudiosos bíblicos quanto à relação apropriada e a aplicação da palavra **primeiramente** (literalmente, "primeiro"). Muitas autoridades, em concordância com a Versão King James em inglês, conectam esta frase com a frase anterior. Então o significado seria que Jesus estava se dirigindo "primeiro", ou principalmente, aos discípulos. Isto implicaria que, em segundo lugar, Ele se dirigia também à multidão.

Alguns poucos estudiosos relacionam a expressão **primeiramente** à frase seguinte. Isso forneceria o significado de que os discípulos deveriam primeiramente ou "primariamente" acautelarem-se contra o **fermento dos fariseus**; ou seja, das muitas coisas contra as quais eles deveriam se guardar, a mais importante era a hipocrisia dos fariseus.

Não é fácil consolidar este argumento a partir do grego, já que, no original, não havia sinais de pontuação, mas a interpretação da Versão King James em inglês é provavelmente a correta; entretanto, qualquer das interpretações se harmoniza com o contexto e com os princípios dos ensinos de Jesus.

Acautelai-vos... do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia (1). "Fermento", para usar a definição de Godet, "é o emblema de cada princípio ativo, bom ou ruim, que possui o poder de assimilação".[12] O fermento dos fariseus seria formado pelos seus ensinos e práticas, pois afetavam a vida das pessoas. Esta "devoção dos fariseus direcionou falsamente toda a religiosidade israelita".[13]

A afirmação de Jesus implicava que a característica dos fariseus que exercia influência mais perigosa sobre os seus semelhantes era a hipocrisia. A nossa palavra **hipocrisia** veio diretamente do grego. Era um termo literal, usado em conexão com o drama grego e significava "fingir". Da maneira como foi aplicada por Jesus aos fariseus, a palavra significava "representar falsamente a parte da devoção religiosa sem veracidade".

A imparcialidade exige, entretanto, que observemos o fato de que Jesus não se opunha a tudo o que se referia aos fariseus. Teologicamente, Jesus estava mais próximo das posições deles do que de qualquer outra seita de seus dias. Sua maior disputa e sua maior divergência com eles estava relacionada com a hipocrisia, com a atitude legalista, e com a falta dos princípios básicos de uma experiência de vida religiosa interior.

As fortes acusações de Jesus contra eles, entretanto, nos mostram que esses assuntos pesaram mais nos pratos da balança da divina sabedoria do que todos os pontos em que Ele e os fariseus concordavam. O fato mais trágico era que eles estavam espiritualmente perdidos e influenciavam milhares de israelitas a seguirem o mesmo caminho largo, que levava à destruição, enquanto faziam a sua viagem. Veja, também, os comentários sobre Mateus 16.6,11.

Nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido (2). Isto mostra como são tolos aqueles que praticam a hipocrisia e o fingimento. A religião tem a ver com o relacionamento do homem com Deus. Como Deus sabe de tudo, e no final revelará tudo, como é tolo alguém ficar contente com a

forma e a sombra sem se importar com a realidade! É totalmente estúpido alguém ter a esperança de enganar o infinito conhecimento e a justiça de Deus! Veja, também, os comentários sobre Mateus 10.26.

Porquanto tudo o que em trevas dissestes à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete sobre os telhados será apregoado (3). A estrutura literária deste versículo e do anterior é a de um dístico hebreu, que é a forma mais simples da estrofe poética hebraica. Há duas frases análogas; a segunda repete o significado da primeira com outras palavras. A segunda linha nada acrescenta ao significado da primeira, mas a ênfase é grandemente aumentada. O significado deste versículo é simples: é completamente impossível esconder segredos de Deus e, no final, Deus revelará todos os nossos segredos maus a todos os homens. O homem sábio viverá com este fato em vista.

Não temais os que matam o corpo e depois não têm mais o que fazer (4). Os materialistas e os secularistas – aqueles que só vêem este mundo – dirão que a vida mortal é o seu bem mais valioso. Para tais pessoas, este versículo soa como ingênuo. A expressão popular: "Eles não podem fazer nada além de me matar", funciona como um humor irônico. E esta ironia pode ser considerada como sendo de um tipo bem leve. Mas Jesus deixa claro que a vida mortal não é, de forma alguma, o bem mais valioso. Alguns dos homens mais sábios perderam a vida em vez de sacrificar um tesouro maior. Nunca veremos esta vida sob a sua verdadeira perspectiva, até que a vejamos em contraste com a eternidade.

A história do início da igreja revela exatamente quão importante este pequeno momento de sabedoria foi para os seguidores de Jesus. A perseguição começou com a crucificação de Jesus e não parou, exceto temporariamente, por quase três séculos. Durante esses anos, os mártires testaram a verdade dessas palavras e descobriram que eram verdadeiras. Eles deram para todos os homens exemplos de verdadeira coragem e a correta subordinação desta vida à eternidade.

Temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno (5). Isto é, temei a Deus, pois a nossa eternidade está em Suas mãos. A palavra traduzida como **inferno** é "Geena", que originalmente se refere ao vale de Hinom, próximo a Jerusalém, onde o lixo era queimado. Mas é usada metaforicamente como inferno, onde os maus são punidos com fogo. O poder de lançar no inferno pertence a Deus, não a Satanás, pois o próprio Satanás será encarcerado lá.

Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis? (6). O ceitil valia mais ou menos um quinto de um centavo de dólar americano. A moeda a que Jesus se referiu era o *assarion* (ou asse) – valendo um décimo de um denário. **E nenhum deles está esquecido diante de Deus.** Se Deus mostra interesse por passarinhos, quanto maior será o seu interesse pelo homem – a coroa de sua criação terrena! Que consolo saber que Deus nunca se esquece de nós! Até mesmo os cabelos de nossa cabeça estão contados.

Não temais, pois (7). Nada, não importa quão insignificante, escapa à atenção de Deus. Portanto, nada pode nos acontecer sem a permissão de Deus. O medo das circunstâncias ou do futuro é desnecessário; isso revela falta de fé em Deus.

...todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus (8-9). Não basta, simplesmente,

temer a Deus. O teste do discipulado é o nosso amor. E o teste do amor é nossa vontade de confessá-lo diante de todos os homens. Aquele que nega seus pais diante de seus amigos não é digno do lar a que pertence. E aquele que nega a sua relação com o Salvador, rompe essa relação. Aquele que testemunha por meio de seus atos não ter uma relação espiritual com Cristo, recebe a negação da parte de Deus, nos céus, e aquilo que recebe no julgamento não é o resultado de um espírito de vingança da parte de Deus. Antes, é o reconhecimento de um fato. Ser filho de Deus e um cidadão dos céus é uma situação que não pode existir onde a falta de amor, o egoísmo e a covardia caracterizam a atitude humana em relação a Deus.

Para mais esclarecimentos sobre os versículos 4-9, veja os comentários sobre Mateus 10.27-32.

Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoada (10). Veja os comentários sobre Mateus 12.31-32.

E, quando vos conduzirem às sinagogas, aos magistrados e potestades (11). A palavra traduzida como **potestades** significa, literalmente, "autoridades". Três níveis de autoridades são indicados aqui. As **sinagogas** referem-se aos tribunais eclesiásticos inferiores; os **magistrados** são, literalmente, "governantes", autoridades judaicas de nível mais elevado; as **potestades** ou "autoridades", provavelmente, se referem a governantes como Herodes e Félix. **Não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder.** Eles não precisavam preparar discursos e tê-los prontos, caso fossem presos pelas autoridades. Deveriam deixar tais assuntos para o futuro e para Deus. Enquanto isso, deveriam enfocar sua atenção em realizar fielmente a obra de difundir as boas-novas do Reino.

Na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo o que vos convenha falar (12). Carregar o peso de pensar no que dizer em caso de prisão seria errado porque interferiria no trabalho de pregar a Cristo; seria também pior do que desperdiçar tempo. O Espírito Santo poderia fornecer testemunhos e argumentos melhores, e Ele os forneceria imediatamente e no instante em que fossem necessários. Para mais esclarecimentos sobre os versículos 11 e 12, veja os comentários sobre Mateus 10.17-20.

Esta seção (1-12) tem sido chamada de "O Credo da Coragem e da Fé". Nela, vemos: 1) O pecado proibido, a *hipocrisia*, 1-3; 2) A atitude correta para com a vida, o *destemor*, 4-7; 3) O pecado imperdoável, a *blasfêmia*, 9-10; 4) A recompensa da *lealdade*, 8; 5) A ajuda do Espírito Santo, 11-12 (William Barclay).

15. *A Parábola do Rico Insensato* (12.13-21)

Esta parábola foi uma parte da resposta de Jesus a um pedido feito por **um da multidão** (13). Suas parábolas eram geralmente estimuladas pelas circunstâncias do momento e serviam para ilustrar algum princípio importante que o Mestre estava querendo mostrar. O pedido que se segue foi feito, provavelmente, em um intervalo nos ensinos de Jesus – após ter concluído seu discurso anterior, e antes que tivesse a oportunidade de introduzir um novo assunto.

Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança (13). Há duas possíveis explicações para a essência e o motivo do pedido deste homem. Em qualquer das situações ele seria um irmão mais novo. Ele poderia ser aquele cuja parte na herança lhe havia sido negada, à força, pelo seu irmão mais velho, que era o herdeiro legal de uma

porção dupla da herança. Por outro lado, ele poderia ter recebido sua parcela de acordo com a lei, mas ser contrário ao costume de dar ao irmão mais velho uma porção dupla. Neste último caso, ele estaria pedindo a Jesus para ajudá-lo a romper o costume, ou ao menos subvertê-lo neste caso em particular.

Esta última explicação é, provavelmente, a correta, pois se a sua parte legal houvesse sido negada, ele poderia ter apelado às autoridades, que teriam regularizado a situação. Esta possibilidade é grandemente reforçada pelo fato de o Mestre tê-lo acusado (indiretamente, v. 15) de ser avarento, o que Ele, certamente, não teria feito se o jovem tivesse uma queixa justa. Este jovem parece ter sido um dos que haviam ouvido os ensinos de Jesus sobre relações humanas. Mas, em vez de interpretá-los em termos do que ele poderia fazer pelos seus semelhantes, ele egoisticamente interpretou as palavras do Mestre em termos do que tais atitudes e práticas por parte dos outros poderiam lhe trazer.

Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós? (14). Jesus teria, provavelmente, tomado essa posição mesmo que os direitos civis desse homem tivessem sido violados, pois Ele consistentemente se recusava a tentar mudar a estrutura política e social da época. Seu plano era, primeiro, mudar os homens para que esses homens mudados produzissem, inevitavelmente, um mundo melhor. O Mestre sabia que um mundo mudado não resolveria os problemas do homem, pois seu maior problema era interior – um coração pecaminoso.

Acautelai-vos e guardai-vos da avareza (15). Traduzida literalmente, esta passagem pode ser lida como: "Observem e guardem-se da avareza". Segue-se, então, a declaração de um dos maiores princípios da filosofia de vida cristã: **porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.** O mundo em todas as épocas tem insistentemente ignorado ou se recusado a reconhecer a verdade deste princípio e, no entanto, cada época é rica de provas desta verdade. Cada homem, mais cedo ou mais tarde, chega à constatação de que *as coisas* que possui não são o mais importante, embora muitos só o percebam depois de viverem uma vida de desperdícios.

As coisas que alguém possui não produzem uma vida rica e completa, nem trazem felicidade. Quando estudamos a vida daqueles que viveram de uma forma rica e útil, é impressionante notar como davam pouca importância *às coisas* que possuíam. A abundância de coisas produz mais freqüentemente ansiedade e descontentamento do que felicidade. Muitas vezes aqueles que detêm a maioria dos bens do mundo, jamais conheceram a emoção de uma realização duradoura. O que conta na vida é, em primeiro lugar, Deus; e depois, os tesouros espirituais como amor, gozo, paz, uma consciência limpa, um sentimento de realização, um senso de missão, e a esperança de chegar ao céu.

A parábola do rico insensato tem a finalidade de ilustrar o princípio declarado no versículo 15. O rico, na parábola, despreza esse princípio. Como resultado, ele não só perde a sua alma, mas também se torna, para todo o sempre, a personificação exata do insensato e uma das melhores ilustrações do mundo de como não se deve viver.

A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância (16). A colheita abundante era o presente de Deus para este homem. Ela representava riquezas, poder e influência, mas era mais do que isso. Esta era uma ocasião que exigia decisões importantes; era um teste que traria conseqüências eternas para o homem.

E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? (17). Esta era a pergunta lógica a ser feita em tal ocasião, mas a compreensão que ele tinha do que ela significava era

muito limitada. Ele só pensava em como conservar essa colheita; deveria ter considerado as amplas oportunidades que esta colheita lhe apresentava. Ele disse: **Não tenho onde recolher os meus frutos**; mas se o seu coração fosse suficientemente grande para abrigar o Senhor e a humanidade, talvez seus celeiros tivessem guardado o que o amor teria lhe permitido manter.

Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens (18). Note o uso de pronomes na primeira pessoa. Nos versículos 17-19, ele usa formas da primeira pessoa do singular onze vezes. Trata-se de um homem completamente egoísta. Ele não tinha pensamentos voltados aos seus semelhantes nem a Deus. A construção de celeiros maiores não era, por si só, algo errado; era a sua razão para querê-los que estava errada. Ele os queria para poder guardar tudo só para si.

Direi à minha alma...tens em depósito muitos bens... descansa... Mas Deus lhe disse: Louco (19-20). Nos dois versículos anteriores o rico era um avarento egoísta e incoerente; nestes versículos, ele é um insensato. Talvez devamos dizer que um homem egoísta é sempre um insensato, pois só um insensato deixaria Deus e os seus semelhantes fora de sua vida. No versículo que estamos considerando, ele mostra a sua completa insensatez ao supor que as riquezas poderiam trazer paz à alma, e que ele poderia alimentar a sua alma com aveia, trigo e cevada. Um insensato, na acepção usada na Bíblia, é alguém desprovido de razão, um "louco". Este homem havia agido como alguém inteiramente desprovido de razão.

O homem era um insensato: 1) Porque se esqueceu de Deus; 2) Porque se esqueceu de seu espírito imortal; 3) Porque se esqueceu dos outros.

Esta noite te pedirão a tua alma. Ele cometeu outro erro tolo e trágico. Ele parecia pensar que tinha um contrato com a vida – o que lhe daria, certamente, uma vida suficientemente longa para realizar seus planos e aproveitar a sua riqueza. Porém logo perceberia a sua loucura. Ele errou por não perceber que nem mesmo a sua alma lhe pertencia; e Deus, o verdadeiro Dono de tudo e de todos, estava ordenando um ajuste de contas imediato. Agora aquele homem perceberia que, em termos de verdadeira riqueza, era um indigente.

E o que tens preparado para quem será? O rico cometeu outro erro fatal ao desprezar um importante princípio da administração. Ele agora não possuía nada. Mas, na realidade, ele nunca havia possuído nada. Nenhum de nós é dono de nada. Deus é o Dono; somos apenas despenseiros.

Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus (21). O Mestre expande o enfoque da parábola para um princípio universal. Deus chama de "loucos" e "insensatos" os homens que dedicam todo o seu tempo e interesse a juntar tesouros neste mundo, desprezando totalmente o interesse por sua alma. Não há nada tão tolo quanto viver para o tempo e se esquecer da eternidade, e viver para si e se esquecer de Deus.

16. *Fé versus Ansiedade* (12.22-31)

Para uma discussão completa desta passagem, veja os comentários sobre Mateus 6.25-33. Embora a linguagem em Mateus seja, em essência, quase idêntica, as duas passagens não vieram de um mesmo discurso do Mestre. A passagem de Mateus faz

parte do Sermão do Monte, proferido anteriormente, durante o ministério na Galiléia; a passagem atual, relatada por Lucas, foi proferida na Peréia durante os últimos seis meses da vida de Jesus na terra. Era um hábito do Mestre repetir ensinos iguais ou semelhantes quando as necessidades eram as mesmas. Jesus já sabia o que as autoridades educacionais aprenderam a partir de então: que a repetição é um recurso de ensino excelente e quase indispensável.

Dois trechos no relato de Lucas merecem um comentário especial. O primeiro é: **Não andeis inquietos** (29) – literalmente: "não estejam ansiosos" ou "não oscilem entre a esperança e o medo". Há uma declaração semelhante em Mateus 6.31: *Não andeis, pois, inquietos.* Em grego as duas passagens não são iguais. Mateus usa um verbo que significa simplesmente "estar ansioso" ou "procurar favorecer os interesses de alguém". O verbo usado por Lucas inclui, além destes significados, a idéia de ir do júbilo ao desespero, da esperança ao medo. O termo usado por Mateus está mais próximo de expressar egoísmo; o de Lucas está mais próximo de agitação e frustração. Em qualquer dos casos, a atitude é oposta à fé no cuidado providencial de Deus, e não é digna do caráter cristão mais elevado.

Porque os gentios do mundo buscam todas essas coisas (30). A palavra traduzida como **buscam** tem a indicação adicional de dedicação ou intensidade, de modo que uma possível tradução seria: "Intensamente procuram por". A passagem paralela em Mateus 6.32 não traz as palavras **do mundo,** tornando assim a palavra grega *ethnos* equivalente a "gentios". A expressão de Lucas ostenta a marca de um gentio escrevendo para gentios, enquanto a declaração de Mateus é tipicamente judaica. Em ambos os casos o significado é que ficar ansioso ou frustrado ou ainda preocupado com as necessidades físicas e temporais do dia a dia, de forma egoísta, é seguir o exemplo dos pagãos que não conhecem a Deus. No entanto, Jesus não está, de forma alguma, sugerindo que a fé torne o trabalho de ganhar o sustento desnecessário. O trabalho honesto e árduo, e o cumprimento das obrigações temporais, não são somente consistentes com a fé; são pré-requisitos para a fé (cf. 2 Ts 3.10; 1 Tm 5.8).

17. *As Verdadeiras Riquezas* (12.32-34)

Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o Reino (32). Deve-se lembrar que aqui Jesus ainda está falando para seus discípulos, na presença de uma imensa multidão (veja 12.1,22). Com este quadro em mente, podemos enxergar uma dupla implicação para a expressão **pequeno rebanho.** O grupo de discípulos é muito pequeno em comparação com a multidão; o número total de seguidores de Jesus será extremamente pequeno em comparação com o mundo perante o qual eles vão representá-lo e proclamar o seu Evangelho.

Note, também, que Ele os está representando como um **rebanho**. Ovelhas e pastores eram muito comuns na Palestina, e os termos eram muitas vezes aplicados figurativamente para mostrar a relação entre Jesus e seus seguidores – a sua igreja. Os termos, particularmente quando usados por Jesus, significam uma relação especialmente próxima e amorosa entre o Mestre e os seus discípulos. A igreja sempre foi tocada pela conotação carinhosa da representação bíblica do "bom pastor" e seu "rebanho", e dedicou a este tema alguns de seus sermões, ilustrações e hinos mais apreciados.

Mas o ensino central deste versículo não é a representação da igreja como um rebanho, nem a sua pequenez. A idéia central é avançada, otimista e potencialmente triun-

fante. Jesus está dizendo que sua pequenez não é razão para medo ou pessimismo, pois **agradou** ao Pai dar-lhes **o reino.** As palavras gregas traduzidas como **a vosso Pai agradou** significam, literalmente, "vosso Pai deleitou-se..." O Pai não está apenas desejoso, mas feliz e muito satisfeito de dar o Reino a este pequeno grupo.

O **Reino** que é prometido aos seus discípulos, neste versículo, é o "Reino de Deus". No versículo 31, eles são exortados a procurá-lo. É, antes de tudo, um Reino espiritual, a cuja cidadania somos admitidos através do novo nascimento; ele se torna um Reino Celestial para aqueles que através da morte unem-se à atual Igreja Triunfante; ele se tornará um Reino literal e eterno por ocasião da segunda vinda de nosso Senhor.

A promessa implícita de dar a eles (e a nós) o Reino, inclui mais do que a cidadania e o gozo dos privilégios do Reino. É, também, uma promessa de vitória para os nossos esforços combativos com respeito aos avanços da obra de Deus neste mundo. É uma promessa de que a igreja terá sucesso nesta tarefa mundial considerável. Esta promessa é nossa hoje, mas temos que nos lembrar de que as promessas de Deus são condicionais – as condições são consagração, obediência e fé.

Vendei o que tendes, e dai esmolas (33). Alguns deram uma interpretação extremamente literal a esta e outras passagens similares. Isto tomou várias formas, mas as duas mais proeminentes são o ascetismo e o assim chamado "comunismo" cristão. Estas duas visões estão em desarmonia com a vida e os ensinos de Jesus. O Senhor jamais ordenou que todos os homens desistam de todos os bens materiais, e se recusou tomar partido de um homem que estava interessado em subverter um costume estabelecido de herança e propriedade, acusando este homem, de forma indireta, de avareza.[14] Deve ser notado, também, que o ascetismo nunca caracterizou uma igreja evangelista militante e cheia de vitalidade. E o assim chamado "comunismo" cristão só foi experimentado pela igreja uma única vez. Foi só em Jerusalém; e mesmo ali era voluntário e temporário.[15]

Embora essas interpretações literais sejam errôneas, não devemos ignorar o fato de que o versículo tem uma aplicação literal. Mas isso depende do sentimento de cada um. Muitos, incluindo os apóstolos e os missionários cristãos ao longo dos séculos, tiveram que renunciar todos os bens terrenos para seguir o Mestre. A outros foi permitido manter os seus bens e, algumas vezes, obter grande riqueza. Mas uma coisa é exigida de todos: um claro reconhecimento do princípio da mordomia cristã. Nós não somos donos de nada. Se Deus nos permitiu deter alguns dos bens deste mundo, somos apenas seus administradores; Deus ainda é o Dono, e nós devemos usar as riquezas conforme Ele indicar. Isto não se aplica somente ao dízimo. Tudo é de Deus e deve ser usado conforme a vontade dele.

A determinação para dar esmolas nos lembra do dever e da alegria da caridade cristã. O amor é a essência do espírito cristão, e esse amor tem um alcance maior e mais elevado. Um coração endurecido que não se comove na presença das necessidades humanas ou do Reino, é inconsistente com a fé cristã.

Fazei para vós bolsas que não se envelheçam, tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão, e a traça não rói. Quando seguimos sinceramente os princípios da mordomia cristã e do amor cristão nos preparamos e fazemos a provisão mais sábia para o nosso próprio futuro. Este, como tantos outros princípios cristãos, é um paradoxo. Seguindo este modo de vida, estaremos colocando as nossas riquezas não em **bolsas**, que envelhecem e se desgastam, mas em bolsas celestiais que são

indestrutíveis. Estamos trocando o terreno pelo divino, o transitório pelo permanente, aquilo que pode ser destruído ou roubado pelo que é indestrutível e, em todos os sentidos, intransferível.

Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração (34). Isto é mais do que uma previsão. É a declaração de um princípio universal. Seja quem formos, quaisquer que sejam as nossas condições ou fase da vida, quer sejamos santos ou pecadores, os nossos corações estão onde estão os nossos tesouros. Portanto, se amarmos a Deus, depositaremos os nossos tesouros no céu, utilizando tanto nossos talentos como nossos bens para a glória de Deus. Assim, enquanto juntamos cada vez mais tesouros no outro lado, nosso interesse pelo céu e pelas coisas divinas aumentará, e os nossos corações estarão mais firmemente presos ao mundo divino.

Este versículo é uma medida pela qual podemos determinar a profundidade da nossa devoção. Ele também pode servir como um aviso. Em qualquer momento que nos surpreendermos ficando mais interessados em bens terrenos do que em tesouros divinos, terá chegado a hora para um sério exame da alma; será o momento de uma transferência de depósitos do banco terreno para o banco divino.

18. *Prontos Para a Volta do Mestre* (12.35-40)

Jesus ainda está se dirigindo a seus discípulos na presença da multidão e Ele ainda está pensando no perigo da avareza – de estar alguém fortemente preso às coisas materiais e temporais. Nesta passagem, Ele dá outro motivo pelo qual esta fixação àquilo que é material é perigosa. Se alguém quiser estar pronto para a volta do Mestre, a qualquer hora, deve ter o seu tesouro e o seu interesse nas coisas espirituais e eternas. A forte ligação com aquilo que é material se tornará a corrente que os prenderá aqui, quando os santos forem levados no arrebatamento.

Estejam cingidos os vossos lombos (35). Os longos mantos orientais podiam impedir tanto o caminhar como o trabalho, a menos que fossem amarrados acima da cintura, para dar liberdade de movimentos aos pés e pernas. O cinto servia, portanto, a um propósito prático. O servo assim cingido estava pronto para a ação imediata, como o cristão que removeu todos os obstáculos para servir a Deus, e receber os seus favores.

E acesas, as vossas candeias (literalmente, "lâmpadas"). A lâmpada usada na antiga Palestina era muito simples. Era uma pequena tigela em forma de jarra, com um pavio. O pavio tinha que ser ajustado e a lâmpada enchida com óleo para obter-se a luz. O cristão não deve jamais negligenciar a sua luz; ele não deve permitir que seu pavio fique chamuscado ou que o seu óleo se esgote. A devoção pessoal – oração e leitura da Bíblia – e o serviço fiel manterão a lâmpada da alma ardendo com brilho.

Sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas (36). Com os mantos amarrados e as lâmpadas ardendo com brilho, esses servos aguardam o retorno do seu senhor das bodas. Eles não estão dormindo; estão vigiando, e servos fiéis nunca dormem em serviço. Não importa quanto possa tardar o retorno do Senhor, eles permanecem em vigília e estão sempre de prontidão. **Para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe.** Sem lâmpadas para ajustar no último minuto, sem tarefas negligenciadas para executar, antes de ficarem prontos para encontrar o seu Mestre. Eles estão sempre prontos e assim podem *abrir... imediatamente.*

Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando... [Ele] **se cingirá, e... os servirá.** Tal fidelidade da parte dos servos produz generosidade da parte do Senhor. Ele fica tão satisfeito que, em vez de sua habitual refeição, na qual eles o servem, o próprio Senhor os servirá enquanto eles comem.

E, se vier na segunda vigília... na terceira vigília, e os achar assim, bem-aventurados são os tais servos (38). A noite era dividida em vigílias.[16] Estas vigílias correspondem ao nosso tempo da seguinte maneira: primeira vigília, das seis horas da tarde às nove horas da noite. Segunda vigília, das nove à meia-noite; terceira vigília, da meia-noite às três da manhã; e quarta vigília, das três às seis horas da manhã. Quanto mais tarde for a hora do retorno do Senhor, maior será a sua gratidão ao encontrar os seus servos agindo fielmente. Spence avalia que a segunda e a terceira vigílias – as referenciadas nesta parábola – representam o período da noite em que é mais difícil permanecer acordado e alerta.[17]

Uma vez que esta passagem está, obviamente, se referindo à segunda vinda do Senhor, alguns entendem que há aqui um forte indício de que seu retorno será postergado e que esta demora será um meio de testar a fidelidade dos seus servos.

Sabei, porém, isto: se o pai de família soubesse... (39). **Sabei** é imperativo aqui, mas também pode ser traduzido como "vós sabeis" (indicativo). A intenção do Mestre parece ser o equivalente a dizer "lembrai-vos". O **pai** em uma casa é, literalmente, o "senhor" ou o "regente" da casa.

Note que a ênfase da imagem é deslocada dos servos da casa (em 36-38) para o senhor da casa. O dono da casa estaria preparado para um ladrão se soubesse que ele estaria chegando. O ladrão só tem sucesso se o dono estiver despreparado.

Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do Homem à hora que não imaginais (40). Este versículo amplifica e completa o anterior. O dono da casa está despreparado para o ladrão porque ele não "sabe" de sua vinda. Mas quando o Filho do Homem vier, é desnecessário que os seus seguidores professos sejam apanhados despreparados, pois eles podem e vão "saber". Eles não sabem a hora de sua vinda, mas sabem, com certeza, que Ele virá.

A solução é: Esteja sempre pronto. Portanto, o verdadeiro segredo da vinda do Senhor Jesus Cristo é um incentivo adicional para um permanente e elevado grau de discipulado. Para uma discussão mais ampla a respeito dos versículos 39-40, veja os comentários sobre Mateus 24.43-44.

Barclay sucintamente intitula esta passagem como: "Esteja Preparado". Maclaren observa a natureza desta preparação: 1) Os lombos cingidos, 35; 2) As lâmpadas acesas, 35; 3) Os corações que esperam, 36.

19. *Um Despenseiro Deve Ser Fiel* (12.41-48)

E disse-lhe Pedro... Senhor, dizes essa parábola a nós ou também a todos? (41). Pedro está, evidentemente, se referindo à parábola dos versículos 36-38, na qual os servos são recompensados por sua fidelidade. Esta pergunta está perfeitamente em harmonia com a personalidade de Pedro, conforme retratada em outras passagens do Novo Testamento. O fato de que em um relato similar, em Mateus (24.43-51), este mesmo material é expresso em um discurso contínuo, sem a interrupção por parte de Pedro, não prova que a pergunta de Pedro seja uma interpolação, como foi sugerido por

alguns. Pois não apenas este é o estilo de Pedro, como também o discurso atual foi feito durante o ministério na Peréia, enquanto o relato de Mateus ocorre durante a Semana da Paixão, em Jerusalém.

E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente...? (42). Aparentemente Jesus havia ignorado a pergunta de Pedro. Mas, na realidade, Ele não apenas responde a pergunta, mas vai além, fornecendo um material adicional não solicitado por Pedro. O fato de Jesus retornar ao assunto do servo fiel, não apenas mostra que Ele está respondendo a Pedro, mas que também identifica a "parábola" a que a pergunta de Pedro se refere.

Este **mordomo** é mencionado como um **servo** no restante da parábola. O relato de Mateus usa a palavra "servo" em seu todo, mas este escravo (grego literal) era obviamente um administrador. Um **mordomo** (grego, *oikonomos*) era, geralmente, um servo (escravo) superior, de caráter comprovado, que cuidava das coisas da casa.

Os versículos 42-44 mostram as recompensas para os mordomos fiéis, e os versículos 45-46 expressam o castigo que será aplicado aos administradores infiéis. Para uma discussão completa deste material veja os comentários sobre Mateus 24.45-51.

E lhe dará a sua parte com os infiéis (46). O relato de Mateus traz o termo "hipócritas" em vez de **infiéis.** Estes servos devem ser vistos sob duas óticas: primeiro, como julgados pela lei do Antigo Testamento; e, segundo, à luz das responsabilidades do Reino na dispensação cristã.

E o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou... será castigado com muitos açoites. Mas o que a não soube com poucos açoites... (47-48). Para crimes puníveis com açoites, quarenta açoites eram o máximo para uma transgressão simples, mas os judeus eram conhecidos por aplicarem quatro ou cinco açoites para pequenas transgressões.[18] A punição variava de acordo com o crime.

Maior entendimento, habilidade e oportunidade significam maior responsabilidade. Maior oportunidade de reconhecimento, posição e realização carregam consigo maior culpabilidade, em caso de infidelidade. Conhecer a vontade de Deus é, sem dúvida, uma bênção; mas desprezar a vontade de Deus e desconsiderá-la ou desvirtuá-la, apenas aumenta a culpa e a conseqüente punição.

O princípio dos graus de recompensa e punição é claramente ensinado aqui e em outras passagens do Novo Testamento, mas a forma exata como Deus aplicará o princípio nem sempre é aparente. Uma coisa é clara, entretanto: O grau de fidelidade ou infidelidade determinará o grau de recompensa ou punição e esta fidelidade é julgada à luz do conhecimento da vontade de Deus e das oportunidades que o servo tem.

20. *Cristo, um Divisor* (12.49-53)

Vim lançar fogo na terra (49). Literalmente, "Eu vim para lançar um tição na Terra". Jesus não mudou de assunto aqui; Ele simplesmente entrou em uma nova seção de seu discurso. A partir do versículo 14 Ele está discutindo o perigo de uma atenção egoísta às coisas deste mundo. Agora Ele vai em frente para dizer que a sua vinda à Terra não foi planejada para suavizar o caminho para o gozo do bem-estar deste mundo. Pelo contrário, a sua vinda traria, inevitavelmente, divisão e conflito. Como poderia ser diferente? Egoístas, os homens pecaminosos não se submeteriam, naturalmente e de vontade própria, a um estilo de vida altruísta e de auto-sacrifício, como aquele que é representado por Cristo.

Jesus está deixando claro para os seus discípulos e para aqueles que esperavam tornar-se discípulos, que se os seus motivos para segui-lo forem egoístas, eles se desapontarão. Ele não tem riqueza material, poder, fama ou comodidade para oferecer. Mas se desejarem segui-lo por puro amor, amor desinteressado, Ele tem recompensas espirituais e eternas, que excedem em muito os custos do discipulado.

Alguns comentaristas sugeriram que o **fogo** mencionado aqui é o fogo do Espírito Santo ou o fogo de uma nova fé.[19] Mas a maioria dos estudiosos concorda que o contexto e o significado do versículo apóia a interpretação dada acima – que seja um fogo de conflito. Não devemos, entretanto, ignorar o fato de que o resultado final do conflito – ou do fogo – é bom. Será a vitória de Cristo e do seu Reino. Somente o mal será destruído. O fogo tem um efeito purificador, mesmo que seja o fogo do conflito.

E que mais quero, se já está aceso? Literalmente: "E o que desejo se ele já está aceso?" Como esta tradução mostra, o significado em grego é vago, mas a maioria dos especialistas está de acordo com a versão *The New English Bible*, que traduz como: "E como eu desejaria que já estivesse aceso!" Tanto sua aversão humana e natural pelo sofrimento, como a sua ansiedade para lançar uma campanha vitoriosa, inspira Jesus em seu desejo de executar e concluir esta experiência. Mas o conflito e a vitória devem ser adiados até a sua morte e ressurreição.

Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo (50). Seu iminente sofrimento e morte. **E como me angustio até que venha a cumprir-se!** Weymouth expressa o verdadeiro significado do texto grego, quando traduz esta passagem: "E como me sinto confinado até que se cumpra". O Mestre está a par de ambos, do fato e da necessidade de seu sofrimento. Ele sabe que a vitória sobre o pecado e Satanás é impossível até que cheguem o conflito e a vitória, que são a sua morte e ressurreição. Ele está "confinado", ansioso para enfrentar e derrotar o inimigo. Além disso, como sugerido em conexão com o versículo 49, Ele tem uma aversão natural ao sofrimento e deseja que esta desagradável, mas necessária tarefa, seja concluída. Esta passagem tem sido chamada de "um prelúdio do Getsêmani".

Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissensão (51). Jesus rapidamente retorna, de seu comentário sobre si mesmo e sobre o seu sofrimento futuro, para o seu discurso: Não a paz, mas a dissensão. Jesus, profeticamente, viu o que a história agora nos revela: o conflito ao longo dos séculos entre o Reino de Deus e o reino de Satanás. Este conflito estava destinado a dividir nações, cidades, tribos e famílias conforme a fidelidade pessoal dos indivíduos que formam esses grupos.

A dolorosa natureza de algumas dessas divisões está graficamente ilustrada nos versículos 52 e 53; famílias divididas – pais contra filhos, filhos contra pais, mães contra filhas. A raça inteira será dividida em dois campos. Para mais discussões a respeito do material dos versículos 51-53, veja os comentários sobre Mateus 10.34-36.

21. *Os Sinais dos Tempos* (12.54-56)

E [Ele] **dizia, também, à multidão** (54). Godet indica que a expressão **E dizia, também** é a fórmula que Lucas usa quando Jesus, ao concluir um discurso doutrinário, adiciona uma última palavra de maior peso que conduz a questão ao seu nível mais elevado, com a finalidade de deixar na mente do ouvinte uma impressão que nunca se

apagará.[20] Deve-se notar, também, que Jesus volta nesse momento sua atenção mais diretamente para a **multidão.** Os versículos anteriores parecem ter sido endereçados mais aos seus discípulos.

A severidade e a veemência do Mestre nestes versículos parecem indicar que algumas das pessoas mostravam desagrado ou hostilidade em relação ao que Ele vinha dizendo. Talvez, mais uma vez, os fariseus estivessem incitando a oposição contra os seus ensinos.

Quando vedes a nuvem que vem do ocidente. O mar Mediterrâneo fica a oeste da Palestina, enquanto a leste fica uma região semidesértica. Portanto, toda chuva vem do oeste. Estas pessoas, evidentemente, se orgulhavam de ser capazes de prever o tempo, como é prática das pessoas do interior ou daquelas cuja vida se passa, em sua maior parte, ao ar livre. Apesar de serem versados na leitura do tempo meteorológico, eles não demonstraram habilidade para ler os sinais dos tempos, embora esses sinais fossem claramente evidentes à volta deles.

Quando assopra o vento sul (55). Para o sul e o sudeste fica o grande deserto Arábico, de forma que um vento procedente daquela direção traria um calor sufocante.

Hipócritas (56). Um hipócrita era alguém que fingia. Esses que se jactavam de sua habilidade de ler sinais estavam envolvidos em uma contradição. E apesar de serem bem versados nas profecias do Antigo Testamento relativas a Cristo, estavam completamente cegos ao óbvio cumprimento dessas profecias. Declarando ser aqueles que podiam ver, eles eram, de fato, cegos. E além disso estavam surdos à voz de Deus.

Sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis, então, discernir este tempo? A resposta a esta pergunta é que eles tinham discernimento no que lhes interessava. Eles tinham interesse na chuva, e nas colheitas que a chuva possibilitava; estavam interessados no calor, e no dano que este podia causar às colheitas; mas tinham pouco interesse em assuntos morais e espirituais. Eram materialistas e grosseiramente egoístas.

Spence destaca três sinais que foram completamente ignorados pelos líderes judeus: 1) A baixa moralidade entre os homens públicos; 2) A situação política; e 3) As advertências divinas.[21] Vários livros foram escritos a respeito desses assuntos, mas os fariseus e outros líderes judeus os ignoravam ou lidavam com eles de uma maneira puramente egoísta e materialista. Veja também os comentários sobre Mateus 16.2-3.

22. *A Necessidade da Reconciliação* (12.57-59)

E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo? (57). Por que é que vocês não são capazes de (ou não desejam) tomar a iniciativa de julgar com justiça? Por que vocês têm que ser cutucados, estimulados ou forçados a realizar julgamentos íntegros; ou, por falta dessas pressões, nunca julgam corretamente? Jesus usa uma ilustração para clarear essa pergunta.

Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho (58). Isto é apenas bom senso. Reconcilie-se antes de chegar ao tribunal, pois é certo que não encontrará clemência lá, apenas a plena força de uma lei violada. Qualquer acordo, em vista disso, é clemência, e a busca desse acordo é sabedoria. É óbvio que aqui é o **adversário** quem está do lado da lei, e que o outro é o transgressor. Na ilustração dada, as opções são reconciliação ou prisão; e só um tolo escolheria esta última.

A força total dessa verdade é sentida quando percebemos que a verdadeira preocupação do Mestre é com a aplicação espiritual desta parábola. A reconciliação sugerida é entre o homem e Deus, e é o homem quem deve se submeter às condições. A única alternativa é sujeitar-se à sentença do Grande Juiz; e essa sentença é a punição eterna.

Podemos ver agora o significado completo da pergunta do Mestre no versículo 57. Ele está dizendo: "Por que vocês não podem ser suficientemente sábios para se humilharem e se reconciliarem com Deus – se converterem – em vez de se arriscarem às inevitáveis conseqüências de irem ao Julgamento como incorrigíveis adversários de Deus?"

Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o derradeiro ceitil (59). Se alguém rejeitar o arrependimento, a humildade, a clemência e a graça, deverá, então, esperar pagar por tudo que é exigido pela lei. O julgamento deve ocorrer de acordo com a lei; não há lugar para a clemência ali.

Alguns sugeriram que a esperança de salvação completa está implícita na frase **enquanto não pagares o derradeiro ceitil.** Entretanto, essa esperança só é possível na versão literal da parábola. O criminoso na prisão tem a esperança da libertação. Há sempre uma chance de que, de alguma forma, ele possa pagar **o derradeiro ceitil.** Mas não há tal esperança para o pecador no inferno. Estas almas totalmente arruinadas não poderão jamais pagar a menor parte de suas dívidas inestimáveis. Veja também os comentários sobre Mateus 5.25-26.

23. *Exceto Aqueles Que se Arrependerem* (13.1-5)

E, naquele mesmo tempo, estavam presentes ali (1). Isto, evidentemente, se refere ao tempo do discurso registrado no capítulo 12. Alguns daqueles que estiveram ouvindo a sua doutrina solene, relativa à prontidão, fidelidade, conflito e julgamento, falaram durante uma pausa no discurso do Mestre ou, talvez, ao final deste.

Os galileus cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. Este acontecimento não foi registrado por Josefo ou por qualquer outra autoridade, além de Lucas; no entanto, ele é consistente com a personalidade de Pilatos, a turbulência daqueles tempos, e o temperamento dos galileus.

Os fatos da história parecem ser os seguintes: Os galileus estavam em Jerusalém oferecendo sacrifícios no Templo. E enquanto estavam ocupados com isso, Pilatos enviou seus soldados para assassiná-los e, no processo, o sangue deles se misturou com o sangue dos animais que eles estavam oferecendo como sacrifícios. Esses galileus eram, provavelmente, culpados de infringir alguma lei romana. Note-se que eles eram súditos de Herodes e que esta ação poderia ter sido uma causa ou uma conseqüência do ressentimento entre Pilatos e Herodes, mencionado em Lucas 23.12.

Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? (2). Este acontecimento repulsivo foi relatado, evidentemente, não para mostrar a crueldade dos romanos, mas para sugerir que a Providência permitiu que esses galileus fossem trucidados por serem grandes pecadores. Pelo menos desde os tempos de Jó, acreditava-se que o infortúnio só ocorria como punição pelo pecado e que, portanto, qualquer tipo de calamidade era sinal de um pecado cometido anteriormente.

É possível que esse relato tenha sido feito aqui para ilustrar o que Jesus acabara de dizer em 12.58-59 – sugerindo, então, que a calamidade desses galileus era o resultado

do seu fracasso de se reconciliarem com Deus. Uma coisa, entretanto, é certa: Os que relataram esta carnificina se consideravam tão diferentes desses **pecadores** que não corriam o perigo de sofrer um destino semelhante.

Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis (3). Por um lado, Jesus estava, no mínimo, sugerindo que a calamidade não era necessariamente uma punição direta pelo pecado. Por outro lado, Ele estava especificamente mostrando que, a despeito da graça de Deus, todos são pecadores e todos os pecadores perecerão, a menos que se arrependam.

Os judeus reservavam a palavra "pecador" para uma classe de transgressores a quem consideravam particularmente "imundos". Eles se sentiam seguros de que aqueles que executavam regularmente as suas práticas religiosas, conforme a prescrição de seus líderes, não eram pecadores.

Mesmo em nossos dias é fácil, especialmente para aqueles que estão na igreja, apontar os outros como pecadores e necessitados da graça salvadora de Deus. Não é fácil para alguém olhar para dentro de si mesmo e reconhecer o pecado em seu próprio coração. A todos que pecaram (e *todos* pecaram), Jesus diz: **Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.** E a calamidade desses galileus não se compara à calamidade do inferno.

E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé... (4). A torre de Siloé era, provavelmente, ligada ao tanque de Siloé, situada fora dos muros da cidade de Jerusalém, na extremidade sudeste. O propósito para o qual a torre foi erguida é desconhecido. A época também é desconhecida, mas o evento deve ter ocorrido, provavelmente, não muito antes da referência feita por Jesus.

O fato de Jesus usar este acontecimento para reforçar o seu argumento seria uma forte indicação de que as pessoas conheciam bem as particularidades do caso, e que os homens que foram mortos na queda da torre não eram homens notavelmente ruins, mas típicos trabalhadores judeus.

Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis (5). Jesus repete textualmente o versículo 3 com o objetivo de enfatizar ainda mais o seu ensino. A verdade que Ele estava ensinando era de máxima importância – importante o suficiente para repeti-la aqui.

24. *A Parábola da Figueira Estéril* (13.6-9)

Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha (6). Era um costume na Palestina antiga, assim como hoje, plantar figueiras e outras árvores nas vinhas.[22] Era um meio de utilizar cada pedaço disponível de boa terra. A figueira aqui, como em todo o simbolismo bíblico, refere-se a Israel.

O orgulho nacional e racial dos judeus não permitia que se considerassem nada menos do que o povo escolhido de Deus, a única nação que pertencia por direito ao domínio de Deus. Entretanto, o uso que Jesus faz da figueira para representar Israel é mais interessante. Esta parábola parece representar os judeus como se estivessem ocupando apenas um canto da grande vinha do mundo.

E foi procurar nela fruto, não o achando. Embora a figueira estivesse na vinha, ela não tinha outro propósito a não ser dar fruto. Da mesma forma, Israel só tinha uma razão para ocupar o primeiro ou qualquer outro lugar: cumprir a missão que lhe fora

dada por Deus. Visto que a figueira era infrutífera, não teria o direito de existir; e visto que Israel se recusava a cumprir sua missão determinada por Deus, não tinha o direito de continuar.

E disse ao vinhateiro (7). O dono da vinha na parábola simboliza Deus Pai; o vinhateiro simboliza Cristo ou o Espírito Santo – Ele é o homem que poda as videiras e cuida da vinha.

Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho; corta-a. Alguns tentam simbolizar "três" com um significado espiritual ou místico. Ele se refere 1) à lei, 2) aos profetas, ou 3) a Cristo. Outros fazem uma alusão aos três anos do ministério de Cristo, mas é mais prudente não tentar forçar um significado. O número é simplesmente um detalhe literal na parábola, e significa que foi dada uma grande oportunidade à árvore para dar frutos. Então foi dada a ordem para cortá-la.

Por que ela ocupa ainda a terra inutilmente? Literalmente, "Por que ela ainda mantém o solo inútil?" Para o dono da vinha o caso é simples: Deveria dar fruto; não está dando fruto; portanto, permitir que permaneça é um desperdício de solo bom.

E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque (8). O vinhateiro está pedindo misericórdia pela árvore, mas não por razões sentimentais. Ele não faz mais uso da árvore infrutífera do que o dono da vinha. Ele está pedindo mais tempo na esperança de que mais cultivo e fertilizantes estimularão a produção de frutos.

Sob o véu desta parábola, Jesus está expressando o seu desejo de outorgar mais trabalho a Israel a fim de estimular a produção de frutos – restaurar o seu povo ao lugar anterior de povo escolhido de Deus –, impedindo a catástrofe que de outro modo seria inevitável.

E, se der fruto, ficará; e, se não, depois a mandarás cortar (9). O sucesso teria valido os esforços, mas esta seria a última chance. É amplamente conhecido que Israel não tirou proveito desta última chance, e que a previsão da catástrofe nacional se cumpriu.

Apesar de esta parábola ser diretamente dirigida à nação e à raça judaica, este é um aviso solene que todos devem considerar no coração. É o caminho de Deus, ou nenhum caminho. Devemos ocupar o nosso lugar ordenado por Deus, ou perderemos o direito a qualquer lugar. Isto, como mostrado na passagem anterior, exige arrependimento e a salvação que só Cristo pode dar.

Matthew Henry aborda esta parábola sob três títulos: 1) As vantagens de que dispunha esta figueira – estava plantada **na sua vinha** (no melhor solo); 2) A expectativa do proprietário em relação a ela – **e foi procurar nela fruto**; 3) O desapontamento da sua expectativa – **não o achando.**

25. *A Cura no Sábado – Amor versus Legalismo* (13.10-17)

E ensinava no sábado, numa das sinagogas (10). Literalmente "aos sábados". Bruce acredita que isto significava uma série de ensinos em uma sinagoga, com duração de várias semanas.[23] Entretanto, a palavra no original grego parece favorecer a interpretação de que se trata de um costume de ensinar no sábado nas sinagogas. Ensinar nas sinagogas no sábado era um hábito de Jesus durante os primeiros meses de seu ministério, mas há poucos registros desta prática durante o seu ministério na Peréia. Este

versículo, portanto, parece indicar que este costume não foi interrompido, embora tivesse a oposição dos líderes judeus. O milagre que se segue está registrado apenas em Lucas.

Estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos (11). Observe a maneira precisa e detalhada que Lucas, o médico, descreve a doença da mulher. Parecia que este era um caso extremo de curvatura da espinha, e a história fica mais triste ainda pelo fato de ela sofrer com isso havia dezoito anos.

A expressão **espírito de enfermidade** indica fortemente que a enfermidade foi causada por um espírito maligno, ou que a sua causa básica era espiritual. Esta inferência é sustentada no versículo 16, onde Jesus disse que ela era cativa de Satanás. Godet diz que a expressão **espírito de enfermidade** se refere à fraqueza espiritual, que por sua vez vem de uma causa maior, pela qual a vontade do sofredor se tornou cativa.[24] Esta "causa maior" a que ele se refere é obviamente espiritual; ou seja, uma aflição satânica. Assim, a mulher tinha uma doença dupla. A dificuldade física era uma manifestação exterior do cativeiro espiritual interior.

E não podia de modo algum endireitar-se. Literalmente, "e não conseguia se levantar completamente". O grego permitiria estes dois sentidos: 1) "Era totalmente incapaz de se levantar", ou 2) "Não era capaz de erguer-se completamente". A tradução anterior é preferível, tanto pela gramática grega quanto pelo contexto da passagem.[25]

Estás livre da tua enfermidade (12). **Estás livre** traduz um tempo perfeito do verbo no grego, indicativo de que a libertação é um fato consumado.

E impôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou (13). Aqui ela experimentou o milagre. Ela se endireitou pelo toque das mãos do Senhor.

O príncipe da sinagoga (14). Provavelmente o chefe do conselho dos dez judeus que controlavam esta sinagoga. **...indignado porque Jesus curava no sábado.** Ele estava tão irado pela aparente violação do sábado que perdeu totalmente o sentido e o valor do milagre. A Lei, de acordo com a interpretação dos rabinos daquela época, só permitia que, no sábado, os médicos atendessem casos de emergência. O caso em questão era crônico e, portanto, segundo a interpretação dos rabinos, não podia legalmente ser tratado naquele dia santo.

...disse à multidão. O príncipe da sinagoga não teve coragem de atacar o Mestre diretamente, mas reprovou o povo – a mulher e aqueles que estavam com ela – com uma voz suficientemente alta para que Jesus ouvisse.

Seis dias há em que é mister trabalhar. Os rabinos exageraram tanto as proibições do quarto mandamento, a ponto de tal gesto de misericórdia de Jesus – a cura desta mulher aflita – ser interpretado como trabalho e, portanto, proibido no sábado.

Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi ou jumento e não o leva a beber água? (15) O príncipe da sinagoga e todos os líderes dos judeus realizavam aquele gesto humano no sábado. Mesmo assim entendiam que esta mulher deveria sofrer até o dia seguinte. Esta grotesca inconsistência torna o termo **hipócrita**, proferido pelo Mestre, ainda mais apropriado. Quando nos lembramos de que aqueles animais representavam propriedade – riqueza – vemos o completo egoísmo destes hipócritas. Spence coloca a questão da seguinte forma: "Qualquer possível indulgência deveria ser mostrada nos casos em que os seus próprios interesses estivessem envolvidos; porém, não se deveria pensar em nenhuma forma de misericórdia ou indulgência onde só fossem considerados os interesses dos pobres doentes".[26]

Não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão (16). Para qualquer um que não esteja cego pelo preconceito, a resposta não só é óbvia como também é mais poderosa quando está implícita e não abertamente verbalizada. A referência de Jesus à mulher como sendo filha de Abraão sugere que ela tem um duplo apelo à misericórdia e ajuda de todos os judeus – como um ser humano e como uma compatriota israelita.

E, dizendo ele isso, todos os seus adversários ficaram envergonhados (17). A palavra **todos** indica que o chefe da sinagoga tinha alguns ajudantes ativos no seu ataque ao Mestre. Mas a réplica de Jesus era tão relevante e tão adequada, que até mesmo estes homens egoístas ficaram envergonhados. Eles não expressaram qualquer refutação – não havia nenhuma a fazer.

E todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele. O povo reconheceu e apreciou aquilo que os líderes religiosos negligenciavam por sua cegueira: que Deus havia trabalhado entre eles, e que havia demonstrado a sua ilimitada compaixão, assim como o seu soberano poder. Aquilo que viram fez com que associassem este Jesus ao Deus do Céu. Sem dúvida, a resposta de Jesus censurando o príncipe da sinagoga aumentou o entendimento e a admiração que sentiram pelo milagre ali presenciado por eles.

Charles Simeon faz três reflexões sobre este episódio: 1) Quanta cegueira e hipocrisia existem no coração humano! 2) Como é desejável abraçar cada oportunidade de esperar em Deus! – esta mulher recebeu a cura porque participava fielmente das reuniões na sinagoga; 3) Com que conforto e esperança podemos confiar os nossos problemas a Jesus!

26. *Duas Breves Parábolas Sobre o Reino de Deus* (13.18-21)

A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei? (18) A idéia do Reino de Deus é sugerida pela resposta do povo ao Senhor no versículo 17. Seu milagre, e a resposta efetiva ao desafio dos seus inimigos, trouxeram um entusiasmado agradecimento e o regozijo por parte do povo. Ele viu na atitude dessas pessoas um início do Reino. Note como as duas parábolas destacam que o Reino de Deus começa de um modo aparentemente pequeno.

As perguntas com as quais Jesus introduz estas parábolas não denotam hesitação ou incerteza quanto ao que deveria ser dito. Antes, este é um recurso dramático e de estilo usado pelo Mestre, que está perfeitamente de acordo com a sua maneira de ensinar.

Jesus buscava na natureza analogias para ilustrar a verdade espiritual. As coisas espirituais nunca podem ser totalmente compreendidas e descritas pelo homem nesta vida. A única linguagem que conhecemos é terrena e, como tal, tem seus significados fundamentais no mundo material. Tal linguagem terrena só pode aproximar a verdade espiritual. Por causa da falta de uma linguagem espiritual, as analogias são usadas para ajudar a descrever o indescritível.

Note que Mateus utiliza a expressão "Reino dos Céus", enquanto Marcos e Lucas utilizam "Reino de Deus".

É semelhante ao grão de mostarda (19). Para uma discussão completa, veja os comentários sobre Mateus 13.31-32.[27] A versão de Lucas desta parábola é mais resumida do que a de Mateus ou Marcos. O primeiro e o segundo Evangelhos acrescentam a

explicação de que embora o grão de mostarda seja a menor das sementes, a planta que dele brota se torna maior do que todas as ervas.

A versão de Lucas destas duas parábolas do Reino não é tirada do mesmo discurso do Mestre, como no caso dos outros dois sinóticos. Em Mateus e Marcos estas parábolas são relatadas como uma parte do ministério de Jesus na Galiléia, ensinando em um barco no mar da Galiléia para uma multidão que estava na praia. Lucas, por outro lado, registra outra narração posterior destas parábolas do Mestre, ocorrida durante o seu ministério na Peréia.

E disse outra vez: A que compararei o Reino de Deus? (20) Jesus aqui repete a essência das duas perguntas no versículo 18. Por meio da repetição, Ele está procurando manter e fortalecer o efeito dramático introduzido anteriormente em seu discurso.

É semelhante ao fermento (21). Para uma discussão completa veja os comentários sobre Mateus 13.33.

B. O Segundo Estágio, 13.22—17.10

E percorria as cidades e as aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém (22). Este versículo serve tanto como uma introdução para o segundo estágio do ministério na Peréia – a "Viagem para Jerusalém" – como uma lembrança de que Jesus ainda tem Jerusalém como seu destino. Embora seus movimentos não signifiquem de forma alguma uma linha reta, Ele está se aproximando cada vez mais desse objetivo.

Como vimos antes,[28] esta "Viagem para Jerusalém" não é simplesmente uma viagem no sentido físico e geográfico, mas um movimento cada vez mais próximo do grande compromisso de Jesus com a Cruz. Jesus está se movendo naquela direção em um duplo sentido: 1) Ele está sistematicamente completando seu tão importante e necessário ministério evangelístico, em cada cidade e aldeia, e 2) Ele está se movendo ao longo do tempo – e o tempo está se esgotando. Isto não é inconsistente com o fato de que durante esta grande "Viagem para Jerusalém" Ele tenha feito várias viagens ocasionais para Jerusalém.[29]

Esta parte do ministério de Jesus (13.23—17.10) parece ter ocorrido logo após a sua presença em Jerusalém, na festa da purificação do templo mencionada em João 10.22-39. Naquela ocasião, após deixar Jerusalém, Ele seguiu para a Peréia – a terra além do Jordão, "onde João tinha primeiramente batizado" (Jo 10.40). Ele permaneceu ali até ser informado sobre a doença de Lázaro (Jo 11.3-7).[30]

1. *"São Poucos os que se Salvam?"* (13.23-30)

E disse-lhe um (23). A vaga referência de Lucas a esta pessoa, com a indicação no contexto seguinte de que ele está fora do Reino, indica que não se tratava de um dos apóstolos, mas alguém dentre a multidão que seguia Jesus.

São poucos os que se salvam? Não sabemos o que provocou esta pergunta, nem conhecemos a atitude ou a personalidade do inquiridor. John P. Lange está convencido de que este interrogador anônimo estava deixando implícito, talvez em um tom de ridicularização, que um professo Salvador, lamentavelmente acompanhado por um grupo tão pequeno de seguidores, não poderia ser o Senhor que afirmava ser.[31] Spence enxer-

ga um reflexo do exclusivismo judaico prevalecente – os judeus como aqueles **poucos** que seriam salvos.[32] Qualquer que fosse o motivo ou o preconceito por trás da pergunta, o Mestre deu uma resposta séria e objetiva.

Porfiai por entrar pela porta estreita (24). A palavra grega aqui traduzida como **porfiai** é a nossa palavra "agonizar" (um termo que vem do grego). A palavra estreita denota aperto. Com uma porta estreita restringindo a entrada, forçando aquele que entra a se livrar de qualquer peso ou bagagem, e com forças opostas bloqueando a sua entrada, as pessoas deverão se esforçar ardentemente (*agonizar*) para entrar. A passagem como um todo está dizendo: "Quaisquer que sejam os obstáculos, você deve entrar porque o preço do fracasso é muito alto". **Muitos procurarão entrar** (quando for tarde demais) **e não poderão**. Esta é uma referência à segunda vinda de Cristo, ao final da era da graça, ou à morte como término do período de provação.

Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta (25). A mudança da imagem da porta estreita para a porta fechada é antecipada na última sentença do versículo 24. A porta estreita dificulta a entrada; a porta fechada impossibilita a entrada. Quando na hora certa, no final do dia, o dono da casa fechava e trancava a porta, esperava-se que todos os membros da casa estivessem do lado de dentro; e se tivessem sido leais e obedientes realmente estariam ali.

E começardes a estar de fora e a bater à porta. Dois pecados são provavelmente responsáveis pela chegada dos atrasados: rebeldia e presunção. O amor ao pecado os seguraria, e uma falsa esperança de que o amor e a bondade do Mestre o levariam a abrir uma exceção para eles, os impediriam de agir conforme uma boa consciência.

E, respondendo ele, vos disser: Não sei de onde vós sois. Neste ponto a imagem física começa a desaparecer, e as palavras do Mestre se tornam mais literais. Perdemos a visão do dono oriental da casa, e vemos no seu lugar o Senhor do céu e da terra.

A palavra grega traduzida como **sei** tem um significado muito mais amplo e profundo do que a sua contrapartida em português. Além da idéia de saber, como usamos o termo, ela contém a idéia de experiência e comprometimento. "Saber" ou "conhecer" alguém no seu sentido amplo é ter um relacionamento íntimo, e estar profundamente comprometido com tal pessoa.[33] Mas observe que a responsabilidade de sermos conhecidos por Deus não é dele, mas nossa. Se Deus não "nos conhece" a culpa é nossa.

Então, começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas (26) Veja novamente que a imagem desapareceu e o próprio Mestre está inegavelmente presente em sua parábola. O conhecimento superficial resultante de comer na mesma mesa com o Mestre, e de estar presente quando ensinava em suas ruas, era algo muito diferente de "conhecer" o Mestre ou de ser conhecido por Ele, no sentido pleno e próprio da palavra grega. Tal conhecimento superficial estava longe de ser suficiente para justificar os seus apelos para entrar.

E ele vos responderá: Digo-vos que não sei de onde vós sois (27). A súplica pela entrada é firme e finalmente rejeitada pela repetição da sua significativa acusação: **Não sei de onde vós sois.** O âmago da questão é visto através da caracterização que o Mestre fez destes que o buscaram quando já era tarde demais: o Senhor os classificou como obreiros da iniqüidade. As desculpas e explicações pela indiferença em relação a Deus são inúmeras; mas a verdadeira causa de tal comportamento é sempre o pecado.

Ali, haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora (28). Aqui temos a aplicação fundamental da parábola. Os judeus, que com amor e senso de dever aceitaram Abraão, Isaque, Jacó e os profetas, porém rejeitaram Jesus, um dia verão estes ancestrais reverenciados no Reino de Cristo. Eles mesmos serão lançados para fora, por não estarem preparados para se associar a esta santa habitação.

O **choro** e o **ranger de dentes**, a fórmula hebraica mais forte para expressar um intenso sofrimento, é uma medida do sentimento do Mestre. Ele retrata a seriedade do seu tema, e a trágica finalidade da sua sentença.

E virão do Oriente, e do Ocidente, e do Norte, e do Sul (29). De cada raça e nação virão cidadãos do Reino – pessoas que realmente são conhecidas pelo Mestre, e que de fato o conhecem.

Derradeiros há que serão os primeiros; e primeiros há que serão os derradeiros (30) Os **primeiros** são evidentemente os judeus (na aplicação fundamental deste versículo), e os **derradeiros** são os gentios.

Observe, entretanto, que nem todos os gentios serão verdadeiramente os primeiros, e nem todos os judeus serão realmente os derradeiros. Como nação, os judeus dos dias de Jesus o rejeitaram, mas muitos judeus o aceitaram ao longo dos séculos. Por outro lado, os gentios estão sempre longe de ser bons exemplos de atitude em relação a Cristo.

A verdade permanente encontrada na fórmula deste versículo é que posição, raça, ou qualquer coisa que faça com que o homem seja o primeiro aos olhos dos homens é insuficiente para torná-lo o primeiro para com Deus. Em última análise, só é primeiro aquele que dá a Deus o primeiro lugar no seu coração e vida, e só é derradeiro aquele que rejeita ou negligencia a Deus e as coisas espirituais.

2. *Oposição e Compaixão* (13.31-35)

Naquele mesmo dia. Os melhores manuscritos gregos dizem: "na mesma hora". **...chegaram uns fariseus, dizendo-lhe: Sai e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te** (31) Não sabemos se os fariseus estavam precisamente informando a intenção de Herodes ou se estavam inventando a história para forçar Jesus a sair daquela localidade. Duas coisas parecem estar claras na visão do que se sabe sobre Herodes e os fariseus. Em primeiro lugar, os fariseus eram hostis o bastante para se utilizar tanto da verdade como da falsidade contra Jesus, e de forma alguma iriam colaborar com um inimigo. Em segundo lugar, Herodes mostrou, ao assassinar João Batista, que era capaz de matar um líder religioso. Também era evidente que Herodes e os fariseus podiam estar esperando se beneficiar com o resultado de tal informação. Visto que Herodes parecia estar incomodado com medos supersticiosos como conseqüência do assassinato de João,[34] ele pode ter enviado os fariseus com esta notícia a Jesus. Talvez esperasse que o Mestre partisse, livrando-se dele sem a necessidade de repetir um crime que lhe fora muito desagradável.

O lugar do qual Jesus foi aconselhado a partir era evidentemente a Peréia, uma parte do reino de Herodes, onde se deu a maior parte do ministério de Jesus registrado nesta parte do Evangelho de Lucas.

Ide e dizei àquela raposa (32). Herodes era cruel e ousado, e seria mais esperado que fosse representado como um leão do que como uma raposa. Mas ele também era

astuto e vil, e era este aspecto de sua personalidade que Jesus tinha em mente. Se, como sugerido acima, Herodes estivesse propositalmente enviando os fariseus até Jesus, com um aviso contra Ele, o motivo para a designação **raposa** estaria evidenciado.

Spence declara que Jesus está literalmente se referindo a uma raposa, à fêmea,[35] e a partir disso conclui que Herodias, o poder que estava por trás do trono, fosse o objeto da frase de Jesus. Spence está indubitavelmente baseando o seu julgamento no fato de que a palavra grega usada é feminina. Mas a palavra grega para raposa é feminina na sua forma básica, e assim não podemos saber com certeza se o Senhor estava se referindo à fêmea. De qualquer forma, o fato de "raposa" ser um termo feminino no grego, mostra claramente que os povos de língua grega consideravam uma raposa o oposto de ousado e corajoso, de modo que Jesus não estava de maneira alguma elogiando Herodes.

Alguns questionaram se Jesus usaria um termo desses para referir-se a um rei. Mas uma abordagem exageradamente nobre, como vista na Idade Média e em período subsequente, não era então algo habitual. O fato de o termo ser perfeitamente adequado a Herodes é a ampla justificativa do Mestre. Também é importante lembrar que Herodes não era um governante judeu legítimo, mas um instrumento de César.

Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e, no terceiro dia, sou consumado. Jesus está dizendo, em primeiro lugar, que Ele tem trabalho a fazer, e que irá realizar este trabalho apesar de tudo – inclusive apesar da oposição de Herodes. Em segundo lugar, o tipo de trabalho que Ele está fazendo não é de forma alguma uma ameaça para o reino de Herodes – exceto à medida que o pecado for ameaçado pela justiça e pela santidade. Vemos também uma profecia velada da ressurreição (**no terceiro dia, sou consumado**) que ocorreria em um futuro próximo. A expressão **sou consumado** significa, basicamente, que a sua obra então estaria concluída.

Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte (33). O tempo é curto, mas até que a sua obra termine, nem Herodes nem ninguém mais poderá impedi-lo. **Para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém**. Van Oosterzee chama isto de "ironia santa unida com uma profunda melancolia".[36] E estas palavras são tão irônicas que podem ser vistas tanto olhando para trás, para as cenas sangrentas ocorridas em Jerusalém, no passado, como olhando adiante, para a crucificação que ocorreria em breve.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas... Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos... (34-35). Aqui Jesus derrama a amarga agonia do amor rejeitado. A amargura da sua tristeza mostra que embora seu amor não tenha sido requisitado e sua oferta de ajuda não tenha sido aceita, o seu amor não mudou. Jerusalém está sem esperança não porque Cristo tenha ido embora, mas porque eles literalmente não desejaram, não tiveram vontade, não quiseram o que Ele oferecia. Deus não forçará ninguém a aceitar as suas bênçãos. Para uma discussão complementar veja os comentários sobre Mateus 23.37-39.

3. *A Cura no Sábado* (14.1-6)

Entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus (1). Este líder estava entre os fariseus mais graduados. Ele era possivelmente um membro do Sinédrio, ou ocupava uma elevada posição no Estado judaico, e que lhe dava poder e influência. **Num**

sábado... para comer pão. Estas festas no dia de sábado eram comuns, e Jesus foi convidado para várias delas.[37] A única restrição feita nestas ocasiões era que a comida deveria ser preparada no dia anterior.

Eles o estavam observando. Esta é a primeira pista que temos de que seu anfitrião tinha um motivo secreto para convidá-lo, e explica porque um fariseu de nível elevado convidaria Jesus para comer em sua companhia em tal ocasião. O preconceito e o ódio dos membros daquele partido em relação a Jesus tinham chegado a um ponto tão crítico, que procuravam a sua destruição. Esta é uma das muitas ocasiões em que os fariseus agiam como hipócritas – sempre fingindo ser amigos de Jesus para alcançar os seus objetivos malignos. Eles até mesmo colaboraram com inimigos tradicionais durante as suas campanhas contra o Senhor. A aceitação de um convite como este por parte de Jesus demonstrou coragem e amor. Ele sabia por experiência o perigo que correria, mas seu amor por todos os homens – incluindo os fariseus – não deixaria que Ele abrisse mão desta oportunidade. Poderia surgir uma chance de ajudar esse anfitrião até mesmo nesta fase final.

Estava ali diante dele um certo homem hidrópico (2). Estas palavras implicam um aparecimento súbito – ou pelo menos um súbito reconhecimento da situação por parte de Jesus. O homem foi obviamente trazido pelo anfitrião e seus comparsas como uma cilada para o Senhor. Sem qualquer preparação ou apresentação, ele apareceu perante o Mestre. O fato da presença deste homem ser parte de uma trama contra Jesus está fortemente implícito na "observação" por parte dos fariseus (2). Isto também é evidenciado pela imediata defesa de Jesus da sua prática de curar no sábado (3-6).

E Jesus... falou aos doutores da lei e aos fariseus, dizendo: É lícito curar no sábado? (3) Como os pássaros que esperam pela presa, estes predadores humanos esperavam que Jesus caísse em seu poder. Mas Jesus transferiu a responsabilidade a eles, através de sua pergunta. Eles se consideravam autoridades da lei. Mas a lei condenava tais atos de misericórdia? Não, e eles indubitavelmente enxergaram o âmago da questão do Mestre. Mas seus preconceitos e propósitos malignos os impediram de admitir.

Eles, porém, calaram-se. E tomando-o, o curou e despediu (4). Em circunstâncias normais os fariseus teriam respondido à pergunta de Jesus, tanto para esclarecer seus ensinos neste ponto, como também para condenar Jesus. Mas ali seus sinistros intentos poderiam ser melhor servidos pelo silêncio. Eles evidentemente não queriam fazer ou dizer algo que evitasse a cura daquele homem. Eles queriam usar o que consideravam como desconsideração de Jesus pelo sábado como munição para a sua campanha de destruição. Jesus estava bem consciente dos desígnios deles, mas havia duas coisas mais importantes para Ele naquela hora do que a sua própria segurança: um princípio de justiça e um ser humano que estava sofrendo. O homem hidrópico não era um partidário daquela trama, mas um inocente sofredor que estava sendo usado por aquele ardiloso anfitrião. O Mestre, sábio e bondoso como sempre, o curou e o despediu.

Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo? (5) Todos estes fariseus sabiam que o Mestre estava certo. Eles resgatariam imediatamente, mesmo no sábado, um animal que estivesse encurralado. Então, por que um homem que estava sofrendo não poderia ser curado? A única explicação para a inconsistência deles é que o preconceito e a vaidade estimulavam as suas atitudes. O preconceito das suas doutrinas religiosas fazia com que desconsiderassem

as necessidades mais urgentes dos seres humanos. A ambição pelas riquezas representada no caso do animal encurralado, os tornava ávidos para tirar o animal do buraco. Em nenhum dos casos o amor e a bondade eram os motivos de suas atitudes.

E nada lhe podiam replicar sobre isso (6). No versículo 4 eles nada disseram porque o silêncio estava em harmonia com os seus desejos malignos. Aqui **eles não podiam responder** porque não tinham resposta alguma que não os incriminasse. O Mestre curou o homem e silenciou os seus inimigos. Mas ao fazê-lo, abriu uma brecha entre ele e seus inimigos, aumentando a determinação daqueles homens de destruí-lo.

4. *Regras para os Convidados* (14.7-11)

E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos – literalmente, "lugares de honra" (7). O episódio da cura do homem hidrópico aconteceu imediatamente depois da chegada dos convidados, antes que tivessem ocupado os seus lugares à mesa. Assim que o homem curado deixou a casa e o Mestre silenciou os seus críticos, os convidados escolheram os seus lugares. O egoísmo deles imediatamente mostrou como cada um – como crianças indisciplinadas – tentava conseguir os lugares de maior honra. O Mestre presenciou a completa desconsideração deles tanto em relação à boa educação, quanto aos sentimentos alheios. Então o Senhor usou as atitudes daqueles homens como uma ocasião para ensiná-los, por meio de uma parábola (ou mais corretamente, um discurso parabólico), a atitude e a conduta adequadas dos convidados. Por meio destas regras para convidados Ele ensina uma atitude básica que devemos manter em todos os nossos relacionamentos humanos.

Quando por alguém fores convidado... não te assentes no primeiro lugar, para que não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu... (8). Os melhores lugares são para os mais honoráveis, não para aqueles que possuem um ego mais exacerbado. O fato de que a honra deveria ser reservada para o verdadeiro mérito é tão amplamente reconhecido, que a afirmação por si mesma parece banal. Os homens freqüentemente ainda procuram e dão honra com pouca ou nenhuma consideração pelo mérito. Os fariseus eram notórios por procurarem sempre os melhores lugares; porém, eles ainda conheciam pouco sobre o tipo de personalidade que merece os lugares de honra. De fato, a sede deles pelos primeiros lugares demonstrava a sua completa indignidade, e cancelava qualquer mérito que pudessem vir a ter de outro modo.

Vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar... (9-10). O interesse próprio bem como o respeito pelo mérito deveriam ditar uma atitude mais humilde. A humilhação da desonra faria mais do que cancelar tanto o prazer como a honra do momento no lugar de destaque.

A atitude humilde não apenas evita o risco da humilhação, mas é sempre o caminho da exaltação. Se alguém se posiciona em um lugar inferior, provavelmente será promovido – se tiver qualquer mérito. Esta promoção trará uma honra superior à honra intrínseca do lugar que lhe for dado. Mas a atitude humilde deveria ser tomada, não porque funciona – traz honra – mas porque é a certa. A melhor forma de se manter sinceramente humilde é manter os olhos em Jesus. Se isto for feito, o verdadeiro mérito do Mestre irá, de longe, obscurecer qualquer mérito sem importância que qualquer pessoa possa sentir que lhe pertença, e o resultado natural será uma humildade genuína.

Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado (11). Aqui Jesus expande o seu ensino com relação à atitude e à conduta dos convidados a um princípio universal. O caminho que leva para cima é descendente, e o caminho que leva para baixo é ascendente – um paradoxo, mas uma verdade significativa. Visto que a auto-exaltação é maligna, ela só pode humilhar. E visto que a verdadeira humildade está em perfeita harmonia com o relacionamento Criador-criatura, ela só pode exaltar aquele que a pratica quanto ao caráter e com relação a Deus. Ela também sempre traz a exaltação perante os outros.

5. *As Regras para os Anfitriões* (14.12-14)

E dizia também ao que o tinha convidado (12). Depois do seu discurso para os convidados, Jesus viu que alguma coisa precisava ser dita ao anfitrião. Ele podia ver que seu anfitrião era egoísta na escolha dos convidados, assim como os convidados eram egoístas ao escolherem os lugares de honra.

Quando deres um jantar ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos; para que... te seja isso recompensado. Isto não deve ser interpretado como uma proibição da prática de recepcionar amigos e parentes. Antes, fica claro que estas recepções não têm recompensas celestiais. Elas têm a sua compensação aqui – no prazer que se desfruta na ocasião, e na recompensa do convite que é feito a título de retribuição. Jesus está, então, condenando as razões egoístas de qualquer anfitrião. E o Senhor está condenando a justiça própria e a exclusividade egoísta dos fariseus que os impediam de ser bondosos e de ajudar todos aqueles que estivessem em necessidades – independentemente de raça, partido ou posição na vida. Talvez a pior característica da atitude dos fariseus é que ela era encorajada, e até mesmo exigida, pela religião que praticavam.

Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos (13-14). Em vista da atitude e da prática dos fariseus, esta sugestão soa como revolucionária. Mas, na realidade, não era. Os israelitas eram obrigados, pela lei de Moisés, a incluir os pobres, os estrangeiros, os órfãos, e as viúvas em suas festas (Dt 14.28-29; 16.11; 26.11-13). A menção que Jesus faz aqui em relação aos mandamentos de Deus a Moisés relembra a ênfase dada aos deficientes físicos – os aleijados, os mancos, os cegos.

Visto que o motivo desta prática de ajudar sem egoísmo é o amor, e que não há chance de recompensa terrena, **recompensado serás na ressurreição dos justos**.

6. *A Parábola da Grande Ceia* (14.15-24)

Esta parábola é bem similar ao casamento do filho do rei em Mateus 22.1-10. Mas não se trata da mesma parábola. Os fatos nas duas narrativas, assim como a geografia e as circunstâncias da narração, são diferentes. A história de Mateus foi relatada em Jerusalém, como uma entre várias das "Parábolas do Reino". A de Lucas foi contada na Peréia, na casa do chefe fariseu, onde Jesus foi recebido. A história de Mateus também é sobre a **grande ceia** dada por **um certo homem**, por ocasião do casamento de seu filho. A de Lucas fala de uma **grande ceia** oferecida por **um certo homem**. Se estas parábolas foram baseadas em um fato histórico, é possível que

ambas tenham utilizado o mesmo episódio. Entretanto, parece óbvio que o Mestre as usou de modo diferente, e em ocasiões separadas.

Um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado o que comer pão no Reino de Deus! (15). Este convidado estava impressionado com aquilo que o Mestre estava dizendo sobre o desprendimento de dar àqueles que têm maior necessidade, e também sobre a recompensa celestial. Ele parece sincero, e até desejoso, quando comenta sobre a bênção da divina recompensa – comer pão no Reino de Deus.

Se o convidado era um fariseu, como provavelmente era, isso nos lembra que nem todos os fariseus eram irresponsáveis para com a mensagem do Evangelho. Entretanto, é bem possível, e até provável, que ele ainda estivesse pensando que aqueles que comeriam **pão no Reino de Deus** seriam os judeus. Esta probabilidade é dada quase como certa quando Jesus aproveita sua afirmação como ponto de partida para uma parábola que condena a atitude de exclusividade e falsa segurança.

Um certo homem fez uma grande ceia e convidou a muitos (16). O uso da imagem da festa para representar o Reino de Deus era comum entre os judeus nos dias de Jesus. Seus amigos convidados, sendo judeus influentes, facilmente entenderiam o seu significado. Jesus estava, com efeito, dizendo ao convidado que fez uma observação sobre a bênção de comer pão no reino de Deus: "Sim, será uma bênção participar do banquete celestial; mas você e os outros judeus estão confiantes demais quanto à sua inevitável participação naquele banquete".

O homem da parábola **convidou a muitos**. Este primeiro convite era amplo, mas exclusivo. Os pobres, aleijados e cegos não estavam incluídos. Na aplicação da parábola, os convidados foram os judeus. Isto era uma discriminação, mas os fariseus tinham, na verdade, restringido o convite ainda mais, devido ao seu legalismo negativo e exclusivismo egoísta.

Mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado. E todos à uma começaram a escusar-se (17-18). Este anfitrião tinha grandes razões e todo direito de esperar por aqueles que foram convidados para a festa. Apesar de se escusarem, a conduta deles era inescusável, e suas desculpas eram ridículas. Temos a impressão clara de que estes detalhes da história são propositadamente exagerados para se adequarem a uma aplicação espiritual, que é o propósito de Jesus ao expressar a parábola.

Tanto a recusa como as desculpas absurdas mostram que estes convidados estavam mostrando desprezo pelo dono da festa. Ninguém poderia confundir o desdém manifestado por eles. Suas atitudes foram tomadas como insultos pessoais, e tiveram indubitavelmente esta intenção.

Sob o tema "As Desculpas não Justificam", Maclaren destaca 3 pontos: 1) A estranha recusa unânime; 2) As fracas desculpas; 3) A verdadeira razão – eles não queriam ir.

Então, o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade e traze aqui os pobres, e os aleijados, e os mancos, e os cegos (21). Aqueles que faziam parte do segundo grupo de convidados ainda estavam na **cidade**, o que indica que eles representavam os judeus. Mas o fato de estarem **nas ruas e bairros** bem como sua frágil condição econômica e física aponta para judeus de menor poder aquisitivo – "publicanos e pecadores", assim como aqueles que eram literalmente os pobres e aleijados. Os fariseus considerariam todos esses como estando abaixo deles e

muito longe de merecerem a atenção e o convite de Deus. Foi este grupo, entretanto, incluindo galileus simples que estavam presentes, que ouviu Jesus "de boa vontade" (ou "com prazer").

E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste, e ainda há lugar (22). Os publicanos e pecadores, camponeses galileus e aleijados judeus não eram suficientes para lotar a casa de convidados. A sala do banquete ainda tinha muitos lugares vazios. Aqui a imagem vai decrescendo lentamente, e passamos a ver as verdadeiras condições do reino. Vemos seu tamanho vasto, vemos a ilimitada oportunidade para todos aqueles que têm a devida consideração pelo convite **do dono da casa**.

Sai pelos caminhos e atalhos (23). A terceira lista de convidados se estendia além da cidade – além de Israel, chegando até os gentios. Aqueles que eram considerados cães e errantes para os judeus estavam incluídos no convite final e universal.

E força-os a entrar. No cenário literal da parábola, isto simplesmente indica que estes últimos foram pressionados a aceitar o convite, **para que a minha casa se encha.** Mas em uma aplicação espiritual vemos o zelo evangelístico da igreja, assim como a pressão de convencimento do Espírito Santo em relação ao pecado que "empurrou" milhões de gentios para dentro do Reino. A injunção na parábola de forma alguma autoriza ou justifica a conversão autocrática em massa e à força – de tribos ou nações inteiras – pelos reis antigos e medievais. Esta pressão deve ser a do amor, da lógica, e do poder de atração do Espírito Santo.

Porque eu vos digo que nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia (24). O desprezo e o insulto trouxeram a recompensa apropriada: a exclusão final e completa. A imagem da grande ceia também é quase esquecida aqui, e a aplicação do Mestre nos é trazida de forma plena. Isto pode ser visto no texto grego, nos versículos 23 e 24, onde o termo **vos** mencionado está no plural, enquanto o dono do banquete se refere ao servo no singular. O **vos** não pode ser o servo; o termo obviamente se refere àqueles a quem Jesus se dirigia. **Minha ceia** se torna mais do que um banquete oriental; torna-se o banquete no Reino celestial. Para uma discussão mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 22.1-10.

7. *As Condições do Discipulado* (14.25-33)

Ora, ia com ele uma grande multidão (25). À medida que Jesus se aproximava de Jerusalém, a multidão que o seguia aumentava. Em meio a esta multidão de pessoas estavam os discípulos verdadeiros, parasitas egoístas interessados em qualquer vantagem que Ele lhes pudesse trazer, e inimigos ávidos para destruí-lo. A conseqüência demonstra claramente que o primeiro grupo era muito pequeno em comparação com os outros dois. Assim que as exigências de completa renúncia e total comprometimento se tornaram mais claramente compreendidas, o grupo dos discípulos que estava ao seu lado diminuiu; e enquanto a sua popularidade diminuía, seus inimigos aumentavam tanto em número quanto no vigor de sua oposição.

Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo (26). Jesus reconheceu a tríplice divisão da multidão. Ele esclareceu mais adiante as exigências do discipulado e, indubitavelmente, restringiu ainda mais o grupo dos discípulos sinceros. É claro que Ele não queria dizer que deveríamos literalmente odiar os

nossos familiares. Isto estaria em completa desarmonia com os seus ensinos em outras passagens. Ele está usando esta linguagem forte para dizer que não se pode permitir que algum outro amor, obrigação ou relacionamento esteja entre o Mestre e os seus discípulos. Qualquer coisa que se interponha entre o homem e Deus separa o seu relacionamento com o Senhor.[38] Ou Cristo terá o primeiro lugar, ou não terá lugar algum em nosso coração e vida.

E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo (27). Veja os comentários sobre Mateus 10.38; 16.24.

Qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos...? (28) A palavra grega traduzida como **torre** é *purgon*, e significa "um lugar fortificado". Jesus provavelmente fazia referência às torres que eram construídas nas vinhas e nas propriedades do país para defesa e observação. A sentença, **qual de vós,** poderia indicar que a torre a que o Senhor se refere é aquela que os ouvintes de Jesus provavelmente construiriam. Alguns acham que Ele tinha em mente aqueles palácios construídos por Herodes, e por outros que tentavam imitá-lo,[39] mas que nunca eram financeiramente capazes de completar seus planos pretensiosos. Mas esta diferença quanto ao tipo de construção que Jesus tinha em mente não é importante, porque Ele estava enfatizando a importância de se calcular o custo antes de construir. As alternativas ao ato de calcular as despesas são a perda de tempo, a confusão, a perda de material e o dinheiro.

Começar a construir um edifício sem primeiro verificar se há fundos suficientes para terminar a obra, seria uma verdadeira tolice. Mas tomar o voto do discipulado de uma forma leviana e presunçosa é bancar o tolo de uma maneira mais profunda, e em um sentido mais trágico. Tal aceitação irreverente dos votos sagrados e das responsabilidades denuncia uma falta de entendimento ou uma desconsideração pela seriedade do passo. Ela poderia refletir o espírito do exclusivismo de justiça própria que era característico dos fariseus. A penalidade pelo fracasso de não se calcular o custo do discipulado não é uma mera perda temporária ou uma confusão pessoal. Ela envolve uma possível perda eterna para o envolvido, e um embaraço para a igreja cristã como um todo. Também dá ao inimigo a oportunidade para blasfemar, facilita que os descrentes duvidem das verdades do Evangelho, e aumenta a probabilidade de que muitos se percam.

Ou qual é o rei que, indo à guerra... não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira... manda embaixadores... (31-32). Jesus reforça a verdade abordada, expressando outra parábola que possui o mesmo significado. Nenhum rei merecedor do título que ostenta iria a uma guerra sem primeiro analisar a fundo o seu potencial de guerra. Calcular os custos em assuntos temporais é uma atividade que é feita para se determinar se é possível pagar o preço. Mas na questão do discipulado, o propósito é determinar a vontade de alguém. Deus entende que *somos capazes* de fazê-lo se de fato *desejarmos* fazê-lo.

Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (33). Aqui Jesus está repetindo a idéia contida nos versículos 26 e 27. Lá Ele expressou o custo do discipulado. Portanto (vv. 28-32), o Senhor proferiu duas parábolas para demonstrar a importância de se calcular os custos. Agora Ele repete, em outras palavras, qual é o custo do discipulado. Esta forma de discurso é um artifício

hebraico usado tanto na poesia como na prosa. Primeiro se faz a proposição – então ela é demonstrada ou desenvolvida; a seguir, a proposição original é repetida com outras palavras ligeiramente diferentes.

Esta passagem aparentemente radical não indica que o discipulado imperfeito de muitos seguidores de Jesus foi de todo inválido. Ele está afirmando em termos absolutos as implicações do discipulado, implicações que nem sempre são vistas na conversão. Mas à medida que os homens seguem Jesus com sinceridade, Ele coloca estas questões sob um enfoque direto, mais cedo ou mais tarde. Portanto, o homem deve tomar uma decisão saudável: ou ele confirma e busca a perfeição do seu discipulado pagando o preço total, ou começará a estar entre dois pensamentos e se desviar, até que finalmente já não andará mais com Ele (Jo 6.66). Todos os crentes chegam, mais cedo ou mais tarde, a uma segunda grande crise de decisão. Esta é a encruzilhada da chamada para a completa santificação – não afirmada doutrinariamente nesta passagem, mas implícita pelos termos absolutos do discipulado.

8. *O Sal Insípido* (14.34-35)

Bom é o sal, mas, se ele degenerar, com que se adubará? Nem presta para a terra, nem para o monturo (34-35). O sal era um dos itens mais importantes da comida nos dias antigos. Sua principal utilidade era preservar a comida, e visto que a refrigeração e os métodos modernos de embalagem eram desconhecidos, ele realizava uma função extremamente importante. Mas o sal só é bom, tanto para temperar como para preservar comida, se for salgado. Porém se perder a sua qualidade, ele se torna um dos materiais mais inúteis.

Assim também a religião passa a não valer nada se perder o seu elemento vital. Este elemento essencial não pode estar presente sem o auto-sacrifício e um comprometimento total com Cristo (para uma discussão mais profunda veja os comentários sobre Mt 5.13).

9. *Amor e Ódio pelos Pecadores* (15.1-2)

Estes dois versículos formam uma introdução para o capítulo 15 de Lucas. Um título apropriado para esta seção seria "Buscando o Perdido". O capítulo é composto por três parábolas: "A Ovelha Perdida", "A Dracma Perdida" e "O Filho Pródigo".

E chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles (1-2). As palavras gregas traduzidas como **chegavam-se** poderiam ser traduzidas como "estavam se aproximando". Isto indica não um episódio isolado, mas uma tendência geral de publicanos e "pecadores" se aproximarem de Jesus no final de seu ministério. Esta interpretação se harmoniza com a afirmação de Lucas de que **todos os publicanos e pecadores** estavam se aproximando. Esta sentença dificilmente poderia indicar uma única ocorrência. A acusação dos inimigos de Jesus de que Ele recebia pecadores e comia com eles deve se referir à prática geral de Jesus, ou a episódios anteriores. Não há indicações de que Jesus estivesse naquela época comendo com pecadores ou com alguém mais.

Mas visto que as murmurações dos fariseus e escribas era uma oportunidade para Jesus contar as parábolas, parece provável que alguma coisa tenha se espalhado nesta época para lembrar os inimigos de Jesus da afinidade que Ele tinha com os publicanos e

pecadores. Isto, entretanto, pode não ter sido mais do que membros destes grupos desprezados estarem presentes na multidão que cercava Jesus naquele momento.

O ódio dos fariseus e escribas pelos publicanos e pecadores é bem conhecido. Eles sentiam que qualquer um que se associasse com estas pessoas desprezadas o fazia por ter o mesmo caráter. Eles não podiam compreender o tipo de amor que buscava os pecadores, os rejeitados, os desprezados, com a finalidade de lhes fazer o bem, para elevá-los a uma vida superior.

Era este amor da parte de Jesus que atraía este povo desprezado. Eles viram facilmente o contraste entre a atitude de Jesus e a dos fariseus, e era natural que fossem atraídos Àquele que tanto os amava. As três parábolas neste capítulo ilustram esta consideração pelos perdidos. Em cada caso aquele que estava perdido era considerado precioso. Valia a pena buscá-los, e também valia a pena se alegrar quando eram encontrados.

10. *A Ovelha Perdida* (15.3-7)

E ele lhes propôs esta parábola (3). Esta e a próxima parte formam um par de parábolas curtas, que expressam a mesma verdade através de diferentes figuras. Comparadas com a parábola do filho pródigo, elas são menores.

Para uma discussão detalhada dos versículos 4-6 veja os comentários sobre Mateus 18.12-13.

Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (7). Este versículo é a aplicação da parábola ou a conclusão do argumento. Jesus está dizendo que a sua atitude para com o perdido, ilustrada pela atitude do pastor, é um reflexo das reações no céu – ele sente mais alegria pelo que se arrepende do que pelas noventa e nove **que não necessitam de arrependimento.**

Mas quem são os justos ou aqueles que não precisam de arrependimento? Lutero e outros entendem que Jesus se refere àqueles que foram justificados pala graça de Deus como resultado de um arrependimento anterior. Van Oosterzee está convencido de que Jesus está se referindo àqueles que se consideram justos – os fariseus, por exemplo, que faziam parte da multidão a quem Ele estava falando.[40] Também é possível que estes justos sejam os anjos.[41]

Visto que Jesus estava respondendo à crítica dos escribas e fariseus, é mais provável que estivesse tomando emprestado a terminologia deles. Eles dividiam a população judaica em pecadores e **justos.** Os justos eram aqueles que, na opinião deles, não necessitavam de arrependimento. Eles se colocavam nesta categoria. Jesus estava dizendo, com efeito: "Vocês desprezam aqueles que vocês mesmos chamam de 'publicanos e pecadores'; mas o céu se alegra mais pelo arrependimento de um destes do que por noventa e nove de vocês, que, de acordo com as suas tendenciosas opiniões, não precisam de arrependimento".

Ao interpretar qualquer parábola, devemos ter o cuidado de não fazer com que a parábola – como um todo ou em seus detalhes – se ajuste àquilo que pensamos.

11. *A Dracma Perdida* (15.8-10)

Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar? (8-9). Esta parábola repete o significado da primeira com uma ilustração diferente. Aqui uma mu-

lher que tinha apenas dez dracmas perdeu uma, e procurou-a até encontrá-la. Sua alegria foi tamanha que, tendo-a encontrado, chamou suas amigas e vizinhas para comemorar com ela.

O versículo 10 é praticamente uma repetição do versículo 7. A alegria da mulher por encontrar a moeda perdida ilustra a atitude e a reação no céu quando um pecador se arrepende.

Charles Simeon faz três observações sobre esta parábola: 1) Não há ninguém tão indigno, a ponto de não ser objeto da preocupação do Senhor; 2) Não há esforços, por maiores que sejam, que Ele não faça em prol da recuperação deles; 3) Não há nada tão gratificante para Ele quanto a recuperação daquele que está perdido.

12. *O Filho Pródigo* (15.11-24)

A parábola do filho pródigo, como esta narrativa é normalmente chamada, é uma das histórias mais amadas em todo o mundo. É maior e mais complexa do que as duas parábolas anteriores, e tem uma aplicação mais ampla. Mas o ponto principal da história é o mesmo das que a precedem. A parábola completa inclui os versículos 11-32, mas ela é tratada aqui em duas partes; a primeira cuida do filho pródigo (o mais novo), e a segunda do filho mais velho. A parábola é encontrada apenas em Lucas.

Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence (11-12). Os personagens das duas parábolas anteriores eram de uma classe inferior da sociedade judaica; a família aqui é de classe mais elevada, com considerável riqueza, prestígio e influência.

Não era totalmente incomum na história judaica o pai dar a herança ao filho mais novo antes da sua morte. Abraão deu a herança de Isaque e seus outros filhos, antes da sua própria morte (Gn 25.5-6). Porém era totalmente irregular que o filho a pedisse. Quando este favor era concedido, ele se originava da livre e espontânea vontade do pai.

E, poucos dias depois, o filho mais novo... partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda (13). Esta foi a razão pela qual o filho pediu a sua herança. Ele queria desfrutar os prazeres, queria "cair na farra". Ainda não tinha aprendido que aquilo que plantarmos, colheremos. Godget indica duas coisas que o impeliram a sair de casa: os limites impostos pelo pai, e a atração pelo mundo e suas diversões.[42]

Não se sabe onde ficava este local, mas sem dúvida era um país bem além das fronteiras de Israel, e pode até ter sido Roma. Onde quer que fosse, era de fato um país moralmente distante – bem diferente da atmosfera de casa. A dissipação dos seus bens indica que seu dinheiro foi mal gasto e chegou ao fim. A vida desordenada é errada e cara.

E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades (14). A fome era comum nas terras orientais, mas em um sentido muito real esta era a própria fome pessoal do jovem. Este efeito foi aumentado no caso dele, devido à sua prodigalidade e pecado. Observe a relação gramatical próxima entre ter gasto tudo, e a vinda da fome. Ele estava destituído: estava sem dinheiro, sem trabalho, e sem amigos. Estava sem amigos porque não tinha dinheiro; o tipo de amigos que ele escolheu amava o seu dinheiro, porém não o amava.

E... chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as

bolotas... e ninguém lhe dava nada (15-16). Ele não tinha nada; não ganhava nada; e o único emprego que conseguiu era inadequado à sua condição social e à sua religião. Os judeus eram proibidos de comer carne de porco. Eles podiam criá-los e vendê-los aos gentios, mas o trabalho de administrá-los era um dos mais baixos na escala social. O jovem não apenas aceitou o emprego, como estava a ponto de comer com os porcos, embora tal comida tivesse poucos nutrientes. Tendo deixado a sua casa em busca de liberdade, ele encontrou, ao invés disso, escravidão e privação – ou talvez elas o tenham encontrado.

E, caindo em si (17) – como se estivesse se levantando de um pesadelo. Ele esteva moral e espiritualmente cego, não era capaz de enxergar as coisas como elas realmente eram; seu senso de valores estava desequilibrado. Agora ele via muitas coisas mais claramente e a partir de uma perspectiva certa. Mas principalmente via a si mesmo como ele realmente era. Viu que não estava apenas destituído, mas que aquele pecado – o seu próprio pecado – era a causa.

Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Que incoerência! Ele havia se excluído da abundância da casa do pai. Isto ele vê claramente.

Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei... (18). Tendo agora uma clara visão da situação, ele foi capaz de escolher o remédio correto; se arrepender e voltar. Tanto o arrependimento quanto o retorno lhe eram necessários, e o mesmo é verdadeiro em relação a qualquer pecador.

Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores (19). Uma clara visão da pecaminosidade produz a convicção da indignidade. Quando ele pediu ao pai a sua parte da herança, seu pedido estava baseado em um senso de mérito. Agora, uma consciência do pecado o convenceu de que ele não tinha mais nenhum mérito. Ele só podia contar com a misericórdia e o perdão. Esta é uma excelente imagem da atitude correta de um pecador que está buscando a salvação.

O filho pródigo não pediu para ser um servo, mas para ser tratado **como um dos** seus **trabalhadores**. Ele sabia que seu pai não podia se esquecer completamente da sua relação anterior com a família, mas ele está totalmente convencido de que não merece mais ser chamado de filho. Ele pede que lhe seja restituído o seu ofício anterior, mas não pede para ter novamente a sua filiação, com seus privilégios e honras.

E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou (20). O filho assumiu uma posição – levantou-se e foi. Mas ele subestimou completamente o amor de seu pai: o amor que fez com que o pai esperasse a sua volta, que corresse ao seu encontro, que interrompesse a confissão do jovem e começasse a dar mais do que foi pedido antes do pedido ter sido concluído. Ao filho pródigo foi restituída a completa filiação, com todos os seus privilégios e honras, e a sua volta foi comemorada com o melhor que o seu pai tinha a oferecer.

Porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado (24). O amor encobriu o passado com um manto de perdão quando o filho retornou e se arrependeu. Agora o pai só tinha um pensamento: meu filho que estava morto – moralmente e perante a lei, como também no coração do pai – está vivo.

A referência ao filho ser **achado** indica uma procura da parte do pai. Mas este era um tipo de busca que é encontrado nas duas parábolas precedentes. O pai não saiu fisicamente em busca do seu filho. Ele sabia que isto seria inútil. O filho saiu porque queria sair, e não voltaria simplesmente através de um pedido do pai. O filho nunca voltaria até que tivesse mudado de idéia – até que caísse **em si.**

Foram o amor e a influência do pai que procuraram o filho, que seguiram cada um de seus passos. Este amor estava presente no momento em que o jovem caiu em si – esta foi a primeira coisa em que o jovem pensou. É assim que Deus busca o pecador; Ele o segue com a sua providência. Ele o atrai com amor, e o convence através do seu precioso e bendito Espírito Santo.

Maclaren apresenta uma boa abordagem dos "Presentes ao Pródigo", dos quais ele lista quatro: 1) As vestes; 2) O anel; 3) Os calçados nos pés; 4) O banquete.

Um esboço simples desta parábola é: 1) O proprietário, 11-12; 2) O pródigo, 13-14; 3) O miserável, 15-16; 4) O penitente, 17-19. Há outro desenvolvimento que também tem sido utilizado: 1) O pecado deste filho, 11-16; 2) O retorno à sanidade, 17-20*a*; 3) As boas-vindas dadas pelo pai, 20*b*-24.

13. *O Irmão Egoísta do Filho Pródigo* (15.25-32)

E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo (25-26). É esta segunda parte da parábola que aponta para a situação imediata. O filho pródigo representa o pecador, os proscritos da raça judaica. O filho mais velho representa os judeus religiosos – fariseus, escribas e outros devotos professos. Eram aqueles que, segundo suas próprias afirmações, nunca tinham se desviado do caminho; permaneciam sempre fiéis.

Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele (28). O amor do pai pelo filho mais velho não tinha diminuído devido ao retorno do mais novo. O filho mais velho **não entraria**, mas o pai **sairia** ao seu encontro.

Havia duas razões para a ira do filho mais velho. A primeira era um espírito legalista que levava o pedido de punição até o ponto de não haver mais espaço para a misericórdia. Então perdoar, receber e honrar o irmão mais novo, não importando as circunstâncias que se desejava suavizar, era considerado fraqueza e falta de preocupação com a justiça. A segunda causa da ira do irmão mais velho, e sem dúvida a causa básica, era o egoísmo. Ele queria tudo para si – toda a honra, assim como toda a propriedade.

Mas,... Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito... Vindo, porém, este teu filho... mataste-lhe o bezerro cevado (29-30). Aqui vemos os dois traços de caráter principais do irmão mais velho: justiça própria e egoísmo.

Veja a reclamação do filho mais velho. Ele faz um contraste duplo. Primeiro, diz que nunca foi recepcionado com um banquete pelo seu pai, enquanto seu irmão agora está sendo tão honrado. Em segundo lugar, compara o **cabrito** que não recebeu com o **bezerro cevado** que foi preparado para o seu irmão.

Observe também que o filho mais velho perdeu todo o sentimento de fraternidade pelo pródigo. O mais velho não se refere ao pródigo como "meu irmão", mas sim como "teu filho".

Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas (31). Como este filho mais velho era cego! Ele estava reclamando por nunca ter ganhado um cabrito, enquanto na realidade tudo que seu pai tinha era dele, tanto por ser o mais velho, como pelo fato de o filho mais novo já ter recebido a sua herança.

Aquilo pelo que deveria estar mais agradecido, e que ignorava ou negligenciava, era: **Sempre estás comigo**. O amor, a honra, o respeito, e o companheirismo de seu pai, deveriam estar guardados com ele acima de qualquer coisa.

Mas era justo alegrarmo-nos... porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado (32). O amor do pai capacitou o filho mais velho a enxergar uma responsabilidade que o legalismo, o materialismo e o egoísmo o impediram de ver. O pai gentilmente o lembrou de que o pródigo não era simplesmente filho dele, mas **teu irmão.**

A aplicação desta parábola é clara. Os publicanos e pecadores são representados pelos pródigos. Embora seus pecados sejam muitos e graves, eles encontrarão o perdão quando retornarem ao Pai Celestial com um verdadeiro arrependimento. Por outro lado, os escribas e fariseus representados pelo irmão mais velho não são apenas desprovidos de amor pelos pecadores, mas tentam evitar que Deus opere na vida de outras pessoas. Não fazem nada para restaurar o perdido, e usam a influência que possuem para se oporem a qualquer um que procurar fazê-lo. Esta foi uma das maiores razões da oposição que fizeram a Jesus.

14. *A Parábola do Mordomo Infiel* (16.1-9)

Esta parábola foi provavelmente ensinada logo depois daquelas que se encontram no capítulo 15, mas em uma ocasião diferente. Provavelmente mais tarde, no mesmo dia.

E dizia também aos seus discípulos (1). A palavra **discípulos** é usada em um sentido amplo, incluindo todos os simpatizantes seguidores de Cristo. Embora dirigisse esta parábola aos seus discípulos, Jesus ainda estava na presença da multidão. Isto fica evidente no versículo 14, onde encontramos os fariseus se opondo à mensagem do Senhor.

Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens. Este administrador cuidava dos negócios e bens do homem rico, incluindo as suas propriedades. Ele evidentemente havia recebido amplos poderes para administrar e controlar as riquezas do dono e, portanto, tinha várias oportunidades de ser desonesto. Ele foi acusado de desperdiçar os bens do seu senhor. A palavra grega traduzida como **dissipar** significa literalmente "desperdiçar", "espalhar", como em uma campanha militar. Parece que o mordomo estava realmente roubando os bens, ou administrando-os em seu próprio benefício. O dono evidentemente não vivia na propriedade, mas na cidade, e assim não conhecia os negócios desonestos do administrador.

E ele, chamando-o, disse-lhe:... Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo (2). **Prestar contas** significa literalmente "mostrar as contas". Seu patrão exigiu que fosse preparado um relatório financeiro completo. Esta conta não seria para mostrar a inocência ou culpa do administrador. O proprietário já tinha certeza de sua culpa, e o informou: **porque já não poderás ser mais meu mordomo.**

E o mordomo disse consigo: Que farei... Cavar não posso; de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que hei de fazer, para que, quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas (3-4). O Dr. J. B. Chapman certa vez escreveu um pequeno artigo no *Herald of Holiness* sobre esta parábola, e o intitulou "Cavar, Mendigar, ou Roubar". Ele afirma que o mordomo era muito preguiçoso para cavar e tinha vergonha de pedir; então decidiu roubar. O homem decidiu usar as poucas horas que lhe restavam no escritório para ganhar a amizade de alguns devedores do seu patrão, de forma que após a sua demissão tivesse amigos que o acolhessem.

Quanto deves ao meu senhor? (5) Este administrador desonesto e esperto chamou **cada um dos devedores** do seu patrão, e diminuiu a quantia da dívida que cada um tinha. Ele alterou uma conta de cem medidas de azeite (mil galões de azeite) para cinqüenta; reduziu outra conta de cem alqueires de trigo para oitenta.

E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente (8). O **senhor** que elogiou o mordomo na história era o dono dos bens na história, é claro, e não Jesus. A palavra traduzida como **prudentemente** pode ser traduzida como "sabiamente" ou "de forma escrupulosa em relação aos seus próprios interesses". Embora o homem rico tivesse sido roubado, ele admirou esta demonstração incomum de prudência, de lidar com o dinheiro para fazer amigos.

Porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz. Ou, "Porque ao lidar com os seus semelhantes, os homens do mundo são mais espertos do que os filhos da luz" (Weymouth). Os cristãos são geralmente menos prudentes ao lidar com o dinheiro do que os homens do mundo.

E eu vos digo: granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos (9). Jesus não está de forma alguma aprovando a desonestidade do administrador. Mas, ao contrário, Ele diz: "Usem as riquezas deste mundo para conseguir amigos a fim de que, quando as riquezas faltarem, eles recebam vocês no lar eterno". Este versículo é de difícil interpretação. **Riquezas da injustiça,** ou mamom, significa, literalmente, "riquezas mundanas". **Quando estas vos faltarem** é uma expressão que consta nos melhores textos gregos. Jesus está dizendo: "Use a sua riqueza mundana de forma a alcançar valores maiores". Ele também encoraja os seus discípulos a usarem maior diligência e prudência ao se prepararem para o seu futuro eterno, assim como o mordomo infiel usou estas qualidades para se preparar para a seqüência de seus assuntos temporais. Trench escreve: "Estou convencido de que aqui temos simplesmente uma parábola da prudência cristã – Cristo nos exortando a usar o mundo e os bens do mundo, por assim dizer, *contra* o mundo e *a favor* de Deus".[43]

Nunca houve um conselho melhor sobre o tema deste versículo, do que aquele que está contido no sermão de John Wesley, intitulado: "O Uso do Dinheiro". Ele faz três considerações simples, porém excelentes: 1) "Ganhe tudo que puder"; 2) "Economize tudo que puder"; 3) "Dê tudo que puder". Para que seja corretamente entendido, o sermão deve ser lido em sua totalidade.

15. *A Fidelidade de Todo o Coração* (16.10-13)

A mensagem destes versículos é uma continuação do pensamento e uma aplicação da parábola do mordomo infiel.

Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito (10). Esta é uma verdade universal. Fidelidade e infidelidade não são questões matemáticas. Elas surgem da condição moral e espiritual do homem interior. Assim, a fidelidade ou infidelidade do homem em questões menores é um indicador do seu caráter. Baseado neste indicador alguém pode determinar se pode ser confiável em questões de maior importância.

Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? (11). Aqui está um contraste entre riqueza eterna e temporal. A temporal não é mais do que uma sombra quando comparada com aquela que é eternamente real. A infidelidade em relação à temporal é uma clara indicação da falta de merecimento de confiança em relação àquilo que é real e eterno.

E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso? (12). A falta de confiança como mordomo/administrador faz com que uma pessoa se torne indigna de possuir riquezas. A verdade escondida por trás da imagem é que nesta vida não possuímos nada; Deus é o dono de tudo e nós somos os seus administradores. Neste versículo está implícita a promessa de que no mundo vindouro receberemos a nossa própria riqueza. Mas se formos infiéis em nossa atual condição de administradores de riquezas, Deus não nos confiará a nossa própria riqueza – Ele não nos dará aquela verdadeira riqueza no próximo mundo.

Nenhum servo pode servir a dois senhores (13). A verdadeira lealdade não pode ser dividida em qualquer esfera, e isto é verdade especialmente na esfera celestial. **Porque ou há de aborrecer a um e amar ao outro ou se há de chegar a um e desprezar ao outro** (veja os comentários sobre Mt 6.24).

16. *Autojustificação e Condenação Divina* (16.14-15)

E os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas essas coisas e zombavam dele (14). O egoísta pervertido passará a ridicularizar quando não tiver argumentos para defender a sua conduta. Visto que os fariseus eram notoriamente ambiciosos, eles sofreram uma dupla "ferroada" através da denúncia de Jesus: ferroada de consciência e ferroada de uma reputação ferida. É natural que sentissem que nestes dois assuntos os ensinos de Jesus eram dirigidos diretamente a eles, como sem dúvida eram – ao menos em parte.

E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração (15). A reputação da qual gozavam os fariseus, obtida pela religiosidade, pelo poder da lei Mosaica, e da lógica, facilitava que eles impusessem sobre as pessoas as suas idéias, e justificassem as suas condutas, quando qualquer uma de suas incoerências eram expostas à visão pública. Mas Jesus esclarece que embora pudessem convencer os homens da sua piedade e santidade, eles não podiam enganar a Deus. Ele conhece a verdade sobre todos os homens.

Porque o que entre os homens é elevado perante Deus é abominação. Os julgamentos dos homens são confundidos tanto pela ignorância como pela natureza carnal pervertida. Os homens apreciam as posses temporais mais do que as riquezas celestiais. Eles são enganados para acreditar que a hipocrisia farisaica é a verdadeira religião, e que a verdade sagrada é heresia. Mas Deus não pode ser enganado. Seu conhecimento é perfeito, e seus julgamentos são sempre verdadeiros e justos.

17. *Esforçando-se para Entrar no Reino* (16.16-17)

A Lei e os Profetas duraram até João; desde então, é anunciado o Reino de Deus, e todo homem emprega força para entrar nele (16). Veja os comentários sobre Mateus 11.12-13.

E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da Lei (17). Veja os comentários sobre Mateus 5.18

18. *Acerca do Divórcio* (16.18)

Qualquer que deixa sua mulher e casa com outra adultera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adultera também (18). Veja os comentários sobre Mateus 5.32; 19.9; e Mc 10.11. Mateus acrescenta a frase: "A não ser por causa de prostituição", mas Marcos e Lucas não fazem exceção.

19. *A Parábola do Rico e Lázaro* (16.19-31)

Havia um homem rico (19). Nas parábolas do filho pródigo e do mordomo infiel, um homem rico representava Deus. Nesta aqui o rico é visto apenas à luz das suas responsabilidades para com Deus e para com os seus semelhantes.

Muitos afirmam que esta história é o relato de um acontecimento real e não simplesmente uma parábola. Estes entendem que a frase **um homem rico**, indica uma pessoa histórica. Quer a parábola seja uma história verdadeira ou não, uma coisa é certa: Jesus deu um relato do que poderia acontecer.

E vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Isto retrata uma vida de luxúria e magnífico esplendor. Este homem tinha em abundância tudo que o mundo podia oferecer para facilitar o conforto, o esplendor ou a felicidade mundana. Suas roupas eram de príncipe; sua casa era um palácio; suas refeições eram banquetes.

Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas (20-21). Este mendigo era um completo contraste com o homem rico. Ele era a incorporação da pobreza, doença, e necessidade, assim como o rico o era da riqueza, prazer e saúde. Lázaro era, sem dúvida, **colocado** à porta do homem rico pelos seus amigos. Ali ele esperava comer as migalhas, ou pedaços de pão que se usavam para limpar os dedos e se atiravam aos cães debaixo da mesa. Mas este conforto lhe era evidentemente negado. O rico não tinha misericórdia nem compaixão. **Os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas.** Estes provavelmente não eram os cães do homem rico. Eram cachorros selvagens sem donos, que perambulavam pelas ruas e comiam os restos que eram jogados ali.

O mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão (22). Nada se diz sobre seu funeral, mas ele provavelmente recebeu o funeral comum de um miserável. Isto não tinha importância nenhuma, porque a morte marcava o final do sofrimento e da privação, e o início da alegria celestial. A frase **o seio de Abraão** é uma linguagem figurada, emprestada do costume de se reclinar à mesa. Dizia-se que cada um estava no seio daquele que estivesse atrás de si, porque a sua cabeça estava próxima ao peito do outro. Esta frase era usada como uma referência ao paraíso, ou à morada de Deus. Ob-

serve o contexto e a terminologia rabínica do Antigo Testamento nesta parábola. Jesus estava se dirigindo àqueles que eram especialistas neste uso.

Morreu também o rico e foi sepultado. A menção específica deste enterro nos relembra a pompa e a cerimônia associada aos funerais dos ricos nos dias de Jesus. Mas havia um temor e uma trágica ironia ali, quando percebemos onde o homem rico estava – a parte de seu ser que continuava viva – enquanto acontecia esta dispendiosa cerimônia fúnebre, acompanhada de grandes prantos e homenagens. O contraste entre as condições destes dois homens não termina na morte, mas ocorre uma inversão.

E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos (23). Ali não havia nenhum sono da alma, nenhum estado intermediário. Ele morreu, e imediatamente estava no inferno, enquanto Lázaro foi levado imediatamente para o céu pelos anjos. Este homem rico sem coração fechou os olhos para as suas riquezas terrenas e abriu os olhos no inferno. A palavra **Hades** é um termo amplo, equivalente "à terra dos espíritos que partiram" ou "mundo futuro". Portanto nem sempre se refere a um lugar de punição. Mas nesta parábola era inquestionavelmente um local de punição; o rico abriu os olhos **em tormentos**. Observe que a palavra está no plural. O fogo era apenas uma das muitas causas de sofrimento para o homem perdido. Havia memória, consciência, raciocínio, a capacidade de enxergar o lugar bem-aventurado de Lázaro, e muito mais.

E viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama (23*b*-24). Pela primeira vez o homem percebe que está desesperadamente necessitado de ajuda, e que ela está muito distante – distante demais para que pudesse lhe fazer algum bem. Ele não está apenas nos tormentos das chamas, mas também está sem ajuda. Ele quer que Lázaro traga uma gota d'água para lhe molhar a língua. Sua desolação é enfatizada quando nos lembramos de que na terra ele tinha todo conforto possível. Agora ele implora por uma gota d'água. Ao fazer esta súplica, ele certamente se lembra de Lázaro, que mendigava pedindo migalhas; e se lembra também de que Lázaro mendigava em vão.

Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te... (25). Não foi solicitado que o rico se lembrasse de um crime ou de uma vida de vícios. Era apenas uma vida de indulgência egoísta, uma vida tão cheia de preocupações egocêntricas que não havia espaço nem tempo para os outros, nem para Deus. **Agora, este é consolado, e tu, atormentado.** Há uma justiça poética aqui, um acerto de contas. Contudo, o rico não estava em tormentos porque havia sido rico, nem Lázaro estava no seio de Abraão porque havia sido pobre. Nas duas parábolas anteriores o rico representava Deus; este não é o caso aqui. Esta parábola deixa claro porque o rico foi para o inferno. No caso de Lázaro, embora os fatos não sejam explicitados, devemos supor que ele era um homem justo.

E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós (26). Deus colocou um abismo entre o céu e o inferno que nenhum homem pode atravessar. Esta vida é o tempo para o arrependimento; este mundo é o lugar onde se prepara a alma para a eternidade. Além daquela linha que demarca a morte, nenhum homem pode mudar o seu estado espiritual, ou o lugar onde morará eternamente.

E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos... (27-28). Ao ter seu pedido de ajuda recusado, o homem pede que Lázaro

seja enviado à terra, como um missionário, aos seus cinco irmãos. Estes irmãos estavam evidentemente seguindo o mesmo caminho de egoísmo e pecado que o levaram para o inferno. Como ali não havia ajuda para ele, ao menos queria poupá-los do tormento que estava sofrendo. Mas este espírito missionário, este interesse pela salvação de sua família, deveria ter vindo mais cedo – quando ele ainda estava com eles.

Eles têm Moisés e os Profetas (29). Eles têm o modo e o meio pelo qual o Senhor Deus planejou e determinou a salvação, e qualquer um que tenha o coração submisso pode encontrar o caminho. Deus não abre exceções para aqueles que têm um coração endurecido.

E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam... Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite (30-31). O rico, como o povo de cada geração, achava que toda ocorrência sobrenatural faria com que os homens se voltassem a Deus. Ele supôs que o reaparecimento daqueles que morreram – como testemunhas oculares dos tormentos do inferno – faria com que os homens se arrependessem. Mas Deus não usa este método. Deus não se propõe a aceitar aqueles que se voltam a Ele apenas por medo do inferno. Um desejo completamente egoísta de escapar do inferno e desfrutar o céu não é o tipo de motivo que leva à salvação. Deus aceita aqueles que o servem porque agora odeiam o pecado, assim como Deus odeia o pecado. Eles querem a Deus pelo que Ele é, ao invés de simplesmente o quererem por aquilo que Ele pode fazer para evitar uma catástrofe eterna na vida deles. O modo e o meio pelo qual o Senhor Deus planejou e determinou a salvação são totalmente suficientes para todos aqueles cujos motivos estejam corretos; e não há outra forma de salvação.

20. *O Ensino Referente aos Escândalos* (17.1-4)

E disse aos discípulos (1). Não apenas aos doze discípulos, mas ao seu círculo mais amplo de seguidores. Não se sabe se a multidão estava presente nesta hora. Mas, independentemente de quem estivesse ali presente, Jesus estava dirigindo estas advertências aos seus discípulos. O assunto em questão tem uma grande aplicabilidade, mas tem uma relevância especial ao cristão que precisa de orientação em seu relacionamento e responsabilidade pelos seus semelhantes.

É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem! Veja os comentários sobre Mateus 18.7.

Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos (2). Veja os comentários sobre Mateus 18.6.

Olhai por vós mesmos (3). Acautelai-vos. **Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe**. Veja os comentários sobre Mateus 18.15. A linguagem de Lucas é, de algum modo, mais forte do que a de Mateus. Lucas diz: **Repreende-o.** Mateus diz: "Vai e repreende-o entre ti e ele só". Lucas também diz: **Se ele se arrepender, perdoa-lhe.** Mateus diz: "Se te ouvir, ganhaste a teu irmão".

E, se pecar contra ti sete vezes no dia e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me, perdoa-lhe. Jesus não está querendo dizer para ser matemático aqui. A expressão *sete vezes* indica infinidade – ou seja, perdoe quantas vezes ele se arrepender e o procurar. Veja também os comentários sobre Mateus 18.21-22.

21. *O Poder da Fé* (17.5-6)

Disseram, então, os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé (5). O ensino inflexível do Mestre com relação às ofensas assustou e deprimiu os apóstolos. Eles não se sentiram à altura desta nova exigência que, por um lado os ameaçava com um castigo sem palavras se eles fossem a causa de tropeço dos "pequeninos" no Reino, e, por outro, exigia que perdoassem os seus ofensores sempre que estes pedissem perdão. O senso de fraqueza e necessidade que resultou impeliu os apóstolos a pedirem ao Senhor para lhes dar mais fé. Eles sentiram que nunca poderiam estar à altura de tais padrões, sem que recebessem mais força espiritual do que possuíam no momento; e entenderam que uma fé mais forte poderia suprir esta necessidade. De fato, a necessidade deles não foi suprida até a chegada do Pentecostes, quando foram batizados no Espírito Santo.

E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda (6). Veja os comentários sobre Mateus 17.20; 21.21. **...diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui e planta-te no mar, e ela vos obedeceria.** Jesus também faz esta comparação de fé com um grão de mostarda em Mateus 17.20. Mas na demonstração do poder da fé ele fala de um monte sendo transportado, e não apenas uma amoreira. Este é o tipo de ensino que Jesus naturalmente repetia quando surgia a necessidade. No momento desse episódio, o Mestre provavelmente estava junto a uma árvore como esta, e assim tinha, à mão, os objetos necessários à comparação que desejava fazer. Esta **amoreira** não era o mesmo sicômoro freqüentemente mencionado na Bíblia Sagrada; era a árvore que produz amoras pretas.[44]

22. *Os Servos Inúteis* (17.7-10)

Esta breve parábola, embora não estivesse diretamente relacionada ao que a precede no Evangelho de Lucas, está relacionada ao tema geral que Jesus estava desenvolvendo desde o capítulo 13. Ela pode ser classificada como "antifarisaísta". Godet deu um excelente título para a parábola e sua aplicação: "As Obras Sem Méritos".[45]

E qual de vós terá um servo a lavrar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te e assenta-te à mesa? E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu? (7-8). Embora a ocasião que deu lugar a esta parábola não seja mencionada, ela responde a perguntas que estavam na mente dos discípulos, e que às vezes eram expressas, como por exemplo: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos? (Mt 19.27). Em outras palavras: "O que eu vou ganhar como recompensa por servir a Cristo?"

A parábola lembra os ouvintes de Jesus de que não é porque o servo trabalha o dia inteiro no campo que terá o direito de comer antes do Mestre. Ainda é parte da sua tarefa servir a refeição do Mestre no final do dia, antes que se sirva. Ele é um servo e, como tal, não tem direitos. Ele pertence ao seu senhor, e as suas tarefas foram determinadas pelo seu senhor. Quando ele as tiver cumprido, terá feito apenas o seu trabalho; o mérito só existirá quando o servo fizer mais do que aquilo que era a sua obrigação.

Não podemos cometer o erro de interpretar esta parábola em termos dos padrões atuais de ética. As leis trabalhistas modernas, e os padrões éticos cristãos relacionados ao tratamento justo dos trabalhadores, não eram conhecidos nos dias de Jesus. Havia 60

milhões de escravos no Império Romano, e era praticamente impossível questionar ou desafiar o direito de existência do sistema da escravidão.

Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer (10). A palavra traduzida como **inútil** aqui significa "aquele que não presta nenhum serviço além da sua obrigação". A nossa dívida para com Deus é tão grande que, em nosso serviço cristão, jamais poderíamos ultrapassar a esfera do dever e alcançar um nível de méritos. Assim, as obras que fazemos não podem ser classificadas como méritos, porque jamais seremos capazes de fazer mais do que a nossa obrigação. Nunca poderemos fazer tudo, ou mesmo uma fração considerável, daquilo que realmente devemos a Deus.

Os versículos 1-10 foram intitulados como "Inventário Espiritual". O texto está no versículo 3, "Olhai por vós mesmos" ou "Acautelai-vos". Devemos nos acautelar: 1) Pelos nossos motivos, 1-2; 2) Pelo nosso espírito, 3-4; 3) Pela nossa fé, 5-6; 4) Pelo nosso trabalho, 7-10.

C. O Terceiro Estágio, 17.11—19.27

E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galiléia (11). Esta é uma nota editorial usada por Lucas para lembrar os seus leitores de que a viagem para Jerusalém ainda continuava; um fato que o leitor poderia facilmente esquecer em meio ao grande número de feitos e palavras de Jesus que Lucas está relatando. A expressão, **pelo meio de Samaria e da Galiléia** também poderia ser traduzida como "ao longo da fronteira entre Samaria e a Galiléia", sendo este último lugar a Galiléia além do Jordão", ou a Peréia.[46]

Havia duas rotas regulares da Galiléia para Jerusalém, uma por Samaria, e outra pela Peréia. Aqui Jesus não estava passando por nenhuma delas, mas entre as duas.

1. *A Cura de Dez Leprosos* (17.12-19)

E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe (12). Ele encontrou estes leprosos antes de chegar à aldeia. Segundo a lei mosaica, os leprosos deveriam viver distantes dos lugares habitados, isolados de todos, com exceção de seus companheiros leprosos (Lv 13.46). Eles também eram obrigados a anunciar a sua enfermidade a todos aqueles que se aproximassem, dizendo: "Impuro, impuro!"

E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos (13-14). Eles sem dúvida conheciam Jesus tanto de vista como pela sua reputação. É bem possível que conhecessem pessoas que haviam sido anteriormente curadas de lepra pelo Senhor, durante o seu ministério. A instrução que Jesus lhes deu, para se mostrarem aos sacerdotes, estava de acordo com a lei levítica relativa à lepra.[47]

E um deles... voltou glorificando a Deus (15-16). Este homem estava plenamente consciente do milagre que lhe foi concedido, e se sentia profundamente grato pela cura. Ele expressou a sua gratidão com grande emoção e em voz alta. **E este era**

samaritano. Isto não era o que um judeu teria esperado de um samaritano. Os discípulos puderam aprender uma lição através desta experiência: a gratidão e a bondade são o resultado do caráter de cada pessoa; estas qualidades não estão ligadas à raça e nem à nacionalidade.

Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? (17-18). Não sabemos se todos os nove eram judeus, mas sabemos que nenhum dos nove retornou para expressar a sua gratidão. Por que eles foram unânimes nesta falha? Por que há tão pouco do espírito de gratidão no coração humano?

E disse-lhe: Levanta-te e vai (19). O termo **vai** provavelmente significa, pelo menos em parte, "Vai até os sacerdotes". Embora ele tivesse sido curado miraculosamente, a lei ainda exigia que obtivesse uma certificação por parte dos sacerdotes, antes que pudesse retomar a sua vida normal. **A tua fé te salvou.** Ele recebeu alguma coisa diferente dos outros? Todos foram limpos. Mesmo que este homem não tenha recebido mais nada do Senhor além deste elogio, podemos ter a certeza de que ele recebeu um presente de valor incalculável. Mas ele também recebeu uma bênção interior e o engrandecimento de sua alma. O elogio implica que este homem tinha mais fé, ou uma qualidade superior de fé, quando comparado aos outros nove.

Usando o tema: "Onde estão os nove?", Maclaren expressa quatro considerações: 1) O clamor dos leprosos, e a estranha resposta do Senhor; 2) A cura concedida através de uma fé obediente; 3) Um exemplo solitário de gratidão; 4) O triste espanto de Jesus e a ingratidão do homem.

2. *A Espiritualidade do Reino* (17.20-21)

E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o Reino de Deus (20). Os fariseus ouviram e sentiram as repreensões afiadas de Jesus. Ouviram seus ensinos e perceberam as muitas indicações de que Ele era o Messias, e também viram a manifestação do seu poder miraculoso. Mas Cristo não cumpriu as expectativas que eles alimentavam em relação ao Messias, e esta era para eles a prova positiva de que não seria Ele. As grandes escolas rabínicas nas quais os fariseus tinham recebido seu treinamento e visão teológica, ligavam a vinda do Messias à chegada do reino de Deus. Eles acreditavam que este seria um reino literal que reavivaria o poder político judaico, livrando-os do jugo romano e fazendo dos judeus os senhores do mundo.

A pergunta que os fariseus faziam era evidentemente colocada com um espírito beligerante, e estavam confiantes de que ela não seria respondida corretamente por Jesus. Ela tinha a força de uma pergunta retórica, cujo propósito era levar Jesus a admitir que Ele não era o Messias, visto ser incapaz de produzir o reino messiânico.

O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Esta afirmação contradizia a doutrina defendida pelos fariseus sobre o tema do Reino de Deus. Ela negava completamente que este Reino seria, literalmente, um reino terreno.

Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de Deus está entre vós (21). Muitos comentaristas modernos traduziram a última frase como "entre vós" ou "no meio de vós". Estes intérpretes insistem que traduzir o texto grego como "dentro de vós" indicaria que o reino de Deus estava dentro destes fariseus, visto que Jesus estava dirigindo as suas observações a eles. Parece razoável interpretar o **vós**

como um termo impessoal. Entretanto, o significado seria: "O reino de Deus está dentro do coração dos homens". O **vós,** então, não se referiria, necessariamente, aos fariseus.

Na verdade os dois significados estariam em harmonia com os fatos. O Reino de Deus, já tendo chegado na Pessoa e obra de Jesus, estava de fato "no meio" deles. Contudo, também é verdade que o Reino de Deus está dentro dos corações dos homens, e não é externo nem material. Há, entretanto, um futuro reino literal de Deus, mas o Mestre escolheu não lidar com este aspecto do reino naquele momento. A maior verdade que Jesus está ensinando nestes versículos é que o Reino de Deus, na presente dispensação, não é um reino terreno mas um reino espiritual de Deus nos corações daqueles que irão se submeter ao reinado de Cristo.[48]

3. *Jesus Fala Sobre o Futuro* (17.22-37)

E disse aos discípulos (22). Após responder a pergunta dos fariseus, Jesus se dirigiu novamente aos seus discípulos com uma verdade que era específica para eles: **Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis.** O Mestre está aqui avisando os seus discípulos que dias negros os esperam – dias de perseguição e trabalho – quando suas mentes se voltariam às abençoadas lembranças do tempo em que Ele estava com eles. Eles desejarão a sua presença física novamente, mas esse desejo não será atendido. Estas palavras do Senhor Jesus também eram endereçadas àqueles discípulos que ainda não haviam nascido (incluindo a nossa época e épocas posteriores à nossa) e que só mais tarde tomariam conhecimento destas palavras. Nos dias de sofrimento e frustração, todos desejariam a presença física de Cristo.

E dir-vos-ão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Não vades, nem os sigais (23). Veja os comentários sobre Mateus 24.23,26.

Porque, como o relâmpago... assim será também o Filho do Homem no seu dia (24). Veja os comentários sobre Mateus 24.27.

Mas primeiro convém que ele padeça muito e seja reprovado por esta geração (25). Veja os comentários sobre Mateus 16.21 e Lc 9.22.

E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem... (26-27). Veja os comentários sobre Mateus 24.37-39.

Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló... Assim será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar (28-30). O significado aqui é o mesmo dos versículos 26 e 27. A certa, súbita, e inesperada vinda de Cristo são os pontos que Jesus está enfatizando.

Naquele dia, quem estiver no telhado... não desça a tomá-los; e... o que estiver no campo não volte para trás (31). Veja os comentários sobre Mateus 24.17-18.

Lembrai-vos da mulher de Ló (32). O trágico fim da mulher de Ló é uma excelente ilustração daquilo que Jesus acabou de avisar a seus discípulos para não fazer. Ló e sua família tiveram uma chance de escapar de Sodoma antes da sua destruição. A ordem do anjo foi: "Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti e não pares em toda esta campina" (Gn 19.17). Mas a esposa de Ló desobedeceu esta ordem e olhou para trás, evidentemente desejando voltar, e foi transformada em uma estátua de sal. Ela foi tirada de Sodoma, mas Sodoma não foi tirada de dentro dela. Portanto, ela se tornou uma perpétua advertência de que a salvação estará incompleta se o coração não estiver purificado do amor pelo mundo.

Nos versículos que antecedem o versículo 32, Jesus está predizendo a destruição de Jerusalém. Ele está avisando os seus discípulos que deverão aproveitar ao máximo a oportunidade que lhes será dada para escapar. Ser lento naquela hora seria o mesmo que repetir a trágica atitude da mulher de Ló.

A admoestação de Jesus foi tomada literalmente. Depois que Vespasiano e o exército romano iniciaram o cerco a Jerusalém, houve um curto período de calmaria como resultado da disputa, em Roma, pela sucessão do trono imperial que ficou vazio devido ao suicídio de Nero. Durante esta trégua no cerco, os cristãos em Jerusalém se aproveitaram da oportunidade para escapar. Eles fugiram para Pella, na parte leste do rio Jordão.

Qualquer que procurar salvar a sua vida perdê-la-á, e qualquer que a perder salvá-la-á (33). Veja os comentários sobre Mateus 10.39; 16.25.

Naquela noite, estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado. Duas estarão juntas... uma será tomada, e outra será deixada. Dois estarão no campo... (34-36). Veja os comentários sobre Mateus 24.40-41. O material no versículo 34 não tem um paralelo em Mateus; mas o seu significado é o mesmo dos outros dois versículos. O Mestre colocou duas pessoas em cada uma das três séries de acontecimentos, para mostrar como estas pessoas poderiam estar juntas na mesma atividade, ou descansando, e uma seria levada e a outra deixada por ocasião da vinda do Senhor.

E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? (37). Esta pergunta já havia sido respondida no versículo 24. Mas os discípulos não podiam compreender qualquer acontecimento que não fosse local – eles não podiam compreender o aspecto mundial da vinda de Cristo. **Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias**. Estas águias eram literalmente abutres. Veja os comentários sobre Mateus 24.28.

William Barclay trata este parágrafo sob o título: "Os Sinais da Sua Vinda". Ele observa: 1) Haverá tempos em que o cristão estará ansioso pela vinda de Cristo, mas precisará ser paciente, 22; 2) A vinda de Cristo é certa, mas a sua hora é desconhecida, 23-30; 3) Quando Cristo vier, Deus executará os seus julgamentos, 31-36; 4) Cristo virá quando as condições necessárias forem cumpridas – quando os motivos forem certos. Este é o sentido do provérbio contido no versículo 37.

4. *A Parábola do Juiz Iníquo* (18.1-8)

E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer (1). O termo **também** indica que esta parábola é uma parte do discurso anterior. Portanto, vemos que a oração é prescrita como um remédio para que ninguém esmoreça nos difíceis dias vindouros – os dias do cerco de Jerusalém, os dias que precederão a segunda vinda de Jesus e todos os outros dias desesperadores. Quando Jesus fosse levado da terra, a Igreja seria como a viúva na parábola. Mas a oração seria o seu meio de suporte e alívio.

Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava homem algum. Havia também naquela mesma cidade uma certa viúva e ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário (2-3). As palavras traduzidas como **faze-me justiça** não significam vingar, mas garantir justiça. Mas que chance uma viúva indefesa teria de obter justiça de um juiz que não temia a Deus e não respeitava o homem? Havia um caminho, e foi o que ela tomou.

E, por algum tempo, não quis; mas, depois, disse consigo... como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte e me importune

muito (4-5). Sua única arma era a importunação, a persistência. A referência do juiz à sua **contínua** vinda indica que ele estava convencido de que ela nunca pararia de importuná-lo até que seu pedido fosse atendido. Não havia nada de profundo ali. Ela simplesmente não pararia de pedir até que o seu caso fosse tratado de forma justa.

Ouvi o que diz o injusto juiz. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite...? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça (6-8). A aplicação é clara e simples. Uma viúva pode obter justiça de um juiz que não teme a Deus e não tem nenhuma consideração pelos seus semelhantes, simplesmente pela sua vinda contínua. Quanto mais deveria um cristão ter fé e crer que um Deus justo, bom e amoroso responderá as suas orações, embora Ele possa demorar – ou seja, embora às vezes pareça que a resposta demora! **Depressa, lhes fará justiça**, ou seja, subitamente, inesperadamente, mas não necessariamente quando eles pensam que a resposta deve vir.

Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra? Em vista do ensino da parábola, ter fé deveria ser fácil. Apesar do fato de os cristãos terem todos os motivos para uma fé inabalável em Deus, é sempre difícil crer. A pergunta de Jesus não era para ser respondida. Ela não poderia ser respondida por ninguém, além de Deus; ela foi feita como um aviso, para que o aparente atraso da volta do Senhor não se tornasse uma ocasião para a dúvida. A última resposta será dada pelos cristãos. A resposta pode ser: "Sim, haverá fé", se determinarmos resistir às sugestões de dúvida de Satanás. Podemos ficar mais perto do Senhor, de modo que a fé se torne o resultado natural do nosso relacionamento íntimo com Ele.

Thomson, em *Pulpit Commentary* (Comentário do Púlpito), aponta três contrastes nesta parábola: 1) Deus em contraste com o defensor humano; 2) O povo de Deus em contraste com a viúva; 3) A bondade e a compaixão de Deus, em contraste com a falta de bondade e compaixão por parte do homem.

5. *A Parábola da Oração do Fariseu e do Publicano* (18.9-14)

Depois de ter ensinado sobre a necessidade e o poder da oração por meio da parábola anterior, o Senhor conta uma segunda parábola para ensinar a atitude correta. Aqui somos ensinados que a mera persistência na oração não é suficiente.

E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros (9). Eles não confiavam na graça de Deus para a sua justiça, mas confiavam em suas próprias boas obras. Eles consideravam a si mesmos justificados pelas suas boas obras.

Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano (10). Eles não entraram no santuário, mas em um dos átrios do templo onde eram oferecidas as orações. Este era o pátio das mulheres. Ao escolher um fariseu e um publicano para esta ilustração, Jesus escolheu dois extremos. Os fariseus eram a mais rígida, mais conservadora e mais legalista de todas as facções dos judeus. Os publicanos eram oficiais judeus do governo romano, cujo trabalho era recolher taxas para Roma. Eles eram odiados pelos judeus tanto pelas taxas recolhidas para os dominadores estrangeiros, como por serem geralmente desonestos. Eles cobravam mais taxas do que deveriam, e dessa forma ficavam mais ricos através deste trabalho odioso. Para mais informações relativas aos fariseus e publicanos, veja os comentários sobre Mateus 3.7; 5.46.

O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens... (11). Este é o melhor exemplo da oração de um homem que se intitula justo. Ela realmente não merece ser chamada de oração. Dificilmente é mais do que uma recitação das supostas qualidades e obras dos fariseus, uma tentativa de demonstrar a Deus que eles mereciam a consideração divina. O fariseu, entretanto, não levou o crédito pelo seu suposto sublime estado de graça. Suas palavras, **Ó Deus, graças te dou**, eram um reconhecimento do fato de que Deus era, pelo menos em parte, responsável por ele ser um dos justos. Mas a frase **orava consigo** – literalmente, "orava estas coisas para si" – indica que a sua principal atenção era dirigida a si mesmo. A palavra mais significativa na sua oração é o pronome pessoal *Eu*: [Eu] **não sou como os demais homens...** [eu] **jejuo...** [eu] **dou os dízimos** (12). É provável que estas palavras tenham sido ouvidas mais pelos homens do que pelo Senhor Deus. Seu auto-elogio contém apenas uma referência ao outro adorador. Até mesmo esta referência ao publicano foi feita de forma que o fariseu parecesse ser alguém superior.

O publicano, porém, estando em pé, de longe (13). **Longe** do templo, o símbolo da presença de Deus. Os fariseus evidentemente paravam ao lado do pátio mais próximo do Templo, enquanto o publicano parou em uma posição mais distante do Templo. Também é possível que Jesus estivesse querendo dizer que ele não estava nem mesmo no Pátio das Mulheres, o lugar costumeiro de oração, porém ainda mais distante, no pátio dos gentios (veja a ilustração do Templo no final deste livro).

Nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! – literalmente, "*o* pecador". Tanto a sua atitude quanto o conteúdo da sua oração eram opostos aos dos fariseus. Ele estava profundamente consciente dos seus pecados, e estava também espantado pelo seu próprio senso de indignidade. Ele não tinha nada para dizer a seu próprio favor; sua única súplica era por misericórdia.

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele (14). A palavra *justificar* significa declarar ou tratar como justo. Este publicano foi tanto perdoado como aprovado por Deus, embora fosse um pecador e reconhecesse este fato. Por outro lado, o fariseu que estava feliz por não ser como este publicano, não foi perdoado. Ele não reconheceu nenhum pecado nem pediu perdão, embora na verdade fosse, à vista de Deus, um dos piores pecadores.

E qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. Veja os comentários sobre Lucas 14.11.

A partir desta parábola de Jesus, Barclay percebe três verdades universais: 1) Nenhum homem que for orgulhoso poderá orar, 11-12; 2) Nenhum homem que despreze os seus semelhantes poderá orar, 12; 3) A verdadeira oração surgirá ao colocarmos nossa vida no padrão de Deus, 13-14.

6. *Jesus e as Crianças* (18.15-17)

E traziam-lhe também crianças... e os discípulos, vendo isso, repreendiam-nos. Mas Jesus... disse: Deixai vir a mim os pequeninos (15-16). Veja os comentários sobre Mateus 19.13-14. Lucas difere de Mateus apenas na palavra que usa para crianças. O termo de Lucas denota crianças mais velhas.

Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele (17). Veja os comentários sobre Marcos 10.15.

7. *O Jovem Rico* (18.18-30)

Para uma discussão a respeito desse episódio, veja os comentários sobre Mateus 19.16-22. Lucas se refere a ele simplesmente como um **príncipe** ou um homem de posição. Mateus apenas conta que era jovem, e os três sinóticos mencionam que era rico.

8. *Jesus Prediz o Seu Sofrimento* (18.31-34)

Para uma discussão dos versículos 31-33, veja também os comentários sobre Mateus 20.17-19.

Veja também Marcos 10.32-34. Mateus e Marcos omitem o material contido no versículo 34.

E eles nada disso entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia (34). As três sentenças do versículo transmitem a mesma mensagem. Lucas sem dúvida usou este método para enfatizar o que estava dizendo. Os discípulos ouviram as palavras de Jesus, mas elas eram tão contraditórias a tudo aquilo que pensavam e acreditavam sobre o reino do Messias, que ficaram completamente perdidos, precisando de uma explicação. O sofrimento e a morte do Messias eram impensáveis; contudo, Jesus parecia estar se referindo claramente a si mesmo. A contradição era, é claro, o próprio conceito que eles tinham da obra de Cristo na terra.

9. *A Cura do Cego* (18.35-43)

Veja os comentários sobre Mateus 20.29-34; veja também Marcos 10.46-52. O relato do milagre consta nos três Evangelhos sinóticos. Mas há duas diferenças significativas entre os três relatos. Mateus diz que havia dois cegos, enquanto Marcos e Lucas se referem a apenas um. Lucas diz que o milagre ocorreu quando Jesus se aproximava de Jericó, enquanto os dois outros escritores sinóticos dizem que isto ocorreu quando ele estava saindo de Jericó. O problema relacionado ao número de cegos não é difícil. Sem dúvida havia dois, mas Lucas e Marcos estão preocupados apenas com um deles – talvez o mais significativo e marcante daqueles dois homens.

A questão do local onde ocorreu o milagre é mais difícil, porém insignificante. Muitas soluções já foram propostas. A mais provável é que o primeiro contato com o cego, ou cegos, se deu quando Jesus se aproximava de Jericó. Entretanto, devido ao tamanho da multidão que acompanhava o Mestre, e, talvez, aos esforços de Jesus para testar a sinceridade dos sofredores, o caso só pôde ser resolvido quando Ele estava saindo da cidade. Há também uma possibilidade distinta: que um dos evangelistas estivesse se referindo à antiga Jericó e os outros à nova Jericó, ou vice-versa. Uma terceira solução possível é que um cego tenha sido curado enquanto Jesus entrava em Jericó, e o outro enquanto Ele saía desta cidade.[49]

10. *A Conversão de Zaqueu* (19.1-10)

E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando (1). Ele estava a caminho de Jerusalém, pouco antes de sua Paixão. Jericó era uma próspera cidade comercial na

estrada da Peréia para Jerusalém e Egito. Estava localizada no vale do Jordão, a cerca de 8 quilômetros do Jordão e 27 quilômetros de Jerusalém.[50]

E eis que havia ali um homem, chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos e era rico (2). Devido ao considerável comércio que passava por Jericó, e à sua localização estratégica em uma importante rota comercial, e também ao fato de ser o centro do tráfego internacional de bálsamo, provavelmente ali se encontrava uma das maiores alfândegas daquela parte do Império Romano. Zaqueu era o chefe dos cobradores da alfândega em Jericó, e a renda que obteve com esta atividade fez dele um homem rico. O nome Zaqueu é de origem hebraica e significa "puro".

E procurava ver quem era Jesus (3). Estas palavras sugerem a curiosidade como a razão para o seu desejo. Mas a seqüência mostra que ele não tinha um motivo mais profundo, ou que depois de ter visto Jesus ficou tão impressionado que houve uma mudança em seus motivos. É bem provável que pelo menos uma parte do seu interesse tenha surgido do fato de ter ouvido algumas das famosas observações do Senhor acerca dos publicanos.

E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava (4). Sendo pequeno em estatura, para poder ver acima da cabeça daqueles que formavam a multidão em volta de Jesus, ele foi correndo até à rua onde Jesus deveria passar para se dirigir a Jerusalém. Lá procurou e encontrou um ponto de vantagem do qual poderia ver Jesus. A **figueira brava** (ou sicômoro) em que ele subiu era o *fícus-sycomorus*. Seu tronco horizontal e baixo facilitava a subida, e sua folhagem era suficiente para escondê-lo da multidão.

E, quando Jesus chegou àquele lugar... disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque, hoje, me convém pousar em tua casa (5) – literalmente, "é necessário que eu fique em tua casa". Isto indica que havia no coração do Mestre um desejo interior para ir à casa de Zaqueu. Tal desejo foi inspirado e motivado pela ansiedade de Zaqueu em ver Jesus. Nosso Senhor sempre responde com simpatia àqueles que procuram conhecê-lo.

Jericó era uma das cidades dos sacerdotes, mas Jesus escolheu hospedar-se e comer na casa do chefe dos publicanos em vez de na casa de algum sacerdote. Ele sabia que estava escolhendo como anfitrião o homem que mais mereceu a sua presença; porém, quem teria esperado que Ele escolhesse Zaqueu?

E, vendo todos isso, murmuravam (7). A multidão deve ter sido quase unânime na reprovação da escolha de Jesus. Sentiram que a sua atitude era uma afronta aos sacerdotes e a outros líderes religiosos dos locais por onde Ele passara. Sua escolha era uma aprovação visível deste homem chamado tão rotineiramente de "pecador". Duas coisas os impediram de reconhecer o verdadeiro motivo de Jesus. Uma era o exclusivismo cego deles, que se recusava a enxergar qualquer coisa boa em um publicano. A outra era a incapacidade de entender como Jesus poderia se associar com pecadores sem se contaminar.

E... Zaqueu, disse... Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado (8). Aqui vemos tanto um verdadeiro espírito generoso como o desejo genuíno de reparar qualquer erro do passado. As duas atitudes refletem uma mudança de coração. O discurso de Zaqueu não foi dirigido à multidão, mas a Jesus. Não era um esforço para convencer as pessoas de que ele era sincero. Ao invés disso, era uma resposta não premeditada, espontânea, de um coração que se tornara limpo, e de um espírito que se tornara novo e que havia recebido a vida eterna.

A generosidade de Zaqueu é vista na oferta da metade da sua riqueza àqueles que eram menos afortunados do que ele. A oferta da restituição quadruplicada mostra que ele estava extremamente desejoso de reparar os seus erros. Zaqueu era indubitavelmente culpado de algumas injustiças nas cobranças da alfândega – isto pode ser constatado pelo fato de ele mesmo ter abordado o assunto. De qualquer forma, não é provável que ele fosse cruel, ou que tivesse obtido a maior parte de sua riqueza de forma desonesta, como é acusado tanto pelos judeus daqueles dias como por muitos pregadores atuais. Se tivesse conseguido toda a sua riqueza por intermédio da desonestidade, como muitos sugerem, ele não teria dinheiro suficiente para restituir quatro vezes mais.

E disse-lhe Jesus: Hoje, veio a salvação a esta casa (9). Um pecador em busca do Salvador se encontra com o Salvador que está em busca do pecador. Com verdadeiro arrependimento, o homem encontrou a salvação pessoal. Estas palavras graciosas do Mestre eram uma garantia da salvação de Zaqueu, uma proclamação em sua defesa diante da multidão, e uma promessa a todos os homens, em todos os lugares, e em todas as épocas, de que Jesus Cristo salva os pecadores.

Pois também este é filho de Abraão. Esta era uma lembrança àqueles judeus cheios de justiça própria, de que Zaqueu, também, era um judeu, um descendente de Abraão. Estas palavras também eram um anúncio de que Zaqueu tinha, agora, de uma forma nova e viva, se tornado filho de Abraão, o "pai dos fiéis". Por meio do novo nascimento, ele era agora um filho espiritual de Abraão e um membro do novo Israel.

Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (10). Aqui temos uma declaração do próprio Senhor Jesus sobre o maior propósito de sua vinda a este mundo. A verdade desta afirmação universal é o fundamento da garantia dada a Zaqueu no versículo anterior.

O bispo Ryle sugere várias lições a serem aprendidas por meio deste episódio: 1) Ninguém é tão mau que não possa ser salvo, e não há ninguém que esteja além do poder da graça de Cristo; 2) Como são pequenas e insignificantes as coisas que impedem a salvação da alma! 3) A sincera e voluntária compaixão de Cristo pelos pecadores, e o poder que Cristo tem para transformar corações; 4) Os pecadores convertidos sempre darão evidências de sua conversão.

11. *A Parábola das Dez Minas* (19.11-27)

E, ouvindo eles essas coisas, ele prosseguiu e contou uma parábola (11). Estas palavras mostram a relação entre o episódio envolvendo Zaqueu e a parábola seguinte. A afirmação de Jesus no versículo 10 parece ter aumentado o interesse pelo assunto cada vez mais presente nestes últimos dias do ministério de nosso Senhor. Tanto os discípulos como os antagonistas de Jesus demonstravam interesse pelo Reino de Deus.

Porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus. Este interesse aumentava à medida que Jesus se aproximava de Jerusalém. Havia uma excitação, uma atmosfera de expectativa, que finalmente explodiu em uma glorificação pública e em uma aclamação na entrada triunfal de Cristo. Mas a excitação se devia, quase que de forma generalizada, a uma noção equivocada – a crença universal, por parte daqueles que consideravam Jesus o Messias, de que o reino apareceria imediatamente. Era de se esperar que Jerusalém fosse o lugar onde o

Messias estabeleceria o seu reino, e naturalmente muitos criam que a hora havia chegado. Jesus contou esta parábola para corrigir esta noção.

Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois (12). Observe que a história não é sobre um nobre que *estabeleceu* um reino, mas sobre aquele que foi para um país distante para **tomar** (ou *receber*, conforme algumas versões da Bíblia Sagrada) um reino. Dois nobres, Herodes e seu filho Arquelau, deixaram sua cidade, Jericó, para ir a um país distante – Roma –, a fim de assegurar seus reinos,[51] e sem dúvida eram estes homens que Jesus tinha em mente.

A inferência aqui é que Cristo não iria estabelecer um reino imediatamente, mas iria embora para o céu a fim de assegurar um reino. Mais tarde, Ele retornaria para aqueles que estivessem prontos para ser cidadãos do seu Reino.

E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até que eu venha (13). O nobre tinha um propósito duplo quando fez esta distribuição. Ele queria multiplicar a sua riqueza e ao mesmo tempo testar os seus servos, para verificar se seriam capazes de desempenhar funções de elevada responsabilidade no seu reino vindouro.

As "minas" valiam 100 dracmas (um valor extremamente elevado para a época). A palavra traduzida como **negociai** significa literalmente "ganhai negociando". Portanto, deveriam multiplicar o dinheiro do seu senhor usando-o no comércio. Da mesma forma, Jesus iria embora para o céu e deixaria os seus discípulos encarregados da sua obra aqui na terra.

Mas os seus concidadãos aborreciam-no e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós (14). Esta mensagem não deveria ser enviada ao nobre, mas àqueles de quem ele receberia o reino. Jesus estava evidentemente traçando paralelos de acontecimentos no Império Romano, do qual os Herodes recebiam sua autoridade. Os judeus enviaram tal mensagem acusadora – junto com uma delegação de cidadãos – quando Arquelau estava em busca de seu reino. Em sua aplicação, esta parte da parábola se refere ao fato de os judeus terem se recusado a reconhecer Jesus como Rei. Eles estavam prontos a destruí-lo para evitar que "governasse sobre eles".

E... voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos... (15). Ele exigiu um acerto de contas imediato e completo. Esta é uma ilustração do julgamento que ocorrerá por ocasião da volta do Senhor.

E veio o primeiro dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. E ele lhe disse: Bem está, servo bom... foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade (16-17). O servo provou tanto a sua lealdade como a sua habilidade. Como recompensa, ele recebeu um lugar de maior responsabilidade no novo reino.

E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades (18-19). O princípio e a fórmula são os mesmos do caso do primeiro servo.

E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço [ou, guardanapo], **porque tive medo de ti, que és homem rigoroso** (20-21). A história relata o acerto de contas com apenas três dos dez servos. Os outros sete não são importantes para o tema da parábola. É no acerto de contas com este terceiro servo que encontramos o verdadeiro significado e propósito da história.

O último servo parecia sentir que havia cumprido a sua obrigação para com o seu senhor quando devolveu o dinheiro, embora tivesse desconsiderado a ordem expres-

sa: **Negociai até que eu venha**. A palavra traduzida como **rigoroso** significa rígido, severo, opressor, duro.

O servo procurou explicar a sua atitude, dizendo: ...**tomas o que não puseste e segas o que não semeaste**. Aqui ele indica desonestidade, acusando seu senhor de tirar o que não era dele. Um espírito de amor combinado com a percepção de que tanto ele como o dinheiro que possuía pertenciam ao seu senhor, lhe teria dado uma visão diferente, levando-o a seguir o exemplo dos outros dois servos.

Mau servo, pela tua boca te julgarei (22). Ele confessou que sabia exatamente o que o seu senhor esperava dele, porém usava esta mesma expectativa como um motivo para seu fracasso em obedecer à sua ordem. Se estivesse de fato à disposição do seu senhor, e à sua espera, haveria apenas um caminho sensível e seguro. Ele deveria ter negociado tão bem, a ponto de nem mesmo um senhor **rigoroso** poder encontrar alguma falha. Spence coloca as palavras do nobre da seguinte forma: "Por saber que sou austero, você deveria ter procurado, com mais dedicação, me deixar satisfeito".[52]

E disse... Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas (24). Assim, a lealdade e o amor são pagos com um bônus, enquanto as evasivas de responsabilidade – sob pretextos legalistas – têm como recompensa as privações.

Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado (26). Estas não são palavras de Jesus, mas do nobre afirmando o princípio sobre o qual ele julgou os seus servos. Aqueles que ganharam negociando – aqueles que "têm" – receberiam benefícios adicionais; aqueles que falharam em fazê-lo – aqueles que "não têm" – perderiam até mesmo a mina original.

Em sua aplicação espiritual, isto significa que aqueles que fizerem da oportunidade cristã uma forma de bênção e crescimento espiritual receberão o bônus divino. Aqueles que se esquivarem das suas falhas por meio de reflexões legalistas sobre as suas obrigações, perderão tanto o bônus quanto o principal.

Este servo representa o homem que permitiu que um espírito de ressentimento e amargura tomasse o lugar do amor e da lealdade. Ele designou a si mesmo como um juiz dos métodos do seu senhor; por não gostar da forma como o seu senhor faz as coisas, ele desiste do trabalho. Ele também representa o homem que pensa que a mordomia consiste apenas em não roubar o dinheiro do senhor. Sua "bondade" é negativa, e não positiva. Ele não prejudica ninguém (é assim que ele pensa), mas também não faz nenhum bem. Na realidade ele é um ladrão, apesar de sua ilusão de justiça própria; por estar sendo inútil, está roubando de seu senhor o ganho que deveria ter. Quando o seu senhor retornar, ele será um apóstata e um cínico confirmado. Tanto em sua crítica injusta quanto em sua obrigação não cumprida, ele tipifica o cristão carnal que reclama e murmura ao invés de produzir. Quando esta batalha se desenvolver pela primeira vez na mente do cristão, se ele se render completamente ao que parece ser a divina "austeridade", e confiar sem mais perguntas, a tensão será resolvida, e o resultado será diferente.

Quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-*os* diante de mim (27). Estas são, com certeza, palavras do nobre e parte da história. Na aplicação, que é o motivo pelo qual Jesus contou a história, foi prevista a perda, pelos judeus, da posição favorecida que desfrutavam. A ruína da nação judaica é profetizada por causa da sua rejeição ao Messias.

Seção VI

O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM

Lucas 19.28—21.38

A. A Entrada em Jerusalém e a Purificação do Templo, 19.28-48

E, dito isso, ia caminhando adiante, subindo para Jerusalém (28). Este versículo específico cobre o tempo entre o ensino da parábola das minas em Jericó, ou logo após deixar aquela cidade, e a Entrada Triunfal.

Após deixar Jericó, Jesus e os seus discípulos subiram os íngrimes 24 quilômetros até Betânia, onde passaram o período de sexta-feira à noite até domingo pela manhã, tendo a multidão se dirigido a Jerusalém.[1] Lucas omite a história do banquete na casa de Simão, o leproso, oportunidade na qual Maria ungiu Jesus com o ungüento de nardo puro.

1. *A Entrada em Jerusalém* (19.29-40)

Para uma discussão a respeito dos versículos 29-38, veja os comentários sobre Mateus 21.1-11; veja também Marcos 11.1-11. O material nos versículos 39 e 40 só é encontrado em Lucas.

E disseram-lhe dentre a multidão alguns dos fariseus: Mestre, repreende os teus discípulos (39). Isto é, repreende-os por estarem gritando e pelo uso de expressões messiânicas. Os fariseus tinham duas razões para levantar essas objeções. Primeiro, eles consideravam tais expressões messiânicas um tipo de blasfêmia, quando usadas em louvor de alguém a quem eles consideraram um simples homem. Segundo, a principal guarnição romana de Jerusalém, a Torre de Antônia, estava à vista durante esta demonstração do povo. Os líderes dos judeus temiam que tais demonstrações levassem os romanos a lançar mão de medidas repressivas.

E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão (40). Os termos usados na resposta de Jesus parecem ser proverbiais. Vale a pena citar o comentário dramático de Godet sobre o versículo. Ele diz: "A resposta de Jesus possui terrível majestade: 'Se eu silenciar todas essas bocas, vocês ouviriam a mesma aclamação vindo do solo'. Este acontecimento seria tão impossível de ocorrer, que a sua ocorrência única mereceria ser saudada na terra".[2]

É bem possível que Jesus tivesse em mente as palavras de Habacuque: "Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento" (Hc 2.11).

2. *Jesus Chora Sobre Jerusalém* (19.41-44)

E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela (41). A vista de Jerusalém a partir do monte das Oliveiras estava em vivo contraste com a disposição do Mestre para a lamentação. O magnífico Templo, os palácios e os jardins dos judeus ricos, e a grande muralha cercando a cidade formavam uma vista de beleza e esplendor. Adicione a isso as memórias associadas com mais de mil anos de história sagrada e ter-se-ia uma vista que prostraria um piedoso judeu que visse Jerusalém pela primeira vez.

Mas tudo isso levou Jesus apenas às lágrimas. Ele viu alguma coisa que os outros não viram. Ele viu a futura destruição da cidade. Ele sabia que todos os seus esforços para reverter a tragédia haviam sido repelidos e rejeitados.

Se tu conhecesses... o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos (42). Se eles pelo menos soubessem, se pudessem aprender agora as condições sobre as quais a paz poderia ser obtida! Essas condições eram o arrependimento e a aceitação de Jesus como Senhor e Salvador. Havia, ainda, um pouco de tempo. Mas o caso deles não tinha esperança, pois o pecado, o preconceito, a rebeldia e a presunção ocultaram de seus olhos estas condições básicas para a paz.

Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão (43). Estas palavras vívidas descrevem o cerco de Jerusalém e a destruição final da cidade pelos romanos como se estivessem sendo vistas ao vivo.[3]

3. *Jesus Purifica o Templo* (19.45-46)

Para uma discussão a respeito deste episódio, veja os comentários sobre Mateus 21.12-13.

4. *A Oposição ao Seu Ensino no Templo* (19.47-48)

E todos os dias ensinava no templo; mas os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo (48). Esse ensino não era uma atividade isolada, mas refere-se à atividade de Jesus durante a sua última semana na terra (cf. 21.37). A oposição era, também, um esforço contínuo e concentrado, por parte dos líderes judeus, para destruí-lo.

E não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o (48). Os planos deles foram temporariamente frustrados, porque Jesus ainda mantinha uma considerável popularidade junto às massas. Mas essa popularidade não se transformou em uma verdadeira devoção por parte do povo. Isso logo ficou demonstrado quando eles foram facilmente levados a tomar partido contra Jesus em seu julgamento diante de Pilatos.

B. O Ensino Diário no Templo, 20.1—21.4

1. *A Autoridade de Jesus é Questionada* (20.1-8)

Para uma discussão detalhada a respeito deste episódio, veja os comentários sobre Mateus 21.23-27.

2. *A Parábola dos Lavradores Perversos* (20.9-18)

Para uma discussão detalhada a respeito desta parábola, veja os comentários sobre Mateus 21.33-46.

3. *"Dai ... a César ... e dai a Deus"* (20.19-26)

Para uma discussão a respeito do ensino contido no versículo 19, veja os comentários sobre Marcos 12.12. Para os versículos 20-26, veja os comentários sobre Mateus 22.15-22.

Maclaren tem um excelente esboço sobre a questão do versículo 24: "De quem tem a imagem e a inscrição?" Enfatizando o pensamento de que o homem tem estampada em sua alma a imagem de Deus, ele destaca estes três pontos: 1) A imagem estampada no homem e a conseqüente obrigação; 2) A deformação da imagem e o gasto incorreto da moeda; 3) A restauração e o aperfeiçoamento da imagem deformada.

4. *Os Sete Maridos e a Ressurreição* (20.27-40)

Veja os comentários sobre Mateus 22.23-33. Lucas faz um pequeno acréscimo à versão de Mateus no versículo 36: **Porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição**. Em paralelo a esta afirmação completa, Mateus diz simplesmente: "Mas serão como os anjos no céu". O casamento não mais será necessário após a ressurreição, pois todos os homens serão imortais. O propósito do casamento é repovoar a terra, substituir os que morrem; após a ressurreição, as pessoas não mais morrerão, e assim não precisarão ser substituídas. **Iguais aos anjos**, significa igualmente imortais.

E, respondendo alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste bem (39). Veja os comentários sobre Marcos 12.32-34*a*. O relato de Lucas é uma abreviatura do episódio que Marcos descreve com mais detalhes.

E não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma (40). Veja o comentário sobre Marcos 12.34*b*.

5. *Filho ou Senhor de Davi?* (20.41-44)

Veja os comentários sobre Mateus 22.41-45.

6. *"Guardai-vos dos Escribas"* (20.45-47)

Estes três versículos em Lucas são um resumo do discurso de Jesus a partir do qual Mateus compôs seu "capítulo das aflições". Veja os comentários sobre Mateus 23.

7. *O Maior Presente* (21.1-4)

Veja os comentários sobre Marcos 12.41-44.

C. A REVELAÇÃO DO FUTURO, 21.5-38

1. *"Quando Serão Essas Coisas?"* (21.5-9)

Veja os comentários sobre Mateus 24.1-6. Lucas faz um acréscimo ao relato de Mateus. Na referência ao Templo, no versículo 5, que levou ao discurso sobre o futuro, Lucas é mais específico do que Mateus. No relato de Mateus, nos é dito simplesmente que os discípulos lhe mostraram "a estrutura do templo". Mas Lucas diz que alguns falavam **a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas** – literalmente, "dádivas consagradas".

Formosas pedras se refere provavelmente à beleza e ao grande tamanho dos blocos de mármore com os quais o Templo foi construído. Josefo diz que algumas das pedras chegavam a ter quarenta côvados de comprimento por dez de altura. Isto seria cerca de dezoito metros de comprimento por quatro metros e meio de altura.

Também é possível que essas **formosas pedras** se referissem não aos blocos de pedra, mas às pedras preciosas com as quais o Templo fora decorado. O uso do termo **ornado** daria um certo peso a esta interpretação. No entanto, a resposta de Jesus de que **se não deixará pedra sobre pedra** parece fazer da primeira interpretação a correta.

As **dádivas** eram, evidentemente, as muitas coisas valiosas doadas ao Templo por personagens importantes, como a videira de ouro doada por Herodes.

2. *As Dificuldades Vindouras* (21.10-19)

Veja os comentários sobre Mateus 24.7-14. Veja também os comentários sobre Mateus 10.17-22,30. No versículo 15, Lucas dá o mais belo e confortador acréscimo ao relato de Mateus: **Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir**. Como Marcos nos lembra, é o Espírito Santo quem falará por intermédio da boca do cristão em tais ocasiões (Mc 13.11). Exemplos do cumprimento dessa promessa são a defesa de Estêvão diante do Sinédrio (At 7), e as defesas de Paulo diante de Félix (At 25) e do rei Agripa (At 26).

Na vossa paciência, possuí a vossa alma (19). Suportar pacientemente a perseguição e as dores e confiar no poder de um Deus totalmente sábio, amoroso e todo-poderoso é o caminho para a vitória.

Em 17-19, Ryle fornece um esboço de três pontos: 1) Uma declaração alarmante – **E de todos sereis odiados**; 2) Uma promessa consoladora – **Não perecerá um único cabelo da vossa cabeça**; 3) Uma orientação encorajadora – **Na vossa paciência, possuí a vossa alma.**

3. *O Cerco a Jerusalém* (21.20-24)

Veja os comentários sobre Mateus 24.15-28. O relato de Lucas é mais breve do que o de Mateus, mas a referência à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. pode ser vista mais claramente. Onde Mateus usa a vaga linguagem da profecia de Daniel, "a abominação da desolação" (24.15), Lucas claramente afirma que eles verão **Jerusalém cercada de exércitos** (21.20). Novamente, onde Mateus se refere à "grande aflição" ou à "grande tribulação" e em termos um tanto vagos sugere a destruição de Jerusalém (24.21-28), Lucas usa uma linguagem clara e direta. Ele diz: **cairão a fio de espada e para todas as nações serão levados cativos** (21.24).

Neste ponto encontramos em Lucas uma parte significativa da profecia que os outros sinóticos omitem: **E Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem** (24). Neste ponto, Jesus anuncia, claramente, que Jerusalém será dominada por conquistadores gentios. **Os tempos dos gentios** pode significar o "dia da graça" dos gentios,[4] isto é, o período da igreja.

4. *Sinais da Segunda Vinda de Cristo* (21.25-28)

Veja os comentários sobre Mateus 24.29-31. Nos versículos 26 e 28, Lucas nos fornece partes da profecia do Mestre omitidas pelos outros dois sinóticos: **Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados** (26). Isto expressa o terror que se apoderará dos não-convertidos quando essas calamidades previstas ocorrerem. **Homens desmaiando de terror** é, literalmente, "os corações dos homens desfalecendo", e sugere um desejo de morrer em vez de enfrentar esses terríveis julgamentos.

Quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima (28). As mesmas ocorrências incomuns que produzirão terror nos corações dos não-convertidos serão, para os verdadeiros discípulos de Cristo, sinais de que a sua redenção final e eterna está se aproximando. É interessante notar a freqüência com que Lucas inclui as declarações de encorajamento do Mestre que os outros sinóticos omitem.

5. *A Parábola da Figueira* (21.29-33)

Veja os comentários sobre Mateus 24.32-42.

6. *A Importância da Vigilância* (21.34-36)

E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glutonaria (ou "não permitam que vossas mentes sejam entorpecidas pela dissipação"), **de embriaguez... e venha sobre vós de improviso aquele dia** (34). O Mestre termina o discurso com um alerta ríspido e vívido a seus discípulos, para que nunca se descuidassem, de modo que o dia do Senhor os encontrasse despreparados. Está aqui a insinuação definitiva de que o retorno do Senhor não pode ser datado. Ele pode ocorrer a qualquer momento.

Porque (o dia da vinda do Senhor) **virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra** (35). A repentina vinda do Senhor será para aqueles que não estão preparados como o repentino fechamento de uma armadilha sobre um animal que nem sequer suspeitava dela. Nesse dia haverá somente duas classes de pessoas: aquelas que estão prontas, para as quais a vinda de Cristo será um supremo prazer, e aquelas que não estão prontas e para quem o seu retorno será como um golpe de destruição.

Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas... e de estar em pé diante do Filho do Homem (36). Oração e vigilância incessantes são as chaves para estarmos sempre preparados. Isto exige os nossos próprios esforços mais a ajuda de Deus, que é obtida através da oração. **Estar em pé** significa estar justificado, permanecer aprovado.

7. *Como Jesus Gastou o Seu Tempo em Jerusalém* (21.37-38)

E, de dia, ensinava no templo e, à noite, saindo, ficava no monte... das Oliveiras (37). Isto se refere, não a uma ocasião específica, mas à prática de Jesus durante os últimos dias antes da sua morte. As palavras gregas traduzidas como **de dia** significam literalmente "durante o dia" ou "diariamente". Lucas havia omitido vários acontecimentos da Semana da Paixão, e ele cobre a omissão com esta afirmação genérica.

Adam Clarke acredita que a afirmativa de que Jesus passou suas noites no Monte das Oliveiras se refere a Betânia, onde Ele muitas vezes visitava os seus amigos, sendo Betânia uma "cidade aos pés ou na encosta do Monte das Oliveiras".[5] Mas a palavra grega traduzida como **ficava** neste versículo significa literalmente alojar-se em um local aberto.[6] Portanto, alguns entendem que Jesus passou várias noites a céu aberto no Monte das Oliveiras.

E todo o povo ia ter com ele ao templo, de manhã cedo, para o ouvir (38). Isto também se refere à prática dele durante aqueles últimos dias, e não a um evento isolado. Aqui fica evidente a contínua popularidade que Jesus tinha junto às massas. O povo mal podia esperar para ouvi-lo; levantavam-se cedo e corriam para o templo, onde o Senhor costumava estar de manhã, bem cedo.

Seção VII

A PAIXÃO DE CRISTO

Lucas 22.1—23.56

A. A Preparação Final, 22.1 -13

1. *A Conspiração dos Seus Inimigos* (22.1-2)
Veja os comentários sobre Mateus 26.1-5. Veja também Marcos 14.1-2.

2. *Judas Faz uma Barganha* (22.3-6)
Veja os comentários sobre Mateus 26.14-16. Lucas adiciona o detalhe de que **entrou, porém, Satanás em Judas.** Isto é mais do que um mero exemplo do uso de linguagem forte e vívida; mostra a relação de Satanás com a Crucificação. Satanás – e não simplesmente Judas e os principais dos sacerdotes – conspirou para que Cristo fosse assassinado. Quando ele conseguiu o seu propósito, pensou sem dúvida que havia dado um golpe de morte no Reino de Deus na terra. Mas, ao contrário, isso ajudou a trazer a sua própria ruína, pois esta "derrota" de Cristo era a maior vitória de todos os tempos.

3. *A Preparação para a Páscoa* (22.7-13)
Veja os comentários sobre Mateus 26.17-19 e Marcos 14.12-16. A narração feita por Marcos deste episódio é muito mais detalhada do que a de Mateus. Lucas segue Marcos bem de perto.

B. A Última Ceia, 22.14-38

1. *A Ceia do Senhor é Instituída e a Traição é Predita* (22.14-23)

E, chegada a hora, (14) refere-se à hora da Páscoa – a hora de comer o cordeiro pascal, que era ao anoitecer, ao pôr-do-sol. Ele **pôs-se à mesa** (literalmente, "reclinou-se") **e, com ele, os doze.** Ele e os seus doze apóstolos se reclinaram juntos ao redor da mesa onde a refeição pascal estava servida.

E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça (15). Esta é uma forma hebraica que significa: "Eu desejei grandemente comer a Páscoa com vocês, etc". Observe a tradução precisa de Lucas, do original aramaico ao grego, das exatas palavras de Jesus.

Este forte desejo brotava de duas fontes. Jesus sentia a ansiedade normal e humana por estes preciosos últimos momentos de comunhão com os companheiros a quem amava, antes que a morte o separasse deles. Ele também conhecia a importância espiritual que este anoitecer teria para a Igreja nos séculos futuros.

Porque... não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus (16). Esta previsão aponta para um duplo cumprimento. Primeiro, para a bênção espiritual que Cristo e o seu povo desfrutarão juntos como resultado de sua morte próxima. Esta é a herança espiritual de cada verdadeiro seguidor de Jesus Cristo. O segundo e último cumprimento desta previsão é o que poderíamos chamar de "O Grande Banquete Messiânico", por ocasião da segunda vinda do nosso Senhor. A ceia do Senhor tipifica tanto a festa espiritual quanto o banquete messiânico.

E, tomando o cálice (literalmente, "tendo recebido o cálice") **e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós** (17). O Mestre oficia aqui a celebração da festa da Páscoa e não a santa ceia. Barnes está correto ao afirmar que este não era o cálice sacramental, mas um dos cálices compartilhados como parte da celebração da Páscoa.[1] O cálice sacramental é aquele mencionado no versículo 20. Aqui, Jesus dá todo o conteúdo do cálice pascal a seus discípulos.

Porque... já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus (18). Esta linguagem é figurada. Jesus está, pela última vez, comendo a páscoa judaica. Antes de outra celebração como esta, ocorrerão a sua morte redentora, a sua ressurreição, e a descida do Espírito Santo no Pentecostes. A páscoa terá sido substituída pela Ceia do Senhor, e o Reino de Deus terá chegado em um sentido novo e glorioso. Veja, também, os comentários sobre o versículo 16.

Para uma discussão a respeito dos versículos 19 e 20, veja os comentários sobre Mateus 26.26-29. Para uma discussão a respeito dos versículos 21-23, veja os comentários sobre Mateus 26.20-25.

2. *Quem Será o Maior* (22.24-30)

E houve também entre eles contenda sobre qual deles parecia ser o maior (24). Isto era, evidentemente, um debate sobre qual dos discípulos teria a mais elevada posição no reino que eles esperavam que Jesus estabelecesse em um futuro não muito distante. Quase três anos junto de Jesus não haviam purificado os seus corações do egoísmo. Este ministério seria desempenhado pelo "santificador", o Espírito Santo. Nem o espírito de Jesus nem as suas explicações sobre a natureza do Reino haviam sido total-

mente compreendidos pelos discípulos. Nem suas profecias sobre a destruição de Jerusalém e os sofrimentos que seus seguidores seriam obrigados a suportar foram suficientes para mudar a noção que tinham sobre o Reino, ou diminuir o ardor que sentiam por posições de destaque.

Embora o relato desta **contenda** em particular sobre a grandeza relativa entre os apóstolos seja peculiar a Lucas, não há justificativa suficiente para supor, como faz Adam Clarke, que Lucas tenha inserido este relato em uma posição errada em seu Evangelho. Clarke concorda que esta não pode ter sido a disputa anteriormente registrada por Lucas (9.46), e assim conclui que Lucas deveria ter em mente o episódio relatado por Mateus (20.20ss.) e Marcos (10.35ss.).[2] Esta conjectura só seria razoável se o episódio estivesse em desarmonia com o contexto no qual Lucas o insere, ou com a atitude e o nível de compreensão dos apóstolos naquele tempo. Nenhuma dessas condições necessárias é verdadeira.[3]

E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles (25). Nos reinos dos gentios, a grandeza era sinônimo de autoridade. **E os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.** Esses tiranos, como Ptolomeu Evérgeta, do Egito, escolhiam o título "Benfeitor". Este também se aplicava a vários dos imperadores romanos. Em alguns casos, os monarcas de fato mereciam o título; porém, de forma geral, eles eram mais comumente uma maldição ou um flagelo.

Mas não sereis vós assim (26). No Reino de Cristo, a grandeza é mais do que um título e mais do que uma posição ou autoridade. **Antes, o maior entre vós seja como o menor.** Esperava-se que os mais jovens demonstrassem consideração por aqueles que fossem mais velhos. Esta mesma consideração ou humildade é demonstrada por aquele que é "grande" no reino de Deus. A humildade é uma das maiores qualidades da verdadeira grandeza. **E quem governa, como quem serve.** Servir deve ser uma marca de distinção: quanto maior o serviço prestado, maior o homem. Todos os cristãos devem ser servos – de Deus e dos seus semelhantes.

Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? (27). Nos dias de Jesus, a resposta quase universal a esta pergunta teria sido que aquele que estivesse sentado à mesa seria o maior. O servo era um mero escravo. Assim, Jesus responde a sua própria pergunta em termos do conceito predominante de grandeza: **Não é quem está à mesa?** É quase como se Ele estivesse concordando com a noção popular, porém é contra este conhecimento hipotético que Ele diz: **Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve.** Jesus está dizendo que servir é um emblema da verdadeira grandeza. Ele também está dizendo que mesmo em um mundo onde a visão oposta é a que vigora, onde a autoridade e a posição são sinais de grandeza, e onde um servo vale quase nada, o cristão deve seguir o caminho do servir. À medida que cada cristão segue este caminho, enxerga as divinas pegadas que mostram que o Mestre passou por ali antes dele.

E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações (28). Após a gentil repreensão, e após suas instruções corretivas a respeito da verdadeira grandeza, Jesus carinhosamente lembra aos discípulos que eles haviam sido leais a Ele em suas horas de provação. À medida que se tornaram capazes e entenderam, eles tomaram o caminho do servir. O Mestre sabia que o obstáculo restante, a carnalidade, seria removido no Pentecostes.

E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou (29). Este versículo se refere ao reino espiritual presente, a Igreja, da qual os apóstolos, em breve, seriam os líderes. A palavra traduzida como **destino** contém em si a idéia de aliança. Cristo faz um pacto com os seus apóstolos, assim como o Pai fez com Ele. Portanto, os discípulos terão lugares de destaque no Reino, mas com uma diferença que eles não haviam antecipado. Servir a Deus e à humanidade é uma tarefa acompanhada por privações, perseguições e pela morte como um martírio. Mas eles não seriam esquecidos pelo Mestre, a quem os seus serviços seriam prestados com alegria.

Para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel (30). Isto se refere ao Reino celestial, que incluirá como cidadãos aqueles que foram fiéis às suas responsabilidades espirituais nesta vida. O Mestre usa duas figuras para ilustrar a honra e a recompensa de seus discípulos no Reino celestial. A primeira figura é o banquete messiânico, uma metáfora favorita entre os judeus. Nesse banquete eles comerão, à mesa do Senhor, as boas coisas do paraíso. A segunda figura é a da realeza: eles se sentarão em *tronos*, julgando as doze tribos de Israel. Esta linguagem é figurada, mas parece sugerir que, assim como o seu Mestre, eles serão rejeitados pelos judeus e, por fim, se tornarão os maiores entre todos os israelitas.

3. *A Negação de Pedro é Profetizada* (22.31-34)

Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo (31). Isto é remanescente dos esforços de Satanás para pegar Jó através de seu processo de "cirandar/peneirar". A seqüência, entretanto, mostra que ele teve mais sucesso com Pedro do que com Jó, embora este sucesso tenha sido apenas temporário. Talvez Satanás estivesse animado por seu sucesso em afastar Judas do Mestre.

Satanás deseja **cirandar** todos os filhos de Deus, e fará tudo o que puder para provar que eles não são dignos do Mestre. É necessário estar em constante oração para se livrar do "maligno".[4]

A figura de cirandar como trigo é uma metáfora que seria facilmente compreendida pelos ouvintes de Jesus. Cirandar ou peneirar tem por objetivo remover o joio ou os resíduos do trigo. Satanás peneira por meio da tentação que ele usa para poder nos separar do **trigo** do Senhor.

Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça (32). O Mestre roga dessa maneira por todos os seus discípulos. As orações são respondidas à medida que a nossa fé é fortalecida. Satanás não foi proibido de tentar Pedro, nem está impedido de nos tentar. Nessas tentações, a decisão final pela vitória ou derrota deve ser tomada por aquele que é tentado. Mas Cristo não é um espectador neutro deste combate. Nós temos a sua intercessão e também a assistência celestial.

E tu, quando te converteres, confirma teus irmãos. "Quando você estiver recuperado" ou "quando você voltar" do conflito com Satanás, então ajude a estabelecer os seus irmãos. Jesus sabia pelo que Pedro passaria em breve. Por mais humilhante que fosse o resultado, o Senhor também sabia que Pedro se tornaria mais sábio como resultado da experiência, e que seria capaz de ajudar a sua Igreja e impedir que seus servos caíssem como vítimas de uma tentação semelhante.

Para uma discussão a respeito dos versículos 33 e 34, veja os comentários sobre Mateus 26.31-35.

4. *Ordens Mudadas* (22.35-38)

Quando vos mandei sem bolsa, alforje (literalmente, "bolsa para provisões") **ou sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa?** (35). Quando Jesus enviou os Doze anteriormente em seu ministério,[5] eles se beneficiaram da popularidade de seu Mestre. Nada lhes faltou, embora não tenham levado provisões; tudo foi providenciado por um povo generoso e favorável.

Mas agora (36). Uma grande mudança está ocorrendo. Em vez da aclamação popular, o Mestre vê a Cruz, e seus discípulos compartilharão o seu descrédito da mesma forma que compartilharam a sua popularidade. Além disto, dentro de pouco tempo Ele não estaria mais com eles. Eles devem partir para levar uma mensagem, nem sempre popular, a um povo muitas vezes grosseiro. E, desta vez, eles não irão apenas às "ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10.6). A incumbência deles será: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15).

Aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje. Embora os trabalhadores sejam dignos de seus salários, eles muitas vezes não receberão o que lhes é devido. Por esta razão, devem estar preparados para se sustentarem por conta própria. A frase **aquele que tiver bolsa** nos lembra que haverá desigualdade de bens terrenos entre os mensageiros da Cruz. Alguns serão capazes de sustentar a si e a outros, como por exemplo Barnabé. Outros não terão posses terrenas.

E o que não tem espada, venda a sua veste e compre-a. Esta é uma passagem difícil. Alguns sugeriram que a palavra **espada** não constava no manuscrito original do Evangelho de Lucas, mas que seria uma interpolação.[6] Outros pensam que a palavra deveria ser entendida de forma figurada, sugerindo os dias difíceis que se seguiriam – a usual hostilidade do mundo para com aqueles que levam a mensagem do evangelho.[7] Há ainda outros que pensam que a palavra deveria ser entendida de forma literal, mas que a espada seria usada somente em caso de defesa própria (contra assaltantes, etc).[8] Os estudiosos estão de acordo sobre um tópico: que Jesus não está defendendo o uso da força, seja para propagar ou defender o evangelho. O próprio Senhor Jesus deu o exemplo neste particular, entregando-se sem resistência àqueles que vieram prendê-lo. O sangue de centenas de milhares de mártires cristãos fala com eloqüência sobre como outros seguiram o exemplo do Mestre.

Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado (37). Jesus está, aqui, dizendo duas coisas. Primeiro, Ele está dizendo que a profecia de Isaías a respeito de sua morte como malfeitor (Is 53.12) deve ser cumprida. Ele está dizendo, adicionalmente, que como Ele será tratado deste modo, os seus seguidores não devem esperar um tratamento diferente. **Porque o que está escrito de mim terá cumprimento.** Seu ministério terreno então era algo temporal e devia, portanto, chegar a um fim, e esse fim estava muito próximo. A profecia de Isaías implicava tudo isso.

E eles disseram: Senhor, eis aqui duas espadas (38). A tendência material e terrena das mentes dos discípulos é evidente. A referência de Jesus à necessidade de espadas, conectada com a súbita consciência do perigo presente, os tornou mais preocu-

pados em encontrar essas duas espadas do que entender a grande verdade que o Mestre estava expondo. **E ele lhes disse: Basta.** Isto parece não se referir às espadas, mas é equivalente a dizer: "Chegou a hora" ou "Nós demoramos demais" ou "Ele não precisa dizer mais nada". Jesus parece ter ignorado suas referências às espadas.

Godet sugere outro possível significado para o comentário do Mestre: **Basta.** Ele acredita que esta resposta pode ter sido dada como uma reação irônica à mentalidade física e material dos discípulos. Portanto, Ele queria dizer: "Sim, para o uso que vocês terão para esse tipo de arma, essas duas espadas bastam" – significando, naturalmente, que quanto menos espadas eles tivessem, melhor.[9] Independentemente de quão interessante seja esta interpretação, a gramática das palavras do Mestre parece favorecer a interpretação anterior.

C. O Getsêmani, 22.39-53

1. *A Oração no Jardim* (22.39-46)

Veja os comentários sobre Mateus 26.30,36-46. Lucas fornece duas pequenas informações não relatadas pelos outros dois sinóticos. Elas se encontram nos versículos 43 e 44.

E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava (43). Sua necessidade deste conforto testemunha a intensidade da angústia mental do conflito pelo qual a sua alma estava passando. O conforto recebido era provavelmente necessário para evitar a sua morte antes da hora do seu sacrifício pelos pecados no Calvário.

E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão (44). Alguns interpretaram este versículo como se indicasse apenas o grande tamanho das gotas de **suor**, mas os intérpretes conservadores da igreja, desde Atanásio até os dias de hoje, têm insistido na literalidade do sangue. O significado parece ser que o **suor** estava misturado com **sangue**, dando assim a impressão de puro sangue saindo pelos poros da pele de Jesus. Muitos peritos testemunham que um grande sofrimento, ou agonia mental, pode fazer o sangue se misturar com a transpiração do corpo humano.

2. *A Traição e a Prisão* (22.47-53)

Veja os comentários sobre Mateus 26.47-56. Lucas adiciona duas pequenas informações não encontradas nos outros sinóticos. No versículo 48, ele relata Jesus dizendo a Judas: **Com um beijo trais o Filho do Homem?**

Um acréscimo importante é encontrado no versículo 51. Ali Lucas reporta que Jesus curou o servo do sumo sacerdote cuja orelha havia sido decepada. Este não é só mais um fato sobre a vida de Jesus; isto também nos dá um dos poucos vislumbres do interesse especial de Lucas. Como médico, é natural que ele tomasse nota deste milagre, que não é uma duplicação de outro milagre registrado de Jesus. Este interesse especial de Lucas dá maior peso à crença tradicional de que ele era um médico.[10]

Pois **esta é a vossa hora e o poder das trevas** (53), Maclaren sugere: 1) A cruz de Jesus Cristo é o centro e o ponto de encontro das energias de três mundos; 2) A cruz é o ponto máximo, a "marca d'água", do pecado do homem; 3) O triunfo temporário das trevas é a eterna vitória da luz.

D. O Julgamento Judaico, 22.54-71

1. *A Negação de Pedro* (22.54-62)

Veja os comentários sobre Mateus 26.57-75. Lucas faz uma contribuição significativa ao relatar este evento. Ela se encontra no versículo 61. **E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro.** Isto provavelmente ocorreu quando Jesus estava sendo levado de seu interrogatório diante de Anás para o seu julgamento perante Caifás e o Sinédrio. João se refere a essa mudança de local, ao dizer: *Anás mandou-o, manietado, ao sumo sacerdote Caifás* (Jo 18.24). Jesus foi levado pelo pátio enquanto Pedro estava veementemente engajado em sua terceira negação. A repentina e inesperada aparição do Mestre, o olhar de bondade e suave repreensão que Pedro pôde contemplar na face de Jesus, a lembrança da advertência de que ele faria exatamente aquilo que estava fazendo naquele momento, reforçaram, tremendamente, o efeito produzido pelo cantar do galo. O resultado foi um amargo remorso e um profundo arrependimento.

2. *Jesus é Condenado pelo Sinédrio* (22.63-71)

Para uma discussão a respeito dos versículos 63-65, veja os comentários sobre Mateus 26.67-68. Para uma discussão a respeito do versículo 66, veja os comentários sobre Mateus 27.1.

Se tu és o Cristo, dize-nos. Ele replicou: Se vo-lo disser, não o crereis (67). Caifás e o Sinédrio já tinham decidido de forma irrevogável o que pretendiam fazer. Embora a pergunta feita, evidentemente por Caifás, tenha a aparência de sinceridade, ela era, na realidade, uma sutil tentativa de fazer Jesus dizer alguma coisa que o incriminasse. Sua resposta mostra como Ele os entendia.

E também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis (68). A palavra grega traduzida como **perguntar** é um termo amplo e pode ser traduzida como "pergunta", "perguntar", "pedido", "implorar" ou "pedir". Assim, a declaração de Jesus podia ter dois significados. Ela podia significar: "Se eu vos perguntar com respeito a Cristo, vós não me respondereis e, portanto, eu não posso vos convencer de que estou certo na minha reivindicação e não posso esperar ser absolvido". Ou a declaração podia significar: "Se eu pedir ou rogar que me solteis, vós me ignorareis e vos recusareis a dar-me a minha liberdade". O fato de ambos os significados estarem em harmonia com o contexto torna ainda mais difícil a escolha entre os dois. Entretanto, as exatas palavras da sentença, especialmente a inserção da frase **não me respondereis**, parece favorecer a interpretação anterior. Godet, que está em harmonia com esta visão, parafraseia, portanto, as palavras do Mestre: "Eu não posso tratar-vos nem como juízes a quem estou procurando convencer, pois vós já estais determinados a não dar crédito às minhas declarações, nem como discípulos a quem estou me empenhando em instruir, pois vós não entraríeis em uma justa discussão comigo".[11]

Desde agora, o Filho do Homem se assentará à direita do poder de Deus (69). Jesus vai além da pergunta deles, com a sua reivindicação e predição. Este era um passo ousado, pois a declaração podia ser mais facilmente interpretada como blasfêmia do que como uma resposta afirmativa à pergunta: "És o Cristo?". Alguns entendem que o conceito judaico do Cristo ou Messias não era tão elevado – ele não incluía a filiação divina. Jesus parece ter tido duas razões para fazer a sua corajosa

reivindicação e predição: dar um fim ao inútil julgamento e deixar um pronunciamento final da verdade a respeito de si próprio.

E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? (70). Eles queriam que Jesus esclarecesse as implicações de sua declaração no versículo 69. Eles, sem dúvida, entenderam a implicação disto, mas queriam a sua reivindicação categórica de ser o Filho de Deus, pois com isso poderiam condená-lo. **E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou.** Esta é uma forma hebraica de afirmação. Ela não só convencia o Sinédrio de que Jesus havia blasfemado, mas podia ser tomada como uma clara reivindicação, por nosso Senhor, de sua divindade.

De que mais testemunho necessitamos? Pois nós mesmos o ouvimos da sua boca (71). Eles aceitaram a afirmação, a interpretaram como blasfêmia, e condenaram a Jesus. Mas era isso que haviam determinado fazer desde o início.

E. O JULGAMENTO ROMANO, 23.1-25

1. *A Primeira Audiência Diante de Pilatos* (23.1-5)

Para uma discussão a respeito do versículo 1, veja os comentários sobre Mateus 27.2. Veja também Marcos 15.1.

E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei (2). Nada foi dito sobre a acusação de blasfêmia pela qual Ele fora condenado pelo Sinédrio. Eles não mencionaram isso porque não era um crime sob a lei romana, e eles estavam determinados a levá-lo à morte. Portanto, inventaram novas acusações que correspondiam a crimes.

A extensão da hipocrisia daqueles homens é vista no fato de que as "maldades" de que acusavam Jesus eram as posições que eles próprios (exceto os Herodianos) sustentavam fortemente em circunstâncias normais. Os judeus conservadores da época de Cristo menosprezavam Roma e esperavam alguém que os livrasse do jugo estrangeiro. Eles não podiam, por outro lado, ser sinceros em suas acusações de que Ele era um perigo para Roma. Jesus sempre tinha resistido a cada esforço calculado para induzi-lo a fazer ou dizer alguma coisa que poderia ser interpretada como anti-romana.

Para uma discussão a respeito do versículo 3, veja os comentários sobre Mateus 27.11.

E disse Pilatos... Não acho culpa alguma neste homem. Mas eles insistiam cada vez mais (4-5). Pilatos estava a par dos motivos deles e não viu em Jesus nada que fosse uma ameaça para Roma. A impetuosidade deles atestava a sua determinação e o seu ódio intenso. Como Pilatos não se perturbava com a insinuação deles de que Jesus era culpado de traição, eles inventaram uma nova acusação. Desta vez chegaram mais próximo dos interesses pessoais de Pilatos: Ele **alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui.** Eles, sem dúvida, sabiam que Pilatos temia que os judeus se revoltassem, pois ele não podia esperar manter a sua posição, a menos que pudesse controlar aquele povo rebelde. Os acusadores de Jesus sentiam que Pilatos teria que agir se houvesse o risco de uma revolta popular. Mas a menção da Galiléia deu a Pilatos uma idéia que eles não haviam antecipado.

2. *Jesus é Levado à Presença de Herodes* (23.6-12)

Este episódio é peculiar a Lucas. **Então, Pilatos, ouvindo falar da Galiléia, perguntou se aquele homem era galileu. E... remeteu-o a Herodes, que também, naqueles dias, estava em Jerusalém...** (6-7). Esta pareceu a Pilatos uma excelente oportunidade de passar um problema complicado e potencialmente perigoso para outra pessoa. Ele, provavelmente, esperava que Herodes cuidasse do caso para ele ou pelo menos fornecesse um julgamento que servisse como suporte. Isto o ajudaria tanto na sua decisão como diminuiria a sua própria responsabilidade pelo destino de Jesus e pelas reações dos líderes judeus. Veja no versículo 12 um segundo motivo que, sem dúvida, estava presente na mente de Pilatos ao enviar Jesus a Herodes.

E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito, porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal (8). Este era Herodes Antipas, o infame por seu adultério com Herodias e por ter assassinado João Batista. Seu único interesse em Jesus era a curiosidade – ele queria ver e ser entretido pelo famoso "realizador de milagres".

E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia (9). Os esforços de Herodes foram amplos, porém infrutíferos. Jesus se recusou a ser usado como objeto de entretenimento daquele rei assassino e incestuoso, a quem Ele não temia nem respeitava.

E estavam os principais dos sacerdotes e os escribas acusando-o com grande veemência (10). Jesus era a única Figura passiva naquele tribunal. Embora seus acusadores fizessem de tudo para tornar suas acusações eficazes, Jesus permanecia inabalável. Herodes não tinha qualquer interesse no caso, além da curiosidade.

E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o, e, escarnecendo dele... (11) ou "fez pouco dele e ridicularizou-o" (Goodspeed). Nas palavras de Spence: "Ele o tratou não como um criminoso, mas como um religioso entusiasta nocivo, digno somente de desprezo e escárnio".[12] Esta atitude foi, sem dúvida, alimentada pelo fato de Jesus não satisfazer a curiosidade de Herodes.

E, no mesmo dia, Pilatos e Herodes, entre si, se fizeram amigos; pois, dantes, andavam em inimizade (12). Esta foi provavelmente uma razão pela qual Pilátos mandou Jesus a Herodes. A causa da inimizade entre eles não é conhecida, mas acredita-se comumente ter sido a matança dos galileus, mencionada em Lucas 13.1-2. Foi a cortesia e a deferência de Pilatos para com Herodes que remediou a discórdia.

3. *O Segundo Comparecimento Diante de Pilatos* (23.13-17)

E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados... disse-lhes: Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e... nenhuma culpa... acho neste homem (13-14). Eles haviam falhado por completo em estabelecer sequer uma razoável suspeita quanto a Jesus ter tendências de sedição, ou de representar qualquer perigo em relação a um levante popular.

Nem mesmo Herodes (15). Pilatos está usando o fato de Herodes não condenar Jesus, como suporte para o seu próprio julgamento de que Jesus deveria ser solto. **Eis que não tem feito coisa alguma digna de morte.** Ou ainda: "Nada digno de morte foi feito por ele". Embora Ele tivesse sido julgado duas vezes pelos judeus, uma vez por Herodes e, agora, duas vezes por Pilatos, nenhuma acusação havia sido provada.

Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei (16). Se Pilatos tivesse sido menos covarde, este teria sido o final do julgamento. Mas este veredicto, embora muito mais favorável a Jesus do que o veredicto final, era injusto e cruel. Açoitar um homem a quem ele havia publicamente declarado inocente era o máximo da injustiça. Pilatos esperava, por meio desta concessão aos inimigos de Jesus, impedi-los de atingir os seus objetivos. Ele subestimou a ambos: os inimigos e a extensão de sua própria covardia.

E era-lhe necessário soltar-lhes um detento por ocasião da festa (17). A *necessidade* nesse caso era um costume. Parece que a prática originou-se da liberação de um prisioneiro, talvez comumente um prisioneiro político, a cada ano na época da festividade da Páscoa. O versículo 17 nos lembra, portanto, que a oferta de libertar Jesus, feita no versículo 16, não seria uma absolvição. Pilatos estava, efetivamente, dizendo: "Eu não encontrei crime algum em Jesus e, portanto, ele merece ser solto, mas eu o tratarei como culpado, açoitando-o e então o soltarei seguindo o nosso costume anual". Portanto, esperava ele, Jesus seria livre e ao mesmo tempo os líderes judeus seriam acalmados.

4. *Jesus ou Barrabás?* (23.18-25)

Veja os comentários sobre Mateus 27.15-26. Embora Lucas pouco acrescente a Mateus em termos de fatos ou interpretações, ele expressa de modo excelente, no versículo 25, a ironia, a injustiça e a contradição nas ações e no veredicto final de Pilatos.

F. A CRUCIFICAÇÃO E O SEPULTAMENTO, 23.26-56

1. *Ensinando a Caminho do Calvário* (23.26-31)

O material dos versículos 27-31 é peculiar a Lucas. Para uma discussão a respeito do versículo 26, veja os comentários sobre Mateus 27.32.

E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o lamentavam (27). A narrativa de Lucas tem sido chamada de "O Evangelho das Mulheres" porque as mulheres têm um espaço maior neste Evangelho do que em qualquer dos outros.[13] A lamentação dessas mulheres era a demonstração de sua verdadeira simpatia por Jesus, e um lembrete de que nem todos os corações judeus estavam endurecidos em relação a Ele.

Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém (28). Este discurso teria tomado mais tempo do que o permitido a um condenado a caminho da sua execução. Como a imposição a Simão, o cireneu, de carregar a cruz é mencionada no versículo 26, imediatamente anterior, é razoável supor que este discurso foi feito durante a pausa ocorrida enquanto a cruz estava sendo transferida para Simão. A denominação **Filhas de Jerusalém** indicaria que pelo menos a maioria destas mulheres residia em Jerusalém, distinguindo-as, assim, das mulheres que o seguiam desde a Galiléia.

Não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. A tragédia dele, se puder ser assim chamada, é muito menor do que a delas. Sua morte iminente será seguida por uma gloriosa ressurreição, enquanto elas irão sofrer uma das maiores calamidades da história, a destruição de Jerusalém.[14]

Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis (29) – porque aquelas que tiverem filhos os verão morrer de fome em uma cidade cercada, ou serem trucidados pelo inimigo, ou ainda vendidos como escravos. A trágica conotação desta estranha bem-aventurança – **Bem-aventuradas as estéreis** – só pode ser completamente compreendida quando percebemos o ardente desejo das mulheres judaicas de ter filhos, e a vergonha que sofriam ao saber que não podiam dar à luz.

Então, começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! (30). Aqui Jesus se refere ao indescritível sofrimento durante o cerco a Jerusalém e o que se seguirá (68-70 d.C.).[15] Naqueles dias, ser subitamente esmagado sob uma montanha de terra seria um alívio bem-vindo.

Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco? (31). Esta expressão proverbial compara o que se faz agora a Cristo com o que será feito aos judeus quando Jerusalém for destruída. O **madeiro verde** se refere à lealdade de Jesus aos romanos; a madeira seca se refere à deslealdade crônica dos judeus. Se os romanos são cruéis o suficiente para fazer o que estão fazendo agora Àquele a quem até o seu governador considera ser inocente e leal, quanto mais cruelmente eles tratarão esses desleais e provocativos judeus quando ocorrer a ruptura das relações!

2. *Cristo é Crucificado* (23.32-38)

Para uma discussão a respeito do versículo 32, veja os comentários sobre Mateus 27.38. Mateus e Marcos chamam esses dois colegas de sofrimento de salteadores, enquanto Lucas os chama de **malfeitores** – "fazedores do mal" ou "homens maus".

Para uma discussão a respeito dos versículos 33-38, veja os comentários sobre Mateus 27.33-44. Apenas Lucas relata a oração intercessória de Jesus: **Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem** (34). Esta oração, que é a primeira das sete declarações feitas por Jesus na cruz, parece ter sido dirigida aos soldados, e foi provavelmente expressa enquanto eles o estavam pregando à cruz. A expressão [eles] **não sabem o que fazem** dificilmente poderia se aplicar àqueles judeus que haviam planejado a sua morte, nem poderia se aplicar completamente a Pilatos, embora Jesus não desejasse o mal nem aos judeus e nem a Pilatos.

3. *Um Ladrão Agonizante Convertido* (23.39-43)

Este episódio é peculiar a Lucas. **E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós** (39). A palavra grega traduzida como **blasfemava** significa aqui usar palavras injuriosas e linguagem ofensiva. Os outros dois sinóticos dizem que ambos os ladrões injuriavam ou escarneciam de Jesus. Mas as palavras usadas no original não são tão fortes quanto aquela que é usada aqui por Lucas; elas não indicam nada blasfemo. Colocando as três versões juntas, vemos que ambos os malfeitores o acusavam, mas só um deles usava uma linguagem insultuosa ou blasfema.[16]

Respondendo, porém, o outro, repreendia-o (40). Ao se conscientizar de quem Jesus era, um dos crucificados parou de pronunciar palavras insensatas contra Jesus, e até repreendeu o outro ladrão pela sua blasfêmia. A esta altura ele havia visto as reações de Jesus ao sofrimento e às acusações; ele o ouviu orar por seus executores. Ele o ouvira ser chamado de Cristo e, provavelmente, já possuía algum conhecimento anterior a res-

peito de Jesus. Ele deve, também, ter visto a inscrição acima da cabeça de Jesus. Agora a verdadeira humanidade daquele condenado vem à tona, talvez pela primeira vez em muitos anos.

Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? Esta não é hora de blasfemar. Em uma ocasião como esta, qualquer homem inteligente deveria estar preocupado com o seu relacionamento com Deus.

E nós, na verdade, com justiça... mas este nenhum mal fez (41). Agora ele está pensando corretamente. Ele vê a inocência de Jesus e a injustiça de seu sofrimento. Ele percebe seu próprio pecado e a justiça da sua própria condenação e também a de seu colega ladrão. Mas ele enxergou mais, como mostra o versículo seguinte.

E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino (42). Ele tem entendimento e fé suficientes para reconhecer a Jesus como o Messias. Quando Jesus chegar ao seu Reino, ele quer que o Mestre se lembre daquele que morreu ao lado da sua cruz. O conhecimento deste homem era incompleto e a sua oração não revela, por inteiro, a ansiedade e o lamento da sua alma. Mas o que ele estava realmente pedindo era a salvação do pecado, e um lugar no Reino vindouro de Cristo.

Hoje estarás comigo no paraíso (43). Não "algum dia no meu Reino", mas **hoje... no paraíso.** Jesus ouviu o clamor do coração deste homem, bem como a oração de seus lábios e, desconsiderando a lacuna em seu conhecimento e entendimento, lhe deu a salvação instantânea e a promessa de estar com o Senhor no paraíso. A palavra **paraíso** veio originariamente da Pérsia, e denotava um belo e prazeroso jardim. Ganhou o significado de lugar de felicidade, e aqui se refere ao Céu.[17]

4. *Aquele que Nunca Pecou Morre Pelo Pecado* (23.44-49)

Veja os comentários sobre Mateus 27.45-56. Lucas relata dois itens que não estão nos outros sinóticos. No versículo 46, ele fornece a última das sete declarações de Cristo na cruz. Spence diz que as palavras de Cristo: "Está consumado" (Jo 19.30), foram seu "adeus à Terra", e que a declaração registrada por Lucas: **Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito**, é a sua "saudação de entrada no Céu".[18]

O segundo detalhe peculiar a este Evangelho encontra-se no versículo 48. Lucas nos conta que, além daquelas testemunhas da morte de Jesus mencionadas nos outros Evangelhos, havia uma multidão que **se ajuntara a este espetáculo**, a qual **vendo o que havia acontecido, voltava batendo nos peitos**. A multidão havia tido uma participação na crucificação de Jesus, mas isto não havia sido idéia dela. Eles foram usados por seus líderes; foram vítimas da psicologia de massas e da demagogia. Agora eles estavam experimentando uma inexprimível mudança de sentimentos.

Para estes versículos (44-49), Ryle destaca: 1) Os miraculosos sinais que acompanharam a morte de nosso Senhor na cruz; 2) As palavras notáveis que o nosso Senhor disse ao morrer; 3) O poder de consciência no caso do centurião e da multidão que viu Cristo morrer.

5. *O Sepultamento* (23.50-56)

Veja os comentários sobre Mateus 27.57-61. Veja também os comentários sobre Marcos 15.42-47.

Seção VIII

O CRISTO RESSUSCITADO

Lucas 24.1-53

A. A Ressurreição, 24.1-12

Para uma discussão detalhada a respeito dos versículos 1-6*a* veja os comentários sobre Mateus 28.1-10. Veja também Marcos 16.1-8.

Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, dizendo: Convém que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e, ao terceiro dia, ressuscite (6-7). Não tendo entendido as palavras de Jesus às quais o anjo se refere, as mulheres podem tê-las esquecido. O anjo lhes refresca a memória em um momento em que elas podiam entender a profecia à luz de seu recente cumprimento. Assim, tanto o entendimento do ministério de Jesus na terra como a fé dessas mulheres em sua divindade seriam enriquecidas e fortalecidas.

Mateus e Marcos omitem o lembrete angelical desta profecia. Em seu lugar, eles relatam a incumbência dada às mulheres de contar aos apóstolos que Cristo ia adiante deles para a Galiléia.

E, voltando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais (9). Veja os comentários sobre Mateus 28.8.

Para uma discussão a respeito do versículo 10, veja os comentários sobre Marcos 16.1. O nome de **Joana** é omitido no relato de Marcos. Ela era a esposa de Cuza, procurador de Herodes, mencionado em Lucas 8.3.

E as suas palavras lhes pareciam como desvario (11). Embora Jesus houvesse claramente profetizado a sua morte e ressurreição para seus discípulos, a concepção

que estes tinham do Reino Messiânico não tinha lugar para tal idéia. Agora que chegara a hora, eles estavam tão indecisos e surpresos como se nunca tivessem ouvido as profecias do Mestre. Eles devem ter descartado totalmente essas previsões de suas mentes, como incompreensíveis, ou então as interpretaram espiritualmente. O esquecimento dos discípulos está em vivo contraste com a lembrança pelos membros do Sinédrio a esse respeito. Estes líderes judeus se lembravam que Jesus havia previsto a sua ressurreição após três dias, e foi por essa razão que pediram a Pilatos que colocasse os guardas no sepulcro.[1]

Para uma discussão a respeito do versículo 12, veja os comentários sobre João 20.2-10.

B. APARIÇÕES DO SENHOR RESSUSCITADO, 24.13-49

1. *O aparecimento de Jesus na Estrada para Emaús* (24.13-27)

Godet classifica esta parte como uma das mais admiráveis do Evangelho de Lucas.[2] O relato é peculiar a Lucas, embora Marcos faça, de fato, uma breve referência a este acontecimento (Mc 16.12-13).

E eis que... dois deles (13). Não dos Doze, mas dois do círculo mais amplo dos discípulos. Eles poderiam ser um homem e sua esposa. Um é identificado no versículo 18. O outro tem sido objeto de considerável conjectura, tendo Lucas sido identificado por alguns, mas não há evidência real que nos permita determinar quem seria este discípulo anônimo. Com respeito àquele a quem Lucas identifica como Cleopas, uma abreviação de "Cleopatros", nada se sabe além de seu nome.[3] **No mesmo dia.** O dia da ressurreição, o primeiro dia da semana. **Para uma aldeia... cujo nome era Emaús.** A aldeia chama-se hoje Kolonieh, e é assim chamada porque o imperador Tito fez dela uma colônia para alguns de seus veteranos de guerra. Está localizada, como diz Lucas, a cerca de sessenta estádios de Jerusalém. Um estádio mede 606.75 pés. Portanto, essa aldeia estava a cerca de onze quilômetros de Jerusalém.

E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido (14). Os acontecimentos ligados à morte de Cristo, e o muito incompleto relato de que Ele havia ressuscitado dentre os mortos.

E... indo eles... fazendo perguntas (15). Eles estavam tentando dar sentido a uma confusa mistura de fatos, relatos e noções preconcebidas do Reino Messiânico e seus próprios sentimentos pessoais a respeito de Jesus. Era como um quebra-cabeças que parecia ter alguns pedaços faltando, enquanto outros pareciam não fazer parte dele.

O mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem (15-16). Ou seja, alguma coisa "fechou" os olhos deles, de tal forma que não puderam reconhecê-lo.

Uma coisa que não permitia que esses discípulos reconhecessem Jesus era o fato de que, conforme expresso por Marcos, Ele "manifestou-se em outra forma" (Mc 16.12). De alguma forma, sua aparência pessoal estava mudada. Maria Madalena havia visto o Senhor ressuscitado, sem reconhecê-lo, embora ela o tivesse encontrado nas vizinhanças de seu túmulo (Jo 20.15). O disfarce de Jesus foi mais eficaz aqui devido à incredulidade dos discípulos em relação à ressurreição, e também pelo seu repentino aparecimento na estrada para Emaús.

E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós e por que estais tristes? (17). O Mestre não precisava que lhe dissessem qual era o tema da conversa deles. Esta foi, simplesmente, a maneira que Ele utilizou para juntar-se à discussão, o que Ele fez a fim de ensinar-lhes algumas verdades valiosas.

E.. um... disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém? (18) – literalmente: "Estás em Jerusalém de passagem?" Esta pergunta implica que eles sabiam que Ele havia escutado pelo menos parte da conversa deles. Talvez Ele tivesse caminhado com eles em silêncio, por um curto espaço de tempo, antes de se juntar à discussão. Qualquer um que não fosse um forasteiro em Jerusalém, naquela manhã, saberia a importância, bem como o teor, da conversa sobre Jesus de Nazaré.

E ele lhes perguntou: Quais? (19). Ele queria que eles lhe dessem informações que lhe permitissem ensinar suas verdades a respeito do assunto. E Ele queria fazer isso sem revelar a sua identidade – pelo menos por enquanto. Ele também estava lhes dando uma oportunidade de abrirem seus corações para Ele. **E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno.** Com a certeza de que Ele era um forasteiro, eles relatam breve, mas vividamente, e com profunda emoção, a história de Jesus: que Ele era **um profeta poderoso em obras e palavras**, que fora condenado por intermédio dos esforços dos líderes judeus, e que fora **crucificado**. Eles, provavelmente, incluíram outros detalhes não relatados por Lucas.

E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel (21). Eles ainda o amavam; sofriam profundamente por Ele. Mas pode um Messias morto redimir Israel? Eles estão pensando no rei-Messias, aquele que expulsaria os romanos e faria com que Israel se tornasse novamente uma grande nação.

Mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia... algumas mulheres... nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive (21-23). Este relato das mulheres parece ter confundido estes dois discípulos, ao invés de tê-los encorajado. Eles ainda continuaram tristes (versículo 17), e a esperança que tinham de que Jesus fosse o Messias já era parte do passado. Eles tinham dois problemas: primeiro: Será o relato verdadeiro? e, segundo: O que tudo isso significa em termos do messianato de Jesus e da própria felicidade deles? Até o momento, eles parecem estar suspensos entre a esperança e o desespero.

E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram (24). Esta investigação havia resultado na corroboração parcial, mas não na explicação. Eles viram o sepulcro vazio, mas não viram Jesus. O sepulcro vazio era uma valiosa evidência sustentadora, mas somente a presença do Cristo ressuscitado satisfaria esses discípulos.

E ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! (25). A palavra traduzida como **néscios** significa "fracos de entendimento". Ela não tem a conotação maligna que a palavra usada em nosso idioma tem em seu uso diário. Esta não é a mesma palavra usada em Mateus 5.22, onde somos proibidos de dizer: "Louco" aos nossos irmãos. Godet destaca que esta palavra, **néscios**, se refere ao entendimento, enquanto a palavra traduzida como **tardos** se refere ao coração.[4] Jesus está lhes dizendo que eles haviam entendido incorretamente a predição profética relacionada ao ministério messiânico, e que esta deficiência se devia tanto a uma

falta de compreensão intelectual como a uma indolência espiritual. Uma maior aplicação intelectual, aliada a uma devoção mais profunda e intensa a Deus e à verdade, os teria levado à solução de seus problemas.

Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? (26). A palavra **convinha** significa a necessidade do sofrimento do Cristo. Seus sofrimentos eram necessários para a redenção do homem, e eram o caminho pelo qual Ele entraria **na sua glória** – a glória que começa com a sua ressurreição.

E, começando por Moisés... explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras (27). Esta era a primeira extensa e precisa lição sobre os ensinos messiânicos das Escrituras do Antigo Testamento que eles recebiam. Que lição deve ter sido esta, ministrada pelo próprio Senhor ressuscitado! Neste panorama das Escrituras hebraicas, Jesus fez um inconfundível retrato de si mesmo, de como Ele havia vivido, ensinado e sofrido, e de como Ele era agora – o Senhor ressuscitado. Embora eles não o tivessem visto antes, este quadro e o retrato do rei messiânico estão claramente desenhados no Antigo Testamento.[5]

2. *O Mestre é Reconhecido* (24.28-35)

E chegaram à aldeia... e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco (28-29). Evidentemente estes dois discípulos, talvez marido e mulher, viviam na aldeia de Emaús e estavam retornando de Jerusalém para sua casa. O movimento de Jesus para ir adiante, ao chegarem à casa deles, não era enganoso. Como indicado por Spence, Ele teria ido em frente, se eles não o tivessem convidado para ficar.[6] O convite deles testemunha a cortês hospitalidade e o interesse de ambos por este Forasteiro – um interesse e respeito que devem ter crescido bastante durante o curto período que haviam caminhado juntos.

E... estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram (30-31). Esta foi quase uma repetição da Ceia do Senhor, que fora instituída havia poucos dias, e que lhes falava de uma comunhão abençoada e santa. Não é de admirar que seus olhos se tenham aberto; não é de admirar que eles o tenham conhecido! Este Forasteiro com quem se dispuseram a compartilhar o seu pão era o Salvador, que estava pronto e capacitado a lhes dar o Pão da Vida. Este Forasteiro, que estava à mesa deles, de repente se tornou o Chefe da casa, o Mestre do banquete, e assim Ele será em cada lar e em cada coração onde for convidado a **residir.**

E ele desapareceu-lhes. Não somos capazes de entender a natureza do corpo ressuscitado que permitiria um movimento tão livre como vemos aqui e em outras passagens na história do Cristo ressuscitado. O corpo de Nosso Senhor era real e não apenas aparente. Ainda assim, estava isento das limitações comuns do corpo humano.

Nestes dois versículos (30-31) que descrevem a refeição em Emaús, Maclaren nota que os três pontos da narrativa são: 1) A distribuição do pão; 2) A descoberta; 3) O desaparecimento.

E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando... nos falava e... nos abria as Escrituras? (32). Agora que o haviam reconhecido como o Senhor Jesus, eles entenderam porque seus corações queimavam quando Ele lhes ensinava ao longo do caminho. Estes não foram os últimos discípulos de Cristo

que passaram pela experiência do coração ardente. A Palavra Viva, a Revelação de Deus, havia comunicado a verdade divina e seus espíritos libertos responderam naturalmente à sua voz – que era, sem dúvida, a voz de Deus.

E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze... os quais diziam: Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão (33-34). O espanto e a emoção que sentiram estava em completo contraste com o pessimismo destes discípulos quando começaram a caminhar para Emaús. Desconsiderando completamente os perigos que os espreitavam na estrada semidesértica à noite, retornaram logo a Jerusalém. Porém, as alegres notícias deles teriam que aguardar até que uma segunda aparição do Senhor ressuscitado fosse relatada. Ao entrarem na residência dos onze, ouviram as palavras de júbilo de um discípulo entusiasmado, que dizia: **Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão**. A evidência estava começando a se multiplicar.

E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão (35). Eles relataram todo o episódio, desde a triste conversa até à gloriosa percepção da presença do Senhor. A expressão **partir do pão** tem implicações sacramentais definitivas, especialmente quando nos lembramos de que na ocasião em que Lucas estava escrevendo o seu Evangelho, esta expressão era o nome habitual da Ceia do Senhor.

3. *O Senhor Ressuscitado Visita os Seus Discípulos* (24.36-43)

E, falando ele dessas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles (36). Tanto João como Lucas situam esta aparição no anoitecer do dia da ressurreição de Cristo. João nos informa que "cerradas as portas... com medo dos judeus..." (Jo 20.19). A expressão **Jesus se apresentou no meio deles** indica uma aparição repentina em vez de uma entrada perceptível. **E disse-lhes: Paz seja convosco.** Esta era a saudação judaica usual. Mas, desta vez, ela tinha mais do que o significado habitual para os discípulos de Jesus. Ela transmitia uma mensagem de conforto, coragem e esperança. Para informações adicionais a respeito deste e dos versículos seguintes desta seção, veja os comentários sobre João 20.19-23.

E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. Eles tinham discutido, com júbilo, os relatos de suas aparições pós-ressurreição e deveriam estar esperando que Ele aparecesse a todos eles. Mas, apesar da alegria e da esperança deles, sua aparição repentina – quando todas as portas estavam fechadas – os aterrorizou. Apesar da aparente contradição de sentimentos aqui, temos que confessar que a reação deles foi muito humana e muito normal. A única explicação que parecia de alguma forma razoável para eles, no momento, era que se tratava de um espírito. Como é que Ele poderia aparecer desta maneira?

Neste ponto parece haver uma contradição entre Lucas e João, pois João diz: "Os discípulos se alegraram, vendo o Senhor" (Jo 20.20). Entretanto, João evidentemente se refere à situação de alguns momentos depois, após terem se recuperado da aparição súbita e sobrenatural, e depois de Jesus tê-los tranqüilizado com suas preciosas palavras.

E ele lhes disse: Por que estais perturbados... Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos (38-39). Jesus prossegue mostrando-lhes que seus medos eram infun-

dados e que a sua noção de que Ele era um espírito desencarnado estava errada. Ele primeiro lhes mostra suas mãos e pés – as cicatrizes da recente crucificação. Espíritos não têm cicatrizes das feridas terrenas. Ele, então, os convida a apalpá-lo – para sentir a carne sólida de um corpo material. Espíritos não têm materialidade; eles não têm carne e ossos.

E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados (41); isto é equivalente à nossa expressão moderna: "é bom demais para ser verdade". Era tão maravilhoso que eles temiam que pudesse não ser verdade. Estavam alegres e, ao mesmo tempo, com medo, como alguém que de repente consegue o que desejava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

...disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel, o que ele tomou e comeu diante deles (41-43). Esta é a terceira demonstração de sua materialidade. Espíritos não comem peixe e mel. Em todas estas demonstrações, nosso Senhor está tentando mostrar que o que os discípulos vêem diante de si não é o espírito desencarnado de um Jesus de Nazaré morto, mas o corpo ressuscitado do Filho de Deus encarnado. Ele está mesmo diante deles – corpo, alma e espírito. Sua ressurreição é, em todos os sentidos, uma gloriosa realidade.

4. *A Incumbência e a Promessa* (24.44-49)

Deste ponto até o final do Evangelho, o leitor deve saber que há uma passagem de tempo que Lucas não deixa particularmente clara na narração. Se este Evangelho fosse a única fonte de informação referente ao período entre a ressurreição e a ascensão de Jesus, o leitor poderia ficar com a impressão de que não teriam se passado mais de vinte e quatro horas. Mas o próprio Lucas nos informa, em Atos 1.3, que aquele período durou quarenta dias. Não é claro se a instrução relatada na seção presente foi dada aos discípulos na noite da ressurreição do Senhor, na mesma ocasião do versículo anterior, ou mais tarde. Mas esta falta de informação não afeta a interpretação.

São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco (44). Jesus se refere ao seu ministério, até à hora da sua crucificação, como a alguma coisa que já fazia parte do passado. As palavras **estando ainda convosco** não só predizem a sua ascensão, mas também indicam que mesmo naquele momento em que está falando, Ele não está "com eles", no mesmo sentido usado anteriormente. Sua morte e ressurreição mudaram o mortal para imortal, e criaram uma diferença entre eles que apenas a morte e a ressurreição deles próprios poderiam lhes permitir transcender.

Convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos. A **Lei**, os **Profetas** e os **Salmos** são as três principais divisões das Escrituras Hebraicas. Deste modo, Jesus está se referindo à série completa da profecia messiânica, da primeira promessa em Gênesis 3.15 até o Livro de Malaquias. Ele deixa claro um vínculo inseparável entre Ele mesmo e esta profecia do Antigo Testamento. O Senhor lembra aos seus discípulos que Ele deixou este ponto claro enquanto ainda estava com eles. Antes de sua morte, a ênfase era de que **se cumprisse tudo**, e se referia ao seu ministério terreno.

Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras (45). Não é dito exatamente de que modo Jesus lhes **abriu o entendimento**. É possível que

Ele tenha feito isso explicando apenas o que as profecias messiânicas mencionavam. Mas Spence sugere o que é provavelmente o verdadeiro significado deste versículo. Ele acredita que essas palavras foram ditas ao anoitecer da primeira Páscoa. Se for assim, a expressão de Lucas: **então abriu-lhes o entendimento**, equivale à declaração de João de que Jesus "assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo" (20.22). Quando nos lembramos que "inspiração" significa "respirar para dentro", vemos a lógica da sugestão de Spence. Jesus, aqui, estava dando aos seus discípulos a inspiração necessária para que entendessem as Escrituras.[7]

Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse... e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém (46-47). Aqui vemos a necessidade da redenção relacionada, no passado, às Escrituras do Antigo Testamento e, no futuro, à cruzada evangelística mundial e perene da Igreja. Os aspectos negativo e positivo da mensagem podem ser expressos assim: Não há salvação para ninguém sem a expiação; a salvação completa está disponível para todos os homens por meio da redenção.

E dessas coisas sois vós testemunhas (48). Os discípulos de Jesus tinham visto os seus atos e ouvido as suas palavras; eles receberam o presente da interpretação das Escrituras pela "inspiração" de Cristo. Após o Pentecostes, eles teriam a pureza e o poder necessários. Tudo isso deve ser cristalizado em uma missão sublimemente designada: **sois vós testemunhas.** Jesus dependia deles para a divulgação de sua mensagem – a notícia da salvação "Comprada-com-sangue". Se eles falhassem, Ele não teria outra maneira de transmitir a sua Palavra. Mas eles não teriam que ir sozinhos; o Espírito Santo testemunharia tanto *para* eles, como *através* deles.

E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai;[8] ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder (49). Esta foi uma ordem divina e até o seu cumprimento deve ter precedência sobre a incumbência divina. Até que recebessem o poder no Pentecostes, eles não estariam qualificados para levar a cabo a incumbência. O cumprimento da promessa e da ordem contida neste versículo ocorreu no Dia de Pentecostes, quando cerca de 120 discípulos foram santificados por intermédio do batismo no Espírito Santo.

As palavras do versículo 49 foram ditas por Jesus provavelmente no dia de sua ascensão, dez dias antes do seu cumprimento e quarenta dias após a ressurreição.

C. A Ascensão, 24.50-53

E levou-os fora, até Betânia (50) – significando uma parte do Monte das Oliveiras que dá vista para Betânia, pois em Atos 1.12 Lucas nos conta que Jesus ascendeu do Monte das Oliveiras. **E, levantando as mãos, os abençoou** – uma bênção sumo sacerdotal; o Senhor os estava abençoando por ocasião de sua despedida.

E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu (51). Dos quatro autores dos Evangelhos, apenas Lucas nos fala da ascensão de Jesus, embora ela seja tomada como certa ao longo de todo o restante do Novo Testamento. Lucas expressa um tratamento completo deste tema em Atos 1.9-11.

E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém (52). A adoração dos discípulos foi um ato de homenagem a um ascendente, mas sempre presente, Salvador. A alegria deles mostra o quanto, agora, entendem a sua relação com Jesus. Eles sabem que não o perderam, mas de algum modo misterioso Ele estará mais próximo deles do que antes.

E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus (53). Esta declaração é amplificada em Atos dos Apóstolos. Lucas resume, assim, a vida posterior dos apóstolos por intermédio desta breve afirmativa, consciente de que pretendia cobrir o assunto detalhadamente em outra obra.

Notas

INTRODUÇÃO

[1] Estas passagens são: Atos 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1–28.31.

[2] Como não existe nenhuma tradição antiga em favor de Tito ser o autor desses livros, e como o que é conhecido sobre o autor está muito mais de acordo com Lucas do que com Tito, esse último pode ser desconsiderado como um possível autor.

[3] William Kirk Hobart, *The Medical Language of St. Luke* (Grand Rapids: Baker Book House, 1954 [reimpressão]). Embora essa obra tenha sido parcialmente desacreditada, sua tese mais importante – de que o Evangelho de Lucas contém uma distinta terminologia médica – é provavelmente válida.

[4] Estudiosos liberais insistem em uma data posterior – talvez nos anos 90 – mas essa posição parece depender da falta de disposição deles em aceitar a veracidade da profecia. A alegação é que as profecias de Lucas sobre a destruição de Jerusalém são tão semelhantes aos fatos históricos, que elas devem ter sido escritas depois que estes aconteceram. A destruição de Jerusalém aconteceu no ano 70 d.C.

SEÇÃO I

[1] Atos 23.26; 24.3; 26.25. A versão KJV em inglês traduz as duas últimas ocorrências como "nobilíssimo", mas a mesma palavra grega é usada nas três ocorrências, e é a mesma palavra usada em Lucas 1.3.

SEÇÃO II

[1] Josefo, *Antiquities* XIV.

[2] Veja Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ* (Nova Iorque: Methodist Book Concern, s.d.), I, 289ss.; Também F. Godet, *A Commentary on the New Testament* (Edinburgh: T. and T. Clark, s.d.), I, 77.

[3] Para as leis do nazireado, veja Nm 6.1-21.

[4] Para uma argumentação complementar sobre esta questão, veja Clarke, *op. cit.*, I, 359; Godet, *op. cit.*, I, 85.

[5] Para uma argumentação complementar sobre este assunto, veja Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943), I, 149ss.

[6] Albert Barnes, *Notes on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949 [reimpressão]), p. 7.

[7] Para uma argumentação mais ampla sobre este assunto, veja Norval Geldenhuys, *Commentary on the Gospel of Luke* ("The International Commentary on the New Testament", Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), p. 79, nota 2.

[8] Veja Romanos, capítulos 9-11.

[9] Edersheim, *op. cit.*, p. 149.

[10] J. J. Van Oosterzee, "The Gospel According to Luke", *Commentary on the Holy Scriptures*, ed. J. P. Lange (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 25.

[11] Veja Geldenhuys, *op. cit.*, pp. 19ss.

[12] Para o julgamento mencionado aqui, veja Gênesis 22.16-17.

[13] Para um tratamento abrangente e de alto conhecimento deste assunto, veja Godet, *op. cit.*, I, 119-29.

[14] *Ibid.* Veja também H. D. M. Spence, "Luke", *The Pulpit Commentary*, ed. H. D. M. Spence (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950), I, 37.

[15] Edersheim, *op. cit.*, I, 186-87. Para um ponto de vista contrário, veja Clarke, *op. cit.*, I, 370-71.

[16] Para uma argumentação mais ampla sobre este assunto, veja Godet, *op. cit.*, I, 130.

[17] Edersheim, *op. cit.*, I, 186.

[18] Uma parte dos manuscritos antigos favorece esta leitura. O significado correto parece ser: "Entre os homens de seu favor" (*Berkeley Version*).

[19] Veja Lv 12.2-6.

[20] Veja Êx 13.2; Nm 8.16; 18.15.

[21] Veja Lv 12.8.

[22] Veja Is 49.13; 52.9; 66.13.

[23] Veja Godet, *op. cit.*, I, 139ss.

[24] Veja Is 11.10; 52.10; 60.3; 62.2.

[25] Veja Godet, *op. cit.*, I, 141.

[26] Isto reflete a verdade de Is 8.14.

[27] Godet, *op. cit.*, I, 141ss.

[28] A versão *The New English Bible*, diz: "Vocês não sabiam que eu tinha que estar na casa do meu Pai?"

[29] Godet, *op. cit.*, I, 149.

[30] Para maior esclarecimento sobre este assunto, veja a obra de Edersheim, *op. cit.*, I, 191ss.

SEÇÃO III

[1] Compare Tucídides, Políbio, *et al.*

[2] Veja Godet, *op. cit.*, I, 166ss.

[3] Para uma argumentação mais detalhada sobre este assunto, veja a obra de Alexander Balmain Bruce, "The Synoptic Gospels", *The Expositor's Greek New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), I, 480ss.; veja também Godet, *op. cit.*, I, 166-67.

[4] Para uma discussão sobre esta questão, veja Bruce, *op. cit.*, I, 481; veja também Godet, *op. cit.*, I, 168ss.

[5] Mt 14.3. Mateus menciona duas vezes a prisão de João em capítulos anteriores, mas sem comentar – 4.12; 11.2-3.

[6] Godet, *op. cit.*, I, 195-207; veja também Geldenhuys, *op. cit.*, pp. 150-55; Spence, *op. cit.*, I, 70-72; Clarke, *op. cit.*, I, 385, 394.

SEÇÃO IV

[1] Veja Mt 13.54-58 e Mc 6.1-6.

[2] Veja Mt 4.12 e Mc 1.14. Para mais comentários sobre este assunto, veja Godet, *op. cit.*, I, 227.

[3] Veja At 13.15.

[4] Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 73.

[5] A sogra de Simão é mencionada em 4.38, mas Simão não é mencionado naquela ocasião.

[6] Veja Godet, *op. cit.*, I, 271.

[7] Veja também Godet, *op. cit.*, I, 294ss.

[8] Veja Mt 10.8; 11.5; Lc 7.22.

[9] Mt 9.22-26; Mc 5.22-43; Lc 8.41-56.

[10] Compare com o sepultamento de Lázaro, Jo 11.41-44.

[11] Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 12.1-9.

[12] Veja Mt 12.46-50; Mc 3.31-35.

[13] cf. Mt 14.13-21; Mc 6.30-46; Jo 6.1-15.

SEÇÃO V

[1] Veja 2 Reis 17.24-34. Veja também João 4.30-37.

[2] Existia, de fato, uma rivalidade tribal entre Judá e Efraim desde tempos anteriores a este.

[3] Ne 4.1-2.

[4] Embora Elias tivesse vivido em uma época anterior e diferente, pode haver aqui uma sugestão de que mesmo Elias era movido por motivos mais puros do que Tiago e João, sendo estes motivados, pelo menos parcialmente, por preconceitos raciais. A frase **Como Elias também fez**, não consta nos manuscritos mais antigos.

[5] Veja Atos 28.3-5.

[6] Para um esclarecimento adicional sobre este versículo e os versículos seguintes, veja os comentários sobre Mateus 11.25-27.

[7] Para esclarecimentos adicionais sobre este versículo e os versículos seguintes, veja os comentários sobre Mateus 13.16-17.

[8] Veja também os comentários sobre Mateus 19.19.

[9] Spence, *op. cit.*, I, 278.

[10] Godet, *op. cit.*, II, 56.

[11] Sob a lei levítica, todo e qualquer contato com um sepulcro causava uma contaminação cerimonial.

[12] Godet, *op. cit.*, II, 89.

[13] *Ibid.*

[14] Veja os comentários sobre Lucas 12.13-15.

[15] Veja os comentários sobre Atos 2.44; 4.34-5.11.

[16] Os antigos judeus tinham apenas três vigílias ou divisões da noite (Jz 7.19), mas durante a ocupação romana foi adicionada uma quarta vigília, provavelmente como resultado das práticas dos soldados romanos.

[17] Spence, *op. cit.*, I, 337.

[18] Veja Adam Clarke, *op. cit.*, p. 445.

[19] Veja Bruce, *op. cit.*, p. 562.

[20] Godet, *op. cit.*, II, 115.

[21] Spence, *op. cit.*, I, 339-40.

[22] Veja Geldenhuys, *op. cit.*, p. 372; também Spence, *op. cit.*, II, 2.

[23] Veja Bruce, *op. cit.*, p. 566.

[24] Godet, *op. cit.*, p. 120.

[25] Veja Bruce, *op. cit.*, 566.

[26] Spence, *op. cit.*, II, 3.

[27] Veja também Marcos 4.30-32.

[28] Veja os comentários sobre Lucas 9.51ss.

[29] Veja os comentários sobre Lucas 10.38ss, e 13.22 (abaixo).

[30] Veja Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 217.

[31] John Peter Lange, *The Life of the Lord Jesus Christ*, ed. Marcus Dods, trad. por J. E. Ryland (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958), II, 414ss.

[32] Spence, *op. cit.*, II, 4.

[33] Veja também os comentários sobre Mateus 7.23.

[34] Veja Mateus 14.1-2; Marcos 6.14; Lucas 9.7.

[35] Spence, *op. cit.*, II, 6.

[36] Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 221.

[37] Lange chama estes banquetes de "diversões perigosas". Veja Lange, *Life of Jesus*, p. 419.

[38] Veja os comentários sobre Mateus 10.37.

[39] Esta interpretação está de acordo com a idéia da parábola, mas não se harmoniza com o sentido básico da palavra *purgon*, a menos que este "palácio" seja uma fortaleza ou um castelo.

[40] Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 235.

[41] Veja Barnes, *op. cit.*, p. 101.

[42] Godet, *op. cit.*, II, 150.

[43] R. C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* (Filadélfia: William Syckelmoore, 1878), p. 324.

[44] Spence, *op. cit.*, II, 87.

[45] Godet, *op. cit.*, II, 188.

[46] Para um tratamento excelente e suporte a esta tradução, veja Godet, *op. cit.*, II, 190-91.

[47] Veja Levítico, capítulos 13-14.

[48] Para uma discussão mais detalhada a respeito deste ponto veja Spence, *op. cit.*, p. 89; e Godet, *op. cit.*, II, 193-94.

[49] Para uma discussão mais detalhada a respeito destes problemas, veja Spence, *op. cit.*, II, 114, e Godet, *op. cit.*, II, 213ss.

[50] Veja a nota sobre Lucas 10.30.

[51] Josefo, *Antiquities* 14.14; 17.9.

[52] Spence, *op. cit.*, II, 137.

SEÇÃO VI

[1] Veja Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 11.55—12.11.

[2] Godet, *op. cit.*, II, 230-31.

[3] Para um testemunho ocular detalhado do cerco e destruição de Jerusalém, veja a obra de Josefo, *Wars* 5.12.

[4] EGT, I, 621.

[5] Clarke, *op. cit.*, p. 485.

[6] Veja Godet, *op. cit.*, II, 276. Veja também a obra *Greek English Lexicon of the New Testament*, de Thayer.

SEÇÃO VII

[1] Barnes, *op. cit.*, p. 147.

[2] Clarke, *op. cit.*, p. 448.

[3] Spence, Barnes, Godet, Geldenhuys e Van Oosterzee, estão de acordo com Lucas neste ponto.

[4] Esta é a tradução literal da parte da oração do Senhor que é traduzida como "livra-nos do mal" em várias versões (Mt 6.13).

[5] Mt 10.2-15; Mc 6.7-11; Lc 9.1-5.

[6] Veja Clarke, *op. cit.*, II, 489.

[7] Veja Spence, *op. cit.*, II, 201.

[8] Veja Van Oosterzee, *op. cit.*, pp. 342ss.

[9] Godet, *op. cit.*, II, 302.

[10] Veja, na Introdução deste comentário, a referência ao Evangelho de Lucas.

[11] Godet, *op. cit.*, II, 317.

[12] Spence, *op. cit.*, II, 236.

[13] Veja a Introdução a Lucas neste comentário.

[14] Veja Josefo, *Wars* 5.10–6.10.

[15] *Ibid.*

[16] Veja também os comentários sobre Mateus 27.44.

[17] Para um tratamento mais completo da palavra "paraíso", veja Barnes, *op. cit.*, pg 158.

[18] Spence, *op. cit.*, II, 243.

SEÇÃO VIII

[1] Veja Mt 27.62-66.

[2] Godet, *op. cit.*, II, 352.

[3] Para uma discussão mais ampla, veja Godet, *op. cit.*, II, 352ss.

[4] Godet, *op. cit.*, II, 354.

[5] Para uma lista das passagens do Antigo Testamento para as quais Jesus poderia ter chamado a atenção neste discurso, veja Spence, *op. cit.*, II, 271ss.

[6] *Ibid.*, p. 272.

[7] Veja Spence, *op. cit.*, II, 275.

[8] Veja Jo 14.16-26; 15.26-27; 16.7.

Bibliografia

I. INTRODUÇÕES E PANORAMAS DO NOVO TESTAMENTO

BARNETT, Albert E. *The New Testament: Its Making and Meaning*. Nashville: Abingdon Press, 1958.

CAMBRON, Mark G. *The New Testament: A Book-by-Book Survey*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958.

EARLE, Ralph (ed.), BLANEY, Harvey J. S., HANSON, Carl. *Exploring the New Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1955.

FARRAR, F. W. *The Messages of the Books*. New York: The Macmillan Co., 1927.

FRANZMANN, Martin H. *The Word of the Lord Grows*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1961.

GOODSPEED, Edgar J. *An Introduction to the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

MILLER, Adam W. *An Introduction to the New Testament*. Anderson, Ind.: Gospel Trumpet Co., 1943.

PRICE, James L. *Interpreting the New Testament*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.

TENNEY, Merrill C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.

THIESSEN, Henry C. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943.

II. TRABALHOS ESPECIAIS

HOBART, William Kirk. *The Medical Language of St. Luke*. Grand Rapids: Baker Book House, 1954 (reimpressão).

RAMSAY, William M. *Luke the Physician and Other Studies*. Grand Rapids: Baker Book House, 1956 (reimpressão).

III. TRABALHOS GERAIS

EDERSHEIM, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943.

GEIKIE, Cunningham. *New Testament Hours*, 4 vols. New York: James Pott & Company, 1897.

JOSEPHUS, FLAVIUS. *The Life and Works of Flavius Josephus*. Traduzido por William Whiston. Editado por Rev. H. Stebbing. Philadelphia: The John C. Winston Company, s.d.

LANGE, Peter John. *The Life of the Lord Jesus Christ*. Traduzido por Sophia Taylor e J. E. Ryland. Editado por Marcus Dodds. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1952 (reprodução de 1872, edição publicada por T. & T. Clark).

IV. COMENTÁRIOS

BARCLAY, William. *The Gospel of Luke*. Philadelphia: The Westminster Press, 1956.

BRUCE, Alexander Balmain. "The Synoptic Gospels," *The Expositor's Greek House*, 1949.

BARNES, Albert. *Notes on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Book Testament. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, s.d.

CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. New York-Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.

DAVIDSON, F. (ed.). *New Bible Commentary*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.

GELDENHUYS, Norval. *Commentary on the Gospel of Luke*. "The New International Commentary on the New Testament". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1951.

GILMORE, S. MacLean. "The Gospel According to St. Luke" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VIII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

GODET, F. *A Commentary on the Gospel of St. Luke*. Traduzido por E. W. Shalders. Edinburgh: T. & T. Clark, s.d.

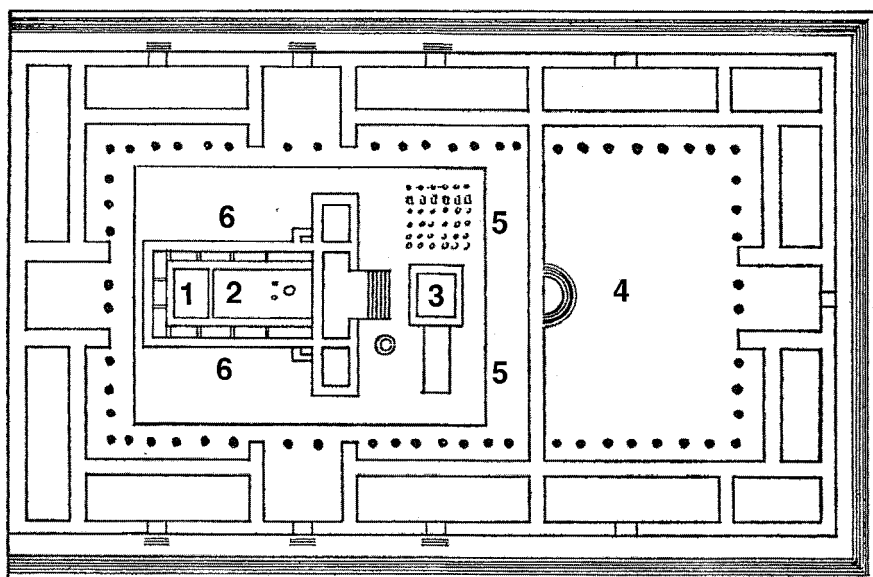
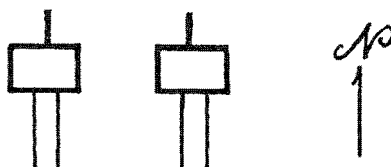
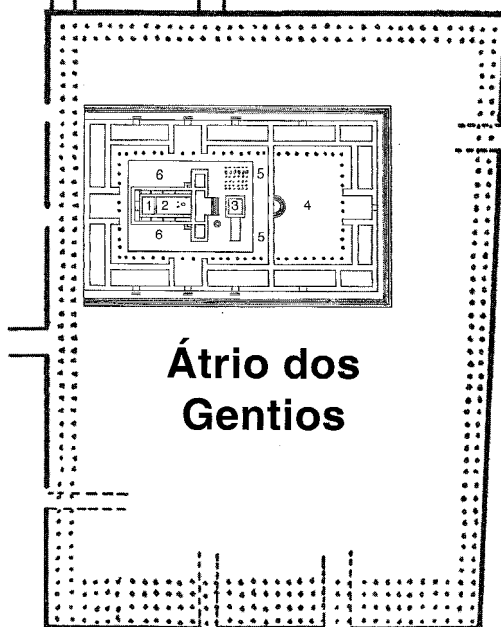
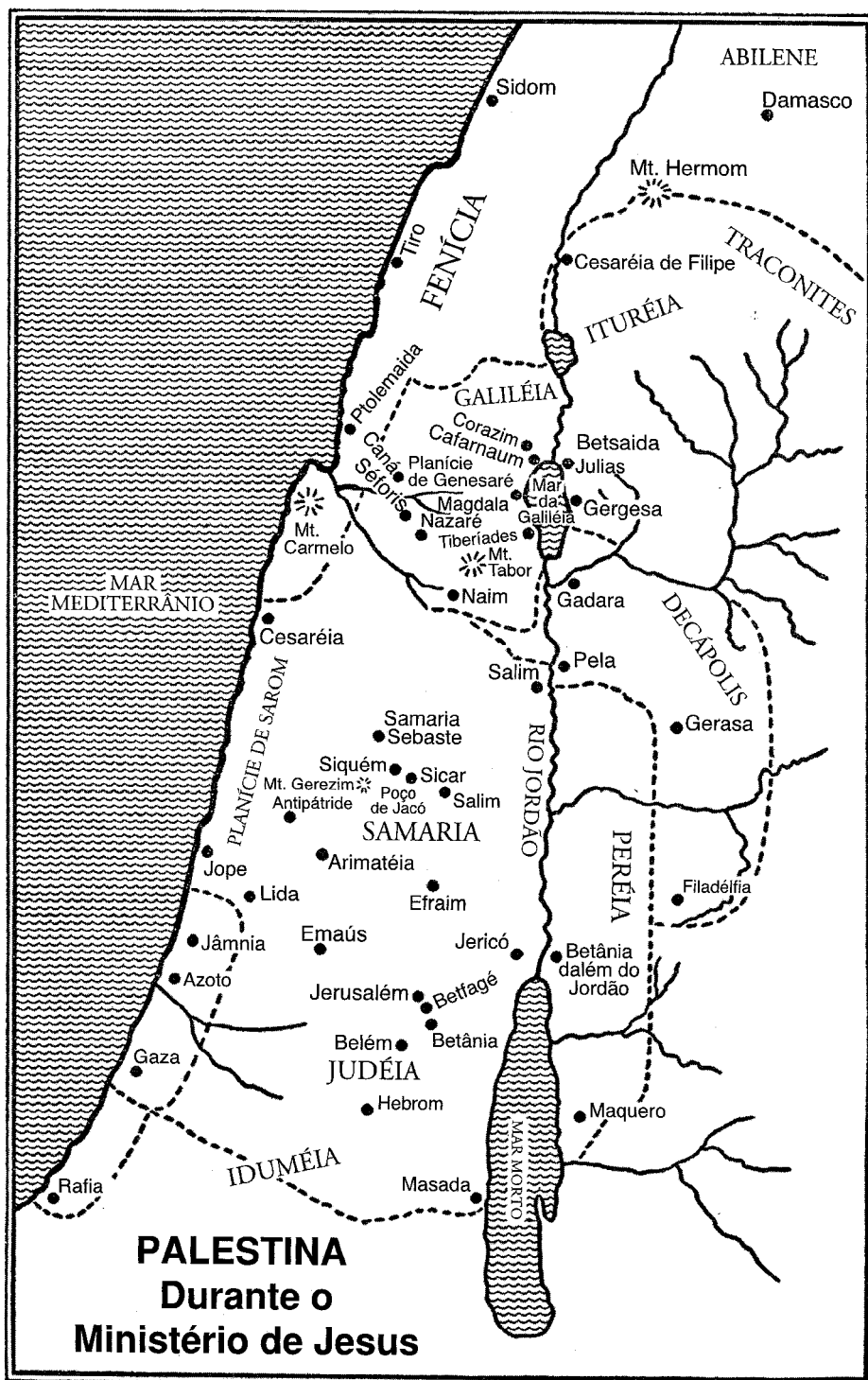
GRAY, James Comper, and ADAMS, George W. *Bible Commentary*, Vol. IV. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. V. New York: Fleming H. Revell Company, s.d.

MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scriptures*, Vol. VI. Grand Rapids: Wm. B, Eerdmans Publishing Company, 1959.

SPENCE, H. D. M. "St. Luke" (Exposition). *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence, Vol. XVI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1958.

VAN OOSTERZEE, J. J. "The Gospel According to St. Luke". *Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Templo de Herodes

ABILENE
Sidom
Damasco
Mt. Hermom
FENÍCIA
Tiro
TRACONITES
Cesaréia de Filipe
ITURÉIA
Ptolemaida
GALILÉIA
Corazim
Cafarnaum
Betsaida
Julias
Caná
Séforis
Planície de Genesaré
Mar da Galiléia
Magdala
Gergesa
Nazaré
Mt. Carmelo
Tiberíades
Mt. Tabor
MAR MEDITERRÂNIO
Naim
Gadara
DECÁPOLIS
Cesaréia
Salim
Pela
PLANÍCIE DE SAROM
Samaria
Sebaste
Gerasa
RIO JORDÃO
Siquém
Sicar
Mt. Gerezim
Poço de Jacó
Salim
Antipátride
SAMARIA
PERÉIA
Jope
Arimatéia
Lida
Efraim
Filadélfia
Emaús
Jâmnia
Jericó
Betânia dalém do Jordão
Azoto
Jerusalém
Betfagé
Betânia
Belém
Gaza
JUDÉIA
Hebrom
Maquero
MAR MORTO
IDUMÉIA
Rafia
Masada
PALESTINA
Durante o
Ministério de Jesus

Autores deste volume

RALPH EARLE

Professor de Novo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A.B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B.D., Th.D., Gordon Divinity School. Títulos de pós-doutorado obtidos nas universidades de Harvard e Edinburgh.

A. ELWOOD SANNER

Chefe do Departamento de Teologia, professor de Teologia e Literatura Bíblica, Northwest Nazarene College, Nampa, Idaho. A.B., M.A., D.D., Pasadena College. Graduado pela Berkeley Baptist Divinity School, University of California.

CHARLES CHILDERS

Presidente da Divisão de Línguas, Literatura e Belas Artes, Trevecca Nazarene College, Nashville, Tennessee. A.B., Howard Payne College; B.D., Asbury Theological Seminary; M.A., University of Louisville; Ph.D., Vanderbilt University.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

6

Mateus
a Lucas

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Ralph Earle
A. Elwood Sanner
Charles L. Childers

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0690-1
9788526306905